

JOJO MOYES

Da autora de

Como eu era antes de você

O navio das noivas

"Uma história de sorte e destino extremamente emocionante."

Sunday Express

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOJO MOYES

Da autora de

Como eu era antes de você

O navio das noivas

"Uma história de sorte e destino extremamente emocionante."

Sunday Express

intrínseca

O navio das noivas

JOJO MOYES

Tradução de Flávia Rössler




Star Books Digital

Copyright © Jojo Moyes, 2005

TÍTULO ORIGINAL
The Ship of Brides

Star Books Digital

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Juliana Werneck

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-996-3

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Betty McKee e Jo Staunton-Lambert,
pela coragem durante suas diferentes travessias.

Em 1946, a Marinha Real entrou na última etapa do repatriamento de esposas do pós-guerra, aquelas mulheres e meninas que haviam se casado com oficiais ingleses em serviço no exterior. A maioria seguiu em navios para transporte de tropas ou em embarcações contratadas para essa missão específica. Em 2 de julho de 1946, no entanto, cerca de seiscentas e cinquenta e cinco esposas de guerra australianas embarcaram para uma viagem excepcional: a travessia no porta-aviões HMS *Victorious* para encontrar seus maridos ingleses.

Elas tiveram a companhia de mais de mil e cem homens, além de dezenove aviões, em uma viagem que durou quase seis semanas. A esposa mais jovem tinha quinze anos. Pelo menos uma delas ficou viúva antes de chegar ao destino. Minha avó, Betty McKee, foi uma das felizardas que tiveram sua fé recompensada.

Este livro de ficção, inspirado por essa viagem, é dedicado a ela e a todas aquelas esposas que tiveram coragem suficiente para acreditar em um futuro incerto do outro lado do mundo.

Jojo Moyes
Julho de 2004

Nota: Todas as citações são não ficcionais e se referem às experiências de esposas de guerra ou de oficiais a serviço no *Victorious*.

PRÓLOGO

A primeira vez que o reencontrei, senti como se eu tivesse levado um soco.

Eu já havia escutado essa expressão milhares de vezes, mas até então nunca entendera seu verdadeiro significado: demorou um pouco até minha memória estabelecer um vínculo com o que meus olhos estavam vendo, depois um choque percorreu meu corpo, como se eu tivesse acabado de levar um forte golpe. Não sou uma pessoa fantasiosa. Não embelezo minhas palavras. Mas, com toda a sinceridade, posso dizer que cheguei a ficar sem fôlego.

Nunca imaginei que fosse revê-lo. Não em um lugar como aquele. Há muito tempo eu o enterrara bem no fundo da minha memória. Não apenas fisicamente, mas tudo o que ele significara para mim. Tudo pelo que ele me fizera passar. Porque só depois de muito tempo — uma eternidade — entendi o que ele tinha feito. De inúmeras maneiras, era ao mesmo tempo a melhor e a pior coisa que já acontecera comigo.

Não foi, no entanto, apenas o choque da sua presença física. Havia tristeza também. Acho que na minha memória ele continuava igual ao que era naquela época, tantos anos atrás. Ao vê-lo agora, rodeado por todas aquelas pessoas, de algum modo parecendo tão envelhecido, tão diminuído… A única coisa em que consegui pensar foi que aquele era o lugar errado para ele. Eu sofria ao ver o que havia sido tão bonito, deslumbrante até, reduzido a…

Não sei. Talvez não seja muito justo pensar assim. Nenhum de nós dura para sempre, não é mesmo? Para ser sincera, vê-lo naquele estado era um lembrete desagradável da minha própria mortalidade. Do que eu havia sido. Do que todos nós temos que nos tornar.

Independentemente do que fosse, ali, onde eu nunca estivera, onde não havia motivo para estar, eu o reencontrara. Ou talvez ele tenha me encontrado.

Acho que até aquele momento eu não acreditava em destino. Mas é difícil não acreditar, quando paramos para pensar em como nós dois tínhamos chegado longe.

Difícil não acreditar quando se pensa que não havia como, depois de separados por milhares de quilômetros, continentes e vastos oceanos, estarmos destinados a nos encontrar de novo.

ÍNDIA, 2002

Ela acordara com o som de uma discussão. Era um barulho estridente, irregular, explosivo, como o latido de um filhote de cachorro que percebeu algo incomum. A velha senhora ergueu a cabeça, afastando-a da janela. Esfregou a nuca, exatamente onde o vento do ar-condicionado batia, gelando-a até os ossos. Tentou se endireitar. Naqueles primeiros instantes confusos após acordar, ela não sabia direito onde estava, nem mesmo quem era. Ouviu uma mistura de vozes cadenciadas e, aos poucos, as palavras ficaram mais nítidas, transportando-a gradualmente de um sono sem sonhos para a realidade.

— Não estou dizendo que não gostei dos palácios. Ou dos templos. Só falei que passei duas semanas aqui e tenho a impressão de que não vivenciei a verdadeira Índia.

— E você acha que eu sou o quê? Um Sanjay virtual?

Vindo do banco da frente, a voz dele tinha um leve tom de brincadeira.

— Você sabe o que quero dizer.

— Sou indiano. Ram, que está aqui, também é. Não sou menos indiano só porque passei metade da vida na Inglaterra.

— Ah, fala sério, Jay, você não é o exemplo mais típico.

— Típico do quê?

— Não sei. Da maioria das pessoas que vivem aqui.

O jovem balançou a cabeça com desdém.

— O que você quer é ser turista da pobreza.

— Não é isso.

— Quer poder voltar para casa e contar aos seus amigos que viu coisas terríveis aqui. Dizer que eles nem imaginam o sofrimento desta gente. Mas que tudo o que oferecemos a vocês foi Coca-Cola e ar-condicionado.

Houve algumas risadas. A senhora conferiu seu relógio de pulso. Já eram quase onze e meia: dormira por cerca de uma hora.

Ao seu lado, a neta se inclinava para a frente entre os dois bancos dianteiros.

— Olhe, só quero ver algo que me mostre como o povo realmente vive. Quer dizer, todos os guias de turismo só querem mostrar as residências principescas e os centros comerciais.

— Então, você quer ver as favelas.

Do banco do motorista, veio a voz do Sr. Vaghela:

— Posso levá-la à minha casa, Srta. Jennifer. Lá você vai ver as condições de uma favela. — Depois de ser ignorado pelos dois jovens, ele ergueu o tom de voz: — Olhem bem para o Sr. Ram B. Vaghela aqui e verão o pobre, o oprimido e o desfavorecido. — Ele deu de ombros. — Sabem, eu me pergunto como consegui sobreviver por todos esses anos.

— Também nos perguntamos isso quase todos os dias — afirmou Sanjay.

A senhora se empertigou novamente e olhou para o próprio reflexo no retrovisor. Seu cabelo estava achatado de um lado da cabeça e sua gola deixara uma forte marca vermelha na pele clara.

Jennifer olhou para trás.

— Está tudo bem, vó?

Sua calça jeans tinha baixado um pouco no quadril, deixando à mostra uma pequena tatuagem.

— Tudo bem, querida.

Será que Jennifer comentara sobre a tatuagem? A avó ajeitou o cabelo, sem conseguir se lembrar.

— Desculpe. Devo ter cochilado.

— Não precisa se desculpar — interrompeu o Sr. Vaghela. — Pessoas maduras como nós deviam ter o direito de descansar quando precisam.

— Está dizendo que quer que eu dirija, Ram? — perguntou Sanjay.

— Não, não, Sr. Sanjay. Longe de mim interromper uma conversa tão envolvente.

Pelo retrovisor, os olhos do velho motorista encontraram os da senhora. Ainda confusa e vulnerável por causa do cochilo, ela se forçou a sorrir em resposta ao que lhe pareceu uma piscadela deliberada.

Estavam na estrada, ela calculou, havia quase três horas. A viagem a Gujarate, uma incursão que ela e Jennifer resolveram fazer de última hora no apertado roteiro de férias, começara como uma aventura. ("Meu amigo Sanjay, da época da faculdade, disse que seus pais se ofereceram para nos hospedar por duas noites, vó! Eles têm uma casa incrível, tipo um palácio. Fica a apenas algumas horas daqui.") Mas quase acabara em desastre quando um atraso no avião deixou-as com apenas um dia para retornar a Bombaim e pegar o voo de conexão de volta para casa.

Já exausta por causa da viagem, ela se desesperara em silêncio. Tinha considerado a Índia uma provação, um verdadeiro martírio para seus sentidos, apesar do conforto dos ônibus refrigerados e dos hotéis quatro estrelas. A possibilidade de ficar presa em Gujarate, por mais suntuosa que fosse a casa dos Singh, a deixava aterrorizada. Mas então a Sra. Singh colocara seu carro e motorista à disposição, para garantir que "as senhoras" conseguissem pegar o voo de volta. Ainda que o avião estivesse

programado para decolar de um aeroporto a mais de seiscentos quilômetros de distância.

"É melhor não circularem por estações de trem", sugerira ela, apontando com delicadeza para o cabelo louro e brilhante de Jennifer. "Não desacompanhadas."

"Posso levá-las de carro", oferecera Sanjay.

Mas sua mãe havia murmurado alguma coisa sobre requerimento de seguro e restrição para dirigir. Então, em vez disso, o filho concordara em acompanhar o Sr. Vaghela para garantir que as duas não fossem importunadas onde parassem. Era aquele tipo de coisa: antigamente ela se irritava com o pressuposto de que mulheres que viajavam sozinhas não tinham condições de cuidar de si mesmas. Mas, no momento, estava grata por essa cortesia antiquada. Ela era incapaz de se virar sozinha naqueles lugares estranhos e ficava angustiada com a intrepidez da neta, que parecia não ter medo de nada. Várias vezes ficara com vontade de adverti-la, mas recuara, pois tinha noção de que pareceria fraca e nervosa. Os jovens têm razão ao serem destemidos, disse para si mesma. Lembre-se de quando tinha essa idade.

— Está bem aí atrás, madame?

— Estou ótima, Sanjay, obrigada.

— Receio que ainda falte um longo caminho pela frente. Não é uma viagem fácil.

— Deve ser muito árduo para quem é apenas passageiro — murmurou o Sr. Vaghela.

— É muita bondade sua nos acompanhar.

— Jay! Olhe aquilo ali!

Ela percebeu que haviam saído da via expressa e passavam por um bairro extremamente pobre, ladeado por depósitos abarrotados de vigas de aço e de toras de madeira. A estrada, margeada por um longo muro feito de placas de metal emendadas de forma aleatória, ficava cada vez mais

esburacada e irregular, o que obrigava as motos a desenhar trilhas de sânscrito na poeira, e mesmo um veículo feito para chegar a velocidades vertiginosas precisava seguir a não mais de vinte e cinco quilômetros por hora. O Lexus preto arrastava-se com dificuldade, e o motor emitia de vez em quando um fraco resmungo de impaciência enquanto seguia em zigue-zague para evitar os buracos ou a vaca sagrada que rumava devagar para determinado destino, como se estivesse sendo chamada por uma voz atraente.

O motivo para a exclamação de Jennifer não havia sido a vaca (já tinham visto várias), e sim um monte de pias de cerâmica branca, das quais saíam canos, feito cordões umbilicais com fendas. Ali perto, havia uma pilha de colchões e outra do que parecia ser mesas cirúrgicas.

— Dos navios — disse o Sr. Vaghela, sem explicar sobre o que falava.

— Você acha que podemos parar daqui a pouco? — perguntou ela. — Onde estamos?

O motorista colocou um dedo nodoso no mapa ao seu lado.

— Em Alang.

— Aqui, não. — Sanjay franziu a testa. — Acho que aqui não é um bom lugar para parar.

— Deixe eu ver o mapa. — Jennifer se inclinou para a frente, entre os dois homens. — Deve ter algum lugar fora das rotas populares. Um lugar um pouco mais… emocionante.

— Com certeza já estamos fora das rotas populares — intrometeu-se a avó, com os olhos fixos nas ruas poeirentas e nos homens agachados à beira da estrada.

Mas ninguém pareceu ouvi-la.

— Não… — Sanjay estava olhando ao redor. — Não acho que este seja o tipo de lugar…

A senhora se remexeu no banco. Estava louca para beber alguma coisa e ter a chance de esticar as pernas. Também adoraria ir ao banheiro, mas o

pouco tempo que passara na Índia tinha sido suficiente para ensiná-la que, fora dos grandes hotéis, isso era muitas vezes mais um martírio do que um alívio.

— Vamos fazer o seguinte: podemos comprar duas garrafas de refrigerante e parar em algum lugar fora da cidade para esticar as pernas — sugeriu Sanjay.

— Esta cidade é algum tipo de depósito de sucata?

Jennifer semicerrou os olhos para observar melhor um amontoado de geladeiras.

Sanjay fez um sinal com a mão para o motorista parar.

— Pare ali, Ram, na frente daquela loja. Aquela ao lado do templo. Vou comprar refrigerantes.

— *Nós* vamos comprar refrigerantes — corrigiu Jennifer. O veículo parou. — Vai ficar bem no carro, vó?

Ela não esperou resposta. Os dois jovens saltaram depressa, deixando uma rajada de ar quente invadir o frio artificial do automóvel, e foram rindo até a loja totalmente banhada pelo sol.

Ali perto, na beira da estrada, havia um grupo de homens agachados bebendo alguma coisa em canecas de metal, e às vezes pigarreavam com total indiferença. Observaram o veículo sem qualquer curiosidade. A senhora permaneceu sentada no carro e de repente teve a sensação de que estava sendo notada. Escutou o motor fazer um clique quando parou de funcionar. Do lado de fora, o calor fazia a terra reluzir.

O Sr. Vaghela se virou no banco.

— Senhora, posso perguntar quanto paga ao seu motorista?

Era a terceira vez que ele fazia esse tipo de pergunta, sempre que Sanjay estava fora do carro.

— Não tenho um motorista.

— O quê? Não tem ninguém para ajudá-la?

— Bem, tenho uma moça que me auxilia — gaguejou. — Annette.

— Ela tem casa própria?

A senhora pensou na casinha organizada de Annette no bairro ferroviário, com gerânios no peitoril das janelas.

— Sim, de certo modo, tem.

— Férias remuneradas?

— Não tenho certeza.

Ela estava prestes a tentar explicar o relacionamento profissional que tinha com Annette, mas o Sr. Vaghela a interrompeu:

— Há quarenta anos trabalho para esta família e só recebo uma semana de férias remuneradas por ano. Estou pensando em fundar um sindicato, *yaar*. Meu primo tem internet em casa. Estávamos pesquisando como funciona. Dinamarca. Agora existe um país bom para os direitos dos trabalhadores.

Ele se voltou para a frente e balançou a cabeça.

— Aposentadoria, hospitais… educação… Todos nós deveríamos estar trabalhando na Dinamarca.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Nunca estive lá — disse, por fim.

Ela observou os dois jovens, a cabeça loura e a preta, que se movimentavam dentro da loja na beira da estrada. Jennifer afirmara que eles eram apenas amigos, mas duas noites atrás a senhora tinha escutado a neta seguir sorrateiramente pelo corredor ladrilhado e entrar no que ela supunha que fosse o quarto de Sanjay. No dia seguinte, os dois se comportaram de forma tão à vontade um com o outro quanto duas crianças.

— Apaixonada por ele? — Jennifer parecera ter ficado estarrecida com a pergunta hesitante . — Meu Deus, vó, claro que não. Eu e Jay… Ah, não… Não quero um relacionamento sério. Ele sabe disso.

Mais uma vez, ela se lembrou de quando tinha aquela idade, do pavor paralisante de ser deixada sozinha na companhia de um homem, da sua

determinação de continuar solteira, por razões bastante diferentes. Depois olhou para Sanjay que, ela suspeitava, talvez não entendesse tão bem a situação quanto Jennifer acreditava.

— Conhece este lugar?

O Sr. Vaghela tinha começado a mastigar outro pedaço de bétele. Seus dentes estavam manchados de vermelho.

Ela balançou a cabeça. Com o ar-condicionado desligado, já conseguia sentir o aumento da temperatura. Sua boca estava seca, e ela engolia com dificuldade. Dissera várias vezes a Jennifer que não gostava de refrigerante de cola.

— Alang. O maior estaleiro do mundo.

— Ah.

Ela tentou parecer interessada, mas se sentia cada vez mais cansada e com vontade de sair dali. O hotel de Bombaim, a uma distância desconhecida, parecia um oásis. Consultou o relógio de pulso: como alguém conseguia levar quase vinte minutos para comprar duas garrafas de refrigerante?

— Há quatrocentos estaleiros aqui. E homens capazes de reduzir um petroleiro a porcas e parafusos em questão de meses.

— Ah.

— Não há direitos trabalhistas aqui, sabe. Um dólar por dia é o que eles recebem para arriscar a vida.

— É mesmo?

— Alguns dos maiores navios do mundo vieram parar aqui. A senhora nem imagina as coisas que os proprietários largam nos cruzeiros… aparelhos de jantar, toalhas e roupa de cama irlandesas, instrumentos musicais de orquestras inteiras. — Suspirou. — Isso às vezes nos deixa muito tristes, *yaar*. Navios tão bonitos que viram um monte de sucata de metal.

A senhora desviou o olhar da porta da loja, tentando manter uma expressão de interesse. Os jovens conseguiam não ter consideração nenhuma! Ela fechou os olhos, certa de que a exaustão e a sede estavam envenenando seu humor, que costumava ser sereno.

— Dizem que na estrada para Bhavnagar é possível comprar qualquer coisa… cadeiras, telefones, instrumentos musicais. Vendem tudo o que dá para ser retirado do navio. Meu cunhado trabalha em um dos maiores estaleiros de Bhavnagar, *yaar*. Ele mobiliou a casa inteira com objetos que pegou nos navios. Parece um palácio, sabe? — Palitou os dentes. — Vendem tudo o que conseguem retirar. Hunf. Não me surpreenderia se vendessem a tripulação também.

— Sr. Vaghela?

— Sim, madame.

— Aquilo é uma casa de chá?

O Sr. Vaghela, que teve seu monólogo interrompido, acompanhou com os olhos o dedo dela apontado para a fachada de uma loja tranquila, onde havia várias cadeiras e mesas dispostas ao acaso na beira da estrada poeirenta.

— É.

— Neste caso, poderia fazer a gentileza de me acompanhar até lá e pedir uma xícara de chá para mim? Acho que não consigo passar nem mais um minuto esperando minha neta.

— Será um prazer, madame.

Ele saiu do carro e abriu a porta para ela.

— Esses jovens, *yaar*, não têm nenhum senso de respeito.

Em seguida, ofereceu-lhe o braço, que ela aceitou ao descer do carro, piscando sob o sol do meio-dia.

— Ouvi dizer que na Dinamarca é muito diferente — comentou ele.

Enquanto ela bebia uma xícara do que o Sr. Vaghela tinha chamado de "chá formal", os jovens saíram da loja. A xícara estava arranhada,

possivelmente pelos vários anos de uso, mas parecia limpa, e o homem que os atendeu realizara o ritual do chá com uma destreza impressionante. Por intermédio do Sr. Vaghela, ela respondera às perguntas obrigatórias sobre suas viagens e confirmara que não tinha parentesco com o primo do proprietário, da cidade de Milton Kaynes. Depois de pagar o copo de tchai do Sr. Vaghela (e um doce grudento de pistache "para repor as energias, sabe como é", de acordo com ele), ela se sentou sob o toldo e observou, do seu lugar privilegiado e um pouco elevado, o que agora sabia esconder-se atrás do paredão de aço: o mar azul, cintilante e infinito.

Um pouco adiante, um pequeno templo hindu recebia a sombra de uma árvore nim. Era rodeado por algumas barracas que aparentemente correspondiam às necessidades dos trabalhadores: havia uma barbearia, uma venda de cigarros, um homem vendendo frutas e ovos, e outro que comercializava peças de bicicleta. Ela demorou alguns minutos para perceber que era a única mulher por perto.

— Estávamos nos perguntando aonde vocês tinham ido.

— Não há muito tempo, imagino. O Sr. Vaghela e eu estávamos a poucos metros daqui. — Seu tom de voz saiu mais incisivo do que tinha sido a intenção.

— Falei que não devíamos parar aqui — insistiu Sanjay.

Primeiro, ele deu uma olhada no grupo de homens ali perto, depois observou o automóvel com evidente irritação.

— Eu precisava sair do carro — explicou ela com a voz firme. — O Sr. Vaghela fez a gentileza de me acompanhar. — Tomou um gole de chá, que estava surpreendentemente bom. — Eu precisava de uma pausa.

— Sim, claro. Só quis dizer que… eu teria preferido encontrar um local mais pitoresco, afinal este é seu último dia de férias.

— Este lugar está ótimo para mim.

Ela estava se sentindo um pouco melhor: uma levíssima brisa do mar atenuava o calor. A visão da água azul-celeste era tranquilizante depois daquele trajeto interminável e tedioso. Ao longe, ela conseguia ouvir o ruído abafado de um metal roçando no outro e o gemido de um instrumento de corte.

— Uau! Olhem só aqueles navios!

Jennifer gesticulava na direção da praia, onde sua avó distinguia apenas cascos de enormes navios, encalhados na areia como baleias. Ela semicerrou os olhos e se arrependeu de ter deixado os óculos no carro.

— É lá que fica o estaleiro para desmonte do qual você falou? — perguntou ao Sr. Vaghela.

— Há quatrocentos, madame. Ao longo de dez quilômetros de praia.

— Parece um cemitério de elefantes — observou Jennifer, e logo acrescentou, em tom solene: — É onde os navios vão para morrer. Quer que eu pegue seus óculos, vó?

Ela estava prestativa e conciliatória, como se pedisse desculpas por ter demorado na loja.

— Seria muita gentileza sua.

Em outras circunstâncias, pensou ela mais tarde, uma foto daquela interminável praia de areia fina serviria para ilustrar o folheto de uma agência de viagens, com o céu azul encontrando o horizonte em um arco prateado e uma cordilheira de montanhas azuis ao longe. Mas, com o auxílio dos óculos, pôde ver que a areia se tornara cinzenta depois de anos de contato com ferrugem e petróleo, e que os hectares de praia eram pontuados pelos enormes navios atracados a intervalos de quatrocentos metros e por imensas peças de metal não identificáveis, as vísceras desmanteladas das embarcações destruídas.

Na beira da água, a algumas centenas de metros de distância, havia um grupo de homens vestindo túnicas desbotadas em tons de azul, cinza e branco agachados na areia. Eles observavam uma cabine de convés se

desprender do casco ainda branco de um navio ancorado a poucos quilômetros da costa e despencar pesadamente no mar.

— Não é a atração turística com a qual está acostumada — ironizou Sanjay.

Protegendo os olhos com a mão por causa do sol, Jennifer observava atentamente alguma coisa. Sua avó reparou nos ombros nus dela, sem saber se devia ou não aconselhá-la a cobri-los.

— Era sobre isso que eu estava falando. Venha, Jay, vamos dar uma olhada.

— Não, não, senhorita. Não acho que seja uma boa ideia. — O Sr. Vaghela terminou seu tchai. — Estaleiro não é lugar para uma jovem. E seria preciso pedir permissão para a autoridade portuária.

— Só quero dar uma olhada, Ram. Não pretendo começar a manejar um maçarico de soldador.

— Acho que você deveria ouvir o Sr. Vaghela, querida. — A avó pousou a xícara, tendo noção de que a simples presença deles na casa de chá chamava atenção. — Aquele é um local de trabalho.

— É fim de semana. Deve ter pouca coisa acontecendo por lá. Vamos, Jay. Ninguém vai se importar se ficarmos cinco minutos lá dentro.

— Tem um guarda no portão — avisou Sanjay.

Ela tinha certeza de que a aversão natural de Sanjay a se arriscar demais era amenizada pela necessidade que ele tinha de ser visto como um parceiro de aventuras, um protetor, até.

— Jennifer, querida… — insistiu a avó, querendo evitar que Sanjay ficasse constrangido.

— Cinco minutos.

A menina se levantou em um pulo, sem conseguir conter a impaciência. Pouco depois, já estava no meio do caminho.

— É melhor eu ir com ela — sugeriu Sanjay, com uma pontada de resignação na voz. — Vou mantê-la num lugar em que a senhora possa vê-

la.

— Ah, os jovens! — exclamou o Sr. Vaghela, mascando seu bétele, pensativo. — Não adianta falar com eles.

Um caminhão enorme passou chacoalhando com a carroceria repleta de peças de metal retorcidas, às quais seis ou sete homens se agarravam com dificuldade.

Depois que o veículo passou, a avó conseguiu ver Jennifer conversando com o homem no portão. A jovem sorria, passando a mão no cabelo louro. Depois mexeu na bolsa e entregou ao homem uma garrafa de Coca-Cola. Quando Sanjay a alcançou, o portão se abriu. Então, eles sumiram, para reaparecer alguns segundos depois sob a forma de silhuetas minúsculas na praia.

* * *

Quase vinte minutos se passaram antes que a avó ou o Sr. Vaghela ousassem dizer o que pensavam: que os jovens estavam não só fora do campo de visão, como demorando demais também. Teriam que ir atrás deles.

Revigorada com o chá, ela se esforçou para conter a irritação por sua neta ter mais uma vez se comportado de maneira tão egoísta e imprudente. Sabia que essa reação em parte se devia ao medo de que alguma coisa acontecesse com a menina enquanto estivesse sob seus cuidados. Que ela, velha e indefesa, perdida naquele lugar estranho, seria responsabilizada por uma situação sobre a qual não tinha qualquer controle.

— Ela se recusa a usar relógio, sabe.

— Acho que devemos ir buscá-los — sugeriu o Sr. Vaghela. — É óbvio que se esqueceram do horário.

Ela permitiu que o homem puxasse sua cadeira e aceitou o braço dele, agradecida. A camisa de Vaghela tinha a suavidade de um tecido que fora lavado inúmeras vezes.

Ele pegou o guarda-chuva preto que havia usado em várias ocasiões, então o abriu e o segurou de modo que ela pudesse andar sob uma sombra. A senhora se manteve perto dele, reparando nos olhares dos homens magros logo atrás e dos que passavam nos ônibus barulhentos.

Pararam no portão, e o Sr. Vaghela disse alguma coisa para o segurança, apontando para o estaleiro mais adiante. Seu tom de voz era agressivo, beligerante, como se o homem tivesse cometido algum crime ao permitir a entrada dos dois jovens.

O guarda deu uma resposta aparentemente conciliatória, depois os conduziu para dentro.

Os navios não estavam intactos, como ela imaginara a princípio. Eram cascos pré-históricos, enferrujados. Homens muito pequenos se apinhavam ali como formigas, visivelmente insensíveis ao ruído agudo do metal arrancado e ao barulho estridente das máquinas de cortar aço. Manejavam maçaricos de soldagem, martelos, chaves inglesas, enquanto o som ensurdecedor dos golpes destruidores ecoava como um lamento inconsolável no espaço aberto.

Nos cascos ainda submersos em água mais profunda havia cordas prendendo plataformas perigosamente frágeis, sobre as quais os metais eram transferidos para a praia. Mais perto da água, ela levou a mão ao rosto, sentindo o fedor penetrante do esgoto em estado natural misturado ao cheiro de um produto químico que não conseguia identificar. Vários metros adiante, diversas fogueiras lançavam grossas nuvens de fumaça tóxica no ar puro.

— Por favor, tome cuidado por onde anda — pediu o Sr. Vaghela, indicando a areia sem cor. — Não acho que aqui seja um bom lugar.

Ele olhou para trás, parecendo se perguntar se não seria melhor ela esperar na casa de chá.

Mas ela não queria se sentar lá e encarar sozinha todos aqueles homens.

— Prefiro sua companhia, Sr. Vaghela, caso não se importe.

— Acho que é melhor mesmo — concordou ele, semicerrando os olhos para olhar ao longe.

Ao redor deles, na areia, havia pilhas caóticas de vigas metálicas enferrujadas que lembravam turbinas imensas, além de chapas de aço amassadas. Correntes enormes cobertas de craca serpenteavam por todo lado ou ficavam amontoadas umas sobre as outras, como gigantescas cobras adormecidas, dando a impressão de que os trabalhadores ali perto eram anões.

Nenhum sinal de Jennifer.

Um pequeno grupo de pessoas tinha se reunido na areia, algumas com binóculos, outras apoiadas em bicicletas, todas olhando para o mar. Ela segurou o braço do Sr. Vaghela com mais força e parou por um segundo para se adaptar ao calor. Depois seguiram em frente devagar, na direção da costa, onde homens com walkie-talkies e túnicas empoeiradas andavam de um lado para outro, conversando, animados, e crianças brincavam tranquilamente perto dos pais.

— Tem mais um navio chegando — observou o Sr. Vaghela, apontando.

Eles viram diversos rebocadores puxando o que devia ser um antigo petroleiro, cuja silhueta ficava cada vez mais distinta à medida que se aproximava da praia. Um utilitário japonês passou rugindo e parou cantando pneus algumas centenas de metros à frente. Foi então que eles ouviram vozes exaltadas e, quando desviaram de uma pilha de cilindros de gás, notaram um pequeno agrupamento de pessoas ao longe, paradas sob a sombra de um enorme casco metálico. Havia certa comoção entre elas.

— Madame, acho que devemos ir até lá — sugeriu o Sr. Vaghela.

Ela assentiu. Estava começando a ficar ansiosa.

* * *

O homem, cuja barriga avantajada o teria distinguido dos outros mesmo sem a ajuda do belo carro, apontava para o navio, e suas palavras indignadas eram acompanhadas de jatos de saliva. Sanjay parou diante dele no círculo de homens, com as palmas das mãos voltadas para baixo num gesto conciliatório para tentar interromper seu discurso. Jennifer, objeto da ira do homem, estava numa pose que fez a avó se lembrar da própria adolescência: quadril projetado, braços cruzados na defensiva e a cabeça erguida de maneira insolente.

— Pode dizer a ele — interrompia ela de vez em quando — que eu não estava tentando fazer nada com o maldito navio. E que não existe nenhuma lei que proíba uma pessoa de olhar para alguma coisa.

Sanjay se virou para ela.

— Este é o problema, Jen. Existe, *sim* , uma lei que proíbe a pessoa de olhar para alguma coisa quando ela invade sem permissão uma propriedade alheia.

— É uma praia! — gritou ela. — Com dez quilômetros de extensão. Com milhares de pessoas. Que diferença vai fazer se eu olhar ou não para esses navios enferrujados?

— Jen, por favor…

Ao redor de Sanjay, os homens assistiam à discussão com óbvio interesse e se cutucavam para mostrar a calça jeans e a blusa justa de Jennifer, alguns curvados por causa do peso dos cilindros de oxigênio que carregavam nos ombros. Quando a senhora se aproximou, vários recuaram, e ela sentiu o cheiro rançoso de suor misturado com incenso e enxofre. Conteve a vontade de tapar a boca com a mão.

— Ele acha que Jennifer faz parte de algum grupo ecológico e está aqui para reunir provas contra ele — esclareceu Sanjay.

— É óbvio que só estou olhando — insistiu a menina. — Nem tenho uma câmera — avisou ao homem, que a olhava com a testa franzida.

— Você não está ajudando — reclamou Sanjay.

A avó tentava estimar em que medida o homem poderia representar uma ameaça. Seus gestos se tornavam cada vez mais abruptos e dramáticos, e seu rosto estava vermelho de raiva. Ela olhou para o Sr. Vaghela, quase como se ele fosse o único adulto ali presente.

Talvez consciente disso, ele se afastou dela e circulou entre os homens, esticando subitamente as costas. Foi até o desmantelador de navios e estendeu-lhe a mão de modo que o homem não teve como deixar de apertá-la.

— Senhor, sou Ram B. Vaghela — apresentou-se.

Os dois começaram a falar depressa em urdu. A voz do Sr. Vaghela era suave e conciliadora em alguns momentos, determinada e assertiva em outros.

Era evidente que a conversa demoraria algum tempo. Sem o apoio do braço do Sr. Vaghela, a avó de Jennifer se sentia insegura. Deu uma olhada ao redor, procurando um lugar para se sentar, depois se afastou um pouco do grupo, tentando não parecer intimidada nem amedrontada com a curiosidade ostensiva de alguns homens. Notou um barril metálico e andou devagar até lá.

Passou alguns minutos sentada no barril, observando o Sr. Vaghela e Sanjay tentarem acalmar o proprietário do navio, convencê-lo da inocência e das intenções honestas dos visitantes. De vez em quando, eles apontavam na sua direção e ela se abanava embaixo do guarda-chuva, pois sabiam que a presença de uma idosa de aparência frágil provavelmente ajudaria. Apesar do seu aspecto afável, ela estava furiosa. Jennifer tinha ignorado de forma deliberada as vontades de todos os outros, por isso

atrasara a viagem em pelo menos uma hora. Estaleiros eram lugares perigosos, pelo que contara o Sr. Vaghela enquanto atravessavam a areia, não apenas para os operários, mas também para quem eles consideravam que estivesse "interferindo". Sabia-se que bens haviam sido "confiscados", acrescentara ele, virando-se para olhar com nervosismo para o carro.

No momento, a ideia de que precisava percorrer a mesma distância na areia quente não saía da sua cabeça. Além disso, era bem possível que tivessem que dar algum dinheiro para essas pessoas antes de conseguirem ir embora, o que comprometeria mais uma boa parte do seu já reduzido orçamento.

— Garota tola, inconsequente — murmurou.

Tentando demonstrar indiferença, ela se levantou e começou a andar na direção da proa do navio, louca para se afastar da neta irresponsável e dos olhares inexpressivos dos homens. Segurou o guarda-chuva perto da cabeça e levantou nuvens de areia enquanto seguia para uma área sombreada. O navio, já desmontado pela metade, se desfez abruptamente, como se uma mão imensa o tivesse cortado em dois e retirado a metade posterior. Ela ergueu mais o guarda-chuva para ter uma visão melhor. Era difícil ver muita coisa de tão longe, mas ela conseguiu distinguir dois suportes para canhões que ainda precisavam ser removidos. Observou-os e franziu as sobrancelhas diante da familiaridade daquilo, da pintura cinza desbotada e descascada, uma cor suave que só era vista em navios da Marinha Britânica. Depois de um minuto, baixou o guarda-chuva, deu um passo para trás e encarou o casco quebrado que assomava diante dela, esquecendo-se por um instante do incômodo que sentia na nuca.

Ergueu a mão e a colocou acima dos olhos para protegê-los do sol escaldante, até que conseguiu ler o que restava do nome na lateral do navio.

Então, quando a última letra ficou visível, o ruído da discussão diminuiu e, apesar do calor opressivo da tarde indiana, a senhora aos pés

do navio foi invadida por uma súbita sensação de frio glacial.

* * *

O desmantelador de navios, Sr. Bhattacharya, não se convencera e, sem considerar sua crescente hostilidade, a agitação cada vez maior da multidão, e por mais que já estivessem pelo menos uma hora atrasados, os jovens continuavam discutindo. O Sr. Vaghela secou a testa com um lenço. A Srta. Jennifer chutava a areia com raiva para trás, a expressão emburrada deixando claro que ela não estava de acordo. O Sr. Sanjay tinha o semblante desconfortavelmente tenso de alguém que sente estar defendendo uma causa perdida. De vez em quando, ele observava a Srta. Jennifer, depois desviava o olhar, como se também estivesse aborrecido com ela.

— Não preciso que me defenda, está bem?

O Sr. Vaghela tocou o braço dela.

— Desculpe dizer isso, Srta. Jennifer, mas acho que seus conhecimentos de urdu não lhe dão muita escolha.

— Ele entende inglês. Eu o ouvi falando.

— O que a garota está dizendo agora?

Ele percebeu que o Sr. Bhattacharya se sentia ofendido com a roupa indecente de Jennifer. O Sr. Vaghela suspeitava que, embora no fundo o homem soubesse que os jovens eram inocentes das acusações, ele sentia uma raiva tão grande que estava determinado a continuar com a discussão. Ao longo da vida, o Sr. Vaghela conhecera muitos homens desse tipo.

— Não gosto de como ele está falando comigo.

O Sr. Sanjay se aproximou da garota.

— Você nem sabe o que ele está dizendo! Está dificultando as coisas, Jen. Volte para o carro e leve sua avó junto. Vamos esclarecer isto.

— Não me diga o que fazer, Jay.

— Aonde ele está indo? Aonde eles estão indo?

O Sr. Bhattacharya observava o Sr. Sanjay com uma raiva cada vez maior.

— Acho que seria melhor se a garota saísse do seu estaleiro, senhor. Meu amigo está tentando convencê-la disso.

— Não preciso de você para… — Jennifer interrompeu abruptamente a frase.

Houve um súbito silêncio e o Sr. Vaghela, que estava sentindo um calor desconfortável, acompanhou o olhar da multidão até a área sombreada sob o casco do navio seguinte.

— Qual é o problema com a velha? — perguntou o Sr. Bhattacharya.

Ela estava sentada com o corpo curvado para a frente e a cabeça apoiada nas mãos. Seu cabelo grisalho reluzia como prata.

— Vó?

Jennifer correu na direção dela.

O Sr. Vaghela suspirou de alívio quando a senhora ergueu a cabeça. Ele era obrigado a admitir que ficara assustado com a postura dela.

— Você está bem?

— Sim, sim, minha querida.

O Sr. Vaghela teve a impressão de que as palavras da senhora foram pronunciadas mecanicamente, como se aquela situação não tivesse nada a ver com eles. Deixando o Sr. Bhattacharya de lado, ele e o Sr. Sanjay se aproximaram e se agacharam diante dela.

— Se me permite dizer, a senhora parece muito pálida, Mammaji.

Ele reparou que ela estava apoiando uma das mãos no navio, um gesto curioso que a fizera se curvar de um jeito muito estranho.

O Sr. Bhattacharya estava ao lado deles, limpando seus caros sapatos de couro de crocodilo atrás da calça. Depois murmurou algo para o Sr. Vaghela.

— Ele quer saber se a senhora gostaria de uma bebida — revelou o Sr. Vaghela para a avó de Jennifer. — Disse que tem água gelada no escritório.

— Não quero que ela tenha um ataque do coração no meu estaleiro — reclamou o Sr. Bhattacharya. — Pegue um pouco de água para ela e depois, por favor, leve-a embora daqui.

— Quer um pouco de água gelada?

Ela passou a impressão de que ia se sentar, ereta, mas só ergueu de leve a mão.

— Isso é muito gentil, mas vou só ficar sentada por mais um minuto.

— O que houve, vó?

Ajoelhada, Jennifer apoiava as mãos no joelho da avó. Seus olhos estavam arregalados de ansiedade. A postura arrogante tinha evaporado no calor. Atrás delas, os jovens indianos murmuravam e se cutucavam, cientes de que algum drama desconhecido se desenrolava diante deles.

— Por favor, peça para eles se afastarem, Jen — sussurrou a avó. — É sério. Vou ficar bem se todo mundo me deixar sozinha.

— É por minha causa? Desculpe, vó. Sei que tenho sido um saco. Mas não gostei de como ele falou comigo. É porque sou mulher, sabe? Isso me irrita.

— Não é por sua causa…

— Desculpe. Eu devia ter sido mais atenciosa. Olhe, vamos levá-la de volta para o carro.

O Sr. Vaghela ficou satisfeito ao ouvir o pedido de desculpas. Era bom saber que os jovens conseguiam reconhecer suas atitudes irresponsáveis. Ela não devia ter feito a avó percorrer uma distância tão grande no calor, não em um lugar como aquele. Indicava falta de respeito.

— Não é por sua causa, Jennifer. — A voz dela estava tensa. — É por causa do navio — sussurrou.

Sem entender, eles acompanharam seu olhar até a vasta superfície de metal cinza-claro e os enormes rebites enferrujados que pontilhavam toda a lateral da embarcação.

Os dois jovens se entreolharam, depois se voltaram para a senhora, que de repente pareceu extremamente frágil.

— É só um navio, vó — observou Jennifer.

— Não — retrucou ela, e o Sr. Vaghela reparou que o rosto da senhora estava tão pálido quanto o metal atrás dela. — É aí que você está completamente enganada.

* * *

Ao voltar para casa, o Sr. Ram B. Vaghela comentou com a esposa que não era comum ver uma idosa chorar. Era evidente que os ingleses manifestavam suas emoções com muito mais liberdade do que ele achara, e não eram reservados e imperturbáveis como esperara. A esposa, irritada, ergueu uma sobrancelha, como se não se importasse mais em dar uma resposta adequada aos seus comentários. Ele se lembrou da tristeza da pobre senhora, de como precisara ajudá-la a voltar para o carro, do seu silêncio durante todo o trajeto até Bombaim. Ela parecia ter testemunhado a morte de alguém.

Sim, ele se surpreendera bastante com a madame inglesa. De modo algum era o tipo de mulher que ele imaginara que fosse.

Tinha certeza de que não eram assim na Dinamarca.

Parte um

1

Dinheiro em coelhos! Em vendas recentes em Sydney, as melhores peles de machos adultos chegaram a 19 shillings e 11 centavos por libra, o preço mais alto de que se tem notícia na Austrália. A porcentagem dessa pele excepcional talvez seja pequena, mas a cerca de cinco por libra, a quatro shillings cada, é um retorno considerável.

"THE MAN ON THE LAND", THE BULLETIN, AUSTRÁLIA, 10 DE JULHO DE 1946

AUSTRÁLIA, 1946
QUATRO SEMANAS PARA O EMBARQUE

Letty McHugh parou a picape, limpou uma fuligem inexistente debaixo dos olhos e reparou que, em uma mulher com "traços magníficos", como a vendedora com tanta gentileza descrevera os seus, o batom Flor de Cerejeira não faria muita diferença. Esfregou bruscamente os lábios, sentindo-se idiota por ter comprado aquele batom. Mas, menos de um minuto depois, pegou-o na bolsa e repassou com cuidado, fazendo uma careta para seu reflexo no retrovisor.

Ajeitou a blusa, pegou as cartas que recolhera em sua ida semanal ao correio e, pelo para-brisa, observou a paisagem embaçada. Era provável que a chuva não passasse, independentemente de quanto tempo ela ficasse esperando. Protegeu a cabeça e os ombros com uma lona encerada e, suspirando, saltou da picape e correu para a casa.

— Margaret? Maggie?

A porta de tela se fechou às suas costas, abafando o ruído insistente do dilúvio que caía do lado de fora, mas apenas sua voz e o som dos sapatos

chiques nas tábuas do assoalho ecoavam de volta para seus ouvidos. Letty verificou sua bolsa, depois secou os pés e entrou na cozinha, gritando mais algumas vezes, embora suspeitasse que não havia ninguém:

— Maggie? Você está aí?

A cozinha, como era comum desde que Noreen se fora, estava vazia. Letty deixou a bolsa e as cartas na mesa de madeira polida e se aproximou do fogão, onde havia um ensopado em fogo brando. Ergueu a tampa da panela e sentiu o cheiro. Depois, culpada, pegou alguns ingredientes no armário e acrescentou uma pitada de sal, um pouco de cominho e farinha de milho, mexeu e recolocou a tampa.

Foi até o pequeno espelho manchado ao lado do armário de remédios e tentou alisar o cabelo, que já começava a encrespar por causa do ar úmido. Ela mal conseguia ver seu rosto inteiro de uma vez. A família Donleavy com certeza nunca poderia ser acusada de vaidade.

Esfregou de novo os lábios antes de voltar para a cozinha. O fato de estar sozinha lhe permitia observar o espaço de forma impassível. Examinou o piso de linóleo rachado, impregnado da sujeira que relutava em sair após diversos anos de atividade agrícola, por mais que varressem e lavassem. Sua irmã planejara trocar o piso, inclusive mostrara a Letty o modelo de que gostava, que vira num livro enviado lá da cidade de Perth. Ela observou a pintura desbotada, o calendário que marcava apenas uma ou outra atividade agrícola, as visitas dos veterinários, compradores ou vendedores de grãos, as camas dos cachorros com forros velhos e repugnantes e a embalagem de alvejante Bluo, para as camisas masculinas, com grânulos derramados na área que estava sendo branqueada. O único vestígio de alguma influência feminina era uma revista *Glamour*, que anunciava na capa um novo conto de Daphne du Maurier, além de um artigo intitulado "Você se casaria com um estrangeiro?". As páginas, ela reparou, tinham sido bastante manuseadas.

— Margaret?

Deu uma olhada no relógio: os homens logo chegariam para almoçar. Foi até os ganchos ao lado da porta dos fundos e pegou um velho sobretudo. Fez uma careta ao sentir o cheiro de alcatrão e de cachorro molhado que, ela sabia, ficaria impregnado em suas roupas.

A chuva estava tão forte naquele momento que, em alguns locais ao redor do pátio, a água corria quase como um rio. O encanamento borbulhava em protesto, e as galinhas, alvoroçadas, haviam se refugiado em bandos sob os arbustos. Letty xingou a si mesma por não ter levado suas galochas, mas correu da porta dos fundos da casa até o pátio e deu a volta por trás do estábulo. Ali, como mais ou menos esperara, notou uma silhueta usando um casaco impermeável marrom, montada em um cavalo e percorrendo em círculos o pasto. Quase não dava para ver seu rosto sob o chapéu de abas largas já amolecidas por causa da chuva.

— Margaret! — gritou Letty debaixo do beiral do estábulo, para que desse para ouvir sua voz acima do barulho da chuva, depois acenou, sem muita convicção.

A égua estava completamente exausta: com o rabo grudado nas ancas encharcadas, ela andava de lado, percorrendo a cerca com cuidado, e de vez em quando dava coices para mostrar sua frustração. Com paciência, a cavaleira puxava as rédeas para que o animal desse meia-volta e recomeçasse o movimento minucioso.

— Maggie!

Em determinado momento, a égua pinoteou. O coração de Letty acelerou e ela levou a mão à boca. A cavaleira, no entanto, não caiu da sela nem pareceu se alterar, apenas se limitou a cutucar algumas vezes o animal com as botas para fazê-lo seguir em frente, murmurando algo que poderia ou não ter sido uma repreensão.

— Pelo amor de Deus, Maggie, venha até aqui!

A aba do chapéu se ergueu e a mão de alguém acenou. A égua seguiu na direção do portão, devagar e com a cabeça baixa.

— Está aí há muito tempo, Letty? — perguntou a cavaleira.

— Você está maluca, menina? O que pensa que está fazendo?

Ela notou o enorme sorriso da sobrinha sob a aba do chapéu.

— Só estou treinando um pouco. Papai é grande demais para montá-la e os rapazes não sabem lidar com ela, por isso sobra para mim. Ela é uma velha rabugenta, não é?

Letty balançou a cabeça, exasperada, e fez sinal para Margaret descer do cavalo.

— Pelo amor de Deus, menina. Quer ajuda para desmontar?

— Não! Estou bem. Está na hora do almoço? Já coloquei um ensopado no fogo, mas não sei que horas o pessoal chega. Foram levar os bezerros para Yarrawa Creek, e talvez passem o dia inteiro lá.

— Não vão ficar o dia todo fora com esse tempo — respondeu Letty, enquanto Margaret descia do cavalo sem qualquer elegância e aterrissava com tudo no chão. — A menos que sejam tão doidos quanto você.

— Ah, não precisa fazer todo esse drama. Ela não é tão ruim quanto parece.

— Está encharcada. Olhe só para você! Não consigo acreditar que considerou cavalgar com esse tempo. Valha-me nosso Senhor, Maggie, não sei o que você acha que está fazendo… Só Deus sabe o que sua pobre mãe diria.

Houve uma breve pausa.

— Eu sei…

Margaret franziu o nariz enquanto tirava a sela do animal.

Letty se perguntou se tinha falado demais. Ela hesitou, depois engoliu a desculpa constrangida que já estava na ponta da língua.

— Não foi minha intenção…

— Deixe para lá. Você tem razão, Letty — respondeu a jovem, balançando a sela sob o braço. — Ela não teria feito essa égua andar em círculos para treiná-la. Teria colocado rédeas laterais e pronto.

* * *

Os homens voltaram pouco antes de uma da tarde, fazendo um grande estardalhaço, com as botas molhadas e os chapéus pingando, e já na porta se livraram dos casacos. Margaret arrumara a mesa e começava a servir os pratos do ensopado fumegante.

— Colm, ainda tem lama na parte de trás da sua bota — reclamou Letty.

O jovem, amavelmente, apenas tirou as botas e as deixou no capacho sem ao menos tentar limpá-las.

— Temos pão para comer com isto?

— Calma, rapazes. Estou fazendo o que posso.

— Maggie, sua cadela está dormindo no velho chapéu do papai — disse Daniel, sorrindo. — Ele falou que se ficar com pulgas, vai atirar nela.

— Não falei nada disso, filho ingrato. Como você está, Letty? Chegou ontem à cidade?

Murray Donleavy, um homem muito alto, magro, cujas sardas e olhos claros denunciavam sua origem celta, estava sentado à cabeceira da mesa e, sem fazer qualquer comentário, começou a comer em silêncio o pedaço de pão que a cunhada cortara para ele.

— Cheguei, sim, Murray.

— Alguma carta para nós?

— Entregarei quando acabarem de comer.

De outra maneira, considerando o comportamento daqueles homens à mesa, as cartas corriam o risco de serem respingadas com molho de carne ou de ficarem com manchas de dedos engordurados. Noreen parecia nunca ter se importado com isso.

Margaret já tinha almoçado e estava sentada em uma poltrona ao lado da despensa, os pés com meias em cima de um banquinho. Satisfeita, Letty observou os homens se acomodarem e baixarem a cabeça para comer. Atualmente, poucas famílias podiam se gabar de ter cinco homens

ao redor da mesa, dos quais três tinham servido o Exército. Quando Murray pediu que Daniel, seu filho mais novo, lhe passasse mais pão, Letty ainda detectou um vestígio do sotaque irlandês com o qual ele chegara ao país. De vez em quando, sua irmã fazia brincadeiras bem-humoradas com ele por causa disso. "Aquele lá", dizia ela, com dificuldade para imitar o sotaque do marido, "tem mais combates a seu favor do que brigas em um casamento em Dundalk!"

Não, com certeza faltava alguém àquela mesa. Ela suspirou, afastando Noreen do pensamento, como fazia inúmeras vezes todos os dias. Depois anunciou, animada:

— A esposa de Alf Pettit comprou uma daquelas novas geladeiras Defender. Tem quatro gavetas, um congelador, e não faz barulho.

— Ao contrário da esposa de Alf Pettit — retrucou Murray, que tinha pegado a última edição do *Bulletin* e estava concentrado lendo "The Man on the Land", a coluna sobre agricultura. — Hum. Aqui está dizendo que as propriedades leiteiras estão cada vez mais sujas porque todas as mulheres estão se demitindo.

— É óbvio que nunca viram o estado do quarto de Maggie.

— Foi você quem fez isto?

Murray ergueu a cabeça do jornal e apontou o polegar para sua tigela quase vazia.

— Foi Maggie — respondeu Letty.

— Está bom. Melhor do que o último.

— Não sei por quê — disse Margaret, com a mão estendida para a frente como se examinasse a comida. — Não fiz nada diferente.

— Há um novo filme no Odeon — comentou Letty, mudando de assunto.

Isso chamou a atenção de todos. Ela sabia que os homens fingiam não estar interessados nas publicações de fofocas que ela levava para a fazenda

duas vezes por semana, pois era coisa de mulher, mas uma vez ou outra a máscara da indiferença caía. Ela se apoiou na pia, com os braços cruzados.

— E então?

— É um filme de guerra. Com Greer Garson e Tyrone Power. Esqueci o nome, mas acho que é *Para sempre* alguma coisa.

— Tomara que tenha muitos aviões de caça. Americanos — disse Daniel.

Ele olhou para os irmãos, aparentemente em busca de concordância, mas todos mantinham a cabeça baixa enquanto enchiam a boca de comida.

— E como pretende chegar em Woodside, seu tampinha? Sua bicicleta está quebrada, caso tenha esquecido — disse Liam, dando um empurrão nele.

— De qualquer jeito, ele não faria esse longo trajeto sozinho de bicicleta — interveio Murray.

— Por que um de vocês não me leva de caminhonete? Ah, vamos. Pago um sorvete.

— Quantos coelhos você vendeu esta semana?

Daniel estava esfolando coelhos e vendendo a pele para ganhar um dinheiro extra. O preço das peles de boa qualidade tinha aumentado de forma inexplicável e cada uma passara de um centavo para vários shillings, o que deixara os irmãos com um pouco de inveja da sua súbita fortuna.

— Só quatro.

— Bem, esse é meu melhor preço.

— Ah, Murray, Betty pediu para avisá-lo que a melhor égua deles vai ter cria, finalmente, caso você ainda esteja interessado.

— A que colocaram para cruzar com o Mágico?

— Acho que sim.

Murray e seu filho mais velho se entreolharam.

— Talvez eu passe por lá ainda esta semana, Colm. Seria bom ter um cavalo decente na fazenda.

— Isso me faz lembrar de uma coisa. — Letty respirou fundo. — Encontrei Margaret cavalgando a potranca rebelde. Não acho que ela devia fazer isso. Não é… seguro.

Murray não ergueu os olhos do seu ensopado.

— Ela é uma mulher adulta, Letty. Dentro de pouco tempo não poderemos mais interferir na vida dela.

— Não precisa se intrometer nisso, Letty. Sei o que estou fazendo.

— Parece um cavalo agressivo. — Letty começou a lavar a louça, com uma vaga impressão de ter perdido a autoridade. — Só estou dizendo que acho que Noreen não teria gostado disso. Não com as coisas… do jeito que estão…

A menção ao nome da irmã causou um breve e melancólico silêncio.

Murray empurrou sua tigela vazia para o centro da mesa.

— É bom saber que se preocupa conosco, Letty. Não pense que não estamos agradecidos.

Se os rapazes notaram que os dois "velhos", como eram conhecidos, se entreolharam ou que um leve rubor surgiu no rosto da tia Letty, não disseram nada. Da mesma forma que também não tinham dito nada quando, vários meses antes, ela começara a usar sua saia preferida para visitá-los. Assim como ficaram quietos quando, com mais de quarenta anos, de repente ela passara a fazer cachos no cabelo.

Enquanto isso, Margaret se levantara da cadeira e estava dando uma olhada nas cartas deixadas em uma mesinha ao lado da bolsa de Letty.

— Caramba! — exclamou ela.

— Margaret!

— Desculpe, Letty. Olhe! Olhe, papai, é para mim. Da Marinha!

Seu pai gesticulou, pedindo que ela lhe entregasse a carta. Em suas mãos enormes, ele virou o envelope, reparando no selo oficial e no

endereço do remetente.

— Quer que eu abra?

— Ele não está morto, está? — gritou Daniel, enquanto Colm dava um forte tapa na nuca do menino.

— Não seja mais idiota do que já é.

— O senhor não acha que ele está morto, acha?

Margaret buscava um apoio para se manter de pé, e seu rosto, normalmente rosado, começava a ficar pálido.

— Claro que ele não está morto — afirmou o pai. — Mandam um telegrama para avisar justamente isso.

— Talvez quisessem economizar, mas…

Daniel se afastou depressa para evitar um chute violento do irmão mais velho.

— Eu ia esperar todos acabarem de comer — explicou Letty, mas foi ignorada.

— Vá em frente, então, Mags. O que está esperando?

— Não sei — respondeu a garota, aparentemente agoniada com a própria indecisão.

— Vá em frente, estamos todos aqui — incentivou Murray, colocando a mão no ombro da filha para reconfortá-la.

Ela olhou para o pai, depois para a carta que estava segurando. Seus irmãos, de pé, a cercavam de perto. Letty, que assistia à cena apoiada na pia, se sentiu supérflua, como se fosse uma intrusa. Para esconder seu desconforto, começou a esfregar uma panela, e seus dedos ficaram vermelhos sob a água escaldante.

Margaret rasgou o envelope e começou a ler a carta, sussurrando as palavras, um hábito que tinha desde a infância. Em seguida, gemeu baixinho. Letty se virou a tempo de ver a menina se jogando pesadamente na cadeira que um dos irmãos empurrara na sua direção. Olhou para o pai com enorme tristeza.

— Você está bem, filha?

Seu rosto estava contorcido de angústia.

— Eu vou, pai — respondeu ela, com a voz embargada.

— Para onde? Irlanda? — perguntou Daniel, pegando a carta.

— Não. Para a Inglaterra. Arranjaram um lugar para mim em um navio. Ah, meu Deus, pai.

— Margaret! — repreendeu Letty, mas ninguém ouviu.

— Mags vai para a Inglaterra! — O irmão mais velho leu a carta. — Vai mesmo! De algum jeito conseguiram enfiá-la na cabine de um navio!

— Olhe como fala comigo! — retrucou Margaret, que não estava no clima para brincadeiras.

— Devido à mudança do estado civil de outra esposa de guerra, podemos lhe oferecer uma passagem para o… Como fala este nome? Sairemos de Sydney blá-blá-blá.

— Mudança do estado civil? O que deve ter acontecido com essa pobre coitada? — zombou Niall.

— É possível que o marido já fosse casado. Isso acontece, sabe.

— Letty! — protestou Murray.

— Bem, é verdade, Murray. Já aconteceu de tudo. Basta ler os jornais. Ouvi falar de moças que viajaram até os Estados Unidos e só lá ficaram sabendo que os maridos não as queriam mais. Algumas já… — Ela perdeu o fio da meada.

— Joe não é assim — acrescentou Murray depressa. — Todos nós sabemos que ele não é desse tipo.

— Além disso — começou Colm, animado —, quando ele se casou com Mags, avisei que se um dia a abandonasse eu iria atrás dele e o mataria.

— Você também disse isso? — perguntou Niall, surpreso.

— Meu Deus — comentou Margaret, ignorando a tia, mas fazendo o sinal da cruz, como um pedido de desculpas silencioso. — Com todos

vocês em cima de mim, é um milagre que ele ainda esteja interessado.

O silêncio ficou cada vez maior conforme as pessoas na sala se davam conta da importância da carta. Margaret segurou a mão do pai e a apertou, enquanto os outros fingiam não reparar.

— Alguém quer chá? — perguntou Letty.

Em seguida, ela sentiu um nó na garganta ao imaginar a cozinha sem Margaret. Em resposta, recebeu vários murmúrios de concordância, mas foram pouco entusiasmados.

— Lembre-se de que não há nenhuma garantia de que você vai conseguir uma cabine — disse Niall, ainda lendo a carta.

— Podem colocá-la no compartimento de bagagem — sugeriu Liam. — Ela é durona feito couro velho.

— É isso, então? — perguntou Daniel, que, como Letty notou, parecia profundamente abalado. — Quer dizer, você vai para a Inglaterra e pronto?

— Sim, é isso — confirmou Margaret, baixinho.

— Mas e quanto a nós? — insistiu Daniel, a voz falhando, como se ainda não tivesse levado a sério o casamento da irmã ou suas possíveis implicações. — Não podemos perder mamãe *e* Mags. O que devemos fazer?

Letty tentou falar, mas estava sem palavras.

Do outro lado da mesa, Murray estava sentado em silêncio, de mãos dadas com a filha.

— Devemos ficar contentes, filho.

— O quê?

Murray deu um sorriso confiante para a filha, um sorriso que Letty não acreditou que fosse verdadeiro.

— Ficaremos contentes, porque Margaret estará com um homem bom. Um homem que lutou pelo seu país e também pelo nosso. Um homem que merece ficar com nossa Margaret tanto quanto ela merece ele.

— Ah, pai! — exclamou Margaret, secando os olhos.

— O mais importante, porém — prosseguiu, agora com a voz mais alta, como se para impedir qualquer interrupção —, é que acima de tudo devemos nos alegrar porque o avô de Joe era irlandês. E isto significa… — ele acariciou a barriga arredondada da filha — …que esta criaturinha aqui dentro vai nascer, se Deus quiser, em uma terra abençoada por Deus.

— Ah, Murray — sussurrou Letty, tapando a boca com a mão.

— Preparem-se, rapazes — murmurou Colm para os irmãos, calçando as botas. — Teremos uma noite ao som de "Oh Danny Boy".

* * *

Eles estavam sem espaço para secar as roupas. A secadora dentro da casa estava tão cheia que ameaçava despencar levando o teto junto. Roupas molhadas pendiam de todos os ganchos, fios e cabos da casa, penduradas em cabides suspensos no alto das portas ou esticadas em cima das toalhas das mesas ou outras superfícies. Margaret tirou do balde mais uma camiseta molhada e entregou à tia, que a enfiou no espremedor de roupa e começou a girar a manivela.

— É porque nada secou ontem — explicou Margaret. — Não consegui tirar as roupas da corda a tempo, por isso molhou tudo de novo, e eu ainda tinha muito mais coisa para lavar.

— Por que não se senta, Maggie? — perguntou Letty, olhando para as pernas da sobrinha. — Descanse os pés por alguns minutos.

Agradecida, Margaret afundou na cadeira que havia na lavanderia e esticou a mão para acariciar a fox terrier sentada ao seu lado.

— Eu poderia estender algumas roupas no banheiro, mas papai detesta isso.

— Você sabe que agora precisa descansar. A essa altura, a maioria das mulheres fica com as pernas para cima.

— Ah, ainda falta muito tempo — respondeu Margaret.

— Menos de doze semanas, pelos meus cálculos.

— As mulheres africanas apenas desovam os filhos atrás de um arbusto e continuam trabalhando.

— Você não é africana. E duvido que alguém "desove" um bebê como se fosse… — Letty percebeu que não tinha nenhum conhecimento de causa para falar sobre parto.

Então ela continuou torcendo a roupa em silêncio. A chuva martelava ruidosamente o fino teto do anexo da casa, e o cheiro doce da terra recém-encharcada entrava pelas janelas abertas. O espremedor de roupa guinchou, obrigando-a a fazer um esforço indesejado.

— Daniel teve uma reação bem pior do que eu imaginava — disse Margaret, por fim.

Letty continuava ocupada com a manivela, gemendo cada vez que a girava na própria direção.

— Ele ainda é jovem e teve que lidar com muita coisa nos últimos dois anos.

— Ele realmente ficou muito zangado. Eu não esperava que ficasse bravo.

Letty fez uma pausa.

— Ele se sente abandonado, imagino. É como se perdesse a mãe e agora você…

— Não é como se eu tivesse feito de propósito.

Margaret pensou no acesso de raiva do irmão, nas palavras "egoísta" e "detestável" com as quais ele a agredira até o tapa do pai encerrar a discussão.

— Eu sei — concordou Letty, parando o que estava fazendo e endireitando o corpo. — Eles também sabem. Inclusive Daniel.

— Mas quando Joe e eu nos casamos, sabe, eu não pensava em deixar papai e os meninos. Também não imaginava que alguém se importaria

tanto.

— Claro que eles se importam. Todo mundo ama você.

— Eu nem liguei quando Niall foi embora.

— Ele foi para a guerra. Você sabia que ele precisava ir.

— Quem vai tomar conta de todos eles? Papai consegue, no máximo, passar uma camisa ou lavar a louça, se for preciso, mas nenhum deles é capaz de preparar uma refeição. E deixariam os lençóis nas camas até que aprendessem a ir sozinhos para o cesto de roupa suja.

Enquanto falava, Margaret quase começou a acreditar nessa imagem que criara de si mesma como o ponto central da casa, posição que ocupara com certo ressentimento ao longo dos dois últimos anos. Ela nunca imaginara que precisaria cozinhar e lavar para alguém. Até mesmo Joe entendera quando ela explicou que não levava jeito para essas coisas e, mais importante, que não tinha intenção de mudar isso. Agora, forçada a passar várias horas do dia se ocupando com os irmãos, que antes considerara iguais a ela, lutavam dentro dela os sentimentos de tristeza, culpa e uma raiva silenciosa.

— É uma grande preocupação, Letty. Acho que eles não vão conseguir dar conta de tudo sem… Bem, sem uma mulher por perto.

Houve um longo silêncio. A cadela ganiu enquanto dormia, mexendo as pernas como se perseguisse algo invisível.

— Acho que eles podem contratar alguém, talvez uma empregada — sugeriu Letty com um falso tom despreocupado.

— Papai não ia querer pagar para isso. Você sabe como ele insiste nessa história de economizar. Além do mais, não sei se algum deles gostaria de ter uma pessoa desconhecida na cozinha. Você sabe como eles são. — Ela olhou de relance para a tia. — Niall não suporta mais ter gente estranha em casa desde que voltou da guerra. Ah, não sei…

A chuva estava diminuindo. O barulho no telhado se tornara mais fraco, e partes do céu azul surgiam entre as nuvens cinzentas que seguiam

para o leste. As duas mulheres ficaram em silêncio por alguns minutos, ambas aparentemente concentradas na paisagem emoldurada pela janela.

Como não ouviu resposta, Margaret voltou a falar:

— Na verdade, estou me perguntando se devo deixá-los. Quer dizer, não faz sentido ir embora se vou passar o tempo inteiro preocupada com a família, não é mesmo?

Esperou a tia falar alguma coisa. Como isso não aconteceu, ela prosseguiu:

— Porque eu…

— Imagino que eu possa ajudar — arriscou Letty.

— Como?

— Não pergunte "como", minha querida. Se está tão preocupada assim com eles — acrescentou Letty lentamente —, talvez eu possa vir aqui quase todos os dias. Só para dar uma ajuda.

— Ah, Letty, você faria isso?

Margaret fazia questão de que sua voz demonstrasse o nível exato da sua surpresa e gratidão.

— Eu não gostaria de pegar o lugar de ninguém.

— Não… Não… Claro que não.

— Também não gostaria que você ou seus irmãos pensassem que… eu estaria tentando ocupar o lugar da sua mãe.

— Ah, acho que ninguém pensaria isso.

As duas fizeram uma pausa para assimilar o que finalmente havia sido dito em voz alta.

— Pode ser que alguém… interprete mal as coisas. As pessoas da cidade ou dos arredores.

Num gesto inconsciente, Letty alisou o cabelo.

— É, pode ser — concordou Margaret, ainda muito séria.

— Mas não é como se eu tivesse um emprego ou algo assim. Não agora que fecharam a fábrica de munição. E a família deve vir em primeiro

lugar.

— Com certeza.

— Quer dizer, esses garotos precisam de uma influência feminina. Especialmente Daniel. Ele está naquela idade… Também não é como se eu estivesse fazendo alguma coisa errada. Alguma coisa… você sabe…

Se Margaret reparou no leve rubor de prazer que surgiu no rosto da tia, não comentou nada. Se havia alguma intenção na expressão da tia, no seu batom novo, que fazia Margaret se sentir um pouco constrangida com a proposta, ela fez um enorme esforço para afastar essa impressão. Se o preço a pagar para usufruir de uma liberdade sem culpa era ter o lugar da sua mãe usurpado, ela tomaria o cuidado de ver apenas os benefícios disso.

O rosto magro de Letty se iluminou com um sorriso.

— Neste caso, minha querida, se vai ajudá-la, tomarei conta de todos. E de Maudie também. Vou tomar conta da sua cachorrinha. Não precisa se preocupar.

— Ah, não estou preocupada com ela. — Margaret se ergueu com grande esforço. — Vou…

— Sim, vou garantir que todos fiquem bem — continuou Letty.

A expectativa parecia tê-la deixado prolixa.

— Se isso vai realmente facilitar as coisas para você, Maggie querida, farei o possível. Sim, você não vai precisar se preocupar com nada.

Com energia renovada, ela torceu a última camisa com a mão e a enfiou na cesta de roupa lavada, pronta para a próxima sessão de secagem.

Enxugou as mãos grandes e ossudas no avental.

— Certo, então. Que tal se agora eu for preparar uma boa xícara de chá para nós? Você escreve sua carta para a Marinha dizendo que aceita, e então saberemos que está tudo acertado. Você não quer perder seu lugar, quer? Não como aquela pobre coitada.

Margaret sorriu sem muito entusiasmo. O artigo na revista *Glamour* dissera que talvez ela nunca mais visse a família. Era preciso estar

preparada para isso.

— Sabe de uma coisa, Maggie, vou dar uma olhada nas suas gavetas lá em cima, para ver se encontro alguma coisa que eu possa costurar para você. Sei que não é muito boa com a agulha, e queremos que esteja linda quando reencontrar Joe.

Você não deve ficar magoada com seu marido, aconselhara a revista. Precisa prometer que nunca o julgará culpado por separá-la da família. Naquele momento, a tia estava arrastando a cesta pela sala com a mesma possessividade que sua mãe demonstrara.

Margaret fechou os olhos e respirou fundo quando a voz de Letty ecoou pela lavanderia:

— Posso consertar algumas camisas do seu pai quando vier aqui. Não pude deixar de reparar, querida, que parecem um pouco surradas e não gostaria que alguém dissesse que eu não… — Ela fulminou Margaret com um olhar de soslaio. — Farei o que for possível para que tudo corra bem aqui. Ah, sim. Você não vai ter que se preocupar com nada.

Margaret não queria imaginar deixá-los sozinhos. Mas seria melhor assim do que com alguém que ela não conhecesse.

— Maggie?

— Hum?

— Você acha… Você acha que seu pai vai se importar? Comigo, quer dizer.

De repente, a expressão de Letty parecia ansiosa, e seu rosto, aos quarenta e cinco anos, estava tão radiante quanto o de uma jovem recém-casada.

Depois, durante as diversas noites em que pensou na conversa daquele dia, Margaret não sabia direito o que a teria levado a dizer aquilo. Ela não era má pessoa. Afinal de contas, não queria que Letty e o pai se sentissem sozinhos.

— Acho que ele vai adorar — respondeu ela, curvando-se para acariciar a cachorrinha. — Ele gosta muito de você, Letty, e os meninos também. — Ela olhou para baixo e tossiu. — Ele já disse várias vezes que a considera… uma irmã. Alguém que pode conversar com ele sobre a mamãe, que se lembra de como ela era… E, claro, se ainda por cima você lavar as camisas deles, ficarão agradecidos para sempre.

Por alguma razão, Margaret não conseguia erguer os olhos, mas notava a total imobilidade da saia de Letty, das suas pernas finas e fortes a alguns metros de distância. As mãos dela, em geral ativas, agora estavam apoiadas no avental.

— Sim, claro — disse Letty, por fim, a voz um pouco embargada. — Bem, como já disse, vou… fazer um chá para nós.

2

Os dois cangurus machos, ambos saídos da bolsa da mãe há apenas 12 meses, que voarão para Londres dentro de pouco tempo, vão comer cinco quilos de feno durante o trajeto. A Qantas Empire Airways anunciou ontem que os cangurus passariam somente 63 horas no ar.

SYDNEY MORNING HERALD, *4 DE JULHO DE 1946*

TRÊS SEMANAS PARA O EMBARQUE

Querido Ian,

Você nem imagina: eu vou! Sei que não vai acreditar, porque eu mesma quase não acredito, mas é verdade. Papai conversou com um dos seus antigos colegas da Cruz Vermelha que tinha amigos no alto escalão da Marinha Real. E logo em seguida recebi a informação de que havia um lugar para mim no próximo navio, mesmo que, a rigor, meu caso não fosse prioridade.

Para evitar tumulto, falei para as outras esposas que eu precisava visitar minha avó, mas agora estou aqui, trancada no hotel Wentworth, em Sydney, esperando uma brecha para embarcar antes delas.

Mal posso esperar para ver você, querido. Sinto muito sua falta. Minha mãe disse que, quando nossa casa nova estiver organizada, ela e papai vão nos visitar assim que possível. Eles planejam viajar pelo novo serviço "Canguru" da Qantas. Você sabia que é possível chegar a Londres em apenas 63 horas, voando em um Lancastrian? Ela me pediu para perguntar o endereço da sua mãe, para que possa mandar o resto dos meus pertences quando eu já estiver na Inglaterra. Tenho certeza de que eles vão ficar mais tranquilos com relação a tudo depois de conhecer seus pais. Eles parecem achar que vou parar numa cabana de barro em algum lugar na zona rural inglesa.

Seja como for, meu querido, aqui estou, praticando minha assinatura, me lembrando de responder quando me chamarem de "Senhora" e ainda me acostumando a usar uma aliança no dedo. Foi muito decepcionante não podermos ter uma lua de mel adequada, mas realmente não me importo com o local, contanto que seja ao seu lado. Vou encerrar a carta agora, pois passarei a tarde no Clube das Esposas Americanas em Woolloomooloo para descobrir do que vou precisar para a viagem. As esposas norte-americanas recebem todas as informações

necessárias, ao contrário de nós, pobres esposas inglesas (não é incrível dizer isso?). Bem, se eu tiver que ouvir mais uma versão de "Quando um cara do Alabama conhece uma garota de Gundagi", acho que darei um jeito de criar asas para voar até você.

Cuide-se, meu amor, e me escreva assim que tiver um tempo livre.

Sua Avice

Nos quatro anos desde sua criação, o Clube das Esposas Americanas promovia reuniões a cada duas semanas em uma elegante casa de estuque bem próximo do Jardim Botânico Real. No início, o objetivo era ajudar as jovens que vinham de Perth ou de Canberra durante as intermináveis semanas de espera pela autorização para viajarem até seus maridos americanos. O Clube as ensinava a confeccionar colchas de patchwork, a cantar o hino nacional dos Estados Unidos, e ainda dava conselhos básicos para as que estivessem grávidas ou amamentando. Também ajudava as que não sabiam dizer se estavam paralisadas pelo medo da viagem longa ou pela possibilidade de nunca conseguir embarcar.

Nos últimos tempos, o clube tinha perdido sua característica puramente americana: no ano anterior, o *U.S. War Brides Act*, decreto que permitia a entrada nos Estados Unidos de esposas estrangeiras de soldados americanos, havia precipitado a partida de doze mil mulheres recém-batizadas de "esposas australianas", portanto o patchwork fora substituído por tardes de *bridge* e conselhos sobre como encarar a comida inglesa e o racionamento.

Muitas das jovens esposas que frequentavam o clube se hospedavam com famílias de Leichhardt, Darlinghurst ou nos subúrbios. Elas estavam em uma situação estranha, pois a vida que levavam na Austrália ainda não havia terminado e a que as esperava ainda não começara. Enquanto isso, focavam nas minúcias de um futuro que conheciam pouco e sobre o qual não tinham controle. Não causava surpresa, portanto, que os encontros quinzenais abordassem sempre um único assunto.

— Uma conhecida minha de Melbourne viajou numa cabine de primeira classe no *Queen Mary* — contou uma jovem de óculos.

O navio havia sido considerado o Santo Graal dos transportes. A Austrália não parava de receber cartas com relatos das glórias da famosa embarcação.

— Ela escreveu que passava quase o tempo todo se bronzeando na beira da piscina. Contou que havia jantares dançantes, salões de jogos, tudo. E as mulheres usavam vestidos fantásticos feitos no Ceilão. O único problema era que ela precisava dividir a cabine com uma jovem senhora e seus filhos. Um horror. Havia marcas de dedos sujos nas suas roupas e, além disso, ela era obrigada a acordar às cinco e meia da manhã, hora em que o bebê começava a chorar.

— Filhos são uma bênção — argumentou a Sra. Proffit, em tom afável, enquanto verificava a costura de um chapéu verde na cabeça de um macaco marrom de pelúcia.

Naquele dia, elas estavam preparando presentes para as crianças vítimas dos bombardeios de Londres. Uma das jovens havia recebido da sogra inglesa o livro *Dicas úteis e práticas*. Para o encontro da semana seguinte, a Sra. Proffit tinha programado ensinar como fazer um colar com anilhas de identificar galinhas e um robe com antigos corpetes de renda.

— Sim, filhos são uma bênção — repetiu ela, lançando a todas um olhar afetuoso. — Um dia vocês vão entender.

— E não ter filhos é a maior bênção de todas — murmurou a jovem de olhos castanhos ao lado de Avice.

O comentário foi acompanhado de uma cutucada bastante vulgar com o cotovelo.

Se fossem outros tempos, Avice não teria passado nem cinco minutos na companhia daquela mistura peculiar de mulheres. Algumas pareciam ter desembarcado diretamente do interior, ainda com poeira vermelha nos

sapatos… Ou, na verdade, pareciam ter passado muitas horas aguentando palestras intermináveis de alguma solteirona de meia-idade que vira na guerra uma forma de animar um pouco o que provavelmente havia sido uma vida melancólica. Mas já fazia quase dez dias que ela estava em Sydney com o amigo do seu pai, Sr. Burton, a única pessoa que ela conhecia ali, e o Clube das Esposas se tornara sua única forma de contato social. (Ela ainda não sabia ao certo como explicar ao pai o comportamento do Sr. Burton. Embora houvesse tido que dizer pelo menos quatro vezes que era uma mulher casada, parecia não fazer a mínima diferença para ele.)

Havia outras doze jovens no encontro daquele dia. Poucas tinham passado mais de uma semana com os maridos, e mais da metade não os vira durante a maior parte do ano. O repatriamento de tropas por navio era uma prioridade. As "esposas desparceiradas", como passaram a ser conhecidas, não eram. Algumas haviam preenchido os formulários mais de um ano antes, e desde então quase não receberam mais notícias. Pelo menos uma, cansada das suas acomodações precárias, tinha desistido e voltado para casa. As outras continuavam esperando, estimuladas por uma esperança cega, pelo desespero, pelo amor ou, na maioria dos casos, por uma mistura dos três sentimentos.

Avice foi a última a entrar no grupo. Ao ouvir as outras contarem as histórias das famílias que as abrigavam, agradeceu em silêncio aos pais pela excelente acomodação do hotel. Seu entusiasmo teria sido muito menor se ela tivesse sido forçada a se hospedar com algum casal de velhos rabugentos. Do jeito que estava, a situação se tornava um pouco menos emocionante a cada dia.

— Se essa Sra. Tidworth me perguntar mais uma vez "Ah, querida, ele ainda não mandou buscar você?", juro que vou partir para cima dela.

— Essa velha desgraçada adora perguntar isso. Fez a mesma coisa com Mary Knight quando ela se hospedou lá. Tenho certeza de que, na

verdade, o que ela quer é que a gente receba um telegrama dizendo: "Não venha."

— É o tipo de demonstração de pena que não consigo suportar.

— Você não deve esperar por muito tempo, não é?

— Quando será que chega o próximo?

— Daqui a cerca de três semanas, mais ou menos, segundo a ordem de embarque que recebi — respondeu a jovem de olhos castanhos.

Achou que talvez ela tivesse dito que se chamava Jean, mas Avice era péssima com nomes e os esquecia assim que era apresentada a alguém.

— Seria ótimo se fosse um navio tão bom quanto o *Queen Mary* — continuou a jovem. — Tinha até salão de beleza com secador de cabelo. Estou desesperada para arrumar direito meu cabelo antes de rever Stan.

— Ela foi uma mulher fantástica, a Queen Mary — disse a Sra. Proffit na outra ponta da mesa. — Uma verdadeira dama.

— Já recebeu sua ordem de embarque? — perguntou uma jovem sardenta, franzindo as sobrancelhas para Jean.

— Na semana passada.

— Mas você não tem prioridade. Inclusive, disse que só mandou os papéis um mês atrás.

Houve um breve silêncio. Ao redor da mesa, várias garotas trocaram olhares, mas logo voltaram a se concentrar nos bordados. A Sra. Proffit ergueu os olhos. Ela parecia ter percebido que o clima pesara um pouco de repente.

— Alguém precisa de mais linha? — perguntou, espiando por cima dos óculos.

— Bem, às vezes a pessoa tem sorte — respondeu Jean antes de pedir licença para sair da mesa.

— Como foi que ela conseguiu? — perguntou a sardenta, virando-se para as duas mulheres perto dela. — Já faz quase quinze meses que estou esperando, e ela já vai embarcar no próximo navio? Como isso pode estar

certo? — Seu tom de voz ficava cada vez mais incisivo por causa da injustiça da situação.

Avice fez uma anotação mental de que seria melhor não mencionar a autorização que recebera.

— Ela está esperando um bebê, não é? — murmurou outra garota.

— O quê?

— Jean. Ela está grávida. E sabem de uma coisa? Os americanos não permitem o embarque depois que a mulher passa dos quatro meses.

— Quem está bordando o pinguim? — perguntou a Sra. Proffit. — Vocês vão ter que guardar linha preta para quem estiver fazendo o pinguim.

— Esperem aí — interrompeu uma ruiva que enfiava linha na agulha. — Stan, o marido dela, foi embora em novembro. Ela disse que ele estava no mesmo navio que o meu Ernie.

— Então não tem como ela estar grávida.

— Ou está… e…

Os olhos de todas se arregalaram e se encontraram, o que foi acompanhado de estranhas risadas.

— Sarah, querida, que tal fazer um pequeno canguru?

A Sra. Proffit abriu um grande sorriso para as garotas e tirou da sua bolsa de pano vários pedaços de feltro bege.

— Esses filhotes de canguru são muito fofos, não acham?

Vários minutos mais tarde, Jean voltou à sua cadeira e cruzou os braços de forma agressiva. Ao perceber que não era mais o assunto da conversa, pareceu relaxar, embora devesse ter questionado o motivo da repentina concentração das outras mulheres na confecção dos brinquedos.

— Conheci Ian, meu marido, em um chá dançante — contou Avice, numa tentativa de quebrar o silêncio. — Fiz parte do comitê de recepção a jovens senhoras, e ele foi o segundo homem a quem ofereci uma xícara de chá.

— Foi só isso que ofereceu a ele? — Jean fizera a pergunta. Ela devia saber.

— Pelo que ouvi dizer, não me parece que a ideia que a maioria das pessoas tem sobre hospitalidade seja igual à sua — retrucou ela.

Avice se lembrava de que ficara corada enquanto servia o chá. Ele não desviara os olhos dos seus tornozelos, dos quais, aliás, ela sentia grande orgulho.

Suboficial Ian Stewart Radley. Vinte e seis anos, cinco a mais que ela, diferença que Avice considerava ideal. Ele era alto, tinha boa postura, olhos da cor do mar e um elegante sotaque britânico. Suas mãos grandes e macias a tinham feito estremecer na primeira vez que roçaram nas dela, embora ele estivesse apenas lhe oferecendo um biscoito. Ele a convidara para dançar, apesar de não haver ninguém na pista e, como era um oficial do Exército, ela achara que seria uma desfeita recusar. O que custava dançar um pouco com um homem que todos os dias enfrentava diretamente a morte?

Menos de quatro meses depois, se casaram em uma cerimônia elegante no cartório civil de Collins Street. O pai ficara desconfiado e fizera a esposa perguntar à filha — com discrição, numa conversa de mulher para mulher, é claro — se havia outro motivo para um casamento tão apressado além da iminente partida de Ian. Ele dissera ao pai dela, de forma muito respeitosa, que ficaria feliz em esperar, se esse fosse o desejo dele e da mãe de Avice, que jamais faria qualquer coisa para contrariá-los. A menina, no entanto, estava decidida a se tornar a Sra. Radley. A guerra acelerara tudo, encurtando o tempo que costumava ser destinado a esse tipo de acontecimento. E ela sabia, desde aquela primeira xícara de chá, que não havia outro homem no mundo com quem poderia pensar em se casar, ninguém mais a quem ela consideraria oferecer seus diversos dons.

— Mas não sabemos nada sobre ele, querida — dissera a mãe, contorcendo as mãos.

— Ele é perfeito.

— Você sabe que não é disso que estou falando.

— Do que mais precisa saber? Ele está na linha de defesa de Brisbane, não é mesmo? Ter protegido nosso país, arriscando a própria vida a vinte mil quilômetros de casa para nos salvar dos japoneses, não o faz merecer minha mão?

— Não precisa ser melodramática, querida — dissera seu pai.

Eles tinham cedido, sem dúvida. Como sempre faziam. Sua irmã Deanna ficara furiosa.

— Meu Johnnie estava hospedado com minha tia Vi — contou outra jovem. — Eu achava ele tão lindo! Entrei sorrateiramente no quarto dele na segunda noite que passou lá, e deu nisso…

— É melhor mesmo resolver tudo depressa — acrescentou outra, provocando risadas estridentes. — Marcar o território.

— Ainda mais se Jean estiver por perto.

Até Jean achou graça no comentário.

— Então, quem quer aprender a fazer um destes lindos colares? — A Sra. Proffit segurava uma corrente com anéis de alumínio de tamanhos variados. — Tenho certeza de que é isto que as damas mais elegantes estão usando na Europa.

— Na próxima semana aprenderemos a transformar mantas de cavalo em elegantes capas para usar à noite.

— Ouvi isso, Edwina — disse a Sra. Proffit, colocando com cuidado o colar em cima da mesa.

— Desculpe, Sra. P., mas se meu Johnnie me visse usando uma coisa dessas, ficaria sem saber se deveria me beijar ou conferir meu traseiro para ver se eu havia colocado um ovo.

Houve uma explosão de gargalhadas, quase como uma crise de histeria, contida apenas a grande custo.

A Sra. Proffit suspirou e largou seu artesanato. Isso já era de se esperar, conforme a data do embarque se aproximava, mas aquelas meninas conseguiam ser muito desgastantes!

* * *

— Então, quando você embarca?

A casa da família que hospedava Jean ficava a duas ruas de distância do hotel Wentworth, por isso ela e Avice seguiram juntas pelo caminho de volta, a passo lento. Apesar da aparente antipatia mútua, as meninas relutavam em ficar sozinhas nos seus quartos mais uma noite.

— Avice, sua autorização de embarque é para quando?

Ela ficou em dúvida se devia ou não revelar a verdade. Tinha certeza absoluta de que Jean, imatura e vulgar, não era o tipo de pessoa com quem geralmente gostaria de se relacionar, ainda mais se o que haviam dito sobre sua situação fosse verdade. Mas Avice também não costumava guardar pequenos segredos, e passar a tarde inteira sem contar sobre seus planos já demandara um enorme esforço.

— Igual à sua. Para daqui a três semanas. Qual é o nome do navio? *Victoria?*

— É uma droga, não é?

Jean acendeu um cigarro, colocando as mãos em concha para evitar que a brisa do mar o apagasse. Por reflexo, ofereceu um para Avice, que franziu o nariz e recusou.

— O que foi que você disse?

— Que esse navio é uma droga. Tem gente que viaja no *Queen Mary*, mas nós vamos numa lata velha.

Um carro passou devagar por elas e dois soldados se penduraram para fora das janelas e gritaram grosserias. Jean sorriu para eles e acenou com a mão que segurava o cigarro, enquanto o carro desaparecia na esquina.

Avice se colocou na frente dela.

— Desculpe, mas não estou entendendo o que você quer dizer.

— Você não ouviu a Sra. Proffit? Que é casada com o comandante?

Avice negou com a cabeça.

Jean deu um sorriso amarelo.

— Bem, não acredito que o que nos espera seja exatamente salões de beleza ou cabines de primeira classe. Nosso *Victoria* é um maldito porta-aviões.

Avice passou um instante encarando a outra garota, depois sorriu. Era o tipo de sorriso que ela reservava para quando os empregados da sua casa faziam alguma coisa particularmente idiota.

— Acho que você deve estar enganada, Jean. Senhoras não viajam em porta-aviões. — Ela comprimiu os lábios enquanto deixava a fumaça escapar. — Além disso, não haveria espaço para todas nós.

— Você realmente não sabe nada, não é?

Avice controlou sua raiva por estar sendo tratada dessa maneira por alguém que devia ser pelo menos cinco anos mais nova do que ela.

— Eles não têm mais nenhum transporte decente. Vão nos enfiar em qualquer coisa para nos fazer chegar lá. Acho que pensam que quem quiser realmente ir se contentará com qualquer navio que eles oferecerem.

— Tem certeza disso?

— Até a velha Sra. P. parecia um pouco apreensiva. Acho que ela estava com medo de que suas meninas chegassem na Inglaterra com macacões e cobertas de combustível. Não é exatamente a impressão que ela quer que a elite australiana passe.

— Um porta-aviões?

Avice sentiu uma leve vertigem. Procurou a mureta mais próxima e se sentou. Jean se acomodou ao lado dela.

— Isso mesmo, um porta-aviões. Nunca me preocupei em perguntar o nome. Só imaginei que… Bem, devem ter feito algumas pequenas modificações, é claro.

— Mas onde vamos dormir?

— Não faço ideia. No convés, com os aviões?

Avice arregalou os olhos.

— Meu Deus, Avice, você é ainda mais ingênua do que eu pensava — observou Jean, que apagou o cigarro, se levantou e seguiu em frente.

Talvez fosse imaginação sua, mas Avice teve a impressão de que Jean estava sendo cada vez mais grosseira.

— Eles vão encontrar um jeito de nos acomodar lá. De qualquer modo, vai ser melhor do que ficar ainda mais tempo aqui. Teremos uma cama, comida, e a Cruz Vermelha vai tomar conta de nós.

— Ah, acho que não.

Em seguida, o rosto de Avice ficou sombrio. Então ela resolveu apressar o passo. Se ligasse logo, talvez conseguiria falar com o pai antes que ele fosse para o clube.

— O que quer dizer com isso?

— Não tenho condições de viajar numa coisa dessas. Meus pais não aceitariam, para início de conversa. Eles estavam achando que eu ia fazer a travessia de navio. Num daqueles que tinham sido requisitados para transporte, sabe. Essa foi praticamente a única razão para eles permitirem que eu fosse.

— Em tempos de guerra precisamos aceitar o que nos oferecem, garota. Você sabe disso.

Eu não, disse Avice para si mesma, correndo na direção do hotel. Não, não ela, cuja família era a maior fabricante de rádios de Melbourne.

— Também vão nos fornecer uniformes de mecânicos, caso algum avião precise de manutenção.

— Não estou achando muita graça nisso, na verdade.

— Mas devia rir.

Vá embora, garota repugnante, pensou Avice. Eu não colocaria o pé no mesmo navio que você nem para dar a volta na Baía de Sydney, ainda que fosse o *Queen Mary*.

— Não se preocupe, Avice. Tenho certeza de que vão conseguir encaixá-la em uma cabine de primeira classe na sala das caldeiras!

Na metade do caminho, ela ainda conseguia ouvir as palavras desagradáveis de Jean.

* * *

— Mamãe?

— Avice, querida, é você? Wilfred! É Avice!

Ela ouviu sua mãe gritando no corredor, podia imaginá-la na cadeira ao lado do telefone, o tapete persa sob seus pés, o sempre presente vaso de flores na mesinha ali perto.

— Como está, querida?

— Estou bem, mamãe, mas preciso falar com papai.

— Sua voz não parece boa. Você está bem mesmo?

— Estou.

— Ian mandou alguma notícia?

— Mãe, preciso falar com papai.

Avice se esforçou para não deixar sua impaciência transparecer na voz.

— Você vai me contar se acontecer alguma coisa?

— É minha princesinha?

— Ah, papai, graças a Deus. Tem um problema.

O pai permaneceu calado.

— Com o transporte.

— Falei pessoalmente com o comandante Guild. Ele me prometeu que você embarcaria no próximo…

— Não, não é isso. Ele me colocou em um navio.

— Qual é o problema, então?

Ela ouviu a mãe murmurar atrás do marido:

— Deve ser Ian. Aposto que é Ian.

Em seguida, Deanna acrescentou:

— Ele disse para ela não ir?

— Diga às duas que não tem nada a ver com Ian. O problema é o navio.

— Não estou entendendo, princesa.

— É um porta-aviões.

— O quê?

— Maureen! — sibilou ele. — Fique quieta. Não consigo ouvir uma palavra do que ela está dizendo.

Avice suspirou.

— É isso mesmo. O navio é um porta-aviões. Querem nos mandar para a Inglaterra em um *porta-aviões*.

Houve um breve silêncio.

— Querem que ela viaje em um porta-aviões — explicou o homem para a esposa.

— O quê? De avião?

— Não, sua burra. Em um navio que transporta aviões.

— Um navio de guerra?

Avice conseguia visualizar a mãe cambaleando, horrorizada. Deanna começou a rir. Era de se esperar: ela não havia perdoado Avice por ter se casado primeiro.

— O senhor vai ter que me colocar em outro navio — insistiu Avice. — Fale com quem arrumou um lugar para mim e diga que preciso viajar de outro jeito. Arranje outro navio.

— Você nunca falou nada sobre um porta-aviões! — exclamou a mãe. — Ela não pode viajar numa coisa dessas. Não com todos aqueles aviões

decolando do convés o tempo inteiro. Vai ser perigoso!

— Pai?

— Eles afundaram o *Vyner Brooke*, não foi? — protestou a mãe. — Os japoneses podem tentar afundar o porta-aviões do mesmo jeito.

— *Cale* a boca, Maureen.

— Qual é o problema? Você vai ser a única mulher a bordo, princesa?

— Eu? Ah, não, mais ou menos seiscentas mulheres vão viajar — respondeu Avice, franzindo a testa. — É só porque vai ser horrível. Vão nos fazer dormir em colchonetes e não teremos nenhum conforto. Além disso, papai, o senhor precisava ver o tipo de gente que vai viajar comigo… O linguajar delas! Nem consigo repetir…

A mãe se intrometeu na conversa:

— Eu sabia, Avice. Esse pessoal não é como você. Não acho que seja uma boa ideia.

— Papai, pode resolver isso?

O pai suspirou fundo.

— Bem, não é tão fácil assim, princesa. Precisei mexer alguns pauzinhos para conseguir colocá-la a bordo. E a maioria das mulheres já foi, de todo modo. Não sei quantos navios mais eles vão mandar.

— Bem, então me mande de avião. Posso voar de Qantas.

— Não é fácil assim, Avice.

— Não posso ir nesse navio horrível!

— Escute, filha, paguei muito caro para você viajar, entende? E estou desembolsando muito mais para hospedá-la nesse hotel só porque você não quer ficar nas acomodações da Marinha. Não posso pagar ainda mais por um voo até Blighty só porque você não gosta das instalações do navio.

— Mas, pai…

— Querida, eu adoraria ajudar, de verdade, mas você não faz ideia de como foi difícil conseguir um lugar no navio.

— Mas, pai! — Ela bateu o pé, e a recepcionista ergueu os olhos na sua direção. Então Avice baixou o tom: — Sei o que o senhor está fazendo… Não ache que não sei por que está se recusando a me ajudar.

A mãe se intrometeu e falou, com a voz firme:

— Avice, você tem razão. Acho que essa história de navio é uma péssima ideia.

— Acha mesmo?

Ela teve uma centelha de esperança. A mãe entendia a importância de uma viagem confortável. Sabia que as coisas deviam ser feitas corretamente. O que Ian pensaria se ela desembarcasse com a aparência de uma trabalhadora braçal?

— Sim. Acho que você deve voltar para casa logo. Pegue logo o primeiro trem amanhã de manhã.

— Para casa?

— Há incertezas demais nisso tudo. Essa história de porta-aviões me parece terrível, e você não recebe notícias de Ian há não sei quanto tempo…

— Ele está no mar, mãe.

— …sem contar que tudo parece conspirar contra você. Esqueça essa história toda, querida, e volte para casa.

— O quê?

— Você não sabe nada sobre a família desse homem. Nada. Sequer faz ideia se haverá alguém à sua espera do outro lado do mundo. Isso se o tal navio de guerra chegar lá algum dia. Volte para casa, querida, e resolveremos tudo daqui. Muitas garotas mudam de ideia. Lemos isso todos os dias nos jornais.

— Muitas garotas também são abandonadas — gritou Deanna.

— Sou casada, mãe.

— E tenho certeza de que encontraremos uma solução para isso. Quer dizer, na realidade, quase ninguém sabe.

— O quê?

— Bem, foi um casamento feito às pressas, não é mesmo? Pode ser anulado ou algo assim.

Avice não conseguia acreditar.

— Anulado? Que horror! Vocês são dois hipócritas! Eu *sei* muito bem o que estão fazendo. Vocês me colocaram no navio mais antigo e em pior estado que conseguiram encontrar para que eu desistisse da viagem.

— Avice…

— Bem, que pena. Nada disso vai mudar minha opinião sobre Ian.

A recepcionista, que tinha desistido de fingir que não ouvia a conversa, estava atenta, debruçada no balcão. Avice tapou o bocal do telefone e olhou para ela com as sobrancelhas franzidas. Constrangida, a mulher começou a mexer em alguns papéis.

O pai pegou o telefone de volta.

— Ainda está aí? Avice? — perguntou, suspirando fundo. — Olhe, vou mandar um pouco mais de dinheiro para você. Esqueça essa história por um tempo, se quiser. Fique tranquila no Wentworth. Depois voltamos a discutir esse assunto.

Avice ainda ouvia a mãe reclamando ao fundo. A irmã insistia em saber por que ela estava hospedada no melhor hotel de Sydney.

— Não, papai. Diga para mamãe e Deanna que embarcarei nesse maldito navio para encontrar meu marido. Eu mesma darei um jeito de chegar lá, ainda que isso signifique nadar em combustível e ficar no meio de marinheiros fedorentos, porque eu amo ele. *Amo ele*. Não vou mais ligar, mas o senhor pode dizer a ela… Pode dizer para a minha mãe que vou avisar quando chegar do outro lado do mundo. Quando Ian, meu marido, estiver comigo.

3

Para se qualificar para o Serviço de Enfermagem do Exército Australiano, a candidata precisa ser enfermeira diplomada e registrada, cidadã britânica, solteira, sem dependentes… ter boa saúde, bom caráter e os atributos pessoais indispensáveis para a formação de uma eficiente enfermeira do Exército.

JOAN CROUCH, "UM TIPO ESPECIAL DE SERVIÇO",
A HISTÓRIA DO HOSPITAL GERAL DA AUSTRÁLIA,
2º BATALHÃO, 9ª COMPANHIA 1940-46

MOROTAI, ILHAS HALMAHERAS
PACÍFICO SUL, 1946
UMA SEMANA PARA O EMBARQUE

A lua cheia de Morotai iluminava, com sua claridade melancólica, a noite tranquila. O calor era tão sufocante que nem a suave brisa do mar, que em geral soprava através dos biombos de sisal, conseguia atenuar. As folhas das palmeiras pendiam, flácidas. O único som era o ruído seco quando um coco caía no chão. Não havia ninguém para arrancar os maduros, que despencavam sem controle, um risco para os imprudentes.

No momento, a ilha estava quase toda imersa na escuridão, a não ser por algumas luzes que piscavam nos prédios ao longo da estrada que se estendia por toda a península. Nos últimos cinco anos, aquela área da ilha tinha sido invadida pelo tráfego das Forças Aliadas. O rugido dos motores dos aviões e a explosão dos gases de escape estavam sempre presentes, mas naquele instante o silêncio dominava a noite tranquila, interrompido

apenas por algumas risadas distantes, pelo chiado de um gramofone e pelo quase inaudível tilintar de copos.

No interior da tenda das enfermeiras, a algumas centenas de metros do pavilhão que servira como base americana, a enfermeira-chefe Audrey Marshall, do Hospital Geral da Austrália, acabava de fazer seus registros no Diário de Guerra da Unidade.

— Autorizações para evacuação do navio dos prisioneiros de guerra do hospital de Morotai recebidas.
— Autorizações de movimentação para enviar à unidade: 12 prisioneiros de guerra e uma enfermeira transferidos amanhã para a Austrália, no Ariadne.
— Situação dos leitos: ocupados 12, vazios 24.

Ela observou os dois últimos números e pensou nos diversos anos em que aqueles dados haviam sido invertidos. Pensou também nas centenas de dias em que precisara preencher mais uma coluna: "falecidos". A tenda era uma das poucas ainda abertas: quarenta e cinco das cinquenta e duas já estavam fechadas. Os pacientes haviam sido entregues às suas famílias na Inglaterra, Austrália ou até Índia, as enfermeiras tinham retornado à vida civil, e os mantimentos em estoque aguardavam para serem vendidos às autoridades holandesas que ocupavam o território. O *Ariadne* seria o último navio de assistência hospitalar e carregaria um grupo variado de homens, alguns dos últimos prisioneiros de guerra a deixar a ilha. A partir daquele momento, ela teria que lidar apenas com eventuais acidentes de carro e doenças da população civil, até que também recebesse a ordem de voltar para casa.

— A enfermeira Frederick me pediu para avisá-la que o sargento Wilkes está dançando foxtrote com a enfermeira Cooper no centro cirúrgico… Ela já caiu duas vezes.

A enfermeira Gore enfiara a cabeça na abertura da cortina na porta. Seu rosto, sempre corado por causa do calor, estava quase vermelho de animação e por causa da dose de uísque que havia bebido. Com o hospital

prestes a ser abandonado, as jovens estavam descontraídas e brincalhonas: cantavam e interpretavam cenas de filmes antigos para entreter os homens. O recato e a autoridade de antes tinham evaporado na umidade do ar. Embora, a rigor, elas ainda estivessem a serviço, Audrey Marshall não teve coragem de repreendê-las… Não depois do que haviam passado nas últimas semanas. Ela não conseguia esquecer seus rostos extenuados e abalados quando os primeiros prisioneiros de guerra chegaram de Bornéu.

— Vá lá e diga para aquela maluca trazê-lo de volta. Para mim, pouco importa que ela se machuque ou não, mas só faz quarenta e oito horas que Wilkes conseguiu voltar a se manter em pé. Não queremos que ele quebre uma perna e piore ainda mais seu estado.

— Farei isto, chefe.

A jovem saiu e a cortina caiu toda molenga. Um instante depois, seu rosto reapareceu.

— Você também vem? Os rapazes estão querendo saber onde você está.

— Vou daqui a pouco, enfermeira — respondeu, fechando o livro de registros e se levantando do banco dobrável. — Vá na frente.

— Sim, chefe.

Dando um sorriso, ela saiu.

Audrey Marshall conferiu seu cabelo no pequeno espelho pendurado acima da pia, depois secou o rosto com uma toalha. Deu um tapa em um mosquito que pousara na parte posterior do seu braço, alisou com as mãos a calça cinza de algodão e saiu, deixando para trás a área das enfermeiras. Passou pelo centro cirúrgico, que felizmente já estava em silêncio, e seguiu em direção ao Pavilhão G, pensando no raro prazer que era ouvir risadas e música em vez dos gritos de feridos.

* * *

A maior parte dos leitos da grande tenda conhecida como Pavilhão G tinha sido colocada no fundo, para que os homens ainda de cama conseguissem ver metade do espaço que se transformara em uma pista de dança de areia. Em um canto, em cima de uma escrivaninha, um gramofone reproduzia com som rouco as canções que haviam sobrevivido aos arranhões dos diversos anos de areia e uso excessivo. Um bar improvisado fora montado na sala de primeiros socorros, e os suportes para frascos de soro passaram a servir de apoio para garrafas de uísque e cerveja.

Naquela noite, muitos estavam sem uniforme: as mulheres vestiam blusas claras e saias floridas, os homens usavam camisas com calças que precisavam ser apertadas na cintura com cintos finos. Várias enfermeiras dançavam na pista, algumas com as próprias colegas, e outras com os últimos funcionários e fisioterapeutas da Cruz Vermelha, que se atrapalhavam toda vez que tentavam fazer passos mais elaborados. Um casal parou de dançar quando Audrey Marshall entrou, mas ela balançou a cabeça para que continuassem.

— Acho que chegou a hora da minha ronda final — anunciou ela, com um tom de voz falsamente severo, o que provocou uma reação divertida nas pessoas dentro da tenda.

— Vamos sentir sua falta, chefe — disse o sargento Levy, emocionado, no canto.

Ela conseguia ver apenas parte do seu rosto atrás das pernas suspensas, ainda engessadas.

— Vocês vão sentir falta dos banhos na cama, isso sim — sugeriu um dos seus companheiros.

Mais risadas.

Ela percorreu os leitos enfileirados, verificando a temperatura dos que estavam com suspeita de dengue, erguendo os curativos para examinar lesões tropicais que se recusavam a cicatrizar.

Aquele grupo não parecia muito mal. No início do ano, quando os prisioneiros de guerra indianos chegaram, até ela tivera pesadelos durante semanas. Não conseguia esquecer os ossos quebrados, os graves ferimentos de baioneta, os estômagos famintos, dilatados. Reduzidos a uma condição quase desumana, vários Sikhs tinham agredido as enfermeiras enquanto elas tentavam curá-los. Ao longo dos anos, eles haviam se acostumado com a brutalidade e, no estado de fraqueza em que estavam, eram incapazes de imaginar um tratamento diferente. As enfermeiras tinham chorado depois, em suas tendas, principalmente pelo destino dos homens que os japoneses haviam superalimentado de propósito ao deixarem os campos de refugiados, e que haviam sofrido mortes dolorosas depois de sentirem o primeiro gosto da liberdade.

Alguns dos Sikhs sequer podiam ser considerados homens: pesavam tão pouco que, mudos ou delirantes, bastava uma única enfermeira para carregá-los nos braços. Durante semanas, elas os haviam alimentado como bebês recém-nascidos: a cada duas horas davam porções de leite em pó, seguidas de purê de batata em colheradas de chá, coelho picado e arroz cozido, na tentativa de fazer seus sistemas digestivos voltarem a funcionar. Elas tinham enfaixado cabeças esqueléticas, limpado migalhas de comida de lábios rachados, convencendo pouco a pouco os homens, com sussurros e sorrisos, de que aquilo não indicava que algum ato de violência estava por vir. Gradualmente, apesar dos olhos fundos e tristes por causa de tudo o que tinham visto, eles começaram a entender aonde haviam chegado.

As enfermeiras haviam ficado tão comovidas com aquele sofrimento, com a demonstração silenciosa de gratidão e com o fato de muitos não receberem notícias de casa havia anos que, algumas semanas mais tarde, pediram para um dos intérpretes ajudá-las a preparar um prato com curry para os que tivessem condições de digerir. Nada muito elaborado, apenas um pouco de carne de carneiro e condimentos, além de pedaços de pão indiano para acompanhar o arroz cozido. Serviram a refeição em bandejas

decoradas com flores. Para elas, parecia importante convencer aqueles homens de que ainda havia um pouco de beleza no mundo. No entanto, quando as enfermeiras entraram no pavilhão e colocaram orgulhosamente as bandejas na frente dos ex-prisioneiros de guerra, muitos deles se debulharam em lágrimas, menos capazes de suportar tamanha gentileza do que os trabalhos pesados e os golpes.

— Toma um drinque com a gente, chefe?

O comandante ergueu a garrafa, convidando-a. A música terminou, e no fundo da tenda ouviu-se um palavrão quando alguém deixou o disco seguinte escapulir das mãos e cair no chão. Por um instante, ela ficou observando o comandante, que não devia estar bebendo devido à medicação que tomava.

— Tomo, sim, comandante Baillie — respondeu ela. — Um drinque pelos homens que não voltarão para casa.

O semblante das mulheres relaxou.

— Aos amigos ausentes — murmuraram as jovens, com os copos erguidos.

— Quem dera se os americanos ainda estivessem aqui — comentou a enfermeira Fisher, enxugando a testa. — Sinto falta daqueles baldes de gelo picado.

Apenas alguns pacientes britânicos continuavam lá.

Houve um murmúrio coletivo de concordância.

— Só quero ir para o mar — afirmou o soldado Lerwick no canto. — Fico sonhando com a brisa.

— Xícaras de chá sem água clorada.

— Cerveja inglesa gelada.

— Nem fale disso, companheiro.

Em geral, um calor como aquele teria deixado todo mundo completamente apático, os doentes ficariam cochilando na cama, as enfermeiras circulariam devagar entre eles, secando os rostos úmidos com

toalhas frias, verificando se havia feridas, infecções, disenteria. Contudo, a partida iminente dos prisioneiros de guerra, o fato de estarem se restabelecendo, de que simplesmente continuavam ali, havia modificado o ambiente. Talvez fosse a súbita percepção de que unidades que tinham permanecido juntas por muito tempo, grupos que haviam criado elos estreitos ajudando uns aos outros a enfrentar o horror dos últimos anos, estavam prestes a se dispersar, a ficarem separados por quilômetros, em alguns casos por continentes, e talvez nunca mais se reencontrassem.

Diante daquelas pessoas, Audrey Marshall sentiu um nó na garganta. Era uma sensação tão rara que, por um instante, ela mesma ficou perplexa. De repente, compreendeu a necessidade que as jovens tinham de se divertir, a determinação dos homens de beber, dançar e passar aquelas últimas horas juntos, partilhando alegria, ainda que um pouco forçada.

— Quer saber de uma coisa? — começou ela, apontando para o tubo de soro com as bebidas, no canto, onde um dos fisioterapeutas tomava cerveja com a ajuda de sua mão artificial. — Sirva uma dose dupla para mim.

Não muito tempo depois, eles começaram a cantar *Shenandoah*. As vozes agudas e lubrificadas pela bebida atravessaram a lona e seguiram para o céu noturno.

Foi na metade do refrão que a jovem entrou. De início, Audrey não a viu: talvez o uísque tivesse entorpecido seu senso de observação, que em geral garantia que ela não perdesse um único detalhe. Mas enquanto soltava a voz para acompanhar a canção e admirava os homens que se recuperavam cantando em seus leitos, e as enfermeiras emocionadas, abraçadas umas às outras e com os olhos cheios d'água, ela notou uma súbita frieza no ar, e olhares de soslaio que indicavam que alguma coisa mudara.

Ela estava parada na porta, e seu rosto sardento e pálido como porcelana não demonstrava qualquer emoção. Seus ombros magros se sobressaíam sob o uniforme enquanto ela observava o interior da tenda.

Carregava uma mala pequena e uma mochila. Não era muita coisa depois de seis anos no Hospital Geral da Austrália. Ela ficou olhando o interior da tenda lotada como se não tivesse certeza se deveria entrar, como se de repente pudesse mudar de ideia. Então percebeu que Audrey Marshall olhava para ela e se aproximou devagar, parando o mais perto possível da lateral da tenda.

— Já arrumou suas coisas?

Ela hesitou antes de responder:

— Vou embarcar no navio de assistência hospitalar esta noite, chefe, se você estiver de acordo. Poderei ajudar um pouco, com tantos homens doentes.

— Não me pediram nada — respondeu Audrey, tentando não demonstrar tristeza.

A menina olhou para o chão.

— Eu… eu me ofereci. Espero que não se importe. Achei que poderia ser mais útil… que provavelmente você não precisasse mais de mim aqui.

Era difícil escutá-la por causa da música.

— Não quer ficar e tomar um último drinque com a gente?

Assim que fez o convite, Audrey se deu conta de que não sabia por que dissera aquilo. Durante os quatro anos em que haviam trabalhado juntas, a enfermeira Mackenzie nunca demonstrara interesse por festas. Agora ela provavelmente entendia o motivo.

— É muita gentileza sua, mas, não, obrigada.

Ela já olhava para a porta, como se calculasse quanto tempo levaria para ir embora.

Audrey pensou em insistir: não queria deixá-la ir embora daquele jeito, não queria que seus anos de serviço acabassem daquele modo. Entretanto, enquanto tentava encontrar as palavras certas, percebeu que grande parte das garotas havia parado de dançar. Várias estavam reunidas em grupos, com olhares frios e avaliadores.

— Eu gostaria de dizer… — começou ela, mas um dos homens a interrompeu.

— É a enfermeira Mackenzie? Está escondendo ela aí, chefe? Vamos, colega, não pode ir embora sem uma despedida adequada.

O soldado Lerwick tentava sair da cama. Já colocara os pés no chão e começava a se erguer apoiando uma das mãos na cabeceira de ferro.

— Não vá, enfermeira. Você me fez uma promessa, lembra?

Audrey reparou no sorriso pretensioso que a enfermeira Fisher e as duas garotas ao seu lado trocaram. Olhou para a enfermeira Mackenzie e entendeu que ela também percebera. As mãos da enfermeira Mackenzie seguravam com força suas duas malas. Ela enrijeceu o corpo e disse, baixinho:

— Não posso ficar, soldado. Preciso embarcar no navio de assistência hospitalar.

— Ah, então não vai tomar um drinque com a gente? Um último drinque?

— A enfermeira Mackenzie tem trabalho a fazer, sargento O'Brien — explicou a chefe com firmeza.

— Ah, que pena. Mas pelo menos me dê um aperto de mão.

A jovem deu um passo à frente e cumprimentou os homens que estenderam a mão. A música recomeçara, o que desviou um pouco a atenção que todos prestavam nela. Enquanto ela se despedia, Audrey Marshall reparou nos olhos semicerrados das outras enfermeiras e nos vários homens que deliberadamente lhe viravam as costas. Então andou atrás dela, para garantir que não a segurariam por muito tempo em cada leito.

— Você significou muito para mim, enfermeira.

O sargento O'Brien pegou a mão pálida da jovem entre as suas, com a voz chorosa por causa da bebida.

— Não fiz nada que outra enfermeira não teria feito — respondeu, bruscamente.

— Enfermeira! Enfermeira, venha cá.

O soldado Lerwick estava acenando. Audrey percebeu que ela o tinha visto e depois contou o número de pessoas pelas quais seria necessário passar para chegar até ele.

— Venha, enfermeira Mackenzie. Você me fez uma promessa, está lembrada?

— Na verdade, acho que não…

— Você não quebraria a promessa feita a um homem ferido, não é mesmo?

O rosto abatido do soldado Lerwick tinha uma aparência particularmente cômica. Os homens ao seu redor insistiram em coro:

— Vá, enfermeira, você prometeu.

Então um silêncio profundo tomou conta do local. Audrey Marshall reparou que as outras meninas deram um passo atrás para ver qual seria a reação da enfermeira Mackenzie.

Por fim, para não prolongar ainda mais o mal-estar das jovens, ela interveio:

— Soldado, faça o favor de voltar para sua cama.

Ela andou depressa até onde ele estava sentado.

— Com ou sem promessa, você não está em condições de sair da cama.

— Ah, chefe. Dê um tempo.

Ela estava erguendo a perna do soldado para ajudá-lo a se deitar de novo, quando alguém disse:

— Está tudo bem, chefe.

Ela se virou e viu a jovem parada logo atrás, com o rosto iluminado. Apenas o leve tremor de suas mãos pálidas revelava seu desconforto.

— Eu realmente prometi.

Audrey sentiu, mais do que viu, os olhares das outras mulheres e, apesar do calor, um calafrio percorreu seu corpo.

— Se tem certeza, enfermeira…

Ela era alta, por isso precisou se curvar enquanto ajudava o soldado a se sentar na cama e depois, com o braço sob suas axilas num movimento muitas vezes repetido, o ergueu para que ficasse de pé.

Por um instante, ninguém falou nada. Até que o sargento Levy gritou que queria mais música e alguém fez o gramofone voltar à ativa.

— Vá em frente, amigão — incentivou o homem atrás dela. — Só não pise nos pés dela.

— Eu já não sabia dançar antes — brincou ele, enquanto seguiam devagar para o espaço cheio de areia que servia de pista de dança. — E um quilo de estilhaços de granada nos joelhos não vai ajudar muito.

Começaram a dançar. Audrey ouviu-o dizer:

— Ah, senhorita, não imagina há quanto tempo espero por este momento.

Os homens que continuavam ali perto aplaudiram o casal espontaneamente. Audrey Marshall também aplaudiu, comovida ao ver aquele homem frágil se mantendo de pé, cheio de orgulho, feliz por ter alcançado sua modesta ambição: estar em uma pista de dança com uma mulher em seus braços. Ela observou a enfermeira Mackenzie, que enfrentava o próprio desconforto para agradar ao soldado, os braços magros prontos para apoiá-lo caso perdesse o equilíbrio. Uma moça gentil. Uma boa enfermeira.

Essa era a parte mais triste de ir embora.

A música parou. O soldado Lerwick afundou de volta na cama, agradecido, ainda sorrindo apesar da exaustão visível. Audrey se sentiu triste, pois sabia que aquele pequeno gesto de gentileza deporia contra a enfermeira Mackenzie. Quando a jovem deu uma olhada em busca de sua bagagem, Audrey percebeu que ela também tinha noção disso.

— Acompanho você até a saída, enfermeira — disse, na tentativa de poupá-la de uma exposição maior.

O soldado Lerwick ainda segurava a mão da menina entre as suas.

— Sabemos o que todas vocês, enfermeiras, fizeram, vindo aqui inclusive nos seus dias de folga… Todas se comportaram como… como nossas irmãs. — Ele começou a chorar e, após uma breve hesitação, a enfermeira Mackenzie se curvou sobre ele, pedindo, com um sussurro, que se acalmasse. — É nisso que vou pensar quando me lembrar de você, enfermeira. Em nada mais. Só queria que o pobre Chalkie…

Audrey se posicionou rapidamente entre os dois.

— Tenho certeza de que todos nós somos muito gratos à enfermeira Mackenzie, não é mesmo? E também tenho certeza de que gostaríamos de desejar a ela um futuro brilhante.

Algumas enfermeiras aplaudiram educadamente. Dois homens trocaram um sorriso afetado.

— Obrigada — disse a enfermeira, em voz baixa. — Obrigada. Foi um grande prazer conhecer… todos… vocês.

Ela mordeu o lábio e olhou na direção da porta da tenda, parecendo desesperada para ir embora dali.

— Acompanho você até a saída, enfermeira.

— Cuide-se, enfermeira Mackenzie.

— Dê lembranças nossas aos companheiros que não vieram.

— Peça para minha esposa esquentar meu lado da cama.

Tudo isso foi acompanhado de risadas irreverentes.

Audrey, um pouco aliviada da estranha sensação de angústia que tomara conta dela, observava a cena com satisfação. Semanas antes, alguns daqueles homens não teriam sido capazes de dizer o nome da esposa.

* * *

As duas mulheres caminharam devagar até o navio. Apenas a fricção dos uniformes engomados e o ruído abafado dos sapatos na areia quebravam o silêncio, enquanto os sons da festa sumiam aos poucos. Elas seguiram ao longo da cerca que delimitava o perímetro do acampamento, passaram diante das tendas hospitalares enfileiradas que agora estavam desertas, dos alojamentos de funcionários com telhado de zinco, da cozinha e das privadas.

No portão, balançaram a cabeça, cumprimentando o sentinela, e ele respondeu com uma continência. Já fora do acampamento, percorreram a estrada deserta na direção da extremidade da península, e seus passos ecoaram no asfalto. Alcançaram, por fim, o local em que o navio de assistência hospitalar estava ancorado na água cintilante, iluminado pela lua.

Pararam ao chegar ao posto de controle. A enfermeira Mackenzie observou o navio com atenção e Audrey Marshall se perguntou o que estaria passando naquele momento pela cabeça da jovem. Ela suspeitava que sabia a resposta.

— A viagem até Sydney não é tão demorada, não é? — perguntou a enfermeira, quando o silêncio se tornou constrangedor.

— Não. Não é nem um pouco demorada.

Houve uma quantidade excessiva de perguntas inadequadas, uma quantidade excessiva de respostas banais. Audrey resistiu à vontade de passar o braço pelos ombros da enfermeira Mackenzie, desejando poder exprimir melhor um pouco do que sentia.

— Você está fazendo a coisa certa, Frances — disse ela, por fim. — Se eu fosse você, faria o mesmo.

Frances olhou para ela de frente, encarando-a nos olhos. Ela sempre fora reservada, pensou Audrey, mas nas últimas semanas seu semblante se fechara de vez, como se tivesse sido esculpido em mármore.

— Não ligue para os outros — acrescentou Audrey de repente. — Devem estar com inveja, só isso.

As duas sabiam que não era esse o caso.

— Começar do zero, certo? — sugeriu a jovem, estendendo a mão.

— Começar do zero.

A enfermeira Mackenzie apertou com firmeza a mão de Audrey, que estava fria, apesar do calor. O rosto, impassível.

— Obrigada.

— Cuide-se.

Audrey não era uma mulher muito sentimental ou emotiva. Quando a garota se virou para entrar no navio, ela assentiu, esfregou as mãos na calça e voltou para o acampamento.

Parte dois

4

Na semana passada, o espetáculo mais emocionante em Sydney foi a partida para a Inglaterra do HMS Victorious, *que levava a bordo 700 esposas australianas de soldados britânicos. Horas antes de o navio partir, o caminho que dava no cais de embarque já estava repleto de parentes e amigos… As esposas eram, em sua maioria, incrivelmente jovens.*

THE BULLETIN, *10 DE JULHO DE 1946*

EMBARQUE

Mais tarde, ela se deu conta de que não tinha certeza do que estava esperando. Talvez uma fila bem organizada de mulheres carregando malas e passando diante do comandante. Após um aperto de mão dele e despedidas discretas e talvez chorosas, elas subiriam a passarela de embarque rumo ao grande navio branco. Ela acenaria até perder a família de vista, gritaria instruções de última hora sobre a alimentação da égua, onde estavam as botas de mamãe que Letty passaria a usar, o amor que sentia por todos e, por fim, o adeus. Sua voz ecoaria pelo porto enquanto o navio se afastaria lentamente para o mar. Ela seria corajosa, manteria os olhos fixos no que a esperava à frente, não no que ficava para trás.

O que ela não imaginara era encontrar congestionamento em todo o trajeto até a Baía de Sydney, carros serpenteando em filas mal-humoradas, para-choque encostado em outro para-choque sob o céu cinzento da cidade, uma multidão bloqueando o acesso ao cais, gritando e acenando para pessoas distantes demais ou apenas ensurdecidas pelo barulho para

responder. A banda de sopro, os vendedores de sorvete, as crianças perdidas. Um milhão de cotoveladas e empurrões de quem forçava passagem para chegar ao cais. A histeria de inúmeras jovens que, agarradas aos pais, gritavam de tristeza ou riam de felicidade, enquanto tentavam arrastar malas e mantimentos empacotados pelo meio da multidão apertada para chegar ao enorme navio cinzento. O nervosismo pela apreensão da partida pairava como a névoa do mar sobre o cais.

— Caramba! Neste ritmo, nunca vamos chegar!

Sentado atrás do volante da picape, Murray Donleavy fumava mais um cigarro, e seu rosto sardento parecia resignado.

— Vai dar certo, papai.

Margaret apoiou a mão no braço dele.

— Esse homem dirige como um idiota. Olhe, ele está tão ocupado conversando que nem reparou que os carros recomeçaram a andar. Vamos, *acorde*!

Enfiou a mão na buzina, o que fez o carro da frente dar um solavanco e parar.

— Papai, pelo amor de Deus, ele não é uma das suas vacas. Olhe, está tudo bem. Chegaremos sem problema. Se piorar, posso desistir do carro e ir a pé.

— Ela pode tirar qualquer um do caminho com essa barriga enorme.

Daniel, sentado atrás da irmã, fazia comentários cada vez mais grosseiros sobre sua "saliência", como dizia ele.

— Vou tirar você do caminho, se não moderar seu linguajar. Com um belo bofetão.

Margaret se inclinou para a frente para acariciar a fox terrier deitada entre seus pés. De vez em quando, o focinho de Maude Gonne se franzia por causa dos odores estranhos que entravam pela janela: sal marinho, fumaça do trânsito, pipoca e óleo diesel. Era uma cadela velha, quase cega, com o focinho salpicado de pequenas manchas cinza, que sua mãe

lhe dera de presente de aniversário de dez anos, porque ela, ao contrário dos irmãos, não ganharia uma arma.

Margaret se inclinou para pegar a cesta, a colocou em cima do joelho e conferiu pela décima quarta vez se todos os papéis estavam em ordem.

Seu pai olhou de relance para ela.

— Parece que tem de tudo um pouco nessa sua cesta. Achei que Letty havia colocado alguns sanduíches aí para você.

— Devo ter tirado sem querer, quando mexi nela em casa. Desculpe, tinha coisa demais na minha cabeça hoje de manhã.

— Vamos torcer para que eles sirvam comida a bordo.

— Claro que sim, papai. Principalmente para mim.

— Vão precisar de outro navio só para carregar a quantidade de comida de que ela precisa…

— Daniel!

— Não tem problema, pai.

A expressão maldosa do irmão ficava um pouco escondida sob sua franja comprida. Ele parecia ter cada vez mais dificuldade de olhar para Margaret. Ela pensou em lhe estender a mão para mostrar que entendia e que não levaria a mal essas maldades tão pouco características dele, mas suspeitava que o menino também repeliria esse gesto. Agora que estavam tão perto de se despedir, ela não sabia muito bem se seria forte o suficiente para aguentar.

Letty não queria que ele os acompanhasse, pois considerava a rabugice do irmão um mau presságio para a viagem.

— Você não quer que a última lembrança da sua família seja uma cara dessas — dissera ela, quando Daniel bateu a porta com força pela enésima vez.

— Ele está bem — respondera Margaret.

Letty balançara a cabeça e redobrara a atenção ao pacote de comida. Elas tinham direito a levar onze quilos cada, e Letty, com medo de que a

mãe de Joe pudesse considerar a família australiana pouco generosa, tinha pesado e repesado o pacote até usar cada grama permitida.

Portanto, o dote de Margaret era composto, entre outras coisas, por uma lata com o melhor bolo de frutas de Letty, uma garrafa de xerez, uma lata de salmão, bife e aspargos, além de uma caixa com biscoitos recheados de geleia que ela comprara com os cupons da loja de departamentos Hordern Brothers. Letty pretendera embalar uma dúzia de ovos, mas Margaret comentara que, mesmo se resistissem à viagem de carro até Sydney, após seis semanas no navio os ovos correriam o risco de representar mais um perigo para a saúde do que uma coisa boa.

— Os ingleses não são os únicos sofrendo racionamento — reclamara Colm.

Ele adorava o bolo de frutas da tia.

— Quanto mais atenção dermos a eles, mais atenção darão a Maggie — respondera Letty, irritada.

Ela fixara os olhos no vazio à sua frente antes de correr para a cozinha e enxugar as lágrimas com um pano de prato. Não se preocupava mais em arrumar o cabelo.

— Está com todos os papéis?

Eles tinham chegado aos portões do cais de Woolloomooloo. Em seu novo uniforme, o oficial que fizera a pergunta estava tenso por causa da importância daquele dia. Ele se debruçou na janela da picape, e Margaret pegou na cestinha seus documentos já bastante manuseados e os entregou.

O oficial percorreu com o dedo a lista de nomes até que, aparentemente satisfeito, fez sinal para que avançassem.

— Todas as esposas para o *Victoria*. Ancoradouro número seis. Talvez o senhor precise deixá-la por aqui. Não tem onde estacionar.

— Não posso fazer isso, amigo. Olhe o estado dela.

O oficial espiou pela janela do motorista, depois desviou o olhar e observou a multidão.

— Com um pouco de sorte, talvez encontre um lugar mais adiante, à esquerda. Siga a sinalização para o cais, depois vire à direita na pilastra azul.

— Obrigado, amigo.

O homem deu dois tapinhas no teto da picape.

— Só tente não atropelar ninguém. Lá está uma loucura.

— Vou fazer o melhor que puder.

Murray enfiou ainda mais o chapéu na cabeça e tentou abrir caminho até o cais.

— Mas não posso prometer nada.

O motor da picape rugiu e gemeu enquanto Murray seguia no meio da multidão, freando uma vez ou outra quando alguém no meio-fio caía na pista, ou desviando de alguma mãe chorosa abraçada à filha aos prantos, alheias ao que acontecia ao redor.

— É mesmo verdade que não são como vacas — murmurou ele para si mesmo. — Vacas têm um pouco mais de bom senso.

Murray não gostava de aglomerações, mesmo quando estava bem-disposto. Apesar da relativa proximidade entre Woodside e a cidade, Margaret achava que era possível contar nos dedos de uma única mão as vezes em que o pai tinha ido a Sydney desde que ela nascera. Era um lugar barulhento, fedido, cheio de trapaceiros. Ele se queixava de não conseguir andar em linha reta e de ser obrigado a desviar de alguém o tempo inteiro. Ela também não gostava muito dos moradores da cidade, mas naquele dia estava sentindo apenas uma curiosa indiferença, como se fosse mera observadora, incapaz de assimilar a magnitude do que estava prestes a fazer.

— Como estamos de horário? — perguntou ele.

Estavam parados, com o motor ligado, esperando que mais uma fila de pessoas passasse arrastando malas volumosas ou crianças pirracentas.

— Papai, estamos bem, já falei. Posso sair do carro e ir andando daqui, se quiser.

— Até parece que vou deixá-la sozinha no meio dessa gente toda!

De repente, ela se deu conta de que o pai sentia que era sua grande responsabilidade levá-la até seu destino, que, por mais que odiasse perdê-la, estava com medo de não conseguir fazer a coisa certa para ela naquela última vez.

— Estamos a apenas uma centena de metros do cais e, afinal de contas, não sou uma inválida.

— Prometi que iria acompanhá-la até o navio, Maggie. Então, fiquei aí sentada.

Seu rosto estava tenso, e ela se perguntou vagamente a quem ele tinha feito essa promessa.

— Lá, papai! Olhe!

Daniel batia na janela de trás, fazendo gestos frenéticos para onde um carro que parecia oficial acabava de liberar uma vaga.

— Ótimo.

Murray projetou o queixo e acelerou o carro, obrigando as pessoas à sua frente a pular para o lado e abrir caminho.

— Saiam daí! — gritou ele pela janela e, segundos depois, a picape já estava estacionada no pequeno espaço, frustrando os motoristas de vários outros carros que tinham se aproximado. — Chegamos!

Desligou o carro e, enquanto o motor silenciava aos poucos, virou-se para a filha.

— Chegamos — repetiu, sem muita convicção.

Ela estendeu o braço, segurou a mão do pai e disse:

— Eu sabia que o senhor conseguiria me trazer até aqui.

* * *

O navio era enorme, grande o suficiente para ocupar todo o comprimento do cais e bloquear a vista do mar e do céu, portanto apenas uma imensa superfície metálica se elevava acima da multidão posicionada ao longo das barreiras tentando desesperadamente se comunicar com quem já estava a bordo. O navio era tão grande que deixava Maggie sem fôlego.

Na lateral da embarcação, as torres de tiro se sobressaíam como se fossem sacadas, algumas com os canhões ainda posicionados ou com guinchos já preparados, curvados feito pescoços de pássaros elegantes. No convés de voo, visível apenas a distância, os aviões estavam dispostos em fileiras de três, com as asas dobradas. Havia Corsairs, Fireflies e, possivelmente, um Walrus. Margaret, impregnada por osmose com a paixão do irmão por aeronaves, era capaz de identificar cada uma. Centenas de mulheres já tinham subido a bordo e formavam uma fila no convés de voo ou se sentavam nos canos dos canhões, acenando dos corredores, e seus gestos pareciam minúsculos em contraste com o enorme porta-aviões. Usavam casacos fechados até o pescoço e lenços de cabeça bem amarrados para se protegerem da forte brisa do mar. Algumas espiavam das vigias e apenas mexiam os lábios para mandar recados silenciosos a quem estava no cais. Era impossível ouvir alguma coisa no meio daquela algazarra geral, por isso muitas agitavam os braços como se sinalizassem um trânsito caótico.

De um lado, uma banda de sopro tocava. Ela conseguiu identificar *The Maori's Farewell* e *Bell-bottomed Trousers* quando partes da melodia chegaram aos seus ouvidos apesar do ruído da multidão. Enquanto isso, alguém ajudava uma jovem aos prantos a descer a passarela de embarque. Serpentinas de cores brilhantes tinham grudado no casaco dela.

— Ela mudou de ideia — disse um oficial. — Alguém precisa levá-la para o hangar de carga com as outras.

Margaret se permitiu sentir uma pequena inquietação e percebeu que seria muito fácil deixar a histeria dominá-la.

— Nervosa? — perguntou seu pai. Ele também vira a jovem.

— Não. Só quero rever Joe.

A resposta dela pareceu deixá-lo satisfeito.

— Sua mãe ficaria orgulhosa.

— Minha mãe falaria que eu deveria estar vestindo algo mais elegante.

— Isso também.

Ele a cutucou com o cotovelo e ela fez o mesmo. Em seguida, ajeitou o chapéu na cabeça.

— Mais alguma esposa para embarcar? — perguntou uma representante da Cruz Vermelha que circulava com uma prancheta. — Senhoras, precisam embarcar agora. Preparem os papéis.

Quando cada uma delas chegava à passarela de embarque, recebia uma chuva de serpentinas e os trabalhadores portuários gritavam "Você vai se arrepender!", em um tom que podia ou não ter sido simpático.

Murray levara o baú para o posto da alfândega. Maggie deu uma olhada ao redor em busca do irmão mais novo e o localizou, mas ele não estava prestando atenção nela nem no navio.

— Tome conta da égua para mim, Daniel — pediu ela, tendo que gritar um pouco para ser ouvida. — Não deixe seus irmãos incompetentes se aproximarem dela.

Ele não desviava os olhos do chão, recusando-se a encará-la.

— E deixe ela no bridão durante o máximo de tempo que der. Não está puxando nada no momento, mas vai melhorar a longo prazo se você conseguir manter o maxilar dela flexível.

— Daniel, responda a sua irmã — ordenou o pai, cutucando o garoto.

— Está bem.

Ela observou os ombros magros do irmão, o rosto virado para a direção oposta do dela de propósito, e sentiu uma vontade irresistível de abraçá-lo, de dizer quanto o amava. Mas ele considerava seu corpo de grávida cada vez mais repugnante e recusara qualquer contato com ela desde a

confirmação da partida. Era como se ele culpasse a gravidez, e não Joe, por levá-la embora.

— Um aperto de mão?

Houve uma longa pausa, que pesou ainda mais diante da possibilidade de o pai desaprovar a atitude de Daniel, que então ergueu timidamente a mão e apertou a dela com firmeza. Logo a soltou, ainda sem olhar para a irmã.

— Vou escrever para você — disse ela. — E é melhor me responder.

Ele permaneceu calado.

Murray deu um passo à frente e a abraçou com força.

— Diga para o seu marido cuidar bem de você — murmurou ele, com a voz abafada e o rosto enfiado no cabelo da filha.

— Ah, não comece, papai.

Ela sentiu o cheiro do belo casaco do pai: naftalina e gado misturado a feno.

— Vocês vão ficar bem em casa. Letty vai tomar conta de vocês muito melhor do que eu.

— Bem, isso não seria difícil.

Ela percebeu o esforço do pai em fazer uma piada e lhe abraçou com ainda mais força.

— Eu queria… Eu queria…

— Papai… — Sua voz continha um tom de advertência.

— Muito bem.

Ele se afastou da filha, olhou ao redor diversas vezes, como se sua mente já estivesse em outro lugar. Depois, engoliu em seco.

— Bem, é melhor deixarmos você embarcar. Quer que eu carregue suas malas?

— Não, eu consigo.

Jogou a mala grande no ombro, colocou a cesta de mão e o pacote de comida embaixo do braço livre e tentou manter o equilíbrio. Respirou

fundo e seguiu na direção do navio.

Seu pai a deteve.

— Espere, filha! Primeiro você precisa passar pela alfândega.

— O quê?

— A alfândega. Olhe, estão mandando todo mundo passar lá antes de embarcar.

Através do empurra-empurra da multidão, ela conseguiu ver o que seu pai apontava: um enorme galpão com teto de ferro corrugado do outro lado do cais.

— Foi o que a mulher da Cruz Vermelha falou. Todas precisam passar lá primeiro.

Duas jovens conversavam com os oficiais na porta de entrada da alfândega. Uma apontava para a própria bolsa e ria.

Murray olhou para a filha.

— Você está bem? Ficou tão pálida.

— Não posso, pai — murmurou ela.

— Não consigo ouvir você, filha. Qual é o problema?

— Pai, não estou me sentindo bem.

O pai deu um passo à frente e a segurou pelo braço.

— O que houve? Precisa se sentar?

— Não… É a multidão. Estou me sentindo um pouco fraca. Diga que eles precisam me colocar a bordo.

Ela fechou os olhos. Ouviu o pai gritar com Daniel, que saiu correndo.

Alguns minutos depois, dois oficiais da Marinha estavam ao seu lado.

— Está tudo bem, senhora?

— Só preciso embarcar.

— Certo. Já passou na…

— Olhem, como podem ver estou esperando um bebê. Estou me sentindo fraca. O bebê está pressionando minha bexiga e estou com medo

de dar um vexame aqui. Não posso ficar nem mais um minuto no meio de tanta gente.

O desespero fizera lágrimas brotarem em seus olhos e ela teve certeza de que isso deixava os oficiais constrangidos.

— Ela não costuma ser assim — explicou seu pai, com um tom de voz preocupado. — Em geral, é uma mulher forte. Nunca a vi chegar ao ponto de quase desmaiar.

— Já tivemos algumas que passaram mal — comentou um dos oficiais. — É por causa de toda essa agitação. Vamos ajudá-la a embarcar. Nos dê sua bagagem, senhora.

Então Margaret largou a mala e o pacote de comida, cujo papel pardo amolecera com o suor das suas mãos.

— Ela vai ficar bem? Vocês têm um médico a bordo? — perguntou o pai, rondando os oficiais com o rosto tenso.

— Sim, senhor. Por favor, não se preocupe.

Maggie notou o pai parado ao seu lado.

— Desculpe, senhor, mas não tem permissão para passar deste ponto.

Um dos oficiais estendeu a mão para pegar a cesta de Margaret.

— Quer que eu leve isto para a senhora?

— Não! — disparou ela, puxando a cesta para perto. — Não, obrigada — acrescentou, tentando sorrir. — Todos os meus papéis e alguns objetos pessoais estão aqui dentro. Seria terrível perder isso.

O oficial sorriu para ela.

— Tem mesmo razão, senhora. Hoje não é dia de perder nada.

Eles a tinham ajudado a andar segurando-a pelos cotovelos e já se aproximavam da passarela que a levaria ao navio. Distraidamente, ela reparou que, ao contrário do *Victoria* em si, a passarela parecia gasta e os suportes de madeira estavam apodrecidos devido aos anos de uso e à água do mar.

— Adeus, então, Maggie — gritou o pai.

— Papai!

De repente, tudo pareceu acontecer depressa demais. Ela não tinha certeza se estava mesmo preparada. Tentou jogar um beijo com sua mão livre para expressar um pouco do que sentia.

— Dan? Daniel? Onde ele está?

Murray havia se virado para tentar encontrar o filho. Fez um sinal com a mão para que ela esperasse, que não fosse adiante, mas a multidão forçava a barreira e ele se sentiu engolido por ela.

— Não consegui me despedir direito.

— Maldito menino! — Murray estava quase chorando. — Dan! Sei que ele quer dizer adeus. Olhe, não pense mal do seu irmão por causa disso…

— Precisamos mesmo embarcá-la, senhora — disse o oficial ao seu lado.

Ela olhou para ele, depois para o galpão da alfândega. Seus pés alcançaram a passarela. Sentiu a mala grande pressionando sua perna quando o oficial parou atrás dela, impaciente para avançar.

— Não estou vendo ele, querida — gritou Murray. — Não sei onde se meteu.

— Diga a ele que está tudo bem, pai. Eu entendo.

Ela percebeu que o pai piscava sem parar.

— Você vai se arrepender!

Um jovem trabalhador portuário, com o boné enfiado fundo na cabeça, deu um sorriso zombeteiro para ela.

— Cuide-se — gritou seu pai. — Está me ouvindo? Cuide-se.

Então sua voz, seu rosto e o topo do seu chapéu gasto se perderam no meio das pessoas no cais.

* * *

O imediato do navio tentara três vezes chamar sua atenção. Aquele maldito homem continuava parado ali, trocando o peso de uma perna para outra, como se fosse uma criança morrendo de vontade de ir ao banheiro.

Dobson. Sempre um pouco mais informal do que a ocasião merecia. O comandante Highfield, já de péssimo humor, estava determinado a ignorá-lo. Ele se virou e, com passos ruidosos, desceu para a casa de máquinas.

A umidade provocava dores em uma de suas pernas. Para descansá-la por um instante, apoiou todo o seu peso na outra, com o corpo ligeiramente torto, numa posição em que não costumava ficar. Era um homem robusto, cuja postura ereta se enraizara nele ao longo dos anos de serviço, e levara a incontáveis imitações irreverentes nos conveses inferiores.

— Hawkins, como está o motor de propulsão? Ainda bloqueado?

— Dois homens estão verificando isso agora, comandante. Esperamos que esteja liberado em cerca de vinte minutos.

O comandante Highfield suspirou.

— Dê o seu melhor, Hawkins. Caso contrário, vamos precisar de mais dois rebocadores para nos puxar, e isso não parece a melhor coisa a fazer hoje, não acha?

— Não é exatamente a imagem que queremos passar para esses antigos colonos enquanto partimos com suas filhas.

— Passadiço, casa do leme, Coxswain no timão.

— Muito bem, Coxswain. Esteja pronto para seguir um-dois-zero. — O comandante Highfield ergueu os olhos do megafone e acrescentou: — O quê?

Dobson hesitou.

— Eu… estava apenas concordando com o senhor. Não é o tipo de imagem que queremos passar.

— Sim, bem, mas não é você que deve se preocupar com isso, Dobson. O que você queria mesmo?

Do passadiço dava para ver o porto inteiro: a enorme quantidade de pessoas que se espalhavam até as docas secas, as bandeirolas presas abaixo e, uma a uma, as mulheres subindo devagar pela passarela de embarque, acenando enquanto andavam. Highfield resmungara em silêncio para cada uma delas.

— Vim falar sobre a situação do alojamento, comandante. Alguns homens ainda não chegaram.

O comandante Highfield deu uma olhada no relógio de pulso.

— A esta hora? Quantos?

Dobson consultou a lista.

— Por enquanto, meia dúzia.

— Caramba! — Highfield deu um tapa no mostrador do relógio. A partida do navio estava se tornando um fiasco. — O que esses homens fizeram ontem à noite?

— Parece que houve uma festa em um dos bares, comandante. Alguns se envolveram em brigas, outros nem disso foram capazes. Um deles se desequilibrou na passarela e caiu na água. Por sorte, Jones e Morris estavam de serviço, caso contrário ele, sem dúvida, não estaria mais entre nós. E seis continuam ausentes.

— Bêbados desgraçados! — exclamou Highfield, olhando para além do passadiço.

Os homens que o rodeavam sabiam que o tom feroz na sua voz não se devia apenas àquelas ausências.

— Seiscentas jovens ansiosas conseguem embarcar no horário, mas os melhores homens da Marinha Britânica, não. Eles são uma vergonha sem tamanho.

— Tem mais uma coisa. Quatro delas já estão com a Cruz Vermelha.

— O quê? Só faz cinco minutos que embarcaram.

— É que não prestaram atenção quando dissemos que precisavam se abaixar ao passar pelas escotilhas. Estavam animadas demais, imagino.

Ele bateu na própria testa, para imitar o acidente mais comum a bordo de um navio.

— Uma precisa levar pontos.

— O cirurgião não pode dar um jeito nisso?

— Ah… Bem… Ele é um dos que ainda não chegaram.

Highfield ficou um bom tempo em silêncio. Os homens ao seu redor estavam quietos e na expectativa.

— Vinte minutos — disse ele, por fim. — Só até o motor de propulsão voltar a funcionar. Depois disso, avise ao pessoal do alojamento para começar a descarregar as coisas. Não vou permitir que este navio atrase mais. Principalmente hoje.

* * *

Avice se debruçou na amurada e com uma das mãos segurou o chapéu para que não voasse. Com uma perna de cada lado de um canhão, Jean dava um show particular. A garota de cabelo preto estava histérica, e depois de ter gritado até ficar rouca para quem quisesse ouvir, no momento ela apoiava os braços nos ombros de dois marinheiros, como se estivesse bêbada e precisasse do apoio deles para se manter de pé. Talvez ela *estivesse* bêbada: quando se tratava daquele tipo de mulher, pouca coisa surpreendia Avice. Por isso, tomara o cuidado de se afastar de Jean no instante em que subiram a bordo, meia hora antes.

Avice deu uma olhada nas pregas do seu novo tailleur, satisfeita por ser infinitamente mais elegante do que a roupa das meninas à sua volta. Seus pais, que não tinham podido acompanhá-la, mandaram um telegrama e um pouco de dinheiro. A mãe conseguira que o tailleur fosse entregue no hotel naquela manhã mesmo. Avice ficara indecisa sobre o que vestir, sem saber ao certo qual era a etiqueta para uma ocasião como aquela. Naquele momento, vendo pelo menos outras cem jovens, das quais praticamente

nenhuma usava uma roupa adequada para a ocasião, ela não entendia por que tinha ficado tão aflita.

O navio estava em péssimo estado. Avice havia sido fotografada e entrevistada para a coluna social do *Bulletin*, e recebera um aperto de mão de alguém que ela tinha quase certeza de que era o comandante. No entanto, isso não alterava o fato de que o *Victoria* tinha partes enferrujadas e exibia tanta semelhança com o *Queen Mary* quanto Jean com sua homônima Jean Harlow. Enquanto ela subia pela frágil passarela, franziu o nariz ao sentir o cheiro fraco, mas bem preciso, de repolho cozido, o que confirmava que seria uma viagem em navio de segunda classe.

Contudo, ninguém podia acusar Avice de falta de fibra. Isso, não. Ela empertigou os ombros e se forçou a pensar no objetivo da viagem. Em seis semanas, descobriria o que sua nova vida lhe reservava. Conheceria os sogros, tomaria chá na paróquia, se encontraria com as senhoras da pitoresca cidadezinha onde moraria, talvez até com algum duque ou duquesa. Seria apresentada aos amigos do marido, os que não faziam parte da Força Aérea Britânica e o conheciam desde criança. Ela ainda começaria a construir o lar do casal.

Finalmente seria a Sra. Ian Radley, e não mais apenas Avice ("Ah, Avice!", ela ainda ouvia a mãe repreendê-la), pois, mesmo depois de casada, parecia não merecer mais respeito ou consideração por parte dos adultos da sua família do que quando era criança.

— Olhem ela!

Avice olhou para o convés logo abaixo: Jean acabara de deslizar pela lateral da torre de tiro. A menina ria, agarrada ao bolso da calça de um dos marinheiros, com a calcinha e boa parte das pernas expostas para quem quisesse ver. Avice estava prestes a dizer alguma coisa quando sentiu o convés vibrar de leve sob seus pés: os motores haviam sido ligados, ainda que não desse para ouvi-los em meio à algazarra. Então se debruçou na balaustrada e constatou, com surpresa, que a passarela de embarque havia

sido recolhida. Houve um murmúrio geral. Não muito distante, um guindaste içava vários marinheiros que pareciam ter perdido a chance de subir a bordo pelos meios convencionais. Estavam rindo e batendo palmas, cobertos de marcas de beijo de batom. E possivelmente bêbados.

Que vergonha, pensou Avice, mas mesmo assim sorriu quando os homens foram descarregados, sem nenhuma cerimônia, no convés de voo. Na água, pequenos rebocadores orientavam e acompanhavam o grande navio na sua lenta saída do porto. As mulheres não paravam de falar, animadas, e de acenar com urgência. O tom das vozes delas aumentava sem parar, pois tentavam ser ouvidas apesar do tumulto.

— Mamãe! — gritou alguém logo abaixo de Avice, cada vez mais histérica. — Mamãe! Mamãe!

Ao seu lado, uma jovem interrompeu a oração que fazia e exclamou para si mesma:

— Não consigo acreditar! Não consigo acreditar!

A multidão, um mar de bandeiras australianas e britânicas, crescia e se animava à medida que o empurra-empurra aumentava na beira do cais. Cada um tentava se empoleirar na pessoa ao lado para ser visto por quem estava a bordo. Vários cartazes eram empunhados no alto: "Que Deus te proteja, Audrey", "Os trabalhadores do estaleiro de Garden Island desejam boa sorte". Ela observou o porto ao redor, depois as colinas ao longe. Então esta é minha última visão da Austrália?, pensou, de repente, sem fôlego. Depois, com um solavanco, os rebocadores se distanciaram e soltaram o navio das amarras. Com um rugido, o *Victoria* se afastou do cais, cambaleante, baixando um pouco na água enquanto a âncora era recolhida.

Houve um suspiro coletivo. Os motores começaram a ganhar potência. Uma garota deu um grito estridente e mais alto do que a banda, que naquele momento já estava bem visível no cais e começava a tocar *Waltzing Matilda*.

Alguns objetos foram arremessados do ancoradouro, mas caíram no mar, formando pequenos respingos de futilidade. A estreita faixa de água azul se expandiu abaixo e foi ficando ainda maior. O navio, indiferente à loucura ao redor, deslizou com velocidade surpreendente para longe do porto.

— Você vai se arrepender! — gritou uma única voz mais alta do que a música. Ao que parecia, era em tom de brincadeira. — Todas vão se arrepender!

Foi nesse instante que as passageiras ficaram quietas. Depois, como se para quebrar o silêncio, uma delas começou a chorar.

* * *

Murray Donleavy abraçou o filho que chorava, depois ficou ao seu lado em silêncio enquanto a multidão se dispersava e o lamento das mulheres se tornava mais nítido. No final, só restaram pequenos grupos observando o navio se distanciando e se fundindo aos poucos com o horizonte. Estava ficando frio e o garoto tremia. Murray tirou o casaco, jogou-o sobre os ombros do filho, depois puxou o menino para perto para aquecê-lo.

De vez em quando, Daniel erguia a cabeça como se quisesse falar, mas não conseguia encontrar palavras e recomeçava a chorar em silêncio, tapando o rosto com as mãos, como se suas lágrimas fossem motivo de vergonha.

— Não há do que se desculpar, filho — sussurrou Murray. — Está sendo um dia difícil.

A picape deles era um dos poucos veículos que sobraram e estava estacionada no meio de um mar de serpentinas enlameadas e papéis de bala. Murray deu a volta no carro para abrir a porta do motorista, mas parou quando percebeu que o filho estava imóvel e encarando-o.

— Você está bem?

— Acha que ela vai me odiar, pai?

Murray se aproximou do filho e o abraçou de novo.

— Não seja tão sentimental — disse, bagunçando o cabelo do menino. — Ela vai implorar pela sua visita mais cedo do que você pensa.

— Na Inglaterra?

— Por que não? Continue economizando o dinheiro dos coelhos e logo vai poder voar para lá. As coisas estão mudando depressa.

Daniel olhou para o nada, sendo transportado para um mundo repleto de peles de animal de altíssimo valor e aviões enormes.

— Vou poder voar para lá.

— Como falei, filho, economize seu dinheiro. No ritmo que está, você vai conseguir pagar a viagem para todos nós.

Então Daniel sorriu, e o pai ficou com o coração apertado ao vê-lo enfrentar mais uma perda com tanta coragem. Devia ter sido isso que as mulheres sentiram durante a guerra, pensou ele, subindo na picape. A diferença é que elas não sabiam se voltaríamos. Cuide dela, pediu silenciosamente ao navio. Cuide da minha garota.

Eles ficaram um tempo sentados no carro, observando as pessoas saírem pelo portão do estaleiro e deixarem exposta a vasta extensão de terra que antes estivera invisível, escondida sob a multidão. O vento estava mais forte, fazendo pedacinhos de papel voarem por todo o cais, que depois eram afundados pelas gaivotas. Murray suspirou e de repente se deu conta da distância que ainda precisava percorrer até chegar em casa.

— Papai, ela esqueceu os sanduíches.

Ao seu lado, Daniel ergueu a embalagem impermeável que Letty preparara naquela manhã.

— Estava aqui, no chão. Ela esqueceu o almoço.

Murray franziu a testa, tentando se lembrar do que a filha dissera sobre deixar os sanduíches em casa. Ah, bem, pensou, ela deve ter se

atrapalhado. As mulheres são assim quando estão grávidas. Em qualquer lugar. Noreen tinha sido igual.

— Posso comer, papai? Estou morrendo de fome.

Murray enfiou a chave na ignição.

— Não vejo por que não. Não têm mais serventia para ela. Aliás, guarde um para mim.

Tinha finalmente começado a chover: o céu cinza que ameaçara vir abaixo durante o dia inteiro respingava no para-brisa. Murray deu partida e se afastou devagar, em marcha a ré. De repente, pisou no freio, jogando Daniel para a frente e espalhando pelo painel o pedaço de sanduíche que ele mastigava.

— Espere — gritou ele, o rosto se iluminando com a lembrança de uma cesta vazia e da pressa inexplicável da filha em subir a bordo. — Onde está o maldito cachorro?

5

Uma jovem esposa australiana não conseguiu embarcar para a Inglaterra no HMS Victorious *porque no último minuto foi apresentada contra ela uma queixa, posteriormente retirada. Logo após sua liberação, ela foi conduzida em uma viatura da polícia até o cais número 3 do porto de Woolloomooloo, mas o porta-aviões com as outras esposas já havia partido.*

SYDNEY MORNING HERALD, *4 DE JULHO DE 1946*

UM DIA A BORDO

O HMS *Victoria* media duzentos e trinta metros de comprimento e pesava vinte e três mil toneladas. Tinha nove andares abaixo do convés de voo e quatro conveses acima desse, que culminavam na vertiginosa altura onde ficava o passadiço. Mesmo sem considerar as cabines especialmente criadas para as jovens esposas, o porta-aviões conseguiria abrigar no seu gigantesco interior cerca de duzentos diferentes depósitos, salas e compartimentos, talvez igualando o tamanho de várias lojas de departamento ou prédios luxuosos. Ou até, dependendo de onde as esposas tinham vindo, de uma infinidade de grandes celeiros. Só os hangares, onde a maioria das mulheres ficava acomodada, se alimentava e se distraía, tinham cento e cinquenta metros de comprimento e estavam nos mesmos níveis dos refeitórios, dos banheiros, da câmara do comandante e de pelo menos quatorze depósitos de tamanho considerável. Eram ligados por corredores estreitos que, caso alguém errasse o convés, poderiam levar tanto a uma oficina de manutenção de aviões quanto ao refeitório dos

engenheiros ou a um banheiro utilizado pelas esposas, o que já causara várias situações constrangedoras. Alguém fixara um mapa geral do navio no refeitório das mulheres, e Avice o estudara diversas vezes, sempre pensando, com extremo mau humor, que aqueles depósitos de legumes, locais para dobragem de paraquedas e salas cheias de revistas masculinas deviam, por direito, ter sido salões de baile fantásticos e cabines de primeira classe. Aquele navio era um mundo flutuante de regras e códigos ininteligíveis, de rotinas bem organizadas, ainda que não reveladas, um verdadeiro labirinto de salas de teto baixo, corredores e paióis, que em geral levavam a lugares em que as mulheres não eram admitidas. Era um local enorme, porém abarrotado, barulhento — ainda mais para quem tinha sido alojado perto das casas de máquinas —, maltratado, cheio até quase explodir de mulheres tagarelas e homens que tentavam, em alguns casos com pouca motivação, fazer seu trabalho. Por causa do número absurdo de gente que ia e vinha e da total falta de familiaridade quanto à localização das diferentes escadas e passarelas de embarque, muitas vezes era preciso gastar meia hora apenas para atravessar um convés, sempre empurrando as outras pessoas ou se espremendo entre as tubulações que percorriam as paredes para dar passagem aos demais.

Ainda assim, Avice não conseguia se livrar de Jean.

Desde que descobriu que haviam sido colocadas na mesma cabine (mais de seiscentas mulheres e tinham juntado ela justamente com Jean!), a garota decidira desempenhar um novo papel: o de melhor amiga de Avice. Esquecendo oportunamente a antipatia mútua que caracterizara os encontros delas no Clube das Esposas Americanas, Jean passara a maior parte das últimas vinte e quatro horas atrás de Avice, interrompendo-a sempre que ela tentava conversar com alguém e justificando sua intromissão com a insinuação de uma cumplicidade existente entre elas desde Sydney.

Isso começava ainda cedo, na mesa de café da manhã ("Avice! Lembra-se da menina que costumava costurar tudo com ponto reforçado? Inclusive as calcinhas?"), continuava quando andavam pelos conveses na tentativa de encontrar a cabine ("Avice! Lembra-se de quando precisávamos usar aqueles colares feitos com as anilhas de identificar galinhas? Você ainda tem o seu?"), ou na interminável fila para o banheiro ("Avice! Você usou aquela calcinha de renda na sua noite de núpcias? Parece um pouco chique demais para o dia a dia… Ou você está tentando impressionar alguém? Hein? Hein?"). Avice sabia que precisava ser mais simpática com Jean, principalmente depois de ter descoberto que ela tinha apenas dezesseis anos. Mas que dificuldade! Ela era uma garota exasperante.

Além disso, não estava convencida de que Jean era sempre verdadeira com ela. Durante a conversa que tiveram uma vez, durante o café da manhã, Jean comentou que planejava arranjar um emprego em uma loja de departamentos onde a tia do seu marido trabalhava como gerente.

— Como você vai trabalhar? Achei que estivesse grávida — comentou Avice com frieza.

— Perdi — respondeu Jean, rindo.

Avice lhe lançou um olhar severo e cético.

— Foi muito triste — continuou Jean, acrescentando depois de uma breve pausa: — Acha que me vão me deixar pegar mais bacon?

Enquanto subia depressa o último lance de escada, Avice se deu conta de que Jean quase nunca falava sobre o marido, Stanley. Ela mesma gostaria de ter mencionado mais vezes o nome de Ian, porém nas poucas ocasiões em que fizera isso, Jean tentara arrancar dela alguma confissão íntima ("Deixou ele fazer aquilo com você antes da noite de núpcias?" E, ainda pior: "Não teve medo na primeira vez que viu o… você sabe… o negócio dele… subir?").

Avice acabou desistindo de tentar se livrar dela. As duas haviam sido convocadas para o convés de voo às onze horas para o discurso do comandante. Devia ser muito simples perdê-la no meio de mais de seiscentas mulheres, não é mesmo?

— Você tem vontade de assistir a essas palestras? — gritou Jean, mascando chiclete, enquanto elas passavam diante da sala de projeção. — Na próxima semana, terá uma sobre as implicações do casamento com um estrangeiro. — Sua voz, como durante toda a manhã, era mais alta que as vibrações sonoras dos motores e dos megafones que repetiam a convocação do suboficial Gardner ou de outro marinheiro para a sala do comandante.

Avice fingiu não ter escutado.

— Eu gostaria de ir a uma palestra que abordasse as dificuldades comuns no primeiro ano — continuou Jean. — Só que nosso primeiro ano foi fácil demais. Ele nunca estava presente.

* * *

— A tripulação do HMS *Victoria* vai fazer o melhor que pode para que a travessia até o Reino Unido transcorra da melhor forma possível… Ao mesmo tempo, lembrem-se de que não estão em um cruzeiro, mas têm o privilégio de serem passageiras de um dos navios de Sua Majestade. A vida a bordo precisa ser regida por regras e costumes militares.

Margaret estava no convés de voo, na terceira fila de mulheres. Algumas estavam rindo de nervoso, enquanto ouviam o comandante. Na opinião dela, o homem se mexia como se alguém tivesse costurado as mangas do uniforme no seu corpo.

O mar azul cintilante estava inofensivo e calmo, e o convés, com a dimensão de um hectare, quase não se mexia. Margaret observava com discrição toda a extensão do navio, que brilhava sob o sol. Ela respirava o

ar salgado e sentia a brisa do mar na pele, enquanto aproveitava a primeira vez que sentia ter espaço e liberdade desde que haviam recolhido a âncora, no dia anterior. Imaginara que ficaria um pouco assustada quando não pudesse mais ver terra firme, mas, ao contrário, gostava de contemplar a imensidão do oceano e se perguntava — com curiosidade e sem medo — o que haveria sob a superfície.

Em cada extremidade do convés, refletidos em poças rasas de água do mar e combustível, estavam os aviões presos por correntes, com seus narizes reluzentes apontados para cima como se quisessem voar. Entre eles, na base da torre conhecida como "ilha", grupos de homens usando macacão observavam as mulheres.

— Toda pessoa a bordo de um dos navios de Sua Majestade está sujeita à chamada Lei da Disciplina Naval, o que significa que não são permitidas bebidas alcoólicas, inclusive vinho e cerveja, e que são proibidos todos os tipos de jogos de azar. Também não é permitido fumar perto dos aviões em momento algum. E o mais importante: não desconcentrem os homens em serviço nem fiquem no caminho deles. As passageiras têm permissão para frequentar quase todas as áreas do navio, exceto os alojamentos da tripulação, mas o trabalho dos homens nunca deve ser interrompido.

Após essas palavras, algumas jovens olharam ao redor e um dos marinheiros deu uma piscadela. Risos dissimulados percorreram as fileiras das mulheres. Margaret trocou o peso do corpo de um pé para outro e suspirou.

Jean, uma das esposas escolhidas para dividir a cabine com ela, se enfiara no espaço à sua frente dois minutos depois de o comandante ter começado a falar, e dali não saiu, balançando o corpo e roendo as unhas. Ela havia passado a manhã na maior animação, tagarelando sem parar desde o nascer do dia sobre sua alegria, sobre o navio, sobre seus sapatos novos. Tudo que passara por sua cabeça tinha ido parar direto, sem filtro,

nos ouvidos das suas novas companheiras. Agora, diante da postura inflexível do comandante e da ladainha sobre o que não era permitido no navio, Jean parecia temporariamente insegura, e seu entusiasmo estava sendo substituído pela impaciência.

— As senhoras devem ter ouvido falar de outras esposas que tiveram a oportunidade de desembarcar em vários portos ao longo da viagem. É preciso lembrar que, em um navio de guerra, é provável que não tenham essa chance. Talvez haja a possibilidade de descer em Colombo e também em Bombaim, se a situação internacional permitir, mas isso não é uma certeza. Devo acrescentar ainda que as pessoas que não retornarem ao navio no horário estipulado correm o risco de serem deixadas para trás.

O olhar do comandante percorre as fileiras. Não havia nada de especulativo nele.

— Caso tenham uma reclamação geral sobre algum assunto, a oficial de serviço deverá ser informada, e ela vai repassar a questão a um dos capitães-tenentes. Mas os seguintes espaços vão permanecer interditados às mulheres: alojamentos dos marinheiros, cabines dos oficiais, andares abaixo do convés do hangar, primeiro nível acima do convés de voo. Também não poderão se aproximar dos canhões e das galerias que levam a eles, nem dos barcos a bordo. Um guia mais abrangente será distribuído a cada passageira esta tarde. Eu gostaria que todas lessem para que sigam as orientações ao pé da letra. Não consigo dar a ênfase necessária à gravidade das consequências para quem desobedecê-las.

Um silêncio se instaurou no convés, enquanto o comandante esperava suas palavras ressoarem entre as mulheres. Margaret sentiu as bochechas corarem quando pensou na sua cabine no convés do hangar, logo abaixo. Um pouco à frente, uma mulher chorava.

— Há oito oficiais mulheres a bordo para aconselhar e ajudar as passageiras durante a viagem.

Ele apontou para as oficiais em pé ao lado dos aviões Corsair, todas com uma aparência quase tão rígida e altiva quanto a do próprio comandante.

— Cada uma das oficiais é responsável por um determinado número de cabines e estará sempre pronta para ajudar. — Ele lançou um olhar severo para as mulheres à sua frente. — As oficiais farão rondas durante a noite.

— É o fim da minha diversão noturna — sussurrou a jovem ao lado de Margaret, o que provocou alguns risos abafados.

— Assim como as mulheres não têm acesso aos alojamentos dos marinheiros, eles também não estão autorizados a frequentar os das senhoras, nem as cabines, a menos que seja exigência de algum serviço. Gostaria de lembrar mais uma vez que as oficiais farão rondas noturnas.

— E as desobedientes serão jogadas ao mar.

Houve mais uma explosão de riso dissimulado embora evidente. Era preciso liberar a tensão.

— Meu Deus, o que ele acha que somos? — perguntou a jovem ao lado de Margaret, brincando com um broche.

O comandante parecia estar no fim do seu discurso interminável. Ele baixou os olhos para ler um bilhete preso aos seus folhetos, aparentemente decidindo se deveria ou não continuar. Após um instante, ergueu a cabeça.

— Também fui encarregado de dizer que… um pequeno salão de cabeleireiro… — nessa hora o comandante cerrou o maxilar — …foi instalado no final da área de lazer adjacente à cabine B. O salão ficará sob a responsabilidade de voluntárias entre as passageiras, se alguma quiser… oferecer seus serviços.

Ele olhou fixo para os papéis, depois observou as jovens com um olhar que poderia demonstrar frieza ou apenas resignação.

— É um sujeito simpático — disse Margaret, baixinho, depois que o grupo se dispersou.

— Estou com a impressão de ter voltado para a escola — murmurou Jean, na frente dela —, mas com menos lugares para fumar.

* * *

Highfield observou as mulheres à sua frente, que se cutucavam e cochichavam, agitadas e incapazes de sossegar até mesmo para ouvi-lo citar as regras e normas que regulamentariam a vida delas durante as seis semanas seguintes. Nas últimas vinte e quatro horas, ele prestara atenção em cada nova insubordinação, em cada novo exemplo que provava que aquela havia sido uma ideia desastrosa. Ele queria telegrafar a McManus para reclamar: "Está vendo? Não falei que isso ia acontecer?" Metade das mulheres estava histérica e parecia não saber se ria ou chorava. A outra metade só lotava o navio, se perdia nos conveses de baixo, se esquecia de baixar a cabeça ao passar e se machucava, incomodava os ajudantes do comandante ou até parava para perguntar alguma coisa, como acontecera naquela manhã, quando uma quis saber onde ficava o refeitório que servia sorvete. O auge foi quando ele percorreu a galeria do andar de cima nas primeiras horas daquela manhã e sentiu um cheiro suave, não de combustível de avião, mas de perfume. Perfume! A única coisa que faltava era amarrarem uma calcinha no lugar da flâmula do navio e acharem que isso estava certo.

Por mais que precisasse admitir que não houvera uma mudança drástica no comportamento dos homens, ele sabia que era apenas questão de tempo: naquele exato instante, as mulheres seriam o assunto principal de todas as conversas, tanto entre os marinheiros e fornalheiros quanto entre os oficiais e até os fuzileiros navais. Ele percebia uma inquietação sutil no ar, assim como os cachorros sentem uma tempestade se aproximando.

Ou talvez fosse simplesmente porque nada parecia ter se acalmado desde a morte de Hart. A tripulação perdera a motivação e o entusiasmo que tinham caracterizado seus últimos nove meses no Pacífico. Os homens — os que continuavam — cada vez ficavam mais retraídos, mais propensos a contestação e insubordinação. Diversas vezes, desde que haviam puxado a âncora, ele os flagrara cochichando, e se perguntara até que ponto eles o culpavam. Concluiu seu discurso e tentou, como fazia com frequência, afastar esses pensamentos.

A aparência das mulheres não lhe agradava. As cores que usavam eram vistosas demais, os cabelos longos demais e suas echarpes esvoaçavam por todo lado. Até então, os tons dominantes no navio haviam sido o cinza e o branco, quase uma monocromia. A simples introdução de cores causava desequilíbrio, como se alguém tivesse soltado várias aves exóticas à sua volta e as deixado voar descontroladamente para causar estrago. Algumas mulheres estavam usando sapatos de salto alto, pelo amor de Deus.

Não é que eu não goste de mulheres, pensou ele, como fazia diversas vezes a cada hora. A questão é que tudo tem seu devido lugar. As *pessoas* têm o seu lugar. Ele era um homem sensato. Não considerava que seu ponto de vista fosse irracional.

Dobrou o folheto, colocou-o embaixo do braço e viu que alguns marinheiros pareciam estar passeando perto das amarras, que eram as correntes que mantinham os aviões presos ao convés.

— Vocês não têm nada melhor para fazer? — gritou.

Em seguida, deu meia-volta e, com passos largos, seguiu para o lobby.

Querido Joe,

Bem, aqui estou, a bordo do Victoria *com as outras esposas, e posso dizer o seguinte: sou, com certeza, uma pessoa da terra. Até para um navio deste tamanho, é terrivelmente apertado, e aonde quer que a gente vá, acaba esbarrando em alguém, como se estivesse na cidade, só que pior. Imagino que você esteja acostumado a isso, mas já estou sonhando com campos e lugares desertos. Ontem à noite, até sonhei com as vacas do meu pai…*

Nossa cabine, com quatro beliches, é uma das muitas que foram instaladas no que aparentemente foi um monta-cargas gigantesco, e eu a divido com três garotas que parecem

boas pessoas. Uma delas, Jean, tem só dezesseis anos, mas, por incrível que pareça, ela não é a mais jovem. Pelo visto, tem duas meninas de quinze anos a bordo. Elas são casadas com ingleses e estão viajando sozinhas. Não consigo imaginar o que meu pai teria feito se, aos quinze anos, eu tivesse avisado que ia me casar… mesmo que fosse com você, querido. Também estou dividindo a cabine com uma mulher muito quieta que trabalhou no Hospital Geral da Austrália no Pacífico. Há uma terceira, que acho um pouco esnobe. Não posso dizer que temos muito em comum, a não ser pelo objetivo.

Parece que uma das esposas não chegou a tempo de embarcar no navio em Sydney e vão levá-la de avião até Fremantle, onde a buscaremos. Portanto, não podemos dizer que a Marinha não está fazendo o possível para nos levar até vocês.

Todos os homens são simpáticos, mas não temos permissão para falar muito com eles. Algumas mulheres ficam bobas quando passam perto de um. Sinceramente, daria até para achar que elas nunca tinham visto um homem, muito menos que já são casadas. O comandante fez um discurso sobre o comportamento a bordo, e somos lembradas o tempo inteiro de que precisamos economizar água. Tomei um banho rápido hoje de manhã, mas não me imagino passando toda a viagem assim, a seco. Penso em você a todo instante e me sinto reconfortada de imaginar que estamos, talvez neste minuto mesmo, navegando no mesmo oceano.

Joe Junior, tenho certeza, manda um beijo (ele chuta minha barriga sem parar quando tento dormir!).

Sua Maggie

Havia coisas que ela não contara a Joe: que passara quase toda a primeira noite acordada, ouvindo barulho de correntes, portas batendo no andar de cima e de baixo, risos e gritos histéricos de outras mulheres atrás das paredes muito finas, e sentindo as vibrações do enorme navio se movendo, como um animal pré-histórico. Tudo isso em meio aos comunicados incompreensíveis que soavam a cada quinze minutos mais ou menos ("Todos aos seus postos", "Preparem-se para receber barcaça de lixo a bombordo", "Suboficiais de serviço, reúnam suas equipes"), o alto-falante acordava todo mundo com o toque de despertar: "Acordem, acordem, pulem da cama" (e às cinco e meia da manhã ela havia escutado a versão bem menos elegante para os homens: "Acordem, acordem, pulem da cama, mãos longe do pinto, afivelem o cinto"). Não contara que, para ela, o navio era uma enorme confusão de postos e atribuições, de marinheiros a fornalheiros, passando pelos aviadores. Que o refeitório era

grande o bastante para acomodar trezentas pessoas de uma só vez, mas todas aquelas mulheres juntas faziam tanto barulho quanto uma revoada de pássaros pousando. Ou que a comida servida no jantar da noite anterior tinha sido a melhor que ela comera nos últimos dois anos. Nem que praticamente a primeira regra naval que haviam aprendido — com grande ênfase para sua importância — era "a ducha do submarino": se molhar por apenas alguns segundos, se ensaboar com a torneira fechada e depois dar uma rápida enxaguada no corpo com água corrente. Era vital, como deixara bem claro a representante da Cruz Vermelha, que economizassem água para que as bombas conseguissem dessalinizar rapidamente a água do mar e substitui-la logo, possibilitando assim uma viagem com boas condições de higiene. Pelo que tinha escutado nos banheiros, ela era a única que seguia essas instruções.

Atrás dela, escondida pelo seu pequeno tamanho e por um cobertor dobrado com cuidado, dormia Maude Gonne. Depois do discurso do comandante, Margaret correra para a cabine (Daniel teria dito que ela "se arrastara") para acalmar os latidos da cadela com biscoitos roubados, e, em seguida, a levara sorrateiramente para o banheiro com o intuito de evitar que fizesse suas necessidades dentro da cabine. Margaret tinha acabado de voltar para o quarto quando Frances entrou. Ela se enfiara na cama com uma das mãos em cima da cabeça do animal para escondê-lo, torcendo para que continuasse quieto.

Isso era um problema. Margaret achara que ficaria sozinha em uma cabine, como acontecia com a maioria das grávidas. Sequer passara pela sua cabeça que talvez precisasse dividir.

Ela se perguntou se poderia confiar em Frances, que ocupava o beliche na frente do seu. Parecia uma boa pessoa, mas falava tão pouco que não tinha como saber alguma coisa sobre ela. Além do mais, Frances era enfermeira, e algumas eram extremamente rígidas com relação a regras e normas.

Margaret mudou de posição no beliche, tentando ficar mais confortável, enquanto sentia o ronco dos motores mais abaixo. Havia tantas coisas que ela queria contar para Joe, tantas impressões sobre a estranheza de tudo aquilo… de ter sido tirada de casa e jogada em um mundo em que as mulheres ficavam histéricas não só com o próprio futuro, mas com marcas de xampu ou de meias finas compridas ("Onde você comprou? Tenho procurado em todo lugar!"), e faziam confidências íntimas a ponto de passarem a impressão de se conhecerem havia anos, não apenas vinte e quatro horas.

Mamãe teria sido capaz de explicar tudo isso, pensou Margaret. Teria conseguido falar a língua delas, traduzi-la e depois neutralizar seu poder com algumas observações enérgicas. Se eu soubesse que minha mãe ia partir, teria prestado mais atenção no que ela dizia. Teria agido com um pouco mais de respeito, em vez de passar a vida tentando agradar os meninos. Nunca nos contam que não ficamos só com o vazio da perda, mas também com uma infinidade de perguntas que jamais serão respondidas.

Ela olhou para o relógio. Eles deviam estar do lado de fora da casa naquele instante, talvez em cima do trator, arrancando os brotos das plantas que cresciam nos pastos, como pretenderam fazer o verão inteiro. Colm dissera de brincadeira que as semanas que ela passaria em meio a tantas mulheres a deixariam maluca. Seu pai comentara que talvez aquela experiência lhe ensinasse um monte de coisas. Margaret deu uma olhada nos acessórios femininos à sua volta: seda, nylon e tecidos florais, cremes para o rosto e kits de manicure. Ela nunca poderia imaginar que se sentiria tão deslocada.

— Quer meu travesseiro? — perguntou Frances, interrompendo sua leitura.

Apontou para a barriga de Margaret.

— Não, obrigada.

— Aceite… Você não deve estar confortável.

Esta foi a frase mais longa que ela disse desde que tinham sido apresentadas. Margaret hesitou, depois aceitou o travesseiro, agradeceu e o colocou embaixo do quadril. Era verdade: os beliches eram tão largos e confortáveis quanto uma tábua de passar roupa.

— É para quando?

— Para daqui a dois meses, mais ou menos.

Margaret torceu o nariz e apalpou o colchão.

— Podia ter sido pior, eu acho — comentou ela. — Podiam ter nos dado redes.

O sorriso da outra garota esmoreceu, como se, após iniciar a conversa, não soubesse mais o que dizer. Então, voltou ao seu livro.

Maude Gonne se debatia e gania durante o sono, e suas patas arranhavam as costas de Margaret. O barulho era disfarçado pelo zumbido dos motores e pela conversa animada das mulheres que passavam diante da porta entreaberta. Mas ela precisaria dar um jeito nisso. Maude Gonne não poderia ficar trancada daquele jeito durante seis semanas inteiras. Ainda que ela só saísse para ir ao banheiro, com certeza haveria alguma ocasião em que as outras garotas estariam ali. Como manter a cachorrinha quieta, então?

Que se danem!, pensou, virando-se para o outro lado. Com o bebê se mexendo a todo instante e tantas mulheres ao seu redor durante todas as horas do dia e da noite, era impossível pensar com clareza.

* * *

A porta da cabine se abriu e Avice entrou. Ela se lembrou de baixar a cabeça, pois não pretendia encontrar Ian com um hematoma na testa, depois sorriu para as duas companheiras deitadas nos beliches de baixo. Feitos com colchonetes da Marinha colocados sobre uma plataforma

elevada de tiras entrecruzadas, os beliches ficavam a menos de um metro e meio de distância um do outro. As malas, que continham o mínimo indispensável de cada uma, haviam sido empilhadas com cuidado em uma fina parede metálica provisória que separava as cabines.

O espaço inteiro era um pouco menor do que o banheiro da sua casa. A feminilidade das passageiras não lhes permitia nenhuma concessão: os tecidos eram grosseiros, não havia tapete no chão, e a única cor era o cinza do navio. Os espelhos ficavam nos cubículos embaçados dos banheiros. As malas maiores, com a maior parte das roupas e dos pertences delas, ficavam guardadas no convés de cima, que cheirava a combustível de avião. Para ter acesso, era preciso implorar permissão a uma oficial terrivelmente rabugenta, que já lembrara duas vezes a Avice que a vida a bordo não era um desfile de moda. Ela considerou estes comentários apenas fruto da inveja da oficial.

Avice estava extremamente decepcionada com suas companheiras de viagem. Em quase todos os lugares por onde andara naquela manhã, tinha visto mulheres com roupas mais elegantes, com uma aparência que ela considerava correta e que indicava um nível social semelhante ao seu. Na companhia delas, talvez Avice tivesse encontrado um conforto para o horror que era a viagem naquele navio. No entanto, ela havia sido escolhida para dividir a cabine com uma grávida criada em fazenda e uma enfermeira mal-humorada. (Avice tinha desejado que essa garota não fosse uma daquelas que se acham superiores, como se, por supostamente já ter testemunhado coisas terríveis, considerasse as outras superficiais só porque tentavam se divertir um pouco.) E, claro, havia Jean.

— Olá, colegas!

Com a ajuda dos braços e pernas magros e despidos como os de um macaco, Jean escalou o beliche que ficava acima do de Margaret e acendeu um cigarro.

— Avice e eu demos uma volta pelo navio para descobrir o que tem a bordo. Há um cinema perto da proa, na galeria inferior. Alguém gostaria de ver um filme mais tarde?

— Não, mas, de todo jeito, obrigada — respondeu Frances.

— Na verdade, acho que prefiro ficar aqui e escrever algumas cartas — disse Avice, que acabara de subir para o seu lugar no alto do beliche, segurando a saia com uma das mãos para esconder as coxas, o que lhe deu certo trabalho. — Estou um pouco cansada.

— E você, Maggie? — perguntou Jean, inclinando-se sobre a lateral do seu beliche.

A súbita visão da cabeça dela fez Margaret se sobressaltar e se encolher em uma posição estranha. Avice se perguntou se essa garota acabaria se revelando ainda mais esquisita do que ela suspeitara. Margaret pareceu se dar conta de que sua reação tinha sido um pouco desconcertante, então estendeu o braço para trás, pegou uma revista e a folheou com uma indiferença proposital.

— Não, obrigada — respondeu. — E-eu deveria descansar um pouco.

— Sim, faça isso — disse Jean, voltando para o seu colchonete e dando uma longa tragada no cigarro. — A última coisa que queremos é que você tenha o bebê aqui.

Avice estava procurando sua escova de cabelo. Ela havia conferido no seu nécessaire várias vezes, e descera do beliche para dar uma olhada nos das outras.

Após a animação da partida ter se dissipado, ela começava a se dar conta das circunstâncias em que passaria as próximas seis semanas, por isso seu humor tinha piorado. Era difícil continuar sorrindo.

— Desculpa incomodar vocês, mas alguém viu minha escova?

Avice achou que era gentil não se dirigir diretamente a Jean.

— Como ela é?

— Prateada. Tem minhas iniciais na parte de trás. As de casada: AR.

— Aqui em cima não está — informou Jean. — Algumas coisas caíram dos nossos nécessaires quando os motores deram aquele solavanco mais cedo. Já procurou no chão?

Avice se ajoelhou, xingando a pouca luz que vinha da única lâmpada no teto. Se houvesse uma janela, ela conseguiria ver melhor. Na verdade, tudo seria mais agradável com vista para o mar. Ela tinha certeza de que algumas garotas haviam sido agraciadas com janelas. Não entendia por que seu pai não requisitara isso. Assim que estendeu o braço embaixo do beliche de Frances, ela sentiu alguma coisa úmida e fria na parte interna das coxas. Gritou e deu um pulo, o que a fez bater a cabeça no beliche de Frances.

— Deus do céu, o que é…

Uma dor forte no topo da cabeça a fez cambalear. Puxou a saia, deixando-a mais justa ao redor das pernas, e se virou, tentando olhar para trás.

— Quem fez isso? De quem foi a ideia dessa brincadeira?

— O que aconteceu? — perguntou Jean, com os olhos arregalados.

— Alguém tocou na minha bunda. Uma coisa fria e úmida encostou em mim…

Ela não sabia mais o que dizer e olhou ao redor cheia de suspeita, como se talvez algum maluco tivesse se infiltrado entre elas enquanto ninguém olhava.

— Alguém tocou na minha bunda — repetiu.

Ninguém disse nada. Frances a observava em silêncio, com o rosto impassível.

— Não estou inventando — insistiu Avice, irritada.

Foi então que todos os olhares se voltaram para Margaret que, debruçada na beirada do beliche, murmurava alguma coisa para si mesma. Avice, com o rosto corado e o coração acelerado, cruzou as pernas na defensiva e fixou os olhos nela.

Margaret olhou para a companheira com uma expressão de culpa. Ela se levantou, foi até a porta, a fechou e suspirou.

— Ah, bem, preciso contar uma coisa para vocês. Achei que teria uma cabine só para mim por estar… assim.

Avice deu um passo para trás, o que era uma manobra difícil num espaço tão reduzido.

— Assim como? Ai, meu Deus! Você não é uma daquelas pessoas… pervertidas, é? Ai, meu Deus!

— Pervertida? — perguntou Margaret.

— Eu sabia que não deveria ter vindo.

— Grávida, sua boba! Achei que teria uma cabine só para mim porque estou grávida.

— Você está construindo um ninho embaixo do beliche? — perguntou Jean. — Minha gata fez isso quando teve filhotes. Ficou uma bagunça horrível.

— Não — respondeu Margaret. — Não estou construindo um ninho. Escutem, estou tentando contar uma coisa para vocês.

Maggie já estava ruborizada. Avice cruzou os braços como se quisesse se proteger e perguntou:

— É assim que você pede desculpa?

Margaret balançou a cabeça.

— Não é o que vocês estão pensando.

Ela ficou de quatro no chão e fez um som suave. Segundos depois, sua mão saiu de debaixo do beliche segurando um cãozinho.

— Meninas, apresento-lhes Maude Gonne.

Quatro pares de olhos encararam o animal, que retribuía os olhares com total indiferença.

— Eu sabia! Sabia que você estava escondendo alguma coisa! — exclamou Jean, triunfante. — Quando estávamos no convés de voo,

pensei: “Essa Margaret é tão dissimulada quanto uma raposa comendo as tripas de um animal no gramado alto.”

— Ah, meu Deus! — Avice fez uma careta. — Você quer dizer que foi isso que…?

— Essas calcinhas de renda realmente funcionam, não é, Avice? — ironizou Jean.

Frances observou a cachorrinha.

— Mas não são permitidos animais a bordo!

— Eu sei.

— Desculpe, mas você não vai conseguir mantê-la aqui sem latir — observou Avice. — Além disso, a cabine vai ficar fedendo.

Houve um longo silêncio enquanto pensamentos não formulados pairavam no ar.

Por fim, a ansiedade superou a delicadeza natural de Avice.

— Vamos passar quase seis semanas neste navio. Onde a cadela vai fazer suas necessidades?

Margaret se sentou e baixou a cabeça para não bater no beliche de cima. A cachorrinha se acomodou em seus joelhos.

— Ela é muito limpa… e já pensei em tudo. Vocês não perceberam nada na noite passada, não é? Saí com ela no corredor, depois que vocês dormiram.

— Saiu com ela no corredor?

— E limpei tudo depois. Olhe, ela não late. Não tem cheiro. Vou tomar cuidado para que faça as necessidades bem longe do caminho de vocês. Mas, por favor, por favor, não me denunciem. Ela… já está velha… Foi minha mãe quem me deu e… — piscou repetidas vezes — …é a única coisa que me resta da minha mãe. Eu não poderia deixá-la, entendem?

As garotas se entreolharam em silêncio. Margaret encarou o chão, com o rosto vermelho de emoção. Era cedo demais para esse tipo de

confidência, ela sabia disso, e as colegas também.

— São só algumas semanas, e é muito importante para mim — insistiu.

Houve mais um momento de silêncio. A enfermeira olhou para os próprios sapatos.

— Se quer tentar mantê-la aqui, não me oponho.

— Nem eu — acrescentou Jean. — Contanto que ela não morda meus sapatos. Ela é um amor… para uma ratinha.

Avice sabia que não poderia ser a única a discordar: isso a faria parecer uma pessoa cruel.

— E os fuzileiros navais? — perguntou ela.

— O que tem eles?

— Vão fazer plantão nas nossas portas a partir de amanhã à noite. Não ouviu o que aquela oficial disse? Você não vai conseguir sair com a cadela.

— Um fuzileiro? Para quê?

— Ele vem às nove e meia da noite. Imagino que seja para impedir que os homens subam e nos ataquem — explicou Jean. — Pense nisso: mil homens desesperados dormindo poucos metros abaixo de nós. Eles poderiam forçar as portas se quisessem e…

— Ai, meu Deus!

Avice levou as mãos ao pescoço.

— É claro que deve ser para nos manter trancadas aqui — disse Jean com um sorriso debochado.

— Bem, então vou ter que sair com ela antes que o fuzileiro chegue.

— O corredor está cheio demais — avisou Jean.

— Talvez devêssemos contar para alguém — sugeriu Avice. — Tenho certeza de que entenderiam. E talvez tenham… algum lugar para esse tipo de coisa. Um quarto onde a cachorrinha possa ficar. Ela seria muito mais feliz se tivesse um espaço maior para correr, não acha?

Avice percebeu que não era só a história da cachorra que a incomodava, e sim a sensação de que alguém estava levando vantagem. As bagagens de todas tinham sido pesadas até a última grama, os pacotes de comida, limitados e, além disso, elas haviam sido obrigadas a deixar para trás seus pertences favoritos. E essa garota tivera a petulância de transgredir o regulamento.

— Não — respondeu Margaret, com um semblante sombrio. — Você ouviu o que o comandante disse hoje de manhã. Ainda estamos muito perto da costa. Eles colocariam Maude Gonne em um barco e a mandariam de volta para Sydney. E eu nunca voltaria a vê-la. Não posso correr o risco. Não, por enquanto, pelo menos.

— Não vamos falar nada — afirmou Jean, acariciando a cabeça da cachorrinha.

Avice pensou que Jean era o tipo de pessoa que faria qualquer coisa que desafiasse a autoridade.

— Concordam comigo, meninas? Vai ser legal! Darei um jeito de roubar um pouco de comida do jantar.

— Avice? — perguntou Margaret.

Mais tarde, voltando a pensar no assunto, Avice percebeu que era como se desde o início ela estivesse destinada a ser uma desmancha-prazeres.

— Não vou dizer nada — respondeu com a voz um pouco forçada. — Só quero que ela fique bem longe de mim. E se alguém descobrir, diga que não temos nada a ver com isso.

6

Entre os integrantes do navio havia de trinta e cinco a quarenta fuzileiros navais, cuja elegância e boas maneiras contrastavam diretamente conosco, simples marinheiros, o que não deixava de nos causar espanto e diversão… Com seus botões de metal polido e botas impecavelmente engraxadas, eles eram muito meticulosos na aparência.

L. TROMAN, MARINHEIRO DO HMS VICTORIOUS
EXTRAÍDO DE WINE, WOMEN AND WAR

DOIS DIAS A BORDO

Na tentativa de manter ocupadas as esposas cujo entusiasmo inicial poderia se transformar em saudade de casa, o HMS *Victoria* ofereceu, durante todo o segundo dia de viagem, as seguintes atividades, cuidadosamente documentadas na edição inaugural do *Daily Ship News*:

10h Culto protestante (convés E)

13h Audição de música gravada

14h30 Jogos no convés de voo

16h Ateliê de tricô (a Cruz Vermelha fornecerá dez gramas de lã cor-de-rosa ou branca e dois pares de agulhas por participante)

17h Palestra: "Casamento e vida em família", a ser ministrada pelo capelão do navio

18h30 Bingo (área de lazer, convés principal)

19h30 Missa católica romana

Das atividades sugeridas, as mais populares pareciam ser os jogos no convés e o bingo, e a palestra era a que despertava menos interesse. Infelizmente, o capelão tinha uma postura muito severa, e pelo menos uma das jovens comentara que elas não precisavam de uma palestra sobre casamento feita por um homem que parecia querer se lavar toda vez que uma delas encostava nele por acaso.

Enquanto isso, o jornal com título criativo, editado por uma das oficiais com a ajuda de duas passageiras, também citou os aniversários da Sra. Josephine Darnforth, de dezenove anos, e da Sra. Alice Sutton, de vinte e dois, e pediu para as leitoras contribuírem com fofocas e amenidades que "pudessem fazer a viagem passar de forma agradável e conveniente".

Fofoca, é?, pensou Jean, depois que alguém leu essa frase em voz alta. Aposto que até o fim da viagem eles vão ter fofoca suficiente para encher vinte malditos jornais.

Avice saiu cedo da cabine para ir ao culto protestante. Achou que encontraria mais gente do seu nível na igreja. Ficara um pouco surpresa ao ouvir Margaret dizer que assistiria à missa católica. Ela nunca encontrara alguém papista, como sua mãe chamava os católicos, mas tomou o cuidado de não demonstrar que sentia pena dela.

Jean, que já declarara sua aversão a qualquer religião (por causa de uma experiência desastrosa em uma escola cristã), estava se maquiando, quase pronta para a audição de música. Ela achava que poderia ter dança, e inclusive afirmou que estava "se coçando mais do que um canguru com a bunda em um cupinzeiro" para sair da cabine e ir para a pista de dança.

Margaret estava deitada no beliche, com a mão na cachorrinha, lendo uma das revistas de Avice. De vez em quando, dava uma risada de desdém.

— Está dizendo aqui que não se deve dormir com muita frequência sobre o mesmo lado do rosto para evitar rugas. Mas de que outro jeito dá para dormir, caramba?

Depois ela se lembrara de ter visto Avice na noite anterior deitada de costas no beliche acima do de Frances, apesar do óbvio desconforto causado pelos bobes na sua cabeça, e prometeu a si mesma que não voltaria a fazer comentários em voz alta.

Isso deixou Frances livre para sair dali sem dar explicações. Usando calça cáqui e blusa de mangas curtas, a roupa que mais se aproximava do seu antigo uniforme, saíra da cabine e, balançando discretamente a cabeça para as garotas que passavam por ela, desceu a escada.

* * *

Frances precisara bater duas vezes antes de ter uma resposta, e mesmo assim conferiu várias vezes o nome escrito na porta.

— Entre.

Ela entrou na enfermaria, que tinha paredes cobertas de garrafas e frascos dispostos em prateleiras estreitas protegidas por portas de vidro. O homem atrás da escrivaninha tinha cabelo ruivo curto, rente à cabeça como um capacete de proteção, e vestia roupas civis. Tinha o rosto sardento e os olhos enrugados, talvez por tê-los apertado durante anos a fio. Porém, a julgar pelo seu jeito, naquele momento era provável que estivesse sorrindo.

— Entre, por favor. Você deve estar achando este lugar uma bagunça.

Frances corou por um instante, mas quando percebeu que ele estava apenas brincando, deu alguns passos na sua direção.

— Então, qual é o problema?

Ele deslizava a mão de um lado para outro pela escrivaninha, como se acompanhasse um ritmo inaudível.

— Não tem problema nenhum.

Ela se empertigou, toda dura com sua blusa engomada.

— O senhor é o cirurgião? Dr. Farraday?

— Não.

Ele a observou, aparentemente avaliando se deveria esclarecer mais alguma coisa.

— Vincent Duxbury. Passageiro civil. Acho que não sou a pessoa que a senhora esperava encontrar. Ele… hã… não conseguiu embarcar. Então, o comandante Highfield me pediu para substitui-lo. E, para falar a verdade, considerando o padrão de entretenimento a bordo, estou feliz por ter vindo. Em que posso ajudá-la?

— Não sei se pode — respondeu ela, confusa. — Pelo menos não no sentido que eu esperava. Eu era… Quer dizer, sou enfermeira. — Ela estendeu a mão. — Frances Mackenzie. Ouvi dizer que algumas das mulheres poderiam ajudar com secretariado, por isso pensei em me oferecer para trabalhar aqui.

Vincent Duxbury apertou sua mão e gesticulou para que se sentasse.

— Enfermeira, é? Imaginei que teríamos algumas a bordo. Tem experiência?

— Cinco anos no Pacífico. Meu último posto foi no Hospital Geral da Austrália, 2º batalhão, 7ª companhia de Morotai. — Ela fez um esforço para não acrescentar "senhor".

— Meu primo esteve no Japão em 1943. E o seu marido?

— Meu…? Ah. — Por um instante, ela pareceu confusa. — Alfred Mackenzie. Da Marinha Real Escocesa.

— Marinha Real Escocesa… — repetiu devagar, como se aquilo significasse alguma coisa para ele.

Ela cruzou as mãos diante do corpo.

Dr. Duxbury se reclinou na cadeira, brincando com o gargalo de uma garrafa de vidro marrom. Ele parecia estar na sala já havia algum tempo,

embora ainda estivesse de paletó. De repente, ela percebeu que o cheiro de álcool não vinha necessariamente dos medicamentos.

— Então…

Ela aguardou, tentando não olhar diretamente para o rótulo da garrafa.

— Então a senhora quer trabalhar como enfermeira. Durante as próximas seis semanas.

— Se eu puder ser útil, sim. — Ela respirou fundo. — Tenho experiência com queimaduras, tratamento de disenteria e complicações no sistema digestivo. Principalmente com prisioneiros de guerra — acrescentou. — Tivemos muitos casos desses.

— Aham…

— Não tenho muito conhecimento sobre ginecologia ou obstetrícia, mas achei que pelo menos poderia ajudar um pouco nos casos dos homens. Perguntei ao pessoal do navio de assistência hospitalar *Ariadne*, o último lugar em que trabalhei, e me disseram que os tripulantes de porta-aviões apresentam um número desproporcional de ferimentos, principalmente durante voos de treinamento.

— Boa pesquisa, Sra. Mackenzie.

— Bem… não quero só ocupar meu tempo livre com uma atividade útil, doutor. Gostaria de ter a oportunidade de ganhar um pouco mais de experiência… Aprendo depressa — acrescentou, porque ele continuou calado.

Houve um breve silêncio. Frances olhou para ele, mas ficou constrangida com a intensidade do olhar que o homem dirigiu a ela.

— Sabe cantar? — perguntou ele, por fim.

— O quê?

— Cantar, Sra. Mackenzie. Sabe como é, músicas de espetáculos, hinos, ópera.

Começou a cantarolar uma melodia que ela não conhecia.

— Infelizmente não.

— Que pena. — Ele franziu o nariz, depois bateu a palma da mão na escrivaninha. — Achei que poderíamos juntar algumas de suas colegas e montar um espetáculo. Seria uma oportunidade perfeita, não acha?

Ela notou que a garrafa marrom estava vazia. Ainda não conseguia ler o rótulo, mas o cheiro do conteúdo que já tinha acabado se espalhava pelo local cada vez que o homem dizia alguma coisa.

Ela respirou fundo.

— Tenho certeza de que seria uma ideia muito… útil, doutor. Mas será que poderíamos discutir…

— *Long ago and far away*… Conhece *O barco das ilusões*?

— Não. Acho que não.

— É uma pena. *Old Man River*…

Ele fechou os olhos e continuou cantando. Ela se sentou, com as mãos entrelaçadas no colo, sem saber se devia ou não interrompê-lo.

— Doutor?

Sua cantoria se transformou numa melodia mais baixa. A cabeça dele estava inclinada para trás.

— Doutor? O senhor tem ideia de quando gostaria que eu começasse?

— *He just keeps rollin'*… — cantarolou ele, depois abriu os olhos e terminou o verso. — Sra. Mackenzie?

— Posso começar hoje, se quiser. Se achar que posso ser… útil. Meu uniforme está no dormitório. Coloquei de propósito na minha mala de mão.

Ele tinha parado de cantar e abrira um grande sorriso. Ela se perguntou se ele seria assim todos os dias. Nesse caso, ela precisaria começar a contar as garrafas em segredo, como havia feito com o Dr. Arbuthnot.

— Vou lhe dizer uma coisa, Frances. Posso chamá-la de Frances? — Ele usava a garrafa para apontar para ela. Parecia estar se divertindo com aquele momento em que demonstrava superioridade. — Vou lhe dizer para sair daqui.

— Não entendi.

Ele riu.

— Enganei você, não foi? Não, Frances Mackenzie. Faz cinco anos que você serve à sua pátria e à minha. Merece um descanso. Vou lhe receitar seis semanas de férias.

— Mas quero trabalhar — retrucou ela.

— Não insista, Sra. Mackenzie. A guerra acabou. Daqui a algumas semanas a senhora vai se dedicar à missão mais árdua da sua carreira. Estará criando filhos antes mesmo de se dar conta disso e, acredite, sua experiência com aqueles soldados doentes vai parecer férias. Esse será seu verdadeiro trabalho. Acredite em alguém que tem conhecimento de causa. Três filhos e uma filha. Cada um deles é um pequeno dínamo.

Ele contou os filhos nos dedos da mão, depois balançou a cabeça, como se estivesse imerso em uma profunda reflexão sobre seus descendentes.

— É o único trabalho ao qual quero que se dedique daqui em diante. O *verdadeiro* trabalho das mulheres. Então, por mais que me agrade ter a companhia de uma mulher jovem e atraente, vou insistir que aproveite seus últimos dias de liberdade. Vá ao cabeleireiro, assista a filmes, fique ainda mais bonita para o seu marido.

Ela apenas o encarava.

— Então, vá. Vá agora.

Frances levou alguns segundos para entender que sua oferta havia sido recusada. Ele não apertou a mão que ela estendeu.

— E divirta-se! Venha cantar alguma coisa! *Make way for tomorrow*…

Ao longo de todo o corredor, ela o ouviu cantar.

* * *

Naquela noite, o fuzileiro naval chegou um minuto antes das nove e meia da noite. Era um homem magro, de cabelo preto e liso, que economizava

nos gestos como se quisesse parecer invisível. Ele se posicionou diante da porta do quarto delas, os pés afastados meio metro um do outro, as costas viradas para a porta, os olhos fixos no vazio. Ele era responsável por tomar conta das duas cabines vizinhas às delas e também das cinco acima. Outros fuzileiros estavam posicionados a intervalos regulares diante de cada grupo de cabines.

— É bom ter um deles bem na frente da nossa porta — murmurou Margaret.

Estavam todas deitadas nos beliches, lendo ou escrevendo, e Avice pintava as unhas com um esmalte comprado na loja que abriram na área de lazer. Não era uma cor muito bonita, mas ela sentira necessidade de se cuidar para enfrentar melhor a viagem que já estava sendo difícil.

Elas escutaram os passos do fuzileiro, viram uma parte do corpo dele através da porta semiaberta e se entreolharam. Sem querer, Margaret olhou para baixo para conferir se a cachorrinha dormia. Elas esperaram para saber se o homem entraria para cumprimentá-las ou talvez passar alguma instrução, mas ele apenas continuou parado ali.

Às nove e quarenta e cinco, Jean saiu da cabine com seu maço de cigarros e ofereceu um para ele, que recusou. Ela acendeu um e, enquanto fumava, começou a lhe fazer perguntas. Onde ficava o cinema? Os homens comiam a mesma coisa que elas? Ele gostava de purê de batata? O fuzileiro respondia com monossílabos e sorriu apenas uma vez, quando ela perguntou o que ele fazia quando sentia vontade de ir ao banheiro.

(— Ah, Jean — murmurou Avice do outro lado da porta.)

— Somos treinados para não sentir vontade — respondeu ele secamente.

— E onde você dorme? — perguntou ela, insinuante, se apoiando em um dos canos da parede.

— Na minha cabine, senhora.

— E onde fica a sua cabine?

— Segredo oficial.

— Ah, conte — insistiu Jean.

O fuzileiro manteve o olhar fixo à frente.

— Só estou curiosa… — Ela se aproximou um pouco mais e o encarou. — Ah, responda. Já tive soldadinhos de brinquedo que falavam mais do que você.

— Senhora…

Jean parecia avaliar o poder de fogo que lhe restava. As armas convencionais não estavam funcionando.

— Na verdade — disse ela, apagando o cigarro —, eu queria perguntar uma coisa… mas é um pouco constrangedora.

O fuzileiro parecia desconfiado. E com razão, pensou Avice.

Jean fez um desenho no chão com o bico do sapato.

— Por favor, não conte para ninguém, mas me perco toda hora — contou ela. — Eu gostaria de dar uma volta no navio, mas já me perdi duas vezes e até virei piada entre as minhas colegas. Por isso, não gosto de perguntar nada para elas. Teve uma noite que eu nem jantei, porque não consegui encontrar o refeitório.

O fuzileiro relaxou um pouco. Estava escutando com atenção.

— É porque tenho só dezesseis anos, entende? Nunca fui muito bem na escola. Em leitura, essas coisas. E não consigo… — sua voz virou um sussurro — …não consigo entender o mapa. O do navio. Poderia me explicar?

O fuzileiro hesitou, mas em seguida assentiu.

— Tem um no quadro de avisos. Quer que eu lhe mostre? — Sua voz estava grave e ressonante, com se ele fosse começar a cantar.

— Ah, faria isso? — perguntou Jean, com um sorriso de partir o coração.

— Deus do céu, ela é brilhante — disse Margaret, ouvindo tudo atrás da porta.

Quando ela e Avice olharam para fora, os dois estavam diante do mapa, a uns cinco metros de distância, no fim do corredor. Margaret, vestindo um robe e carregando uma enorme bolsa de roupa suja embaixo do braço, acenou com simpatia para eles e seguiu apressada. O fuzileiro a cumprimentou, mas logo se voltou para Jean e explicou como ela poderia usar o mapa para ir, por exemplo, do convés do hangar até a lavanderia. Jean parecia muito concentrada no que ele dizia.

— Não é o ideal — disse Margaret mais tarde, ao se sentar pesadamente no beliche enquanto a cachorrinha circulava pelo quarto, farejando o chão. — Não é a caminhada adequada para ela. Quer dizer, ela está acostumada a andar no campo.

Avice se conteve para não comentar que Margaret devia ter pensado nisso antes. Ela se olhava no seu espelhinho de viagem enquanto passava hidratante no rosto. A brisa do mar fazia muito mal à pele, todas sabiam, e ela não queria reencontrar Ian parecendo uma ameixa seca.

A porta se abriu.

— Excelente! — exclamou Margaret, quando Jean entrou sorrindo e fechou a porta. — Você foi excelente, Jean.

— Bem, meninas, charme é uma coisa que a pessoa tem ou não… — Fez uma pausa. — Caramba, Avice, você parece um peixe com a boca aberta desse jeito.

Avice a fechou.

— Não sei como agradecer, Jean — disse Margaret. — Eu estava achando que ele não fosse se afastar. Essa sua história de não saber ler foi um golpe de mestre.

— O quê?

— Eu nunca teria pensado numa coisa dessas. Você é mesmo rápida na hora de inventar desculpas.

Jean a olhou de um jeito confuso.

— Não inventei nada, amiga — explicou ela. — Não consigo ler uma palavra sequer. Só o meu nome. Nunca estudei — acrescentou, com os olhos fixos no chão.

Houve um silêncio constrangedor. Avice tentou descobrir se aquilo era mais uma das brincadeiras de Jean, mas ela estava séria.

A menina quebrou o silêncio:

— Caramba! O que é isso?

Ela se levantou e abanou as mãos na frente do rosto. Logo um cheiro repugnante justificou sua reação. Margaret fez uma careta.

— Desculpe, meninas. Falei que ela era limpa. Nunca disse que não soltava pum.

Jean deu uma gargalhada, e até Frances conseguiu sorrir de leve.

Avice ergueu os olhos e pensou no *Queen Mary*, na tentativa de afastar a amargura do seu coração.

* * *

Foi na segunda noite que bateu a saudade de casa. Margaret estava acordada, deitada na cabine escura, ouvindo apenas a respiração das companheiras de viagem e os estranhos estalos dos beliches quando elas se mexiam. Paradoxalmente, sua exaustão desaparecia quando havia a oportunidade de dormir. Ela achara que estava bem: a extravagância de toda aquela história, combinada com a animação da partida, tinha conspirado para que ela não pensasse muito naquele novo ambiente. Mas, no momento, ao imaginar o navio bem no meio do oceano deslizando na completa escuridão, ela havia sido tomada por um terror irracional, um desejo infantil de dar meia-volta e correr para a segurança familiar da única casa onde já dormira. Seus irmãos logo iriam para a cama: ela podia imaginá-los ao redor da mesa da cozinha (eles quase não usavam a sala desde que a mãe morrera), com as pernas compridas espichadas enquanto

escutavam rádio ou jogavam cartas. Daniel devia estar lendo uma história em quadrinhos, talvez com Colm debruçado sobre seu ombro. O pai estaria acomodado na sua cadeira, as mãos cruzadas na nuca, exibindo a camisa puída nos cotovelos. Com os olhos fechados, como se já se preparasse para dormir, cochilaria de vez em quando. Letty estaria costurando ou polindo algum objeto, possivelmente sentada na cadeira que havia sido da sua mãe.

Letty, que ela tratara de forma tão desprezível.

Margaret ficava angustiada com a possibilidade de nunca mais vê-los, então mordeu com força os dedos, na esperança de que a dor física afastasse essa ideia.

Ela respirou fundo, colocou a mão embaixo do cobertor e acariciou Maude Gonne, enfiada no pequeno espaço onde sua coxa encontrava a barriga. Ela não devia ter levado a cachorrinha: tinha sido egoísta. Não imaginara que o animal se sentiria tão infeliz, preso vinte e quatro horas por dia naquela cabine abafada e barulhenta. Era difícil até mesmo para Margaret, mas ela podia ir aos outros conveses quando quisesse. Por favor, me desculpe, pediu em silêncio à cadelinha. Prometo recompensá-la quando chegarmos à Inglaterra. Uma lágrima escorreu por seu rosto.

Do lado de fora, o fuzileiro trocou de posição no piso metálico e murmurou um cumprimento para alguém que passava. Margaret ouviu sua camisa roçar na porta. Ao longe, os passos de várias pessoas ressoaram nas escadas de ferro. No beliche de cima, Jean murmurou alguma coisa para si mesma, talvez dormindo, e Avice puxou o cobertor até cobrir a cabeça cheia de bobes.

Margaret nunca precisara dividir um quarto. Essa era uma das poucas vantagens de ter nascido mulher na família Donleavy. Por isso, aquela pequena cabine, com a porta fechada, a luz apagada e nenhuma corrente de ar estava sufocante. Ela jogou as pernas para fora do beliche e ficou sentada por um minuto. Não posso fazer isso, disse para si mesma,

cobrindo os joelhos com a camisola grande demais. Preciso me recompor. Ela pensou em Joe, na sua expressão afetuosa e levemente zombeteira. "Controle-se, menina", diria ele. Fechou os olhos e tentou se concentrar no motivo da viagem.

— Margaret? — A voz de Jean interrompeu o silêncio da noite. — Vai a algum lugar?

— Não — respondeu, enfiando os pés debaixo das cobertas. — Não, só… — Ela não conseguia explicar. — Só não estou conseguindo dormir.

— Eu também não.

A voz de Jean saíra tão fraca que não parecia dela. Margaret sentiu pena da colega. Ela mal tinha passado da infância.

— Quer vir aqui um instante? — sussurrou.

Margaret mal conseguia enxergar as pernas e os braços esbeltos de Jean descendo depressa a escada do beliche, mas logo a jovem deslizou para baixo das cobertas na outra ponta do colchão.

— Não tem espaço ao seu lado. — Ela riu e, mesmo sem querer, Margaret riu também. — Não deixe o bebê me chutar. Nem essa cadela enfiar o focinho na minha calcinha.

As duas ficaram deitadas em silêncio por alguns minutos. Margaret não sabia se o contato da pele de Jean a tranquilizava ou incomodava. Jean parecia inquieta, mexendo as pernas com impaciência, e Margaret percebeu que Maude Gonne erguia a cabeça como se quisesse ver o que estava acontecendo.

— Qual é o nome do seu marido? — perguntou Jean, por fim.

— Joe.

— O do meu é Stan.

— Você já disse.

— Stan Castleforth. Ele vai fazer dezenove anos na terça. A mãe dele não ficou muito feliz quando ele contou que tínhamos nos casado, mas parece que está um pouco mais calma agora.

Margaret se deitou de costas, com os olhos fixos na escuridão acima, e pensou nas cartas afetuosas que recebera da mãe de Joe. Depois se perguntou se foi a coragem ou a imprudência que havia mandado alguém, que praticamente ainda era uma criança, sozinha para o outro lado do mundo.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem quando vocês se conhecerem — disse Margaret, embora o silêncio prolongado possa ter sugerido o contrário.

— Ele é de Nottingham — continuou Jean. — Você conhece?

— Não.

— Nem eu. Mas ele disse que Robin Hood veio de lá. Por isso acho que fica em uma floresta.

Jean se mexeu de novo, e Margaret a ouviu procurar alguma coisa na outra ponta do beliche.

— Você se incomoda se eu fumar? — perguntou ela, baixinho.

— Fique à vontade.

Um breve clarão iluminou o rosto de Jean, que estava concentrada acendendo o cigarro. Em seguida, ela balançou o fósforo para apagá-lo, e a cabine voltou a ficar no escuro.

— Penso muito em Stan, sabe — prosseguiu Jean. — Ele é lindo demais. Todas as minhas amigas também acham. Eu o conheci na entrada de um cinema, quando ele e um colega se ofereceram para pagar meu ingresso e o da minha amiga. *Folias de Ziegfeld*. Em tecnicolor. — Soltou a fumaça. — Ele me disse que não beijava uma garota desde que saíra de Portsmouth, e naquelas circunstâncias eu não podia dizer não. Ele estava com a mão na minha saia antes de *This heart of mine*.

Margaret a ouviu cantarolar a melodia.

— Eu me casei com um vestido feito com a seda de um paraquedas. Minha tia Mavis arranjou para mim com um soldado que ela conhecia e que vendia rádios no mercado negro. Minha mãe não gosta muito dessas

coisas. — Ela hesitou. — Na verdade, me dou melhor com minha tia Mavis. Sempre foi assim. Minha mãe acha que não sirvo para nada.

Margaret se virou de lado e pensou na própria mãe. Na sua perseverança, na sua presença maternal autoritária e nervosa, nas mãos sardentas se erguendo para prender o cabelo centenas de vezes por dia. Sentiu a boca seca.

— Foi diferente quando você… Sabe o que quero dizer?

— O quê?

— Você precisou fazer alguma coisa diferente… para ter bebê?

— Jean!

— O quê? — Jean ergueu a voz, indignada. — Alguém precisa me explicar.

Margaret se sentou na cama, tomando cuidado para não bater a cabeça no beliche de cima.

— Você deve saber.

— Eu não perguntaria se soubesse, não acha?

— Quer dizer que ninguém nunca lhe contou…. aquelas histórias de cegonha e sementinha?

Jean bufou.

— Sei onde o homem tem que enfiar o negócio, se é disso que você está falando. Até gosto dessa parte. Mas não sei como isso gera um bebê.

Margaret ficou em silêncio, chocada, mas uma voz veio de cima:

— Se vão falar sobre esses assuntos obscenos em público, podiam pelo menos falar baixo. Algumas de nós estão tentando dormir.

— Aposto que Avice sabe — disse Jean, rindo.

— Achei que você tivesse falado que perdeu um bebê — comentou Avice em tom mordaz.

— Ah, Jean. Sinto muito — falou Margaret, levando a mão à boca.

Todas ficaram em silêncio por um tempo.

— Na verdade — começou Jean —, eu não estava exatamente grávida.

Margaret ouviu Avice se mexer debaixo das cobertas.

— Eu estava… Bem, um pouco atrasada… Vocês sabem com o quê — explicou ela. — E minha amiga Polly falou que isso significava que eu estava grávida. Então eu disse que estava, porque sabia que isso me ajudaria a embarcar. Mas depois fiz as contas e percebi que não era possível… Enfim, acho que vocês sabem do que estou falando. E ainda precisaram adiar duas vezes minha consulta médica. Quando consegui ir ao médico, falei que tinha perdido o bebê e comecei a chorar, porque com tudo aquilo eu quase convencera a mim mesma de que estava grávida mesmo. A enfermeira sentiu pena de mim e disse que ninguém precisava saber a verdade, que o mais importante era que eu conseguisse encontrar Stan. Deve ser por isso que me colocaram com você, Maggie. — Ela deu uma longa tragada no cigarro. — Como vocês podem ver, não foi exatamente uma mentira. — Ela se virou, pegou um sapato e amassou a guimba do cigarro com a sola. De repente, sua voz ficou ainda mais rígida e ameaçadora: — Mas se alguma de vocês me denunciar, direi que perdi depois do embarque. Então, não adianta contar.

Margaret colocou as mãos na barriga e afirmou:

— Ninguém vai denunciar você, Jean.

Havia um silêncio ensurdecedor no beliche de Avice.

Do lado de fora, a uma distância desconhecida, ouviram uma sirene de neblina. Tocava uma única nota, grave e melancólica.

— Frances? — chamou Jean.

— Ela dormiu — sussurrou Margaret.

— Não, não dormiu. Vi os olhos dela quando acendi o cigarro. Você não vai me entregar, não é mesmo, Frances?

— Não — respondeu a garota do outro beliche. — Claro que não.

Jean saiu da cama. Deu um tapinha na perna de Margaret, depois subiu com agilidade para o seu beliche. As companheiras de cabine a ouviram se remexer debaixo das cobertas até encontrar uma posição confortável.

— Então, contem — falou ela, afinal. — Quem gosta de fazer aquilo e o que é que faz alguém realmente engravidar?

* * *

No convés de voo, a bomba de quinhentos quilos de um avião Stuka curiosamente se parece com um barril de cerveja. Ela sai rolando de dentro do aviãozinho sinistro com a mesma despreocupação com que rolaria se estivesse sendo jogada escada abaixo em uma cervejaria. Cercada por diversos aviões de combate, a bomba parece parar por um instante no céu, depois desce na direção do navio, conduzida, como se por uma força invisível, para o convés.

Essa é uma das coisas em que o comandante Highfield pensa quando imagina sua morte iminente. Ele considera essa possibilidade, mas também uma parede de chamas azuis e brancas subindo pelo convés blindado e engolindo a ilha, o centro de comando do navio. Nesse momento, como sempre soube que aconteceria, ele é tomado por um terror paralisante por ter esquecido alguma coisa. Algo que precisava fazer. E na sua paralisia cega até ele tem vaga consciência de como é ridículo procurar à sua volta alguma tarefa esquecida enquanto encara o sacrifício.

Depois, no coração enfurecido do fogo, com as bombas caindo ao seu redor e ricocheteando nos conveses, enquanto suas narinas ardem com o cheiro de combustível queimado e os ouvidos se recusam a ignorar os gritos dos seus homens, ele ergue os olhos achando que vai se deparar com um avião, mas não há nenhum. O avião também é engolido, e chamas amarelas lambem a cabine, as asas inclinadas e escurecidas, mas não o suficiente para encobrir lá dentro o rosto de Hart, ainda intacto, que interroga o comandante com os olhos.

— Desculpe — choraminga Highfield, sem saber se, em meio ao rugido do fogo, o rapaz consegue ouvi-lo. — Desculpe.

Quando acorda, com o travesseiro úmido e o céu ainda escuro acima do oceano tranquilo, ele continua murmurando aquelas palavras em meio ao silêncio.

7

Eu, como muitos outros, desenvolvi uma relação de amor e ódio com o Vic. *Detestávamos a vida a bordo, mas tínhamos orgulho da unidade de combate que o navio formava. Entre nós mesmos, sempre o insultávamos, mas não deixávamos alguém de fora dizer algo que o desacatasse… Era um navio de sorte. Os marinheiros são muito supersticiosos.*

L. TROMAN, MARINHEIRO, HMS VICTORIOUS,
EXTRAÍDO DE WINE, WOMEN AND WAR

DUAS SEMANAS ANTES

De acordo com o diário de bordo, o HMS *Victoria* tinha estado em ação no Atlântico Norte, no Pacífico e, mais recentemente, em Morotai onde, graças aos aviões Corsair que transportava, ajudou no recuo dos japoneses, missão que lhe rendera cicatrizes. O navio, como tantos outros, havia parado várias vezes no estaleiro de Woolloomooloo para reparar o casco danificado por minas, fechar os buracos causados por balas e mísseis e consertar os estragos devidos à permanência no mar, antes de partir de novo levando a bordo homens que também haviam sido tratados e deixados em forma para o combate.

O comandante George Highfield era um homem de imaginação fértil, mas quando andava pelo cais seco e observava, através da névoa do mar, o casco do *Victoria* e dos navios ali perto, muitas vezes se permitia considerá-los seus colegas. Era difícil não imaginar que eles também sofriam com algum ferimento, que tinham personalidade ao se aliarem aos seus ocupantes e darem tudo o que podiam ao enfrentarem o mar

furioso e um tiroteio violento. Em quarenta anos de serviço, Highfield tivera seus navios favoritos: aqueles que, sem dúvida, ele considerava seus, aqueles em que a ligação entre navio e tripulação era total e nos quais sabia que cada homem ali daria de bom grado a vida para protegê-lo. Em segredo, ele contivera as lágrimas de desgosto no momento de deixar esses navios, mas não as escondera quando alguns foram afundados. Muitas vezes, imaginava que as gerações anteriores de soldados deviam ter sentido o mesmo com relação aos seus cavalos.

— Meu pobre companheiro — murmurou ao olhar para o buraco aberto na lateral do porta-aviões.

A embarcação era muito parecida com o *Indomitable*, seu antigo navio.

O cirurgião havia recomendado que ele usasse uma bengala. Highfield suspeitava que o médico tivesse dito para os outros não permitirem de modo algum a volta dele ao mar.

— Na sua idade, esse tipo de lesão leva mais tempo para curar — comentara ele sobre sua cicatriz pálida e sobre a pele enrugada ao redor, resultado das queimaduras nos locais em que o metal atravessara o osso. — Não acho que deva andar de um lado para outro por enquanto, comandante.

Highfield decidira sair do hospital naquela manhã.

— Tenho um navio para levar para casa — dissera, encerrando a conversa.

Ele não permitiria que o declarassem inválido num momento como aquele.

Como todos os outros, o cirurgião não dissera nada. Às vezes, Highfield tinha a impressão de que ninguém sabia mais o que lhe dizer. Não chegava a culpá-los: no lugar deles, talvez tivesse sentido a mesma coisa.

— Ah, Highfield, me disseram que você estava aqui.

— Almirante.

Ele parou e o cumprimentou. O almirante se aproximou sob a chuva fraca, dispensando com a mão o guarda-chuva que um oficial ao seu lado oferecia. Acima deles, as gaivotas voavam e mergulhavam. Seus gritos eram abafados pela névoa.

— A perna está melhor?

— Está ótima, almirante. Parece nova.

Ele percebeu que o almirante fixou os olhos em sua perna. Como seus homens costumavam dizer, quando alguém encontra um almirante do lado de fora, a céu aberto, nunca sabe se deve polir os botões do seu uniforme para uma cerimônia ou se preparar para uma reprimenda. McManus, no entanto, era um bom almirante, e de algum modo sempre sabia o que estava acontecendo. Muitos deles passavam o tempo inteiro atrás das suas escrivaninhas, só embarcavam um dia antes de voltar para o porto e ainda reivindicavam parte da glória do navio. Mas esse almirante era um caso raro: sempre queria saber o que estava acontecendo nos estaleiros, mediava conflitos, questionava tudo, não deixava nada passar.

Highfield controlou o impulso de trocar o peso do corpo para a outra perna de novo. De repente, ele se deu conta de que era provável que McManus também soubesse tudo sobre isso.

— Pensei em dar uma olhada no *Victoria* — disse. — Faz anos que não o vejo. Desde que embarquei para acompanhar os comboios do Adriático.

— Vai achá-lo um pouco diferente — advertiu McManus. — Ele sofreu sérios ataques.

— Podemos falar o mesmo sobre muitos de nós.

Era o mais próximo que Highfield conseguiria chegar de uma brincadeira, e McManus respondeu apenas com um sorriso silencioso.

Os dois caminharam devagar pelo cais, um acompanhando inconscientemente o ritmo do passo do outro.

— Então, Highfield, está em forma de novo e pronto para partir?

— Sim, almirante.

— Foi terrível o que aconteceu. Sentimos muito, é claro.

Highfield continuou olhando para a frente.

— Sim — prosseguiu McManus. — Hart teria chegado no topo da carreira. Era um piloto fora do comum. Foi mesmo uma tragédia, e logo quando estavam tão perto de voltar.

— Entrei em contato com a mãe dele, almirante, enquanto estive no hospital.

— Ótimo. Típico de um homem bom. Eu não esperaria outra coisa de você.

Era constrangedor ser elogiado por tão pouco. Então Highfield se sentiu, como muitas vezes acontecia quando o jovem Hart era mencionado, incapaz de dizer mais alguma coisa.

Após instantes de silêncio, o almirante parou e se virou para ele.

— Você não deve se culpar.

— Sim, almirante.

— Fiquei sabendo que anda um pouco… deprimido por causa disso. Bem, todos nós tivemos perdas e passamos noites em claro nos perguntando se poderíamos ter evitado isso. — Ele lançou um olhar avaliador para Highfield. — Você não tinha escolha. Todo mundo sabe disso.

Highfield ficou tenso. Não conseguia encarar o almirante.

— É verdade. E se as carreiras dos seus homens durarem tanto quanto a sua, eles vão presenciar acontecimentos piores. Não insista nisso, Highfield. Essas coisas acontecem.

McManus ficou quieto, como se estivesse perdido em seus pensamentos, e Highfield também continuou em silêncio, escutando o som dos seus passos no cais agora escorregadio. Ao longe, ouvia-se o rangido e as pancadas abafadas dos guindastes.

Eles estavam quase chegando à passarela de embarque. De onde estava, Highfield conseguia ver os mecânicos a bordo substituindo o metal que

tinha sido danificado com o impacto, podia ouvir os golpes de martelo e o ruído das furadeiras, o que indicava que os soldadores estavam ocupados no hangar. Eles tinham trabalhado muito, mas uma enorme fissura carbonizada a estibordo ainda estava parcialmente visível no metal cinza liso. O navio não ganharia nenhum concurso de beleza, mas, ao olhar para ele, Highfield sentiu a tristeza das últimas semanas diminuir.

Pararam na beira da passarela de embarque, semicerrando os olhos por causa da chuva fraca. Highfield voltou a sentir uma pontada na perna e perguntou a si mesmo se daria para se apoiar sem que McManus percebesse.

— Então, Highfield, o que vai fazer quando voltar?

O comandante hesitou.

— Bem, estarei aposentado, almirante.

— Sei disso. Estou perguntando o que vai fazer com seu tempo livre. Tem algum hobby? Ou andou escondendo alguma Sra. Highfield durante todos esses anos?

— Não, almirante.

— Entendi.

Highfield achou que tinha detectado uma pitada de pena na última palavra do almirante. Queria dizer que nunca sentira falta de uma presença feminina em sua vida. Aproxime-se demais de uma mulher e nunca será feliz em lugar algum. Ele vira homens com saudades das esposas enquanto estavam no mar, depois irritados com as limitações da feminilidade e da vida familiar quando estavam em terra. Não se importava mais em tocar no assunto: nas poucas ocasiões em que isso acontecia, os homens olhavam para ele com curiosidade.

O almirante se virou para o *Victoria*.

— Bem, não há nada como aproveitar a vida, não é? Imagino que não teríamos o melhor de você se sua cabeça estivesse sempre em alguma mulher em algum lugar.

— É verdade, almirante.

— Meu hobby é o golfe. Planejo passar dias inteiros em campos de golfe. Acho que minha esposa também vai gostar muito disso. — O almirante riu. — Ao longo de todos esses anos ela se acostumou a levar uma vida própria, se é que você me entende.

— Sim — respondeu Highfield, embora não entendesse.

— Não me atrai a ideia de viver o tempo inteiro debaixo das asas dela.

— Entendo.

— Não é uma coisa com a qual você precise se preocupar, certo? Pode jogar todo o golfe que quiser.

— Não gosto muito de golfe, almirante.

— Ah, não?

— Acho que sou mais feliz na água.

Ele quase disse o que pensava: que não sabia direito o que ia fazer. E que estava confuso por não saber. As últimas quatro décadas da sua vida tinham sido planejadas quase minuto a minuto, e ele sabia com dias ou até mesmo semanas de antecedência o que estaria fazendo, e até em que lugar do mundo estaria, de acordo com o planejamento datilografado das suas missões curtas ou longas.

Algumas pessoas o consideravam um sortudo por encerrar a carreira no fim da guerra: na chama da glória, brincavam, mas depois percebiam o que haviam falado. Vou levar meus homens de volta para casa, pensava ele. Será um bom jeito de encerrar a carreira. Ele conseguia ser muito convincente. Diversas vezes precisou conter a vontade de pedir para o almirante deixá-lo ficar.

— Vai subir, então?

— Pensei em inspecionar o serviço. Parece que andaram muito ocupados.

Agora que estava de novo a bordo, Highfield recuperou um pouco da sua autoridade, a sensação de segurança e organização que lhe haviam

escapado durante o período que passara no hospital. O almirante não respondeu, apenas subiu rapidamente a passarela de embarque com as mãos cruzadas nas costas.

O painel de presença tinha sido virado para a parede. Highfield parou no vão da porta, o desvirou e encaixou ali o crachá com seu nome para confirmar que estava a bordo. Um gesto que o tranquilizava. Depois eles passaram pela soleira da porta, curvando-se juntos ao entrar no hangar cavernoso.

Nem todas as luzes estavam acesas, e Highfield levou alguns minutos para se habituar à escuridão. Ao seu redor, marinheiros usavam correias enormes para fixar caixas de equipamentos nas prateleiras estreitas, subindo e descendo baldes pretos cheios de ferramentas para os que trabalhavam acima deles. Ao fundo, três jovens marinheiros repintavam os tubos de encanamento. Eles olharam para trás, aparentemente sem saber se deviam cumprimentá-lo ou não. Highfield reconheceu um deles, um jovem que quase perdera um dedo ao prendê-lo nas amarras algumas semanas antes. O marinheiro o cumprimentou com a mão protegida por uma espécie de bolsa de couro. Highfield assentiu, satisfeito por vê-lo de volta ao trabalho. Depois olhou à sua frente, para o gigantesco elevador que transportava os aviões para o convés. Vários homens trabalhavam, e um deles, em um andaime, parecia soldar a intervalos regulares suportes metálicos que chegavam até ao convés de voo. Ele observou a cena, tentando encontrar uma possível explicação. Não conseguiu.

— Ei! Você!

O jovem soldador no andaime ergueu o capacete de segurança. Highfield foi até a beirada do elevador.

— Que diabo acha que está fazendo aí?

O homem não respondeu, apenas exibiu uma expressão confusa.

— O que está fazendo com esse elevador? Ficou doido? Sabe o que os elevadores fazem? Permitem que os malditos aviões subam e desçam.

Quem foi que lhe disse para…

O almirante colocou a mão no braço de Highfield. Passaram-se alguns segundos até que o comandante, ainda atordoado com o que via à sua frente, percebesse o gesto.

— Era isso que eu queria lhe falar.

— Esse idiota está colocando suportes metálicos no elevador. Suportes para beliches, pelo amor de Deus! Não sabe o que está fazendo, cara?

— Ele está seguindo as minhas ordens, Highfield.

— Não entendi, almirante.

— O *Victoria*. Algumas coisas mudaram durante o tempo que você passou no hospital. Novas ordens de Londres. Não faremos uma travessia de rotina, como deve ter imaginado.

Highfield pareceu desapontado.

— Mais prisioneiros de guerra?

— Não.

— Espero que não sejam prisioneiros inimigos. Lembre-se dos problemas que tivemos…

— Acho que pode ser pior do que isso, Highfield. — Ele respirou fundo, com os olhos fixos no rosto do comandante. — São beliches para mulheres.

Houve um longo silêncio.

— Vocês ainda vão levar seus homens para casa, como previsto. Mas receberam um carregamento extra. Seiscentas e tantas mulheres australianas que vão encontrar seus maridos em Blighty. Os elevadores serão usados para os beliches extras.

O soldador retomou o trabalho e o maçarico voltou a espalhar faíscas pela superfície metálica.

Highfield se virou para o almirante.

— Mas elas não podem viajar no meu navio.

— É a guerra, Highfield. As pessoas estão se virando como podem.

— Mas elas viajam em navios de transporte de tropas, almirante, que possam lhes fornecer boa comida. Não podemos ter mulheres, bebês e não sei mais o que em um porta-aviões. É loucura. É preciso explicar isso.

— Não posso dizer que fiquei inteiramente feliz com a ideia. Mas ordens são ordens, meu caro. Todos os navios já foram requisitados. — Ele bateu de leve no ombro de Highfield. — São só seis semanas. Vão passar sem que você perceba. Além disso, depois do que aconteceu com Hart e aquela história da mina, será bom para levantar o moral dos homens. Eles vão pensar em outra coisa.

Mas é minha última viagem. A última travessia com meus homens. Com o meu navio, pensou Highfield, sentindo crescer dentro dele uma imensa vontade de gritar, uma onda de fúria vindo da humilhação.

— Almirante…

— Olhe, George, os telefonemas que recebi de Londres foram incisivos. Há um interesse político por trás dessa história das mulheres. As esposas dos soldados britânicos têm se manifestado diante do Parlamento porque acham que foram esquecidas. Tanto o alto comando quanto o governo australiano não gostariam que esse tipo de coisa se repetisse aqui. Além disso, os australianos não estão nada contentes que tantas mulheres do país deles estejam se casando com estrangeiros. Acho que os dois lados acreditam que a melhor coisa é levar as mulheres embora o mais depressa possível e deixar que a situação se acalme. — Seu tom de voz agora estava conciliatório. — Sei que é difícil para você, mas tente entender o ponto de vista das jovens. Algumas não veem os maridos há dois anos ou mais. A guerra acabou, e elas estão desesperadas para encontrá-los. — Ele reparou que Highfield estava com o maxilar cerrado. — Coloque-se no lugar delas, George. Só querem voltar para os maridos o mais depressa possível e sem confusão. Você precisa entender.

— Mulheres a bordo é a receita para o desastre. — A força dos sentimentos de Highfield endureceu sua voz e vários homens ali perto

pararam de trabalhar para observá-los. — Não aceito levá-las! Não vou permitir que mulheres perturbem a ordem deste navio. Precisam entender. Enxergar a real situação.

— Não terá bebê nem criança a bordo. — O tom de voz do almirante parecia mais suave, e ao mesmo tempo mais seco, como se ele estivesse perdendo a paciência. — O grupo foi cuidadosamente escolhido. Só mulheres jovens, saudáveis, embora algumas talvez estejam grávidas.

— E os homens?

— Não haverá homens. Quer dizer, alguns, como sempre, mas só saberemos detalhes poucos dias antes do embarque. Ainda não recebi a lista completa. — O almirante fez uma pausa. — Ah, você está se referindo aos seus homens. Bem, eles estarão em outro convés. Os monta-cargas, onde ficarão as cabines, terão acesso restrito. Algumas… as que estão grávidas… terão direito a cabines individuais. O trabalho dos seus homens continuará normal. E ainda estamos providenciando toda a vigilância possível para impedir intromissões inconvenientes, sabe o que quero dizer.

O comandante Highfield se virou para o seu superior. A tensão do momento retirou do seu rosto a habitual neutralidade. Ele estava desesperado para explicar que a ideia era um tremendo erro e impossível de ser levada adiante.

— Veja bem, almirante, alguns dos meus homens não desfrutam de… companhia feminina há meses. Isto é como jogar um fósforo em um barril de pólvora. Não ouviu falar dos incidentes no *Audacious*? Todos nós sabemos o que aconteceu, pelo amor de Deus.

— Acho que todos nós aprendemos com o que aconteceu no *Audacious*.

— Isso é impossível, almirante. É perigoso, ridículo, vai desestabilizar todo o clima do navio. O senhor sabe como essas coisas são frágeis.

— Não há nada a fazer, Highfield.

— Trabalhamos meses a fio para restabelecer o equilíbrio entre os homens. O senhor sabe pelo que eles passaram. Não pode simplesmente jogar centenas de mulheres no meio deles e achar que…

— Elas estarão sob ordens muito rígidas. A Marinha vai dar orientações…

— E o que as mulheres entendem de ordens? Aproximar homens e mulheres significa que vai haver problema com certeza.

— São mulheres casadas, Highfield. — O tom de voz do almirante estava severo. — Elas vão para casa reencontrar os maridos. É isto que devemos levar em conta.

— Bem, com todo o respeito, almirante, isso mostra quanto o senhor entende de natureza humana.

Suas palavras pairaram no ar, deixando os dois homens abalados. A respiração do comandante Highfield estava entrecortada.

— Permissão para me retirar, almirante.

Ele mal esperou pelo aceno de cabeça. Pela primeira vez na sua carreira na Marinha, o comandante Highfield virou as costas para seu superior e se afastou furioso.

O almirante permaneceu onde estava e observou o outro atravessar o hangar e desaparecer dentro do navio, como um coelho buscando refúgio em sua toca. Em alguns casos, tamanho desrespeito poderia significar o fim da carreira de um homem. No entanto, embora Highfield fosse um velho rabugento, McManus tinha muito respeito por ele. Não queria que o comandante encerrasse a carreira profissional em desonra. Enquanto acenava para os marinheiros retomarem o trabalho, o almirante refletiu que, por mais que amasse a esposa e as filhas, para ser sincero, se fosse seu navio, ele provavelmente teria reagido da mesma forma.

8

Durante a viagem, as esposas tiveram palestras e demonstrações práticas sobre problemas referentes ao racionamento nas compras e no preparo da comida. Suas porções nos estágios finais da viagem sofreram uma pequena redução, para que o efeito da mudança para uma alimentação racionada não fosse severo demais.

DAILY MIRROR, *7 DE AGOSTO DE 1946*

CINCO DIAS

Com uma mudança de humor tão abrupta e inflexível como acontecia com as esposas a bordo, as condições do mar pioraram muito no trecho conhecido como Sydney Heads. Os homens diziam, com um misto de alegria e apreensão, que a Grande Baía Australiana indicaria quem eram os verdadeiros marinheiros entre eles.

Era como se, após ter dado à tripulação uma falsa sensação de segurança, o destino decidisse mostrar a vulnerabilidade e a imprevisibilidade do futuro deles. O mar azul tranquilo se tornou mais escuro e barrento, e logo surgiram enormes ondas ameaçadoras. O vento, antes uma brisa suave, soprava rajadas fortes, logo intensificadas para um verdadeiro vendaval. Uma tempestade atingiu os homens que, mesmo sufocados pelas roupas impermeáveis, se empenhavam para prender com mais firmeza os aviões nos conveses. O navio era jogado para o alto e depois voltava a atingir as ondas, rangendo com o esforço.

Foi nesse momento que as passageiras, que haviam passado os dias anteriores vagueando pelos conveses como um bando alvoroçado, se recolheram para suas respectivas cabines, primeiro uma a uma, depois em grupos. As que conseguiam se manter de pé seguiam com dificuldade pelos corredores, cambaleantes e pálidas, apoiando-se nas paredes. As palestras foram canceladas, assim como o treinamento em botes salva-vidas que estava programado, quando ficou claro que apenas um número muito pequeno de mulheres conseguiria participar. As oficiais ainda em condições de andar se empenharam ao máximo para distribuir remédios para enjoo.

O estrondo do mar atingindo o navio, o som intermitente da sirene e o incessante ruído de correntes e aviões tornava impossível dormir. Avice e Jean (tinha que ser Jean, não é mesmo?) estavam deitadas em seus beliches, voltadas para seus mundos particulares de náusea e infortúnio. Pelo menos, o mundo de Avice era particular, mas ela sabia cada sintoma de Jean: que seu estômago estava revirado, que até um pedaço de pão seco a fizera vomitar do lado de fora do refeitório no convés de voo, que aquele terrível fornalheiro que as seguira até a lavanderia tinha comido um sanduíche de queijo com Vegemite bem na frente dela só para deixá-la ainda mais enjoada. E, como se não bastasse, ele comia de boca aberta…

— Sim, sim, Jean. Posso imaginar a cena — dissera Avice, tapando os ouvidos.

— Você não vem tomar chá? — perguntou Margaret, parada no vão da porta. — Hoje também tem patê de carne.

A cachorrinha estava dormindo na sua cama, aparentemente sem se importar com o mau tempo.

Jean se virou para a parede. Sua resposta, talvez positiva, foi inaudível.

— Vamos, então, Frances? — convidou Margaret. — Acho que seremos só eu e você.

* * *

Margaret Donleavy conhecera Joseph O'Brien dezoito meses antes, quando seu irmão Colm o levara para casa depois do pub, com outros seis ou sete amigos que tinham passado a conviver com os Donleavy durante os últimos meses da guerra. Era o jeito que seus irmãos encontraram de manter a casa cheia após a morte da mãe, dizia Margaret. No início, eles não conseguiram suportar o vazio que ficara, o silêncio ensurdecedor causado pela ausência de uma pessoa tranquila. Seu pai e os irmãos não queriam que ela e Daniel ficassem sozinhos enquanto eles afogavam a tristeza no pub (eram atenciosos, por mais que nem sempre demonstrassem), por isso, durante vários meses, levaram o pub para a fazenda. Havia dias em que cerca de quatorze ou quinze homens se amontoavam na parte de trás da picape, com a presença frequente de americanos cheios de destilados e cerveja, ou irlandeses, cujas canções deixavam Murray com lágrimas nos olhos. Todas as noites a casa era preenchida pelo som de homens cantando e bebendo. De vez em quando, Daniel chorava, tentando entender tudo aquilo.

— Joe era o único que não me convidava para sair nem me perturbava — contou ela a Frances, ao atacar o purê de batatas assim que se sentaram no refeitório quase vazio. — Os outros me tratavam como se eu fosse uma garçonete ou tentavam me apalpar quando meus irmãos não estavam olhando. Certa vez, precisei bater com uma pá em um deles, que foi atrevido demais no curral das vacas. — Ela segurou a bandeja de metal antes que deslizasse para o outro lado da mesa. — Ele nunca mais voltou.

Uma semana mais tarde, Colm havia flagrado outro amigo espiando pelo buraco da fechadura do banheiro, e ele, Niall e Liam tinham dado uma surra histórica no sujeito. Depois disso, acabaram parando de levar homens para casa.

A não ser Joe, que ia todos os dias. Ele provocava Daniel, que achava graça, dava conselhos ao pai dela sobre a fazenda, pois seu próprio pai também tinha uma pequena propriedade rural em Devon. Ele a observava

discretamente e oferecia cigarros e meias de nylon pequenas demais para ela.

— No fim das contas, tive que perguntar por que ele sequer havia me chamado para sair. Ele disse que pensou que, se ficasse tempo demais na nossa casa, eu acabaria achando que ele fazia parte da mobília.

Eles tinham saído pela primeira vez exatamente três meses antes de a Força Aérea dos Estados Unidos jogar a bomba atômica em Hiroshima. O casamento acontecera algumas semanas depois, durante o último dia de folga de Joe. Margaret usara o vestido de noiva da mãe. Ela sabia que seriam felizes juntos. Dizia que Joe era igual aos seus irmãos: não levava nem ela nem a si mesmo muito a sério.

— Ele ficou contente com o bebê?

— Quando contei que estava grávida, ele perguntou se o bebê ia nascer na época em que os cordeiros davam cria.

Ela riu com desdém.

— Ele não faz o tipo romântico — observou Frances, sorrindo.

— Romantismo não é mesmo o forte dele — concordou Margaret. — Mas não me importo. Nunca liguei muito para essas frescuras. Depois de passar a vida inteira com quatro homens em uma fazenda, é difícil associar romance às pessoas do mesmo sexo daquelas que passaram anos esfregando meleca em você embaixo da mesa da cozinha. — Ela riu de novo, comeu mais uma garfada de purê e prosseguiu: — Eu nem pensava em me casar. Para mim, casamento tinha mais a ver com cozinhar e lavar meias. — Baixou os olhos para o próprio corpo e seu sorriso desapareceu. — De vez em quando ainda me pergunto como consegui acabar assim.

— Sinto muito pela sua mãe — disse Frances.

Margaret reparou que ela havia repetido o purê, mas ainda assim estava magra como um caniço. No seu caso, a posição do bebê não lhe permitiria dar mais uma garfada sem ter uma indigestão. A sobremesa foi um manjar

que o chef gostava de comparar com uma bela nadadora, como explicou, rindo, porque tremia no prato e tinha lindas curvas.

— Como foi que ela morreu? Ah, me desculpe — acrescentou Frances ao ver o rosto pálido de Margaret enrubescer. — Não quis ser… indelicada. É coisa de enfermeira.

— Não… não se preocupe. — disse Margaret.

Elas se agarraram à mesa, que estava presa ao chão, e com os braços impediram que sal, pimenta e copos saíssem voando.

— Foi de repente — explicou, por fim, quando o balanço do navio diminuiu. — Ela parecia estar bem, e um minuto depois… se foi.

O refeitório estava quase em silêncio, exceto pelo murmúrio das mulheres corajosas ou resistentes o suficiente para continuar ali, contemplando a comida, e pelo ruído ocasional de alguma louça ou bandeja se espatifando no chão, vítima da fúria de mais uma onda. As filas dos primeiros dias tinham desaparecido, e as poucas jovens ainda com apetite passavam várias vezes na frente das travessas, demorando para decidir.

— Eu diria que esse é um bom jeito de partir — observou Frances. Seus olhos, quando encarou Margaret, estavam límpidos e firmes, de um azul vivo. — Ela não deve ter sentido nada. — Fez uma pausa e, em seguida, acrescentou: — É verdade, coisas muito piores podiam ter acontecido com ela.

Margaret com certeza teria refletido mais sobre essa frase se não tivesse escutado risos vindo de um canto do refeitório. O que a princípio era um barulho de fundo já durava alguns minutos, mas se tornara bem audível, e parecia aumentar e diminuir de acordo com a intensidade das ondas.

As duas olharam para trás e descobriram que algumas mulheres não estavam mais sozinhas: contavam com a companhia de vários homens com macacões de trabalho. Margaret reconheceu um deles, que ela cumprimentara no dia anterior, ao encontrá-lo limpando o convés. Os

homens estavam agrupados em torno das mulheres, que pareciam contentes em receber um pouco de atenção masculina.

— Jean devia estar aqui — disse Margaret, distraída, antes de voltar a atenção para o prato.

— Acha que devemos levar alguma coisa para elas? Um pouco de purê de batata? — sugeriu Frances.

— Já vai estar frio quando chegarmos à cabine. Além disso, não gostaria que Jean comesse alguma coisa em cima do meu beliche. Já basta o mau cheiro de agora.

Frances olhou para o lado de fora e contemplou o mar enfurecido, cujas ondas às vezes quebravam com violência nas janelas manchadas de sal.

Ela era reservada, deduziu Margaret, o tipo de pessoa que parece estar sempre com outro assunto na cabeça, mesmo quando é ela quem está falando.

— Espero que Maude Gonne esteja bem — disse, em voz alta.

Frances se virou, como se tivesse sido distraída de pensamentos distantes.

— Estou dividida entre a vontade de conferir se ela está realmente bem e a sensação de que não vou aguentar passar mais um minuto naquela maldita cabine. Estou enlouquecendo. Principalmente com aquelas duas reclamonas — continuou Margaret.

Frances assentiu de forma quase imperceptível. Era o máximo que ela faria para demonstrar que concordava, suspeitava Margaret. No entanto, ela se inclinou à frente para que a escutassem apesar do barulho no refeitório.

— Podemos levá-la mais tarde para dar uma volta no convés, se você quiser. Para tomar um pouco de ar. Você poderia colocá-la naquela cesta de vime e a esconderíamos debaixo de um casaco.

— Olá, senhoras.

Era o mecânico. Margaret se sobressaltou, depois olhou para trás dele, onde estavam as garotas agitadas com quem ele acabara de falar. Algumas, inclusive, continuavam olhando para ele por cima do ombro.

— Bom dia — respondeu ela em tom seco.

— Eu estava agora mesmo conversando com minhas amigas ali e achei que devia comunicar a vocês que vai ter uma festinha de "boas-vindas a bordo" no alojamento dos fornalheiros esta noite. — Ele tinha um sotaque e uma desenvoltura que lhe davam bastante autoconfiança.

— Obrigada por ter pensado em nós — respondeu Margaret, tomando um gole de chá —, mas tem uma pessoa que fica de olho na nossa porta.

— Não esta noite, senhoras. Os monitores da moralidade foram dispensados por causa do mau tempo. Teremos uma ou duas noites de liberdade. — Piscou para Frances. Parecia que piscava sem parar desde que nascera. — Vai ser divertido. Arranjamos algumas bebidas, podemos jogar cartas e talvez apresentá-las a alguns costumes ingleses.

Margaret ergueu os olhos para o teto.

— Não é para nós, obrigada.

— Cartas, madame, jogos de cartas. — Sua expressão demonstrava espanto e ofensa. — Não sei o que pensou. Que coisa! A senhora é uma mulher casada e tudo o mais…

Mesmo sem querer, Margaret riu.

— Bem, uma partida de cartas não faz mal a ninguém. O que vocês jogam?

— Gin rummy. Newmarket. Ou o velho e conhecido pôquer.

— O único que é realmente um jogo de cartas — disse ela —, mas só jogo por dinheiro.

— Esse é o tipo de mulher que me agrada.

— É provável que eu acabe com você. Aprendi com os melhores.

— Vou correr o risco. Nem quero saber de quem vou tirar o dinheiro.

— Ah, mas vai ter espaço para mim? — perguntou ela, se recostando na cadeira para deixar sua barriga bem visível. Esperou para ver a reação do rapaz.

Ele hesitou apenas por uma fração de segundo.

— Arranjaremos espaço para a senhora. Qualquer jogador decente de pôquer é bem-vindo no alojamento dos fornalheiros.

Foi como se eles tivessem reconhecido alguma coisa um no outro.

— Dennis Tims.

Ele estendeu a mão, que ela apertou.

— Margaret… Maggie… O'Brien.

Ele fez um sinal com a cabeça para Frances, que não tinha estendido a mão.

— Estamos quase na mesma direção de vocês, quatro conveses abaixo. Desçam a escada ao lado dos banheiros dos oficiais, depois sigam o som da diversão.

Ele se despediu, começou a se afastar, depois acrescentou, em voz baixa:

— Se ficar entalada na escada, Mags, dê um grito que mandarei alguns colegas para ajudar.

A perspectiva de passar algumas horas na companhia de homens deixou Margaret visivelmente animada. Não estava atrás de um flerte, ao contrário de outras mulheres, apenas do mesmo descomplicado ambiente masculino que tinha em casa. Ela suspirou fundo. A presença de Dennis lhe mostrara como era difícil sua nova vida em meio apenas a mulheres.

— Ele parece um cara legal — comentou, em tom alegre, se levantando da mesa com dificuldade.

— É verdade — concordou Frances, seguindo para o carrinho das bandejas para lavar.

— Você vai comigo, Frances?

Margaret precisou se apressar para acompanhar o ritmo da colega alta e magra que seguia a passos largos pelo corredor, mantendo o equilíbrio apesar do balanço forte do navio. Frances ficou com o rosto virado para o outro lado enquanto Dennis conversava com a gente, pensou Maggie. Passaram-se alguns minutos até que ela se deu conta de que, ao longo das duas horas que haviam passado juntas, Frances não dissera uma palavra sequer sobre si mesma.

Querido George,

Espero que esta carta chegue até você e que sua perna esteja bem melhor. Não tenho certeza se você recebeu a última que mandei, porque faz muito tempo que não tenho resposta. Tomei a liberdade de numerar esta para que você possa saber em que ordem foram mandadas. Todos nós estamos bem aqui em Tiverton. O jardim está simplesmente lindo, e os canteiros novos estão prontos. Patrick anda trabalhando muito, como sempre, e contratou um novo sujeito para ajudá-lo com algumas das contas maiores. Isso fez aumentar para cinco o número total de empregados, o que representa uma despesa e tanto nestes anos de orçamento reduzido.

Estou ansiosa para receber notícias suas, George, porque já perguntei diversas vezes se você quer assumir o aluguel do chalé que fica no limite da propriedade dos Hamworth. Falei pessoalmente com Lorde Hamworth (nos vimos algumas vezes nos encontros promovidos por sua esposa) e ele disse que fica muito feliz em considerar seu nome, tendo em vista os relatos brilhantes do seu serviço. No entanto, ele precisa de uma resposta rápida, meu querido, pois outras pessoas também demonstraram interesse. Há uma professora aposentada na casa ao lado, a Sra. Barnes, uma excelente pessoa, de Cheltenham. E já encontramos alguém para ajudá-lo, portanto não precisa se preocupar em esquentar seus jantares!

E, como eu já disse, Patrick vai ficar feliz em apresentá-lo ao que há de melhor na sociedade de Tiverton. Ele é um nome importante no Rotary Club local e conseguiria colocar você em contato com as pessoas certas da região. Agora que terá algum tempo livre, que tal se associar ao clube de automóveis local? Ou talvez praticar um pouco de iatismo? Tenho certeza de que você vai continuar amando barcos até os últimos anos da sua vida.

Outro militar aposentado acabou de se mudar para cá com a esposa, mas acho que ele pertence à Força Aérea, então você teria alguém com quem dividir suas "histórias de guerra". Tenho a impressão de que é uma pessoa reservada — não trocou uma palavra comigo na rua! — e parece ter um problema no olho. Imagino que seja um ferimento de guerra, embora Marjorie Latham jure que ele pisca para ela.

Tenho que ir agora, George, não sem antes avisar que nossa irmã está um pouco melhor. Ela pediu para agradecer por tudo que você fez, e disse que em breve espera poder lhe escrever pessoalmente. Ela tem enfrentado a perda com muita coragem.

Rezo, como sempre, para que sua viagem ocorra em segurança.

Da irmã que o ama,
Iris

Sentado em sua câmara, com uma das mãos na taça de vinho de cristal e outra no garfo que distraidamente erguera para levar à boca, o comandante Highfield lia a carta que relutava em abrir desde Sydney. O garfo já estava suspenso havia vários parágrafos, e quando chegou ao final da carta, o comandante o largou e empurrou para longe seu prato de filé de presunto com batatas cozidas que já esfriara.

Ele ficara contente com a mudança no tempo: era mais fácil administrar a presença das mulheres quando elas ficavam confinadas em seus beliches e cabines e, com exceção de dois casos sérios de vômito e da garota que ganhara hematomas ao cair do beliche de cima, a enfermaria não tinha sido muito utilizada. Ainda assim, ele não estava conseguindo tirar o médico da cabeça.

No início, atribuíra o problema à umidade. A dor aguda que sentia seria consequência do reumatismo, causado pela repentina queda na pressão. A dor na perna, no entanto, se tornara cada vez mais insistente e também não era a mesma de antes, pois às vezes ficava mais penetrante, como um sinal de perversidade. Ele sabia que precisava se consultar: o médico em Sydney insistira que era necessário. Mas tinha certeza de que, se descobrissem o que ele suspeitava, teriam uma boa razão para privá-lo daquela última viagem. Ele seria mandado de avião para casa. E até mesmo um navio cheio de mulheres era preferível a navio nenhum.

Alguém bateu na porta. Como se por reflexo, Highfield escondeu a perna embaixo da mesa.

— Entre.

Era Dobson, carregando um calhamaço de papéis.

— Desculpe incomodá-lo, comandante, mas trouxe a lista atualizada dos doentes. Achei que gostaria de saber que cinco das oito oficiais não têm condições de trabalhar.

— Todas doentes?

— Quatro doentes, comandante. A outra precisa ficar de repouso porque caiu da escada ao lado da sala de transmissão e torceu o tornozelo.

Dobson olhava fixo para a comida intocada. Sem dúvida, mais tarde seria relatado na praça-d'armas e discutiriam o motivo disso, pensou Highfield.

— Que diabo ela estava fazendo fora da sala de transmissão?

— Estava perdida, comandante.

Dobson recuperou com destreza o equilíbrio quando o chão balançou sob seus pés e a chuva bloqueou a visão pela janela.

— Um dos mecânicos encontrou duas jovens no depósito de farinhas número dois hoje de manhã. De algum jeito, elas conseguiram se trancar lá dentro. Parece que muitas não sabem ler mapa.

O vinho deixara um gosto ácido na boca. Highfield suspirou baixinho.

— E como vão ficar as rondas desta noite?

— Pensei em requisitar alguns fuzileiros navais para essa tarefa, comandante. Clive e Nicol são muito responsáveis. Para ser sincero, não acho que teremos muitos problemas com as mulheres durante a travessia. Eu diria que pelo menos metade delas está ocupada demais choramingando na cama para fazer alguma besteira. Os refeitórios estão quase vazios.

Dobson tinha razão. No fundo, Highfield esperava que o mau tempo durasse as seis semanas inteiras.

— Ótimo. Coloque os homens para fazer isso. Como está o nível da água?

— Não é dos piores, comandante. Estamos quase conseguindo alcançar o nível máximo, mas devo dizer que os sistemas deste bom e velho navio estão bem cansados. O maquinário parece resistir ainda graças a alguns remendos e sorte. De todo modo, é bom que muitas mulheres fiquem na cama. — Ele riu. — Menos cabelos para lavar, essas coisas.

— Isso mesmo. Bem, tenho pensado no assunto. Não se esqueça de providenciar mais uma palestra sobre a regra da economia de água. E que seja compulsória. Para quem desrespeitar, a ameaça de ficar sem água nos três dias antes do reencontro com os maridos deve resolver a questão.

Dobson saiu da câmara. Havia algo irritante no modo como ele andava. Sonhava com o cargo de comandante, conforme Rennick, intendente de Highfield, lhe contara mais de uma vez. Ele ficava feliz com a promoção dos homens que tinham trabalhado sob seu comando, mas algo em Dobson o incomodava. Alguma coisa nos olhos daquele sujeito lhe dizia que, fosse pelo que acontecera com Hart ou pela sua aposentadoria iminente, ele podia se considerar descartado. Apesar do seu histórico, da sua posição, Highfield não era mais um homem com quem contavam.

— Esse sujeito é um cretino — disse Rennick quando chegou para recolher o prato do comandante.

Ele trabalhava com Highfield havia quase dez anos, e dava suas opiniões com a confiança de quem tinha um longo relacionamento.

— É um cretino, mas é o único imediato que tenho.

— Os homens não o respeitam. Ele não vai ajudar em nada nesta viagem.

— Sabe de uma coisa, Rennick? Cretino ou não, neste momento Dobson é a menor das minhas preocupações.

O intendente deu de ombros. Seu rosto enrugado de escocês estava fixo no comandante com uma expressão que sugeria que os dois sabiam mais do que preferiram contar. Quando ele saiu da câmara, os olhos de Highfield voltaram para a carta à sua frente, em cima da mesa de mogno. Depois pegou a taça de vinho com uma das mãos e com a outra jogou o papel no lixo.

* * *

Dennis tinha se enganado a respeito do fuzileiro naval. Quando Margaret e Frances voltaram para a cabine, ele estava ali do lado de fora, com a mão erguida como se fosse bater na porta.

— Ei! — gritou Margaret, tentando correr pelo corredor, apesar da sua barriga pesada e do chão instável. — Ei!

O fuzileiro baixou a mão para permitir que Margaret parasse entre ele e a porta.

— Posso ajudar? — perguntou ela, ofegante e segurando a barriga.

— Trouxe alguns biscoitos para as senhoras. Ordem do comandante. Estamos fazendo isso com quem está doente.

— Elas estão dormindo — argumentou Margaret. — É melhor não incomodá-las, não é mesmo, Frances?

A colega encarou o homem, mas logo desviou o olhar.

— É, sim.

— Frances é enfermeira — explicou Margaret. — Ela sabe o que é melhor para quem está doente.

Houve um breve silêncio.

— Biscoitos costumam ajudar — disse Frances.

O fuzileiro segurava o pacote com ambas as mãos.

— Posso deixá-los com a senhora, então?

— Sim, obrigada.

Margaret segurou o pacote de biscoitos e se encolheu: o bebê não tinha gostado da movimentação.

O fuzileiro estava com os olhos fixos em Frances. Quando percebeu que Margaret o observava, desviou rapidamente o olhar.

— Não vou estar aqui esta noite. Alguns colegas estão doentes por causa do mau tempo, então preciso ajudar nas rondas. Mas tenho permissão para passar aqui, se quiserem. — Ele falava depressa, como se não se sentisse à vontade com uma conversa descontraída.

— Não será preciso. Ficaremos bem — respondeu Margaret, com um grande sorriso. — De qualquer jeito, obrigada. E não precisa nos chamar de "senhora". Parece um pouco… formal.

— São ordens, senhora.

— Ah. Ordens.

— Isso mesmo.

Ele ergueu a mão para se despedir.

— Até logo, então. E obrigada pelos biscoitos — disse Margaret, acenando com a ponta dos dedos.

Ela estava rezando para que Maude Gonne, alertada por sua voz, não latisse.

Quando elas abriram a porta, Jean acordou, erguendo o rosto pálido que estivera embaixo do cobertor. Ela recusou os biscoitos e se sentou devagar, deixando à mostra a parte de cima da camisola de flanela estampada com pequenos botões de rosa. Margaret reparou que ela tinha uma aparência surpreendentemente jovem.

— Acha que devemos levar alguma coisa? — perguntou Margaret.

Maude Gonne tinha pulado para o seu colo e tentava lamber seu rosto.

— Levar alguma coisa para onde?

— Para a festa de hoje. Uma bebida ou outra coisa.

— Eu não vou — avisou Frances.

— Você precisa ir! Não posso ir sozinha.

Jean semicerrou os olhos, que estavam sombreados.

— Ir aonde? — murmurou.

— A uma festinha lá embaixo — respondeu Margaret. — Combinei de jogar uma partida de pôquer. Vou para lá depois de levar Maude Gonne para um rápido passeio. Vamos, Frances, você não pode ficar aqui sentada a noite inteira. Vai acabar entediada.

— Não é programa para mim — comentou Frances, mas sem parecer muito segura.

— Posso te ensinar a jogar.

— Vocês não vão me deixar aqui sozinha — reclamou Jean, jogando as pernas por cima da beirada do beliche.

— Tem certeza? — perguntou Margaret. — O mar está muito agitado lá fora.

— É melhor do que vomitar na companhia da "Sra. Arrumadinha" — disse ela, apontando o polegar para a silhueta adormecida de Avice, no beliche do lado oposto, onde estava pendurado um longo robe de seda rosa-claro. — Vou com você. Não posso perder essa festa. Vai ser a coisa mais divertida que acontece aqui desde que partimos.

* * *

Se Margaret achara as cabines das esposas estreitas, era porque não imaginava que fosse possível abarrotar vários homens em um lugar tão pequeno como aquele alojamento, não muito maior do que a sala da casa de um trabalhador comum. O primeiro indicador foi o cheiro: o mesmo almíscar que caracterizara os quartos dos seus irmãos na fazenda, porém muito mais forte, mais concentrado, chegando às suas narinas até mesmo com a porta fechada. Era o cheiro de corpos masculinos em contato permanente, próximos demais, lavados ou não; de suor, álcool e cigarro; de roupa suja e outras coisas sobre as quais nem Frances nem Margaret queriam pensar. Não era nenhuma surpresa: quatro andares abaixo delas, bem na linha de flutuação, era pouco provável que aquele lugar tivesse algum dia sentido mais do que um levíssimo sopro de ar fresco. Localizada logo acima da casa de máquinas a estibordo, a área também estava sujeita a uma vibração quase constante dos motores enormes, cujo ruído regular e ensurdecedor fazia o chão tremer sob seus pés.

— Acho que devíamos voltar — sugeriu Frances.

Ela havia se arrastado até lá e previsto o problema no fim de cada corredor. Margaret acabara puxando a colega pela manga, decidida a fazê-la se divertir um pouco, pelo menos uma vez, a qualquer custo.

— Ao lado dos banheiros dos oficiais, certo? Acha que são estes?

— Não vou entrar para conferir — respondeu Jean.

Durante os minutos que se passaram entre sair da cabine e descer a escada, ela tinha recuperado a cor no rosto. Atrás de Jean, Frances tropeçava e tentava retomar o equilíbrio apesar do balanço do navio.

— É aqui. Olá? — gritou Margaret e bateu timidamente na porta, sem saber se alguém conseguiria ouvir em meio a tanto barulho. — Dennis está aí?

Houve um segundo de silêncio e logo depois uma explosão de comemoração e assobios. Alguém gritou:

— Animem-se, companheiros, temos visita!

Após vários minutos, durante os quais Margaret e Frances ficaram se perguntando se não seria melhor ir embora, e Jean tentou, sem sucesso, espiar pela pequena fresta iluminada, a porta se abriu. Dennis apareceu, cheiroso, com uma camisa bem passada e uma garrafa com um líquido âmbar. Abriu os braços para convidá-las a entrar.

— Senhoras — disse, fazendo uma mesura —, bem-vindas ao verdadeiro coração do *Victoria*.

Dos trinta e dois homens alojados naquele setor, apenas metade estava presente, e mesmo assim as mulheres ficaram tão próximas do sexo oposto que, em circunstâncias normais, teriam esperado um noivado iminente. Frances passou a primeira meia hora espremida no único pedacinho livre da parede, pois a presença de tantos homens, vários sem camisa, parecia deixá-la aterrorizada demais para se sentar. Jean não parava de rir, com o rosto ruborizado, e gritava "Atrevidos!" num tom de voz falsamente rígido toda vez que não conseguia pensar em nada mais interessante para dizer, o que acontecia com frequência. Talvez Margaret fosse a que se sentia

menos incomodada: devido a sua condição de grávida e por ter sempre convivido com vários homens, ela os deixava à vontade para que a tratassem quase como uma irmã. Depois de uma hora, ela não só havia ganhado várias partidas de pôquer, como respondera a diversas perguntas sobre as melhores coisas para escrever nas cartas para as namoradas, sobre como lidar com sogras intrometidas e até sobre qual gravata usar em um evento civil. O ar estava denso por causa da fumaça do cigarro, das emanações etílicas e dos eventuais palavrões, seguidos por um pedido de desculpa, como concessão à presença das mulheres. No canto oposto, um homem ruivo e magro feito um palito tocava trompete tranquilamente. Estava sendo ignorado por todos, o que fez Margaret achar que ele devia tocar todas as noites.

— As senhoras aceitam um drinque? — perguntou Dennis, se inclinando na direção delas com dois copos nas mãos.

Elas logo compreenderam que ele não seguia as normas gerais do navio. Bebida, cigarro, empréstimo até o dia do pagamento, tudo isso fluía dele e para ele como água. Frances, que havia sido convencida a se sentar ao lado de Margaret, balançou a cabeça. Ela parecia ser imune às manifestações de admiração dos homens, e passara tanto tempo olhando fixo para os seus sapatos que Margaret se sentiu culpada por ter insistido que ela viesse. Jean, enquanto isso, já bebera dois copos e cada vez dizia mais besteira.

— Vá com calma, Jean — sussurrou Margaret. — Lembre-se de como passou mal mais cedo.

— Davy está dizendo que a bebida vai fazer bem ao meu estômago — argumentou Jean, cutucando o homem ao seu lado.

— Farrer ben ao estômaco? — repetiu Jackson, um dos marinheiros que tinha achado o sotaque delas fascinante, e imitava tudo o que diziam.

— Espero que não acredite no que essa gente fala — disse Margaret, erguendo as sobrancelhas. — Vai fazer bem ao seu estômago, sem dúvida!

— Foi isso que o seu Joe lhe disse também, não foi? — perguntou Dennis, apontando para a barriga de Margaret. Os outros riram.

Havia barras metálicas nas paredes para sustentar as redes, e fileiras de armários com tranca, todos identificados com cartões-postais ou etiquetas com os nomes dos usuários escritos à mão. No pequeno espaço que restava da parede, fotos de artistas com pouquíssima roupa disputavam espaço com outras desbotadas e menos glamorosas de namoradas, esposas e filhos sorridentes, lembranças amareladas pela nicotina de outros mundos, mais amplos e distantes. Ali em volta, os homens que não estavam jogando cartas nas mesas de madeira descansavam nas redes, escreviam cartas, dormiam, fumavam, liam ou observavam a cena, simplesmente aproveitando a presença das mulheres. Como sinal de respeito, a maioria tinha colocado a camisa, e vários ofereceram balas, cigarros e até mostraram fotos para que elas admirassem suas namoradas. Apesar da falta de espaço, Margaret não se sentia ameaçada, como acontecia na época em que seu pai levava para casa todos aqueles sujeitos do pub. Os homens eram hospitaleiros, simpáticos e flertavam com discrição. Margaret entendia a situação: após meses longe de quem eles amavam, contar com a presença de alguém que lhes fizesse lembrar de um mundo sem guerra, sem soldados nem combates, era suficiente. Ela sentira o mesmo quando vira homens vestindo um uniforme igual ao de Joe.

— Frances? Tem certeza de que não quer jogar uma partida?

Margaret ganhara de novo. Dennis tinha assobiado e jogado as cartas na mesa, prometendo uma revanche impiedosa quando se encontrassem novamente. Para ele, parecia óbvio que teria uma próxima vez.

— Não, obrigada — respondeu Frances.

— Você seria muito boa no pôquer.

Com certeza. O rosto de Frances estava impassível, suas feições elegantes não deixavam transparecer o desconforto que Margaret sabia que ela estava sentindo. Ela mencionara várias vezes naquela noite que

Frances era enfermeira, e em todas as ocasiões a colega tentara desconversar para não ter que contar sobre seus anos de serviço. Até então, fizera isso com delicadeza.

— Sua amiga está bem? — perguntou Dennis, baixinho.

— Sim, ela só é um pouco tímida. — Margaret não tinha outra explicação a dar.

Ela baixou a cabeça, constrangida pela alegada familiaridade com uma mulher que conhecia havia pouco tempo.

— Un poc timid — murmurou o marinheiro atrás dela.

— Cale a boca, Jackson. Então, onde está seu marido?

— Na Marinha — respondeu Margaret. — Joseph O'Brien. É mecânico do *Alexandra*.

— Mecânico? Ei, pessoal, Mags é uma das nossas. Esposa de um mecânico. Assim que olhei para você, percebi que tinha bom gosto.

— E aposto que você olha para muitas mulheres.

Margaret ergueu as sobrancelhas.

— Muito poucas com bom gosto — acrescentou seu colega.

Jogaram mais quatro ou cinco partidas. O clima ficou mais tranquilo com a ajuda do pôquer, e aos poucos as jovens foram deixando de se sentirem estranhas ali. Margaret sabia que havia grande chance de ela se dar bem com Dennis: ele era o tipo de homem que gostava de companhia feminina se estivesse descartada a possibilidade de conquista sexual. No início, ela achara que sua gravidez poderia dificultar as coisas durante a viagem, mas agora percebia que seu estado talvez tornasse tudo mais fácil.

Melhor ainda, paradoxalmente, era que os homens não a definiam pela sua barriga. Quase todas as mulheres que ela encontrara até então no navio tinham perguntado com quantos meses estava, se esperava um bebê "bom" (ela se questionava o que seria um bebê "ruim"), se preferia menino ou menina. Era como se ela houvesse deixado de ser Margaret para se tornar uma incubadora ambulante. Algumas queriam tocar sua

barriga e confidenciavam no seu ouvido, sem que ela perguntasse nada, que sonhavam em ter filhos. Outras, feito Avice, olhavam para o seu corpo com desdém ou simplesmente não mencionavam a gravidez, como se tivessem medo de que de algum modo pudesse ser contagiosa. Margaret quase nunca tocava no assunto: atormentada pelas lembranças das vacas da fazenda do pai parindo, ela ainda não se reconciliara com seu destino biológico.

Jogaram duas, três, muitas outras partidas. A sala estava cada vez mais enfumaçada. O homem no canto tocou duas músicas que ela não reconheceu no trompete, depois *The Green Green Grass of Home*, em um ritmo mais rápido do que de costume. Os homens haviam interrompido o jogo para cantar. Jean se enfiou no meio deles e os acompanhou com a voz desafinada, mas acabou esquecendo a letra dos versos finais. Ela quase caiu no chão de tanto rir.

Já era tarde, ou pelo menos parecia: sem luz natural nem relógio, era impossível saber se o tempo parara ou se as horas tinham avançado madrugada adentro. O resto da noite transcorreu entre partidas ganhas ou perdidas, as risadas de Jean, o trompete no canto, e sons que, com um pouco de imaginação, podiam lembrar vagamente sua casa.

Margaret largou as cartas e concedeu a Dennis um segundo para perceber que tinha perdido.

— Acho que está me devendo, Sr. Tims.

— Estou quebrado — confessou ele, com falsa consternação. — Posso acertar com pacotes de cigarro? Pode dar para o seu marido.

— Fique com eles — respondeu ela. — Estou com muita pena para tirar mais alguma coisa de você.

— É melhor voltarmos para a nossa cabine. Está ficando tarde — disse Frances, a única delas que continuava tensa e formal.

Ela olhou ostensivamente para o relógio e depois para Jean que, deitada em uma rede, não parava de rir enquanto lia uma revista em quadrinhos

que um jovem marinheiro lhe emprestara.

Faltavam quinze minutos para a meia-noite. Margaret se levantou sem ânimo, triste por ter que ir embora.

— Foi ótimo, rapazes, mas acho que devemos ir enquanto está tudo bem.

— Não querem ser mandadas para casa em um bote salva-vidas?

A expressão de Frances deixava claro que, por vários segundos, ela levara o comentário dele a sério.

— Mais uma vez, muito obrigada pela hospitalidade.

— Hopidalidade — murmurou Jackson.

— Nós é que agradecemos — retrucou Dennis. — Quer que um de nós verifique se o corredor está livre? — De repente, seu tom de voz ficou mais sério: — Ei, Plummer, tenha um pouco de respeito.

A música parou. Todos os olhos se voltaram para onde Dennis olhava. Como quem não quer nada, o dono da revista em quadrinhos que Jean lia tinha colocado a mão na parte interna da coxa dela, mas já a retirara. Não ficou claro se Jean estava bêbada demais para ter percebido. De todo modo, houve uma sensível mudança no clima. Por alguns segundos, todos ficaram quietos.

Depois, Frances deu um passo à frente.

— Sim, vamos embora, Jean! — insistiu ela, como que reanimada. — Levante-se dessa rede. Precisamos voltar.

— Desmancha-prazeres!

Jean meio que deslizou, meio que caiu da rede, jogou um beijo para o marinheiro e deixou Frances lhe dar o braço para ajudá-la a ficar de pé.

— Boa noite, rapazes. Obrigada pela excelente noite.

Seu cabelo caía no rosto, deixando apenas o sorriso à mostra.

— Precisamos acordar cedo amanhã — justificou ela.

Desajeitadamente, balançou uma das pernas, e Frances se inclinou para baixar a saia da amiga até uma altura decente.

Margaret assentiu para os homens em torno da mesa e seguiu para a porta. De repente, se sentiu constrangida, como se só naquele instante se desse conta da cilada em que podiam ter se metido.

Dennis pareceu perceber.

— Desculpe pelo que aconteceu. Foi a bebida, mas não houve má intenção.

— Não tem problema — tranquilizou Margaret, abrindo um sorriso neutro.

Ele estendeu a mão.

— Volte outra vez. — Inclinou-se à frente e murmurou: — Fico enjoado de ver sempre estas mesmas pessoas.

Ela entendeu o que ele tentava dizer e se sentiu grata.

— E eu adoraria jogar mais pôquer — acrescentou ele.

— Vamos voltar com certeza — confirmou ela, enquanto Frances arrastava Jean porta afora.

* * *

Avice estava acordada quando elas entraram na cabine da forma mais silenciosa possível, apesar dos risinhos de Jean.

No caminho, haviam encontrado só outras duas jovens, também discretas, que trocaram com elas um breve sorriso de cumplicidade antes de desaparecerem numa cabine escura. Margaret, no entanto, vira guardas imaginários por todo lado. Seus ouvidos tinham ficado atentos a possíveis gritos como: "Ei! Vocês! O que pensam que estão fazendo?" Ela percebeu, pela expressão séria de Frances, que a colega se sentia da mesma forma. Nesse meio-tempo, Jean tinha vomitado duas vezes, felizmente no banheiro dos oficiais, que ficava vazio naquele horário. Agora estava rindo enquanto tentava contar a elas a história em quadrinhos que lera.

— Era muito engraçada. Toda vez que a menina fazia alguma coisa… qualquer coisa… — Jean fez uma expressão de espanto — …a roupa dela caía.

— Hilário — murmurou Margaret.

Ela era uma mulher forte ("parecida com uma bezerra", costumavam dizer seus irmãos), mas o bebê, aliado ao peso quase morto de Jean, e o balanço incessante do navio a tinham feito resmungar e suar ao longo de todo o caminho. Frances suportara a maior parte do peso de Jean e a arrastara em silêncio, agarrando-se com uma das mãos nos canos e corrimãos, o rosto contorcido pelo esforço.

— Ela estava quase sempre só de calcinha e sutiã, ou nem isso. Em pelo menos dois desenhos estava sem nada mesmo. Nadinha. Precisou fazer assim com as mãos…

Jean teve dificuldade para se livrar dos braços de Frances, que era surpreendentemente forte para uma garota tão pequena, e fingiu tapar os seios e a virilha, fazendo um "Ah!" de surpresa.

— Já chega, Jean!

Margaret tinha espiado pelo canto do corredor que levava à sua cabine e viu que, por sorte, os fuzileiros não estavam de serviço.

— Rápido! Talvez a gente só tenha um minuto.

Nesse momento, uma mulher surgiu da escuridão e as surpreendeu.

— Ah! — exclamou Frances.

Margaret sentiu o rosto corar.

— O que está acontecendo, senhoras?

A oficial se aproximou depressa, e seu peito pareceu chegar pouco antes dela. Era uma das oficiais do corpo técnico e administrativo da Marinha, baixa, de cabelo ruivo, e que mais cedo as acompanhara até a lavanderia. Havia algo quase desonesto na sua pressa, como se andasse esperando que alguma infração fosse cometida.

— O que está acontecendo? — insistiu ela. — Sabem que as mulheres não têm permissão para estarem fora da cabine a esta hora da noite.

Margaret sentiu sua língua ficar pastosa e não conseguiu falar.

— Nossa amiga está enjoada — explicou Frances com calma. — Ela precisou ir ao banheiro, e achamos que talvez não fosse conseguir chegar lá sozinha.

Como se para confirmar, o convés se ergueu sob seus pés e fez as quatro cambalearem e caírem na parede. Enquanto deslizava de joelhos, Jean xingou e, em seguida, vomitou.

— Ela está mareada?

— Muito — respondeu Margaret, levantando Jean.

— Bem, não tenho certeza…

— Sou enfermeira — interrompeu Frances.

Sua voz, mesmo tão fraca, consegue ser surpreendentemente autoritária, notou Margaret.

— Achei que seria mais higiênico que ela vomitasse longe dos beliches. Tem outra garota passando mal na cabine — explicou, apontando para a porta.

A oficial olhou para Jean, que continuava de cabeça baixa.

— Tem certeza de que é só enjoo?

— Ah, sim — insistiu Frances. — Eu a examinei, e fora isso ela está ótima.

A mulher parecia desconfiada.

— Já vi casos como este — continuou Frances — enquanto prestava serviço no navio de assistência hospitalar *Ariadne*. — Ela enfatizou a palavra "serviço", depois estendeu a mão. — Frances Mackenzie.

A oficial estava confusa, incomodada com a situação. Margaret tinha certeza de que era porque ela não sabia muito bem o que estava acontecendo.

— Bem, nesse caso…

Ela não apertou a mão de Frances, que ficou suspensa. A aparente desenvoltura com que a enfermeira a baixou fez Margaret se perguntar quantas vezes seu gesto já havia sido recusado.

— Bem, então vou pedir para retornarem à cabine, e que não saiam de lá, a não ser em caso de emergência. Como sabem, os fuzileiros navais não estão de serviço esta noite, e o toque de recolher precisa ser respeitado.

— Tenho certeza de que ficaremos bem agora — garantiu Frances.

— São ordens, as senhoras sabem.

— Sim, sabemos — respondeu a enfermeira.

Margaret fez menção de seguir caminho, mas Frances esperou a oficial ir embora.

Claro, pensou Margaret. A cadela.

Com o passo instável, a oficial seguiu na direção do refeitório e, no meio do caminho, se virou para lançar mais um olhar desconfiado.

9

Rondas em todos os conveses, galerias e torres de tiro ocorriam com frequência e a intervalos irregulares após o anoitecer. Todas as mulheres tinham que estar na cama às 23h, e a oficial de serviço fazia a ronda para se certificar de que não havia nenhuma faltando… Estas foram as melhores medidas encontradas e, ainda que não fossem perfeitas, serviram para impedir o mau comportamento e acabaram com muitas festinhas antes mesmo de acontecerem.

COMANDANTE JOHN CAMPBELL ANNESLEY,
CITADO EM HMS VICTORIOUS, *NEIL MCCART*

SETE DIAS

O som da corneta ecoou pelo alto-falante e repercutiu por todo o convés B. Abaixo dele, vários homens fizeram caretas, e pelo menos um tapou as orelhas com as mãos. Movimentos lentos e hesitantes evidenciavam as oito "festinhas" não oficiais que supostamente aconteceram nas noites anteriores. Dos quinze homens alinhados do lado de fora da sala do comandante, onze aguardavam julgamento sumário por algum mau comportamento cometido durante essas noitadas, e os outros por fatos ocorridos ainda na última licença antes do embarque. Em geral, esses assuntos disciplinares eram resolvidos dentro de um ou dois dias após o navio deixar o cais, mas a natureza extraordinária do carregamento e o nível incomum das infrações constatadas indicavam que, pelo menos até determinado ponto, o ritmo normal a bordo do HMS *Victoria* ainda não havia sido retomado.

O mestre de armas se posicionou na frente de um dos soldados mais jovens, que contava com dois colegas com acne no rosto para segurá-lo por baixo dos braços. O homem estendeu um dedo comprido e gordo e o colocou embaixo do queixo do culpado. Ele franziu a testa quando sentiu o hálito do jovem.

— Não sei o que sua mãe diria se o visse neste estado, meu caro, mas posso muito bem imaginar. — Virou-se para os outros dois. — Ele é colega de vocês?

— Sim, senhor.

— O que fez para ficar assim?

Os garotos, que não estavam num estado muito melhor, olharam para os próprios pés.

— Não sei, senhor.

— Foi uísque com gelo e limão? Ou uísque puro?

— Não sei, senhor.

— Não sei, senhor — repetiu o homem, encarando os dois com seu olhar severo de sempre. — Aposto que sabem.

Henry Nicol, fuzileiro naval, deu um passo para trás e se encostou na parede. O jovem marinheiro ao seu lado retorcia o quepe nas mãos machucadas e ensanguentadas. Ele suspirou e firmou bem as pernas, preparando-se para o balanço do navio. Já tinham saído da área mais turbulenta da baía, mas era melhor se prevenir.

— Soames, é isso?

Parecendo infeliz, o mais jovem assentiu.

— Sim, senhor.

— Ele é acusado do quê, Nicol?

— Briga e arruaça, senhor. E embriaguez.

— Isso não se parece com você, Soames.

— Não mesmo, senhor.

O mais velho balançou a cabeça.

— Veio para defendê-lo, é isso, Nicol?

— Sim, senhor.

— Depois vá dormir um pouco. Você está de serviço de novo esta noite, e sua aparência está horrível. — Ele assentiu para o marinheiro. — Soames, isto não é nada bom. Use a cabeça na próxima vez, não os punhos.

O mestre de armas se aproximou devagar do jovem seguinte, acusado de conduta prejudicial à ordem e de uso de drogas ou bebida alcoólica. Soames se encostou na parede.

— Você precisa assumir tudo — disse o mestre de armas. — Hoje é o comandante, não o imediato, e posso garantir que ele não está com o melhor humor do mundo.

— Vou conseguir, não vou? — resmungou Soames.

Em circunstâncias normais, Nicol teria rebatido a acusação, talvez tranquilizado Soames, se mostrado otimista. No entanto, com a mão ainda enfiada no fundo do bolso da calça para tocar a carta, ele não tinha energia nem vontade de fazer outra pessoa se sentir melhor. Adiara a leitura por vários dias, pois supunha qual era o conteúdo e tinha medo. Agora, sete dias depois de sair de Sydney, ele sabia.

Como se saber pudesse melhorar alguma coisa.

— Vai dar tudo certo — disse ele.

Querido Henry,

Estou decepcionada, mas não surpresa, por você não ter me respondido. Quero dizer mais uma vez que sinto muito pelo que aconteceu. Nunca tive a intenção de magoar você, mas quase não recebíamos mais notícias suas há bastante tempo, e estou realmente apaixonada por Anton. Ele é um homem bom, gentil, e tem muita consideração comigo…

Não digo isso com a intenção de criticar você. Sei que éramos jovens demais quando nos casamos, e talvez se pelo menos a guerra não tivesse estourado naquele momento… Enfim, como nós dois sabemos, o mundo hoje está cheio de "se pelo menos"…

Ele havia lido o primeiro parágrafo e pensado que, ironicamente, a vida era mais fácil quando as cartas ainda eram censuradas.

Isso tinha acontecido quase vinte minutos antes de subirem. Eles pararam na frente do escritório do comandante, Nicol entrou na sala logo atrás do homem mais jovem, e os dois prestaram continência. O comandante Highfield estava sentado atrás da sua escrivaninha. De um lado estava o capitão fuzileiro e do outro, um tenente que Nicol não reconheceu, que anotava alguma coisa em um grande caderno. Por alguns segundos, Highfield não deu sinal de que notara a presença das novas pessoas na sala.

Nicol cutucou o mais jovem.

— Comandante — disse ele, entre os dentes, segurando o quepe à frente. Soames tirou o seu.

O oficial ao lado do comandante leu a acusação em voz alta: o rapaz brigara com um colega no alojamento dos marinheiros. Ele também tinha consumido bebida alcoólica em quantidade muito maior do que os "goles" diários permitidos aos marinheiros.

— Você se julga o quê? — perguntou o comandante Highfield, sem parar de escrever.

Ele tinha uma letra grande e elegante que contrastava com seus dedos pequenos e gordos.

— Culpado, comandante — respondeu Soames.

Sim, sou culpada. E fraca. Mas, para ser sincera, pela quantidade de cartas que recebi de você nos últimos quatro anos, eu poderia muito bem ser viúva. Passei três desses quatro anos acordada a noite inteira, uma semana atrás da outra, rezando pela sua segurança, esperando sua volta, falando todos os dias sobre você para as crianças, apesar de suspeitar que você não se lembrava de nós. E, quando voltou, parecia um estranho.

Por fim, o comandante ergueu os olhos. Olhou para o jovem, depois se dirigiu ao fuzileiro naval.

— Nicol, é isso?

— Sim, comandante.

— O que pode me dizer sobre o caráter deste jovem?

Nicol pigarreou e colocou os pensamentos em ordem.

— Ele está com a gente há pouco mais de um ano, comandante. É um jovem marinheiro. Sempre teve bom comportamento, é trabalhador, discreto. — Fez uma pausa. — Uma boa pessoa.

— Então, Soames, considerando esta brilhante referência sobre o seu caráter, o que foi que transformou você nesse brigão idiota?

O marinheiro baixou a cabeça.

— Mantenha a cabeça erguida ao falar comigo.

— Comandante. — Ele corou. — É por causa da minha mulher, comandante. Ela… Ela foi se despedir de mim em Sydney. Saímos juntos várias vezes. Mas ela se envolveu com… Bem, com outro homem do convés C, comandante.

Quando Anton apareceu e começou a me dar atenção, não foi como se ele tivesse tomado o seu lugar, Henry. Não havia lugar a ser tomado.

— …e ele começou a me insultar… e então os outros, bem, falaram que eu não era capaz de manter uma mulher ao meu lado, e o senhor sabe como são as coisas nos alojamentos, comandante, então cansei daquilo e… Bem, acho que perdi a cabeça.

— Acha que perdeu a cabeça.

As crianças adoram ele. Você vai ser sempre o pai delas, e elas sabem disso, mas vão amar os Estados Unidos e lá terão todas as oportunidades que jamais teriam em uma pequena e sonolenta cidadezinha em Norfolk.

— Sim, comandante. — Ele colocou a mão na frente da boca para tossir. — Sinto muito, comandante.

— Você sente muito. Então, Nicol, você está dizendo que até agora ele tem sido uma boa pessoa?

— Sim, comandante.

Highfield largou a caneta e entrelaçou as mãos. Seu tom de voz estava muito frio.

— Você sabe que não gosto de brigas no meu navio. Muito menos quando tem álcool envolvido. Acima de tudo, odeio descobrir que eventos sociais envolvendo álcool podem estar acontecendo no meu navio sem o meu conhecimento.

— Sim, comandante.

— Está entendendo? Não gosto de surpresas, Soames.

Mas, meu querido, preciso falar sobre algo difícil. Se esta carta tem certa urgência é porque estou carregando um filho de Anton, e só estamos esperando que você me dê o divórcio para que a gente possa se casar e criar juntos este bebê.

— Você é uma desonra.

— Sim, comandante.

— É a quinta pessoa que recebo aqui hoje com uma acusação relacionada a bebida. Sabia disso?

O rapaz não respondeu.

— O que é uma grande surpresa em um navio que não devia transportar bebida alcoólica, exceto as doses semanais permitidas.

— Sim, comandante.

Nicol pigarreou.

O capitão franziu a testa e fixou os olhos no jovem.

— Vou levar em conta a referência do seu bom caráter até agora, Soames, e você deve se considerar uma pessoa de sorte por ter alguém de caráter exemplar para defendê-lo.

— Sim, comandante.

— Vou liberar você apenas com uma multa. Mas quero que uma coisa fique bem clara, e que repasse aos seus colegas e também aos que estão aguardando lá fora: quase nada me escapa aqui neste navio. Quase nada

mesmo. E se acham que não sei sobre as pequenas reuniões que acontecem na hora em que nossos tripulantes e as mulheres que transportamos deveriam estar separados não só por paredes, como também por todos esses corredores, então todo mundo está tremendamente enganado.

— Eu não quis causar nenhum mal, comandante.

Não era minha intenção que as coisas tivessem chegado a este ponto. Por favor, Henry, não permita que esta criança cresça como uma bastarda, eu imploro. Sei que magoei demais você, mas, por favor, não desconte neste pequeno ser o ressentimento que tem de mim.

— Você não quis causar nenhum mal — murmurou Highfield, recomeçando a escrever. — Não quis causar nenhum mal. Nenhum de vocês jamais quis.

Houve um breve silêncio na sala.

— Duas libras. E não quero mais vê-lo aqui.

— Sim, comandante.

— À esquerda, marchar! — ordenou o tenente.

Os dois homens prestaram continência e saíram do escritório.

— Duas malditas libras — resmungou Soames enquanto eles passavam pela fila de acusados, arrastando os pés e colocando de novo o quepe na cabeça. — Duas malditas libras — murmurou para um dos colegas. — Esse Highfield é mesmo um tremendo desgraçado.

— Que falta de sorte.

Soames acelerou o passo, irritado com o que considerava uma injustiça.

— Não sei por que ele me escolheu e não parou de me atacar. Eu nunca falei com uma dessas malditas australianas. Com nenhuma delas. Não sou como o cretino do Tims. Ele recebe mulheres no alojamento quase todas as noites. Jackson me contou.

— É melhor ficar longe desse alojamento — sugeriu Nicol.

— O quê? — O jovem se virou, talvez sentindo a tensão mal contida na voz do fuzileiro. — Você está bem?

— Estou ótimo — respondeu ele, tirando a mão do bolso.

Por favor, me mande uma carta ou um telegrama assim que puder. Ficarei feliz em deixar para você a casa e todo o resto. Deixei tudo organizado, da melhor forma que pude. Não quero lhe causar mais problema. Só quero que concorde com o divórcio.

Da sua Fay

— Sim — disse Nicol, seguindo a passos largos pelo corredor. — Estou ótimo.

Os julgamentos sumários acabaram pouco depois das onze horas. O comandante Highfield largou a caneta e fez sinal para que Dobson, que entrara alguns minutos antes, e o capitão fuzileiro se sentassem. Em seguida, pediram para um copeiro trazer chá.

— Que situação! — disse, se reclinando na cadeira. — Apenas uma semana no mar e veja o que já aconteceu.

O capitão não disse nada. Os fuzileiros navais eram disciplinados e nunca bebiam a bordo. Em geral, apareciam apenas como testemunhas de caráter, ou quando, uma vez ou outra, os atritos naturais entre fuzileiros navais e marinheiros entravam em conflito.

— Isso tudo causa tensão no navio. E a bebida alcoólica também. Quando foi a última vez que tivemos tantos problemas relacionados a bebedeira a bordo?

Os dois homens balançaram a cabeça.

— Vamos fazer uma busca nos vestiários, comandante. Jogaremos fora o que encontrarmos — propôs Dobson.

Atrás deles, do lado de fora da janela, o céu estava azul-claro e o mar, calmo. Era o tipo de paisagem que não tinha como não encher o coração de otimismo. Mas Highfield não se alegrou: sua perna estivera latejando a

manhã inteira, feito uma lembrança constante e intermitente do seu fracasso.

Na hora de se vestir naquela manhã, ele evitara olhar para a perna: a cor o preocupava. O leve tom arroxeado não era indício da formação de um tecido novo e saudável, mas de alguma luta terrível que estava sendo travada sob o ferimento. Se Bertram, o cirurgião que costumava viajar no navio, estivesse a bordo, Highfield poderia pedir para ele dar uma olhada. Ele teria entendido. Mas Bertram não aparecera para o embarque em Sydney e teria que passar pela corte marcial, portanto aquele tal de Duxbury estava no seu lugar.

Dobson se inclinou à frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— As oficiais me disseram que têm certeza de que há movimentação noturna. A que fica no convés B precisou contornar uma situação ontem à noite.

— Uma briga?

Os dois homens sentados se entreolharam, depois se viraram para o comandante.

— Não, comandante. Bem… foi contato físico entre uma mulher e um de nossos marinheiros.

— Contato físico?

— Sim, comandante. Ele a abraçou atrás… da bomba d'água do porão.

Highfield suspeitava que isso pudesse acontecer e já tinha alertado seus superiores. No entanto, a realidade o atingiu como uma bofetada. A ideia de que, mesmo com ele ali presente, coisas desse tipo acontecessem a bordo do seu navio…

— Eu sabia que isso ia acontecer.

Então percebeu que os outros dois homens estavam bem menos preocupados do que ele. Na verdade, Dobson até passava a impressão de que mal conseguia conter o riso.

— Vamos ter que mandar mais fuzileiros para a parte externa da área do hangar e também para os alojamentos dos fornalheiros e dos marinheiros.

— Com todo o respeito, comandante — interveio o capitão fuzileiro —, mas meu pessoal está de serviço em turnos ininterruptos sete dias por semana, sem considerar as outras tarefas de rotina deles. Não posso exigir mais. O senhor deve ter visto como Nicol estava exausto, e ele não é o único.

— É realmente necessário que eles fiquem na frente dos alojamentos dos homens? — perguntou Dobson. — Os fuzileiros estão ali para garantir que as mulheres fiquem dentro das cabines, além das oficiais fazendo rondas. Tem certeza de que isso não é suficiente?

— Bem, é evidente que não. Acabamos de descobrir que estão fazendo festinhas e não sei mais o quê. Vejam bem, só faz uma semana que saímos do porto. Se deixarmos as coisas soltas, só Deus sabe onde vamos parar.

Ele estava sendo importunado por imagens de casais transando nos depósitos de farinha, de maridos furiosos e almirantes com o rosto vermelho de raiva.

— Calma, comandante. Eu diria que é mais importante colocar a situação em perspectiva.

— Como assim?

— É normal ter alguns contratempos no início, ainda mais com tantos tripulantes novos juntos, mas não é nada que a gente não consiga controlar. Na verdade, depois do que aconteceu com o *Indomitable*, pode até ser uma coisa boa. Mostra que nossos homens estão mais animados.

Até aquele ponto, talvez por diplomacia ou mesmo pela vontade de não magoar ainda mais o comandante, ninguém tinha comentado sobre o naufrágio, pelo menos não em relação à moral dos homens. À menção do nome do navio, Highfield cerrou o maxilar. Pode ter sido por reflexo. O

mais provável, no entanto, é que tenha sido por causa de quem o mencionou.

Enquanto ele organizava seus pensamentos, Dobson falou, tranquilamente:

— Se preferir, comandante, pode deixar as questões disciplinares por nossa conta. Seria triste se, por causa de alguns novatos rebeldes, o senhor não conseguisse aproveitar um pouco esta última viagem.

As palavras mordazes de Dobson, seu jeito descontraído e confiante, revelavam tudo que os homens pensavam sobre Highfield, mas que não diriam em voz alta. Antigamente, Dobson nunca teria ousado falar com o comandante desse jeito. Highfield ficou tão espantado com esse ato discreto de insubordinação que não conseguiu dizer nada. Quando o copeiro chegou com o chá, precisou esperar alguns segundos até o comandante notar sua presença.

O capitão fuzileiro, mais diplomático, se inclinou para a frente.

— Acredito, comandante, que grande parte dos problemas da semana passada tenham a ver com as condições do tempo na baía — disse ele. — Na minha opinião, os dois marinheiros e a mulher podem ter se aproveitado do fato de que muitos monitores não estavam funcionando para aumentar… como posso dizer… a interação. Aguarde alguns dias e verá que as mulheres estarão mais calmas e os homens terão se acostumado com a presença delas. Acho que daqui a pouco tudo vai se acalmar.

Highfield, desconfiado, observou o capitão fuzileiro. Havia sinceridade na sua expressão, ao contrário do homem ao seu lado.

— Acha que devemos deixar as coisas como estão?

— Acho, comandante.

— Concordo, comandante — acrescentou Dobson. — Por enquanto, é melhor não cutucarmos o abelheiro.

Highfield o ignorou. Depois de fechar o caderno, se virou para o capitão fuzileiro.

— Muito bem — disse. — Vamos com calma. Mas quero ser informado de tudo, de cada passo que for dado nos conveses de baixo depois das dez da noite. E pressionem um pouco as oficiais. Elas precisam manter os olhos bem abertos e os ouvidos atentos. Ao menor indício de má conduta… ao menor indício, prestem atenção… quero que os responsáveis sejam punidos com todo o rigor. Não vou permitir que as normas da Marinha sejam desrespeitadas. Não sob o meu comando.

Querida Deanna,

Espero que você, mamãe e papai estejam bem. Não sei quando vou poder mandar esta carta, mas pensei em escrever para que fiquem sabendo um pouco sobre a nossa viagem. É tudo muito emocionante. Muitas vezes penso em como você adoraria estar aqui, e em como as condições sob as quais viajamos são surpreendentes, apesar das minhas apreensões.

Fiz três amigas maravilhosas: Margaret, cujo pai é dono de uma grande fazenda não muito longe de Sydney; Frances, que é extremamente elegante e tem feito um ótimo trabalho como enfermeira; e, por fim, Jean. Todas as mulheres do navio são muito mais interessantes do que nossa antiga turma. Uma delas trouxe quinze pares de sapato! Estou muito aliviada por ter conseguido fazer compras antes de embarcar. É tão bom ter coisas novas, não acha?

Minha acomodação fica na parte maior do navio, a uma pequena distância da área conhecida como passadiço e da câmara do comandante. Ficamos sabendo que talvez sejam oferecidos coquetéis quando chegarmos a Gibraltar, pois é bem possível que vários governadores subam a bordo. Estamos ansiosas para essa possibilidade.

Os tripulantes fazem o que podem por nós. Todos os dias nos propõem novos entretenimentos para nos manter ocupadas, como bordado, dança, a exibição de filmes recentes. Hoje à tarde devo ver A mocidade é assim mesmo. *Acho que ainda não foi lançado em Melbourne, mas, acredite em mim, você tem que assistir quando sair aí. As meninas que já viram dizem que Elizabeth Taylor está maravilhosa.*

Os marinheiros são simpáticos e atenciosos, estão sempre nos oferecendo alguma coisinha para comer. Aliás, Deanna, você adoraria a comida. É como se ninguém nunca tivesse ouvido falar em racionamento. Nada parecido com o ovo em pó que todas nós temíamos! Diga, então, ao papai e à mamãe que eles não precisam se preocupar com nada.

Há um salão de cabeleireiro completo no fundo do navio. Quando eu terminar de escrever, acho que vou lá dar uma olhada nele. Talvez até me ofereça para ajudar! Lembra como a Sra. Johnson sempre dizia que ninguém arrumava um cabelo feito eu? Preciso encontrar um salão decente assim que chegar a Londres. Aliás, pode ficar tranquila, vou te contar tudo sobre a

cidade. Espero receber notícias de Ian antes de nos reencontrarmos para planejarmos nossos dias de férias.

Como já falei, espero que esta carta chegue para vocês e que todos estejam bem. Por favor, não deixe de dar notícias minhas às nossas velhas amigas. Ah, sim, seu recital já terá acontecido quando esta carta chegar. Espero que tenha sido um sucesso. Voltarei a escrever quando tiver um tempo livre!

Da irmã que te ama,
Avice

Avice estava sentada no pequeno refeitório do convés de voo e, pela janela manchada de sal, observava o voo rasante das gaivotas na direção do navio, contrastando com o céu claro ao fundo. Durante a meia hora que levou para escrever a carta, quase começou a acreditar na versão fantasiosa que criara para a viagem. Tanto que, no momento de assinar, sentiu um grande vazio por estar de novo naquele hangar enferrujado e flutuante, cercada não por festas, coquetéis e novas amigas encantadoras, mas por aviões com os narizes arranhados alinhados no convés, por marinheiros inconvenientes de macacões encardidos, por água do mar e sal, por cheiro de fritura, combustível e corrosão.

— Quer uma xícara de chá, Avice? — perguntou Margaret, inclinada na direção da amiga, com a enorme barriga quase apoiada na mesa de tampo de madeira. — Vou pegar uma para mim. Nunca se sabe, talvez faça bem para o seu estômago.

— Não, obrigada.

Avice engoliu em seco e tentou imaginar o gosto do chá. Um enjoo imediato confirmou que ela fizera bem em recusar. Ainda não tinha se habituado ao cheiro penetrante das gotinhas de combustível de avião que parecia segui-la por onde fosse, invadir suas narinas e impregnar as roupas. Por mais perfume que passasse, ela tinha sempre a impressão de que cheirava igual a um mecânico.

— Você devia beber alguma coisa.

— Um copo d'água, então. E talvez um biscoito, se tiverem.

— Estou com pena de você. Poucas pessoas passam tão mal assim.

Havia três poças no chão, que refletiam a claridade que vinha das janelas.

— Tenho certeza de que vou ficar boa logo.

Avice se esforçou para sorrir. Poucas coisas na vida resistem ao poder de um sorriso simpático, era o que sua mãe sempre dizia.

— Eu estava desse jeito nos primeiros meses. — Margaret deu um tapinha na própria barriga. — Não conseguia engolir nem uma torrada. Eu me sentia muito mal. Até me surpreendi por não ter ficado mareada como você e Jean.

— Você se incomoda de mudar de assunto?

Margaret riu.

— Claro que não, Avi. Desculpe. Vou pegar o chá.

Avi. Se Avice não estivesse se sentindo tão mal, teria corrigido a colega: não havia nada pior do que a abreviação de um nome. Mas Margaret já estava andando até o balcão, deixando-a com Frances, o que a desagradava ainda mais.

Ao longo dos últimos dias, Avice chegara à conclusão de que havia algo extremamente desconcertante em relação a Frances. Ela parecia cautelosa, como se, naquele momento, mesmo sentada em silêncio, estivesse julgando os outros. Até quando era legal e buscava remédios para amenizar o enjoo de Avice ou verificava se não estava muito desidratada, agia de forma muito reservada, como se quisesse manter distância de alguns aspectos da personalidade de Avice. Como se *ela* fosse alguém especial!

Margaret lhe contara que o médico recusara a oferta de Frances para trabalhar na enfermaria. A parte mais generosa de Avice questionou o que a Marinha teria considerado inadequado nela, enquanto a outra parte pensou em como sua vida teria sido mais fácil sem ela por perto o dia inteiro, sem suas conversas inconvenientes e seu semblante sisudo. Avice

deu uma olhada nas outras mesas e percebeu que a maioria das mulheres conversava como se já se conhecesse havia anos. Tinham se separado em grupinhos e criado elos já impenetráveis para quem estava de fora. Avice, com os olhos fixos em um grupo particularmente feliz, resistiu à vontade de lhes dizer que não estava na companhia daquela pessoa estranha e séria por escolha própria. Mas isso, claro, teria sido uma grosseria.

— Já pensou no que vai fazer à tarde?

Frances estava concentrada lendo um exemplar do *Daily Ship News*. Ergueu os olhos com uma expressão tão desconfiada que Avice ficou com vontade de gritar: "Não é uma pergunta ardilosa, calma." Seu cabelo ruivo desbotado estava preso para trás em um coque firme. Se fosse outra pessoa, Avice teria se oferecido para fazer um penteado mais elegante. Ela até ficaria bonita se soubesse se valorizar um pouco.

— Não — respondeu Frances. Depois, quando o silêncio que se seguiu se tornou quase insuportável para as duas, acrescentou: — Pensei em ficar aqui sentada um pouco, só isso.

— Ah. Bem, parece que o tempo melhorou, não é?

— Sim.

— Achei a palestra de hoje muito entediante — comentou Avice, por mais que detestasse esse tipo de conversa sem propósito.

— Ah, é?

— Racionamento e coisas do tipo. — Ela fungou. — Sinceramente, quando chegarmos na Inglaterra, pretendo cozinhar o mínimo possível.

Atrás delas, um grupo de garotas fez tanto barulho empurrando as cadeiras ao se levantar da mesa que as duas foram obrigadas a interromper a conversa.

Avice e Frances esperaram elas se afastarem.

— Acabou de escrever sua carta? — perguntou a enfermeira.

As mãos de Avice taparam o bloco de anotações, como se o conteúdo pudesse de algum modo se tornar visível.

— Sim. — Sua voz saiu mais seca do que era a intenção. Fez um esforço consciente para relaxar. — É para minha irmã.

— Ah.

— Escrevi mais duas agora de manhã. Uma para Ian e outra para uma amiga da época de escola. Ela é filha dos McKillen, sabe?

Frances negou com a cabeça. Avice suspirou.

— Eles são grandes proprietários de imóveis. Não escrevo para Angela desde que saí de Melbourne… Mas não sei quando vamos conseguir mandar as cartas. Eu adoraria saber quando vou receber uma de Ian. — Ela deu uma olhada nas próprias unhas. — Espero que seja no Ceilão. Ouvi dizer que talvez entreguem cartas no navio quando chegarmos lá.

Avice sonhara com uma grande pilha de cartas de Ian à sua espera em algum correio tropical abafado. Ela as amarraria com fita vermelha e as leria escondida, uma por uma, em êxtase, como se fosse alguém se deliciando com uma caixa de chocolate.

— É estranho — disse, quase que para si mesma — navegar essa distância toda e não conseguir falar com ele há tanto tempo. — Ela percorreu com o dedo o nome de Ian escrito no envelope. — Às vezes, tudo parece um pouco irreal. Quase não consigo acreditar que me casei com esse homem e que agora estou num navio no meio do nada. Quando não dá para falar com a pessoa, é difícil entender que é tudo real.

Cinco semanas e quatro dias desde a última carta dele. A primeira que ela recebera depois de casada.

— Fico tentando imaginar o que ele está pensando agora, porque a pior coisa de esperar tanto tempo por cartas é saber que todos os sentimentos podem estar obsoletos. Coisas com as quais ele podia estar aborrecido talvez já tenham passado. Um pôr do sol que ele descreveu já foi há muito tempo. Nem ao menos sei onde ele está. Mas imagino que todas nós esperamos que os sentimentos deles por nós não tenham mudado, mesmo sem termos como nos falar. Acho que este é um teste de confiança.

Sua voz ficou mais branda, contemplativa. Avice percebeu que passara vários minutos sem pensar no enjoo. Endireitou-se na cadeira.

— Concorda comigo?

Alguma coisa estranha aconteceu com a expressão de Frances: ficou ainda mais fechada, indiferente, quase uma máscara.

— Acho que sim.

Avice sabia que a colega poderia ter dito qualquer coisa, até que o céu se tornara verde. Ficou perturbada e irritada, como se sua tentativa de criar alguma intimidade tivesse sido rechaçada de propósito. Estava quase tentada a comentar com Frances a respeito disso quando Margaret voltou para a mesa bamboleando e carregando uma bandeja de chá. Ao lado da caneca havia um imenso sorvete de baunilha, o terceiro que ela tomava desde que se sentaram no refeitório.

— Escutem isto, meninas. Jean vai adorar. Estão preparando uma cerimônia para comemorar que passamos da linha. Parece que é uma tradição dos marinheiros celebrar a travessia da Linha do Equador, e vai haver diversas atividades no convés de voo. O rapaz que serve o chá acabou de me contar.

A austeridade de Frances foi esquecida.

— Vamos ter que nos arrumar? — perguntou Avice, levando a mão ao cabelo.

— Não sei. Não tenho informação sobre isso… Mais tarde vão colocar alguma coisa no quadro de avisos principal. Mas vai ser divertido, não acham? Teremos alguma coisa para fazer.

— Hum, não posso acompanhar vocês. Não com meu estômago ruim.

— E você, Frances? — perguntou Margaret logo depois de morder sua casquinha e um pouco de sorvete grudar na ponta do seu nariz.

— Não sei.

— Ah, vamos! — insistiu Margaret. A cadeira rangeu em protesto quando ela se sentou. — Solte o cabelo, menina. Relaxe um pouco.

Frances deu um sorriso tímido, deixando à mostra seus pequenos dentes brancos. Avice percebeu, com surpresa, que ela podia ser bonita.

— Talvez — respondeu.

* * *

Frances achara que detestaria a presença do homem de plantão na porta da sua cabine. A primeira noite que ele passou ali, ela não conseguira dormir, sabendo da proximidade daquele estranho, da sua própria vulnerabilidade, vestindo apenas uma camisola. Do fato de, pelo menos em teoria, ele ter autoridade sobre ela. Frances tinha ficado atenta a cada movimento dele, a cada mudança de posição, a cada fungada ou tosse, ao som da sua voz quando ele murmurava um cumprimento ou uma instrução a alguém que passava. Às vezes, deitada no escuro, ela avaliava o significado daquilo: a presença dele reforçava a ideia de que elas eram uma carga, uma encomenda que devia ser transportada em segurança de um lado para outro do mundo, em muitos casos dos pais para os maridos, de um grupo de homens para outro.

Aqueles passos pesados, a postura rígida, sua arma, tudo a fazia lembrar que estavam confinadas, aprisionadas. Ao mesmo tempo, eram vigiadas e se sentiam protegidas das forças desconhecidas dos conveses inferiores. Às vezes, quando ficava angustiada com a proximidade de tanta gente, de tantos homens estranhos, e também com seu isolamento, ela se sentia aliviada por ele estar montando guarda na porta. Mas na maior parte do tempo, ela o repudiava por fazer com que se sentisse um objeto, a propriedade de alguém a ser protegida.

As outras pareciam não se preocupar muito com essas considerações filosóficas. Na verdade, nem reparavam nele. Para elas, como muitas outras coisas a bordo, ele era apenas parte do mobiliário de todas as noites, alguém a quem davam boa-noite, de quem precisavam esconder a

cachorrinha na hora do passeio noturno ou a si mesmas quando, na ponta dos pés, saíam para alguma festa. Como naquela outra noite. Margaret e Jean se preparavam para encontrar Dennis para mais uma rodada de pôquer. Cochichavam enquanto penteavam o cabelo e escolhiam meias e sapatos, e Jean pegava emprestada a maquiagem das outras. Eram quase nove da noite, cedo demais para se entocarem nas cabines, conforme mandava o toque de recolher, mas os dois turnos do jantar já tinham acabado, ou seja, era suficientemente tarde para que uma das oficiais perguntasse aonde iam, caso notassem a movimentação.

— Tem certeza de que não quer ir com a gente, Frances?

Elas já tinham ido a várias festas. Jean conseguira ficar sóbria em pelo menos uma. Frances negou com a cabeça.

— Você não precisa se comportar como uma freira — disse Margaret enquanto acabava de amarrar os sapatos. — Tenho certeza de que seu marido não vai se incomodar se você se divertir um pouco com a gente, pelo amor de Deus.

— Não contaremos nada — prometeu Jean, fazendo biquinho para passar mais uma camada de batom.

Margaret ergueu a cachorrinha e a colocou no espaço livre do seu colo.

— Você vai enlouquecer se passar todas as noites aqui dentro, sabe.

— Vão precisar tirar você do navio em uma camisa de força quando chegarmos a Plymouth — disse Jean, rindo e batendo o indicador na lateral da cabeça. — Vão acabar achando que você perdeu o juízo.

— Vou correr o risco. — Frances sorriu.

— E você, Avice?

— Não, obrigada. Vou descansar esta noite.

Os enjoos de Avice haviam piorado de novo. Ela estava deitada no beliche, pálida e fraca. De vez em quando, erguia e baixava seu livro.

— Agradeço se puder manter a cadela bem longe de mim. O cheiro dela está me deixando pior ainda.

Não tinham imaginado que o fuzileiro naval estaria na frente da cabine delas. Ele não aparecera na noite anterior, e nenhuma delas havia escutado os passos que costumavam anunciar sua chegada. Jean e depois Margaret pararam no vão da porta.

— Ah… Nós vamos… tomar um pouco de ar fresco — explicou Margaret e, em seguida, fechou a porta às suas costas.

— Voltaremos às onze — acrescentou Jean.

— Mais ou menos nesse horário.

Frances, que se levantara para pegar a camisola no cabide, parou perto da porta ao ouvir uma voz masculina e notar não só a surpresa, mas também uma leve tensão na voz das duas mulheres.

— Eu evitaria o "Black Squad", se é lá que vocês gostam de tomar ar fresco. — Ele falou tão baixo que nenhuma delas entendeu direito.

Frances se aproximou ainda mais da porta, segurando a camisola no alto.

— O alojamento dos fornalheiros. Vão fazer uma inspeção lá hoje à noite — explicou ele.

— Ah, certo. Bem, obrigada — disse Margaret.

Frances ouviu os passos das amigas ressoarem pelo corredor. Logo depois, o fuzileiro tossiu baixinho. Elas ficariam quietas até chegar no canto onde estava a mangueira de incêndio. Lá, fora de vista, mesmo em choque, cairiam na gargalhada e se abraçariam depressa antes de, após dar uma olhada discreta por cima do ombro, seguir para o alojamento dos fornalheiros.

Avice não estava dormindo. Teria sido mais fácil, pensou Frances, se estivesse. Confinadas naquela pequena cabine, as duas se movimentavam em silêncio uma ao redor da outra. Depois Avice se deitou virada para a parede. Constrangida, Frances folheou uma revista, esperando que sua concentração parecesse mais verdadeira do que realmente era.

Elas tinham ficado sozinhas uma com a outra em pouquíssimas ocasiões. Margaret era uma pessoa fácil e espontânea, seu temperamento descomplicado estava estampado no sorriso fácil. Jean era menos previsível, mas era direta: expressava exatamente o que sentia, irritação ou entusiasmo, e dizia o que vinha à sua cabeça, por mais desagradável que fosse.

No entanto, Frances achava que Avice considerava Jean uma pessoa difícil. Além de não terem nada em comum, a personalidade e o modo de ser de Jean irritavam muito Avice. Ela suspeitava que, em outras circunstâncias, Avice poderia ter se comportado de forma abertamente hostil: sua experiência lhe comprovara que pessoas assim muitas vezes têm necessidade de menosprezar os outros para se sentir superiores.

Mas não havia espaço para emoções tão sinceras em uma cabine de três por dois metros. O que as fazia continuar fechadas em seus próprios mundos martirizantes de gentilezas diplomáticas. Frances perguntaria de vez em quando se Avice precisava de alguma coisa ou se seu enjoo diminuíra. Avice, por sua vez, perguntaria se Frances se incomodaria de deixar a luz acesa até um pouco mais tarde. E, assim, as duas passariam o resto da noite fingindo acreditar que a outra estava dormindo.

Frances se deitou de costas no beliche. Tentou ler, mas logo percebeu que percorrera o mesmo parágrafo diversas vezes sem saber o que tinha lido. Fez um esforço para se concentrar e descobriu que já lera aquela revista. Por fim, se contentou em observar as tiras entrecruzadas que sustentavam o beliche de cima e vê-las se mexer.

A cachorrinha, visível embaixo do cardigã de Margaret, gemeu baixinho durante o sono. Frances olhou para o chão e confirmou que ainda havia água na tigela.

Lá de cima, vinha um ruído acompanhado de risadas abafadas.

No corredor, o fuzileiro murmurou alguma coisa para alguém que passava. O tempo transcorria devagar, tornava-se elástico.

Frances suspirou em silêncio, para que Avice não ouvisse. Margaret tinha razão. Se ficasse mais uma noite naquela cabine, enlouqueceria.

* * *

Ele se virou quando ela abriu a porta.

— Estou só esticando as pernas.

— Se formos seguir estritamente as instruções, a senhora não pode sair da cabine a esta hora.

Frances não reclamou nem implorou, apenas continuou ali, à espera. Ele balançou a cabeça para ela.

— O alojamento dos fornalheiros?

— Não — respondeu ela com um sorriso e logo em seguida olhou para o chão. — Não é programa para mim.

Ela seguiu depressa pelo corredor, sabendo que os olhos dele estavam fixos nas suas costas. Ficou com medo de que ele gritasse para avisá-la que mudara de ideia, que já estava quase na hora do toque de recolher, e que ela precisava voltar. Mas ele não disse nada.

Já fora do campo de visão do homem, ela subiu a escada perto da sala de projeção, assentiu de forma educada para as duas garotas que, de braços dados, recuaram para ela passar. Seguiu em frente, de cabeça baixa. Passou por cabines, por malas enfileiradas e presas por correias na parede, por armários com coletes salva-vidas, por armamento, munição, instruções pintadas nas paredes: "Manter seco", "Não utilizar após as 11h47", "Proibido fumar". Subiu de dois em dois os degraus que levavam às acomodações do comandante e baixou a cabeça para não bater nos suportes metálicos.

Ela se aproximou da escotilha, deu uma rápida olhada para trás para se certificar de que ninguém a observava, depois a abriu e entrou no convés

de voo. Então parou de repente, extasiada com a imensidão negra do céu e do mar.

Frances ficou algum tempo ali, respirando ar puro e fresco, sentindo a brisa no rosto e aproveitando o suave balanço do navio. Lá embaixo, muitas vezes a vibração dos motores a fazia se sentir nas entranhas de um animal pré-histórico, que trepidava, resfolegava e gemia, mal-humorado pelo esforço. Ali no convés, o movimento não passava de um leve ronronar, a criatura estava calma e obediente, transportando-a em segurança pelo vasto oceano, feito uma fera mítica.

Frances observou o convés deserto, interditado após o anoitecer. Ao seu redor dava para ver as silhuetas dos aviões, alguns sob a luz da lua, outros no escuro, como crianças reunidas no parquinho. Havia algo estranhamente atraente nos perfis das aeronaves, com os narizes empinados que pareciam farejar o ar. Ela andou devagar entre eles, se permitindo acariciar a fuselagem brilhante, desfrutar da sensação úmida e fria na sua mão. Por fim, se sentou sob a estreita barriga aerodinâmica de um dos aviões. Na sua posição privilegiada no chão de concreto, entre duas correias, cruzou as mãos ao redor dos joelhos e contemplou os milhões de estrelas, os intermináveis vestígios de espuma branca que marcavam o rastro do navio na água, o ponto irreconhecível onde o mar escuro encontrava o céu preto e infinito. Possivelmente pela primeira vez desde que embarcara, Frances Mackenzie fechou os olhos e, com um arrepio que percorreu seu corpo inteiro, se permitiu respirar fundo.

* * *

Fazia quase vinte minutos que ela estava sentada ali quando viu o comandante. Ele tinha saído pela mesma porta que ela fechara ao passar. Usava seu quepe branco com as insígnias muito visíveis, e sua postura ereta estava curiosamente acentuada. Ela recuou depressa para se esconder

na sombra, já antecipando o grito furioso de: "Ei! Você!", que significaria sua desgraça. Frances o observou fechar a porta com cuidado para evitar fazer barulho. Então, com a mesma discrição que ela devia ter exibido ao chegar, ele seguiu, mancando cada vez mais, na direção do estibordo do navio e até um ponto onde não pudesse ser visto do passadiço. Com o uniforme iluminado pela lua, parou ao lado de um dos maiores aviões e estendeu o braço para se apoiar em uma barra metálica da asa. Depois, enquanto ela prendia a respiração, ele se inclinou e esfregou a perna.

Ficou ali por alguns minutos, com o peso apoiado em uma perna, os ombros caídos para a frente e os olhos fixos no mar. Em seguida, se empertigou e voltou para a escotilha. Ao chegar lá, já não parecia mancar.

Mais tarde, Frances não conseguiu descobrir o que a reconfortara tanto naquela breve cena: se o próprio mar, sua capacidade de conquistar vinte minutos de liberdade despercebida, ou o pequeno indício de humanidade na perna manca do comandante, um lembrete da falibilidade humana, da capacidade que temos de esconder a dor, de sofrer… Enquanto descia de novo a escada, percebeu que ficava menos constrangida com os olhares de quem passava, e que parte da sua confiança havia sido recuperada.

Normalmente, ela não pediria um cigarro a um homem. Não se intrometeria em uma conversa e, com certeza, não puxaria papo. Mas estava se sentindo muito melhor. O céu estava lindo. E havia certa melancolia na expressão do comandante.

Ele estava encostado na parede ao lado da porta da cabine, segurando o cigarro entre o polegar e o indicador e os olhos fixos em um ponto no chão à sua frente. O cabelo cobria parte do rosto e os ombros estavam caídos, como se algum pensamento desagradável o atormentasse. Assim que viu Frances, ele apagou o cigarro e o colocou no bolso. Ela ficou com a impressão de que ele havia corado. Mais tarde, lembrou-se de ter ficado um pouco espantada: até aquele momento, ele parecera um autômato. Como tantos fuzileiros navais. Ela nunca imaginara que poderia haver

espaço para sentimentos tão humanos quanto constrangimento, ou até mesmo culpa, por trás daquela máscara.

— Por favor, não se preocupe — disse ela. — Não por minha causa.

Ele deu de ombros.

— Eu não devia. Não em serviço.

— Por mim, tudo bem.

Ele agradeceu secamente, quase sem olhar para ela.

E, por alguma razão, em vez de entrar na cabine e desaparecer, ela permaneceu onde estava, com o casaco nos ombros, até que, de forma surpreendente até para ela mesma, perguntou se ele podia lhe dar um cigarro também.

— Não estou com vontade de entrar ainda — explicou.

Mas, mesmo constrangida e já arrependida do pedido, ficou ao lado dele.

Ele tirou um cigarro do maço e entregou a ela sem dizer uma palavra. Em seguida, o acendeu e, ao proteger a chama, sua mão roçou na dela. Frances tentou não recuar, depois pensou no que fazer para fumar depressa sem se sentir mal e ter que entrar. Era evidente que ele não queria companhia. Ela, mais do que ninguém, devia ter percebido.

— Obrigada — disse. — Vou dar só algumas baforadas.

— Fique à vontade.

Durante duas ocasiões ela reparou que estava sorrindo, o que não era comum; um gesto instintivo, conciliatório. O dele, em resposta, foi esquivo. Ficaram ali, um de cada lado da porta, com o olhar fixo nos próprios pés, nos avisos de segurança ou no extintor de incêndio, até que o silêncio ficou constrangedor.

Ela olhou de soslaio para a manga da camisa do fuzileiro.

— Qual é o seu cargo?

— Cabo.

— Suas divisas estão invertidas.

— Sou fuzileiro com três divisas.

Ela deu uma longa tragada no cigarro. Já fumara um terço.

— Pensei que três divisas significassem sargento.

— Não se estiverem invertidas.

— Não estou entendendo.

— São pelo longo tempo de serviço. Boa conduta. — Ele piscou ao observá-las, como se raramente prestasse atenção nelas. — Contribuição para deter brigas, esse tipo de coisa. Acho que é um jeito de recompensar alguém que não quer uma promoção.

Dois marinheiros surgiram no corredor. Olharam para Frances ao passar por ela, depois observaram o fuzileiro e se voltaram para ela. Frances esperou eles se afastarem. Seus passos ecoaram no corredor. Um instante depois, um breve som de conversa surgiu e desapareceu, o que indicava que a porta de uma cabine tinha sido aberta e fechada.

— Por que não quis uma promoção?

— Não sei. — Ele devia ter percebido que a resposta parecera um pouco seca, porque logo acrescentou: — Talvez porque nunca me imaginei como sargento.

O rosto dele foi tomado pela decepção, e os olhos, embora não estivessem hostis, mostravam o desconforto que ele sentia durante conversas banais. Frances conhecia aquele olhar: muitas vezes o dela era igual.

Por um instante, seus olhares se encontraram, mas ele logo desviou o seu.

— Talvez eu não quisesse a responsabilidade.

Então ela reparou na fotografia. Ele devia estar olhando para a imagem antes de ela chegar. Era uma foto em preto e branco, um pouco menor do que uma carteira, que ele segurava entre os dedos da mão direita.

— Seus filhos? — perguntou ela, indicando com a cabeça.

Ele ergueu a foto e a olhou como se pela primeira vez.

— Sim.

— Um menino e uma menina?

— Dois meninos.

Ela pediu desculpa, e os dois sorriram constrangidos.

— O mais novo precisa cortar o cabelo.

Ele lhe entregou a foto. Ela a pegou e a colocou contra a luz para observar os rostos radiantes, sem saber direito o que devia dizer.

— São simpáticos.

— A foto é de dezoito meses atrás. Devem ter crescido bastante.

Frances assentiu, como se ele tivesse compartilhado com ela um pouco da sua sabedoria de pai.

— E você?

— Ah, não… — Ela devolveu a foto. — Não.

O silêncio voltou.

— Sente falta deles?

— Todos os dias. — O tom de voz dele ficou mais rígido. — É provável que nem se lembrem mais do meu rosto.

Ela não sabia o que dizer. No que quer que tenha se intrometido na vida dele, a situação não seria atenuada por um cigarro e alguns minutos de conversa fiada. De repente, sentiu que havia sido imprudente ao puxar assunto e que poderia ser mal-interpretada. O trabalho dele era ficar de guarda na porta da cabine. Portanto, não tinha como fugir se alguém decidisse falar com ele. E é claro que não gostaria de ser importunado toda hora por mulheres.

— Vou entrar agora — disse ela, em voz baixa. Em seguida, acrescentou: — Obrigada pelo cigarro.

Apagou-o com o pé e se abaixou para catar a guimba. Estava com medo de levá-la para dentro da cabine: o que faria com aquilo no escuro? Mas, se enfiasse no bolso, correria o risco de queimar a roupa. O fuzileiro não percebera seu dilema, mas ao vê-la hesitar diante da porta, se virou.

— Aqui — disse ele, estendendo a mão dura e calejada pelos anos de contato com sal e trabalho pesado.

Ela balançou a cabeça, mas ele aproximou ainda mais a mão, insistente. Então ela lhe entregou a guimba do cigarro e corou.

— Desculpe — sussurrou.

— Não se preocupe.

— Boa noite, então.

Ela abriu a porta e já estava entrando de mansinho na escuridão quando ouviu a voz do homem. Era baixa o suficiente para confirmar que a opinião dela sobre ele estava certa, mas amável o bastante para indicar que ele não se aborrecera. Amável o bastante para sugerir que ele queria dar algum tipo de contribuição.

— Então, de quem é o cachorro? — perguntou ele.

10

A viagem foi um pesadelo. Devido a panes, levou oito semanas. Tivemos um assassinato, um suicídio, um oficial da Força Aérea que enlouqueceu etc. Tudo isso tendo como pano de fundo uma tripulação que negligenciou seu trabalho para ter tempo de correr atrás das "esposas" e depois teve relações sexuais com elas, praticamente em público. Eles pareciam usar todos os lugares disponíveis no navio. Houve até um casal que se especializou nos "Ninhos de corvos".

EXTRAÍDO DOS RELATOS DO FALECIDO RICHARD LOWERY, ARQUITETO NAVAL

DEZESSEIS DIAS

A primeira vez que chegou um "*Você não é bem-vinda, não venha*" foi na manhã do décimo sexto dia das mulheres a bordo. O telegrama foi recebido pouco depois das oito da manhã na sala de rádio, logo depois dos boletins meteorológicos. Foi o operador de rádio quem viu o conteúdo do telegrama. Ele correu para levá-lo até Highfield, que estava comendo torrada e mingau na câmara. O comandante leu e convocou o capelão que, por sua vez, chamou a oficial de serviço, e os três passaram bastante tempo comentando o que sabiam sobre o temperamento da esposa em questão e formulando hipóteses sobre qual seria a reação dela quando recebesse a notícia.

A esposa do telegrama, uma tal de Sra. Millicent Newcombe (Sumpter, quando solteira), foi chamada à sala do comandante às dez e meia. Eles acharam justo deixar a garota tomar um bom café da manhã primeiro,

afinal muitas ainda não tinham se recuperado completamente dos enjoos. Ela chegou com o rosto pálido, convencida de que seu marido, que era piloto de aviões de caça, tinha sido abatido e estava desaparecido, presumidamente morto. Estava tão aflita que nenhum dos três conseguiu contar logo a verdade, apenas a observaram, constrangidos, enquanto ela chorava, com o rosto enfiado em um lenço. O comandante Highfield finalmente decidiu esclarecer as coisas, e disse, com um tom de voz bem claro, que sentia muito, mas era outro caso, não o que ela pensava. Em seguida, entregou o telegrama a ela.

Depois, como ele contou ao seu intendente, a mulher ficou muito pálida, mais ainda do que quando suspeitara que o marido estivesse morto. Perguntou várias vezes se eles achavam que não passava de uma brincadeira, e, ao ouvir que telegramas daquele tipo eram obrigatoriamente investigados e verificados, ela se sentou e leu com atenção as palavras à sua frente, como se não fizessem sentido.

— É a mãe dele. Eu sabia que ela ia colocá-lo contra mim. Eu sabia. — Depois, como todos continuavam em silêncio, ela prosseguiu: — Comprei dois pares novos de sapato. Gastei todas as minhas economias. Para o desembarque. Achei que ele fosse gostar de me ver com sapatos bonitos.

— Tenho certeza de que eram muito bonitos — murmurou o capelão, sem ter nada melhor para dizer.

Em seguida, ela olhou com tristeza para a sala e confessou:

— Não sei o que fazer agora.

O comandante Highfield, em acordo com a oficial, tinha mandado um telegrama para os pais da garota. Depois, entrou em contato com Londres e recebeu a instrução de desembarcá-la no Ceilão, onde um representante do governo australiano cuidaria do seu retorno ao país. O operador de rádio garantiria que os pais dela e outros parentes recebessem informações relevantes. Eles não a deixariam desembarcar antes de confirmar que todos os acertos para sua chegada haviam sido feitos. Esses procedimentos

constavam na documentação recebida de Londres pouco tempo antes e tinham sido colocados em prática para as mulheres com retorno antecipado.

— Sinto muito — disse ela, depois que todas as formalidades foram cumpridas. Endireitou os ombros magros e se recompôs. — Quer dizer, por ter causado tanto problema aos senhores. Sinto muito mesmo.

— Não causou problema nenhum, Sra. Hum… Millicent.

A oficial colocara o braço ao redor dos ombros da garota para conduzi-la para a saída. Era difícil saber se o gesto era de proteção ou se apenas demonstrava a determinação de retirá-la logo do escritório do comandante.

A sala ficou em silêncio durante alguns minutos depois que ela saiu, como se, diante de tamanha desolação emocional, ninguém soubesse o que dizer. Ao se sentar, e ainda com a voz triste da jovem ecoando nos ouvidos, Highfield começou a sentir dor de cabeça.

— Vou fazer contato com a Cruz Vermelha no Ceilão, comandante — disse o capelão, por fim. — Para garantir que ela tenha alguém que lhe faça um pouco de companhia e lhe dê algum apoio.

— É uma boa ideia — concordou Highfield. Ele rabiscou alguma coisa sem sentido no bloco de anotações à sua frente. — Acho que também devemos fazer contato com o supervisor desse piloto, só para confirmar que não há nenhuma circunstância atenuante. Dobson, pode cuidar disso?

— Sim, comandante — confirmou o rapaz.

Ele entrara no instante em que Millicent saía, e estava assobiando uma melodia alegre que Highfield achou extremamente irritante.

Ele se perguntou se devia ter ficado mais tempo com a garota, se devia ter pedido que a oficial a convidasse para jantar. Uma refeição na mesa do comandante talvez a consolasse depois da humilhação que sofreu. Mas ele sempre achara difícil avaliar esse tipo de situação.

— Ela vai ficar bem — garantiu Dobson.

— O quê? — perguntou Highfield.

— É provável que, quando deixar o Ceilão, já tenha encontrado outro trouxa. Uma mulher bonita feito ela… — Ele sorriu. — Essas australianas não são muito exigentes. O que elas querem é alguém que as tire das fazendas de criação de ovelhas.

Highfield estava sem palavras.

— Além disso, é uma esposa a menos a bordo, não é, comandante? — Dobson ria, aparentemente satisfeito com o próprio humor. — Com um pouco de sorte, teremos nos livrado do carregamento inteiro quando chegarmos a Plymouth.

Rennick, que estivera o tempo todo no canto, trocou um rápido olhar com o comandante e se retirou em silêncio.

* * *

O mundo, tal como as jovens esposas haviam conhecido, se distanciava cada vez mais conforme as milhas náuticas eram percorridas. Sendo assim, o *Victoria* se tornara um universo próprio, que existia separadamente da vida que continuava na terra. As rotinas do navio tinham se tornado as rotinas das mulheres, e aqueles rostos que todos os dias passavam ao redor delas, esfregando, pintando ou remendando, viraram sua população. Esse novo mundo se estendia do escritório do comandante em uma das extremidades até a cooperativa (que fornecia batom, sabão em pó, papel de carta e outros itens essenciais, tudo fora da caderneta de racionamento) do outro lado; e do convés de voo, com seu horizonte azul infinito, até o interior dos encanamentos de esgoto e os motores a bombordo e estibordo.

Para algumas mulheres, os dias eram marcados por redigir cartas e por orações; para outras, por palestras e filmes, intercalados com caminhadas pelas áreas liberadas do convés ventoso ou por partidas do estranho jogo de

bingo. Com alimentação garantida e a vida ditada por regras, havia poucas decisões a tomar. Abandonadas naquela ilha flutuante, elas se tornaram apáticas e se acostumaram ao novo ritmo, a não ter nada ao redor, exceto a mudança lenta do clima, aos pores do sol cada vez mais espetaculares e ao oceano sem fim. Aos poucos e de forma inevitável, assim como uma mulher grávida não consegue imaginar o parto, se tornava mais difícil para elas pensar no seu lugar de destino. Imaginar o desconhecido demandava enorme esforço.

De qualquer jeito, era ainda mais difícil pensar no passado.

Nesse clima que parecia imperturbável, a notícia do telegrama com aquela mensagem fatídica se espalhou pelo navio com a rapidez e o alcance de um vírus. O espírito coletivo, que dera um clima de férias ao local desde que as mulheres passaram a sentir menos enjoos, de repente piorou e ficou pesado. Um leve tom de ansiedade passou a permear as conversas no refeitório. Muita gente com dor de cabeça e palpitação começou a frequentar a enfermaria. Houve um rápido aumento no número de perguntas sobre a data de chegada do próximo lote de cartas. Pelo menos uma das mulheres confessou ao capelão que talvez tivesse mudado de ideia, como se ao dizer isso e receber uma resposta reconfortante, ela pudesse descartar a possibilidade de que o marido fizesse o mesmo.

Aquele simples pedaço de papel e as palavras impiedosas ali escritas haviam transportado as mulheres de volta, e de maneira cruel, à realidade da situação. Isso lembrou a todas que não cabia necessariamente a elas determinar o futuro, que outros fatores invisíveis ditavam, já naquele momento, os meses e anos que estavam por vir. Também não as deixava esquecer que muitos casamentos haviam sido precipitados e que, não importava o que elas sentiam ou os sacrifícios que fizeram, só lhes restava esperar, como patas-chocas, que os maridos se arrependessem quando quisessem.

Apesar disso, ou talvez por causa disso, a chegada naquela tarde do "Rei Netuno" e sua corte provocou a bordo um clima que poderia, na melhor das hipóteses, ser descrito como de euforia e, na pior, de desespero.

Depois do almoço, Margaret tinha arrastado as outras até o convés de voo. Avice dissera que preferia descansar no beliche e que estava fragilizada demais para conseguir se divertir. Já Frances comentara com sua voz fina e serena que aquele não era o tipo de coisa que lhe agradava. Margaret não deixara de notar a frieza do clima entre as duas e também estava bastante abalada porque naquela manhã tinha encontrado uma garota chorando no banheiro porque estava convencida, por mais que não tivesse nenhuma evidência, de que logo receberia um telegrama. Por isso, ela decidira que alguns momentos de descontração fariam bem a todas.

Sua motivação não era totalmente altruísta: ela não tinha nenhuma vontade de servir de para-choque para aquelas garotas de humor instável, e também não queria enfrentar mais uma tarde de intermináveis idas e vindas entre o refeitório e o pequeno quarto delas.

Pelo menos Jean não precisara ser persuadida.

Quando elas chegaram na área externa, o convés de voo — em geral, deserto, a não ser pelas filas de gaivotas atentas, mulheres perdidas ou duplas de marinheiros isolados andando para trás e escovando o chão numa formação disciplinada — era uma massa efervescente de pessoas sentadas em torno de um tanque de lona recém-construído. O sol se refletia em toda a área e o murmúrio das conversas era tão alto que encobria o barulho dos motores. Margaret levou vários segundos para reparar na cadeira suspensa acima do tanque, pendurada em um guindaste móvel.

— Deus do céu! Eles não vão nos fazer sentar nesse negócio, vão? — exclamou ela.

— Precisaria de um guindaste gigante para você — brincou Jean, abrindo caminho em meio a multidão, com os cotovelos abertos,

ignorando os olhares furiosos e os cochichos à sua volta.

— Venham, meninas. Ainda tem muito lugar. Atenção! Grávida passando.

Agora que a maioria das pessoas estava sentada, Margaret conseguia ver que a plateia era mista. Era a primeira vez, desde que tinham alçado âncora, que tantos homens e mulheres estavam reunidos sem uma separação formal. Os oficiais, no entanto, mantinham-se a distância, em seus uniformes brancos. O calor no convés evocava um clima festivo, de expectativa, e enquanto ela passava com dificuldade pela multidão, reparou nos braços e pernas nus das mulheres, e também nos olhares cada vez mais ousados dos homens.

A uma curta distância, outra mulher, também na reta final da gravidez, procurava um lugar para se sentar. Usava um chapéu para se proteger do sol: manchas em sua pele clara indicavam uma incômoda reação ao calor. Ela reparou em Margaret e fez uma careta para demonstrar cumplicidade, dando um sorriso discreto. Atrás dela, um homem de macacão ofereceu um copo de papel a uma garota risonha, o que fez Maggie se lembrar, com tristeza, do dia em que Joe comprara para ela uma limonada em um parque de diversões, numa das primeiras vezes em que tinham saído juntos.

Ela se agachou no pequeno espaço que Jean abrira para a amiga, tentando encontrar na superfície dura uma posição que não lhe deixasse com dor nas pernas. Depois de alguns minutos, se abaixou desajeitadamente quando um dos marinheiros passou um grande caixote por cima da cabeça das mulheres e o entregou a um mecânico bigodudo que ela reconheceu do alojamento de Dennis.

— Aí está, senhora — disse ele, colocando o caixote ao lado dela. — Sente-se aí.

— É muita gentileza sua — falou Margaret, constrangida e um pouco chateada porque sua condição de grávida dava a entender que ela precisava

daquilo.

— Não há o que agradecer — respondeu ele. — Chegamos a fazer um sorteio, mas nenhum de nós quis ter o trabalho de ajudá-la a se levantar depois.

Considerando a facilidade com que Margaret dizia palavrões, talvez tenha sido sorte o "Netuno" aparecer naquele exato momento, com uma peruca feita com corda desfiada e o rosto pintado de um tom chamativo de verde. Estava rodeado por alguns colegas usando roupas igualmente estranhas. Eles foram apresentados como a Rainha Anfitrite (um pouco peluda demais), o Médico, o Dentista e o Barbeiro de Sua Majestade, além de um enorme Bebê Real, protegido apenas por uma fralda atoalhada e lambuzado com uma camada de graxa de motor. Atrás deles, acompanhados por um trompetista ruivo, chegou um bando de homens com o peitoral à mostra, que foram ruidosamente aplaudidos por todos, tanto homens quanto mulheres, e que pareciam ser os animadores. Sem nenhuma explicação, foram apresentados como "Ursos".

— Eu queria um urso desses para mim! — O rosto de Jean brilhava de animação. — Olhe para ele! É tão forte quanto um touro!

— Ah, Jean. — Avice suspirou.

Apesar de parecer exasperada, estava claro para todos que Avice se sentia melhor. Isso ficou evidente quando ela levou vinte minutos para fazer um penteado, mesmo sem a ajuda de um espelho decente ou fixador. Também ficou evidente no exagero de perfume que ela passou, o que fez Maude Gonne ficar espirrando por quase meia hora. Porém, o que mais chamou atenção foi a repentina melhora do seu humor no meio daquele grupo que misturava homens e mulheres.

— Olhem! Aqui tem gente de todos os cargos — gritara ela, feliz, esticando o pescoço para conferir quem estava na plateia. — Olhem todas essas divisas! Achei que aqui só teria um bando de mecânicos velhos e horrorosos.

Margaret e Frances se entreolharam.

— E esposas horrorosas de mecânicos velhos? — perguntou Margaret, em tom seco, mas Avice pareceu não ter escutado.

— Ah, eu queria ter colocado meu vestido de flores azuis — disse ela para ninguém em especial enquanto observava sua saia de algodão. — É muito mais bonito.

— Você está bem? — perguntou Frances, indicando com a cabeça a barriga de Margaret. Apesar do enorme chapéu de abas moles, ela parecia pouco à vontade.

— Estou ótima.

— Quer beber alguma coisa? Está muito quente.

— Não — respondeu Margaret, um pouco impaciente.

— Não me incomodo de ir ao refeitório.

Na verdade, Frances parecia desesperada para ir.

— Ah, pare de perturbar — interveio Avice, passando a mão na bainha da saia. — Se ela quiser alguma coisa, pode pedir.

— Posso falar por mim mesma, obrigada. Estou ótima — disse Margaret, virando-se para Frances. — Não estou doente, pelo amor de Deus.

— Só achei que…

— Não precisa achar. Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

Ela baixou a cabeça, contendo a irritação. Ao seu lado, Frances estava imóvel, o que fez Margaret se lembrar desconfortavelmente de Letty.

— Escutem! Escutem! — gritou Netuno, erguendo seu tridente, que brilhou sob o sol.

Aos poucos, o ruído foi diminuindo e consistindo apenas em risadas contidas e murmúrios, que percorreram a multidão assim como a brisa percorre um milharal. Contente por ter atraído toda a atenção das mulheres, ele pegou um calhamaço de papéis.

— As senhoras que agora pela Inglaterra são chamadas
Acharão que em nossa companhia ficarão difamadas.
E os graves e numerosos delitos aqui cometidos
A corte de Netuno aqui está para que sejam ouvidos.
Marujo ou comandante, não há diferença,
Diante do rei do mar e da sua sentença
E todos terão seus pecados punidos
Com castigos de sujeira e água reunidos,
Seja por não compartilhar um trago com o amigo
Ou por ser um zé-ninguém, canalha ou inimigo,
Todos ouvirão a acusação, e então veremos
Se Netuno dará castigos menores ou extremos.

— Não deve ser de Wordsworth, ou será que é? — perguntou Avice.
— De quem? — indagou Jean.

— Agora nossos marujos, zés-ninguém e pecadores
Precisarão lutar como gladiadores
Para escapar das garras do velho Netuno
E ter direito a tomar um trago oportuno.
Comandante, capelão ou o simples estivador
Mandou gente demais para o mar amedrontador.
Então decidiremos, oh, damas de grande belezura,
Quem recebe um feitiço em nossa cadeira de tortura."

Afinal, depois de muitos assobios e do que poderia ser qualificado como tumulto, o primeiro "zé-ninguém" foi chamado: um jovem marinheiro, cujos olhos semicerrados eram explicados pelos seus óculos carregados no alto, como um troféu, por alguém atrás dele. Pelo que parecia, sua culpa se devia ao fato de que aquela era apenas a segunda vez que cruzava a Linha do Equador. A primeira tinha acontecido durante a guerra, e ele não havia comemorado. Enquanto as mulheres gritavam em sinal de aprovação, primeiro ele foi acusado de "deixar de reconhecer o território de Netuno", depois, enquanto os Ursos o colocavam no chão, o Dentista de Sua Majestade encheu sua boca com o que parecia água com sabão, que o deixou enjoado e o fez engasgar. O marujo foi então erguido na

cadeira e, quando Netuno baixou o tridente, ele foi sumariamente jogado na água, enquanto as mulheres aplaudiam e comemoravam.

— Não foi um espetáculo muito adequado, não acham? — comentou Avice, inclinando-se à frente para ver melhor.

Nesse instante, os Ursos seguiram para o meio da multidão, fazendo caretas teatrais ao olhar para as mulheres. Elas, por sua vez, gritaram e se agarraram umas às outras, prometendo em voz alta e sem qualquer outra intenção se proteger mutuamente. Estavam tão melodramáticas que Margaret chegou a revirar os olhos. Ao seu lado, Frances nem se mexia. Parecia tão pouco abalada com a presença dos homens que Margaret ficou se perguntando como ela tinha conseguido se casar com um deles.

Um dos Ursos parou na frente delas. Com o peito ainda molhado de suor por causa do esforço, o rosto verde e um colar de conchas no pescoço, ele se abaixou na direção delas e as observou.

— Então, quais pecadoras e depravadas temos aqui, hein? — perguntou. — Qual de vocês merece um castigo?

A resposta veio como um grito coletivo, e logo as mulheres se dividiram como o mar na Bíblia e o rodearam.

Com exceção de Frances. Quando ele parou à sua frente, ela continuou imóvel e o encarou de volta, até que, ao sentir que ela não seria a candidata ideal, ele se virou para Margaret.

— Ahá! — gritou ele, avançando na sua direção.

Margaret se preparava para dizer, com um sorriso, que de jeito nenhum alguém ia colocá-la naquela maldita cadeira, mas então o homem se virou, como um pantomímico desarticulado, e olhou para a plateia entusiasmada.

— Vejo que preciso encontrar outra vítima — disse, apontando o dedo para ela —, pois a lei de Netuno não nos permite atacar uma baleia!

As mulheres ao redor caíram na gargalhada. Margaret, que se preparara para dar uma resposta inteligente, ficou sem palavras. Todos estavam

rindo dela. Como se sua gravidez fosse alguma piada.

— Ah, parem com isso! — disse ela, furiosa.

Mas sua resposta só serviu para provocar ainda mais risadas.

Ela permaneceu sentada enquanto ele ia à procura de uma nova vítima. Inexplicavelmente, seus olhos se encheram de lágrimas. O chapéu de Frances estava enterrado na sua cabeça e ela mantinha as mãos entrelaçadas com força sobre os joelhos.

— Idiota! — murmurou Margaret, e em seguida repetiu mais alto: — Idiota! — Como se dizer isso pudesse fazê-la se sentir melhor.

O sol ficava cada vez mais forte e ela sentiu o nariz e as bochechas começarem a ficar vermelhos. Vários outros marinheiros foram levados até a frente e também acusados. Alguns se debatiam e xingavam, outros eram levados à força, supostamente por terem tentado se esconder em diferentes partes do navio. Mas a maioria achava graça.

Margaret sentiu inveja do chapéu de Frances. Ela se remexeu no caixote onde estava sentada com uma das mãos fazendo sombra acima dos olhos, para apreciar o espetáculo: a encenação do infortúnio dos outros ia afastando aos poucos o seu próprio mau humor.

— Você já esteve em navios. É sempre assim? — perguntou a Frances, que colocara óculos de sol. Ela não suportava aquele tipo de ambiente.

Frances deu um sorriso forçado, e Margaret sentiu vergonha por ter sido tão brusca com ela.

— Não sei dizer — murmurou. — Eu estava sempre trabalhando.

Em seguida, desviou o olhar, distraída com alguma coisa à sua direita.

— Para quem você está acenando?

— É nosso fuzileiro naval — respondeu Frances.

— Ah, é?

Margaret semicerrou os olhos na direção do homem de cabelo preto não muito distante delas. Nunca tinha parado para observar seu rosto, pois

sempre acelerava o passo diante dele e se curvava para esconder melhor a cachorrinha.

— Ele está com uma aparência horrível. Não deveria estar dormindo, se vai ficar de guarda a noite inteira?

Frances não respondeu. O fuzileiro tinha visto as duas e ela desviara o olhar para os pés.

— Ele está cumprimentando você — disse Margaret, acenando com animação. — Não vai responder?

Mas Frances parecia não ter escutado.

— Olhe! — interrompeu Jean, segurando o cotovelo de Margaret. — Caramba! Pegaram um dos oficiais!

— E não é um oficial qualquer — disse Avice. — É o imediato. Ele tem um posto muito alto, vocês sabem. Ai, meu Deus.

Ela comprimiu os lábios e tapou a boca com a mão, como se achasse que, por uma questão de boas maneiras, não devesse se divertir tanto com isso.

Xingando e espumando de raiva, o imediato, que estava ao lado do comandante, foi levado para a cadeira e amarrado. Ele foi contido pelos Ursos, tiraram sua camisa e, sob a aclamação das mulheres, seu corpo foi lambuzado com graxa e o rosto coberto com o que parecia mingau de aveia.

Ele se remexeu diversas vezes na cadeira, como se pedisse ajuda a alguém logo atrás, mas então esfregaram xarope de bordo em seu cabelo e espalharam penas por cima. A cada nova humilhação, o clamor da plateia aumentava, e até as gaivotas que sobrevoavam a cena davam gritos estridentes. Era como se as mulheres, que de repente haviam se dado conta da falta de controle que tinham sobre suas vidas, sentissem um prazer catártico em determinar o que aconteceria com outra pessoa.

— Acabem com ele! Acabem com ele! — gritava a multidão, vozes masculinas misturadas às femininas.

A humilhação sofrida por Margaret estava esquecida. Ela sorria e também gritava. Com essa cena, ela se lembrou das brincadeiras de mau gosto dos seus irmãos quando todos ainda eram crianças, nas quais um jogava o outro em um monte de esterco e tentava enfiar excremento na boca um do outro.

Ela foi distraída por alguém batendo no seu ombro. Frances tentava lhe dizer alguma coisa. Era impossível ouvir, mas Margaret deduziu que ela queria avisar que ia embora. Ela está pálida, pensou Margaret, e em seguida se virou para contemplar o pobre imediato suspenso na cadeira.

— Olhem para ele — gritou Avice, admirada. — Parece furioso.

— Tão furioso quanto uma serpente cortada ao meio — acrescentou Jean. — Não imaginei que fariam isso com alguém de um cargo tão alto.

— Você está bem… — começou Margaret, mas logo viu que Frances já tinha ido embora.

Instigado pela multidão que no momento estava delirante, o Barbeiro de Sua Majestade passou espuma no cabelo do oficial, pegou uma tesoura enorme e começou a cortar. Depois, sua boca foi aberta à força por homens às gargalhadas que o obrigaram a engolir o que Netuno anunciou ser "medicamento para homem do mar". Enquanto o oficial cuspia e ameaçava vomitar, com o rosto quase irreconhecível, um dos Ursos andou pelo meio das mulheres ali reunidas e detalhou, com muito orgulho, os ingredientes: óleo de rícino, vinagre, água com sabão e ovo em pó. Dois peixes podres foram enfiados nos ouvidos do imediato e uma echarpe feminina foi amarrada em seu pescoço. Houve uma rápida contagem regressiva, então ele foi jogado na água. Conseguiu emergir e erguer a cabeça duas vezes para expressar sua raiva.

— Vocês todos vão pagar por isto! — gritou ele, com a boca cheia de espuma. — Vou anotar o nome de vocês e levar isto aos seus superiores.

— Cale a boca, idiota — ordenou a Rainha Anfitrite —, ou as coisas vão ficar ainda mais estranhas para você.

As mulheres riram mais alto.

— Não consigo *acreditar* que eles deviam mesmo fazer isso — disse Avice, animada. — Tenho certeza de que alguém do alto escalão não deveria ter sido incluído. — Em seguida, ficou imóvel como um cão de caça farejando a presa. — Ai, meu Deus! É Irene Carter!

Esquecendo-se de Netuno e dos seus companheiros, ela se levantou e abriu caminho pela multidão zombeteira. Com a mão erguida, gritou:

— Irene! Irene! Sou eu, Avice!

— Você acha que o comandante vai puni-los por causa disso? — perguntou Jean, com os olhos arregalados, enquanto o barulho diminuía e a vítima, ainda cuspindo espuma, era desamarrada da cadeira. — Eu não poderia imaginar que alguém fosse passar dos limites com um homem do nível dele, você não acha?

— Não faço ideia — respondeu Margaret.

Ela deu uma olhada no convés à procura de Frances e viu o comandante. Ele estava ao lado do centro de comando, com o rosto parcialmente oculto pelos homens à sua volta. Um deles, mais baixo, cujo rosto tinha traços marcantes, se espichou e falou alguma coisa no seu ouvido. Naquela distância, era difícil entender o que dizia, pois o comandante usava um quepe e havia muita gente se movimentando ao redor, mas ela podia jurar que ele estava rindo.

* * *

Margaret só encontrou Frances duas horas depois. Estava passando *A mocidade é assim mesmo*, e ela estava sozinha no cinema, sentada em uma das primeiras filas, com os óculos de sol apoiados no topo da cabeça. Parecia extasiada com a visão de Mickey Rooney bêbado em um bar.

Margaret parou no pequeno corredor lateral da sala e semicerrou os olhos no escuro para se certificar de que era Frances, depois se aproximou.

— Você está bem? — perguntou, acomodando-se ao lado.

— Estou — murmurou Frances.

Margaret pensou que nunca conhecera alguém que demonstrava tão pouco as suas emoções.

— O espetáculo foi muito divertido — comentou, colocando os pés na poltrona da frente. — O chef de cozinha foi acusado de preparar pratos intragáveis. Colocaram uma lula morta em cima da cabeça dele e o obrigaram a comer uma mistura dos restos do que foi servido ontem. Achei um pouco injusto. Quer dizer, eu não conseguiria fazer nada melhor do que ele.

Pela luz que vinha da tela, Margaret viu Frances sorrir de um modo que sugeria total falta de interesse.

— Jean foi tomar chá com os marinheiros — prosseguiu Margaret, insistente. — Ah, e Avice nos abandonou! Encontrou uma velha amiga e elas se abraçaram feito namorados que não se viam havia anos. As duas até se parecem: cabelo perfeito, muita maquiagem, essas coisas. O que acho é que agora ela vai nos descartar como sapatos velhos. Tenho a impressão de que fomos uma decepção para ela. Ou eu fui, pelo menos — acrescentou, depressa. — Você sabe, a leiteira gorda e sua cachorrinha fedorenta. Isso deve estar longe de ser o cenário social dela. — O bebê estava chutando. Margaret mudou de posição, xingando-o em silêncio. — Eu… Eu queria saber por que você saiu de lá. Achei que… Bem, eu só queria confirmar que está tudo bem com você.

Àquela altura, era evidente que Frances já percebera que não conseguiria mais assistir ao filme. Ela relaxou um pouco a postura e inclinou a cabeça na direção de Margaret.

— Não me sinto muito bem no meio de uma multidão — explicou.

— É isso?

— É.

Elizabeth Taylor montou em seu cavalo, dando um salto que sugeria a leveza de um pássaro, uma alegria num simples movimento. Margaret viu a cena e se lembrou da égua mal-humorada da sua mãe. Lembrou-se de como, meses antes, tinha conseguido montá-la com agilidade e, se exibindo para os irmãos, dera um giro atlético na sela e ficara de frente para o traseiro do animal. Ela havia até conseguido plantar bananeira em cima de um cavalo mais velho e mais tranquilo.

— Desculpe — murmurou ela. — Por ter sido grosseira mais cedo.

Frances continuou com os olhos fixos na tela.

— É só que… acho que estar grávida é um pouco difícil. Não sou eu mesma, na verdade. E às vezes… digo coisas sem pensar. — Ela apoiou as mãos na barriga e as observou se mexerem conforme os movimentos do bebê. — É por causa dos meus irmãos. Estou acostumada a ser direta. E nem sempre penso no que isso provoca nas pessoas.

Frances estava olhando para baixo e a tela foi momentaneamente iluminada por um sol cinematográfico. Foi o único indício que Margaret teve de que a amiga a escutava. A escuridão e o fato de estarem sozinhas a encorajavam a dizer o que guardara por tanto tempo.

— Na realidade, detesto estar assim. Eu não devia dizer isso, mas é verdade. Detesto estar tão grande assim. Detesto não conseguir subir dois malditos degraus sem ficar ofegante feito uma velha caquética. Detesto me ver neste estado e também não suporto a ideia de não poder fazer literalmente nada, como comer, beber, caminhar ao sol, sem ter que pensar no bebê.

Ela ficou brincando com a bainha da saia. Não aguentava mais ter que vestir as mesmas roupas dia após dia. Quase nunca usara saia até ficar grávida. Alisou-a, distraída.

Em seguida, voltou a falar:

— Sabe, logo depois que Joe e eu nos casamos, ele viajou de novo e eu continuei morando com meu pai e meus irmãos. Nós nos casamos em

teoria, acho que podemos dizer assim. Com certeza não me sinto realmente casada. Mas não reclamei porque estávamos todos no mesmo barco, não é? Nenhuma tinha o marido ao lado. E então a guerra acabou. E descobri que… você sabe… — Ela olhou para baixo. — E agora, em vez de finalmente fazer a travessia feliz por saber que vou reencontrar Joe e que poderemos ficar juntos, só nós dois, que era tudo o que eu queria, precisaremos levar em conta esta coisa que carrego. Nada de lua de mel. Nada de tempo só para nós. Quando o bebê nascer, teremos aproveitado só umas quatro semanas, mais ou menos, de casados. — Ela esfregou o rosto, aliviada por Frances não poder vê-lo. — Você deve me achar uma pessoa horrível por dizer tudo isso. Com certeza já viu todo tipo de morte, doença, bebês, e está aí pensado que eu devia ser grata. Mas não consigo. Simplesmente não consigo. Detesto a ideia de que preciso sentir todas essas coisas femininas e maternais que não consigo me forçar a sentir. — Ela ergueu o tom de voz: — Acima de tudo, não suporto pensar que, depois que o bebê nascer, nunca mais vou ter um segundo de liberdade…

Seus olhos se encheram de lágrimas. Desajeitadamente, tentou secá-los com a mão esquerda para que Frances não percebesse. A gravidez a transformara numa menina idiota e chorona. Assoou o nariz em um lenço úmido. Tentou encontrar uma posição confortável e se encolheu quando o bebê deu mais um chute certeiro nas suas costelas, como que para puni-la. Nesse instante, ela sentiu uma mão fria em seu braço.

— Acho que é normal ter alguma tensão entre nós — disse Frances. — Afinal, vivemos grudadas e tudo o mais.

Margaret fungou de novo.

— Não tive a intenção de ser grosseira com ninguém.

Então Frances se virou para ela. Margaret só conseguia ver os olhos enormes da colega. Engoliu em seco, como se o que pretendia dizer exigisse esforço.

— E não foi.

Depois de apertar com sutileza o braço de Margaret, Frances recolocou a mão sobre seus joelhos e voltou a se concentrar no filme.

* * *

Margaret e Frances voltaram juntas pelo convés do hangar. Embora estivessem escaladas para o primeiro turno do jantar, apareceram apenas para o segundo, porque o filme tinha acabado tarde. O pedido de troca de horário havia provocado tantas caretas e concordâncias mal-humoradas entre as oficiais, segundo Margaret, quanto se tivessem pedido para entrarem nuas no refeitório.

— Torta de carne morna em vez de torta de carne quente. Não chega a ser requisitado um tratado internacional, não é mesmo?

Frances tinha sorrido pela segunda vez naquela noite. Margaret percebera, porque nas duas vezes seu rosto havia se transformado. A frieza da sua expressão, a melancolia que a mantinha distante, tudo isso sumira de repente e a doce e bela estrangeira parecia ter se aberto um pouco. Margaret ficara tentada a comentar sobre essa mudança, mas o pouco que ela conhecia de Frances lhe ensinara que qualquer observação fecharia as portas de novo. E Margaret não era uma pessoa intrometida.

Frances estava contando sobre a vida a bordo de um navio de assistência hospitalar. Enquanto sua voz tranquila e precisa detalhava as visitas aos doentes e os ferimentos de um jovem fuzileiro naval de quem ela cuidara perto das Ilhas Salomão, Margaret pensou naquele sorriso, depois em Letty. No seu rosto jovial e corado, nas suas feições estranhas que tinham quase ficado bonitas quando ela ousara, apenas por um instante, acreditar em um futuro com Murray Donleavy. Muito envergonhada, afastou a lembrança.

A temperatura não tinha baixado tanto quanto nas noites anteriores, e o clima ameno fazia com que ela se lembrasse dos verões na fazenda onde,

sentada na varanda, os pés descalços sentindo o calor das tábuas ásperas, ela ouvia, às vezes, um dos irmãos dar um tapa para interromper o voo noturno de algum inseto carnívoro. Tentou imaginar o que estariam fazendo naquela noite. Talvez Daniel estivesse sentado na varanda tirando a pele dos coelhos com o canivete…

De repente, prestou atenção no que Frances lhe dizia. Ficou paralisada e fez a colega repetir.

— Você tem certeza? Ele sabe?

Frances estava com as mãos enfiadas no bolso.

— Foi o que ele falou. Perguntou quem era a dona.

— E você contou?

— Não.

— O que você respondeu, então?

— Não respondi nada.

— Como assim, não respondeu nada?

— Não falei nada, apenas fechei a porta.

Quando dois oficiais passaram, elas se recostaram nos canos que percorriam uma parede. Um deles cumprimentou as duas com um leve toque no quepe, e Margaret deu um sorriso educado. Esperou que eles se afastassem bastante no corredor antes de retomar a conversa.

— Ele contou que sabia sobre a cadela e você não perguntou se ele ia nos denunciar? Nem há quanto tempo sabia? Nada?

— Bem, ele não nos denunciou ainda, não é mesmo?

— Mas não sabemos o que ele vai fazer.

Margaret reparou que o maxilar de Frances estava cerrado de um jeito estranho.

— É que… eu não quis começar a discutir o assunto com ele.

— Por que não? — perguntou Margaret, incrédula.

— Não quis que ele pensasse…

— Pensasse o quê?

Frances conseguiu ficar com uma expressão furiosa e defensiva ao mesmo tempo.

— Não quis que ele pensasse que poderia usar Maude Gonne para barganhar com a gente.

Houve um longo silêncio. Margaret franziu a testa, sem entender.

— Isso é importante. Achei que ele pudesse querer alguma coisa… em troca.

Frances parecia um pouco constrangida, como se tivesse entendido a impressão que seu raciocínio pode ter passado.

Margaret balançou a cabeça.

— Meu Deus, Frances. Você tem uma interpretação estranha sobre a reação das pessoas.

Elas tinham chegado à cabine. Margaret tentava imaginar se houvera algum significado oculto em como o fuzileiro acenara para elas e estava prestes a sugerir que Frances deveria falar com ele assim que chegasse para montar guarda, mas se distraiu ao ver uma garota passando apressada pelo corredor. Tinha cabelo preto na altura dos ombros preso por grampos para afastá-lo do rosto, mas uma mecha havia se soltado. Quando chegou onde elas estavam, a jovem parou de repente e observou a porta com atenção.

— Vocês estão acomodadas aqui? No 3G? — perguntou, ofegante.

— Sim — respondeu Margaret, dando de ombros. — Por quê?

— Vocês conhecem uma garota chamada Jean? — perguntou, ainda ofegante. Quando as outras assentiram, ela continuou: — É bom descerem. Fiquem de olho na colega de vocês antes que alguma oficial a encontre. Ela se meteu em uma confusão e tanto.

— Onde? — perguntou Margaret.

— No alojamento dos marinheiros. Convés E. Vire à esquerda no segundo lance de escada. É a porta azul perto do extintor de incêndio.

Preciso ir agora. Os fuzileiros navais vão chegar aqui em um minuto. Vocês vão ter que se apressar.

— Eu vou — disse Frances para Margaret. — Sou mais rápida. Você me alcança.

Ela tirou os sapatos, largou o casaco e a bolsa na porta e saiu em disparada pelo corredor, suas pernas compridas e finas parecendo voar atrás dela enquanto corria.

* * *

Qualquer dificuldade pode ser superada, pensou Avice, basta estar na companhia certa. Desde que, naquela tarde, ela encontrara Irene Carter e fora convidada para tomar chá com ela e suas amigas, depois para uma palestra (Irene tinha confeccionado saquinhos de pano maravilhosos) e finalmente para jantar. Elas tinham conversado tanto e com um entusiasmo tão grande que Avice se esquecera não só da hora, mas também de como detestava aquele navio velho.

O pai de Irene Carter era proprietário do clube de tênis mais prestigiado de Melbourne. Ela era casada com um subtenente que acabara de voltar do Adriático, filho de (aqui Avice fez uma pausa para respirar) uma pessoa importante no Ministério das Relações Exteriores. E ela trouxera a bordo nada menos do que onze chapéus, para o caso de não encontrar modelos que lhe agradassem na Inglaterra. Irene Carter era definitivamente uma garota legal. E, com um rigor que Avice suspeitava faltar no seu próprio caráter, ela determinara que se cercaria apenas das mulheres certas. Chegara até a conseguir uma troca de cabine para que a garota negra de óculos ficasse acomodada em outro lugar, onde ela "encontraria pessoas do seu tipo". Nem precisou explicar em detalhes o que isso queria dizer. Avice ficou espantada ao ver como Irene e as garotas

adoráveis que a rodeavam eram parecidas, não apenas nas roupas e no comportamento, mas também nas atitudes.

— Você deve saber o que aconteceu com Lolicia Tarrant, não? — perguntou Irene, com o braço delicadamente entrelaçado ao de Avice enquanto desciam com cuidado a escada que levava ao hangar principal. As outras as seguiam logo atrás.

— Não.

Os sapatos de Irene eram iguais aos que a mãe de Avice vira em uma revista parisiense. Ela deve ter mandado vir de avião.

— Bem, você sabe que ela estava noiva daquele piloto? Aquele com um… um bigode pavoroso? Não? Bem… Ainda não fazia nem cinco semanas que ele estava na Malásia quando ela se apaixonou por um soldado americano. — Ela baixou o tom de voz: — Um homem horrível. Muito grosseiro. Sabe o que ele costumava dizer sobre Melbourne? "Tem metade do tamanho do maior cemitério de Nova York… e é duas vezes mais morta." Afe. Ele repetia isso sem parar, como se cada vez estivesse sendo extremamente original.

— E aí, o que aconteceu?

Avice estava com os olhos arregalados, imaginando Lolicia com o americano.

— Bem, o que era de se esperar. O noivo voltou e não ficou nada contente de encontrar Lolly circulando com o tal sujeito, como você pode imaginar. Além disso, vale dizer que ele cruzou mais do que a linha de Brisbane, se é que você me entende.

— Deus do céu! — exclamou Avice.

— E o pai de Lolly também não ficou nada feliz com essa história, quando descobriu. Eles desconfiavam dos americanos desde os assassinatos, é claro.

Todas as garotas se lembravam do escândalo do recruta Edward J. Leonski, que havia matado quatro mulheres de Melbourne. A partir

daquele momento, a relação entre a Austrália e os soldados americanos tinha azedado.

— Ele não era um assassino.

— Ah, Avice, você é engraçada! Não era. Mas contou para todos os colegas o que tinha acontecido entre ele e Lolly. Nos mínimos detalhes. E pelo que parece, seu superior não entendeu bem a história e mandou uma carta para o pai de Lolly, sugerindo que prestasse atenção no comportamento da filha.

— Ai, meu Deus!

— A reputação dela foi destruída. O noivo não quis mais saber dela, ainda que metade do que o oficial tinha dito fosse mentira, é claro.

— Ela está bem?

— Não sei — respondeu Irene.

— Achei que vocês fossem amigas — disse Avice.

— Depois do que aconteceu? — Irene fez uma careta e balançou a cabeça, como se tentasse afastar um inseto irritante. Houve um longo silêncio. — Então — continuou ela —, pretende se candidatar a Rainha do *Victoria*? Na próxima semana vão fazer o concurso de *Miss Pernas Mais Bonitas*.

Elas tinham chegado à metade do caminho do convés do hangar quando encontraram Margaret. Estava apoiada em um quadro de avisos, com uma das mãos na cabeça, a palma para baixo, como se tivesse medo de perder o equilíbrio, enquanto a outra estava encostada na parte mais alta da sua barriga enorme.

— Você está bem? — perguntou Avice, paralisada pelo medo de que a menina da fazenda estivesse prestes a ter o bebê.

Ela precisaria se envolver, e só Deus sabia o que Irene poderia pensar.

— É só uma pontada — queixou-se Margaret, entre dentes cerrados.

Avice quase desmaiou de alívio.

— Quer ajuda para voltar para a cabine? — perguntou Irene educadamente.

— Não.

Margaret olhou para Avice, depois para sua amiga. Avice reparou que o nariz dela estava queimado de sol.

— Preciso descer. Jean se envolveu em um pequeno… episódio.

— Jean divide a cabine com a gente — explicou Avice.

— Não quer mesmo uma ajuda? — insistiu Irene.

Ela dobrara os joelhos para observar o rosto corado de Margaret.

— Só preciso recuperar o fôlego.

— Bem, você não tem condições de ir atrás da sua amiga nesse estado. Não com tantas escadas para descer. Nós vamos com você.

Avice começou a reclamar:

— Não… Acho que não devemos… Você sabe, Jean está…

Mas Irene já tinha se soltado do braço de Avice e estendia a mão para Margaret.

— Melhor? Vamos, se apoie no meu braço. Temos uma pequena aventura pela frente. Vamos, meninas. Não vivi nada animador desde o dia em que botei o pé neste navio. Vamos resgatar uma donzela em apuros.

A risada indecente de Jean ainda ecoava nos ouvidos de Avice, assim como seus comentários inconvenientes sobre a gravidez de Margaret, e ela imaginava que Irene, sua salvação para uma vida social adequada durante a viagem, com certeza se afastaria em sinal de desaprovação. Fechou os olhos e ensaiou mil desculpas e maneiras de se distanciar da vulgaridade de Jean.

No entanto, quando a encontraram, Jean não estava rindo. Sequer estava de pé.

Primeiro viram suas pernas, emergindo de um jeito estranho por trás de uma pilha de caixas ao lado da casa de máquinas superaquecida a

estibordo. Os sapatos, quase caindo dos pés, apontavam um para o outro. Quando as garotas se aproximaram, suas vozes, que já tinham permanecido baixas enquanto percorriam o longo e estreito corredor, se calaram de vez diante daquela cena. Elas conseguiram ver o suficiente da metade superior do corpo de Jean para deduzir que ela estava bêbada… bêbada a ponto de murmurar coisas incoerentes para ninguém em particular. Bêbada a ponto de se manter em uma posição entre sentada e deitada, com as pernas abertas, no chão duro e sujo de óleo. Bêbada a ponto de não se importar que estivesse com a blusa desabotoada e que um dos seus pequenos seios brancos escapasse do bojo do sutiã também fora do lugar.

* * *

Frances se aproximou de Jean. Seu rosto, normalmente pálido e sério, estava corado e vívido. Mechas do cabelo haviam se soltado do coque em geral muito firme. Ela irradiava energia. Um homem, possivelmente marinheiro e tão bêbado quanto Jean, empertigou os ombros e se afastou dela, cambaleando. Sua braguilha estava aberta, e pela fresta elas tiveram um vislumbre de algo arroxeado e obsceno. Enquanto as garotas recém-chegadas observavam a cena, aterrorizadas, sem palavras e em choque, outro homem surgiu da sombra atrás de Jean e, com um olhar de culpa para elas, ajeitou a roupa e saiu correndo. Jean se mexeu e murmurou alguma coisa. Cachos escuros de cabelo encharcados de suor emolduravam seu rosto. Em meio a um silêncio opressor, Margaret se ajoelhou e tentou baixar a saia de Jean para cobrir suas coxas pálidas.

— Seu patife! — gritou Frances para o homem.

As outras viram que ela estava segurando uma enorme chave inglesa na mão ossuda. O homem tentou recuar, mas Frances baixou o braço e a chave inglesa o atingiu no ombro com um forte estalo. Enquanto ele se

afastava, tentando se proteger, os golpes o atingiam com a regularidade e a força implacável de uma britadeira. Quando ela acertou a lateral da cabeça dele, um fino jato de sangue esguichou no ar logo acima da sua orelha.

Antes que elas tivessem tempo de entender o que estava acontecendo, de absorver o significado daquilo e as possíveis consequências, Dennis Tims correu na direção delas. Seus ombros imensos representavam uma nova ameaça.

— Mas o que é que está acontecendo aqui? — perguntou, com o cigarro ainda entre os dedos. — Mikey disse… O quê…? Ai, meu Deus! — exclamou ao ver Frances, a calça do homem e Jean no chão, agora nos braços de Margaret. — Ai, meu Deus. Meu Deus… Maldito Thompson…

Ele largou o cigarro e tentou conter Frances, que se debatia, parecendo completamente transtornada.

— Seu patife! — gritou ela. — Imbecil!

— Está tudo bem, garota — disse ele. — Está tudo bem agora. Tudo bem.

Enquanto seu colega afastava o homem de Frances, ele a agarrou pelas costas com seus antebraços enormes e a puxou para trás, até a chave inglesa voar inutilmente da sua mão.

O colega de Tims soltou o homem, que, muito atordoado ou talvez bêbado demais para reagir, caiu como uma pedra. O barulho dos motores era ensurdecedor e ainda havia uma sequência contínua de estalos, estouros e rangidos. Apesar disso, o som da batida de sua cabeça no chão foi ainda mais forte: um ruído abafado, mas ao mesmo tempo estrondoso, como o de uma melancia sendo jogada no chão.

Irene deu um grito estridente.

Tims largou Frances, virou o homem de lado, e a primeira impressão foi de que chegara sua vez de machucá-lo ainda mais. Mas ele apenas deu

uma olhada rápida no ferimento na cabeça do colega, murmurando para si mesmo alguma coisa ininteligível.

Duas garotas que, até aquele momento, tinham apenas cochichado uma com a outra, saíram correndo dali, escondendo o rosto com as mãos.

Avice tremia. Tims estava ajoelhado e, aos gritos e xingamentos, mandava o homem se levantar.

Atrás deles, Margaret começara a arrastar Jean para fora.

Frances estava de pé, com as pernas um pouco afastadas, a chave inglesa na ponta dos dedos, tremendo sem parar. Nem deve ter percebido que estava chorando.

— Devíamos avisar alguém — disse Avice para Irene.

O clima estava muito pesado. Sua respiração parecia entrecortada, como se, mesmo como simples observadora, ela estivesse com a adrenalina no nível máximo.

— Eu não… Eu…

Nesse instante, perceberam que uma oficial se aproximava. Os passos dela ecoavam no chão metálico.

— O que está acontecendo aqui?

Ela usava o cabelo preto puxado para trás e tinha seios fartos. Ainda estava a uns seis metros de distância.

Tims parou, com o punho erguido. Um dos seus colegas disse alguma coisa para ele, tocou de leve seu cotovelo e depois sumiu na escuridão. Tims se empertigou e passou os dedos pelo cabelo curto cor de palha. Olhou para Margaret, dando a impressão de que só então tinha reparado que ela estava ali. Seus olhos cansados estavam arregalados e sua mão continuava se mexendo involuntariamente. Ele balançou a cabeça, como se quisesse dizer alguma coisa, um pedido de desculpas, talvez. Até que a oficial surgiu na frente de todos, fuzilando-os com os olhos, um ar controlador emanando dela feito um perfume ruim.

— O que está acontecendo aqui?

* * *

A princípio, ela pareceu não ter visto Jean estendida no chão, nem Margaret, que tentava deixar a amiga um pouco mais apresentável. Avice reparou que a meia-calça dela estava embolada na altura dos joelhos.

— Um pequeno acidente — respondeu Tims, enxugando as mãos ensanguentadas na calça. Ele não olhou para a mulher. — Mas já estávamos resolvendo tudo. — Ele articulou bem as palavras.

A oficial desviou os olhos das mãos dele para Avice, e depois para Margaret, cuja barriga chamou sua atenção.

— O que estão fazendo aqui, meninas?

Ela esperou por uma resposta, mas ninguém falou nada. Ao seu lado, Avice reparou em Irene, que segurava um lenço na mão apoiada no peito, feito uma heroína tuberculosa. Com a boca entreaberta, tinha perdido o ar de superioridade e autoconfiança.

Quando se virou, Tims havia desaparecido. O homem ferido estava sentado no chão, com os joelhos dobrados no peito.

— Vocês sabem que há punições severas para as mulheres que entram nas áreas reservadas aos homens?

Houve um profundo silêncio. A oficial se abaixou, verificou o estado do homem e confirmou que o outro havia desaparecido. Então viu Jean.

— Ai, meu Deus! Por favor, não me digam que aconteceu o que estou pensando.

— Não — respondeu Margaret.

A oficial olhou para ela.

— Ai, meu Deus! — repetiu. — O comandante vai ter que ser informado.

— Por quê? Não temos nada a ver com isso — gritou Avice para que escutassem apesar do barulho dos motores. — Só viemos buscar Jean.

— Avice! — exclamou Frances, levantando-se com dificuldade. Ela parou entre a oficial e Jean, ainda prostrada no chão. — Deixe com a

gente. Vamos levá-la de volta para a cabine.

— Não posso fazer isso. Tenho a obrigação de relatar qualquer ocorrência de festa, bebedeira… má conduta. Vou precisar do nome de todas.

— Mas não temos nada a ver com isso! — insistiu Avice, olhando para Irene. — Foi só Jean quem se meteu nessa confusão!

— Jean?

— Jean Castleforth — confirmou Avice, desesperada. — Não temos mesmo nada a ver com isso. Só descemos porque ficamos sabendo que ela havia se metido em encrenca.

— Jean Castleforth — repetiu a oficial. — E o seu nome?

— Mas nunca sequer olhei para outro homem! E não gosto de bebida alcoólica!

— Já falei que vamos levá-la para a cabine — insistiu Frances. — Sou enfermeira. Vou cuidar dela.

— Vocês não estão sugerindo que eu ignore isso aqui, não é mesmo? Olhem para ela!

— Ela só…

— Não passa de uma vadia, é isso que ela é!

— Como se atreve? — respondeu Frances, parecendo surpreendentemente alta quando se empertigou.

Seu rosto estava tenso. Avice reparou que seus punhos estavam cerrados.

— Está querendo dizer que ela foi forçada a vir até aqui?

A oficial torceu o nariz ao sentir cheiro de álcool no hálito de Jean.

— Por que nós apenas não…

Tremendo de raiva, Frances se virou para Avice.

— Saia daqui! Fique longe de mim. E escute uma coisa, oficial responsável pelas mulheres ou o que quer que a senhora seja, não pode denunciá-la por isto, ouviu bem? Não foi culpa dela.

— Recebi ordens para relatar qualquer ato de má conduta.

— Ela só tem dezesseis anos. É óbvio que a embebedaram e… se aproveitaram dela. Ela só tem dezesseis anos!

— Idade suficiente para saber o que está fazendo. Ela não deveria ter descido. Nenhuma de vocês deveria.

— Eles a embebedaram! Olhe para ela! Quase inconsciente! A senhora acha certo acabar com a reputação dela e talvez fazer com que perca o marido por causa disso?

— Eu não…

— Não pode arruinar a vida inteira desta menina por causa de uma bebedeira!

Frances olhava a oficial de cima, e parecia estar escondendo alguma coisa… o que seria? Avice, ainda atordoada com essa Frances irreconhecível, recuou instintivamente.

A oficial também percebeu: havia assumido uma estratégia defensiva.

— Como já falei, tenho ordens de…

— Ah, pare de falar sobre essas malditas ordens, sua oficialzinha…

Era impossível determinar por que Frances, corada e agitada, tinha erguido o braço, mas Margaret logo a conteve, puxando-a para trás e murmurando:

— Frances, se acalme, por favor. Está tudo bem.

Só depois de alguns instantes, Frances pareceu ouvir o que Margaret dizia. Estava tensa, preocupada.

— Não, não está tudo bem. Você precisa explicar para ela.

Seus olhos reluziam.

— Mas você não está ajudando ela — insistiu Margaret. — Está me ouvindo? Precisa parar com isso.

Algo no olhar de Margaret surpreendeu Frances. Ela piscou repetidas vezes antes de dar um longo suspiro entrecortado.

Avice reparou que a mão de Irene, ainda agarrada ao lenço, tremia. Quando desviou os olhos da amiga, a oficial tinha se virado e, como se estivesse grata por ter conseguido escapar, já seguia com pressa e determinação pelo corredor.

— Ela é só uma menina! — gritou Frances.

Mas a mulher já tinha ido embora.

11

Parabéns às Sras. H. Skinner e H. Dill, que esta semana comemoram aniversário de casamento. A Sra. Skinner está casada há dois anos e a Sra. Dill, há um. Embora elas estejam separadas dos maridos em uma ocasião tão especial, esperamos sinceramente que esta seja a última vez que passem a data longe deles. Desejamos aos dois casais um futuro muito feliz.

"É HORA DE COMEMORAR", DAILY SHIP NEWS,
ANOTAÇÕES DE AVICE R. WILSON, ESPOSA DE GUERRA,
MUSEU IMPERIAL DA GUERRA

DEZOITO DIAS

No mar, era impossível saber a hora precisa em que o sol nascia, não porque variasse a cada dia, ou a cada continente, mas porque, através do suave arco de um horizonte marinho, a fenda luminosa que trespassava a escuridão podia ser vista a centenas, talvez milhares de quilômetros de distância, muito antes de se tornar visível em terra firme, e muito antes de indicar um novo dia. E, acima de tudo, porque nos conveses inferiores, em corredores estreitos e sem janelas ou portas, onde a única iluminação era a artificial, ficava impossível adivinhar se o sol já tinha nascido ou não.

Esse era um dos motivos, mas não o único, pelos quais Henry Nicol não gostava do período entre as cinco e as seis da manhã. No passado, ele até simpatizava com as primeiras horas do dia, mas naquela época o mar ainda era novo e mágico para ele que, não habituado à companhia tão próxima de outros homens, se deliciava com a hora mais tranquila a

bordo: aqueles últimos minutos de escuridão antes de o navio engrenar o mecanismo do dia e ir acordando aos poucos ao seu redor. Era o único momento em que ele conseguia imaginar que só existia ela no mundo.

Um tempo depois, quando ia para casa nas suas folgas e os filhos ainda eram pequenos, um deles, ou até mesmo os dois, inevitavelmente acordava nesse horário, e ele ouvia a esposa sair pesadamente da cama e até via, se conseguisse abrir um olho, uma das suas mãos tentar encontrar um bobe de cabelo e a outra pegar o robe enquanto sussurrava: "Calma, mamãe está indo." Ele se virava para o lado e jogava a cabeça no travesseiro, tomado por um sentimento misto de culpa e impaciência. Mesmo semiadormecido, tinha plena consciência da sua incapacidade de ter por essa mulher que arrastava os pés no linóleo da casa os sentimentos que devia: gratidão, desejo e até amor.

Já fazia algum tempo que, quando dava cinco horas no navio, não significava mais o início de um novo dia, e sim o momento propício para o intricado cálculo dos fusos horários: na América do Norte, seriam cinco da tarde do dia anterior. E na América do Norte, quando desse sete da noite no horário dele, seus filhos estariam acordando. Dessa vez, no entanto, a distância geográfica seria apenas a metade: a vida inteira deles correria em linhas do tempo diferentes. Muitas vezes ele se perguntava como os filhos se lembrariam dele: se não conseguiam imaginá-lo existindo durante metade de um dia, como o imaginariam com um dia inteiro à frente? Não haveria mais como pensar nas crianças no presente e supor, como às vezes fazia: "Agora estão tomando café." "Devem estar escovando os dentes." "Neste momento, com certeza, estão no jardim brincando com uma bola, um carrinho, ou o trem que construí para eles com sobras de madeira." Agora ele pensaria nos filhos historicamente.

As mãos de outro homem arremessariam a bola.

Do outro lado da porta de aço, uma mulher murmurou alguma coisa enquanto dormia, seu tom de voz aumentando, como se fizesse uma

pergunta. Depois o silêncio voltou.

Nicol olhou para o relógio e acertou a hora para o dia anterior, enquanto o navio entrava em um fuso horário diferente. Minhas horas avançam em direção ao nada, pensou ele. Nada de casa, nada de filhos, nada de retorno heroico. Desperdicei os melhores anos da minha vida e vi meus amigos morrerem de frio, afogados ou queimados. Perdi a inocência, meus amigos perderam a vida, por isso sofro por não ter mais o que sequer tive certeza de que um dia já quis. Pelo menos até ser tarde demais.

Nicol apoiou as costas na parede e se forçou a afastar aqueles pensamentos familiares, tentando expulsar a enorme tristeza que o dominava e que pesava no coração e nos pulmões. Desejando que a última hora passasse mais depressa. Torcendo para que amanhecesse logo.

* * *

— Nada de bonés!

O tesoureiro não se deu o trabalho de erguer os olhos quando o marinheiro se aproximou, tirou o boné e o colocou à sua frente na mesa. Os dois homens ao seu lado vasculhavam gavetas cheias de dinheiro e trocavam entre si pequenos pedaços de papel escritos à mão.

— Andrews, senhor. Mecânico aeronáutico, primeira classe. Sete dois dois um nove sete dois, senhor.

Enquanto o marinheiro esperava à sua frente, o tesoureiro folheou algumas páginas do livro contábil, depois passou rapidamente o dedo por uma delas.

— Três libras e doze shillings.

— Três libras e doze shillings — repetiu o assistente do tesoureiro, ao seu lado.

O mecânico pigarreou.

— Senhor… Com todo o respeito… é menos do que recebíamos antes da Austrália.

A expressão do tesoureiro era a de quem já ouvira reclamações e pedidos de aumento não só uma, mas milhares de vezes.

— Estávamos servindo no Pacífico, Andrews. Você recebia pagamento extra por estar operando em zona de guerra. Gostaria que arranjássemos alguns camicases para garantir seus shillings extras?

— Não, senhor.

— Não… Não gastem tudo em terra. E fiquem longe daquelas mulheres. Não quero ter daqui a dois dias uma fila na porta da enfermaria. Entendido, rapazes?

O dinheiro foi contado e empurrado para o outro lado da mesa. Com o rosto corado, o mecânico recolocou o boné e saiu contando as notas com seus dedos ágeis.

— Nada de bonés!

— Nicol.

Distraído e avançando no ritmo lento da fila que serpenteava ao longo do que restava do convés do hangar, ele ouviu um nome ser chamado duas vezes antes de perceber que era o seu. Estava exausto por ter passado mais uma noite em claro imerso em pensamentos desagradáveis.

Tims, um sujeito robusto e empertigado, parou ao seu lado e deu várias baforadas no cigarro antes de voltar a falar. Nicol o conhecia e sabia que era arrogante, que se considerava o centro do mundo e gostava de manter a reputação de "rei do alojamento". Havia rumores de que ele estava envolvido em empréstimo de dinheiro, e que os marinheiros que não o reembolsassem no prazo estabelecido muitas vezes ficavam propensos a sofrer acidentes. Instintivamente, Nicol sempre tentara manter distância dele, pois reconhecia que com alguém como Tims o melhor a fazer era não se aproximar muito nem saber demais. Também não era aconselhável virar seu inimigo ou ficar lhe devendo dinheiro. Homens assim, com um

estranho carisma e intricadas bases de poder, eram encontrados em todos os navios. Isso era inevitável, Nicol supunha, em um mundo autossuficiente que dependia do silêncio e da hierarquia.

Naquele dia, porém, Tims estava mais calmo, e suas palavras demonstravam cautela e reflexão. Poderia haver certa desavença entre marinheiros e fornalheiros, ele alertou. Duas noites antes, tinha acontecido um incidente com uma mulher. Ele balançara a cabeça ao falar sobre isso, como se nem ele conseguisse acreditar na tolice das garotas australianas. Comentou que as coisas haviam ficado um pouco fora do controle.

Uma afirmação tão escancarada assim não combinava com seu caráter. No início, Nicol até imaginou que Tims pudesse estar indiretamente lhe pedindo para dar voz de prisão. Mas antes que ele tivesse oportunidade de perguntar por que para ele o incidente despertaria mais do que um interesse passageiro, Tims voltou a falar:

— Foi seu grupo que se envolveu.

Seu grupo. Que intimidade estranha, quase familiar, que a frase sugeria. Nicol não conseguia acreditar que a esposa recatada que conversara com ele naquela noite pudesse estar envolvida em um episódio de bebedeira. Aquela era uma mulher para você, pensou ele com amargura. Incapaz de se manter fiel, ou mesmo sóbria, durante uma viagem de seis semanas.

Então Tims, com os nós dos dedos envolvidos por um curativo empapado de sangue, seguiu adiante com suas explicações. Não tinha sido a garota alta, Frances, mas a pequena idiota com quem Nicol havia conversado na noite do seu primeiro plantão. A que não parava de rir. Jean.

Ele ficou um pouco menos surpreso e, embora perturbado com o que ouvira, sentiu o que talvez tenha sido alívio. Frances não parecera ser daquele tipo. Ficava pouco à vontade na companhia de outras pessoas. Era

reservada demais. Ele queria acreditar que ainda havia mulheres boas neste mundo. Mulheres que sabiam se comportar.

Mulheres que entendiam o significado da palavra lealdade.

— Preciso que nos faça um favor, fuzileiro. Não posso ir lá, é claro. — Tims apontou na direção das cabines. — Apenas verifique se Maggie está bem, ok? A que está grávida. É uma ótima garota, e estava um pouco nervosa, o que, no estado dela… Enfim, eu não gostaria que ela ficasse preocupada.

— Ela certamente vai para a enfermaria se não estiver bem.

Tims fez uma careta.

— Para se consultar com aquele idiota? Ele bebe sem parar todos os dias desde que embarcou. Eu não confiaria nesse sujeito nem para tirar uma farpa do dedo. — Tims apagou o que restava do cigarro. — Não, acho que seria uma boa ideia se você ficasse de olho nela. E se alguém perguntar alguma coisa, diga que elas passaram a noite toda na cabine. Combinado?

Não era norma um fornalheiro se dirigir desse modo a um fuzileiro naval. E algo no tom de voz de Tims, em circunstâncias normais, teria deixado Nicol irritado. No entanto, ele suspeitava que essa confidência incomum fosse motivada por uma atenção especial, talvez até por uma preocupação sincera, por isso não se incomodou.

— Sem problema — respondeu.

Ao pensar melhor, se deu conta de que o clima naquela noite estivera um pouco diferente. Do outro lado da porta, ele não ouvira as habituais conversas entrecortadas, e sim murmúrios inquietos. Em determinado momento, tinha inclusive escutado um choro e uma breve discussão. A garota alta havia saído três vezes "para beber água" e mal o cumprimentara. Ele presumira que se tratava apenas de uma daquelas crises de histeria feminina. Eles tinham sido avisados de que esse tipo de coisa podia acontecer enquanto elas estivessem a bordo, ainda mais com

mulheres que não estavam acostumadas a viver em um espaço tão reduzido.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou Tims —, Thompson teve sorte de eu não ter pego aquela chave inglesa primeiro.

— Chave inglesa? — perguntou ele, olhando para trás.

— Uma delas estava com uma chave inglesa na mão. Aquela alta. Tudo indica que foi ela quem nocauteou o idiota. Acertou um belo golpe no ombro dele, depois tentou atingir a cabeça para completar o serviço. — Tims riu, mas não estava achando graça. — É preciso reconhecer o mérito dessas australianas, porque elas não são fracas. Não dá para imaginar uma inglesa fazendo o mesmo, não acha? — Deu uma longa tragada no cigarro. — Por outro lado, acho que não veríamos uma garota inglesa descer para os conveses inferiores com um bando de desconhecidos.

— Não tenha tanta certeza — murmurou Nicol, mas logo se arrependeu do comentário.

— De qualquer jeito, vou me deitar um pouco. O alojamento está fechado para visitantes por um tempo, mas diga a Mags que sinto muito. Se eu tivesse alcançado sua amiguinha primeiro… Bem, isso não teria acontecido.

— Onde está Thompson? — perguntou Nicol. — Para o caso de quererem saber. Está preso?

Tims negou com a cabeça.

— Não seria melhor prendê-lo?

— Pare para pensar, Nicol. Se o prendermos, temos que fazer o mesmo com a menina, certo? A oficial que esteve lá não conseguiu nenhuma pista, só o nome de Jean. Mas a pequena Jean não vai contar a verdade sobre o que aconteceu. Não se ela quiser chegar a Blighty e encontrar o marido sem se envolver em nenhum escândalo. Tenho certeza de que é o que ela quer. — Ele apagou o cigarro. — Além disso, é claro que você não tem interesse em ver suas meninas metidas em confusão. Pode não pegar

bem para você, não acha? Todas elas lá embaixo, na casa de máquinas, tão perto da hora de começar seu turno… — Ele manteve o tom de voz baixo, em desacordo com a ameaça implícita nas suas palavras. — Só quero lhe dizer, por pura consideração, que meus homens e eu vamos lidar do nosso jeito com Thompson e aquele sujeitinho desprezível amigo dele. Ainda que seja preciso esperar o desembarque.

— Essa história vai se espalhar — afirmou Nicol. — Você sabe que vai.

Tims observou a longa fila atrás dele. Quando se virou, seu olhar expressava um vago sentimento de piedade por aquele delinquente desconhecido.

— Não se todos ficarem de boca fechada.

* * *

Margaret se debruçou na balaustrada, o máximo que sua barriga permitia, e puxou o cesto de vime, resmungando sozinha enquanto o observava bater na lateral do navio. Abaixo, na água brilhante, meninos morenos e ágeis pulavam da beirada de um barquinho para pegar as moedas que os marinheiros jogavam do convés. Ao longo do navio, canoas estreitas escavadas em troncos de árvores balançavam sob os movimentos de homens magros e bronzeados que carregavam muitas bugigangas nos braços. O Porto de Colombo, no Ceilão, parecia cintilar com o calor. Ao longe, um ou outro edifício elevava-se no meio de uma floresta densa e sombria.

Como vários casos de varíola haviam sido relatados, foi comunicado antes da chegada que não seria aconselhável o desembarque das mulheres. Ali, onde as âncoras haviam sido jogadas na água azul e cristalina, a algumas centenas de metros do cais, era o mais perto que chegariam do Ceilão.

Margaret, que andara desesperada para sair do navio e passara muitos dias sonhando com o momento em que sentiria a terra firme sob seus pés, tinha ficado furiosa.

— O encarregado da cooperativa disse que ainda vão permitir que os homens desembarquem, então não vejo por que não podemos nos contaminar diretamente com a varíola.

Ela tinha quase chorado com a injustiça da decisão.

— Imagino que seja porque os homens foram vacinados — sugeriu Frances, mas Margaret preferiu ignorar o comentário.

Talvez como consolo, um dos responsáveis pelo armazém tinha emprestado a elas um cabo, ao qual prendera um cesto. Bastava baixarem o cesto e o puxarem de volta quando estivesse cheio, e assim poderiam dar uma olhada com calma nas mercadorias. Ele indicara dois outros navios de guerra ancorados no porto, e elas notaram que vários barquinhos ao redor deles estavam envolvidos na mesma atividade.

— Franceses e americanos. As senhoras vão reparar que a maioria dos comerciantes acaba se aproximando dos americanos. — Ele esfregou o polegar no indicador, enquanto ria e erguia uma sobrancelha. — Se conseguirem jogar o cesto naquela distância, talvez possam comprar meias-calças novas.

— Este lote parece bom, meninas. Preparem as carteiras.

Margaret, ofegante por causa do esforço, passou o cesto com cuidado por cima da balaustrada e o colocou no chão ao lado da torre de tiro onde estavam sentadas. Vasculhou o conteúdo, pegou pérolas, enfeites com conchas e corais que ela agitou entre os dedos.

— Alguém quer este magnífico colar de pérolas? Melhor do que aquela coisa feita com as anilhas de galinha, não é mesmo, Jean?

Jean esboçou um sorriso discreto. Passara a manhã toda em silêncio. Antes do toque de acordar, Margaret a escutara conversando em voz baixa com Frances. Depois elas tinham ido para o banheiro, onde ficaram

bastante tempo. Frances levara sua caixinha de remédios. Ninguém havia comentado sobre o que pode ter acontecido naquela noite, e Margaret preferira não perguntar, pois nem saberia como formular a pergunta. Mas agora, pálida, abatida e parecendo assustadoramente jovem, Jean estava muda, sentada entre elas. Quando andava, seus passos eram cautelosos.

— Olhe, Jean. Este combina com seu vestido azul. Olhe como brilha na luz do sol!

— Lindo — disse Jean, acendendo mais um cigarro.

Apesar do calor que fazia, seus ombros estavam encolhidos como se ela sentisse frio.

— Devíamos comprar alguma coisa para Avice, pobre menina. Pode ajudá-la a se sentir melhor.

Ela ouviu a própria voz, propositalmente animada, mas o silêncio que veio em resposta sugeria que Frances talvez não quisesse que Avice se sentisse melhor.

Houvera uma discussão terrível entre as duas na noite anterior, depois de voltarem para a cabine. Frances, que parecia ter perdido sua timidez natural, dissera para Avice, aos gritos, que ela não passava de uma egoísta, uma traidora, que só tinha interesse em salvar a própria pele. Avice, corada por causa da culpa que sentia, respondera que não entendia por que devia colocar seu futuro em risco porque Jean tinha a moral de uma vadia. Acabariam descobrindo o nome dela, no fim das contas. Avice ficara ainda mais chateada porque sua amiga Irene havia sumido. Tinha sido o único modo que Margaret encontrara para impedir que as duas saíssem no tapa. Na manhã seguinte, quando Avice saiu da cabine, as outras tiveram certeza de que não voltariam a vê-la naquele dia.

As vozes dos vendedores chegavam até elas.

— Sra. Melbourne! Sra. Sydney!

Eles indicavam o preço com os dedos. Em meio aos barcos, a cabeça de um menininho emergiu da superfície brilhante da água. Ele sorria

enquanto erguia um objeto metálico. Quando o olhou de perto, seu rosto ficou sombrio. Então ele jogou no navio o objeto, que ricocheteou no casco como uma bala de fuzil.

— O que houve? — perguntou Margaret, olhando para baixo.

— Os marinheiros jogam para eles porcas de parafuso e cavilhas metálicas velhas. E deixam os garotos mergulharem pensando que são moedas — explicou Frances. — Eles acham divertido.

Fez uma pausa. Agora elas tinham uma visão diferente do que os marinheiros consideravam divertido.

Mas Jean dava a impressão de não ter escutado. Estava distraída observando um colar que em seguida enfiou no bolso.

— Quer que eu compre isso para você? — perguntou Margaret. — Não me importo de pagar, se tiver esquecido a carteira.

Os olhos de Jean ainda estavam vermelhos.

— Não — respondeu. — Não pretendo pagar. Eles é que são burros de mandar isso tudo aqui para cima.

Houve um breve silêncio. Depois, sem dizer nada, Margaret se levantou, tirou algumas moedas da carteira e as colocou no cesto, que baixou até o barco, com a mercadoria restante. Então, talvez com a intenção de se animar um pouco e também de alegrar Jean, acrescentou:

— Já contei como foi que Joe me pediu em casamento?

Ela se sentou e cutucou a amiga com o cotovelo.

— Aposto que você vai rir. Ele já havia decidido fazer o pedido e tinha a permissão do meu pai. E o anel estava comprado. Ah, não estou usando agora — explicou. — Meus dedos estão inchados demais. Bem, ele decidiu que seria na quarta-feira, um dia antes do fim da sua licença em terra, e então apareceu, nervoso, com as botas reluzindo como espelho e o cabelo penteado. Ele tinha tudo planejado na cabeça. Apoiaria um joelho no chão e em seguida faria o gesto mais romântico da sua vida.

— Que ele desperdiçou com você — disse Frances.

— Bem, ele sabe disso agora — respondeu Margaret, sorrindo. — Enfim, foi à nossa casa, bateu na porta e na hora em que entrou, eu estava gritando com Daniel para ele não deixar roupa jogada no chão, porque eu não iria ficar correndo atrás dele como mamãe fazia. Pobre Joe, parado no corredor enquanto Dan e eu brigávamos. Então meu pai entrou gritando que as vacas tinham fugido. Joe continuou onde estava, ainda chocado por ter me visto esbravejando daquele jeito. Papai o segurou pelo braço e disse: "Vamos lá, rapaz, mexa-se", e o empurrou pela porta dos fundos.

Margaret inclinou o corpo para trás.

— Bem — prosseguiu ela —, foi um caos. Havia cerca de quarenta vacas do lado de fora. Elas tinham derrubado uma das cercas, e duas estavam destruindo o que restava do jardim da minha mãe. Meu pai batia nelas com um graveto, e lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto tentava recolocar as flores no lugar. Então Colm partiu a toda velocidade na caminhonete, buzinando, tentando recuperar as que corriam para a estrada. Liam seguia em um dos cavalos, como se fosse John Wayne, enquanto Joe e eu tentávamos encurralar o resto das vacas no galpão.

Ela deu uma olhada nos rostos à sua frente.

— Já viram uma vaca assustada, meninas? — Depois baixou o tom de voz: — Vocês nem imaginam como elas cagam. E quando andam, a merda se espalha por tudo quanto é lado. Pobre Joe, se sujou da cabeça aos pés, inclusive seus sapatos lindos ficaram imundos.

— Que nojo — disse Jean com um sorriso discreto.

— E então, para completar, a maior vaca decidiu escapar e foi direto para cima de Joe. Não me entendam mal, ele não é um fracote, mas do jeito que ela saiu correndo na direção dele, parecia que não havia ninguém ali. E bum!

Ela imitou uma queda para trás.

Até Margaret, supostamente imune aos odores de uma fazenda, tinha tapado o nariz quando foi ajudá-lo a se levantar e limpar aquela

imundície. Ela achou que ele estivesse xingando, até que percebeu que repetia "o anel, o anel". Os dois tinham passado quase meia hora de quatro, no estábulo, tentando encontrar o símbolo da devoção eterna de Joe na lama.

— E você… ainda usa esse anel?

— Com esterco de vaca e tudo. Para mim, faz parte do romance. — Depois, quando viu Jean levar a mão à boca, acrescentou: — Ah, Jean! Claro que lavei o anel antes de colocar no dedo. Precisei fazer o mesmo com o de Joe. Passei minha primeira noite como noiva lavando e passando seu uniforme para que ele não tivesse problema ao voltar para a base.

— Stan me pediu em casamento em um baile — contou Jean. — Acho que eu era a mais nova de todas ali… Tinha só quinze anos. Mas foi maravilhoso. Eu vestia um conjunto de seda azul que minha amiga Polly havia me emprestado, e ele disse que eu era a menina mais bonita do salão. Ele já tinha bebido um pouco, mas quando começou a tocar *You Made Me Love You*, se virou para um colega e disse: "É com ela que vou me casar. Ouviu bem?" E, em seguida, repetiu mais alto. Fingi que estava morrendo de vergonha, mas, para ser sincera, gostei muito.

— Tenho certeza disso — concordou Frances, sorrindo.

— Ele foi a primeira pessoa que disse que me amava. — Seus olhos brilharam com as lágrimas. — Ninguém nunca tinha me falado isso. Nem minha mãe. E não conheci meu pai. — Ela afastou o cabelo do rosto. — Não. Nada me prende ao meu país, nada mesmo. Stan é o melhor homem que já conheci.

* * *

Elas continuaram sentadas praticamente em silêncio por mais meia hora. Margaret às vezes pedia que os vendedores se aproximassem para levar de volta algumas bijuterias ou trazer outras. Ela comprara, a um preço

ridículo, dois colares para Letty, dizendo a si mesma que seriam um ótimo presente, mesmo sabendo que o gesto representaria uma tentativa boba de tranquilizar sua consciência. Quando o calor ficou intolerável e o sol cada vez mais alto deslocou a sombra sob a qual estavam, ela pensou em sair dali. Mas não havia nenhuma atividade prevista para aquele dia, pois pensavam que elas iriam desembarcar, e a ideia de voltar para a pequena cabine e começar a discutir umas com as outras era insuportável.

Ela estava distraída, observando ao redor, quando percebeu que um pequeno barco a motor avançava na direção do navio. Notou o quepe do comandante e algumas silhuetas a bordo, que se tornaram cada vez mais visíveis conforme o barco se aproximava. Ela ouviu exclamações de alegria vindo de toda a extensão do navio, conforme outras mulheres entendiam do que se tratava.

— Meninas! — gritou ela. — É o correio! Temos correio!

Uma hora mais tarde, estavam sentadas no refeitório, onde a expectativa se misturava ao habitual cheiro de repolho do ambiente. Uma oficial da Cruz Vermelha recolhia a correspondência que seria enviada e distribuía os pequenos pacotes de cartas que estavam na mesa de cavalete ao fundo. O anúncio de cada nome era saudado com gritos entusiasmados da destinatária e de suas amigas, como se estivesse sendo chamada para receber um prêmio e não uma carta. As janelas ao redor, que estavam abertas para deixar a brisa do mar entrar, refletiam a claridade do dia e reproduziam o brilho do oceano.

Jean tinha sido uma das primeiras a ser chamada à mesa: o impressionante pacote de sete cartas de Stan a ajudara a recuperar parte da sua vitalidade. Ela as entregou a Frances, que leu com sua voz suave e sonora, enquanto Jean, nervosa, dava baforadas no cigarro.

— Ouviram isso? — interrompia ela o tempo todo. — Ele tatuou meu nome no braço direito. Em duas cores! E dói um bocado.

Margaret e Frances tinham se entreolhado.

— E ele ganhou quatro libras em uma luta de boxe — continuou Frances. — Disse que o adversário achava que tinha sido uma boa ideia tentar conter os socos de Stan com o nariz.

— Ouviram isso? — Jean cutucou Margaret. — O sujeito tentou conter os socos com o nariz!

Se a risada dela foi um pouco alta demais para sugerir uma alegria genuína, ninguém se manifestou. Já bastava que ela estivesse rindo.

Mais tarde, Frances confessaria que tinha deixado de ler vários parágrafos: os que recomendavam que Jean "se comportasse bem" e o que contava a história de uma namorada que foi abandonada por um dos amigos de Stan depois de saber que ela "andava pintando e bordando".

— Margaret O'Brien?

Margaret saiu da cadeira numa velocidade quase incompatível com o seu estado físico. Ofegante, se jogou na direção do maço de cartas que lhe deram e voltou feliz e triunfante para o seu lugar, esquecendo-se por um instante da decepção de não ter desembarcado. Por um momento, considerou ir para a cabine e ler sua correspondência sozinha, se isso não fosse ofender ninguém. Mas assim que resolvera fazer essa sugestão, ouviu alguém puxar uma cadeira, então Margaret ergueu os olhos e notou que Avice estava se sentando discretamente diante delas.

Houve uma breve pausa. Um pouco espantada por Avice ter decidido se sentar com elas depois da discussão da noite anterior, Margaret imaginou que talvez a moça quisesse se desculpar.

— Tenho uma novidade! — exclamou Avice.

— Eu também — comentou Jean. — Olhe só. Sete cartas. Sete!

— Não — disse Avice.

Ela exibia um sorriso discreto que parecia esconder um segredo importante. Era uma Avice diferente da garota irritada e de lábios comprimidos que saíra da cabine algumas horas antes.

— É sério, tenho uma novidade — repetiu ela. — Estou esperando.

Houve um silêncio sepulcral.

— Esperando o quê? — perguntou Jean.

— Um bebê, é claro. Fui ao médico.

— Tem certeza? — questionou Frances. — Esse Dr. Duxbury não me parece a pessoa… mais confiável…

Ela se lembrou da última vez em que o tinha visto, cantando diante do armário de equipamento médico.

— Ah, então agora as enfermeiras sabem mais do que os médicos, é isso?

— Não, eu só…

— O Dr. Duxbury fez um exame de sangue, mas também me fez várias perguntas e me examinou. Ele tem certeza absoluta.

Ela passou a mão no cabelo e olhou ao redor, talvez na esperança de poder dividir a notícia com uma plateia maior.

— Pensando bem, acho que faz sentido — disse Margaret.

As outras duas se entreolharam.

Avice não conseguia se conter. Seu rosto estava iluminado, as bochechas coradas de animação.

— Um bebê! Dá para imaginar? Eu sabia que não podia estar enjoada por causa do balanço do navio. Já andei de barco inúmeras de vezes e não passei mal. Margaret, você tem que me dizer tudo o que preciso comprar. Acha que vendem roupa de bebê na Inglaterra? Vou pedir para minha mãe mandar tudo o que for possível.

Margaret se levantou e a abraçou por cima da mesa.

— Avice, que ótima notícia. Parabéns. Que bom para vocês.

— Caramba! Quer dizer que todo aquele enjoo era porque você estava grávida? — perguntou Jean com os olhos arregalados.

Ela parecia realmente feliz. Frances não deve ter lhe contado sobre a traição de Avice, pensou Margaret, e sentiu uma súbita tristeza pela amiga.

— Ele acha que já estou com nove ou dez semanas. Fiquei chocada quando me falou. Mas estou muito feliz. Ian vai ficar emocionado. Ele vai ser um excelente pai — disse Avice e depois começou a cantarolar, com a mão fina apoiada na barriga reta, já imaginando uma futura vida em família.

Margaret estava espantada com a capacidade que Avice tinha de deixar para lá os acontecimentos das últimas horas.

— Stan fez uma tatuagem com meu nome — contou Jean, mas Avice não deu ouvidos.

— Acho que vou fazer um pedido especial ao comandante para telegrafar à minha família e dar a notícia. Não sei se consigo esperar até chegar à Inglaterra. — Seu nome, chamado por uma voz hesitante, ecoou no refeitório. — Cartas! — exclamou ela, se levantando. — Cartas! Estou tão animada que nem pensei mais nelas… Ah, vocês já receberam as suas.

Ela olhou para Frances, como se de repente se lembrasse de tudo, e então ficou quieta.

— Parabéns — disse Frances, sem olhar para Avice.

* * *

O nome de Frances foi chamado uma hora mais tarde, quase o último, e ressoou no refeitório antes lotado e naquele momento praticamente vazio. Margaret tinha pensado várias vezes em deixá-las e voltar à cabine para desfrutar sozinha das palavras de Joe e depois ler tudo de novo, aproveitando o silêncio. Mas naquele momento havia tanta tensão entre as outras mulheres, e Jean ainda estava tão fragilizada que ela se sentiu na obrigação de esperar.

Avice recebera duas cartas da família, e duas muito antigas de Ian, enviadas apenas dois dias após ele ter ido embora de Sydney.

— Vejam a data — dissera, irritada. Parecia considerar um insulto pessoal o fato de Jean e Margaret terem recebido mais cartas do que ela. — A de Ian fora escrita havia quase seis semanas. Francamente, o mínimo que a Marinha poderia fazer era garantir que nossas cartas sejam entregues no prazo. Como posso pensar em dar a notícia do bebê se ele só vai receber minha próxima carta uma semana depois de chegarmos a Plymouth?

Com péssimo humor, ela deu uma olhada no selo.

— Tem algo errado. Eu já devia ter recebido muitas outras. Com certeza estão empilhadas em algum correio não sei onde.

— Acho que você só não teve sorte, Avice — disse Margaret, distraída.

Àquela altura, ela já tinha lido várias vezes a primeira carta de Joe. Ele tivera o cuidado de numerá-las para que ela pudesse ler na ordem correta. "Olá, meu amor", escrevera. "Espero que quando receber esta carta você esteja a bordo do *Victoria*. Quase não consegui acreditar quando me contou que ia viajar nesse navio velho. Preste atenção em um tal de Archie Littlejohn. Ele é do setor de rádio. Trabalhamos juntos em 1944. É um bom sujeito. Com certeza vai dar uma atenção especial a você. Aliás, imagino que não tenha um único homem a bordo que não queira dar uma atenção especial às passageiras. É uma turma boa essa do *Vic*."

Margaret engoliu em seco enquanto ouvia as palavras do marido na sua cabeça e pensou na grande confiança que Joe tinha na bondade das pessoas à sua volta. Observou Jean, que não tirava os olhos das cartas de Stan.

— Quer que eu te ensine a ler? — sugeriu ela. — Durante a viagem? Aposto que estará craque quando desembarcarmos.

— É mesmo?

— Não é difícil — afirmou Margaret. — Uma ou duas horas por dia e logo você vai se tornar um rato de biblioteca.

— Stan não sabe… sobre essa história de leitura. Sempre pedi para minha amiga Nancy escrever as cartas para mim, entende? Mas quando

embarquei me dei conta de que, se outra pessoa escrevesse no lugar de Nancy, a letra seria diferente.

— Mais uma razão para você começar logo — insistiu Margaret. — Vai poder escrever suas próprias cartas. Aposto que Stan não vai notar nenhuma diferença.

O evidente entusiasmo de Jean melhorou o humor de Maggie.

— Acha mesmo que eu conseguiria? — perguntava a menina sem parar, rindo com as respostas afirmativas de Margaret. Sua mãe sempre a chamara de burra, revelou Jean, cada hora olhando para uma. — No final das contas, burra é ela, que continuou lá, trabalhando na fábrica de biscoitos, e eu estou em um navio a caminho de Blighty. Não é verdade?

— É mesmo — confirmou Margaret com voz firme. — Ande, me passe seus envelopes. Vou escrever o alfabeto.

Frances tinha voltado à mesa. Avice ergueu os olhos das suas cartas para ver o que ela tinha nas mãos.

— Só uma? — perguntou, sem se preocupar em esconder o sorriso.

Frances estava impassível.

— É de um antigo paciente meu — explicou, com uma satisfação contida. — Ele já está em casa e voltou a andar.

— Que notícia boa — disse Margaret, dando um tapinha no braço da amiga.

— Nada do seu marido?

— Avice… — censurou Margaret, em tom de advertência.

— Bem, perguntei por perguntar.

Houve um breve silêncio.

Margaret ameaçou falar, mas não conseguia pensar no que dizer.

— Ah, bem. Talvez ele tenha ficado emocionado demais com a ideia de ver você de novo em breve — sugeriu ela, por fim.

Avice ergueu as sobrancelhas, se levantou e saiu andando devagar.

Por não ter recebido resposta a nenhuma das minhas cartas, escrevo apenas por educação para que saiba que entrei com um pedido de divórcio com base em três anos de abandono do lar. Embora você e eu saibamos que isso talvez não esteja totalmente correto, espero que não conteste o pedido. Anton vai pagar minha passagem e a das crianças para os Estados Unidos, onde vamos encontrá-lo. Sairemos de Southampton no dia 25. Eu teria preferido que fizéssemos isso de maneira civilizada, ao menos pelas crianças, mas é evidente que você está determinado a me mostrar a mesma falta de interesse que teve durante todo o tempo em que esteve fora.

Onde está sua humanidade? Talvez não tenha sobrado nada de você embaixo das suas normas e dos seus regulamentos. Sei que as coisas devem ter sido difíceis para você. Entendo que talvez tenha visto e enfrentado horrores indescritíveis, mas nossa vida continua aqui. Teríamos sido seu porto seguro se nos tivesse permitido.

Agora não sinto culpa nenhuma por escolher outra vida, uma vida melhor, para mim e para meus filhos…

— Qual é o problema, Nicol? Você está um pouco pálido. Também recebeu um daqueles telegramas dizendo que não é mais bem-vindo? — Jones, o galês, estava deitado na rede, folheando pelo menos uma dúzia de cartas. Deviam ser de pelo menos uma dúzia de mulheres.

Nicol estava com os olhos fixos na sua, mas parecia não vê-la. Amassou e a enfiou no bolso.

— Não — respondeu e, em seguida, tossiu para disfarçar o tremor na voz. — Não… só algumas notícias de casa.

Alguns homens à sua volta se entreolharam.

— Tem alguém doente? — perguntou Jones.

— Não. — O tom da voz de Nicol impediu novas perguntas.

— Bem, você está com uma aparência péssima. Na verdade, faz semanas que está assim. Trabalhar no turno intermediário deixa você desse jeito, não acham, rapazes? Sabe do que você precisa, meu chapa? — Ele fingiu dar um soco no braço de Nicol. — Precisa de um pouco de diversão. Esta noite é sua folga, não é? Venha para a terra firme com a gente.

— Ah… Acho que prefiro dormir.

— É sua folga, rapaz. Acredite ou não, Nicol, até *você* tem direito a uma folga de vez em quando.

— Vou ficar aqui. Tenho algumas coisas para colocar em dia.

— Desculpe, meu chapa, mas não consigo acreditar. Você está cheio da grana e com uma aparência horrível. O Dr. Jones aqui está dizendo que o único remédio é dar um jeito nas duas coisas. Durma por cerca de duas horas agora. Depois saia com a gente. Vamos encher a cara.

Nicol começou a recusar, mas logo sentiu um inexplicável alívio com a insistência bem-humorada de Jones. A ideia de ficar diante daquela porta metálica mais uma madrugada, sozinho com seus pensamentos, era insuportável.

— Tudo bem — falou, e depois abriu sua rede e se enfiou depressa ali dentro. — Combinado. Me acordem meia hora antes de sair.

* * *

Elas tinham comido juntas, não tanto por uma grande vontade de Avice de partilhar as refeições com as colegas, suspeitava Margaret, mas porque Irene e as amigas haviam deixado claro, com sussurros e olhares frios, que ela não era mais bem-vinda naquele grupo. Maggie tinha observado Avice se preparar para dividir a mesa com as amigas e contar a novidade, até perceber que era sobre isso que elas falavam, e de forma nada simpática. Mesmo um pouco chateada, seus olhos se desviavam para elas cada vez que as ouvia rir. Depois, ajeitara o cabelo antes de se sentar na frente de Margaret.

— Sabe, acabei de lembrar o que eu não suportava nessa Irene Carter — disse, com a voz baixa. — Ela é extremamente grosseira. Não faço ideia do que eu via nela.

— É ótimo fazermos uma refeição juntas, para variar — comentou Margaret, tranquila, ignorando o silêncio de Frances.

— Ótimo é Avice não vomitar, isso sim — acrescentou Jean.

— O correio se enganou na sua correspondência, Frances, ou você realmente só recebeu uma carta? — perguntou Avice.

— Sabe de uma coisa, Avice? — começou Margaret, erguendo o tom de voz e empurrando o prato. — Tivemos uma conversa maravilhosa mais cedo sobre como nossos maridos nos pediram em casamento. Aposto que você adoraria nos contar como foi o pedido de Ian, não é mesmo?

Margaret percebeu o olhar de Frances. Poderia indicar gratidão ou algo totalmente diferente.

— Ainda não contei? Jura? Ah, foi o melhor dia da minha vida. Bem, depois do dia do nosso casamento, é claro. Esse é sempre o dia preferido da mulher, não acham? E, no nosso caso, não podíamos ter o tipo de casamento que eu gostaria, por causa da posição social da minha família e tudo o mais… Não, precisava ser uma coisa mais íntima. Mas, ah, o pedido de Ian. Ah, sim… — Ela fechou os olhos. — Querem saber? Ainda está muito vívido na minha memória, quase como o cheiro de um perfume…

— Foi um pouco como o de Margaret, então — observou Jean.

— Assim que o vi, tive certeza de que ele era o homem da minha vida. E ele diz a mesma coisa sobre mim. Ah, meninas, ele é tão fofo… E faz tanto tempo que não nos falamos… Não consigo suportar isso. Ele é o homem mais romântico do mundo. Nunca pensei que me casaria com um militar, sabe. Eu não era daquelas que vivem atrás de um uniforme, que ficam fascinadas quando veem alguém de branco. Na verdade, eu estava ajudando em um desses chás dançantes… Não sei se tem algo parecido na cidade de vocês… Então o vi, e foi isso. Logo soube que seria a Sra. Radley.

— E o que ele fez? — perguntou Jean, acendendo um cigarro.

— Bem, foi um perfeito cavalheiro. Sabíamos que nos amávamos… Ele chegou a me dizer que estava completamente obcecado por mim, podem imaginar uma coisa dessas? Mas depois confessou que estava

preocupado, porque não sabia como eu enfrentaria a vida de esposa de um militar. Quer dizer, se eu aguentaria bem todas as separações, a insegurança… Ele falou que talvez fosse injusto me fazer passar por tudo aquilo. Mas respondi: "Posso parecer uma flor delicada… Meu pai dizia que eu era sua 'florzinha de jasmim', mas, na verdade, sou muito forte. De verdade. Sou muito determinada." Acho que no fim das contas até Ian reconheceu isso.

— Mas o que aconteceu? — insistiu Margaret, lambendo a colher do seu chá.

— Bem, nós dois estávamos muito impacientes. Meu pai preferia que esperássemos, e como Ian não queria irritá-lo, respondeu que sim. Mas eu não suportava a ideia de nos separarmos apenas como noivos.

— Estava preocupada que ele arranjasse outra? — perguntou Jean.

— Ele então conseguiu permissão do comandante e corremos para nos casar diante de um juiz de paz. Foi desse jeito. Incrivelmente romântico.

— Que história linda, Avice — disse Margaret. — Vou pegar mais chá. Alguém quer?

Lá fora o céu escurecia. O pôr do sol acontecia muito depressa naquele lugar, e o dia parecia impaciente para virar noite. O navio estava mais silencioso do que o habitual, apesar da presença feminina, como se a ausência dos homens tivesse escoado para outros conveses, dominando-os.

— Vou dar uma olhada se tem algum filme programado para hoje — disse Jean.

— Talvez tenham decidido passar algum, porque estamos todas aqui.

— Não há nada — informou Avice. — Só um aviso de que a próxima sessão será amanhã à tarde.

— Os homens devem estar em terra agora — comentou Margaret, olhando pela janela. — Que sorte a deles!

— E o seu marido, Frances? — perguntou Jean, apoiando o queixo nas mãos, com a cabeça inclinada para o lado. — Como ele fez o pedido de

casamento?

Frances se levantou e começou a empilhar os pratos em uma bandeja.

— Ah, não é muito interessante.

— Tenho certeza de que vamos adorar — retrucou Avice.

Frances olhou com raiva para ela.

Margaret pensou que talvez fosse melhor tentar mudar o rumo da conversa, mas precisava admitir uma curiosidade dissimulada.

Então elas esperaram. Após um instante de hesitação, Frances se sentou com os pratos sujos empilhados à frente. Ela contou sua história em voz baixa e sem emoção, suas palavras eram o extremo oposto do relato apaixonado de Avice. Ela o conhecera na Malásia, enquanto trabalhava como enfermeira. Soldado mecânico "Chalkie" Mackenzie, vinte e oito anos, natural da cidade de Cheltenham. Tinha ferimentos provocados por estilhaços de granada, que infeccionaram por causa da umidade tropical. Ela cuidara dele e, com o passar das semanas, ele se apaixonou.

— Às vezes, quando tinha febre, ele delirava e achava que já estávamos casados. As enfermeiras não podiam ter qualquer tipo de ligação com os homens, mas o comandante dele, que estava no leito ao lado, não o recriminava, ao contrário de todos na enfermaria. Fazíamos qualquer coisa para que ele se sentisse melhor.

— Então, em que momento ele fez o pedido? — perguntou Jean.

Acima delas, as luzes de neon se acenderam de repente, iluminando os rostos das mulheres.

— Bem… Ele me pediu várias vezes, na verdade. Não foi só uma ocasião. Acho que foram uns dezesseis pedidos até eu aceitar.

— Dezesseis! — exclamou Avice.

Era como se ela não conseguisse acreditar que Frances fosse capaz de provocar tanta persistência em alguém.

— O que a levou a dizer sim, no fim das contas? — perguntou Margaret.

— O que o fez insistir tanto? — murmurou Avice.

Mas Frances se levantou e conferiu o relógio.

— Meus Deus, Maggie! Veja que horas são. Sua cachorrinha já deve estar louca por um passeio.

— Ah, droga! Você tem razão. É melhor descer logo — concordou Margaret.

Assentindo para as outras, Frances e ela quase saíram correndo em direção à cabine.

* * *

As garotas se beijaram, depois se viraram para ele e riram da sua ausência de reação. A mais baixa se reclinou para trás no banco do bar, lançou para o homem um olhar descontraído e estendeu a perna nua. A outra, com um vestido verde exageradamente grande para seu corpo magro, murmurou alguma coisa que ele não entendeu e se inclinou para a frente para bagunçar seu cabelo.

— Duas, duas. — Ela ergueu dois dedos. — Muita diversão. Duas, duas.

No início, ele tinha pedido mais um drinque para cada uma. Levara alguns minutos para entender o que ela sugeria. Então balançou a cabeça, mesmo quando ela reduziu o preço para quase um terço do valor original.

— Acabou o dinheiro — disse ele, e as palavras soaram estranhas e vagas aos seus ouvidos. — Não sobrou nada.

— Não, não — insistiu a de vestido verde. Era como se ela já houvesse escutado muitas recusas e nenhuma a tivesse feito desistir. — Duas, duas. Muita diversão.

Em algum momento naquela noite ele havia perdido o relógio, e não fazia mais ideia do horário. Na rua, homens gritavam ou arranjavam brigas idiotas. As mulheres subiram a escada e sumiram, mas logo

desceram para conversar ou discutir com as amigas. Do lado de fora, a placa luminosa do bar fornecia uma iluminação azul para o amanhecer frio e cinzento.

Na parede atrás das mulheres, ele viu uma foto de Eisenhower, que provavelmente foi dada por algum soldado de passagem. Que horas seriam nos Estados Unidos? Nicol tentou se lembrar de como havia calculado a diferença mais cedo naquela noite.

No fundo da sala, meio sentado e meio deitado sobre uma banqueta, Jones, o galês, enfiava cigarros na boca de uma garota e ria quando ela tossia e os cuspia.

— Não inale tanta fumaça — dizia ele, enquanto ela lhe batia de brincadeira com a mão fina. — Isso vai lhe fazer mal. — Ele percebeu que Nicol o observava. — Ah… não… Não me diga que também gosta de Annie. Seu egoísta desgraçado! Você já tem duas!

Nicol tentou formular uma resposta, mas as palavras ficaram presas na sua garganta.

— Um brinde às esposas e às namoradas — propôs Jones, o galês, com o copo no alto. — Que elas nunca se encontrem.

Nicol ergueu o copo na direção do colega e bebeu um gole.

— E nada de "depósito de lixo" — murmurou.

Ao ouvir isso, Jones caiu na gargalhada.

A última visita deles ao Ceilão havia sido a serviço, não de folga. Eles faziam parte da "patrulha da bebida", encarregada de encontrar marinheiros que, com o envelope de pagamento no bolso, mas sem nenhum juízo ou inibição, aproveitavam as poucas horas de liberdade para tomar o máximo possível de qualquer bebida local que encontrassem, culminando em resultados desastrosos. Pouco antes do amanhecer, ele e Jones haviam tirado marinheiros de inúmeros bordéis e encontrado vários outros quase em coma, caídos perto de um depósito de lixo. Durante a farra noturna, é claro que acabaram tendo tudo roubado: dinheiro,

relógios, cadernetas de pagamento e até crachás. No estado em que se encontravam, não conseguiam raciocinar nem falar. Sem documentos para identificar os homens, os dois haviam decidido abandoná-los, ainda com seus uniformes imundos e fedorentos, perto do navio aliado mais próximo. Lá eles enfrentariam uma dose dupla de raiva: dos superiores do navio em que os largaram e dos oficiais do navio ao qual realmente pertenciam.

— Você tem razão. Nada de depósito de lixo para nós, meu chapa — disse Jones, erguendo o copo. — Só se lembre de dizer *Viceroy*. Entendeu? Não se esqueça do nome do seu navio: *Viceroy*.

Ele deu mais uma gargalhada.

— Agora venha.

A garota de vestido verde o puxava pela manga. A outra sumira. Ela segurou sua mão com a confiança de uma criança e o puxou na direção da escada. Ele precisou se soltar dela para conseguir subir, agarrado ao corrimão, enquanto os degraus de madeira oscilavam sob seus pés como o convés durante uma tempestade.

A porta do quarto parecia leve como papel. A fragilidade das paredes ficava evidente pelos ruídos que vinham do cômodo ao lado.

— Muita diversão para eles, não?

Ela acompanhou o olhar dele e riu.

Ele sentiu um súbito cansaço e desabou sentado na lateral da cama, observando-a tirar o vestido. Reparou nas vértebras salientes dela sob a pele pálida. Isso o fez pensar em Frances, nas mãos finas dela quando segurou a foto dos seus filhos que ele lhe mostrou.

— Pode me ajudar? — perguntou ela, se virando depressa e apontando para o zíper.

O lençol parecia ter sido impecavelmente lavado. Ao lado, em cima de uma mesa instável, havia uma garrafa com um belo arranjo de flores. Esses dois detalhes domésticos provocaram nele o desejo de algo bem

distante da depravação que ele ouvia no quarto ao lado e fizeram lágrimas brotar em seus olhos.

— Desculpe — disse ele. — Acho que não…

Ela se virou e ele viu sua expressão severa.

— Sim, sim — disse ela, e logo recuperou o sorriso. — Você vai ficar feliz. Já nos encontramos alguma vez? Você me conhece. Faço você feliz.

— Desculpe — repetiu ele.

Ela agarrou sua mão com uma força surpreendente. O olhar dela na direção da porta o fez supor que ela não queria que ele fosse embora.

— Espere um pouco — pediu ela.

— Só quero…

— Fique mais um pouco. Só um pouco.

Ele percebeu que os olhos dela a faziam parecer mais velha. Havia algo neles que indicava cansaço e resignação, mesmo quando ela sorria com malícia e piscava feito uma menina. Agora que a olhava de perto, notou que estranhamente seus seios pareciam não ter um formato definido, como se ainda não tivessem acabado de crescer. Quando observou suas mãos, reparou que ela roía as unhas até quase sangrar, como sua irmã fazia, tempos atrás, num descaso quase infantil com a aparência. Nicol fechou os olhos, invadido por uma súbita vergonha por ter se envolvido naquela situação. É isso que a guerra faz, pensou. Mesmo com quem sobrevive. Faz com todos nós, no fim das contas.

Então sentiu o peso da moça sobre seu corpo, e as mãos leves dela acariciaram seu rosto.

— Por favor, espere mais um pouco — sussurrou ela no ouvido dele.

Ele sentiu seu perfume, forte e enjoativo, que contrastava com sua juventude e o corpo franzino.

Ela passara os braços ao redor do seu pescoço e o empurrava para baixo.

— Fique aqui mais um pouco comigo.

Seus dedos ágeis desceram pelo corpo dele e ela deixou escapar uma exclamação abafada quando ele segurou sua mão para impedi-la de continuar.

— Não tenho mais nada. Estou vazio por dentro.

Então, enquanto ela se apoiava nele e buscava no seu olhar sombrio algum indício da sua intenção, ele apoiou a cabeça no travesseiro. Pela janela parcialmente aberta ele ouvia gritos. Um cheiro forte de fritura misturado com gengibre tomou conta do quarto. Ele pegou a mão dela.

— Conte alguma coisa.

Ele sentia a respiração suave dela no seu pescoço, cautelosa, em expectativa, e teve a impressão de que logo pegaria no sono.

— Estou fazendo você feliz agora? — sussurrou ela.

Ele hesitou. Sabia que provavelmente essas seriam as últimas palavras que diria naquela noite:

— Que horas são nos Estados Unidos?

12

O navio entrou em contato com Londres por telefone! A comunicação foi feita por ondas de rádio até Sydney. O rádio receptor em Sydney foi ligado a um microfone conectado com a linha telefônica Londres-Sydney… É um enorme avanço no mundo das comunicações e promete grandes coisas para o futuro.

EXTRAÍDO DO DIÁRIO PARTICULAR DO ASPIRANTE DA MARINHA HENRY STAMPER,13 DE JANEIRO DE 1946, POR CORTESIA DE MARGARET STAMPER

VINTE E UM DIAS

Aquilo nunca tinha acontecido. Com certeza jamais fora a intenção dela. Mas Frances foi forçada a admitir que estava se apaixonando.

Toda noite ela dizia a si mesma que precisava se manter afastada, que aquilo não lhe faria bem, que seu comportamento poderia comprometer a viagem. Apesar disso, todas as noites ela saía pela porta de metal da cabine, sem oferecer maiores explicações às colegas. Depois de dar uma rápida olhada em ambos os lados do corredor, passava apressada pelas outras cabines, subia com cautela a escada e atravessava o convés do hangar até chegar à pesada escotilha de aço que dava acesso ao convés de voo.

Mais tarde, ao repensar o assunto, ela percebeu que parte do que sentia era porque todos ali tinham se acostumado uns com os outros: com os marinheiros e as mulheres, e também com as rotinas do navio, o ambiente marcado pela saudade, pela espera e pela incerteza. Ela mesma se habituara a não ter um objetivo ao se levantar de manhã, e talvez tivesse

perdido um pouco da vivacidade que carregara consigo durante anos, como uma armadura. Sentia-se mais à vontade rodeada por outras pessoas. Talvez até arriscasse dizer que gostava de algumas. Era difícil não se encantar por alguém como Margaret.

Mas o que ela realmente amava era o navio: seu tamanho, como um leviatã, certamente grande demais para ter sido criado apenas por homens, impulsionado por uma força épica através dos mares mais agitados. Amava suas cicatrizes, as marcas de ferrugem que, apesar dos anos de pintura e repintura, continuavam visíveis e evidenciavam o tempo passado no mar. Frances amava o espaço infinito visível ao seu redor, a sensação do incontestável movimento para oeste. Amava a sensação que tinha de que o navio também estabelecia uma cumplicidade com ela. E amava as milhas náuticas que a embarcação abria entre ela e seu passado enquanto deslizava na água.

Se não estivesse muito frio à noite, ela passava horas sentada no convés de voo, lendo um livro ou uma revista, erguendo os olhos de vez em quando para se certificar de que não seria surpreendida pelo marinheiro de guarda no passadiço. Com a atenção voltada para o mar, ninguém reparava nela. No momento, fazia um pouco mais de calor, e o convés oferecia um delicioso alívio. Ela havia encontrado seu local preferido debaixo de um dos aviões, onde curtia sozinha a brisa suave, o som incessante das ondas batendo no casco e o gosto de sal nos lábios rachados. Adorava o fato de conseguir ver o céu mudando de humor a quilômetros dali, uma tempestade longínqua surgindo, que parecia ter a força reduzida pela distância. E ainda havia os pores do sol com seus tons de laranja e azul que se misturavam no horizonte até se tornar impossível distinguir onde acabava o céu e começava o mar.

Às vezes, se estivesse com sorte, ela via um cardume de golfinhos e ria da alegria dos seus movimentos. A impressão que dava era de que havia cumplicidade entre eles e o navio, evidente em como olhavam para ele,

como nadavam ao lado do casco em perfeita harmonia. Mas ela passava a maior parte do tempo recostada em uma das rodas do avião, o chapéu de abas largas jogado para trás, os olhos fixos no céu. Um céu livre de aviões inimigos, de mísseis malignos e silenciosos, de gritos dos feridos. Livre do julgamento daqueles que achavam que a conheciam. Não havia mais nada entre ela e seu destino, nem montanhas, nem árvores, nem prédios. Muito menos pessoas.

De noite, sozinha, ela conseguia ignorar por um instante tanto o passado quanto o futuro. Podia simplesmente se sentar sem pensar em nada, consolada pelo fato de que ali conseguia ser apenas Frances… Algo minúsculo e insignificante entre o céu, o mar e as estrelas.

* * *

— Então, como está seu navio de esposas?

O navio de guerra *Alexandra* foi a primeira embarcação inglesa pela qual o *Victoria* passou dentro da distância que o rádio abrangia desde que haviam saído de Sydney. No entanto, Highfield recebera o telefonema do comandante Edward Baxter com menos entusiasmo do que demonstraria em outras circunstâncias, pois estava um pouco apreensivo com a forma que ocorreriam as conversas e trocas de informações.

— Como é a prática de esportes? Dobson me contou que vocês estão permitindo que as mulheres saiam para se exercitar um pouco. Ou estou imaginando outra coisa?

Highfield fechou os olhos e ouviu o ruído distante das risadas.

Apesar do grande esforço de todos, depois de algum tempo ficou claro que não dava para considerar as práticas de esporte um sucesso incontestável. Apesar do mar cristalino e tranquilo pelo qual o *Victoria* deslizava com tanta suavidade que, inclusive, daria para equilibrar uma moeda na proa até quase chegar a Trincomalee, a prática de hóquei no

convés precisou ser abandonada depois que os discos passaram por cima da amurada em três partidas consecutivas. O mesmo tinha acontecido com o bastão em uma corrida de revezamento, o que fez a culpada pelo erro se debulhar em lágrimas por causa das vaias e dos insultos que recebeu. Outra havia ralado as pernas quando não conseguiu parar a tempo e acabou deslizando perigosamente pelo convés até ser contida no último instante. Os oficiais chegaram à conclusão de que aquelas mulheres não tinham as habilidades específicas necessárias para a prática de esportes nos limites de um navio, mesmo um tão grande quanto o *Victoria*.

As oficiais, cada vez mais impacientes com o calor, tentaram expandir a área de jogos até onde ficavam as aeronaves. Mas ficou provado que era impossível fazer com segurança corrida de carrinho de mão ou corrida do saco ao redor dos aviões. Mesmo quando elas ficavam suspensas no guindaste do passadiço e o pessoal do convés, sempre assobiando para elas, as fazia rodar ou balançar, mas, desacostumadas, elas se chocavam com frequência nas asas ou nas hélices. A ausência de monta-cargas não permitia que os aviões fossem transferidos para outro lugar. Enquanto isso, o navio seguia seu curso pelo oceano Índico e enfrentava uma forte onda de calor. O imenso convés de voo absorvia o calor do sol, o que enchia os pés das pessoas de bolhas. Muitas diziam que o chão estava quente demais para correr e que a água saía morna dos bebedouros. Durante a tarde, as competidoras se afastavam alegando exaustão, queimadura de sol ou dor de cabeça. A temperatura sufocante nas cabines as impedia de dormir bem, o que as deixava irritadas. Além disso, duas mulheres (uma, infelizmente, fundadora do Clube Bíblico das Esposas) tinham ajudado a levar para a enfermaria uma amiga que torcera o tornozelo. Lá, encontraram o Dr. Duxbury fedendo a álcool e lendo um material que, se ele estivesse em condições de dizer alguma coisa, teria defendido, na melhor das hipóteses, como sendo um "informativo médico". Deixando o tornozelo machucado de lado, as garotas, trêmulas, saíram correndo atrás

do responsável pela Cruz Vermelha no navio para registrar uma queixa formal.

— Pensei que fosse importante estar bem informado sobre todos os aspectos da anatomia feminina — explicou o Dr. Duxbury ao comandante Highfield.

— Não acho que *Vedetes de Hollywood* seja o livro de biologia que nossas passageiras tinham em mente — retrucou o comandante.

Decidiu que, por menos ortodoxo que fosse, seria melhor que ele mesmo guardasse as chaves da enfermaria, para que tivessem um futuro previsível.

Em outra ocasião, duas mulheres começaram a se socar por causa da brincadeira do ovo na colher (o que não fazia sentido, pois todos os ovos eram de madeira). A corrida em que uma participante carregava a outra na garupa também acabou em briga quando uma delas acusou um marinheiro de levantar sua saia. As atividades esportivas acabaram oficialmente naquele dia.

— Acho que o que todos querem saber é como está seu consumo de água.

— Ótimo — respondeu Highfield, lembrando-se do relatório que recebera naquela manhã.

Eles tiveram problema com uma das unidades de dessalinização, mas o mecânico responsável informara que o funcionamento já estava normalizado.

Baxter falava alto demais, como se tivesse certeza de que outras pessoas além de Highfield o escutavam.

— Ouvimos boatos de que montaram um salão de cabeleireiro, e estávamos nos perguntando como você ficou depois de passar xampu e fazer um penteado…

O comandante do *Alexandra* deu uma gargalhada, e Highfield teve a impressão de escutar mais uma risada atrás da dele.

Estava sozinho na sala de meteorologia, que ficava logo acima do convés ensolarado, e sua perna latejara sem parar o dia inteiro. Quando a dor começou ele teve uma vaga sensação de ter sido traído. Durante vários dias praticamente não havia sido incomodado, e quase se convencera de que ficaria curado sem precisar de intervenção médica.

— Falei com Dobson pouco antes de transferirem a ligação para você. Ele disse que as australianas estão provocando um verdadeiro rebuliço.

— O que quer dizer com isso?

— Que elas viraram a cabeça de muita gente. Deixaram os homens um pouco agitados. Não posso dizer que sinto inveja sua, amigo. Um monte de mulheres deixando por onde andam um rastro de roupa suja, esmalte, babados e não sei mais o quê. Elas devem circular vestindo quase nada, o que distrai os homens do trabalho. Meu pessoal já começou a fazer apostas sobre quantos pequenos Victors e Victorias estarão correndo por aí daqui a nove meses.

O tom das conversas entre os oficiais graduados da Marinha tinha ficado muito mais leve desde o fim da guerra. Agora eles pareciam querer brincar uns com os outros, fazer piadas. Highfield, não pela primeira vez, sentiu saudade das antigas boas maneiras. Tentou afastar o tom de afronta da sua voz.

— Meus homens estão se comportando adequadamente.

— Não é no comportamento dos homens que estou pensando, George. Já ouvi falar dessas meninas da colônia. Não são tão tímidas quanto suas irmãs britânicas, se o que me disseram sobre as atividades noturnas em Sydney for verdade…

— São ótimas garotas. Está tudo sob controle.

Constrangido, pensou no incidente que a oficial relatara na semana anterior. Baxter e seus homens logo ficariam sabendo.

— Certo. Bem. Meu conselho seria mantê-las nas cabines pelo máximo de tempo possível. Tivemos todo tipo de problema com nossos marujos

mais jovens e as passageiras. E olha que eram apenas uma ou duas. Nem consigo imaginar como deve ser com mais de seiscentas. Acho que algumas perderam a cabeça agora que sabem que estão indo para casa.

Com o silêncio de Highfield, Baxter parecia ter finalmente entendido que não receberia a resposta que queria. Enquanto isso, Highfield havia arregaçado a calça. Talvez fosse fruto da sua imaginação, mas a cor da pele ao redor da ferida parecia bem mais preocupante do que da última vez que dera uma olhada. Ele soltou a calça e cerrou o maxilar, como se conseguisse melhorar aquele maldito ferimento apenas com sua força de vontade.

— Bem… Todos nós rimos muito ao imaginar você e o salão. De todos os navios… de todos os comandantes, hein? Ainda assim… acho que é bom saber que esse velho porta-aviões pode ter algum uso depois que for aposentado. Você poderia instalar aí o primeiro salão de beleza móvel do mundo.

A atenção de Highfield se desviou da perna.

— Aposentado?

— Você sabe, quando o navio for retirado de serviço.

— O *Victoria* vai ser retirado de serviço?

Houve um breve silêncio.

— Achei que você soubesse, parceiro. É o fim. Quando os mecânicos o avaliaram com atenção em Woolloomooloo, concluíram que não valia a pena reformá-lo mais uma vez. O navio vai ser desativado quando você voltar para Blighty. Decidiram se concentrar em um tipo de porta-aviões totalmente novo depois do fim da guerra. Não que isso vá afetar muito você, não é?

Highfield se sentou. Ao seu redor, os mostradores e mapas da sala de meteorologia retribuíam seu olhar, mudos e alheios à sua iminente redundância. Ele disse baixinho para o navio:

— Você e eu, nós dois.

Ele mal ouvia o outro comandante, que continuava falando.

— Brincadeiras à parte, como você está, cara? Ouvi dizer que passou por maus bocados com o *Indomitable*. Não se falou em outra coisa durante algum tempo. Muita gente ficou preocupada.

— Estou bem.

— Claro, claro. Não dá para pensar nisso o tempo todo, não é mesmo? De qualquer jeito, é uma pena. O jovem Hart serviu junto comigo dois anos atrás. Fiquei chocado quando me contaram. Um ótimo rapaz. Ele se destacava no meio da multidão.

— Sim. É verdade.

— Encontrei a esposa dele uma vez, quando estávamos em terra, em Cingapura. Uma menina excelente. Pelo que me lembro, havia acabado de ter gêmeos, o que me faz voltar ao motivo do meu telefonema. Hoje de manhã recebi um telegrama de Londres. Parece que você tem a bordo esposas de alguns dos meus homens. Como ficaremos lado a lado por alguns dias, o pessoal de Londres achou que seria simpático permitir que os casais entrem em contato por rádio. O que acha? Na minha opinião, faria muito bem aos meus homens ter uma conversa rápida com as esposas.

— Não sei…

— Bem, não precisa decidir ainda. Pelo que entendi, são só alguns homens mesmo. Não acho que você vá ter hordas de mulheres histéricas batendo à sua porta. Mas significaria muito para o meu pessoal. E ainda ajudaria a mantê-los longe de confusão. Atracaremos em Aden daqui a alguns dias, e é sempre bom lembrar os homens de suas responsabilidades antes de desembarcar.

Deu uma risada baixa e rouca, confiante de que o outro entenderia o que ele queria dizer.

Abaixo, no convés, homens em trajes de verão recolhiam as últimas cordas e cadeiras que haviam sido usadas para a prática de esportes,

parando de vez em quando para secar o suor da testa. Não muito longe dali, duas garotas seguiam tranquilamente para o refeitório do convés. O sol poente refletia no cabelo brilhante e penteado. As duas se curvaram ao mesmo tempo para passar debaixo da asa de um avião. Uma delas estendeu a mão magra e tocou a aeronave, mas a retirou rapidamente, como se estivesse quente demais. Ela riu de alguma coisa que a outra disse e levou a mão à boca.

Atrás delas havia outros aviões de caça enfileirados no convés. Suas superfícies lisas irradiavam calor, o que também acontecia no resto do navio.

— Highfield?

— Peça para um dos seus homens falar com meu subcomandante — disse Highfield, com os olhos fixos no convés abaixo. — Vamos mandar uma lista das passageiras e então você me diz com quem seus homens querem falar. Vamos ver se conseguimos organizar alguma coisa.

Ele tirou os fones de ouvido e se virou para o operador de rádio.

— Faça contato com o comandante-chefe da Frota Britânica do Pacífico. E com quem for o responsável pela Lei de Empréstimo e Arrendamento.

* * *

A cabine tinha ficado vazia naquela noite. Avice estava aprendendo a fazer flores artificiais, atividade que parecia contar pontos para o concurso de Rainha do *Victoria*. Depois de ter decidido que Irene Carter era agora sua inimiga mortal, era importante não deixá-la ganhar o título.

Jean, que continuava reclamando do calor excessivo e se cansara das aulas de leitura, estava assistindo a um filme com duas amigas do dormitório do andar de cima.

Frances, depois de ter aproveitado uma hora sozinha e brincado com a velha cadelinha, estava inquieta e não conseguia relaxar por causa do forte calor. Dentro da pequena cabine, sua blusa estava colada ao corpo e os lençóis pegajosos grudavam no colchonete. Ela foi ao banheiro e borrifou várias vezes água fria no rosto.

Estava prestes a sair do dormitório e subir até o convés de voo quando Margaret entrou de repente, com o rosto vermelho e ofegante.

— Aiminhanossa — disse, levando a mão roliça ao pescoço. — Aiminhanossa.

— Você está bem? — perguntou Frances, saltando na sua direção.

Margaret secou o rosto reluzente de suor. O calor a deixara com brotoeja do peito ao pescoço. Ela desabou no beliche.

— Margaret?

— Fui chamada à sala de rádio. Vocês nunca vão adivinhar… Vou conversar com Joe!

— O quê?

Margaret arregalou os olhos.

— Hoje à noite! Dá para acreditar nisso? Parece que o *Alexandra* está muito perto e dá para fazer contato pelo rádio. Disseram que eu e mais cinco garotas vamos poder falar com nossos maridos. Sou uma das sortudas! Dá para acreditar nisso? Dá?

Ela ergueu a cachorrinha da cama e a encheu de beijos.

— Ah, Maudie, consegue acreditar? Vou falar com Joe! Hoje à noite! — Então se olhou no espelho que Avice tinha pendurado atrás da porta e resmungou: — Ah, não! Olhe só o meu estado. Meu cabelo sempre fica horrível com a umidade.

Margaret enrolou algumas mechas rebeldes nos dedos.

— Acho que ele não vai conseguir ver você pelo rádio — brincou Frances.

— Mas mesmo assim quero estar bonita para ele.

Margaret pegou a escova de Avice e penteou vigorosamente o cabelo. A eletricidade estática o deixou eriçado, como se fizesse uma rebelião pacífica. Ela contraiu os lábios.

— Vai comigo? Fico tão insegura… Não quero fazer papel de boba. Você se importa? — Ela mordeu o lábio. — Faz quase três meses que não falo com ele. E preciso que alguém me lembre de não soltar um palavrão na frente do comandante.

Frances olhou para os próprios pés.

— Ai, meu Deus, me desculpe. Estou sendo indelicada. Não quis contar vantagem. Sei que você também adoraria falar com seu marido. Só pensei que, se alguém pudesse ir comigo, eu gostaria que fosse você.

Frances segurou a mão de Margaret, suada por causa do calor ou do nervosismo.

— Seria um prazer.

* * *

— Joe?

A luz começou a diminuir ao seu redor. Margaret se mexeu, desajeitada, e perguntou com um sussurro se estava posicionada no lugar certo. O operador de rádio, com fones nos ouvidos, apertou dezenas de botões à sua frente. Depois, aparentemente satisfeito com os diversos apitos e assobios, ajustou o microfone diante de Margaret.

— Aproxime o rosto daqui — pediu, apoiando com gentileza a mão nas costas dela para encorajá-la. — É isto. Agora tente mais uma vez.

— Joe?

Na pequena sala de rádio embaixo do passadiço, as poucas esposas escolhidas, algumas acompanhadas de amigas, estavam grudadas umas nas outras. O espaço era pequeno demais para acomodá-las, e elas estavam tensas, com os braços colados ao corpo, algumas se abanando com revistas,

os rostos brilhando de suor por causa do forte calor. Do lado de fora o céu já havia escurecido e, em algum lugar, a muitos quilômetros de distância, seus objetos de desejo navegavam na escuridão.

— Mags? — A voz soava distante, entrecortada. Mas, pela expressão de Margaret, era ele, sem dúvida.

Todas prenderam a respiração ao mesmo tempo, encantadas feito crianças diante de uma árvore de Natal. Margaret tinha sido a primeira a falar, e era como se, sem aquela prova, elas não conseguissem acreditar que seus maridos estavam por perto e que elas poderiam, depois de meses de silêncio, trocar algumas palavras preciosas com eles. Trocaram sorrisos, como se a alegria delas fosse contagiante.

Margaret tocou o microfone. Então, depois de um sorriso tímido, disse:

— Joe, sou eu. Como você está?

— Estou ótimo, meu amor. E como você tem passado? Estão cuidando bem de você? — Então a voz, que parecia desencarnada, ficou em silêncio.

Margaret agarrou de vez o microfone.

— Estou bem. Eu e Joe Junior. É… é ótimo falar com você.

Ela titubeou, com certeza por saber que, assim como ela estava rodeada de pessoas estranhas, ele também devia estar. Nenhuma das mulheres queria deixar o marido constrangido na frente dos colegas ou dos superiores.

A voz dele voltou:

— Estão alimentando você direito?

As pessoas na sala de rádio riram. Margaret olhou para o comandante, que se mantinha um pouco afastado, de braços cruzados. Ele exibia um sorriso bondoso.

— Estão nos tratando muito bem.

— Ótimo. E… tome cuidado com esse calor. Não se esqueça de beber bastante água.

— Ah, pode deixar.

— Tenho que ir, minha querida, para ceder a vez para o próximo. Mas se cuide.

— Você também.

Margaret chegou mais perto do microfone, como se isso a aproximasse de Joe.

— Vejo você em Plymouth. Agora falta pouco.

— É, falta pouco — concordou Margaret, com a voz embargada. — Tchau, Joe.

Ao se afastar do microfone, Margaret cambaleou. Frances se aproximou para ampará-la, preocupada com as lágrimas que escorriam pelo rosto da amiga. A conversa tinha sido curta demais, pensou Frances. Deviam ter lhe concedido mais alguns minutos, e talvez um pouco de privacidade, para que pudesse expressar seus sentimentos. Havia tanta coisa que Margaret queria dizer para Joe, refletiu ela, sobre liberdade, o papel de mãe e esposa.

Mas ao olhar para Margaret, Frances percebeu que o brilho do seu sorriso conseguia iluminar a escuridão.

— Ah, Frances, isso foi maravilhoso — sussurrou ela.

Frances notou o tom de amor verdadeiro na voz de Margaret, a evidência de que ela conquistara tanto com tão pouco. Ficou segurando a amiga por mais um minuto, com a mente vazia, ora acelerada, enquanto Margaret tentava, em voz baixa, se lembrar das palavras que havia trocado com Joe. Depois, reclamou que tinha lhe dado um branco e que, ao ouvir a voz do marido, não fizera ideia do que dizer.

— Mas não tem problema, não é? Ah, Frances, espero que em breve você tenha a chance de falar com seu marido. Não consigo explicar como me sinto melhor. Você ouviu o que Joe disse? Ele não é o máximo?

* * *

Naquele instante, todos os olhares estavam voltados para a garota negra de vestido azul que tinha se debulhado em lágrimas ao ouvir a voz do marido e estava sendo reconfortada pela oficial da Cruz Vermelha. Por isso, o comandante foi o único que notou a expressão da garota alta no canto, que havia sido apresentada a ele, em tom de brincadeira, como a "parteira extraoficial". Ele não gostava de encarar nenhuma das mulheres, pois não queria ser mal interpretado. Mas algo chamava a atenção na postura reta daquela mulher. E também nos seus olhos, que refletiam um choque, como se ela tivesse acabado de sofrer uma grande perda. Ele teve a inexplicável sensação de que refletiam seu próprio sofrimento.

* * *

Nicol seguiu pela galeria do andar de baixo, passou pela sala de armas, pela de peças de artilharia, depois pelo hangar onde antes ficavam vários aviões e caixas e mais caixas de peças sobressalentes, em vez da grande fileira de portas que tinha no momento. A maioria estava aberta, na vã esperança de atrair alguma brisa perdida. De trás delas vinham murmúrios femininos, ruídos de cartas de baralho jogadas em mesas improvisadas ou de páginas de revistas sendo folheadas. Tomando o cuidado de manter o olhar sempre à frente, avançou com cautela e subiu a escada em silêncio, sabendo que naquela noite qualquer esforço, por menor que fosse, faria sua roupa colar na pele de suor. Assentiu para o capelão e avançou pelo corredor mal iluminado até o lobby, tentando ser o mais discreto possível ao passar pela câmara do comandante. Por fim, dando uma olhadela à esquerda e à direita, abriu a escotilha que ficava ao lado do escritório do capitão-tenente e chegou ao convés escuro.

Alguém lhe dissera onde encontrá-la. Um pouco constrangido, havia batido na porta (ele sempre se sentia um intruso naquele covil feminino) para contar a elas o que fora decidido. Para que ficassem prevenidas, como

as outras. Talvez ele tivesse contado primeiro para elas porque queria que ficassem com os melhores lugares. Elas tinham rido, incrédulas, e o fizeram repetir duas vezes antes de acreditar. Depois, enquanto Avice e Jean se preparavam, muito animadas, Margaret, ainda irradiando alegria por causa do contato pelo rádio, confirmara em voz baixa o que ele já suspeitava.

O céu estava quase todo coberto de nuvens, deixando à mostra algumas estrelas apenas, por isso ele demorou um pouco para encontrá-la. A princípio, pensou que tivesse perdido a viagem, e estava quase se virando e indo embora. A rigor, não poderia ter abandonado seu posto. Então uma sombra se mexeu e, quando uma nuvem se afastou e permitiu que o luar iluminasse o convés, ele percebeu, escondida sob o Corsair mais afastado, a silhueta magra de alguém com os braços ao redor dos joelhos.

Ele ficou imóvel por um instante, se perguntando se ela o teria visto e se o simples fato de ter reparado nela a deixaria constrangida. Mas quando se aproximou e ela se virou na sua direção, ele sentiu uma onda de alívio. Como se a presença dela ali fosse capaz de lhe tranquilizar. Perseverança, deduzia ele. Talvez até uma estranha sensação de generosidade. De repente pensou em Thompson, no seu rosto ensanguentado quando, alguns dias antes, o tinham levado de maca de volta ao navio. Devia ter se envolvido em alguma briga durante seu período de folga em terra, segundo dissera seu chefe. Que idiota, acabou ficando sozinho. Por mais que desde os primeiros dias tivessem martelado na cabeça de todos que em território novo eles deviam ficar unidos.

Nicol reparou que ela andara chorando. Ele a observou passar a mão nos olhos e empertigar os ombros. O prazer de vê-la ficou comprometido pelo constrangimento que ele sentiu.

— Desculpe se estou incomodando você. Sua amiga disse que talvez eu a encontrasse aqui.

Ela deu a impressão de que ia se levantar, mas ele fez um gesto para que permanecesse onde estava.

— Está tudo bem?

Ela parecia tão assustada que ele compreendeu que sua súbita e inesperada aparição poderia ter feito ela pensar em um daqueles temidos telegramas. Ele censurou a si mesmo por ter sido tão insensível.

— Não há nada de errado. Por favor.

Mais uma vez, fez sinal para que ela continuasse sentada.

— Eu só queria dizer… avisar… que você não vai ficar sozinha por muito tempo.

Então algo ainda mais estranho aconteceu: ela parecia em estado de choque.

— O quê? Do que está falando?

— Ordens do comandante. Faz calor demais nos elevadores… Quer dizer, nas suas cabines. Ele mandou todo mundo dormir aqui esta noite. Bem, todas as mulheres, pelo menos.

Ela relaxou um pouco os ombros.

— Dormir aqui? No convés? Tem certeza?

Ele percebeu que estava sorrindo. A ideia parecia uma loucura até mesmo para si. Quando o imediato do navio lhe contara, ele deduzira que o comandante tivesse enlouquecido de vez.

— Não podemos permitir que fiquem cozinhando lá embaixo. O calor está insuportável. Hoje um dos mecânicos desmaiou na casa de máquinas a estibordo, por isso o comandante Highfield decidiu que as mulheres devem trazer os colchonetes para cá. Vocês podem dormir de maiô, e com certeza vão ficar muito mais confortáveis.

Ela desviou o olhar para o oceano escuro.

— Imagino que isto signifique que vou ter que ficar longe daqui então — disse ela, com um tom de voz melancólico.

Nicol não conseguia desviar os olhos do perfil dela. Sua pele, sob a claridade da lua, estava opaca. Quando ele falou, a voz tremeu um pouco e ele tossiu para disfarçar sua aflição e se recompor.

— Por mim, não tem problema. Você não é a primeira pessoa que precisa de alguns minutos sozinha com o mar.

Sozinha com o mar? De onde ele tirara isso? Não costumava falar desse jeito. Com certeza ela achava que ele estava doido. Devia ter sido a timidez da garota que o fizera falar daquele jeito, como um idiota.

Mas ela não parecia ter reparado. Quando se virou, ele viu lágrimas em seus olhos.

— Não tem problema — disse ela. — De qualquer jeito, não estava adiantando esta noite.

O que não estava adiantando? Ele queria saber, mas a única pergunta que fez foi:

— Você está bem?

— Estou, sim — respondeu ela, levantando-se abruptamente.

Depois espanou com a mão a poeira inexistente na sua saia. As nuvens voltaram a encobrir a lua, e outra vez seu rosto ficou escondido de Nicol.

* * *

Highfield não conseguiu deixar de rir sozinho da expressão de Dobson quando a primeira garota surgiu no convés com o colchonete embaixo do braço, usando um maiô de duas peças cor-de-rosa com babados, o tipo de coisa que, em circunstâncias normais, o teria deixado furioso. Ela parou diante da escotilha principal e olhou com timidez para o comandante, que indicou com a cabeça que ela seguisse em frente. A moça então se virou e fez um sinal para as colegas logo atrás. Atravessou o convés na ponta dos pés até chegar ao lugar apontado por um fuzileiro.

Rapidamente, foi seguida por outras duas mulheres, que, sob os refletores, riam e se cutucavam enquanto seus lugares eram designados, do mesmo modo que acontecera com os aviões em viagens anteriores. Não demorou muito para várias surgirem pelas escotilhas abertas, a maioria usando camisolas de algodão grandes demais para seus corpos magros, algumas um pouco constrangidas por serem vistas em público em trajes tão íntimos. O comandante dissera que aquelas que não se sentissem à vontade estavam liberadas para permanecer na cabine, embora ele tivesse certeza de que, com o calor sufocante que fazia, a maior parte delas ia preferir a brisa suave do convés em vez do ar irrespirável das cabines. Ele tinha razão: elas continuavam chegando, algumas conversando, outras reclamando que não havia mais espaço para colocar os colchonetes nos lugares indicados. Aquela diversidade de formatos e tamanhos diferentes de corpo, além dos inúmeros penteados e comportamentos, era um exemplo interminável da infinita variedade de mulheres que existem na Terra.

Os fuzileiros tomariam conta delas. Curiosamente, aquela tinha sido uma das poucas ocasiões em que os homens não reclamaram quando foram informados sobre o inesperado plantão noturno. Highfield observou os rostos dos fuzileiros que circulavam pelo convés de voo. Até eles, que normalmente pareciam impassíveis, não conseguiam deixar de rir e de fazer brincadeiras com as mulheres naquela situação improvável.

— Que bagunça! — murmurou Highfield para si mesmo, e deu um sorriso discreto ao ouvir as próprias palavras. — Que bagunça! — repetiu.

Uma das oficiais apareceu ao seu lado, acompanhada de Dobson.

— Quase todas já subiram, não é? — perguntou Highfield.

— Acho que sim, comandante. Mas estávamos pensando se não seria possível acomodar algumas um pouco mais perto dos aviões. Não tem espaço para tanta gente. Os homens precisam circular pelo convés e elas querem espaço para se esticar…

— Não — retrucou Highfield bruscamente. — Quero que fiquem bem afastadas.

Dobson esperou alguns segundos, como se quisesse uma explicação. Como não recebeu nenhuma, de mau humor, mandou a oficial separar duas mulheres que brigavam por um lençol. Highfield sabia que ele diria aos colegas que provavelmente tudo aquilo tinha alguma coisa a ver com Hart, que o caso do *Indomitable* o tinha deixado cauteloso com os riscos. Deixe ele pensar o que quiser, disse Highfield a si mesmo, e deu o assunto por encerrado.

Eram quase dez horas quando a última esposa chegou ao convés. Checaram as cabines para confirmar que não viria mais nenhuma. Highfield parou diante delas e fez um sinal pedindo silêncio. Aos poucos, o pequeno grupo que estava sob a penumbra foi encerrando a conversa, até que só dava para ouvir o ruído abafado dos motores e as ondas batendo.

— Eu pretendia lembrar algumas regras — começou ele, colocando o peso do corpo na perna boa. Olhou para os fuzileiros, que formavam uma fila silenciosa e organizada à sua esquerda. — Eu queria esclarecer algumas coisas sobre esta noite. Mas depois me dei conta de que está quente demais e que se não tiverem o bom senso necessário para evitar cair pela amurada, nada do que eu possa dizer faria diferença. Então, como sempre, só vou pedir para que não distraiam os homens em serviço. E espero que o ar fresco as ajude a ter uma noite de sono melhor.

Suas palavras foram recebidas por vários comentários animados das passageiras e aplausos. Ele viu algumas expressões de gratidão, e de repente teve uma sensação estranha. Esboçou um sorriso.

— Certifique-se de que só fuzileiros sejam admitidos aqui em cima — ordenou a Dobson.

Em seguida, enquanto o bom humor ainda o fazia esquecer a dor na perna, ele se afastou com passos firmes para a sua câmara.

* * *

Mais tarde, Frances concluiu que aquela noite tinha sido o ponto alto da viagem. Não só para ela, como para a maioria das mulheres. Talvez o que melhorara seu humor tivesse a ver com o fato de estarem todas juntas, ou com a liberdade e o alívio de terem o mar e o céu à sua frente depois de tantos dias de calor insuportável e mau humor. Por um instante, o espaço aberto do convés as igualava e evitava as tensões que dificultavam a vida em meio a tantas mulheres.

Avice, que a tinha ignorado durante toda a semana anterior, passara horas tentando fazer amizade com as mulheres ao redor, tirando proveito da sua nova condição de grávida. Margaret, que tinha ficado preocupada com Maude Gonne, foi tranquilizada por Frances, que descera sob um pretexto qualquer e a encontrara descansando confortavelmente. Maggie dormira menos de vinte minutos depois de se acomodar e estava roncando ao seu lado esquerdo, com a barriga apoiada no travesseiro de Frances e vestindo uma camisa masculina tão fina quanto papel.

Frances ficou feliz em ver a cena: ela sentira pena de Margaret que, inchada e desconfortável por causa do calor, ficava se remexendo no beliche na inútil tentativa de encontrar uma posição agradável para dormir.

No início, Frances se sentira um pouco inibida por estar de maiô, mas diante da exposição de pernas e barrigas de centenas de outras mulheres de todos os tamanhos e formatos de corpo (algumas com os minúsculos biquínis da moda), se deu conta de que sua preocupação era ridícula. Depois que os fuzileiros se recuperaram do choque de saber o que vigiariam, eles também perderam o interesse. Muitos estavam jogando baralho, enquanto outros apenas conversavam, aparentemente ignorando os corpos seminus adormecidos atrás deles.

Frances se perguntou se eles estavam mesmo tão desinteressados quanto pareciam. Algum homem realmente conseguiria manter o sangue-frio diante da exposição de tantos corpos femininos? No entanto, por mais

que tentasse, não conseguia encontrar no comportamento deles qualquer indício que justificasse seu desconforto. Ela havia deixado o lençol de lado e se acomodado de um jeito que seu corpo semierguido aproveitasse ao máximo a brisa que soprava no convés. E quando reparou que um dos homens, vestindo seu uniforme de verão com colarinho alto, olhou atentamente na direção delas, foi forçada a concluir que talvez fosse o frescor das mulheres que eles cobiçavam, e não seus corpos.

Ela devia ter dormido por algumas horas depois da meia-noite. A maioria das mulheres ao seu redor caíra em sono profundo, afinal, as várias noites sem dormir tinham servido de antídoto contra aquela situação inusitada, que poderia ter mantido todas elas acordadas. Mas Frances não conseguia se sentir à vontade no meio de tanta gente. Então decidiu se levantar, se conformar com a ausência de sono e aproveitar a liberdade que tinha agora de se sentar no espaço ao ar livre sem medo de que a descobrissem. Cobriu parcialmente os ombros com o lençol de algodão e andou com cuidado até o fim do grupo de mulheres reunidas ali, de onde podia ver o rastro de espuma que o navio deixava no mar. Por fim, encontrou um lugar afastado de todo mundo e se sentou, sem pensar em nada, com o olhar fixo ao longe.

— Você está bem? — A pergunta foi feita em voz baixa, para que só ela escutasse.

O fuzileiro estava de pé a poucos centímetros dela, com o rosto intencionalmente virado para a frente.

— Estou ótima — murmurou em resposta.

Ela continuou encarando o mar, como se os dois fingissem que não estavam conversando.

Ele permaneceu onde estava por mais um tempo. Frances tinha reparado nas pernas dele imóveis ao seu lado, um pouco dobradas como se estivessem se preparando para algum imprevisto.

— Você gosta daqui, não é mesmo? — perguntou ele.

— Muito. Posso parecer um pouco boba, mas descobri que o mar me deixa… bem, feliz.

— Você não parecia muito feliz mais cedo.

Ela não sabia se podia conversar com ele desse jeito.

— Acho que este imenso vazio me deixou abalada… Não me senti à vontade… como costuma acontecer.

— Ah.

Frances mais sentiu do que viu que ele assentia.

— Bem, as sensações em um navio raramente são as que esperamos.

Ficaram calados por um instante. Frances se sentia desconfortável, pois eles não estavam mais separados por uma porta de aço. Assim que ele se aproximou, ela havia puxado o lençol até o pescoço, enrolando quase todo o corpo. Mas depois considerou esse gesto uma bobagem, uma reação extrema à presença dele. Então deixou o lençol deslizar pelos ombros, ficando vermelha com seu atrevimento.

— Sua expressão muda quando você está aqui.

Ela deu uma olhada nele. Talvez ele percebesse que tinha ido um pouco além, porque continuava com os olhos fixos no oceano.

— Conheço essa sensação — acrescentou ele. — Por isso gosto de estar no mar.

Ela ficou com vontade de perguntar sobre os filhos dele, mas não conseguiu encontrar palavras que não parecessem uma acusação. Então se contentou em apenas observar seu rosto. Quis perguntar por que ele parecia tão triste, se em breve retomaria sua vida. Mas ele se virou e os dois se entreolharam. Instintivamente, ela levou a mão ao rosto como se quisesse se proteger dele.

— Quer que a deixe sozinha? — perguntou, baixinho.

— Não — respondeu ela, sem pensar.

Os dois ficaram quietos, constrangidos ou surpresos por ela ter falado alguma coisa. Ele continuou ao seu lado, como se fosse um segurança

particular, enquanto os dois encaravam a água escura à frente.

* * *

Os primeiros raios de luz apareceram no horizonte a milhares de quilômetros de distância, pouco antes das cinco da manhã. Ele contou para ela que o nascer do sol podia variar de um dia para outro, dependendo da localização do navio em relação a Linha do Equador. Algumas vezes, o nascer do sol podia ser lento e lânguido, enchendo gentilmente o céu com uma suave luz azulada. Em outras ocasiões, era apenas uma centelha rápida e quase agressiva, como se um curto-circuito fizesse o céu amanhecer. Explicou como, na época em que era um jovem recruta, conseguia listar quase todas as constelações, o que o enchia de orgulho. Ele as observava desaparecer lentamente ao nascer do dia, para desfrutar da magia do seu reaparecimento horas mais tarde. Mas com o início da guerra, se tornara impossível contemplar o céu noturno por mais de um minuto sem ouvir o ronco distante de um avião inimigo.

— Então isso perdeu o sentido para mim. Agora acho mais fácil não olhar.

Ela contou como as explosões de granadas no Pacífico lembravam as cores do amanhecer e como, nas noites que passava trabalhando, observava os combates pela janela da tenda onde funcionava a enfermaria e pensava na capacidade que o homem tinha de subverter a natureza. Ela comentou que dava para ver uma beleza fora do comum naquelas cores. A guerra, ou talvez sua profissão, a ensinara a enxergar beleza em todas as coisas.

— Você vai voltar a sentir isso, sabe — afirmou ela. — Basta esperar um pouco. — Sua voz saiu baixa, reconfortante.

Ele a imaginou dizendo palavras parecidas aos feridos dos quais cuidara e desejou, perversamente, que tivesse sido um deles.

— Faz tempo que trabalha neste navio?

Ele demorou um minuto para se concentrar no que ela estava dizendo.

— Não — respondeu. — Quase todos nós estávamos no *Indomitable*. Mas ele foi afundado no fim da guerra. Quem conseguiu escapar acabou vindo para o *Victoria*.

Aquelas eram algumas palavras bem ensaiadas que não refletiam o caos e o horror das últimas horas que passaram no navio, as bombas, os gritos e os porões transformados em gêiseres de fogo.

Ela se virou para encará-lo.

— Perderam muitos homens?

— Sim, bastante. O comandante perdeu o sobrinho.

Ela olhou para onde o comandante estivera horas antes, sob o passadiço, impecável em seu uniforme de verão, consultando um mapa.

— Todo mundo perdeu alguém — disse ela, quase que para si mesma.

Ele tinha lhe perguntado sobre os prisioneiros de guerra, e a ouvira enumerar uma longa lista de tipos de ferimentos, e também de pacientes de quem cuidara e depois perdera. Ele não perguntou como ela havia lidado com tudo aquilo. Ela apenas comentou que quem passa por uma coisa dessas nunca esquece. Mas isso não importava para quem tivera a sorte de pelo menos continuar vivo.

— Que profissão você escolheu… — comentou ele.

— Acha mesmo que algum de nós teve escolha?

Foi nesse momento, ao observar seu rosto pálido e sério, e ouvir na sua resposta a determinação de nunca deixar de lado o sofrimento dos outros, que ele percebeu que o que sentia por ela não era nada apropriado.

— Eu… eu… não…

O choque dessa percepção o deixou sem voz, e depois ele apenas balançou a cabeça em silêncio. Embora não tivesse relação com o assunto, de repente se lembrou da sua última folga em terra, quando se sentiu exposto e envergonhado.

— Todos nós precisamos encontrar um jeito de corrigir esses horrores — disse ela.

Você?, ele teve vontade de perguntar, incrédulo. Você não começou a guerra. Não foi responsável pelos estragos, pelos membros amputados, pelo sofrimento. Você é uma das coisas boas. É uma das razões pelas quais continuamos seguindo em frente. Você, de todas as pessoas, de todas as mulheres deitadas aqui, é a única que não tem o que corrigir.

Talvez fosse pelo momento inusitado, ou porque seus ombros à mostra reluziam como algo celestial sob a claridade incipiente. Talvez fosse o simples fato de, ao longo do que parecia uma eternidade, ele não ter mantido uma conversa que não fosse marcada por jargões militares ou relatos de atos de coragem. Ele queria se abrir como o amanhecer na frente dela, se revelar, com defeitos e tudo, e ser absolvido por sua ternura e compreensão. Queria gritar com o marido dela, sem dúvida algum mecânico idiota, metido a engraçadinho e que, naquele momento mesmo, devia estar ajeitando a calça ao sair de um bordel no Extremo Oriente e trocando olhares cúmplices com os colegas. Ele queria gritar: "Você se dá conta do que tem? Consegue entender?"

Por um breve e insano instante, pensou em tentar colocar pelo menos parte disso em palavras. Foi então que, pelo canto do olho, notou o comandante Highfield no passadiço. Acompanhando seu olhar, Frances se virou e observou o comandante conversar com dois oficiais. Ele apontou na direção dos aviões e depois se empertigou enquanto os dois falavam apressadamente com ele. Pelas vozes alteradas, devia haver alguma coisa errada.

Mesmo relutante, ele se afastou de Frances.

— É melhor eu ir lá e descobrir o que está acontecendo.

Enquanto dava os vinte e quatro passos que o separava dos outros, guardou consigo a ternura do sorriso que recebera dela como resposta.

Vários minutos depois, ele voltou.

— Vão ser jogados no mar — disse.

— O quê?

— Os aviões. O comandante decidiu que precisamos de mais espaço. Ele acabou de receber permissão de Londres para jogá-los no mar.

— Mas não há nada de errado com eles!

A voz dele estava irreconhecível. Ele tinha se tornado prisioneiro da longa noite que sufocava suas palavras, e que, ao libertá-lo, o deixara sentimental.

— Os mandachuvas que supervisionam a Lei de Empréstimo e Arrendamento estão de acordo. Mas ele… não é o tipo de comandante que toma decisões como esta.

Balançou a cabeça, sem conseguir acreditar.

— Ele está certo — disse ela, por fim. — A guerra acabou. É melhor deixá-los no mar.

Quando o dia raiou e tocou os corpos seminus das mulheres com sua luz fria e azulada, algumas acordaram e se enrolaram nos lençóis. Quietas e com olhos ainda sonolentos, observaram os mecânicos, em duplas, rolarem silenciosamente os aviões, um por um, até a borda do navio. Com o mínimo possível de instruções para não acordar quem ainda dormia, os aviões, com as asas dobradas, contemplaram o céu pela última vez, alguns ainda chamuscados e riscados, resultado das vitórias em combates aéreos. Esperaram pacientemente seus últimos detalhes serem lidos e conferidos. Depois oscilaram na amurada, permanecendo no ar apenas um instante antes de concluírem seu voo derradeiro. O impacto na água foi surpreendentemente silencioso e, arrastadas pelas correntes do oceano Índico, as aeronaves afundaram aos poucos, até uma suave aterrissagem final no leito de algum mar secreto.

13

Meu irmão trouxe uma esposa inglesa. Antes de chegar, ela era idealizada como uma mulher linda, perfeita, prestativa e brilhante… Mas quando ela apareceu descobrimos que era feia, suja e tinha o rosto vermelho. Era petulante, preguiçosa, e nunca tinha nada gentil para falar de alguém ou do país… Pessoalmente, considero infeliz o dia em que uma estrangeira atrevida aterrissou na nossa família.

CARTA PARA O JORNAL TRUTH, *DE MELBOURNE, EM 1919*

VINTE E DOIS DIAS

Querida mamãe,

Esta é uma carta difícil de escrever. Acho que adiei este momento o máximo que pude. Mas é provável que a senhora saiba, sem eu precisar explicar, o que quero contar que fiz, e como tenho convivido com isso desde então. Não estou orgulhosa de mim, mãe. Tentei encontrar todas as razões possíveis para me convencer de que estava fazendo a coisa certa. Mas não sei bem qual de nós duas eu achava que estava protegendo…

Meu amor,

É muito estranho tentar escrever esta carta sabendo que, se tudo correr bem, quando você recebê-la já estaremos nos braços um do outro. Mas a viagem está começando a ficar longa demais, e cada vez me sinto mais desesperada, no meio do oceano, para manter algum contato, para pelo menos falar com você, ainda que não possa me ouvir. Acredito que algumas destas mulheres sejam mais autossuficientes do que eu, que sejam capazes de aguentar sem problema estes dias intermináveis. Porque, para mim, cada minuto que passo sem você é longo demais, e totalmente inútil…

* * *

Às vezes as conversas implícitas no *Victoria* se tornavam clamorosas. Agora, no meio da viagem, a troca unilateral de correspondência começava a pesar no clima do navio. As jovens esposas reliam suas cartas e escreviam outras, tentando expressar sua ansiedade, confidenciar seus medos à família ou reclamar dos maridos pouco sentimentais. Na cabine 3G, duas delas estavam sentadas lado a lado no beliche, as duas imersas nos próprios pensamentos enquanto suas canetas deslizavam pelo delicado papel de carta fornecido pela Marinha.

Às vezes entrava pela porta entreaberta o ruído de passos, acompanhado por gargalhadas ou conversas cochichadas, que eram pontuadas por discretas exclamações de surpresa. O calor dos dias anteriores diminuíra um pouco graças à chegada de uma tempestade rápida nas primeiras horas da manhã, e as ocupantes das cabines começavam a retomar suas atividades. Várias estavam do lado de fora para aproveitar o ar fresco. E, pelo visto, nenhuma tinha sido ouvida pelas mulheres que permaneceram na cabine 3G e que estavam concentradas em uma conversa unilateral com pessoas muito distantes dos limites do *Victoria*.

…meu querido, considerando as circunstâncias, parece tolice escrever estas palavras. Então talvez eu as use apenas para dizer como te amo e como estou feliz com o bebê que teremos. Vamos criar nosso filho ou filha juntos, e não separados, como estamos agora, por uma interminável extensão de água. Não consigo imaginar um pai mais maravilhoso para esta criança do que você.

Às vezes nos sentimos tão mal, tão absortos em nossa própria infelicidade, que acaba sendo difícil perceber o que é certo. Mais difícil ainda é fazer o que é certo.

Ainda assim, ontem à noite me dei conta de uma coisa: mesmo depois de tudo o que aconteceu, você nunca teria feito o mesmo que eu. Sei que seria capaz de qualquer coisa para deixar as pessoas felizes. É difícil até escrever isto sem me sentir ~~envergonhada~~ arrependida.

— Avice, você tem um mata-borrão? — perguntou Margaret.

— Aqui — respondeu Avice, esticando o braço para o beliche de baixo. — Pode usar essa folha. Tenho várias.

Ela ajeitou a saia quando voltou a se acomodar na cama e tamborilou distraidamente a mão livre na barriga.

…e é por isso que vou escrever para Letty a fim de contar a verdade. Vou dizer que meu pai, ainda que não consiga amar outra como amou a senhora, merece ter alguém ao lado. Merece que alguém tome conta dele. Finalmente percebi que não preciso manter a imagem perfeita que tenho de vocês dois. Não tenho motivo para não gostar de Letty só porque ela foi apaixonada por ele durante todos esses anos. Só fico triste por ela ter perdido tanto tempo com alguém que sabia que não podia ser seu. E que nem ao menos tentou fazê-lo seu.

Sei que vai concordar comigo, mamãe. Mas acho que Letty, depois de todos esses anos de solidão, merece ser amada.

— Vou subir e me sentar um pouco no convés. Tudo bem se eu deixar Maudie com você?

Avice ergueu os olhos para Margaret, que estava na porta, segurando sua carta finalizada. Ela teve a impressão de que a pele ao redor dos olhos da amiga estava um pouco vermelha. No entanto, pensou, com aquele vestido azul horrível que não tirava havia dez dias e os tornozelos inchados, seus olhos deviam ser a menor de suas preocupações.

— Claro.

— Não deve estar tão desagradável lá em cima, agora que o calor diminuiu um pouco.

Avice assentiu e, assim que a porta se fechou depois que Margaret saiu, recomeçou a escrever.

É muito estranho, e talvez você até ache uma bobagem, mas quer saber de uma coisa, Ian? Eu estava muito nervosa para te contar. Sei que você não é um grande fã de surpresas, mas esta é muito especial, não acha? É claro que seria ótimo termos um pouco de tempo só para nós dois, mas quando o bebê nascer, podemos contratar uma babá e retomar a vida que tínhamos na Austrália, com a única diferença de que teremos um bebê para amar também. Sei que alguns homens reclamam da falta de atenção da esposa quando os filhos nascem, mas posso garantir, meu amor, que NÃO SOU UMA DESSAS. Nenhum bebê vai ficar entre nós. Você ocupa a maior parte do meu coração, e vai continuar sendo assim. O importante é estarmos juntos. Foi isso que você sempre me disse. Carrego estas palavras no coração todos os minutos dos meus dias. O importante é estarmos juntos.

Ela se deitou no beliche, ouvindo o barulho distante dos motores do navio, o aviso esporádico dado pelo rádio, as vozes estridentes das outras mulheres praticando alguma atividade. Segurou o envelope fechado no peito e se deixou levar pelas lembranças.

* * *

Em circunstâncias normais, eles precisariam deixar o quarto às onze horas, mas era tempo de guerra e, do jeito que as coisas estavam, ela sabia que seria pouco provável que a camareira os perturbasse, mesmo já sendo duas e quinze da tarde. O hotel Melbourne Flower Garden, como muitos estabelecimentos, ultimamente dava uma incrementada nos negócios permitindo o que era conhecido como "saída tardia". Tão tardia, na verdade, que, com frequência, os casais nem se preocupavam em ficar mais uma noite no hotel. Era bem possível que muitos não fossem casados, pois por qual outro motivo precisariam de um quarto de hotel? As explicações de que as "esposas" iam à cidade, especialmente para recepcionar os maridos quando os navios chegavam, pareciam pouco convincentes até para os mais ingênuos. Mas com tantos soldados na cidade, e com a situação difícil que enfrentavam, o proprietário do hotel tinha sido esperto o suficiente para agir de forma mais flexível e fechar os olhos para certas coisas, de modo que os dólares continuassem movimentando seu negócio.

Avice calculou o tempo que ainda restava antes que eles tivessem que se levantar e voltar para casa. Se saíssem na próxima hora, talvez pudessem passar no zoológico, e assim ela não precisaria mentir sobre onde estiveram. Sua mãe seria capaz de perguntar algum detalhe específico sobre o tigre-de-sumatra ou algo assim.

Ian estava cochilando, e seu braço pesado a prendia na cama. Ele abriu um olho.

— No que está pensando?

Ela virou a cabeça devagar até os rostos dos dois ficarem a apenas poucos centímetros de distância.

— Estou pensando que talvez não devêssemos ter feito isto antes do casamento.

— Não diga uma coisa dessas, linda. Eu não conseguiria esperar tanto tempo.

— Teria sido muito difícil?

— Meu amor, você sabe que só consegui uma licença de quarenta e oito horas. Não foi muito mais divertido do que escolher flores, damas de honra e não sei mais o quê?

Avice pensou que teria gostado de escolher flores e damas de honra, mas, como não queria estragar aquele momento, deu apenas um sorriso enigmático.

— Nossa, amo você.

Ela sentia as palavras de Ian na própria pele, como se ele estivesse lhe passando minúsculas partículas de si mesmo, inclusive pela respiração. Avice fechou os olhos para saboreá-las melhor.

— Também amo você, querido.

— Não está arrependida? — perguntou ele.

— De me casar com você?

Ela arregalou os olhos.

— De ter feito… você sabe. Não machuquei você?

Tinha machucado, um pouco, sim, se era para falar a verdade. Mas nada que a fizesse ter vontade de parar. Ela corou, chocada com as coisas que acabara fazendo e com a facilidade com que se entregara a ele. Ela sempre soube, pelo que sua mãe lhe dizia, que aquilo era algo que ela precisaria aguentar. A Fera Adormecida, nas palavras da mãe.

"É melhor deixar isso de lado pelo máximo de tempo possível", aconselhara ela com prudência.

— Você não tem uma ideia errada de mim por… — murmurou ela — …por ter deixado você… — Engoliu em seco. — Quer dizer, acho que eu não deveria ter gostado tanto…

— Ah, minha querida, não! Meu Deus, não, achei maravilhoso você ter gostado. Na verdade, esta é uma das coisas que amo em você, Avice. — Ian a abraçou e murmurou em seu cabelo: — Você é uma mulher sensual. Tem o espírito livre. Não é como as inglesas.

O espírito livre. Ela acreditou nessa nova versão de si mesma, descrita por Ian. Um pouco mais cedo, quando estava nua e envergonhada na frente dele, recebera o elogio que era uma deusa, a pessoa mais encantadora que ele já vira, e mais alguma coisa que a fizera corar. Diante dos olhos do amado, que brilhavam de admiração por ela, Avice decidira fazer uma pose ainda mais encantadora, mais parecida com a de uma deusa, mas, na verdade, ela só tentara pegar seu robe.

Isto deve significar que ele é o homem certo para mim, pensou ela. Ele quer que eu me sinta melhor do que sou.

Na rua, o trânsito estava cada vez mais pesado. Pela janela aberta, ouviram a porta de um carro bater e um homem gritar várias vezes "Davy, Davy", sem que, aparentemente, alguém ouvisse.

Ela conseguiu soltar as pernas e deslizou o corpo para se apoiar no de Ian. Ainda ficava um pouco chocada ao sentir a pele nua dele na sua.

— Então… você me ama de verdade? De verdade mesmo? — perguntou.

Ele sorriu para ela. Seu cabelo emaranhado se espalhava no travesseiro. Ela se deu conta de que nunca tinha visto um homem tão bonito em toda a sua vida.

— Ainda tem alguma dúvida?

— E nunca faço nada que te deixa chateado ou irritado?

— Nunca — respondeu ele, esticando o braço para pegar um cigarro na mesa de cabeceira. — Isso é impossível.

— E você quer ficar comigo para sempre?

— Mais do que isso. Para toda a eternidade.

Ela respirou fundo.

— Então vou contar uma coisa, mas você não pode ficar bravo comigo.

Ele puxou um cigarro do maço com seus dentes brancos perfeitos e ficou em silêncio. Usou o braço que estava em volta do pescoço de Avice para proteger a chama do fósforo.

— O que é? — perguntou.

Uma suave fumaça azul subiu pelo ar parado ao lado da cabeça de Avice.

— Vamos nos casar.

Ele a encarou por um instante, depois franziu a testa e ergueu os olhos.

— Claro que vamos nos casar, minha patinha.

— Amanhã.

Ela não gostava de lembrar o que acontecera depois. O modo que a expressão de Ian endureceu e seus olhos perderam o afeto. Como a Besta Adormecida de repente ficou ainda mais adormecida.

— O quê?

— Já marquei. Com o juiz de paz. Vamos nos casar amanhã. No cartório de registro civil da Collins Street. Papai, mamãe e Deanna vão e os Henderson aceitaram ser nossas testemunhas. — Como ele não disse nada, ela prosseguiu: — Ah, meu amor, não fique zangado comigo. Eu não suportava a ideia de você ir embora de novo e continuarmos apenas noivos. Como sei que me ama e também te amo, e a única coisa que queremos é ficar juntos, achei que não havia motivo para esperarmos meses e mais meses. E você mesmo garantiu que conseguiria uma licença com seu comandante.

Ian se sentou tão bruscamente que Avice caiu de cabeça no travesseiro. Depois ela se ergueu e se recostou na cabeceira da cama, o lençol cobrindo o peito.

Ian então se inclinou para a frente, ficando de costas para ela. Talvez fosse só sua imaginação, mas Avice percebeu uma assustadora determinação em como ele fumava o cigarro.

— Não, querido — disse ela em tom de brincadeira —, você não vai ficar aborrecido. Não vou aceitar isto.

Ele não se mexeu.

Ela esperou uma eternidade e acabou se deitando de novo. Sua evidente expressão de descontentamento foi desaparecendo aos poucos. Por fim, quando já não aguentava mais, encostou nele. Sob seus dedos, a pele de Ian a fez se lembrar do que aconteceu poucas horas antes.

— Está mesmo chateado comigo?

Ele continuou em silêncio. Apagou o cigarro e se virou para ela, passando a mão no cabelo.

— Não gosto quando você organiza as coisas pelas minhas costas, principalmente algo tão… tão importante quanto isso.

Ela deixou o lençol cair, se aproximou dele e abraçou seu pescoço.

— Desculpe, meu amor — sussurrou Avice, mordiscando a orelha dele. — Achei que você ia ficar feliz.

Isso não era totalmente verdade: desde o agendamento no cartório, ela sabia que o nervosismo e o frio na barriga não eram só pela expectativa do casamento.

— Afinal de contas, é responsabilidade do homem organizar essas coisas. Você me faz sentir… Não sei, Avice. Quem é o homem aqui?

Seu rosto estava sombrio.

— Você! — respondeu ela.

O resto do lençol escorregou do seu corpo e ela passou uma perna por cima dele.

— Não é uma brincadeira, é? Está tudo organizado mesmo? Convidados e todo o resto?

Ela afastou os lábios do pescoço dele.

— Só está combinado com os Henderson. Além da família, é claro. Não é como se eu tivesse organizado uma grande cerimônia sem você saber.

Ele tapou o rosto com a mão.

— Não acredito que fez isso.

— Ah, Ian, querido, por favor, não…

— Não acredito que você…

— Você ainda me quer, não é, amor? — Sua voz, trêmula e com um tom de súplica, sugeria mais dúvidas do que Avice realmente tinha.

Nunca passara pela sua cabeça que Ian pudesse mudar de ideia.

— Você sabe que quero… Mas…

— Você quer ter certeza de que é o chefe da família. Claro que é! Você sabe que te considero supimpa! E se houvéssemos tido mais tempo, eu teria esperado o que fosse preciso. Ah, Ian, não fique bravo, querido, por favor. É só porque eu estava louca para me tornar a Sra. Radley.

Ela roçou o nariz no dele e arregalou os olhos azuis na esperança de convencê-lo.

— Ah, Ian, meu amor, amo tanto você.

No início ele não dissera nada, apenas se submetera aos seus beijos, aos seus murmúrios suplicantes, à suave exploração das suas mãos. Depois, pouco a pouco, ela sentiu que ele foi relaxando.

— Só fiz isso porque amo você, querido — sussurrou ela.

Ele reagia aos seus gestos, ela se entregava devagar e sentia que o toque dos corpos revigorava Ian, e enquanto a Besta Adormecida acordava, uma pequena parte dela ficava feliz ao pensar que, por mais difíceis que as coisas às vezes pudessem ser, com inteligência, charme e um pouco de sorte, Avice Pritchard costumava fazer tudo do seu jeito.

* * *

Ele parecera um pouco estranho durante o casamento. Avice sabia que sua mãe tinha reparado nisso. Parecera distraído, se fingindo de surdo quando lhe convinha, havia até roído as unhas (um hábito inadequado para um homem adulto). Considerando que havia apenas oito pessoas, e ele era um oficial da Marinha, ela tinha considerado seu nervosismo um pouco excessivo.

— Não seja boba — dissera o pai dela. — É de se esperar que todo noivo pareça um homem condenado.

A mãe lhe dera um tapa de brincadeira e tentara dar um sorriso tranquilizador.

Deanna ficara de mau humor durante toda a cerimônia. Vestira um conjunto em um tom tão escuro de azul que podia ser considerado preto. Avice reclamara disso com a mãe, que lhe pedira para não criar confusão.

— Para a sua irmã é muito difícil ver você se casando primeiro — sussurrara ela. — Você entende.

Avice entendia. E muito bem.

— Ainda me ama? — perguntara ela para Ian mais tarde.

Seus pais tinham pagado o jantar e uma diária no hotel Melbourne Grand para todos os convidados. A mãe dela havia chorado na mesa. Depois, no momento em que ela e Ian se preparavam para subir para o quarto, ela a chamara num canto para dizer que *aquilo*, no fim das contas, não era tão ruim, e que talvez ajudasse tomar um ou dois drinques antes. Avice tinha sorrido… e o sorriso tranquilizara a mãe e irritara a irmã. Para Deanna, aquele sorriso queria dizer: "Vou fazer Aquilo. Serei mulher antes de você." Ela até ficara tentada a contar para a irmã que já tinha feito "aquilo" na noite anterior, mas do jeito que Deanna andava nos últimos tempos, era bem possível que fosse correndo contar para a mãe, que não merecia ouvir isso.

— Ian, você ainda me ama, agora que sou só a maçante Sra. Radley?

Tinham acabado de chegar ao quarto. Ele fechou a porta depois que ela entrou, tomou mais um gole de conhaque e desfez o nó da gravata.

— Amo, sim.

Ian parecia ser ele mesmo de novo. Abraçou Avice e deslizou a mão quente até o alto da sua coxa.

— Sou louco por você, querida.

— Estou perdoada?

Ele já estava com a atenção voltada para outro lugar.

— É claro. — Levou os lábios até o pescoço de Avice e mordeu de leve. — É como eu disse. Só não gosto de surpresas.

* * *

— Acho que tem uma tempestade vindo — disse Jones, o galês, conferindo o barômetro ao lado da porta, depois acendeu mais um cigarro e pareceu estremecer. — Sinto dentro de mim. Com uma pressão dessas, o céu vai acabar explodindo, não acha?

— O que você acha que tivemos hoje de manhã? Uma garoa?

— Você chama aquilo de tempestade? Não passou de uma chuva para molhar bobo. Estou falando em tempestade de verdade, amigos. Tempestade como só uma mulher irritada consegue provocar. Do tipo que deixa o cabelo arrepiado, chicoteia suas costelas e estraga sua calça antes que você consiga dizer: "Calma, querida, só chamei você pelo nome da outra de brincadeira."

Muitas risadas vieram das redes espalhadas pelo alojamento. Nicol, deitado na sua, interpretou isso como um presságio sinistro do céu que ficava cada vez mais fechado. Jones tinha razão. Uma tempestade se aproximava. Ele estava tenso, inquieto, assim como ficava quando bebia muitas xícaras de café árabe. No mínimo, disse para si mesmo, esse nervosismo era por causa da tempestade se aproximando.

Nicol relembrou aquele rosto pálido, iluminado pelo luar. Não havia nenhum convite no seu olhar, nenhuma insinuação. Ela não era o tipo de mulher que considerava o flerte uma compensação do casamento. Mas havia algo em seu olhar. Algo que o levava a acreditar que existia um acordo entre eles. Uma conexão. Ela *conhecia* ele. Era a sensação que tinha.

— Ah, pelo amor de Deus — disse ele, bem alto, jogando as pernas para fora da rede.

Nicol não tivera a intenção de falar em voz alta e, quando seus pés tocaram o chão, ficou constrangido.

— Qual é o problema, Nicol, meu amor? — perguntou Jones, o galês, largando sua carta. — Alguém apertou demais seu espartilho? Não tem conseguido pegar muita gente praticando infração ultimamente?

O fuzileiro fechou os olhos. Estavam irritados, cheios de areia. Apesar da exaustão, ele não conseguia dormir. Às vezes, o sono o perseguia durante o dia, e ele quase se rendia, mas quando relaxava, a vontade de dormir sumia e ele ficava apenas com aquela imagem sob as pálpebras. E uma ansiedade na alma. Como posso pensar assim?, perguntava-se ele. Logo eu.

— Dor de cabeça — respondeu, esfregando a testa. — Como você disse, é a pressão.

Ele se convencera de que era incapaz de ter sentimentos. Tinha ficado tão abalado com os horrores da guerra, com a perda de tantas pessoas à sua volta que, como tantos homens, se fechara. Agora, forçado a examinar com sinceridade seu comportamento, achava que talvez nunca tivesse amado a esposa, que talvez tivesse se deixado levar pela expectativa, pela ideia de que devia se casar. Ele se sentira obrigado, depois de ela revelar a consequência do que haviam feito. A pessoa se casa, tem filhos, envelhece. Então a esposa começa a reclamar da falta de atenção, você se torna amargo e introvertido pelos sonhos perdidos, os filhos crescem e vão

embora, prometendo a si mesmos não cometer os mesmos erros. Não havia espaço para desejar outras coisas, para alternativas. Você foi em frente com o que tinha. Talvez, ele pensava durante os piores momentos, relutasse em admitir que a guerra o libertara de tudo aquilo.

— Sabe, Nic, os fornalheiros estão falando em dar uma festa esta noite. Agora que está tudo calmo de novo. — Ele bateu na parede ao seu lado. — Devo dizer que seria realmente uma pena se todos esses talentos femininos perdessem a chance de aproveitar um pouco da boa e velha hospitalidade naval. Pensei em dar uma passada mais tarde.

Nicol pegou uma bota e começou a lustrá-la.

— Você é um cachorro — disse.

Jones, o galês, começou a latir de brincadeira.

— Ah, o que há de mal nisso? As que não quiserem provar um pouco do molho galês só podem estar muito apaixonadas por seus maridos. O que é ótimo. As que acham que a brisa do mar abriu… — ele ergueu uma sobrancelha — …o apetite talvez não consigam esperar até o fim da viagem.

— Você não pode fazer uma coisa dessas, Jones. São todas casadas, pelo amor de Deus.

— Tenho certeza de que algumas já estão menos casadas do que no início da viagem. Você ouviu falar sobre o que aconteceu no convés B, não é? E eu estava de guarda no turno intermediário na área externa do convés 6E ontem à noite. Aquela loura é uma ameaça. Não me deixou em paz. Entrava e saía, entrava e saía… "Ah, vou dar um pulinho no banheiro", dizia ela, com o robe quase aberto. Para mim, os homens são as verdadeiras vítimas nessa história.

Ele piscou várias vezes.

Nicol voltou a lustrar as botas.

— Ah, não me venha com essa, Nicol! Não venha para cima de nós com discurso de homem casado querendo nos julgar. Só porque você é

feliz vivendo de acordo com as regras não significa que os outros não possam se divertir um pouco.

— Acho que vocês deviam deixá-las em paz — retrucou ele, tapando os ouvidos para não escutar a vaia que acompanhou suas palavras.

Havia uma crescente falta de respeito pelas mulheres, mesmo entre os homens que ele considerava pessoas de bem, e isso o incomodava.

— Além do mais, acho que *você* devia se animar um pouco. Nosso amigo Lidders também vai estar lá, não é, meu chapa? Brent e Farthing também. Venha com a gente, assim poderá ver que nos comportamos.

— Estou de serviço.

— Claro que está. Fica sempre encostado na porta daquele quarto ouvindo os suspiros saudosos das mulheres. — Ele riu e se sentou na rede. — Ah, vamos, Nicol. Os fuzileiros também têm direito a um pouco de diversão. Olhe… digamos que você deve considerar isso um serviço que prestamos a elas. O entretenimento das esposas do Império Britânico. Para o bem da nação.

Com uma continência exagerada, Jones voltou a se deitar na rede. Antes que Nicol tivesse tempo de elaborar uma reposta adequada, o colega já estava dormindo, com um cigarro Senior Service aceso entre os dedos.

* * *

Os homens estavam lutando boxe no convés de voo. Alguém tinha montado um ringue onde antes ficavam os aviões Corsair, e ali dentro Dennis Tims acertava vários golpes em um marinheiro que reagia com xingamentos abomináveis. Seu peito nu era um impressionante bloco de músculos vigorosos, e ele se movimentava no ringue sem a menor graciosidade ou ritmo. Parecia um autômato, uma máquina de destruição. Seus punhos desferiram golpes impiedosos até que o pobre marinheiro, que tentava se defender de qualquer jeito, sucumbiu e foi retirado por

entre as cordas e arrastado, inconsciente, para longe. As lutas tinham quatro rounds, e ficava sempre tão óbvio que ele seria o vencedor que os homens e as mulheres ali reunidos não conseguiam ficar entusiasmados e aplaudir.

Frances, que achava difícil assistir às lutas, ficou de costas para o ringue. A visão de Tims golpeando o adversário era uma lembrança muito vívida da noite do "incidente" de Jean. Havia algo na potência dos seus golpes e na contração do seu maxilar quando ele atacava o rosto pálido à sua frente, que a deixava com frio, mesmo com o calor que fazia. Ela havia pensado, quando se sentou com Jean, que talvez fosse melhor se afastarem um pouco para o bem da menina mais nova. Mas o pouco interesse de Jean na luta deixava claro que ela devia estar bêbada demais naquela noite para saber o que Tims tinha visto e ainda o que algum outro homem havia feito.

— Espero que não fiquem muito exaltados e não incomodem — disse Jean, se encolhendo para conseguir se acomodar ao lado de Margaret. Ela parecia ter dificuldade para ficar quieta: passara a última hora andando de um lado para outro no espaço entre o ringue e as espreguiçadeiras. — Ouviu o que disseram? A água vai acabar.

Margaret olhou para ela.

— O quê?

— Não a água para beber, é a bomba que não está funcionando direito e nos proibiram de lavar qualquer coisa… cabelo, roupa, o que for… até que consertem. Só em caso de emergência. Já imaginou? Com este tempo? — Ela se abanou com a mão. — Posso garantir que há um grande tumulto nos banheiros. A tal da Irene Carter pode até se achar uma dama corretíssima, mas você precisava ouvir o linguajar dela quando parou de cair água do chuveiro. Até Dennis teria ficado vermelho.

Fazia uma semana ou pouco mais que Jean havia recuperado o bom humor, tanto que suas conversas intermináveis e quase sempre

inconsequentes tinham recomeçado.

— Você sabia que Avice vai disputar com Irene o concurso de Rainha do *Victoria*? Hoje à tarde vão escolher a *Miss Pernas Mais Bonitas*. Avice desceu até o depósito de malas e convenceu a oficial a deixá-la pegar seu melhor par de sapatos, de cetim verde-escuro e com salto de dez centímetros, para combinar com o maiô.

— Nossa!

Tims desferiu um *uppercut* seguido de um gancho com a esquerda. Depois outro. E mais um.

— Está tudo bem, Maggie?

Enquanto trocava um breve olhar com Jean, Frances entregou a Margaret o sorvete que estava lhe oferecendo há vários segundos e ela não notara.

— Não é nada com o bebê, espero.

— Não, está tudo bem. De verdade — respondeu Margaret, se virando para elas, mas evitando encará-las.

— Ah, Dennis voltou para o ringue. Vou ver se alguém quer apostar comigo. Não imagino que alguém queira apostar contra ele. Não se ele continuar nesse ritmo — disse Jean, levantando-se, depois alisou a saia e pulou por cima dos outros espectadores.

Margaret e Frances continuaram tomando os sorvetes em silêncio. Ao longe, um petroleiro cruzava o horizonte. Elas o acompanharam com o olhar até desaparecer.

— O que é isso?

Margaret olhou para a carta na sua mão e percebeu que o nome do destinatário estava à mostra.

Frances não disse nada, mas havia uma interrogação em seu olhar.

— Você… pretendia jogá-la na água?

Margaret contemplou o mar turquesa.

— Seria… uma coisa boa a fazer. Uma vez, tive um paciente que perdeu sua noiva quando jogaram uma bomba na Alemanha. Ele escreveu para ela uma carta de despedida, depois a colocamos numa garrafa e jogamos pela amurada do navio de assistência hospitalar.

— Eu pretendia mandar pelo correio — disse Margaret.

Frances olhou de novo para o envelope para confirmar que havia lido certo o nome. Depois, perplexa, se virou para Margaret. Atrás dela, as vozes ficaram mais altas, talvez em protesto por algo que acontecera no ringue, mas ela não tirou os olhos da amiga ao seu lado.

— Eu menti — confessou Margaret. — Disse que ela estava morta, mas não está. Ela nos abandonou. Foi embora há quase dois anos e meio.

— Sua mãe?

— Sim. — Ela balançou a carta. — Não sei por que eu trouxe isso para cá.

Então Margaret começou a falar, primeiro em voz baixa, depois mais alto, como se não se preocupasse se mais alguém iria ouvir.

Tinha sido um choque, para dizer o mínimo. Um dia, ao voltarem para casa, eles encontraram o jantar pronto no fogão, as camisas impecavelmente passadas e penduradas, o chão lavado e encerado. E também um bilhete. Ela não aguentava mais, escrevera. Tinha esperado os irmãos de Margaret voltarem da guerra e Daniel completar quatorze anos e se tornar um homem, considerando assim sua missão cumprida. Ela amava toda a família, mas queria aproveitar um pouco a vida, enquanto ainda lhe restava algum tempo. Esperava que entendessem, mas imaginava que não seria fácil.

Ela pedira para Fred Bridgeman levá-la até a estação e então foi embora, carregando apenas uma mala com roupas, quarenta e dois dólares das suas economias, e duas belas fotos dos filhos, que costumavam ficar na sala.

— O Sr. Leader, do guichê da estação, nos disse que ela pegou o trem para Sydney. De lá, pode ter ido para qualquer lugar. A gente achava que ela ia voltar depois de algum tempo. Mas isso nunca aconteceu. Daniel foi quem ficou mais abalado.

Frances segurou a mão de Margaret.

— Mais tarde, imaginei que poderíamos ter notado algum sinal. Mas a gente não presta atenção, não é? As mães são assim, estão sempre exaustas, irritadas. Gritam muito e depois se desculpam. Têm dor de cabeça. Para nós, parecia que ela era parte da mobília.

— Você tem notícias dela?

— Ela escreveu algumas vezes, e meu pai respondeu implorando que voltasse, mas quando viu que não adiantava, parou de escrever. Pensando bem, depois de muito pouco tempo. Ele não suportava pensar que ela não o amava mais. Depois que aceitaram que ela não voltaria, meus irmãos também pararam de escrever. Então… ele… eles… simplesmente passaram a se comportar como se ela tivesse morrido. Era mais fácil do que admitir a verdade. — Margaret fez uma pausa. — Ela só mandou uma carta este ano. Talvez eu seja a lembrança de algo que ela quer esquecer, de uma culpa que não quer sentir. Às vezes, acho que a coisa mais generosa que eu podia fazer seria esquecê-la de vez.

Ela girou o envelope na mão que estava livre.

— Tenho certeza de que ela nunca quis fazer você sofrer — disse Frances, baixinho.

— Mas faz. O tempo todo.

— Você pode entrar em contato com ela. Quer dizer, quando ela souber onde você está, não é mesmo? Talvez ela escreva mais vezes.

— Não são só as cartas.

Margaret jogou o envelope no chão do convés.

Frances resistiu à vontade de segurá-lo, pois não queria que um vento forte o levasse.

— É tudo. É ela… ela e eu.

— Mas ela disse que ama você.

— Você não entende. Sou filha dela, não é?

— Sim… mas…

— Então, o que posso esperar sentir, se a maternidade é tão ruim que minha mãe sempre quis fugir? — Margaret esfregou os olhos com os dedos inchados. — O que fazer, Frances, o que fazer se quando ele nascer… quando este bebê finalmente chegar… eu sentir a mesma coisa?

* * *

O tempo tinha piorado quando eram quase quatro e meia da tarde, assim que as lutas de boxe acabaram… ou que Tims ficou entediado: era difícil dizer qual das opções era a verdadeira. As primeiras grandes gotas de chuva caíram com força no convés, e as mulheres desapareceram no mesmo instante, gritando e se protegendo sob seus chapéus ou revistas dobradas. Depois de guardarem depressa seus pertences nas bolsas, saíram em disparada, feito formigas, para os conveses inferiores.

Margaret tinha corrido para a cabine para conferir se a cachorrinha continuava lá. Frances e Jean foram para o refeitório do convés, de onde ficaram observando a chuva escorrer pelas janelas cheias de sal e se infiltrar nas vigas enferrujadas. Poucas mulheres tinham preferido continuar no convés, mesmo sob o relativo abrigo do refeitório: uma tempestade no mar era bem diferente de uma em terra firme. Com uma visibilidade de trezentos e sessenta graus e sem nada entre a vida humana e a imensidão cinza do mar revolto, com implacáveis e ameaçadoras nuvens vindo do sul, qualquer um se sentia desprotegido.

Margaret parecera um pouco melhor depois de ter desabafado. Ela havia chorado um pouco e colocado a culpa no bebê, mas depois, sorridente, se desculpara várias vezes. Frances se sentira impotente. Ela

gostaria de ter contado um pouco sobre a sua família, mas isso a teria obrigado a explicar alguns detalhes que não estava preparada para contar, nem mesmo para Margaret. A amizade com as outras meninas se tornara algo muito importante para ela, o que a deixava vulnerável. Mas também lhe dava um pressentimento ruim. Ela brincou com a colher de metal na xícara vazia, enquanto ouvia o navio rangendo e as chapas de aço batendo umas nas outras como falhas sísmicas antes de um terremoto. Do lado de fora, as amarras batiam, inconsoláveis, e a chuva corria como um rio pelo convés.

Onde será que ele está agora?, perguntou-se ela. Dormindo? Sonhando com os filhos? Com a esposa? Do mesmo modo que a amizade de Margaret trouxera novas emoções à sua vida, os pensamentos sobre a família do fuzileiro provocavam nela um sentimento que a enchia de vergonha.

Ela tinha ciúmes. A primeira vez que sentiu isso foi na noite em que Margaret falou com Joe pelo rádio. A conversa dos dois, o rosto iluminado de Margaret diante da perspectiva de poder falar um pouco com o marido, fizeram Frances perceber o grande vazio que havia na sua vida. Ela sentira uma tristeza que nem a visão do oceano conseguia amenizar. Agora, a sensação de perda era acentuada ao imaginar o fuzileiro e sua família. No início, ela o considerara um amigo, uma alma gêmea. Muito mais do que poderia esperar de um homem. Agora, essa sensação se misturava a outra, que ela não conseguia identificar, uma incômoda impressão de separação.

Ela pensou no marido, "Chalkie" Mackenzie. O que sentira por ele quando o conhecera tinha sido bem diferente. Largou a colher e se forçou a olhar para as outras mulheres. Não vou fazer uma coisa dessas, prometeu a si mesma. Não faz sentido almejar o que não se pode ter, o que nunca foi capaz de conseguir. Obrigou-se a pensar no início da viagem, quando a simples perspectiva da travessia era suficiente. Ela estava feliz naquela época, não estava?

— O cozinheiro disse que não vai ser uma tempestade muito forte — informou Jean ao voltar para a mesa com duas xícaras de chá. Parecia quase decepcionada. — Pelo visto, não deve ficar pior do que está. Que pena. Não me incomodei com todo aquele balanço quando atravessamos a baía. Pelo menos depois que parei de vomitar até a alma. De qualquer jeito, ele disse que é provável que o tempo esteja ruim quando chegarmos ao outro lado do Canal de Suez.

Frances começava a se acostumar com esse entusiasmo perverso de Jean.

— Não deve ter muitas outras passageiras rezando por mau tempo.

— Eu estou. Quero uma tempestade como nunca se viu. Uma que eu possa contar para Stan. Bem, sei que não vamos sentir muito em um navio grande como este, mas gostaria de me sentar aqui e apreciar o espetáculo. Ter um pouco de emoção, sabe? Como no cinema, só que real. Na minha opinião, está ficando tudo muito chato por aqui.

Frances olhou pela janela. Ao longe, relâmpagos iluminavam o céu. A chuva estava mais pesada e martelava o teto metálico com tanta força que as mulheres precisavam erguer a voz para serem ouvidas. Do outro lado do refeitório, várias delas apontavam na direção do horizonte distante.

— Ah, vamos, Frances. Você também gosta de um pouco de emoção, não é? Olhe só aquele raio! E você ainda diz que isso não te deixa… você sabe. — Jean se remexeu no banco. — Olhe!

Apenas por um instante, Frances se permitiu ver a tempestade do mesmo modo que Jean. Deixou que a energia da natureza a invadisse, a iluminasse, devolvesse seu entusiasmo. Mas os hábitos adquiridos ao longo dos anos eram muito fortes, e quando ela se virou para Jean, sua expressão estava mais uma vez tranquila e calculada.

— É melhor você ter cuidado com o que deseja — disse ela.

Mas Jean continuou com os olhos fixos na tempestade ao longe.

* * *

Elas estavam de saída, paradas lado a lado na porta do refeitório, esperando apenas que a chuva diminuísse um pouco para correr até a escotilha que levava às cabines do convés inferior, quando o marinheiro chegou. Encharcado depois do pequeno percurso no convés, ele empurrou a porta, trazendo consigo uma lufada de ar fresco e úmido.

— Estou procurando Jean Castleforth — disse ele, lendo um pedaço de papel. Sua voz tinha um tom severo.

— Sou eu. — Jean segurou o braço do homem. — Por quê?

O rosto do marinheiro estava impassível.

— A senhora foi chamada ao escritório do comandante.

Então, como Jean não se mexeu e continuou séria, ele se dirigiu a Frances, como se a outra jovem não estivesse mais ali:

— É uma das garotas mais novas, não é? Disseram que seria melhor alguém acompanhá-la.

Essas palavras impediram quaisquer outras perguntas. Ele as conduziu pelo que mais tarde Frances considerou ter sido o mais longo pequeno percurso da sua vida. Sem se preocupar com a chuva, atravessaram depressa o convés do hangar, passaram pelo depósito de munição e subiram a escada até chegar a uma porta. O marinheiro bateu com força. Quando ouviu "Entre", abriu a porta e recuou, com o braço estendido, para que elas passassem. Em algum momento durante a caminhada, Jean pegara a mão de Frances e a segurava com força.

A sala, com janelas em três lados, era muito mais clara do que o corredor estreito, o que fez elas piscarem várias vezes. As silhuetas de três pessoas se destacavam em uma das janelas, e duas estavam de frente para elas. Distraidamente, Frances reparou que ali tinha um carpete no chão, ao contrário do resto do navio.

Um pouco inquieta, viu que o capelão também estava presente. Depois reconheceu a oficial que estivera com elas naquela noite na casa de máquinas. A temperatura parecia ter caído e ela ficou arrepiada.

Os olhos de Jean percorreram os rostos sombrios à sua frente. Seu corpo inteiro tremia.

— Aconteceu alguma coisa com ele, é isso? Ai, meu Deus, vocês querem me contar que aconteceu alguma coisa com ele. Ele está bem? Digam, ele está bem?

O comandante trocou um rápido olhar com o capelão, se aproximou e entregou um telegrama a Jean.

— Sinto muito, minha querida — disse ele.

Jean pegou o telegrama e ergueu os olhos para o comandante.

— M…H… Isto é um H? — Ela traçou as letras com o dedo. — A? Pode ler para mim?

Empurrou o telegrama para Frances. Sua mão tremia tanto que era possível ouvir o som do papel balançando.

Frances o pegou com a mão esquerda e continuou segurando a de Jean com a direita. A jovem a apertava com tanta força que o sangue ficou concentrado na ponta dos seus dedos.

Ela deu uma olhada no conteúdo do telegrama um segundo antes de lê-lo em voz alta. As palavras saíram da sua boca tão pesadas quanto pedras.

— Fui informado sobre o seu comportamento a bordo. Não há futuro para nós. — Ela engoliu em seco. — Você não é bem-vinda, não venha.

Jean olhou para o telegrama, depois para Frances.

— O quê? — perguntou, no silêncio da sala. Depois pediu: — Leia de novo.

Frances queria que a repetição daquelas palavras pudesse de algum modo atenuar seu impacto.

— Não estou entendendo — disse Jean.

— As notícias correm pelos navios — explicou a oficial, em voz baixa. — Alguém deve ter contado para o pessoal de outra embarcação quando atracamos no Ceilão.

— Mas ninguém sabia. Só vocês…

— Quando falamos com os superiores do seu marido para averiguar a autenticidade do telegrama, disseram que ele ficou muito perturbado com a notícia da sua gravidez. — Ela fez uma pausa. — Parece que, de acordo com as datas que você informou, ele acha que é impossível ser o pai.

Frances achou que a mulher falou com muita crueldade, como se estivesse feliz por encontrar mais um chicote para açoitar Jean. Como se o telegrama não bastasse para causar um grande estrago.

Jean estava muito pálida.

— Mas não estou grávida… Foi…

— Acredito que, dadas as circunstâncias, ele considere isso irrelevante.

— Nem tive a chance de explicar para ele. Preciso falar com meu marido. Ele entendeu tudo errado.

Frances deu um passo à frente.

— Não foi culpa dela. Podem acreditar. Foi um mal-entendido.

Pela expressão da oficial, ela devia ter escutado a mesma desculpa várias vezes. Os homens apenas pareciam constrangidos.

— Sinto muito — disse o comandante. — Falamos com a Cruz Vermelha e todas as providências serão tomadas para garantir seu retorno à Austrália. A senhora vai desembarcar em…

Jean, com os punhos cerrados e a ferocidade de um furacão, partiu para cima da oficial.

— Sua sirigaita! Sua sirigaita maldita! — Antes que Frances pudesse contê-la, ela já tinha desferido vários golpes na cabeça da mulher. — Sua puta velha vingativa! Só fez isso porque não arranja nenhum homem que te queira! — esbravejou. Parecia não perceber que homens tentavam puxá-la, que Frances suplicava para ela parar. — Nunca fiz nada errado! — gritou, as lágrimas escorrendo pelas bochechas, enquanto Frances e o capelão a continham com os rostos vermelhos pelo esforço. — Nunca fiz nada errado! Vocês precisam dizer isso para Stan!

O ar parecia ter sido sugado da sala. Até o comandante passava a impressão de estar chocado. Ele, inclusive, tinha recuado alguns passos.

— Devo levá-las de volta, comandante?

Frances viu que o marinheiro tinha entrado na sala. Jean havia se acalmado um pouco. O comandante assentiu.

— Sim, seria o melhor a fazer. Vou pedir para alguém falar com ela para acertar os… detalhes… mais tarde. Quando as coisas estiverem… mais tranquilas.

— Senhor — disse Frances, ofegante e envolvendo Jean, que tremia sem parar. — Com todo o respeito, o senhor prestou um enorme desserviço. — Balançou a cabeça, revoltada com a injustiça da situação. — Ela é quem foi a vítima nessa história.

— A senhora é enfermeira, e não advogada — retrucou a oficial, em tom ríspido e com a mão na cabeça machucada. — Eu vi. Ou se esqueceu disso?

Era tarde demais. Enquanto Frances conduzia Jean para fora do escritório do comandante, apoiada… ou talvez contida… do outro lado pelo marinheiro, ainda ouvia a oficial, apesar do choro da amiga.

— Não posso dizer que isso me surpreenda — dizia ela, com um tom de voz maldoso e tentando se justificar. — Já tinham me falado, antes da nossa partida. Prevenido, eu devia dizer. Essas australianas são todas iguais.

14

Se você receber os objetos pessoais de um parente ou amigo que faça parte das Forças Armadas, não significa que ele esteja morto ou desaparecido… Milhares de homens, antes de partir para além-mar, empacotaram a maior parte dos seus pertences e pediram que fossem mandados para casa. A recomendação oficial é: a entrega de pacotes não deve ser motivo de preocupação, a menos que uma informação também seja enviada por carta ou telegrama para um parente próximo, pelas vias oficiais.

DAILY MAIL, *SEGUNDA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1944*

VINTE E TRÊS DIAS

Jean foi retirada do navio durante uma breve e não programada escala em Cochin. Ninguém mais foi autorizado a desembarcar, mas várias companheiras de viagem a viram entrar no pequeno barco a motor. Recusando-se a olhar para elas, Jean foi levada até a costa, com uma oficial da Cruz Vermelha ao lado, sua mala e o baú equilibrados na extremidade oposta do barco. Ela não acenou.

Frances, que havia reconfortado Jean naquela primeira noite cheia de lágrimas e histeria, e depois se sentara com ela quando seu estado de espírito ficara ainda mais sombrio, tinha tentado sem sucesso encontrar um jeito de reverter a situação. Margaret chegara a pedir para falar com o comandante. Mais tarde contou que ele tinha sido muito gentil, porém, se o marido não a queria mais, não havia o que fazer. Não chegara a afirmar que "Ordens são ordens", mas foi o que deu a entender. Ela disse que teve vontade de torcer o pescoço daquela maldita oficial.

— Podíamos escrever para o marido dela — sugeriu Frances.

Mas havia coisa demais a explicar, e elas não conheciam todos os detalhes. Também não sabiam quanto da história poderiam contar.

Enquanto Jean dormia, Frances e Margaret tinham redigido uma carta que foi considerada sincera e diplomática. Iam mandá-la no próximo correio. As duas sabiam, embora nenhuma tivesse falado, que era pouco provável que a carta fizesse alguma diferença. Com a mão na testa para se proteger do sol, elas conseguiram distinguir o barco assim que parou junto ao cais. Viram dois sujeitos esperando, embaixo do que parecia ser um guarda-chuva. Um pegou a mala de Jean, o outro a ajudou a pisar em terra firme. Daquela distância, era impossível ver mais do que isso.

— Não foi culpa minha — disse Avice quando o silêncio se tornou opressivo. — Não precisam olhar para mim desse jeito.

Margaret secou os olhos e seguiu com passos pesados para dentro do navio.

— É triste demais! — exclamou.

Frances continuou calada.

* * *

Ela não era bonita, nem especialmente atraente. Mesmo assim, nos dias que se seguiram, o comandante Highfield não conseguiu tirar o rosto de Jean Castleforth da cabeça. A situação tinha sido tão desconfortável quanto as que ele enfrentara com prisioneiros de guerra: o desembarque, a entrega às autoridades. O olhar de raiva, de impotência, de desespero e, por fim, de resignação.

Ele perguntara várias vezes a si mesmo se havia feito a coisa certa. As jovens tinham sido incisivas e o tom de indignação contido na voz da enfermeira ainda o atormentava: "O senhor prestou um enorme desserviço." Por outro lado, o que mais ele poderia ter feito? A oficial

tinha certeza do que vira. Ele precisava confiar na sua equipe… a mesma que havia sido avisada que ele não toleraria aquele tipo de conduta. E, como dissera a oficial, se o marido não a queria mais, o problema não era deles.

Ainda assim, aqueles dois rostos… o da garota alta e magra, com sua acusação veemente, e o da mais nova, marcado por um profundo pesar… o levaram a se perguntar se não estavam exigindo demais daquelas mulheres. Viajar para tão longe com uma promessa baseada em tão pouco, enquanto lidavam com tanta tentação. Se é que tinha havido alguma tentação…

O desembarque de Jean, a segunda a ser retirada naquelas circunstâncias, tinha causado um clima de apreensão no navio. Ele percebia que as esposas estavam se sentindo mais inseguras do que nunca. Elas olhavam desconfiadas quando ele circulava pelos conveses durante as rondas e se agrupavam nas portas das cabines como se tivessem medo de que ele pudesse submetê-las ao mesmo destino. O capelão tentara tranquilizá-las durante o serviço religioso com algumas palavras cuidadosamente escolhidas, mas que só serviram para aumentar ainda mais a ansiedade do grupo. As oficiais, por sua vez, foram jogadas no ostracismo. As esposas, depois de ficarem sabendo do tratamento que Jean recebera, tinham decidido manifestar seu desprezo de diferentes maneiras, algumas mais verbalizadas do que outras, o que levou várias oficiais à sala do comandante aos prantos.

Algumas semanas antes, ele teria pedido para elas se controlarem. Mas agora sentia certa compaixão. Aquilo não era um mau comportamento: aquelas mulheres não estavam vivendo nenhuma grande aventura. Não tinham nenhum poder a bordo. E essa falta de poder causava emoções incomuns tanto em quem estava ali vivenciando o dia a dia quanto em quem era mero espectador.

Além disso, Highfield tinha outras coisas com as quais se preocupar. O navio sofrera diversos danos, como se tivesse sido avisado do destino que lhe era reservado. O leme parara de funcionar e, pela terceira vez em dez dias, o sistema precisou ser trocado com urgência para o de vapor. A água continuava escassa, e os engenheiros não conseguiam descobrir por que as bombas de dessalinização não paravam de dar problema. Estava previsto que o *Victoria* pegaria quatorze passageiros civis em Aden, inclusive o governador de Gibraltar e sua esposa, que tinham feito uma visita ao porto e depois voltariam para casa. O comandante não sabia como alimentar tanta gente. E ele estava tendo cada vez mais dificuldade de andar sem mancar. No dia anterior, Dobson perguntara em tom mordaz se estava tudo bem, e então o comandante apoiara o peso todo na perna machucada, que latejou tanto que ele precisou morder o interior da bochecha para se controlar. Ele havia considerado ir à enfermaria procurar algo que aliviasse a dor, afinal, estava com as chaves. Mas não tinha ideia de qual medicamento usar, e a possibilidade de piorar o problema lhe deu calafrios. Mais três semanas, pensou. Mais três semanas, se eu conseguir aguentar tudo isso.

Foi por esse motivo que decidiu manter o baile de pé. Um bom comandante fazia tudo que estivesse ao seu alcance para garantir a felicidade e o bem-estar dos passageiros. Um pouco de música, com algumas canções bem escolhidas, faria bem a todos. E ele, mais do que ninguém, compreendia a necessidade de se distrair um pouco.

* * *

Maude Gonne não estava bem. Talvez tivesse sido contagiada pelo clima triste da pequena cabine, que parecia vazia sem a presença irrequieta de Jean. Mas podia ser simplesmente o efeito de várias semanas de pouca comida e confinamento no calor. Ela quase não tinha apetite e andava

apática. Pouco se interessava pelas idas ao banheiro ou pelos breves passeios pelo convés tarde da noite. Não franzia mais o focinho para sentir o cheiro da brisa do mar quando as mulheres a levavam escondida debaixo da roupa. Perdera peso, e sua debilidade física era preocupante.

Sentada no seu beliche, Frances acariciava gentilmente a cabeça de Maude Gonne, que estava quase dormindo, com os olhos esbranquiçados quase fechados. Uma vez ou outra, talvez quando se lembrava da presença de Frances, abanava o rabo como se quisesse demonstrar gratidão. Era um amor de cadela.

Margaret se considerava culpada. Dissera a Frances que nunca devia ter trazido Maude. Devia ter pensado no calor, no confinamento constante, e deixado a cadela na única casa que ela conhecia, com os cachorros do seu pai e o interminável espaço verde onde era feliz. Frances achava que o remorso que Margaret remoía fosse o sintoma de uma inquietação subjacente: se ela não era capaz de cuidar de uma simples cachorrinha, como poderia…

— Vamos levá-la para um passeio lá em cima? — propôs Frances.

— O quê? — perguntou Margaret, remexendo-se no beliche.

— Podemos colocá-la na sua cesta e cobri-la com uma echarpe. Há uma torre de tiro um pouco mais afastada do banheiro, aonde ninguém vai. Por que não nos sentamos lá por um instante? Assim Maude vai poder respirar um pouco de ar fresco.

Ela percebeu que a ideia deixava Margaret nervosa, mas não lhe restavam muitas opções.

— Olhe, quer que eu leve? — perguntou Frances, notando a exaustão de Margaret. Fazia dias que o desconforto a impedia de dormir bem.

— Você faria isso? Nesse caso, eu poderia cochilar um pouco.

— Vou ficar lá fora com ela o máximo que puder.

Ela seguiu rapidamente na direção do convés C, sabendo que, se parecesse confiante no que fazia, era pouco provável que alguém a parasse.

Várias esposas estavam ocupadas com alguma tarefa no navio, fazendo trabalho administrativo, cozinhando. Algumas participavam do recém-criado Clube de Pintura, e uma mulher circulando por um convés antes considerado território exclusivo dos homens de serviço não era tão incomum quanto poderia ter sido duas semanas antes.

Ela abriu a pequena escotilha, baixou a cabeça e saiu, tomando o cuidado de deixá-la aberta. O dia estava ensolarado e o calor era forte, mas não opressivo. Uma brisa suave ergueu a echarpe de seda da cesta de Frances e, em seguida, um pequeno focinho preto apareceu e se franziu.

— Vamos, menina, aproveite — murmurou Frances. — Veja se ajuda.

Vários minutos depois, Maude Gonne tinha comido um biscoito e um restinho de bacon, os primeiros petiscos pelos quais demonstrava interesse em dois dias.

Frances ficou quase uma hora sentada com o cachorro no colo, observando as ondas se quebrando ao seu lado no casco do navio, ouvindo partes de conversas e risadas ocasionais que vinham do convés de voo acima, tudo pontuado pelos avisos estranhos transmitidos pelos alto-falantes. Mesmo que suas roupas, que não eram lavadas havia vários dias, cheirassem mal, e que o movimento ocasional do seu corpo liberasse odores que a faziam sonhar com um banho, ela sabia que sentiria falta do navio. Seus ruídos tinham se tornado familiares a ponto de serem reconfortantes. Ela, inclusive, não tinha certeza se, como todas as outras, queria desembarcar em Aden.

Fazia dois dias que não via o fuzileiro naval.

Outro soldado havia montado guarda nas noites anteriores, e mesmo ela tendo passado muito mais tempo do que o habitual andando de um lado para outro no navio, ele não surgira do nada. Frances cogitou que o homem estivesse doente e teve medo de que o Dr. Duxbury pudesse tratá-lo. Mas falou para si mesma que deixasse de ser ridícula, afinal, talvez fosse melhor não vê-lo com tanta frequência. Já ficara abalada demais com

a ida de Jean para ainda pensar em acrescentar uma paixão colegial impossível à história.

No entanto, quase uma hora depois, quando se preparava para entrar, ela se sobressaltou. Ele estava com o rosto pálido, enquanto vários colegas seus já exibiam o bronzeado do Pacífico, e os olhos ainda sombreados denunciavam noites insones, mas, de qualquer jeito, era ele. O movimento elegante dos ombros, que ficavam quadrados sob o uniforme cáqui, sugeria uma força que ela não tinha percebido quando o vira imóvel na porta da sua cabine. Ele carregava uma bolsa esportiva no ombro, e ela ficou paralisada ao pensar que ele podia estar prestes a desembarcar.

Sem saber o que estava fazendo, Frances recuou, se encostou na parede e levou a mão ao peito. Escutou os passos dele passando por ela e seguiu pelo corredor. Ele estava logo à sua frente, quando seus passos diminuíram o ritmo. Prendendo a respiração, Frances percebeu que ele ia parar. Uma fresta da porta foi aberta, seu rosto surgiu a poucos centímetros do dela, e ele sorriu. Era um sorriso sincero, que parecia suavizar o rosto ossudo.

— Você está bem? — perguntou ele.

Ela não tinha palavras para explicar seu esconderijo. Sentiu o rosto corar e ameaçou dizer alguma coisa, mas apenas assentiu.

Ele a olhou com ar interrogatório, depois observou a cesta.

— Isso é o que eu estou pensando? — murmurou, e o som da sua voz deixou Frances arrepiada.

— Ela não está muito bem — explicou. — Achei que precisava de ar fresco.

— Não se esqueça de ficar bem longe do convés D. Estão fazendo todo tipo de inspeções por lá. — Ele olhou para trás, como se quisesse conferir que não havia ninguém mais por perto. — Sinto muito pela sua amiga. Acho que não foi justo.

— Não foi mesmo — concordou ela. — Nada do que aconteceu foi culpa dela. É só uma menina.

— Bem, a Marinha pode ser uma anfitriã implacável. — Ele tocou de leve no braço dela. — Aliás, você está bem? — Ela corou de novo, e ele tentou corrigir a pergunta. — Quer dizer, as outras estão bem? Está tudo certo com vocês?

— Ah, tudo certo.

— Não precisam de nada? Mais água potável? Mais biscoitos?

Havia pequenas rugas no canto dos seus olhos. Quando ele falava, ficavam mais marcadas, consequência de anos em contato com a brisa do mar, ou, talvez, de semicerrar os olhos para observar o céu.

— Vai para algum lugar? — perguntou ela, apontando para a bolsa dele.

Ela precisava de alguma desculpa para desviar os olhos dele.

— Eu? Não… É o meu uniforme de gala.

— Ah.

— Estou de folga esta noite. — Ele sorriu, como se fosse uma boa notícia. — É para o baile.

— Hã?

— Ninguém te contou? Vai ter um baile no convés de voo hoje à noite. Ordem do comandante.

— Ah! — exclamou ela, mais alto do que pretendia. — Ah! Que bom!

— Espero que liberem a água antes. Pelo menos um pouco. — Ele sorriu. — Vocês vão sair correndo se tiverem que aguentar o cheiro de mil marinheiros suados.

Ela baixou os olhos para a calça amassada dele, mas a atenção do fuzileiro já tinha sido desviada para um vulto ao longe.

— Vejo você no baile, então — disse ele, voltando a agir como um fuzileiro.

Com um aceno que mais parecia uma continência, ele se afastou.

* * *

A Banda dos Fuzileiros Navais tinha sido montada em um estrado improvisado bem na saída do refeitório do convés e tocava *I've got you under my skin*. Os motores do *Victoria* estavam desligados para manutenção, e o navio imóvel flutuava em águas tranquilas. No convés havia centenas de esposas usando seus melhores vestidos… pelo menos os melhores aos quais tinham conseguido acesso. Elas rodopiavam ao som da música, algumas com homens, e outras, rindo, com as próprias colegas. Ao redor, todas as mesas e cadeiras que haviam sido trazidas do refeitório estavam ocupadas por quem não sabia ou não queria dançar. Acima de todos, no céu indiano, as estrelas brilhavam como luzes de um salão de baile, e davam um tom prata ao oceano.

Com um pouco de imaginação e sem levar em conta as armas, nem o convés manchado ou as mesas e cadeiras bambas, o local poderia ser comparado a qualquer um dos grandes salões de baile da Europa. O comandante sentira uma alegria inexplicável com o espetáculo e, emocionado, dissera a si mesmo que era o mínimo que o velho navio merecia em sua última viagem. Um pouco de pompa e elegância. Um pouco de festa.

Os homens, em seus uniformes de gala, pareciam mais alegres do que nos últimos dias, enquanto as mulheres, antes revoltadas com o fechamento temporário do salão de cabeleireiro, também haviam ficado consideravelmente animadas, graças à instalação de chuveiros de emergência, ainda que com água salgada. Tinha sido uma boa desculpa para todas se arrumarem um pouco mais, pensou ele. Até os homens gostavam de se vestir bem.

Havia gente por todo lado: umas circulavam, enquanto outras se reuniam em pequenos grupos para conversar. Os homens pareciam não se preocupar com a falta de uma estrutura hierárquica definida naquele momento. De que adiantaria?, Highfield perguntou a si mesmo quando

uma oficial quis saber se devia colocar em prática uma separação "adequada". A viagem por si só já era algo extraordinário.

— Quanto tempo o *Victoria* leva para reabastecer, comandante Highfield?

Ao lado dele estava sentada uma passageira, a que fazia parte do Serviço feminino da Marinha Real do Canadá. Dobson a tinha apresentado meia hora antes. Era pequena, morena e parecia muito séria. Fizera praticamente um interrogatório sobre as especificações do navio, a tal ponto que ele ficara tentado a perguntar se ela era uma espiã a serviço dos japoneses. Mas se contivera. Alguma coisa lhe dizia que ela não tinha muito senso de humor.

— Quer mesmo saber? Acho que eu não conseguiria responder assim de imediato — mentiu ele.

— Levaria um pouco mais de tempo do que seus homens — murmurou o Dr. Duxbury, rindo.

Como agradecimento pela coragem com relação ao problema da água, o comandante Highfield tinha prometido a todos algumas doses extras de rum. Só para esquentar um pouco a noite, dissera ele, e recebera aplausos. No entanto, ele suspeitava que o Dr. Duxbury houvesse dado um jeito de conseguir uma quantidade maior do que a que tinha direito.

De que adiantaria?, pensou de novo. Logo mais ele iria embora. Sua perna doía tanto naquela noite que ele mesmo considerou tomar algumas doses extras. Se a situação da água fosse diferente, mergulharia a perna em água fria para aliviar um pouco a dor, mas, como isso não era possível, ele se preparava para mais uma noite quase sem dormir.

— Já serviu em muitos navios americanos? — perguntou a pequena integrante da Marinha Real. — Nós nos aproximamos do USS *Indiana* no golfo Pérsico, e preciso admitir que os navios americanos parecem bem superiores aos nossos.

— Entende muito de navios, não é? — perguntou o Dr. Duxbury.

— Eu deveria, pelo menos — respondeu ela. — Há quatro anos faço parte da Marinha Real.

O Dr. Duxbury pareceu não ter escutado.

— Você parece um pouco Judy Garland. Alguém já disse isso? Chegou a vê-la em *Me and my girl*?

— Acho que não.

Lá vamos nós de novo, pensou o comandante Highfield. Ele já aguentara a companhia do médico durante vários jantares, e pelo menos a metade deles tinha terminado com o homem cantando suas terríveis canções. Ele falava tanto sobre música e tão pouco sobre medicina que Highfield havia se perguntado se a Marinha não devia ter conferido suas credenciais com mais atenção antes de aceitá-lo a bordo. Apesar da desconfiança, ele não solicitara a presença de um segundo médico, como teria feito em viagens anteriores. Ele se dava conta, com um pouco de peso na consciência, de que a distração de Duxbury era conveniente, pois não queria que um profissional eficiente fizesse muitas perguntas sobre sua perna.

Highfield observou pela última vez as pessoas se divertindo à sua frente. A banda começara a tocar uma música animada e as mulheres gritavam e rodopiavam, com o rosto corado e os pés leves. Depois olhou para Dobson e para o capitão fuzileiro, que conversavam com um piloto perto dos botes salva-vidas. Seu trabalho estava feito. Eles podiam cuidar de tudo a partir de então. Ele nunca gostara muito de festas mesmo.

— Com licença — disse, levantando-se com dificuldade. — Tenho um assunto para resolver.

Em seguida, voltou para dentro do navio.

* * *

— Jean teria adorado a festa — disse Margaret.

Com um xale fino sobre os ombros e sentada em uma cadeira confortável que Dennis Tims trouxera da praça-d'armas, ela estava radiante. Uma boa noite de sono e a recuperação de Maude Gonne tinham melhorado significativamente seu humor.

— Pobre Jean — lamentou Frances. — O que será que ela está fazendo?

Avice, não muito longe dali, dançava com um dos oficiais de branco. Seu cabelo bem penteado ganhava reflexos cor de mel sob as lâmpadas com filamentos de carbono. Sua cintura elegante e a saia justa rebuscada não deixavam sua gravidez em evidência.

— Não me parece que aquela lá esteja muito preocupada — disse Margaret, balançando a cabeça na direção dela.

Menos de duas horas após a partida de Jean, Avice se apropriara do beliche dela para guardar as roupas e os sapatos que conseguira pegar na mala.

Frances tinha ficado tão brava que precisara se esforçar muito para conter o impulso de jogar tudo no chão.

— Qual é o problema? — protestara Avice. — Ela não vai mais usar a cama.

Ela ainda estava comemorando sua vitória naquela tarde na competição de "uso mais inteligente de materiais de artesanato", que ganhou ao fazer uma bolsa de festa decorada. Não que algum dia ela fosse usá-la para sair à noite, como disse mais tarde às amigas. O importante tinha sido ganhar de Irene Carter. No momento, Avice contava com dois pontos a mais do que ela no concurso de Rainha do *Victoria*.

— Acho que ela não está preocupada… — retrucou Frances.

— Não vamos mais pensar sobre isso hoje, certo? Não podemos fazer nada.

— Não — disse Frances.

Ela nunca tinha se interessado muito por roupas, e fora um alívio usar uniforme por quase tanto tempo quanto ela conseguia se lembrar. Nunca pretendera chamar a atenção dos outros. Alisou a saia: em comparação com as roupas refinadas das outras mulheres, o vestido que ela antes considerava elegante estava parecendo um trapo. Num impulso, desfizera o coque firme que usava e soltara o cabelo. Depois, ao se olhar no pequeno espelho, constatara que, caindo livremente sobre os ombros, o cabelo suavizava seu rosto. Em meio a mulheres tão elegantes, que gastavam horas passando cremes para pentear e colocando bobes, ela se sentia simples demais, mal produzida, e sonhava com a segurança dos grampos de cabelo. Perguntou a si mesma se poderia confidenciar seus medos a Margaret, a fim de buscar reconforto. Mas ao ver o rosto suado da amiga e seu corpo inchado espremido no mesmo vestido xadrez que usara nos últimos quatro dias, preferiu não comentar nada. Em vez disso, apenas perguntou:

— Quer que eu traga uma bebida para você?

— Ah, querida! Achei que nunca fosse se oferecer — respondeu Margaret, agradecida. — Eu mesma poderia pegar, mas seria preciso usar um guindaste para me içar desta cadeira.

— Vou buscar um refrigerante.

— Deus lhe pague! Não quer dançar?

Frances parou.

— O quê?

— Você sabe que não precisa me fazer companhia. Já sou uma menina crescida. Vá se divertir um pouco.

Frances franziu o nariz.

— Fico mais feliz observando as coisas a distância.

Margaret assentiu e ergueu a mão.

Isso não era totalmente verdade. Naquela noite, protegida pela penumbra, pelo clima tranquilo do local e pela música, que desviava toda

a atenção dela, Frances tinha sentido uma vontade cada vez maior de se juntar às mulheres que rodopiavam na pista de dança. Ninguém a julgaria por isso. Ninguém prestaria atenção nela. Todos pareciam aceitar o baile pelo que era: uma diversão inocente, um simples prazer sob o luar.

Ela pegou dois copos de refrigerante e se aproximou de Margaret, que observava as pessoas dançarem.

— Nunca gostei muito de dançar — contou Margaret —, mas vendo tanta gente na pista, agora eu daria qualquer coisa para estar lá.

Frances apontou com a cabeça para a barriga de Margaret.

— Por enquanto, não. Mas daqui a pouco vai poder atravessar metade da Inglaterra dançando foxtrote.

Ela dissera a si mesma que não havia problema se não o visse. Considerando sua aparência, talvez fosse até melhor. Ele devia estar perdido na penumbra, no meio de tanta gente, dançando com alguma garota bonita que usava um lindo vestido colorido e sapatos de cetim. De qualquer jeito, ela estava tão acostumada a afastar os homens que não teria sabido como reagir de forma diferente.

Os únicos bailes que frequentara depois de adulta eram os realizados nas tendas de hospital, e esses tinham sido fáceis. Ela dançava com os colegas, que eram quase sempre velhos amigos e mantinham uma distância educada, ou com pacientes, por quem tinha um sentimento quase maternal e que, em geral, tratavam com respeito quem era da equipe médica. Ela muitas vezes murmurava "Cuidado com a perna!" ou conferia se estavam bem quando passava por algum deles na pista de dança. A enfermeira-chefe, Audrey Marshall, costumava dizer de brincadeira que era como se ela estivesse levando os pacientes para um passeio terapêutico. Por isso, não teria sabido como se comportar diante daqueles homens convencidos, sorridentes, alguns tão bonitos em seus uniformes que a deixavam até sem fôlego. Não saberia o que dizer a eles, muito menos flertar com discrição. Teria sentido muita vergonha do seu

vestido azul-claro sem graça, ainda mais em comparação com as roupas maravilhosas daquelas mulheres.

— Olá — disse ele, se sentando ao lado dela. — Eu estava me perguntando onde poderia encontrá-la.

Ela mal conseguia falar. O rosto do fuzileiro parecia suavizado pela noite, e seus olhos escuros estavam fixos nela. Sentiu o cheiro suave de fenol na sua pele, e também o odor característico do tecido do seu uniforme. Ele apoiou a mão na mesa e Frances precisou controlar uma vontade irracional de tocá-la.

— Gostaria de dançar? — perguntou ele.

Ela ficou encarando a mão dele e pensou na possibilidade de ser envolvida pela cintura, de ter o corpo dele próximo, e então foi tomada pelo pânico.

— Não — respondeu, de forma abrupta. — Na verdade, eu… eu estava de saída.

Houve um breve silêncio.

— Está tarde — admitiu ele. — Eu esperava chegar aqui mais cedo, mas tivemos um pequeno incidente lá embaixo nas cozinhas, e alguns homens foram chamados para ajudar a resolver.

— De qualquer jeito, obrigada — disse ela. — Espero que aproveite o resto da noite.

Ela sentia um nó na garganta. Juntou suas coisas, e ele se levantou para deixá-la passar.

— Não vá — pediu Margaret.

Frances se virou.

— Fique. Pelo amor de Deus, garota, você me fez companhia a noite inteira, e agora o mínimo que deve fazer é ficar um pouco na pista de dança. Assim posso ter uma noção do que estou perdendo.

— Margaret, me desculpe, mas…

— Desculpar pelo quê? Ah, Frances, vá logo. Não faz sentido nós duas ficarmos aqui plantadas. Vá mexer as cadeiras. Por Jean.

Ela olhou de volta para o fuzileiro, depois observou o convés lotado, a interminável mistura de roupas brancas e coloridas, sem saber se estava com medo de se juntar à multidão ou de ficar tão perto dele.

— Vá logo, garota — repetiu Margaret.

Ele estava de pé ao seu lado.

— Só uma música — sugeriu, e estendeu o braço. — Será um prazer.

Sem saber se conseguiria falar, ela segurou a mão que ele oferecia.

* * *

Naquela noite, ela não pensaria na impossibilidade de tudo aquilo. Nem no fato de estar sentindo algo que havia muito tempo considerava perigoso sentir. Também não consideraria a consequência inevitavelmente dolorosa daquele sentimento. Deitada em seu beliche, simplesmente fechou os olhos e se permitiu mergulhar naqueles momentos inesquecíveis: as quatro músicas que dançaram, durante as quais ele a envolvera com firmeza, segurando uma das suas mãos, a outra ao redor da sua cintura; e a última, quando, embora mantivesse a distância respeitosa de alguns centímetros entre os dois, ela sentira a respiração dele em seu pescoço nu.

Ela se lembrou do seu olhar quando a soltara. Teria havido relutância na lentidão com que ele afastara sua mão da dela? Ela magoaria alguém se considerasse que sim? Não houvera uma ênfase estranha na forma que ele tinha baixado a cabeça e murmurado, quase no seu ouvido, um agradecimento?

O que ela sentia por ele a surpreendia e envergonhava. Mas descobrir que tinha capacidade de sentir aquilo a deixou com vontade de cantar. As emoções incontroláveis e confusas que tivera naquela noite a faziam

pensar se aquilo não seria o sintoma de algum vírus contraído no mar. Ela nunca se sentira tão exaltada, incapaz de colocar os pensamentos em ordem. Mordeu a mão, tentando conter a incontrolável alegria que crescia dentro dela e ameaçava explodir só Deus sabia de que forma. Forçou-se a respirar fundo e tentou recuperar a calma interior que a reconfortara durante os últimos seis anos.

Tinha sido só uma dança.

— Uma dança — disse, baixinho para si mesma, enquanto cobria a cabeça com o lençol.

Por que não podia ser grata por isso?

Ela ouviu passos, depois vozes masculinas. Tinha alguém falando com o fuzileiro do outro lado da porta, um jovem substituto com cabelo ruivo e olhos sonolentos. Ainda deitada, e ouvindo apenas parte da conversa, ela se perguntou se estava na hora da troca de turnos. Então se sentou.

Era ele. Ela ficou imóvel por mais um minuto, para confirmar que não estava enganada. Em seguida, com o coração acelerado, escorregou para fora do beliche. Pensou em Jean e ficou paralisada. Talvez sua atração por ele a tivesse deixado tão cega que ela não vira o que estava bem à sua frente.

Encostou a orelha na porta.

— O que você acha? — perguntou ele.

— Já faz uma hora — respondeu o outro fuzileiro—, mas acho que você não tem escolha.

— Não estou gostando disso — continuou ele. — Não estou gostando nem um pouco de fazer esse tipo de coisa.

Ela recuou um passo e, no mesmo instante, a maçaneta girou e a porta se abriu sem fazer barulho. Ele espiou pela fresta e seu rosto a fez lembrar dos momentos vividos pouco antes. Mesmo com a pouca luz que vinha do corredor, ele viu que ela estava surpresa e pálida.

— Ouvi vozes — disse ela.

Então se deu conta de que não estava totalmente vestida. Tateou às suas costas para pegar o xale e se enrolou nele, segurando-o com firmeza.

— Desculpe incomodá-la — falou ele em voz baixa porém urgente —, mas houve um acidente lá embaixo. Achei que… Bem, precisamos da sua ajuda.

Quando o baile acabou, havia vários casais não oficiais espalhados por diferentes locais do navio. Um deles tinha se refugiado dentro da escaldante casa de máquinas na parte de trás da embarcação. Lá o marinheiro continuara dançando valsa com uma das passageiras na pequena passarela em cima do motor principal. O relato dos fatos ainda não era muito claro, mas os dois tinham caído no vão onde ficava o motor. O homem estava inconsciente, e a garota sofrera um corte profundo no rosto.

— Não podemos chamar o médico a bordo por motivos óbvios, mas precisamos tirá-los de lá antes da troca de turno. — Ele hesitou. — Pensamos… Pensei que poderia nos ajudar.

Ela abraçou o próprio corpo.

— Desculpe — murmurou. — Não posso ir. Vai ter que encontrar outra pessoa.

— Eu estarei lá. Vou ficar do seu lado.

— Não é esse o problema…

— Não precisa se preocupar, prometo. Todo mundo sabe que você é enfermeira.

Então ela olhou bem no fundo dos seus olhos e entendeu o que ele achou que estava dizendo.

— Não há mais ninguém que possa ajudar — insistiu ele, e consultou o relógio de pulso. — Temos só uns vinte minutos. Por favor, Frances.

Ele nunca a chamara pelo nome. Ela nem imaginava que ele soubesse.

A voz de Margaret cortou a escuridão.

— Eu vou junto. Vou ficar com você. Caso se sinta melhor com mais gente ao seu lado.

Ela estava angustiada por não saber o que fazer, e a proximidade dele a deixava ainda mais indecisa.

— Dê só uma olhada neles, por favor. Se for algo muito sério, então acordamos o médico.

— Vou buscar meu material — disse ela.

Pegou a pequena caixa de metal que guardava embaixo do beliche. Margaret se levantou com esforço do beliche em frente e vestiu um robe que mal fechava na sua barriga. Apertou discretamente o braço de Frances.

— Aonde vocês vão? — perguntou Avice.

Ela puxou o fio que acendia a luz, se sentou, ainda sonolenta, e piscou com a claridade repentina.

— Só tomar um pouco de ar fresco — mentiu Margaret.

— Não nasci ontem.

— Vamos ajudar duas pessoas que se machucaram lá embaixo — explicou Margaret. — Pode ir com a gente, se quiser.

Avice olhou para elas, como se avaliasse se devia ir ou não.

— É o mínimo que você pode fazer — acrescentou Margaret.

Ela deslizou do beliche e vestiu rapidamente seu robe de seda cor de pêssego. Passou pelo fuzileiro, que segurava a porta, com um dedo sobre os lábios, e seguiu as colegas em silêncio pelo corredor que levava à escada.

Atrás delas, o fuzileiro ruivo retomou seu posto, guardando uma cabine onde agora só havia uma cachorrinha dormindo.

* * *

Eles ouviram as vozes antes de vê-los: desceram até as entranhas do navio, a uma profundeza que fez Margaret ter a impressão de que eram

intermináveis lances de escada e corredores estreitos, até que, por fim, chegaram à casa de máquinas na parte de trás do navio. Fazia muito calor e ela teve que se esforçar para conseguir acompanhar os outros, mas logo ficou ofegante e muitas vezes precisou secar a testa com a manga. Sentia gosto de petróleo na boca. Depois ouviram um choro estridente em meio a vozes abafadas de homens e mulheres, algumas discutindo, outras consolando. Elas eram sobrepujadas pelo barulho constante de baques abafados e batidas metálicas, o som do coração da fera. Talvez reagindo a esse ruído, Frances acelerou o ritmo e passou quase correndo pelo fuzileiro, seguindo pelo corredor.

Margaret chegou à casa de máquinas alguns segundos depois. Quando finalmente abriu a escotilha, o calor era tão grande que ela precisou parar um pouco para se aclimatar.

Deu alguns passos na passarela e olhou para baixo, seguindo o som. Mais ou menos cinco metros abaixo, no meio de um buraco imenso que parecia um ringue de boxe subterrâneo, havia um marinheiro caído no chão, com as costas na parede, apoiado de um lado por uma garota aos prantos e do outro por um colega. Em um canto, um baralho parecia ter sido abandonado em um caixote, e no chão havia vários copos virados para baixo. No meio do buraco ficava o motor gigantesco, que era um labirinto de canos e válvulas e emitia um som constante e ensurdecedor vindo das enormes peças de metal. A intervalos regulares, as válvulas exalavam jatos de vapor que eram acompanhados por um assobio, culminando numa melodia infernal. No lado oposto, encolhida embaixo da passarela, outra garota chorava, com a lateral do rosto apoiada na mão.

— O que ele vai dizer disso? O que vai pensar de mim?

Mais à frente, com passos silenciosos, Frances saiu correndo pelo piso metálico na direção da escada que levava ao motor. Ela abriu caminho pelas pessoas embriagadas, se ajoelhou e examinou o que havia embaixo

do pano sujo e ensopado de sangue que tinha sido enrolado no braço do homem.

Margaret se apoiou no cabo metálico que servia de corrimão. De lá, observou uma das garotas baixar com cuidado a mão que a mulher ferida levara à cabeça e limpar o ferimento descorado com um pano úmido. Vários marinheiros, inquietos e ainda vestindo o uniforme de gala, afastavam imensos cilindros de oxigênio e partes de uma mureta. Em choque, dois deles davam grandes baforadas em seus cigarros. Os canos do motor que percorriam as paredes brilhavam sob a fraca iluminação.

— Ele passou por cima e os cilindros caíram nele — gritou um dos homens. — Eu não saberia dizer onde o atingiram. Por sorte, não explodiram.

— Há quanto tempo ele está inconsciente? — Para que a escutassem acima do barulho do motor, Frances precisou erguer a voz. — Quem mais se machucou?

A postura tímida dela desaparecera diante da missão que lhe fora designada.

Ao seu lado, o fuzileiro, com o colarinho desabotoado, seguia suas instruções e separava os itens do kit de emergência. Ele também gritou ordens para os outros marinheiros, e dois deles correram até a escada, aparentemente contentes em sair dali.

Avice estava na passarela, de costas para a parede. Ela se deu conta, pelo olhar assustado de Margaret, que a colega já percebera que aquele lugar não lhe agradava muito. De repente, pensou em Jean e se perguntou se alguma delas estaria a salvo, considerando a punição que a menina sofreu. Mas ao ver Frances debruçada sobre o homem inconsciente, abrindo suas pálpebras com uma das mãos e com a outra remexendo seus medicamentos, soube que não podia ir embora.

— Ele está recuperando a consciência. Alguém pode segurar sua cabeça de lado, por favor? Qual é seu nome? Kenneth? Kenneth — chamou ela

—, pode me dizer onde dói? — Ela escutou a resposta, depois segurou sua mão e puxou cada um dos seus dedos. — Abra os dedos, por favor.

O fuzileiro olhou para onde ela apontava e pegou instrumentos que pareciam ser de sutura. Margaret desviou o olhar. Sob seus pés, a passarela vibrava no ritmo do motor.

— A que horas disseram que seria a troca de turno? — perguntou Avice, nervosa.

— Daqui a quatorze minutos — respondeu Margaret.

Ela não sabia se devia descer e lembrá-los da hora, mas isso de nada adiantaria: os movimentos das pessoas lá embaixo já indicavam urgência.

Nesse instante, ela virou a cabeça porque um homem chamou sua atenção. Estava sentado no chão, em um canto, e Margaret percebeu que fazia vários minutos que ele não desviava os olhos de Frances. Seu olhar fixo era tão estranho que ela imaginou que talvez o robe da amiga revelasse coisa demais. Mas logo entendeu que o olhar dele não tinha nada de indecente, embora também não fosse gentil. Era o olhar de alguém confiante. Constrangida, ela se aproximou de Avice.

— Acho que devemos ir embora — sugeriu Avice.

— Ela não vai demorar — respondeu Margaret.

Mas, no fundo, ela concordava: aquele lugar era horrível. Um pouco como devia ser o inferno, talvez. No entanto, Frances nunca parecera tão à vontade.

* * *

— Desculpe fazer isso com você, Nicol. Eu não podia deixar o sujeito lá. Não naquele estado.

Jones, o galês, puxou o colarinho com um dedo, depois baixou os olhos para as manchas de combustível na calça.

— É a última vez que deixo Duckworth me convencer a me divertir um pouco depois do trabalho. Que idiota! Meu uniforme está arruinado — resmungou, acendendo um cigarro, de olho nos avisos para não fumar colados nas paredes. — De qualquer jeito, meu camarada, estou em dívida com você.

— Acho que é a outra pessoa que você deve — retrucou Nicol, consultando o relógio. — Minha nossa! Temos oito minutos, Frances, antes de tirá-los daqui.

Ao lado dele, no chão, Frances havia acabado de limpar o corte no rosto da garota. Ela tinha parado de chorar e estava pálida, em estado de choque. Nicol suspeitava que a atitude dela era consequência da quantidade de bebida alcoólica que parecia ter ingerido. O cabelo de Frances, molhado de suor, estava grudado no rosto, e seu robe claro de algodão, colado à pele, estava sujo de óleo e graxa.

— Passe a morfina, por favor — pediu ela.

Ele tirou um frasco marrom da maleta. Ela o pegou e, ao mesmo tempo, segurou a mão dele e a colocou sobre o curativo de gaze no rosto da paciente.

— Aperte bem — pediu. — O máximo que conseguir. Alguém precisa dar uma olhada em Kenneth, por favor. E garantir que ele não se sinta enjoado.

Com a destreza adquirida com a experiência, ela tirou a parte de cima do frasco e encheu uma seringa.

— Daqui a pouco vai se sentir melhor — disse para a garota ferida e, enquanto Nicol se afastava para lhe dar um pouco de espaço, ela aproximou a agulha da pele da paciente. — Vou ter que dar pontos — explicou —, mas prometo que serão minúsculos. De todo modo, a maior parte vai ficar escondida sob o cabelo.

Ela assentiu, sem dizer nada.

— Precisa fazer isto aqui? — perguntou Nicol. — Não podemos subir e fazer lá em cima?

— Tem uma oficial patrulhando o convés do hangar — avisou um dos homens.

— Só me deixem acabar meu trabalho — pediu Frances, com frieza. — Vou ser rápida.

Estavam tirando Kenneth dali, se revezando para subir a escada com ele, um gritando para o outro tomar cuidado com a perna dele, com a cabeça.

— Esta sua amiga não vai dizer nada, não é? — Jones coçou a cabeça, observando-os. — Quer dizer, podemos confiar nela?

Nicol assentiu. Frances fizera várias tentativas até conseguir enfiar a agulha. Ele reparou que seus dedos tremiam.

Ele estava quebrando a cabeça para encontrar um jeito de agradecer a ajuda dela, para expressar sua admiração. No baile, enquanto dançavam, ele tinha conseguido fazer a garota tímida e constrangida relaxar e até parecer alegre por alguns instantes. Mas naquelas circunstâncias não a reconhecia. Nunca vira uma mulher tão confiante no seu dever, e ele sabia, com um orgulho que nunca sentira, que estava diante de alguém parecido com ele.

— Quanto tempo? — perguntou Frances.

— Quatro minutos — respondeu Nicol.

Ela balançou a cabeça, como se enfrentasse uma incapacidade particular. Nicol não conseguia mais raciocinar. No primeiro ponto, uma das amigas da mulher ferida desmaiou, e as colegas de Frances foram encarregadas de tirá-la dali e beliscá-la até que acordasse. A sutura foi interrompida mais uma vez quando dois homens começaram a brigar. Nicol e Jones tiveram que separá-los. O tempo passava depressa, os ponteiros do relógio não paravam de avançar de um dígito para outro.

Nicol estava de pé, olhando a todo instante para a escotilha, convencido de que, apesar do barulho ensurdecedor do motor, estava ouvindo passos.

Então ela se virou para ele, com o rosto sujo e corado por causa do calor.

— Deu tudo certo — disse, dando um breve sorriso. — Acabamos.

— Temos pouco mais de um minuto e meio — informou Nicol. — Vamos, precisamos sair daqui. Deixem tudo como está — gritou ele para os marinheiros que tinham tentado consertar a mureta. — Não temos tempo. Só me ajudem a subir com ela.

Margaret e Avice estavam na passarela acima deles, perto da escotilha. Frances gesticulou para indicar que elas podiam sair. Margaret acenou como se quisesse avisar que iam esperar.

Ele se levantou e estendeu a mão para ajudá-la a ficar de pé. Frances hesitou, depois aceitou a mão dele, afastando o cabelo do rosto. Ele tentou não fixar os olhos no seu robe, que deixava à mostra o contorno elegante do peito. O suor fazia a pele dela brilhar e escorria pelo vão entre os seios como pequenos riachos sujos. Que Deus me ajude, pensou Nicol. Essa é uma visão que precisarei me esforçar muito para esquecer.

— Você vai precisar manter o local seco — murmurou ela para a garota. — Nada de lavar o cabelo por dois dias.

— Não consigo me lembrar da última vez que lavei mesmo — respondeu ela.

— Espere um pouco — disse Jones, o galês, ao lado de Nicol. — Eu não conheço você?

A princípio, ela achou que ele estava falando com a mulher ferida. Depois, Frances entendeu que ele se dirigia a ela e sua expressão se fechou.

— Você nunca esteve em Morotai — disse Nicol.

— Morotai? Não. — Jones balançou a cabeça. — Não foi lá. Nunca esqueço um rosto. Conheço você de algum lugar.

Nicol percebeu que Frances tinha ficado pálida.

— Acho que não — respondeu ela, em voz baixa, começando a reunir seus equipamentos médicos.

— Siiim… Sim… Sei que vou me lembrar. — Jones balançou a cabeça. — Nunca esqueço um rosto.

Ela se levantou e levou uma das mãos à testa, como se estivesse com dor de cabeça.

— É melhor eu ir — disse para Nicol. — Eles vão ficar bem.

Os dois se entreolharam por apenas um instante.

— Eu acompanho você — disse ele.

— Não — respondeu ela secamente. — Não, vou ficar bem. Obrigada.

Pedaços de curativos e restos do material usado tinham se espalhado embaixo da passarela, mas ela parecia não se importar. Fechou mais o robe ao redor do corpo e seguiu na direção da escada, com a maleta de medicamentos embaixo do braço.

— Ah, não…

Nicol desviou o olhar de Frances para Jones, o galês. O homem a encarava e balançava a cabeça, perplexo. Até que abriu um sorriso perverso.

— O que foi? — perguntou Nicol.

Ele a seguia com o olhar pelo caminho que levava para a escada. Depois pegou o casaco que havia jogado em cima de uma caixa de ferramentas.

— Não… Não pode ser… Nunca… — Jones olhou para trás e de repente encontrou o homem com quem parecia querer falar. — Ei, Duckworth, está pensando no mesmo que eu? Queensland? É isso, não?

Frances chegara ao topo da escada e seguia de cabeça baixa na direção das outras mulheres.

— Agora lembrei! — disse ele, com um forte sotaque *cockney*. — O bom e velho Rest Easy. Quem diria!

— O que está acontecendo? — perguntou Avice do alto. — Sobre o que ele está falando?

— Não acredito — insistiu Jones, o galês, caindo na gargalhada. — Uma enfermeira! Espere até contarmos para Kenny! Uma enfermeira!

— Que história é essa, Jones? Sobre o que está falando?

Quando se virou para Nicol, o rosto de Jones exibia o mesmo sorriso divertido com o qual ele recebia quase todas as grandes surpresas da vida, fossem doses extras de bebida, vitórias no mar ou trapaças bem-sucedidas em jogos de cartas.

— Sua amiguinha enfermeira, Nicol, era uma puta.

— O quê?

— Duckworth sabe. Nós a encontramos em um clube de Queensland há uns quatro ou cinco anos.

Sua risada, como sua voz, parecia carregar o barulho do motor até os ouvidos dos homens exaustos e das mulheres que passavam abatidas pela passarela. Em reação à exclamação de Jones, algumas pessoas pararam para escutá-lo.

— Não seja ridículo, meu chapa.

Nicol ergueu os olhos para Frances, que estava quase chegando à escotilha. Ela mantinha o olhar fixo à frente, mas depois, talvez quando alguma luta interna invisível chegou ao fim, se permitiu olhar para ele. Ele viu resignação em seus olhos. Descobriu que conseguia manter a frieza.

— Mas ela é casada.

— Com quem? Com o cafetão? Ela era a menina de ouro do chefe, isso sim! E agora olhe só! Dá para acreditar? Ela se tornou uma Florence Nightingale!

Sua risada incrédula acompanhou os passos apressados de Frances até a escotilha e ainda ressoou pelo corredor.

15

Havia uma garota da Inglaterra,
Susan Summers era seu nome,
Estava lá havia quatorze anos,
Todos nós passamos pela mesma coisa.
Nosso plantador comprou sua
liberdade
E logo se casou com ela,
Bom uso então ela fez de nós
Na terra de Van Diemen.

EXTRATO DE "VAN DIEMEN'S LAND",
CANÇÃO FOLCLÓRICA AUSTRALIANA

AUSTRÁLIA, 1939

Frances tinha verificado a caixa de biscoitos Arnott quatro vezes antes de o Sr. Radcliffe chegar. Também conferira no fundo da gaveta de talheres, no pote atrás da porta de tela e embaixo do colchão no cômodo em que muitos anos antes havia sido o quarto dos seus pais. Ela perguntara várias vezes à mãe onde estava o dinheiro e, entre roncos e bafo de álcool, sua resposta tinha sido óbvia.

Mas não para o Sr. Radcliffe.

— Então, onde está? — perguntara ele, sorrindo. O mesmo sorriso que um tubarão dá quando abre a boca para atacar.

— Desculpe. Não sei o que minha mãe fez com o dinheiro.

Ela segurava a porta com o tornozelo para restringir a visão lá de dentro, mas o Sr. Radcliffe se inclinou para o lado e viu a mãe dela cochilando no sofá.

— Bem, é claro que não sabe.

— Ela não está muito bem hoje — afirmou, puxando a saia para baixo, constrangida. — Talvez possa me dizer quando acordar.

Atrás dele, ela viu dois vizinhos andando pela rua. Eles murmuraram alguma coisa enquanto a encaravam. Não foi preciso ouvir o que diziam para saber o assunto da conversa.

— Se quiser, posso passar lá mais tarde e deixar o dinheiro.

— O quê? Como sua mãe fez na semana passada? E na anterior? — Ele espanou uma sujeira inexistente na calça. — Aposto que na bolsa dela não tem o suficiente para comprar um pão para você.

Frances não disse nada. Pelo jeito que ele continuou parado na frente da porta, parecia esperar um convite para entrar. Mas ela não queria que o Sr. Radcliffe, com suas roupas caras e seus sapatos engraxados, se sentasse na imundície daquela sala. Não antes que ela conseguisse dar um jeito em tudo.

Os dois continuaram se encarando na soleira da porta, como se estivessem presos num jogo apreensivo de espera.

— Você não tem aparecido por aqui há um bom tempo. — Não era nem uma pergunta nem uma afirmação.

— Passei um período com minha tia May.

— Ah, sim. Ela faleceu, não foi? De câncer, pelo que me disseram.

Frances não conseguiu responder sem que os olhos ficassem cheios d'água.

— Sim, fiquei com ela… para ajudar um pouco.

— Sinto muito pela sua perda. Deve saber que sua mãe não se comportou muito bem enquanto você esteve fora.

Pela abertura da porta, o Sr. Radcliffe olhou para além de Frances, e ela precisou se conter para não fechá-la mais um pouco.

— Ela… atrasou os pagamentos — continuou ele. — E não só comigo. Agora você não pode comprar fiado no Green nem no Mayhew.

— Vou dar um jeito — respondeu Frances.

Ele se virou para seu carro brilhante estacionado na rua. Dois meninos se olhavam no espelho lateral.

— Sua mãe era muito bonita quando trabalhava para mim. Olhe só o que a bebida faz com uma pessoa.

Ela sustentou o olhar.

— Acho que não tem muita coisa que eu possa lhe dizer sobre ela.

Frances continuou calada.

O Sr. Radcliffe trocou o peso de um pé para outro, depois conferiu o relógio de pulso.

— Quantos anos você tem, Frances? — perguntou ele.

— Quinze.

Ele a observou, como se a avaliasse. Então suspirou, como se estivesse prestes a fazer algo que ele mesmo não aprovava.

— Olhe, vou lhe dizer o seguinte: você pode trabalhar no hotel. Lavar pratos. Fazer faxina. Pelo visto, não pode contar com sua mãe para sustentá-la. Mas não me decepcione, ou vou dar um jeito de colocar vocês duas para fora daqui.

Ele se aproximou do carro, gritando para afastar os meninos, antes mesmo que ela tivesse tempo de agradecer.

* * *

Ela conhecia o Sr. Radcliffe desde pequena. A maioria dos moradores de Aynsville o conheciam: ele era dono do único hotel da cidade e também de várias casas de madeira. Ela ainda se lembrava das noites em que a

mãe, antes de ser derrotada pela bebida, saía para trabalhar no bar do hotel e tia May tomava conta dela. Um tempo depois, tia May se arrependeu do dia em que aconselhou a mãe de Frances a aceitar esse trabalho…

— Mas em uma cidade deserta como esta, a gente aceita o emprego que aparece, não é mesmo?

A experiência de Frances no hotel foi bem melhor. No primeiro ano, pelo menos. Todos os dias, pouco depois das nove da manhã, ela chegava para trabalhar na cozinha dos fundos, ao lado de um chinês calado, que franzia as sobrancelhas e a ameaçava com uma faca enorme se ela não lavasse e picasse os legumes do jeito que ele queria. Ela limpava a cozinha, passava pano no chão, ajudava a preparar a comida até as quatro da tarde, depois ainda corria para lavar a louça. Suas mãos ficavam arruinadas e a pele rachava por causa da água escaldante. Suas costas e seu pescoço doíam de tanto se inclinar sobre a pia pequena. Ela aprendeu a baixar o olhar diante das mulheres mal-humoradas que a partir do meio da tarde não faziam outra coisa senão beber e trocar insultos. Mas gostava de receber salário e ter um pouco de controle sobre o que até então não passara de uma vida caótica.

O Sr. Radcliffe ficava com o valor do aluguel e entregava a ela o pouco que sobrava, suficiente apenas para cobrir os gastos com comida e outras pequenas despesas da casa. Tinha comprado um par de sapatos novos para si mesma, e uma blusa creme com renda azul-clara para a mãe. O tipo de blusa que ela imaginaria uma mãe diferente da sua usando. Sua mãe chegara a chorar, agradecida, e prometera que em pouco tempo se recuperaria. Talvez Frances pudesse cursar uma faculdade, como May prometera. E escaparia daquele buraco fedorento.

Porém, livre da responsabilidade de trabalhar e sustentar a casa, sua mãe passara a beber ainda mais. Às vezes, ela ia ao bar do hotel e, usando um dos seus vestidos muito curtos, ficava debruçada no balcão. Tarde da noite, inevitavelmente discutia com os homens à sua volta e com as

garotas que trabalhavam ali, tentava afastar moscas inexistentes e gritava com Frances num tom ao mesmo tempo de crítica e autopiedade. Por fim, surgia na cozinha para agredir verbalmente a filha pelos seus fracassos: se vestir bem, ganhar dinheiro, ter nascido para arruinar a vida da mãe. Então Hun Li a agarrava com seus braços enormes e a tirava dali. Mais tarde, ele franzia as sobrancelhas para Frances, como se os fracassos da sua mãe fossem dela própria. Não tentava defendê-la: havia muitos anos sabia que isso não adiantava.

Considerando a pobreza delas, Frances nunca conseguiu descobrir onde sua mãe arranjava dinheiro para beber tanto.

* * *

Até que, certa noite, ela desapareceu… com o lucro do dia.

Frances estava tirando um intervalo de cinco minutos, sentada em um balde no armário das vassouras, comendo dois pedaços de pão com margarina que Hun Li deixara para ela, quando escutou a gritaria. Já largara o prato e se levantara quando o Sr. Radcliffe entrou feito um furacão.

— Onde ela está? Onde está aquela ladra vagabunda?

Frances ficou paralisada e arregalou os olhos. Sentiu um embrulho no estômago pois já sabia de quem ele estava falando.

— Ela foi embora! E meu dinheiro também! Onde ela está?

— E-eu não sei — gaguejou Frances.

O Sr. Radcliffe, que costumava ser tão educado e gentil, estava transtornado, com o rosto vermelho de raiva e o peito tão estufado que a camisa ameaçava explodir. Mantinha os punhos cerrados como se fizesse um grande esforço para se controlar. Olhou para ela pelo que pareceu uma eternidade, talvez avaliando a possibilidade de ela estar falando a

verdade. Por um instante, Frances achou que fosse capaz de fazer xixi de tanto medo. Depois ele foi embora, batendo a porta.

A mãe de Frances foi encontrada dois dias depois, inconsciente, nos fundos do açougue. Não havia dinheiro com ela, só algumas garrafas vazias. Seus sapatos tinham sumido. Certa noite, naquela mesma semana, o Sr. Radcliffe foi "ter uma conversinha com ela" e depois voltou ao hotel para avisar a Frances que sua mãe e ele tinham decidido que seria melhor se a mulher deixasse a cidade por algum tempo. Ela prejudicava os negócios. Dificilmente alguém daria crédito para as Luke. Ele mesmo a havia ajudado a ir embora.

— Só até ela se ajeitar — disse ele. — Embora só Deus saiba quanto tempo isso vai levar.

Frances ficou chocada demais para reagir. Quando chegou em casa naquela noite e se deparou com o pesado silêncio do lugar, as contas empilhadas na mesa da cozinha e um bilhete que não explicava direito que rumo a mãe tomara, ela apoiou a cabeça nos braços e ficou assim até que, exausta, adormeceu.

* * *

Quase três meses depois, o Sr. Radcliffe chamou Frances ao seu escritório. A sombra da sua mãe diminuíra, as pessoas na cidade tinham parado de cochichar quando ela passava, e algumas inclusive a cumprimentavam. Hun Li estava mais gentil e até fazia questão de que, no jantar, colocassem sempre alguma sobra de carne de boi e de cordeiro no seu prato e lhe concedessem intervalos regulares para descanso. Certa vez, ele havia deixado duas laranjas para ela, embora mais tarde tivesse negado e até feito ameaças com a faca quando ela comentou sobre isso. Suas colegas no bar tinham perguntado se ela estava bem e refeito suas tranças, como agiriam com uma irmã. Outra vez, ele tinha lhe oferecido um

drinque no fim do expediente. Por mais que tivesse ficado agradecida, ela recusara. Quando outra garota enfiou a cabeça pela fresta da porta para pedir que ela fosse ao escritório do chefe, Frances estremeceu, com medo de também ser acusada de roubo. Tal mãe, tal filha… era o que comentavam na cidade. Está no sangue. Mas quando ela bateu na porta e entrou, viu que o Sr. Radcliffe não estava bravo.

— Sente-se — disse ele. No seu olhar parecia haver compaixão. Ela obedeceu. — Preciso pedir que saia da sua casa.

Antes que ela pudesse abrir a boca para contestar, ele continuou:

— A guerra vai mudar as coisas em Queensland. Forças militares estão vindo para cá e a cidade vai ficar movimentada. Fiquei sabendo que vai chegar muita gente que pode pagar um aluguel muito melhor. Enfim, Frances, não faz sentido uma menina como você morar sozinha naquela casa.

— Meu aluguel está em dia — respondeu Frances. — Nunca atrasei.

— Sei disso, querida, e não sou o tipo de homem que jogaria você na rua. Pode se mudar para cá. Pode ficar com um dos quartos lá em cima, onde Mo Haskins costumava dormir, você sabe qual. Vou cobrar um aluguel mais baixo, para que sobre um pouco de dinheiro para você. O que acha?

O Sr. Radcliffe estava tão confiante de que Frances ficaria contente com a proposta que ela não teve coragem de dizer o que realmente sentia: que a casa da Ridley Street era seu lar. Desde que a mãe se fora, ela começara a aproveitar sua independência, e a sensação de estar sempre à beira de um desastre tinha desaparecido. Além do mais, ela não queria se endividar com ele, como sugeria a oferta.

— Prefiro continuar na casa, Sr. Radcliffe. Eu… posso fazer hora extra para conseguir pagar o aluguel.

O Sr. Radcliffe suspirou.

— Eu realmente adoraria ajudar você, Frances, mas quando sua mãe levou meu dinheiro, deixou um buraco muito grande nas minhas finanças. Um buraco e-nor-me. E vou ter que cobrir isso.

Ele se levantou e se aproximou dela. A mão que colocou no seu ombro parecia imensamente pesada.

— É disso que gosto em você, Frances. É uma pessoa batalhadora, ao contrário da sua mãe. Por isso estou propondo que se mude para cá. Uma menina não deve passar os melhores anos da vida preocupada com aluguel. Deve sair, se vestir um pouco melhor, se divertir. Além do mais, não é bom que as pessoas saibam que uma garota tão nova mora sozinha… — Ele apertou os ombros de Frances, que ficou imóvel. — Não. Traga suas coisas no próximo sábado e deixe que eu me encarrego do resto. Vou mandar um dos rapazes lhe dar uma ajuda.

* * *

Mais tarde, ela se deu conta de que talvez as outras garotas soubessem de alguma coisa que ela ignorava. Que a piedade delas, a amizade e, em um caso específico, a hostilidade, não eram consequência, como ela tinha achado, do fato de morarem juntas, sob o mesmo teto, e sim do que elas deduziam que era a posição de Frances no hotel.

E, quando Miriam, uma judia baixinha com cabelo até a cintura, avisou que passaria uma tarde ajudando-a a ficar mais elegante, a gentileza talvez não fosse fruto da uma cordialidade feminina, mas da ordem que recebera de outra pessoa.

O que quer que fosse, Frances, pouco acostumada com demonstrações de amizade, se sentira intimidada demais para recusar a ajuda. No fim do dia, depois que Miriam penteou seu cabelo, apertou a faixa do vestido azul-escuro que ela havia ajustado ao seu corpo e a apresentou ao Sr.

Radcliffe, vangloriando-se da transformação, Frances achou que devia se sentir grata à colega.

— Nossa, olhe só para você — exclamou o Sr. Radcliffe, dando baforadas no cigarro. — Quem diria, hein, Miriam?

— Ela está ótima, não é?

Frances sentiu suas bochechas corarem, tanto pela maquiagem quanto pelos olhares fixos nela. Teve vontade de cruzar os braços para esconder o peito.

— Está ótima mesmo. Na verdade, acho que nossa pequena Frances está sendo desperdiçada com Hun Li, não acha? Tenho certeza de que podemos encontrar algo que dê mais destaque a ela do que lavando garrafas.

— Estou bem — retrucou Frances. — De verdade. Adoro trabalhar com o Sr. Hun.

— Claro, querida, e seu trabalho é ótimo também. Mas vendo como ficou bonita, acho que é mais útil para mim no bar. Então, a partir de agora, você vai servir drinques. Miriam vai lhe ensinar tudo.

Como em tantas outras vezes, Frances se sentiu manipulada. Era como se, apesar de supostamente adulta, houvesse gente demais interessada em tomar decisões por ela. E mesmo que tivesse percebido algo no olhar de Miriam que sugerisse alguma coisa por trás de tudo aquilo, alguma coisa vagamente desconcertante, ela não teria sido capaz de identificar com precisão o que era.

* * *

Frances devia ser grata. Devia ser grata porque o Sr. Radcliffe concedera a ela o lindo quartinho do sótão por um preço bem abaixo do que ela poderia pagar. Devia ser grata por ele estar cuidando dela, coisa que seus pais não tiveram o bom senso de fazer. Devia ser grata por ele sempre ter

sido atencioso, por ter comprado dois vestidos elegantes quando descobriu que praticamente todas as roupas dela estavam puídas, por levá-la para jantar uma vez por semana e por não deixar que falassem mal da sua mãe na frente dela, por protegê-la da atenção das tropas que lotavam a cidade. Devia agradecer por alguém achá-la tão bonita como ele achava.

Então, ela não deu ouvidos a Hun Li quando, certa noite, ele a chamou no canto e disse, com seu forte sotaque chinês, que ela devia ir embora. Naquele exato momento. Ela não era uma garota burra, por mais que os outros dissessem o contrário.

Por isso, naquela primeira noite, quando, em vez do aceno com o qual costumava dar boa-noite, o Sr. Radcliffe a convidou para ir ao seu quarto após o jantar, foi difícil dizer não. Quando ela afirmou que estava cansada, ele pareceu muito triste e disse que ela não podia deixá-lo sozinho depois de tê-lo distraído durante a noite inteira. Parecia tão orgulhoso do vinho importado especialmente para o bar que tinha achado importante que ela também o provasse. A segunda taça era ainda melhor. E quando ele insistira que ela se sentasse no sofá ao seu lado e não na cadeirinha, onde ficava confortável, teria sido indelicado recusar.

— Você sabe que é uma menina muito bonita, Frances — disse ele.

Havia algo quase hipnótico no modo que ele cochichava isso no ouvido dela. Nas suas mãos enormes que, sem ela perceber, tinham acariciado suas costas, como se ela fosse um bebê. No modo que seu vestido deslizara por sua pele nua. Mais tarde, ao relembrar a cena, ela se deu conta de que não tinha tentado impedi-lo porque só percebera tarde demais o que devia ter impedido. E não havia sido tão ruim, não é mesmo? Porque o Sr. Radcliffe se preocupava com ela. Como nunca alguém se preocupara. O Sr. Radcliffe tomaria conta dela.

Ela talvez não tivesse certeza do que sentia por ele. Mas sabia que devia ser grata.

* * *

Frances ficou no Rest Easy Hotel por mais três meses. Durante os dois primeiros, o Sr. Radcliffe e ela (ele nunca sugeriu que ela o chamasse pelo primeiro nome) criaram uma rotina de duas "visitas" noturnas por semana. Às vezes, ele a convidava para seu quarto depois de levá-la para jantar. Em raras ocasiões, ele aparecia no quarto dela sem avisar. Ela não gostava quando isso acontecia, pois ele estava quase sempre bêbado. Certa vez, ele entrou e não falou quase nada, apenas abriu a porta e se jogou em cima dela. A impressão que ela teve foi a de ser apenas um receptáculo. Depois, ficou horas tentando tirar o cheiro dele da pele.

Ela logo percebeu que não o amava, apesar de tudo o que ele lhe dizia. Entendeu por que ele contratava tantas mulheres no hotel. Ela notou, com um pouco de curiosidade, que nenhuma delas invejava seu posto de namorada de Radcliffe, mesmo sabendo que ele a favorecia com relação a salário, roupas e atenção.

Ela entendeu suas intenções no dia em que ele propôs que ela "entretivesse" seu amigo por um tempo.

— Desculpe — respondeu ela, dando um sorriso fraco para os dois homens —, acho que não ouvi direito.

Ele colocou a mão no ombro dela.

— Meu amigo Neville tem um carinho especial por você, querida. Faça um favor para mim e ajude-o a se sentir melhor.

— Não estou entendendo — repetiu ela.

Seus dedos apertaram o braço de Frances. E, por causa do calor sufocante que fazia naquela noite, escorregaram em sua pele.

— Acho que está entendendo, sim, querida. Você não é burra.

Ela recusou, vermelha de raiva por ele ter considerado que ela era capaz de fazer aquele tipo de coisa. Continuou recusando e tentou, com um olhar furioso, transmitir a mágoa que sentia com a sugestão dele. Praticamente correu para a escada, com lágrimas de humilhação inundando seus olhos, ansiosa para se refugiar na segurança do seu quarto,

tendo noção de que as outras garotas a observavam e que tropas, que haviam se tornado sempre presentes, a vaiavam. Mas logo ouviu os passos ameaçadores de Radcliffe, que a seguira. Quando ela chegou à porta do quarto, ele a alcançou.

— O que acha que está fazendo? — gritou ele, virando-a de frente.

Seu rosto tinha a mesma cor de quando ele acusara sua mãe de roubo.

— Me deixe em paz! — berrou ela. — Não consigo acreditar que está me pedindo para fazer uma coisa dessas!

— Como se atreve a me envergonhar assim? Depois de tudo o que fiz por você? Eu a acolhi, não cobrei o dinheiro que sua mãe me roubou, dei vários vestidos novos de presente, levei você a bons restaurantes, enquanto todo mundo nesta cidade dizia que eu devia manter distância de qualquer pessoa da família Luke…

Ela se sentou e tapou o rosto com as mãos, como se pudesse impedir que ele se aproximasse mais. Ouviu alguém começar a cantar lá embaixo, o que foi recebido com risos de escárnio.

— Neville é um amigo meu, você entende, sua garotinha idiota? Um grande amigo meu. O filho dele foi para a guerra, por isso ele está arrasado. Só estou tentando fazer com que se distraia e pense em outra coisa. Por isso, estamos aqui, nós três, tendo uma noite agradável, entre amigos, até você começar a se comportar feito uma criança mimada! Como acha que Neville se sentiu com isso?

Ela tentou interromper, mas ele a impediu e continuou:

— Achei que você fosse melhor do que isso, Frances. — Então ele baixou a voz e adotou um tom conciliatório: — Uma das coisas que sempre me agradaram em você foi sua dedicação aos outros. Você não gostava de ver ninguém infeliz. Então não estou pedindo muito se pararmos para pensar, não acha? É uma simples ajuda a uma pessoa que acabou de ver o filho partir para talvez perder a vida na guerra.

— Mas eu…

Ela não sabia o que responder. Começou a chorar e tentou levar a mão ao rosto, mas ele a segurou.

— Nunca te forcei a nada, não é verdade?

— Não.

— Olhe, querida, Neville é um cara legal, não é?

Era um sujeito baixo, de cabelo grisalho, bigode e dentes pequenos como os de rato. Passara a noite inteira sorrindo para ela. Frances imaginara que ele tinha achado sua conversa interessante.

— E você se importa comigo, não é?

Ela assentiu, sem dizer nada.

— Seria muito importante para ele. E para mim. Vamos, querida, não estou pedindo demais.

Ele ergueu o rosto dela e a forçou a abrir os olhos.

— Não quero — sussurrou ela. — Isso, não.

— Vai tomar apenas meia hora da sua vida. E até parece que você não gosta, não é mesmo?

Ela não sabia o que responder. Nunca estivera sóbria o bastante para lembrar.

Como ela não falou nada, ele pareceu considerar que tinha concordado, e a levou até o espelho.

— Olhe só, suba agora e se arrume um pouco. Ninguém quer ver um rosto cheio de lágrimas. Vou mandar levarem alguns drinques, como aquele conhaque ótimo que você gosta, e depois faço Neville subir. Vocês vão se dar muito bem.

Então ele saiu do quarto sem olhar para ela.

* * *

Depois desse dia, ela perdeu a conta de quantas vezes fez aquilo. Só sabia que a cada encontro bebia mais, e um dia até passou mal, o que fez o

homem pedir o dinheiro de volta. O Sr. Radcliffe se irritava cada vez mais com ela, que se refugiava no banheiro e ficava lá o máximo de tempo possível. Ela esfregava a pele com tanta força que surgiam manchas vermelhas de escoriação, o que fazia as outras mulheres estremecerem ao passar por ela.

Por fim, na última ocasião, enquanto o bar ficava cada vez mais barulhento e as escadas estalavam com o constante sobe e desce, Hun Li viu Frances escapar para a adega. Ela havia escondido ali uma garrafa de rum e se escondera em um canto, entre os barris de Castlemaine e McCracken, para se livrar de dois soldados de folga que ficaram sabendo pelo Sr. Radcliffe que havia a possibilidade de passarem algum tempo com ela. E ficou ali bebendo no gargalo da sua garrafa já meio vazia.

— Frances!

Ela se virou de repente. Como estava bêbada, demorou a perceber quem era, e só o reconheceu pela camisa azul e os braços musculosos.

— Não diga nada — resmungou ela, largando a garrafa. — Vou colocar o dinheiro na caixa registradora.

Ele se aproximara dela, sob a lâmpada sem bulbo que os iluminava, e ela se perguntou se ele também tinha vontade de tocá-la.

— Você precisa ir embora — disse ele.

Ele afastou uma mariposa que surgiu perto do seu rosto.

— O quê?

— Você precisa ir embora daqui. Este não é um bom lugar.

Era praticamente a única coisa que ele tinha dito a ela em quase dezoito meses. Por isso, Frances riu, uma risada amarga, irritada, que se transformou em choro. Depois ela se curvou, envolvendo o corpo com os braços, incapaz de recuperar o fôlego.

Constrangido, ele continuou parado diante dela, mas depois se aproximou devagar, como se tivesse medo de tocá-la.

— Peguei isto para você — disse.

Por um instante, ela imaginou que ele lhe daria um sanduíche. Mas então viu que sua mão estava cheia de dinheiro, um calhamaço de notas.

— O que é isso? — murmurou ela.

— O homem da semana passada. Aquele… — Hun Li titubeou, sem saber como descrever melhor o último "amigo" do Sr. Radcliffe. — Aquele com o terno elegante. Dono de um cassino. Roubei do carro dele. — Estendeu a mão fechada para ela. — Fique com isto. Vá embora amanhã. Pague para o Sr. Musgrove levá-la à estação.

Ela não se mexeu e ele insistiu, com a mão estendida.

— Vamos. Você mereceu.

Ela observou o dinheiro, se perguntando se estaria tão bêbada a ponto de ter imaginado a cena. Mas quando encostou o dedo nas notas, percebeu que aquilo era real.

— Acha que ele vai contar para o Sr. Radcliffe?

— E daí? Você já terá ido embora. Tem um trem partindo amanhã. Vá. Vá agora. — Ela continuou calada, e ele pareceu zangado. — Este lugar não é nada bom para você, Frances. Você é uma boa menina.

Uma boa menina. Ela ficou encarando o homem que havia considerado incapaz de falar, e muito menos de demonstrar tanta bondade. Frances pegou o dinheiro e o enfiou no bolso. O suor de Hun Li havia amolecido as notas, que amassaram com o contato do tecido da roupa. Então ela se virou para lhe estender a mão em agradecimento.

Como ele não estendeu a sua, ela achou que talvez houvesse alguma coisa por trás da solidariedade de Hun Li, mas não quis pensar sobre isso. Em apenas três meses, sua "profissão" lhe ensinara a agir dessa forma.

Ele assentiu para ela, como se estivesse envergonhado da sua própria discrição.

— E o senhor? — perguntou ela.

— Eu o quê?

— O senhor não precisa deste dinheiro?

Mas, na verdade, ela não queria fazer esta pergunta, já imaginando o benefício que as notas no seu bolso lhe trariam.

Não conseguiu decifrar a expressão de Hun.

— Você precisa muito mais que eu — respondeu ele, virando-se, em seguida, e suas costas largas desapareceram na escuridão.

16

Lavanderia: instalações limitadas à lavagem de roupas a bordo… Nunca pendure nada em escotilhas, vigias ou qualquer lugar onde possam ser vistas do lado de fora.

INSTRUÇÕES PARA PASSAGEIRAS DO HMS VICTORIOUS

VINTE E CINCO DIAS

— Meu pobre velho amigo. Não era esse o destino que você merecia, de jeito nenhum.

Ele apoiou delicadamente a mão no navio e teve a impressão de sentir, através do metal frio, o eco de anos de combates.

— Você é muito bom para eles. Bom demais.

Depois se empertigou e deu uma olhada para trás, ao se dar conta de que falava em voz alta com o navio, e torceu para que Dobson não tivesse testemunhado a cena. Dobson ficara bastante confuso com as mudanças na rotina do comandante e, por mais que gostasse de desestabilizá-lo, Highfield sabia que só podia ir até um determinado ponto sem precisar dar satisfação aos seus superiores.

Não existira um centímetro quadrado do *Indomitable* que Highfield não conhecesse, nenhum dado da sua história que não fosse familiar para ele. Vira os conveses submergirem nas enormes ondas do Adriático, sua imensa estrutura balançar como um barco a remo durante uma tempestade. Era ele quem estava no comando quando cruzaram o Ártico no inverno de 1941 e os conveses ficaram cobertos por quinze centímetros

de neve, além das torres de tiro terem congelado, obrigando vinte marinheiros munidos de marretas e pás tentarem durante horas remover o gelo para manter a embarcação funcionando. Ele conseguira deixar o navio estável durante os combates aos bombardeiros suicidas do campo de aviação de Sakishima Gunto, quando um avião camicase tinha literalmente ricochetado no convés de voo, cobrindo o navio com ondas gigantescas de água do mar e combustível de aeronaves. Também o conduzira pelo Atlântico, ouvindo em silêncio o eco ameaçador do radar que indicava a presença de submarinos inimigos. Vira o convés de voo virar uma imensa cratera quando, no início da guerra, pelo menos três Barracudas tinham colidido em pleno ar e se espatifado ali. Ele achava que não era capaz de contar exatamente o número de homens que haviam perdido, os funerais ao mar que havia conduzido, nem a quantidade de corpos que foram lançados na água. E, afinal, ele assistira ao fim do navio. O convés se inclinara antes que o navio deslizasse para o fundo, levando junto alguns homens que, conforme haviam garantido, já estavam mortos. Seu menininho querido estava entre eles, o corpo perdera-se em algum lugar no meio daquele inferno que jorrava fumaça preta sobre o que restava da superfície, sua pira funerária. Quando a proa afundou e as ondas cobriram o navio, não restou nenhum sinal de que a embarcação um dia existira.

O esboço do *Victoria* era idêntico ao do seu irmão gêmeo. Highfield tivera uma sensação estranha, quase sobrenatural, na primeira vez que colocara os pés no navio. Durante algum tempo, ficara ressentido. Mas atualmente sentia uma perversa obrigação em relação a ele.

Haviam entrado em contato com Highfield naquela manhã. O próprio comandante-chefe da Frota Britânica do Pacífico tinha telegrafado. Com um tom brincalhão, dissera que Highfield podia dispensar a equipe de pintura pelo resto da viagem: não havia necessidade de cansar os homens com manutenção demais. Examinariam o *Victoria* num deque seco em

Plymouth antes de ser modificado e vendido para alguma companhia de navegação, ou desmontado.

— Não há nada de errado com o velho *Victoria* — respondera ele. — Sugiro fortemente que continue operando.

Ele não contara aos homens: suspeitava que a maioria nem reparasse em que navio estavam, contanto que os alojamentos tivessem um tamanho decente, recebessem o pagamento com regularidade e a comida fosse aceitável. Com o fim da guerra, muitos abandonariam a Marinha para sempre. Ele e o velho navio não passariam de uma longínqua lembrança quando contassem histórias de guerra durante o jantar.

Highfield suspirou e tentou apoiar o peso do corpo na perna machucada. Atracariam em Bombaim no dia seguinte. Ele não daria atenção às instruções do seu superior. Há vários dias organizara os marinheiros em equipes para consertar, pintar e polir. A Marinha sabia que marinheiros que se mantinham ocupados eram marinheiros menos suscetíveis a criar problemas… E considerando o que estavam transportando, essa luta era constante. Não haveria no navio um parafuso de cobre sequer no qual ele não conseguisse ver o reflexo do seu rosto.

Highfield imaginava que os homens deviam se perguntar se havia alguma coisa errada com ele. Também era possível que o governador de Gibraltar percebesse. Ele não era burro.

— Eu morro se tiver que abandoná-lo antes do tempo — disse baixinho para o navio, apoiando-se com mais força na amurada. — Vou ficar com você até que minha maldita perna caia.

* * *

— O que as senhoras precisam fazer é misturar uma colher de sopa de ovo em pó com duas colheres de sopa de água. Deixem descansar durante alguns minutos até o pó absorver toda a umidade. Depois tirem com uma

colher de pau os caroços que se formaram. Mexam com bastante energia… Usem um pouco de graxa de cotovelo, sabem como é? — Ela reparou na expressão perplexa de todas. — Esta é uma expressão inglesa. Não significa… graxa no sentido literal.

Margaret se sentou com o caderno no colo e a caneta na mão. Já fazia algum tempo que deixara de anotar as receitas, distraída pelo murmúrio das conversas ao seu redor.

— Prostituta? Não acredito. De jeito nenhum a Marinha ia permitir que uma prostituta viajasse com todos esses homens.

— Bem, eles não deviam saber, não acha? Com certeza não sabiam.

— É possível preparar vários pratos com ovo em pó. Acrescentem um pouco de salsinha ou agrião e dará para fazer uma ótima… imitação de ovos mexidos. Mas não se sintam limitadas só porque talvez não tenham os ingredientes que estavam acostumadas a usar em casa. Na verdade, meninas, vocês não vão encontrar os ingredientes que costumavam usar.

— Mas quem é que se casaria com ela? Acha que foi um dos… clientes?

— E se ele não souber? Não acha que a Marinha deveria avisá-lo?

O navio inteiro conversava sobre o mesmo assunto. No decorrer dos últimos dias, Frances Mackenzie, possivelmente a passageira mais discreta que o *Victoria* já transportara, tinha se tornado a mais conhecida. As pessoas que já haviam estabelecido contato com ela estavam fascinadas que a garota supostamente recatada tivesse um passado tão duvidoso. Outras, que achavam fascinante a história da sua antiga profissão, se sentiam na obrigação de enchê-la de detalhes que ninguém ainda tinha condições de contestar. Se é que alguém pretendera fazer isso. O próximo desembarque ainda estava longe e não havia dúvida de que aquele era o fato mais interessante que surgira até então na viagem.

— Ouvi dizer que ela estava no trem. O trem que costumavam mandar para as tropas, sabem. Estava cheio de… desse tipo de mulher.

— Você acha que mandaram examiná-la para conferir se ela tinha alguma doença? Sei que faziam isso nos navios americanos. Afinal, nós usamos o mesmo banheiro que ela, pelo amor de Deus!

Margaret resistiu à vontade de interromper aquelas mulheres idiotas e fofoqueiras para dizer que elas não sabiam do que estavam falando. Mas era difícil fazer isso, porque ela mesma não fazia ideia do que era verdade.

Frances não comentara nada. Na noite do acidente, havia se refugiado no seu beliche e ali ficara, fingindo dormir até as outras saírem de manhã, e fazia o mesmo quando elas voltavam. Mal tinha falado algo, limitando a conversa ao mínimo necessário. Servira um pouco mais de água para a cachorrinha. Tinha prendido a porta para deixá-la entreaberta. Tudo desde que as colegas concordassem, é claro. Evitara o refeitório principal. Margaret não tinha certeza se ela estava se alimentando.

Avice pedira, ostensivamente, para trocar de cabine, mas como o único beliche disponível acabou não sendo do seu agrado, ela anunciara em voz alta que queria manter o mínimo contato possível com Frances. Margaret tinha pedido que ela não agisse de forma tão ridícula e que parasse de acreditar num monte de fofocas cruéis. Nada deveria ser verdade.

Mas era difícil ser tão veemente quanto gostaria, na medida em que Frances fazia tão pouco para se defender.

E até Margaret, que nunca ficava sem palavras, não sabia direito o que dizer. Ela admitia que, às vezes, tinha um lado ingênuo, por isso era difícil associar uma pessoa séria que sempre usava roupas sóbrias a "uma daquelas". O único conhecimento que Margaret tinha sobre esse tipo de mulher, ela tirara do pôster com a foto de uma delas que vira no quarto de Dennis Tims, e que tinha a mensagem inflexível: "Doença venérea — o assassino silencioso", e dos filmes de faroeste a que ela costumava assistir com os irmãos, nos quais as mulheres ficavam reunidas no fundo de algum bar. Será que, para receber os homens, Frances usava vestidos com corpetes apertados e passava blush em excesso? Será que ela os tinha

atraído para o quarto, aberto as pernas e os convidado a fazer sabe-se lá o que com ela? Esses pensamentos atormentavam Margaret, que corava toda vez que conversava com Frances, apesar de toda a gentileza que a garota lhe oferecia. Sabia disso e ficava envergonhada. Suspeitava que Frances também percebia.

— Bem, eu acho essa história repugnante. Para ser sincera, se meus pais soubessem que eu ia viajar com alguém como ela, nunca me deixariam embarcar.

A garota na frente dela endireitou os ombros com um estremecimento hipócrita.

Margaret observou as receitas com ovo em pó que escreveu com o seu garrancho de sempre.

— Realmente nos faz pensar — disse a menina ao seu lado.

Margaret enfiou o caderno na cesta, se levantou e saiu da sala.

Querida Deanna,

Não tenho palavras para descrever como a vida a bordo é divertida… uma surpresa e tanto, considerando todos os fatos. Nem sei como acabei virando candidata a Rainha do Victoria, *um título que vai para a esposa que se destacar em todos os quesitos femininos. Será ótimo mostrar a Ian que poderei ser útil para ele e para sua carreira. Até agora ganhei pontos em trabalhos manuais, costura e habilidade musical (cantei* Shenandoah, *e a plateia pareceu gostar). Além disso… ah, você não vai acreditar… venci o concurso de "Miss Pernas Mais Bonitas"! Usei meu maiô verde com os sapatos de salto alto de cetim da mesma cor. Espero que você não se importe que eu tenha trazido esse par comigo. Você usava tão pouco que me pareceu idiotice guardá-los para "ocasiões especiais", considerando que a vida social em Melbourne deve estar muito parada agora que os Aliados estão deixando o país.*

Como você está? A carta de mamãe dizia que você não se corresponde mais com aquele rapaz simpático de Waverley. Ela foi muito vaga sobre o que aconteceu. Não consigo acreditar que alguém abandonaria uma garota sem mais nem menos. A não ser, imagino, que ele tenha encontrado outra pessoa.

Os homens podem ser um grande enigma, não é mesmo? Agradeço a Deus todos os dias por Ian ser tão dedicado.

Preciso ir agora, irmã querida. Estão nos chamando para a atividade na água, e estou louca para nadar um pouco. Vou mandar esta carta no próximo porto em que atracarmos, e prometo contar todas as aventuras que eu viver lá!

Da irmã que te ama,
Avice

Era a primeira vez que as mulheres tinham conseguido autorização para nadar, e algumas, ainda sentindo os efeitos do racionamento de água, não quiseram aproveitar. Avice terminou a carta e foi para o convés da proa. Viu centenas de mulheres nas águas cristalinas ao redor do navio, dando gritinhos enquanto flutuavam perto dos botes salva-vidas. Os marinheiros e oficiais que não estavam tripulando, observavam da amurada, fumando cigarro.

Ainda não havia sinal do bebê. Avice examinara o próprio corpo e constatara, com orgulho, que seu ventre continuava liso, mas seus seios estavam sedutoramente um pouco mais volumosos. Ela não se tornaria uma daquelas baleias flácidas, feito Margaret, que se sentavam pelos cantos, esbaforidas e suadas, com tornozelos e pés inchados como os de um elefante. Ela faria o possível para se manter em boa forma e atraente até o fim. Quando a barriga crescesse, ficaria em casa, prepararia um lindo quarto para o bebê e só sairia depois do nascimento do filho. Era assim que uma verdadeira dama agia.

Agora que não se sentia mais enjoada, tinha certeza de que sua gravidez seria ótima, pois, graças ao sol constante, sua pele estava bronzeada e seu cabelo louro ganhara reflexos luminosos. Avice chamava atenção onde quer que fosse. Como todo mundo já sabia da sua gravidez, ela se perguntava se não devia cobrir um pouco o corpo, se não seria aconselhável ser um pouco mais recatada. Mas faltavam tão poucos dias para entrarem em águas europeias que parecia uma pena desperdiçá-los. Avice tirou seu vestido de alcinha, se empertigou apenas para garantir que causaria a melhor impressão possível, depois se deitou no convés para pegar sol. Deixando de lado o infeliz episódio relacionado a Frances (que se tornara um dos mais comentados da viagem), e com o constante

aumento de pontos para o concurso de Rainha do *Victoria*, ela achava que tinha tornado a viagem um grande sucesso.

* * *

Um pouco adiante, no castelo de proa, Nicol estava encostado na parede. Normalmente, ele não fumaria em um convés, ainda mais estando de serviço, mas nos últimos dias tinha fumado um cigarro atrás do outro com uma determinação implacável, como se o ato repetitivo o ajudasse a pensar menos.

— Vai entrar na água mais tarde? — perguntou um marinheiro ao seu lado, com quem ele muitas vezes tinha jogado *Uckers*, uma espécie de batalha naval.

Os homens seriam chamados para o banho de mar assim que as mulheres terminassem o delas.

— Não — respondeu Nicol, apagando o cigarro.

— Eu vou. Mal posso esperar.

Por educação, Nicol fingiu interesse. O marinheiro apontou para a água.

— Aquele grupo de mulheres se divertindo me faz lembrar das minhas filhas em casa.

— Ah…

— Tem um rio que passa atrás do nosso jardim. Quando as meninas eram pequenas, levávamos elas lá nos dias de sol para ensiná-las a nadar. — Perdido em suas lembranças, ele imitou uma braçada de nado de peito. — Por morar perto da água, sabiam boiar. É mais seguro, claro.

Nicol apenas assentiu.

— Algumas vezes achei que não as veria mais. Muitas vezes, para ser sincero. Mas é melhor não pensar muito nisso, não acha?

Mesmo sem querer, Nicol sorriu da descrição que o homem fazia de si mesmo.

— Ainda assim… tudo bem. Tempos melhores virão. — Deu uma longa tragada no cigarro e depois o jogou na água. — Fiquei surpreso que o velho Highfield tenha deixado as mulheres tomarem banho de mar. Achei que a visão de todos esses corpos femininos seria demais para ele.

O tempo estava bom naquela tarde, como vinha acontecendo havia vários dias. Abaixo deles, na água cristalina, duas mulheres nadavam em direção a um dos botes salva-vidas, se contorcendo e dando gritinhos de alegria, enquanto outras as incentivavam, debruçadas na amurada do navio. Uma deu um grito histérico quando a amiga jogou água nela.

O homem as observava com um sorriso.

— É um sujeito frio e distante, esse Highfield. Sempre achei. É preciso desconfiar de um homem que quer ficar sempre sozinho.

Nicol não comentou nada.

— Houve uma época em que eu teria brigado com quem se atrevesse a dizer que ele era um comandante ruim. Tenho de admitir que dava orgulho trabalhar com ele. Mas agora é fácil perceber que ele mudou. Perdeu a confiança em si mesmo desde o *Indomitable*, não é mesmo?

O marinheiro mais velho estava quebrando uma regra tácita entre os homens de não falar sobre o que acontecera naquela noite, e, pior ainda, de apontar um culpado. Nicol não respondeu, apenas balançou a cabeça.

— Era incapaz de delegar ordens. Nem com assuntos importantes. Já vi isso acontecer com quem quer controlar tudo sozinho. Tenho certeza de que se ele estivesse com a cabeça no lugar naquela noite, poderia ter dado ordens precisas e teríamos conseguido salvar vários homens. Mas ele só pensou em si mesmo. Não olhou para o quadro geral. É isso que um comandante precisa ter: habilidade para ver o quadro geral, para prever o que vai acontecer.

Nicol pensou que se tivesse ganhado um shilling cada vez que se deparasse com um estrategista sem ação ao longo dos seus anos de trabalho, seria um homem rico.

— Sempre pensei que fosse uma piada dos chefões a ideia de confiar a ele a missão de levar este navio de volta para casa… Não… acho que não dá para conhecer um homem até vê-lo lidar com as pessoas próximas e queridas. Estive sob suas ordens durante cinco anos e nunca ouvi alguém defendê-lo.

Os dois ficaram em silêncio durante algum tempo. Por fim, talvez reconhecendo que a conversa deles tinha sido unilateral, o homem perguntou:

— Vai ficar feliz ao rever sua família?

Nicol acendeu mais um cigarro.

Ela não estava na água. Ele não achava mesmo que ela fosse entrar.

Ele passou o resto da noite em claro, assombrado pelas palavras de Jones e também por um sentimento de traição. Aos poucos, enquanto a noite era substituída pelo dia, sua incredulidade tinha evaporado, sendo rapidamente trocada pelos inúmeros estranhos indícios e inconsistências no comportamento dela. Lá dentro do navio, ele desejava que ela, indignada, negasse a acusação. Ele queria ouvir seu repúdio à calúnia. No entanto, ela não dissera nada. Agora ele queria que ela se explicasse, como se, de algum modo, o tivesse traído.

Ele não precisara fazer mais perguntas para esclarecer o que havia sido dito, pelo menos não sobre ela. Quando voltou para o alojamento, Frances continuava sendo o assunto das conversas dos homens.

— Ela tinha os olhos grandes — dizia Jones, o galês, se esticando para fora da rede para pegar um cigarro. — Uma tonelada de maquiagem no rosto, quase como se as outras a tivessem maquiado de brincadeira.

Nicol estava de pé perto da escotilha e se perguntava se não seria melhor voltar. Ele não sabia ao certo o que o fazia ficar ali.

Aparentemente, o próprio Jones havia sido presenteado com Frances, mas a recusara. Ela chamava atenção pelo físico.

— Magra como um palito — disse ele —, quase sem peito. E estava bêbada — acrescentou.

Ele franziu os lábios, como se tivessem lhe oferecido algo repugnante.

O gerente a mandara subir com um dos seus colegas e ela caíra na escada. Todos riram: havia algo cômico naquela menina magrela, com maquiagem carregada, bêbada para caramba e trocando as pernas.

— Na verdade — disse ele em tom mais sério —, achei que ela era menor de idade, entende o que quero dizer? E eu não estava querendo ser preso.

Duckworth, que parecia um grande conhecedor desse tipo de coisa, concordara.

— Mas, caramba, quem poderia imaginar? Agora ela parece tão inocente.

É verdade, pensou Duckworth, se não fosse por ele reconhecendo a moça, ninguém teria imaginado.

Nicol tinha começado a montar sua rede. Estava considerando dormir um pouco antes do próximo turno.

— Então, Nicol — disse Jones atrás dele. — Espero que não esteja pensando em se esgueirar na cabine dela e dar uma rapidinha mais tarde. Precisa guardar dinheiro para a sua dama. — Ele deu uma gargalhada. — Além disso, ela está um pouco mais bonita agora. Mais chique. Com certeza cobraria uma fortuna.

Ele estava morrendo de vontade de quebrar a cara de Jones. Uma parte irracional sua quisera fazer o mesmo com ela. Mas ele não fez nem uma coisa nem outra. Apenas abriu um discreto sorriso amargo, com a sensação de que estava envolvido em algum tipo de traição. Depois, desapareceu no banheiro.

* * *

Anoitecera. O *Victoria* avançava pelas águas escuras, sem se preocupar com a hora nem com a estação do ano, nem com o humor ou os caprichos dos seus tripulantes. Obedientemente, os motores potentes lhe forneciam a energia necessária. Deitada no beliche, Frances escutava os ruídos já familiares do navio, os últimos chamados pelos alto-falantes, o murmúrio das conversas, os passos discretos das passageiras que se preparavam para dormir, as fungadas e os resmungos, a respiração cada vez mais tranquila das suas duas companheiras de cabine. Os sons de silêncio, de solidão, os sons que lhe indicavam que, mais uma vez, ela estava livre para respirar. Os sons pelos quais parecia ter esperado durante grande parte da vida.

E, do lado de fora, apenas audível para seu ouvido treinado, havia o som de dois pés no chão do corredor.

Ele chegou às quatro da manhã. Ela o ouviu murmurar alguma coisa para o fuzileiro enquanto faziam a troca de guarda, e o eco abafado dos passos do outro seguindo para alguma área do navio ou para o seu alojamento. Escutou o homem do outro lado da porta e teve a impressão de que há centenas de noites fazia o mesmo.

Por fim, quando não conseguiu mais se conter, saiu do beliche. Margaret e Avice dormiam cada uma de um lado da cabine, mas não perceberam a colega ir na ponta dos pés, com passos firmes e silenciosos, até a porta de aço. Logo antes de alcançá-la, parou e fechou os olhos, como se sentisse dor.

Depois deu um passo à frente e, em silêncio e com cautela, apoiou o rosto na superfície metálica. Aos poucos foi encostando o corpo inteiro: as coxas, a barriga e o peito, pressionando a palma das mãos de cada lado da cabeça, sentindo a solidez do metal frio através da camisola fina.

Se ela virasse a cabeça e encostasse a outra bochecha na porta, quase conseguiria ouvir a respiração dele.

Permaneceu assim, no escuro, por algum tempo. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e caiu no seu pé descalço. Depois outra.

Do lado de fora, com exceção do barulho baixo do motor, estava tudo em silêncio.

17

Entre os 300 itens diferentes que a Cruz Vermelha disponibilizou a bordo para uso das mulheres havia roupas de cama, toalhas, papel de carta, remédios e produtos de beleza, além de toneladas de frutas em conserva, leite, biscoito, carne e caixas de chocolate. A Cruz Vermelha também providenciou 500 espreguiçadeiras dobráveis de lona e um livro específico sobre partos.

SYDNEY MORNING HERALD, *3 DE JULHO DE 1946*

VINTE E SEIS DIAS

Podemos supor, com relativa segurança, que um porto de renome, ainda mais um utilizado como uma escala importante durante grande parte da guerra, tenha visto passar por seus portões quase tudo que se possa imaginar. Armas, munição, alimentos, sedas, especiarias, soldados, comerciantes, textos sagrados e lixo, e sem despertar muitos comentários.

Os mais velhos recordariam o rugido ameaçador de seis tigres brancos confinados em caixotes que seguiam para a casa de um magnata do cinema americano. Outros não esqueceriam a reluzente cúpula dourada de um templo, encomendada por algum chefe de estado europeu vaidoso. Mais recentemente, durante várias semanas o porto ficara tomado por uma rara fragrância depois que um guindaste com cinco mil frascos de perfume enjoativo deixou sua carga cair no cais.

No entanto, o espetáculo de cerca de seiscentas mulheres à espera do desembarque em Bombaim bloqueou totalmente o trânsito nas imediações de Alexandra Lock. As mulheres, uma do lado da outra nos

conveses, usavam vestidos de verão, leves e coloridos. Acenavam com chapéus e bolsas, e suas vozes liberavam a energia de três semanas e meia no mar. Centenas de crianças corriam pelo cais, com os braços erguidos, gritando que as mulheres jogassem mais e mais moedas. Pequenos rebocadores se movimentavam como satélites ao redor da imensa proa. Seus motores barulhentos puxavam o *Victoria* para posicioná-lo da maneira correta no cais. Enquanto o navio seguia suavemente para seu local, algumas passageiras comentavam alto que estavam surpresas de ver um navio tão grande se encaixar em uma comporta. Outras se queixavam do cheiro e passavam lenços brancos nos rostos brilhantes. Ao longo de todo o cais, olhares se erguiam na direção do majestoso porta-aviões que não transportava mais aeronaves. Homens e mulheres vestindo túnicas e saris coloridos, soldados, estivadores, comerciantes, todos paravam para observar o navio cheio de mulheres fazer a manobra de entrada.

— Fiquem juntas e não se afastem da via principal! — A oficial lutava para se fazer ouvir no meio da algazarra das mulheres desesperadas para desembarcar. — E voltem no máximo às dez da noite. O comandante Highfield deixou claro que não vai tolerar atrasos. Todas entenderam?

Tinham se passado poucos meses desde o motim dos marinheiros indianos no porto. Eles haviam entrado em greve para protestar contra suas condições de vida. As razões do aumento das hostilidades ainda eram assunto de debates, mas não restava dúvidas de que o conflito havia deflagrado uma violenta batalha armada entre tropas inglesas e os rebeldes que durara vários dias. Ocorreram várias discussões acaloradas sobre a sensatez da permissão para o desembarque das mulheres. No entanto, considerando que elas tinham permanecido a bordo em Colombo e Cochin, não parecia justo mantê-las no navio por mais tempo. A oficial ergueu bem alto uma prancheta e com a mão livre enxugou o suor do rosto.

— A oficial de serviço vai anotar os nomes conforme as senhoras forem voltando a bordo. Cada uma deve verificar se o seu nome está registrado.

O calor estava arrebatador e Margaret se agarrou à lateral do navio, torcendo, enquanto a multidão se espremia em torno dela, para encontrar um lugar para se sentar. Avice, ao seu lado e com uma das mãos acima dos olhos para protegê-los do sol forte, estava na ponta dos pés e descrevia, aos gritos, o que conseguia enxergar.

— Precisamos visitar o Portal da Índia. Parece que todo mundo faz isso. E dizem que o Willingdon Club é maravilhoso, mas fica a alguns quilômetros da cidade. Lá tem quadra de tênis e piscina. Acha que devemos pegar um táxi?

— Eu quero encontrar um bom hotel e ficar com os pés para cima por meia hora — respondeu Margaret.

Elas tinham ficado em pé durante as quase duas horas que o *Victoria* levara para baixar a âncora, e a temperatura alta demais deixara seus tornozelos inchados.

— Vamos ter tempo de sobra para isso, Margaret. Nós, grávidas, precisamos fazer o possível para nos manter ativas. Ah, olhem! Daqui a pouco vão nos deixar desembarcar.

Havia uma fila para embarcar nos *gharries*, que eram pequenas carroças puxadas por cavalos, que levariam as mulheres até o Portão Vermelho, na entrada do porto. As que já tinham descido a passarela de desembarque estavam agrupadas ao redor deles, conversando, conferindo várias vezes se não tinham esquecido as bolsas e os chapéus, ou apenas apontando para a cidade ao longe.

Do outro lado do portão, Margaret viu avenidas largas e arborizadas, ao longo das quais se enfileiravam grandes hotéis, casas e lojas. As ruas e calçadas eram bastante movimentadas. A solidez da terra firme e o amplo espaço ao redor a deixaram um pouco tonta, e várias vezes ela sentiu o

corpo oscilar, sem ter certeza de que era por causa do calor ou da longa permanência no mar.

Duas mulheres passaram por elas equilibrando na cabeça enormes cestas de frutas com a mesma desenvoltura com que as esposas do *Victoria* usavam seus chapéus. As duas cochicharam alguma coisa e, ao rirem, taparam a boca com os dedos cheios de anéis. Enquanto Margaret as observava, uma notou alguma coisa no chão. Sem inclinar o corpo, ergueu o pé descalço, pegou o objeto com os dedos, o colocou na mão e depois no bolso.

— Fantástico! — exclamou Margaret, que não conseguia enxergar os próprios pés havia semanas.

— Parece que vai ter um jantar dançante no Green's Hotel. — Avice estava verificando suas anotações na agenda. — Algumas esposas do convés 8D vão lá mais tarde. Falei que talvez nos encontrássemos com elas para tomar chá. Mas estou louca para fazer compras. Tenho a impressão de que já comprei tudo que tinha na cooperativa do navio.

— Só quero me sentar — murmurou Margaret. — Não ligo para fazer turismo nem compras. Só quero um pedaço de terra firme e um maldito lugar para me sentar.

— Você acha mesmo que devia ter esse linguajar? — repreendeu Avice, baixinho. — Não é muito elegante ouvir isso de alguém no… seu…

Avice não terminou a própria frase, e, no mesmo instante, Margaret ouviu um murmúrio geral. Ela se perguntou o que tinha causado aquilo. Acompanhando o olhar das outras, se virou e viu Frances descendo a passarela atrás delas. Vestia uma blusa azul-clara abotoada até o pescoço e calça cáqui. Usava seu chapéu de abas largas e óculos de sol, mas o cabelo ruivo e as pernas compridas confirmavam que era mesmo ela.

Ela hesitou no final da passarela, talvez por perceber o silêncio à sua volta. Em seguida, ao ver a mão de Margaret estendida, abriu caminho pelas mulheres para chegar até onde ela e Avice estavam. Conforme ela

andava, as outras recuavam um passo, como se fosse o milagre da divisão das águas.

— Mudou de ideia, então? — Margaret ouviu sua voz ressoar no silêncio que se seguiu.

— Sim — confirmou Frances.

— Você acabaria enlouquecendo se continuasse a bordo por mais tempo, não acha? — comentou Margaret, olhando para Avice. — Ainda mais com este calor.

Frances ficou imóvel, com os olhos fixos em Margaret.

— É bem perto — disse.

— Bem, voto por encontrar um bar ou um hotel onde a gente possa…

— Ela não vai andar por aí com a gente.

— Avice!

— As pessoas vão comentar. E só Deus sabe o que pode acontecer… Pelo que disseram, os antigos clientes dela estão circulando pelas ruas. Eles podem pensar que somos da mesma laia…

— Não seja ridícula. Frances é muito bem-vinda para vir com a gente.

Margaret sabia que todas as mulheres ao redor estavam escutando. Bando de bruacas maldosas, como seu pai diria. Com certeza nada do que Frances tivesse feito, seja lá qual fosse seu passado, justificaria um tratamento daqueles.

— Com você, talvez — retrucou Avice. — Então vou encontrar outra pessoa para me fazer companhia.

— Frances — disse Margaret, desafiando as outras mulheres a falarem mais alguma coisa —, você é muito bem-vinda para vir comigo. Vou ficar feliz com a sua companhia.

Era difícil ver alguma coisa por trás dos óculos de sol de Frances, mas parecia estar olhando de soslaio para a multidão de mulheres fazendo cara feia para ela.

— Você pode me ajudar a encontrar um bom lugar para me sentar.

— Tome cuidado para ela não encontrar um bom lugar para se deitar.

Frances virou bruscamente a cabeça e seus dedos apertaram com força a bolsa.

— Venha — disse Margaret, segurando-a pela mão. — Vamos conhecer o velho Portal da Índia.

— Na verdade, mudei de ideia.

— Ah, não! Pode ser que você não tenha outra oportunidade de conhecer a Índia.

— Não. Obrigada. Eu… Bem, vejo você mais tarde.

Antes que Margaret tivesse a chance de dizer mais alguma coisa, Frances já dera meia-volta e desaparecera no meio da multidão.

As mulheres se reaproximaram, murmurando palavras de indignação. Margaret observou a passarela ao longe e ainda conseguiu distinguir a silhueta alta e magra da amiga subindo devagar por ali. Esperou até vê-la desaparecer dentro do navio.

— Foi maldade sua falar aquilo, Avice.

— Não sou uma pessoa ruim, Margaret, então não precisa me olhar assim. Sou sincera, só isso. Não quero estragar meu passeio na cidade por causa dessa mulher. — Ela ajeitou o cabelo e colocou o chapéu com cuidado. — Além disso, no nosso estado, acho que é melhor reduzirmos nossas preocupações ao mínimo. Isso não pode nos fazer bem.

A fila tinha avançado. Avice entrelaçou o braço no de Margaret e a conduziu rapidamente para um *gharry*.

Margaret sabia que devia ir atrás de Frances, pois, se ela insistisse naquele passeio, significaria que tolerava o tratamento que a amiga recebeu. Mas estava desesperada para sentir a terra firme sob os pés. E era tão difícil saber o que dizer…

* * *

Com poucas mulheres a bordo, o navio se tornara um turbilhão de atividades específicas: equipes de marinheiros circulavam por conveses que normalmente eram interditados aos homens e limpavam, pintavam, poliam. No convés de voo, muitos deles, ajoelhados, se esforçavam para usar as escovas cheias de espuma para tirar do concreto cinzento as manchas com reflexos coloridos deixadas pelo combustível das aeronaves. Pequenos rebocadores descarregavam imensos engradados com frutas frescas e legumes, que eram levados para o porão através das escotilhas, enquanto do outro lado os petroleiros começavam a reabastecer o navio.

Em outras circunstâncias, Frances teria gostado de ver o navio em operação, totalmente envolvido no seu ritmo normal de atividades. Agora reparava apenas no sorriso forçado do oficial de serviço no alto da passarela de desembarque e no olhar de cumplicidade que ele trocou com o colega quando ela mostrou o cartão de identificação para o reembarque. Percebeu os olhares demorados da equipe de pintura, os olhares retraídos e o cumprimento apenas murmurado do oficial que antes sorria ao lhe desejar um bom-dia.

Nos últimos dias, ela havia se perguntado como era possível alguém se sentir tão solitária em um navio que transportava tanta gente.

Estava a poucos passos do pequeno dormitório quando o viu. Antes, ela dizia a si mesma que seus passeios pelo navio eram apenas para tomar um pouco de ar fresco, para fugir do espaço asfixiante da cabine. No momento, ao reconhecer o homem que vinha em sua direção, se deu conta de que não havia sido sincera consigo mesma.

Ela baixou os olhos e examinou a própria roupa, como costumava fazer instintivamente havia muito tempo, quando estava de serviço. Sentiu um calafrio percorrer sua pele, um misto de angústia e expectativa. Não tinha ideia do que dizer a ele. Sabia apenas que naquele momento ele com certeza se sentiria na obrigação de falar com ela, afinal estavam próximos demais um do outro para que ele a ignorasse.

Os dois pararam. Trocaram um brevíssimo olhar, pois logo desviaram os olhos.

— Vai desembarcar? — perguntou ele, apontando para o porto.

O rosto dele não revelava nada, nenhum indício. Perguntou a si mesma se devia agradecer por ele ter a dignidade de lhe dirigir a palavra.

— Não… E-eu decidi ficar aqui.

— Aproveitar a paz e o silêncio.

— Mais ou menos isso.

Talvez ele não quisesse falar com ela, mas era educado demais para magoá-la.

— Bem… o máximo de paz possível aqui com… com todo esse…

Ele apontou para onde uma equipe de mecânicos consertava uma peça do navio, falando besteira uns para os outros enquanto trabalhavam.

— Sim — respondeu ela, sem conseguir pensar em outra coisa para dizer.

— Então aproveite. É difícil conseguir algum espaço a bordo. Espaço de verdade, quer dizer…

Talvez ele compreenda mais coisas do que está querendo dar a entender, pensou ela.

— Sim — disse ela. — É verdade.

— Eu…

— Ei, fuzileiro.

Um marinheiro, com o quepe caindo sobre o olho, estava indo na direção deles com um papel na mão.

— Querem que você passe na sala de controle antes do plantão. Para acertar detalhes da visita do governador.

Quando o homem se aproximou, Frances percebeu que ele a reconhecera. O olhar que ele lançou a ela enquanto entregava o papel lhe deu calafrios.

— Com licença — disse ela, já enrubescendo.

Quando se virou, Frances tinha a esperança de que ele lhe pedisse para esperar, ou que dissesse alguma coisa que revelasse que não a enxergava da mesma forma que os outros. Fale alguma coisa, pediu em silêncio. Qualquer coisa.

Um pouco mais tarde, ela abriu bruscamente a porta da cabine e a fechou com força. Encostou-se ali, as costas roçando através da blusa a impiedosa superfície metálica. De tão cerrado, seu maxilar chegava a doer. Até então ela nunca tinha pensado na injustiça da vida, pelo menos não em relação a si mesma. Ela vira o sofrimento de muitos pacientes, e às vezes se questionava por que Deus tirava a vida de um e deixava outro sentindo uma dor insuportável. Nunca pensara na injustiça do que ela mesma vivenciara: fazia tempo que descobrira que era melhor não pensar naqueles anos. Naquele momento, no entanto, com todas as outras emoções fervilhando dentro dela, sentia que estava oscilando entre o desespero total e a fúria cega com relação ao que sua vida tinha se tornado. Ela não sofrera o suficiente? Será que era aquilo, e não o que ela vivera durante a guerra, a verdadeira provação que teria que enfrentar? Quanto mais devia pagar?

Maude Gonne, talvez percebendo que Margaret tinha desembarcado, arranhava a porta sem parar. Frances se abaixou, pegou a cachorrinha e se sentou com ela no colo. Mas isso não bastou para acalmá-la. Na verdade, Maude Gonne não deu a menor atenção a Frances, que contemplava os olhinhos esbranquiçados que nada viam e insistia em acariciar aquele pequeno corpo trêmulo e desesperado por uma única pessoa.

Frances apertou a cachorrinha no peito, na esperança de lhe dar algum consolo.

— Eu sei — sussurrou, encostando a bochecha na cabeça macia do animal. — Acredite em mim, eu sei.

* * *

Acostumados com o forte calor de Bombaim, e alheios aos enormes ventiladores que zuniam acima das suas cabeças, os garçons do bar do Green's Hotel estavam suando demais. O suor escorria por seus rostos brilhantes e se acumulava nos colarinhos dos uniformes brancos imaculados. No entanto, seu desconforto tinha menos a ver com o calor, pois a noite estava relativamente amena, do que com os intermináveis pedidos das mulheres que haviam escolhido aquele bar para encerrar seu dia em terra firme.

— Se eu tiver que esperar um minuto a mais pelo meu drinque, juro que vou ter uma conversinha com aquele homem — reclamou Avice, se abanando com o leque que comprara naquela mesma tarde e de olho no garçom infeliz que tentava abrir caminho entre os clientes com a bandeja erguida no alto. — Não aguento mais — insistiu ela, quando ele já voltava para o bar.

— Ele está fazendo o que pode — disse Margaret.

Ela tomara o cuidado de beber devagar o seu drinque, pois imaginara que, com o bar lotado, o serviço seria lento. Estava se sentindo revigorada: tinha conseguido manter os pés no alto por meia hora, e no momento apoiava a cabeça no encosto da cadeira, curtindo a brisa suave que vinha do ventilador de teto.

Era a mesma coisa em todos os lugares: no Green's, no Bristol Grill, no hotel Taj Mahal: a combinação de passageiras do *Victoria* e soldados de diversos navios de guerra atracados ao mesmo tempo tinha congestionado a área do porto com potenciais festeiros, homens alegres e afoitos pelo fim da guerra e pela proximidade cada vez maior de casa. Elas tinham passado em vários outros bares antes de decidirem que talvez no Green's conseguissem se sentar. Nesse momento, daquele lugar privilegiado na varanda, podiam olhar para trás pela arcada que precedia a pista de dança, já lotada de homens e mulheres que lançavam olhares esperançosos… e, às vezes, cobiçosos… para as mesas. Algumas tinham começado a beber

coquetel John Collins e ponches de rum na hora do almoço e começavam a sentir os efeitos de uma ressaca monumental. Estavam apáticas e pareciam pouco à vontade, com a maquiagem escorrendo e os penteados desfeitos.

Margaret não se sentia culpada por monopolizar a cadeira. Indiferente ao calor e à poeira, e também ao seu próprio "estado delicado", Avice a arrastara para tudo quanto foi lugar naquela tarde. As duas tinham entrado em todas as lojas europeias, passado pelo menos uma hora na loja de departamentos Army & Navy e outra hora negociando com homens e rapazes que as abordavam com promoções aparentemente imperdíveis. Margaret logo se cansara de pechinchar, pois não parecia correto tentar economizar uma ou duas rupias diante da pobreza extrema dos vendedores. Mas Avice entrara no jogo com um entusiasmo surpreendente, e passou boa parte da noite admirando suas inúmeras compras e se vangloriando dos preços que conseguira.

Margaret ficara encantada com o pouco que conseguiram ver de Bombaim. Ao mesmo tempo, se espantara com a quantidade de indianos que dormiam nas ruas e com a aparente indiferença que demonstravam por viver em tais condições. Também se indignara com o contraste entre aqueles corpos magros e sua figura roliça, alimentada a leite; com suas incapacidades físicas e com as crianças praticamente nuas. Tudo isso a fez sentir vergonha das noites em que reclamara da falta de conforto no beliche.

O drinque chegou, e ela fez questão de dar gorjeta ao garçom na frente de Avice. Em seguida, ele desapareceu e ela se virou para contemplar o *Victoria*, que flutuava serenamente no porto. Com um sentimento de culpa, perguntou a si mesma se Frances estava dormindo. Todas as luzes estavam acesas, dando ao navio um ar festivo, mas sem aviões nem pessoas o convés de voo parecia vazio, como uma vasta planície sem habitantes.

— Ah! Um lugar vago! Podemos nos sentar com vocês?

Margaret se virou e viu Irene Carter, acompanhada de uma de suas amigas, puxar a cadeira à sua frente. Seus lábios com batom formaram um sorriso que não se refletiu no seu olhar. Apesar do calor, tinha um frescor inesperado e exalava um suave perfume de lírio.

— Irene — cumprimentou Avice com um sorriso também não muito simpático. — Que prazer.

— Estamos exaustas — disse Irene, jogando várias sacolas embaixo da mesa. Em seguida, ergueu a mão para chamar um garçom, que chegou no mesmo instante. — Com todos esses nativos atrás da gente o tempo inteiro… Precisei pedir ajuda de um dos oficiais para que me deixassem em paz. Acho que não percebem como podem ser chatos.

— Vimos um homem sem pernas — comentou sua amiga, uma garota rechonchuda e que parecia triste.

— Sentado na rua em um tapete! Conseguem imaginar uma coisa dessas?

— Acho que ele foi largado lá — prosseguiu a menina. — Talvez alguém tenha abandonado ele.

— Nem percebemos. Estávamos muito ocupadas com as compras, não é, Margaret? — comentou Avice, apontando para suas sacolas.

— É verdade — concordou Margaret.

— Compraram algo interessante? — perguntou Irene.

Margaret teve a impressão de ter visto certo desdém no seu olhar.

— Ah, nada do seu interesse — respondeu Avice, sem tirar o sorriso do rosto.

— É mesmo? Ouvi dizer que você comprou alguma coisa para a final do Rainha do *Victoria*.

— Natty Johnson viu vocês na loja de departamentos Army & Navy — comentou a garota gorducha.

— Ah, aquela roupa? Acho que não vou usar no dia. Para ser sincera, ainda nem parei para pensar no que vou vestir.

Margaret riu com desdém e tomou um gole da sua bebida. Avice tinha passado quase uma hora inteira na frente do espelho experimentando vários modelos.

"Eu queria saber o que Irene Carter vai usar", resmungara ela. "De todo modo, tenho certeza de que não vai chegar aos meus pés."

Ela gastara mais dinheiro em três vestidos novos do que o pai de Margaret gastaria em ração para gado durante um ano inteiro.

— Bem, acho que vou pegar alguma coisa no meu baú — disse Irene. — Afinal de contas, é só uma brincadeira, não é mesmo?

— Claro que sim.

Caramba, pensou Margaret, observando o sorriso frio de Avice.

— Não poderíamos estar mais de acordo — interveio Irene. — Sabe de uma coisa, Avice? Vou falar para as garotas que andam fofocando sobre você levar o concurso muito a sério que elas estão completamente erradas. É isso. — Fez uma pausa. — E que ouvi isso de fonte segura.

Ela ergueu seu copo como se fizesse um brinde. Margaret precisou morder o lábio com força para não rir da expressão de Avice.

As quatro mulheres ficaram juntas durante quase uma hora e meia, mais pela falta de mesas disponíveis do que por uma suposta amizade. Pediram curry de peixe. Margaret achou que estava delicioso, mas se arrependeu de ter comido quando bateu a indigestão. As outras, ao contrário, fizeram um drama abanando a boca e declarando que o prato estava intragável.

— Espero que não tenha feito nenhum mal ao bebê — disse Avice, colocando a mão na barriga inexistente.

— Fiquei sabendo da novidade! Parabéns! — exclamou Irene. — Seu marido sabe? Quer dizer, imagino que *seja* do seu marido — acrescentou, e depois caiu na gargalhada para mostrar que estava brincando.

— Acho que vamos receber a correspondência amanhã — respondeu Avice, e o sorriso, que costumava ser agradável, se tornara frio. — Imagino

que ele já tenha contado para todo mundo. Vamos dar uma grande festa quando chegarmos a Londres. Por causa da guerra, tivemos a impressão de que ficamos o tempo todo separados, por isso teremos o que comemorar. É provável que seja no Savoy. E será, claro, uma comemoração dupla.

O Savoy é um bom lugar, pensou Margaret. Por um instante, Irene pareceu furiosa.

— A propósito, Irene, você quer ir também? Meus pais vão pegar o novo voo da Qantas na Austrália, e tenho certeza de que adorariam ver você. Como você não conhece ninguém em Londres, posso apostar que ficará feliz em fazer novos amigos. — Avice se inclinou para a frente, com uma postura conspiratória. — É sempre bom ter pelo menos um encontro com a alta sociedade, não acha?

Nossa!, pensou Margaret, que estava se divertindo com a situação. Aquilo era muito pior do que qualquer coisa que seus irmãos já haviam feito uns com os outros.

— Eu adoraria ter um encontro com a alta sociedade, se eu puder — respondeu Irene, secando os cantos da boca. — Vou ter que verificar quais são nossos planos, claro.

— Claro — respondeu Avice, bebericando sua água gelada com um sorriso discreto.

— De todo modo, será ótimo você ter alguma coisa com que se distrair.

Avice ergueu uma das sobrancelhas.

— Sim, estou falando dessa terrível história de você ser amiga de uma prostituta. Quem poderia imaginar? E isso logo depois que outra amiga sua foi surpreendida confraternizando com aqueles mecânicos imundos.

— E com a calcinha abaixada — completou a amiga gorducha.

— Bem, essa é uma forma de descrever a situação — ironizou Irene.

— Eu mal a conhe… — começou Avice.

Irene a interrompeu com um tom de voz sério:

— Você deve ter ficado preocupada, sem saber se seria considerada farinha do mesmo saco… Sabe como é, com tudo o que andam falando sobre sua cabine e o que acontece lá. Ficamos muito impressionadas com o seu estoicismo. Então, acho que sua reuniãozinha social é uma excelente ideia. Vai ser muito bom pensar em outra coisa.

* * *

A tarde já começava a se transformar em noite e, com a redução da claridade, seus pensamentos se tornavam cada vez mais sombrios. Incapaz de continuar por mais tempo no espaço apertado da cabine, ela considerou deixar o navio. Mas, além de não ter quem a acompanhasse, parecia que uma visita a Bombaim exigia certa robustez de espírito que ela não tinha. Então, resolveu sair e ir ao convés dos barcos, perto de onde se sentara com Maude Gonne apenas uma semana antes.

Ficou ali de pé, enquanto as luzes do porto refletiam e cintilavam na água escura, interrompidas vez ou outra pela passagem barulhenta de rebocadores e barcaças. Uma estranha combinação de odores de especiarias, óleo combustível, perfume e carne estragada saturava o ar, e ela sentiu que o simples ato de respirar era ao mesmo tempo arrebatador e desagradável. Seus pensamentos estavam um pouco mais serenos naquele instante. Prometeu a si mesma que faria o que sempre havia feito. Conseguiria superar tudo aquilo. Faltavam apenas duas semanas para chegar à Inglaterra e havia muito tempo ela aprendera que é possível superar qualquer coisa quando se tem força de vontade. Não pensaria no que poderia ter acontecido. Os homens que haviam sobrevivido à guerra em melhores condições, ela observara tempos atrás, eram aqueles capazes de viver um dia de cada vez. Aqueles para os quais até os mínimos prazeres da vida contavam. Ela tinha comprado um maço de cigarros na cooperativa do navio. Acendeu um, ciente de que seu gesto era

autodestruidor, mas saboreou o gosto acre. Na margem oposta, pessoas chamavam umas às outras, e em algum lugar mais distante tocava uma melodia indiana, com notas longas e lúgubres.

— É melhor tomar cuidado. Você não devia estar aqui.

Ela se sobressaltou.

— Ah! — exclamou. — É você.

— Sim, sou eu — respondeu ele, jogando fora o próprio cigarro. — Maggie não está com você?

— Ela desembarcou.

— Com todas as outras.

Ela se perguntou se haveria um modo delicado de pedir que ele a deixasse sozinha.

Ele usava o macacão de mecânico. Estava escuro demais para ver as manchas de combustível, mas ela sentiu o cheiro, misturado à fumaça do cigarro. Detestava o cheiro de combustível: tinha tratado muitos homens queimados impregnados com esse odor, e ainda conseguia sentir a densidade pegajosa do tecido que precisara arrancar da pele deles.

Vou voltar a trabalhar com enfermagem na Inglaterra, prometeu a si mesma. Antes de Frances partir, Audrey Marshall lhe entregara uma carta de recomendação. Com sua folha de serviços, não lhe faltariam oportunidades.

— Já esteve na Índia?

Ela não gostou de ter seus pensamentos interrompidos.

— Não.

— Mas já visitou muitos países, não é?

— Alguns. Quase sempre bases militares.

— Você é uma mulher viajada, então.

É porque Margaret não está aqui, pensou ela. Ele é um desses homens que precisam de plateia. Frances se esforçou para sorrir.

— Não mais do que qualquer outra que tenha servido o Exército, imagino.

Ele acendeu mais um cigarro e soltou a fumaça para o alto, pensativo.

— Mas aposto que você seria capaz de responder a uma pergunta.

Frances o encarou.

— Existe alguma diferença?

Ela franziu a testa. Em terra, dois veículos bloqueados em um beco sem saída começaram a buzinar. O ruído ressoou no porto, abafando a música.

— Como?

Ela precisou se inclinar à frente para ouvi-lo.

— Entre os homens. — Ele sorriu, e seus dentes brancos brilharam na escuridão. — O que quero saber é… se você tem preferência por alguma nacionalidade específica.

Pela sua expressão, ela teve certeza de que entendera bem o sentido das suas palavras.

— Com licença — disse ela.

Em seguida, se afastou, o rosto corando, mas no instante em que se preparava para abrir a escotilha ele se colocou na frente dela.

— Não adianta bancar a santinha comigo — retrucou ele.

— Pode me dar licença?

— Todos nós sabemos o que você é. Não precisa fugir do assunto — falou, em um tom monótono, de modo que ela levou um segundo para notar a ameaça contida em suas palavras.

— Pode me deixar passar, por favor?

— Sabe, me enganei totalmente sobre você. — Dennis Tims balançou a cabeça. — No alojamento, chamávamos você de Miss Geladeira. Miss Geladeira. Nem acreditávamos que fosse casada. Imaginávamos que, no máximo, fosse casada com algum crente fanático que a deixaria virgem pelo resto da vida. Erramos feio, não é mesmo?

Seu coração disparou quando ela pensou na possibilidade de empurrá-lo para chegar até a porta. Uma das mãos dele estava apoiada de leve na maçaneta. Ela percebia a confiança que ele tinha em sua força, a certeza de um homem que, fisicamente, costumava levar a melhor.

— Sempre tão correta e certinha, com blusas abotoadas até o pescoço. E, na verdade, não passa de uma vagabunda que sem dúvida convenceu o pobre coitado de um marinheiro qualquer a enfiar uma aliança no seu dedo. Como foi que conseguiu uma façanha dessas? Prometeu que daria só para ele, foi isso? Disse que ele foi o único que significou algo na sua vida?

Ele estendeu a mão na direção do seu peito e ela a afastou.

— Me deixe sair.

— Qual é o problema, Sra. Pudica? Até parece que ninguém aqui sabe…

Ele a agarrou pelos braços e a empurrou no corrimão. Frances tropeçou quando o peso dele caiu em cima dela como uma parede sólida. Ao longe, ela ouviu risadas que vinham do hotel perto do cais.

— Já vi mulheres feito você em um milhão de portos. Não deviam deixar esse tipo de gente subir a bordo — murmurou ele no seu ouvido.

— Tire as mãos de mim!

— Ah, deixe disso! Você não espera que eu acredite que não está fazendo um serviço extra aqui…

— Por favor…

— Afaste-se, Tims.

A voz vinha do seu lado direito. Tims ergueu a cabeça, e Frances olhou por cima do seu ombro. Ele estava ali, os olhos faiscando de raiva sob a luz fraca.

— Afaste-se, Tims. — Seu tom de voz era glacial.

Tims identificou o homem, esboçou um sorriso, mas, em seguida, ficou sério de novo, como se estivesse em dúvida se devia assumir um tom

amigável ou não.

— É só uma discussãozinha sobre pagamento — mentiu, afastando-se de Frances e revirando ostensivamente os bolsos. — Nada com o que precise se preocupar. Você sabe como são essas garotas.

Ela fechou os olhos para não ver o rosto do fuzileiro. Seu corpo inteiro tremia.

— Saia daqui — ordenou Nicol.

Tims parecia incrivelmente tranquilo.

— Como falei, fuzileiro, é só um desentendimento sobre preço. Ela quer cobrar o dobro do que costumamos pagar. Deve achar que nós, marinheiros, somos um público cativo, entende o que quero dizer?

— Saia daqui — insistiu o fuzileiro.

Ela se aproximou mais da parede, na tentativa de sair do campo de visão de Tims.

— Isso vai ficar só entre nós, certo? Imagino que não queira que o comandante saiba que está transportando uma puta. Nem quem são as amigas dela.

— Se eu flagrar você olhando mais uma vez para a Sra. Mackenzie durante o resto da viagem, vai se ver comigo.

— Com você?

— Pode não ser a bordo. Pode até não ser nesta viagem. Mas vai se ver comigo.

— É melhor não me tornar um inimigo, fuzileiro.

Tims estava perto da escotilha. Seus olhos faiscavam no escuro.

— Você não ouviu o que eu disse.

Por um instante, todos ficaram calados. Depois, lançando um último olhar furioso para os dois, Tims saiu pela escotilha e sumiu. Quando Frances achou que poderia respirar aliviada, a enorme cabeça raspada dele reapareceu.

— Ela fez um preço melhor para você, foi isso? — Tims riu. — Vou dizer à sua mulher…

Eles ouviram o barulho dos passos de Tims diminuir enquanto seguiam na direção do alojamento dos fornalheiros.

— Você está bem? — perguntou Nicol, baixinho.

Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto e engoliu em seco.

— Estou, sim.

— Sinto muito — disse ele. — Ninguém tem o direito de… — A frase ficou em suspenso, como se ele não tivesse certeza do que pretendia dizer.

Ela não sabia se teria coragem de olhar para ele. Por fim, murmurou "Obrigada" e saiu, disparada.

* * *

Quando ele voltou, havia apenas um fuzileiro no alojamento: Emmet, o jovem corneteiro, que dormia profundamente, com os braços atrás da cabeça, relaxado feito uma criança. O pequeno cômodo cheirava mal, e, além do ar pesado, havia cinzeiros cheios e sapatos espalhados. Nicol tirou o uniforme, se lavou e depois, com a toalha ao redor do pescoço e a água já evaporando da pele, pegou um bloco de papel do seu armário e se sentou em um banco.

Ele não costumava escrever cartas. Muitos anos antes, quando tentara uma vez, a caneta tinha tropeçado nas palavras, e os sentimentos colocados na página não espelhavam o que ele realmente sentia por dentro. Nesse momento, no entanto, as palavras fluíam com facilidade. Ele a deixaria partir. "Tem uma passageira a bordo", escreveu ele, "uma garota com um passado tumultuado. Vê-la sofrer me fez entender que todo mundo, a despeito do que tenha vivido, merece uma segunda chance, ainda mais se houver alguém disposto a oferecer essa chance."

Ele acendeu um cigarro, com o olhar perdido. Permaneceu assim por algum tempo, alheio aos homens discutindo no fundo do corredor, ao som do trompete que invadia o banheiro, aos homens que começavam a subir nas redes.

Por fim, colocou novamente a pena da caneta no papel. Amanhã ele levaria a carta para terra firme e a enviaria como telegrama, qualquer que fosse o preço. "Acho que o que estou tentando dizer é que sinto muito. E que estou feliz por você ter encontrado alguém para amá-la, apesar de tudo. Espero que ele seja bom para você, Fay. E que você tenha a oportunidade de encontrar a felicidade que merece."

Releu a carta duas vezes antes de perceber que havia escrito o nome de Frances.

18

Agora é possível entender por que os soldados ingleses respeitam mulheres de uniforme. Elas conquistaram o direito ao respeito máximo. Quando alguém vir uma mulher vestindo um uniforme cáqui ou no tom azul da Força Aérea com uma fita na túnica, deve lembrar que ela não conseguiu isso apenas tricotando mais meias do que as outras pessoas em um concurso em Ipswich.

PEQUENO GUIA DA GRÃ-BRETANHA, DEPARTAMENTOS
DA GUERRA E DA MARINHA, *WASHINGTON, DC*

TRINTA E TRÊS DIAS

O governador de Gibraltar era conhecido não só em toda a Marinha, como também no serviço civil britânico pela sua inteligência extraordinária. Ele construíra uma reputação de estrategista importante durante a Primeira Guerra Mundial, e durante a carreira diplomática foi recompensado por suas habilidades táticas e capacidade de observação. Entretanto, até esse homem precisou observar por vários minutos o poço do elevador antes de entender o que havia à sua frente.

Enquanto o levava até o convés de voo, onde seria feita a apresentação de boas-vindas pela Banda dos Fuzileiros Navais, o comandante Highfield xingou ao se dar conta de que não havia verificado o trajeto antes. Um elevador era um elevador. Ele nunca poderia imaginar que alguém teria coragem de pendurar calcinhas num lugar como aquele. Havia brancas, bege, acinzentadas pelo uso ou de tecido delicado com renda francesa. Sutiãs e cintas modeladoras também balançavam no espaço cavernoso,

imitando as bandeirolas estendidas que saudavam o grande homem a bordo. E lá estava ele, o suprassumo do serviço diplomático britânico, no glorioso navio de guerra de Highfield, rodeado por marinheiros numa formação perfeita e uniformes impecáveis, diante de um varal onde estavam penduradas calcinhas e outras peças íntimas.

Dobson. Ele devia saber, e ainda assim preferira não avisá-lo. O comandante Highfield xingou sua perna, que o confinara no escritório aquela manhã e proporcionara ao seu imediato uma grande oportunidade. Ele não se sentira bem e decidira descansar, pois sabia que o dia seria longo e difícil. Então confiara em Dobson, que devia garantir que tudo corresse bem. Devia ter imaginado que ele encontraria um jeito de ridicularizá-lo.

— Eu… O senhor vai descobrir que esta não é uma travessia convencional — arriscou o comandante Highfield, quando conseguiu se recompor o suficiente para falar. — Pode ver que tivemos de ser um pouco… pragmáticos com relação a alguns procedimentos.

O governador estava boquiaberto e com as bochechas coradas. O rosto de Dobson, sob seu quepe, não deixava transparecer qualquer reação.

— Eu acrescentaria, Sua Excelência, que de modo algum isso é um indicador do nível do nosso respeito. — Ele tentou injetar algum humor na sua voz, mas não conseguiu.

A esposa do governador, segurando a bolsa na frente do corpo, cutucou discretamente o marido e inclinou a cabeça.

— Não é nada que a gente já não tenha visto, comandante — disse ela de forma graciosa, mas manteve a boca contraída como se talvez estivesse achando graça. — Acho que a guerra nos expôs a cenas bem mais assustadoras do que essa.

— É verdade — concordou o governador. — É verdade. — O tom da sua voz, no entanto, sugeria que aquilo era improvável.

— É mesmo admirável que o senhor chegue a este ponto para que suas passageiras se sintam confortáveis. — Ela colocou a mão na manga de Highfield, com uma expressão compreensiva. — Podemos prosseguir?

As coisas melhoraram no convés de voo. Após o embarque do governador e de outros passageiros em Aden, o *Victoria* começou seu lento caminho rumo ao norte ao longo do Canal de Suez, um filete de água prateada margeado por dunas que refletiam o sol com tanta intensidade que era impossível admirar a paisagem sem proteger os olhos. Apesar do calor, as esposas pareciam alegres sob guarda-sóis e chapéus de abas largas, animadas pela banda que continuava tocando apesar da temperatura elevada tornar até os trajes de verão desconfortáveis.

Depois que os homens retornaram às suas tarefas de rotina, o governador e a esposa aceitaram fazer parte do júri do concurso de sapateado, que consistia na última prova para a eleição da Rainha do *Victoria*, competição que tinha o único objetivo de manter as mulheres ocupadas. Protegido dos raios solares nocivos por um enorme guarda-chuva, munido de um copo de gim-tônica com gelo e diante de uma fileira de garotas risonhas, até o governador estava animado. Sua esposa, que aproveitara o tempo para conversar com cada candidata, acabou concedendo o prêmio da prova a uma loura muito bonita. A escolha parecia ter sido unânime, considerando as calorosas congratulações das outras candidatas. Mais tarde, ela disse a Highfield que considerava as australianas "um grupo muito simpático de mulheres que tiveram muita coragem para deixar as famílias e fazer uma viagem tão longa". Contagiado pela alegria da tarde, ele não conseguiu discordar.

Até que tudo voltou a dar errado.

O comandante Highfield estava prestes a anunciar que o evento tinha chegado ao fim e a sugerir que ele e os novos passageiros fossem para os conveses inferiores, onde o cozinheiro preparara um almoço tardio, quando percebeu uma movimentação estranha a estibordo. O *Victoria*

avançava tranquilamente por um campo militar e as mulheres, assim que viram uma grande quantidade de homens caucasianos, tinham se aglomerado na amurada do convés de voo. Seus belos vestidos coloridos balançavam com a brisa, e elas acenavam, animadas, para os homens bronzeados que tinham parado de trabalhar para vê-las passar e cumprimentá-las. Quando se debruçou na amurada para ver melhor, Highfield ouviu os gritos estridentes das mulheres e percebeu os acenos entusiasmados dos homens sem camisas e com os olhos semicerrados por causa do sol amontoados na cerca de arame.

Highfield observou a cena com atenção para conferir se suas suspeitas estavam certas. Depois, com muita tristeza, pegou o alto-falante.

— Sou muito grato por terem acolhido tão bem os nossos convidados, o governador e a esposa — disse, vendo as costas do governador se enrijecerem sob seu traje branco tropical enquanto observava a cena. — Servirão refrescos no hangar da frente para quem quiser se refrescar. Além disso, talvez as senhoras fossem gostar de saber que os homens para os quais estão acenando são prisioneiros alemães.

* * *

Irene Carter tinha se aproximado de Avice após o concurso para dizer que estava feliz por ela ter ganhado.

— É melhor tirar o máximo proveito dessas pernas antes que surjam varizes, não acha?

E ela também foi mostrar as últimas cartas recebidas, sete no total, sendo nada menos de quatro do marido.

— Você precisa ler as suas para nós — disse, com os olhos escondidos sob os óculos de sol. — Minha mãe falou que tem convidado a sua para tomar chá desde que as duas descobriram que somos companheiras de

viagem. Elas devem estar desesperadas para saber o que estamos aprontando.

E aposto que você conta todos os detalhes para ela, pensou Avice.

— Bem, vou tomar um chá e ler as cartas de Harold. Você recebeu muitas?

— Ah, muitas — respondeu Avice, balançando-as no ar. Havia só uma de Ian. Ela a enfiara embaixo da carta da mãe para que Irene não percebesse. — Enfim, boa sorte com a próxima prova. É a da roupa mais elegante, acho, por isso tenho certeza de que você vai se sair muito bem. Está tão bronzeada que bastaria usar uma echarpe na cintura para passar por uma nativa.

Com o "certificado" em mãos, Avice se afastou, demonstrando o mínimo de presunção que conseguiu, pelo menos.

Frances não estava na cabine. Ultimamente, ela quase nunca estava. Avice achava que ela devia estar se escondendo em algum lugar. Margaret tinha ido a uma palestra sobre lugares para se visitar na Inglaterra. Então Avice tirou os sapatos, jogou-os longe e se deitou para ler a última correspondência de Ian num raro momento de privacidade.

Deu uma olhada nas cartas do pai (negócios, dinheiro, golfe), da mãe (detalhes sobre a viagem, vestidos), da irmã ("estou muito feliz sozinha, obrigada, blá-blá-blá"), e só depois pegou o envelope de Ian. Observou sua letra, pensando em como dava para perceber o tom autoritário até na tinta e no papel. Sua mãe sempre dizia que os homens com letra feia eram um pouco imaturos. Essa característica sugeria que, de algum modo, seu caráter ainda não estava formado.

Consultou o relógio de pulso: faltavam dez minutos para o primeiro turno do almoço. Teria tempo para ler. Abriu-a e deu um pequeno suspiro de prazer.

Quinze minutos mais tarde, ela continuava com os olhos fixos na carta.

* * *

Frances e Margaret estavam sentadas no refeitório do convés quando o marinheiro encontrou as duas. Elas tinham acabado de tomar sorvete. Frances já estava acostumada com o relativo silêncio que surgia sempre que ela se atrevia a aparecer em público. Margaret defendia a amiga com unhas e dentes. Algumas vezes, tinha perguntado às pessoas que a encaravam mais ostensivamente se queriam um pouco do seu sorvete, e ainda as insultava baixinho, deixando-as vermelhas de vergonha.

— Sra. Frances Mackenzie? — perguntara o marinheiro.

Ele era tão jovem que seu pescoço nem preenchia o colarinho do uniforme.

Ela assentiu. Fazia dias que meio que esperava por isso.

— O comandante Highfield gostaria de recebê-la no escritório, senhora. Devo acompanhá-la.

O refeitório ficou em silêncio. Margaret empalideceu.

— Acha que é por causa da cachorrinha? — sussurrou.

—Não — respondeu Frances com tom grave. — Com certeza não.

Pela expressão das outras mulheres, ficou claro que elas também tinham essa certeza. "Você não é bem-vinda, não venha", começaram a sussurrar. Só que, dessa vez, as esposas não pareceram aflitas.

— Não demore — gritou alguém assim que ela saiu do refeitório. — Não vai querer que as pessoas comecem a falar.

* * *

Avice estava deitada na cama. De algum lugar ali perto veio um som estranho, um gemido baixo e gutural, e não ficou surpresa ao perceber que vinha dela mesma.

Ela olhou para a mão que segurava a carta, depois para a aliança no seu dedo fino. O quarto começou a girar à sua volta. De repente, se jogou do beliche, se ajoelhou e vomitou violentamente na bacia que deixara ali nos

primeiros dias que sentira enjoo. Vomitou até ficar com dor nas costelas e sentir a garganta arder. Abraçou o próprio corpo, como se esse fosse o único modo de impedir que se esvaziasse de vez. Entre um soluço e outro, ouvia sua própria voz gritar "Não! Não! Não!", como se estivesse se recusando a aceitar que aquela monstruosidade pudesse ser verdade.

Por fim, exausta, se encostou com dificuldade no beliche, o cabelo colado no rosto por causa do suor, os braços trêmulos e as pernas instáveis no chão duro. Seu vestido estava amarrotado e a maquiagem, borrada. Perguntou a si mesma se tudo aquilo não teria sido um pesadelo. Talvez a carta não existisse. O mar podia pregar esse tipo de peça nas pessoas, ela já ouvira muitos marinheiros dizer isso. Mas a carta estava no seu travesseiro. Escrita com a letra de Ian. Com sua bela letra. Com sua bela, terrível, diabólica letra.

Ouviu do lado de fora o som dos saltos altos de um grupo de mulheres que passavam conversando. Maude Gonne, que estava bem atrás da porta, ergueu a cabeça como se esperasse ouvir uma voz familiar entre elas, mas depois, desapontada, colocou-a entre as patas.

Avice acompanhou o som. Sua cabeça girava como se ela estivesse bêbada. Sentia-se desconectada de tudo. Naquele momento, não havia nada que ela quisesse mais do que se deitar. Um peso enorme comprimia seu peito. Não lhe restava mais nada a fazer senão contemplar o piso de vigas metálicas.

Empurrou a bacia para baixo da cama. Apesar do cheiro, do metal implacável embaixo dela e do cabelo molhado, se deitou no chão com os olhos fixos na outra carta aberta ao seu lado. Sua mãe escrevera:

Avisei a todos que a festa será no Savoy. Papai conseguiu um preço muito vantajoso graças a um dos contatos que ele tem no ramo hoteleiro. Avice, querida, você não vai acreditar, mas os Darley-Henderson estarão presentes, porque incluíram a cidade no roteiro da viagem de volta ao mundo que farão. Como se isso não bastasse, o governador e a esposa disseram que também participarão. As pessoas parecem muito mais dispostas a viajar agora que a guerra acabou. E está confirmado que sua foto vai sair na Tatler. *Querida, posso ter duvidado do seu casamento,*

mas agora preciso dizer que estou muito contente com sua viagem. Faremos um evento que dará o que falar durante meses não só em Melbourne como também em metade da Inglaterra!

Sua mãe que a ama

P.S. Não dê atenção à sua irmã. Ela está um pouco mal-humorada. Deve ser inveja, imagino.

P.P.S. Ainda não tivemos notícias dos pais de Ian, o que é uma pena. Pode pedir, por favor, que nos mande o endereço deles para entrarmos em contato? Quero saber se tem alguém especial que desejam convidar.

A tarde havia sido longa e cansativa, e como seria um esforço grande demais se levantar quando Frances entrasse na cabine, o comandante Highfield ficou atrás da sua escrivaninha para se apoiar nela, se necessário. A chegada do governador e as dificuldades da comitiva haviam lhe deixado exausto, e era por essa razão, e talvez para evitar que a garota ficasse envergonhada, que ele preferira que o encontro acontecesse na presença do capelão ou de uma oficial.

Ela parou no vão da porta quando o marinheiro anunciou sua entrada, e continuou ali até ele ir embora, segurando com firmeza uma bolsinha. Era a segunda vez que ele a via de perto e ela realmente chamava atenção. Apenas sua atitude a impedia de ser atraente. Parecia ter desenvolvido a habilidade de ficar em segundo plano, e depois de ter lido o relatório sobre ela, ele entendia o motivo.

O comandante Highfield fez um sinal para que ela se sentasse. Ele passou um tempo olhando para baixo, tentando encontrar a melhor maneira de abordar o assunto e desejando que, pelo menos daquela vez, ele tivesse conseguido delegar sua autoridade de comandante para outra pessoa. Questões disciplinares com seus homens eram tratadas de forma direta: havia um procedimento a seguir e uma punição a aplicar, se fosse o caso. Mas com as mulheres era diferente, pensou ele, exasperado, atento à que estava diante dele e se lembrando das que tinham estado ali antes dela. Além de toneladas de bagagem, elas levavam para o navio todos os seus problemas, criavam novos durante a viagem e, para completar,

faziam os outros se sentirem culpados e errados apenas por seguirem as regras.

Do lado de fora, o alto-falante anunciou o intervalo de almoço dos homens. Ele esperou ficar silêncio novamente.

— Sabe por que chamei a senhora aqui? — perguntou.

Ela não respondeu. Piscou devagar para ele, como se o comandante devesse se explicar.

Vamos, homem, disse ele a si mesmo. Acabe logo com isso. Depois você pode tomar uma boa dose de uma bebida forte.

— Fiquei sabendo que alguns dias atrás a senhora se envolveu em um incidente lá embaixo, na casa de máquinas. Durante a investigação, ouvi coisas que… me deixaram um pouco preocupado.

Rennick contara a história para ele na noite anterior. Um mecânico tinha se aproximado dele e falado discretamente sobre vários problemas que estariam surgindo e também sobre o que se comentava sobre a garota. Rennick não hesitara em contar para Highfield: ninguém mencionaria uma coisa daquelas para o intendente do comandante sem imaginar que tudo iria parar nos ouvidos do seu superior.

— É sobre a sua… a sua vida antes de embarcar neste navio. Sinto muito, mas precisamos abordar o assunto, por mais constrangedor que possa ser para a senhora. Para o bem-estar dos meus homens e para mantermos as boas maneiras a bordo, preciso saber se esses… esses boatos têm fundamento.

Ela não disse nada.

— Devo deduzir, pelo seu silêncio, que eles não são… falsos?

Quando, pela terceira vez, ela não respondeu, ele ficou pouco à vontade. Essa sensação, aliada ao desconforto físico, lhe deixou impaciente. Ele se levantou, talvez para impressioná-la com a autoridade, e contornou a escrivaninha.

— Não estou tentando persegui-la deliberadamente, senhorita…

— Senhora — corrigiu ela. — Sra. Mackenzie.

— Mas regras são regras, e elas estabelecem que não posso permitir que mulheres do… seu tipo viajem em um navio cheio de homens.

— Do meu tipo.

— A senhora sabe o que quero dizer. Já é difícil ter esse grande número de mulheres a bordo com tantos homens por perto. Analisei suas… circunstâncias, e não posso permitir sua presença aqui, sob o risco de desestabilizar meu navio.

Só Deus sabia o que o governador de Gibraltar diria se soubesse da presença dessa passageira em particular. Sem falar no que a esposa dele pensaria. Eles mal haviam se recuperado do episódio com os prisioneiros alemães.

Ela ficou encarando os próprios sapatos por algum tempo. Depois ergueu a cabeça.

— Comandante Highfield, está me expulsando do navio? — Sua voz estava baixa e tranquila.

Ele ficou aliviado por ela ter abordado esse assunto.

— Sinto muito, mas parece que não tenho escolha.

Ela parecia pensativa e sua conduta não demonstrou surpresa com a resposta. Mas seus olhos semicerrados evidenciavam também desprezo pelo que ouvira.

Não era isso que ele esperava. Raiva, talvez. Ou uma crise de histeria, como no caso das duas outras desafortunadas. Ele pedira para o marinheiro ficar do lado de fora da porta, por garantia.

— A senhora tem liberdade para dizer o que quiser — falou ele quando o silêncio ficou constrangedor. — Quer dizer, em sua defesa.

Houve uma longa pausa. Então, ela colocou as mãos no colo.

— Em minha defesa… Sou enfermeira. Faz quatro anos e meio que trabalho com isso. Durante esse tempo, tratei milhares de homens e salvei a vida de muitos.

— É muito bom que… tenha conseguido…

— …que tenha conseguido me tornar um ser humano respeitável? — Sua voz tinha um tom seco.

— Não foi isso que…

— Mas não posso fazer nada, não é? Porque nunca vão me deixar esquecer o passado. Nem que eu esteja a milhares de quilômetros de distância.

— Não quis insinuar que…

Ela o encarou de frente. Ele teve a impressão de que ela erguera os ombros de maneira ofensiva.

— Sei muito bem o que o senhor está insinuando, comandante. Que meu relatório de serviços prestados é o que menos importa sobre mim. Como a maioria dos passageiros deste navio, o senhor preferiu julgar meu caráter pela primeira coisa que ouviu. E agir com base nisso. — Ela alisou o vestido sobre os joelhos e respirou fundo, como se tivesse dificuldade para manter a calma. — O que eu ia dizer, comandante Highfield, antes de o senhor me interromper, é que durante minha carreira cuidei de milhares de homens, muitos dos quais haviam sido aterrorizados e fisicamente torturados. Alguns eram meus inimigos. Muitos estavam com a vida por um fio. E nenhum… — ela fez uma pausa para retomar o fôlego — …nenhum deles me tratou com a falta de consideração que o senhor acaba de demonstrar.

Ele não esperava que ela falasse com tanta firmeza. E com tanta clareza.

Não esperava que o acusado acabasse sendo ele.

— Escute — começou ele em tom conciliador —, não posso fingir que não conheço seu passado.

— Não, e eu também não, ao que parece. Posso apenas tentar levar uma vida que seja útil aos outros. E não pensar demais em coisas que podem ter saído do meu controle.

O silêncio dos dois foi constrangedor. O comandante tentava pensar depressa em alguma solução para aquela situação extraordinária. Ouviu conversas abafadas do lado de fora e baixou a voz para preservar a dignidade de ambos.

— Olhe… está dizendo que o que aconteceu não foi por sua vontade? Que a senhora pode ter sido… mais vítima do que culpada?

Se ela estivesse disposta a se arrepender, a prometer que seu comportamento futuro seria diferente, talvez então…

— O que estou dizendo é que, seja como for, isso não lhe diz respeito. — Ela estava com os nós dos dedos brancos por causa da emoção contida. — As únicas coisas que lhe dizem respeito, comandante, são minha profissão que, como ficará sabendo pela lista de passageiros e meu relatório de serviços, caso tenha interesse em consultá-los, é a de enfermeira, meu estado civil e meu comportamento a bordo do seu navio, que seguiu todas as exigências de conduta.

Sua voz ganhara mais força. As pontas das suas orelhas pálidas estavam rosadas, o único sinal do seu nervosismo.

O comandante percebeu, um pouco perplexo, que talvez ele é que estivesse errado.

Baixou os olhos para os papéis que detalhavam os procedimentos para a expulsão de alguma esposa.

"Desembarque-a em Port Said", dissera a supervisora da Cruz Vermelha da Austrália. "Talvez ela precise esperar um tempo até que um barco chegue para levá-la. Mas já adianto que várias delas desaparecem no Egito." A pronúncia da palavra "delas" carregava um inconfundível tom de desprezo.

Meu Deus, que confusão, que maldita confusão. Ele gostaria de nunca ter começado aquela conversa que o colocara em uma situação constrangedora. Mas o regulamento precisava ser cumprido e ele estava de mãos atadas.

Talvez por ter percebido alguma coisa na expressão dele, ela se levantou. Seu cabelo, puxado para trás, acentuava as olheiras e os ossos salientes, quase eslavos, do seu rosto. Por um instante, ele se perguntou se, antes de sair, ela tentaria agredi-lo, como fizera a outra garota, mas logo se sentiu culpado por ter pensado isso.

— Escute, Sra. Mackenzie, eu…

— Eu sei. O senhor quer que eu vá embora.

Ele procurava alguma coisa para dizer, buscava palavras que traduzissem a mistura correta de autoridade e pesar.

Ela estava a meio caminho da porta quando perguntou:

— Quer que eu dê uma olhada na sua perna?

As palavras finais do comandante ficaram travadas em seus lábios. Ele piscou.

— Vi o senhor mancando. Quando achou que estivesse sozinho. O senhor também deve saber que à noite eu costumava ficar sentada no convés de voo.

Highfield se sentiu completamente desconcertado. Percebeu que havia movido a perna para trás.

— Não acho que seja…

— Não vou tocar no senhor, se isso o deixa mais tranquilo.

— Não há nada de errado com a minha perna.

— Então não vou incomodá-lo.

Eles ficaram frente a frente, cada um em um lado da sala. Nenhum dos dois se mexeu. Não havia nada no olhar dela que sugerisse um convite.

— Eu não… Não contei para ninguém — confessou ele.

— Estou acostumada a guardar segredos — disse ela, encarando-o.

Ele desabou na cadeira e ergueu a perna da calça. Fazia dias que evitava ver o ferimento de perto.

Por um instante, ela ficou desarmada. Deu um passo atrás, mas logo aproximou-se para examiná-lo.

— O ferimento está visivelmente infeccionado. — Ela apontou para a perna, como se para pedir permissão, depois colocou as mãos ali e percorreu com o dedo todo o comprimento da lesão e a pele vermelha e inchada ao redor. — Sua temperatura subiu?

— Já me senti melhor — admitiu ele.

Ela ficou vários minutos analisando o ferimento.

Ele percebeu, com um pouco de vergonha, que não se esquivara assim que ela tocou sua pele.

— Acho que o senhor deve estar com osteomielite, uma infecção que se espalha pelo osso. Vai ser preciso fazer uma drenagem. E tomar penicilina.

— A senhora tem isso?

— Não, mas o Dr. Duxbury tem com certeza.

— Não quero envolvê-lo nisso.

Ela não demonstrou surpresa. Ele se perguntou se aquilo seria loucura. Não conseguia tirar da cabeça a expressão de espanto de Frances ao ver o estado da sua perna. E como a disfarçara imediatamente.

— O senhor precisa de ajuda médica — insistiu ela.

— Não quero que Duxbury seja informado — repetiu ele.

— Bem, já dei minha opinião profissional, comandante, e respeito seu direito de ignorá-la.

Ela se levantou e esfregou as mãos na calça. Ele pediu que ela esperasse, passou à sua frente, abriu a porta e chamou o marinheiro que continuava no corredor.

O rapaz entrou e ele olhou do comandante para a mulher à sua frente.

— Leve a Sra. Mackenzie à enfermaria — ordenou Highfield. — Ela vai buscar alguns itens.

Frances hesitou, aparentemente à espera de alguma ordem específica, de alguma instrução, mas nada aconteceu.

Ele estendeu a mão com a chave. Quando a pegou, ela tomou cuidado para que seus dedos não tocassem os dele.

* * *

A agulha perfurou sua perna. A ponta fina de metal deslizou mecanicamente para dentro e para fora da sua pele para retirar o líquido infectado. Apesar da dor do procedimento, Highfield sentiu que a angústia que o atormentava começava a se dissipar.

— O senhor vai precisar de mais uma dose de penicilina daqui a seis horas. Depois, uma dose por dia. Vamos começar com uma dose dupla, para que seu organismo combata a infecção. E quando chegar à Inglaterra, deve procurar logo seu médico. É possível que ele queira levá-lo para o hospital. O senhor teve sorte. Acho que não vai gangrenar — disse ela, voltando a atenção para o ferimento.

Sua voz tinha um tom calmo e neutro, e ela evitou ao máximo olhar para o rosto do comandante. Por fim, fez uma atadura na perna ferida e se sentou nos calcanhares para que ele pudesse baixar a perna da calça. Ela vestia a mesma blusa branca e a mesma calça cáqui do dia em que acompanhara a esposa mais jovem ao seu escritório.

Ele suspirou de alívio diante da perspectiva de uma noite sem dor. Ela começou a recolher o equipamento médico que trouxera da enfermaria.

— É melhor o senhor guardar parte deste material aqui — sugeriu ela, ainda olhando para o chão. — Vai precisar trocar o curativo amanhã. — Rabiscou algumas instruções em um pedaço de papel. — Fiquei com a perna para cima sempre que estiver sozinho. E tente mantê-la seca, principalmente quando o tempo estiver úmido. Pode tomar estes analgésicos, dois de cada vez.

Frances colocou as ataduras e o esparadrapo em cima da escrivaninha, depois enfiou a tampa de volta na caneta.

— Se piorar, deve procurar um cirurgião. E não pode perder tempo com isso.

— Vou dizer que houve um mal-entendido.

Ela ergueu a cabeça.

— Um caso de erro de identidade. Se puder dedicar parte do seu tempo durante o resto da viagem para aplicar as injeções de penicilina em mim, ficarei agradecido.

Ela olhou para ele e ficou de pé. Parecia surpresa, talvez pela primeira vez naquele dia. Engoliu em seco.

— Não fiz isso com este objetivo — disse ela.

Ele assentiu.

— Eu sei.

O comandante se levantou e transferiu com cuidado um pouco do seu peso para a perna machucada. Em seguida, estendeu a mão.

— Obrigado, Sra. Mackenzie… Enfermeira Mackenzie.

Ela olhou por um instante para a mão estendida. Considerando a espantosa serenidade que ela demonstrara até então, ele ficou surpreso ao ver lágrimas em seus olhos quando ela ergueu a cabeça e apertou a mão dele.

19

Para outros, o conflito deixou cicatrizes permanentes — o frio impiedoso, o medo e a proximidade de uma morte prematura e sem sentido, além da inevitável degradação das condições de vida em um navio de guerra pequeno e desgastado pelas intempéries — suficientes para criar uma eterna aversão à guerra.

RICHARD WOODMAN, ARCTIC CONVOYS, 1941-1945

TRINTA E CINCO DIAS (UMA SEMANA ATÉ PLYMOUTH)

Em um canto no fundo da sala de conferência, Joe Junior se mexia com impaciência, talvez por achar injusto ficar confinado em um espaço tão limitado. Margaret baixou os olhos para a barriga avantajada e observou os movimentos do bebê, que faziam seu velho caderno navegar a onda sísmica dos seus movimentos como um pequeno barco na água. Ela sabia como ele devia estar se sentindo. Nas semanas anteriores, o tempo no navio parecia ter estagnado. Ela sentira uma necessidade desesperada de ver Joe, e também uma frustração cada vez maior pela lentidão com que os dias se arrastavam. Agora que estavam em águas europeias, o tempo passava depressa e piorava sua inquietação.

Ela estava se sentindo grotesca. Sua barriga era uma bola imensa e a pele pálida estava riscada por veias púrpuras. Só com muita dificuldade conseguia enfiar os pés nas sandálias esgarçadas e encardidas, o único calçado que ainda lhe servia. No espelho do banheiro coletivo, seu rosto, que nunca fora fino, refletia a imagem de uma perfeita lua cheia. Como

Joe ainda pode me querer?, perguntava ela. Ele se casara com uma garota ágil e ativa, que conseguia correr tão depressa quanto ele, que o desafiava em corridas a cavalo pelas intermináveis planícies verdes que rodeavam a fazenda. Uma garota que tinha um corpo firme e musculoso, que chegava a comovê-lo quando exibido nu.

Agora ele estaria ligado a uma porca gorda, balofa, de pés inchados, que precisava se sentar, ofegante, após subir um pequeno lance de escada. Alguém cujos seios, brancos e com algumas veias, sacudiam pesadamente e vazavam leite. Uma porca que repugnava até a si mesma. A conversa afetuosa de poucas semanas antes não bastava mais para tranquilizá-la. Como seria? Ele não tinha visto sua nova aparência.

Ela se remexeu na pequena cadeira de madeira e soltou um silencioso "ah" de desconforto. A palestra do dia tinha sido sobre "Coisas que seu marido pode ter visto". Apesar do título, trazia apenas referências repetidas a "horrores inomináveis", que o palestrante tinha, com certeza, considerado inomináveis demais para descrever. O importante, segundo o oficial encarregado do bem-estar, era não pressionar o marido sobre o que acontecera com ele. A história tinha mostrado que a maioria dos homens se sentia melhor quando apenas convivia com esse tipo de lembrança. Eles não queriam uma mulher que os pressionasse a contar tudo. O que os homens precisavam era de alguém que os ajudasse a esquecer aquilo, que pudesse proporcionar as alegrias de uma vida tranquila pela qual tinham lutado.

As palavras do palestrante fizeram Margaret sentir pela primeira vez que ela e Joe não eram parceiros, como ela imaginara, e que, por causa das diferenças de sexo e experiência, havia um imenso abismo entre eles. Joe tinha mencionado apenas uma vez um evento da sua lista pessoal de horrores: seu amigo Adie havia sido morto no Pacífico a menos de um metro dele, no convés, e Margaret o vira piscar repetidas vezes para conter as lágrimas. Ela não o pressionara por detalhes, não porque achasse que

esse sofrimento era só dele, mas por ser australiana. De uma autêntica família de fazendeiros. E se deparar com os olhos de um homem cheios de lágrimas, mesmo que ele fosse irlandês (e todos sabiam como os irlandeses conseguem se emocionar), deixara Margaret com uma sensação estranha.

Haveria ainda mais inconvenientes, explicara o oficial, para as que vinham de continentes muito distintos. Praticamente não havia dúvidas de que haveria uma pressão extra sobre elas, por melhor e mais calorosa que fosse sua recepção pelos novos parentes britânicos. Ele sugeriu que as esposas encontrassem um amigo dentro da família. Ou que trocassem endereços com as amigas que fizeram no navio, para que tivessem com quem conversar caso estivessem particularmente preocupadas.

No decorrer de alguns meses, porém, elas poderiam perceber que seus maridos se irritavam com facilidade e, às vezes, ficavam mal-humorados.

— Antes de censurá-lo, pare um pouco para refletir e ver se não há outros motivos para essas explosões. Pense que ele pode ter se lembrado de coisas com as quais não quer atormentá-la. E talvez, antes de começar uma discussão, pensem no que seus maridos fizeram pelo país e por vocês mesmas. Temos uma expressão na Inglaterra. — Nesse momento, o oficial fez uma pausa e percorreu a pequena sala com o olhar. — "Mantenha-se firme mesmo na adversidade." Foi isso que manteve nosso Império forte nos últimos anos. Sugiro que usem isso com frequência.

* * *

Era a segunda vez que o marinheiro assistente dos oficiais fazia sinal para que ele o ajudasse a limpar a praça-d'armas. Foi preciso que Jones dissesse "Ande, meu chapa, mexa-se", para tirar Nicol do seu devaneio.

Ao redor deles, os oficiais tinham acabado de comer e se retiravam para fumar cachimbos e ler cartas ou jornais antigos. Durante todo o almoço, fizeram brincadeiras sobre o estado dos motores do *Victoria* e até uma

aposta para saber se aguentariam chegar a Plymouth. Outra brincadeira paralela, motivo de muita discussão irreverente, envolvia três marinheiros que foram chamados para se apresentar diante da Comissão de Entrevistas do Almirantado para tentar uma promoção ao posto de oficial. Todos se divertiram ao imaginar as possíveis respostas de um deles, que era conhecido por ter a inteligência e o comportamento de uma mula.

— Está cochilando, meu chapa? — Jones praticamente o jogara na sala anexa ao alojamento dos oficiais. — O imediato estava de olho em você enquanto brindavam. Você estava parecendo mais um saco de batatas. Em determinado momento, cheguei a pensar que ia enfiar as mãos nos bolsos!

Nicol não conseguia responder. Ficar em posição de sentido durante os brindes era um gesto automático para ele. Como engraxar as próprias botas ou se candidatar para plantões extras. No entanto, coisas estranhas estavam acontecendo com seu senso de responsabilidade.

Ele tinha imaginado que a desembarcariam, e que ele iria logo atrás. Durante o almoço, se permitira sonhar acordado com a chance de que o marido mandasse "Não é bem-vinda, não venha" para ela, mas logo censurou a si mesmo por desejar que ela passasse por essa vergonha.

Mas não havia nada que ele pudesse fazer. Quando fechava os olhos, visualizava seu rosto atento. O sorriso breve e radiante que ela lhe concedera quando dançaram juntos. A sensação de encostar na sua cintura, de sentir as mãos dela tocando as suas de leve.

Com quem ela tinha se casado? Será que contou sobre o seu passado para o marido? Pior ainda, será que ele tinha feito parte disso? Pelo visto não havia como fazer essas perguntas sem dar a entender que ele, como todos os outros, tinha o direito de opinar sobre sua vida. Que direito ele tinha de perguntar a ela o que quer que fosse?

Esses pensamentos fizeram com que ele fechasse os olhos para não impor a si mesmo as imagens que preferia deixar de lado. No alojamento, os companheiros, acostumados com as visitas temporárias de demônios de

guerra, permitiam que ele se mantivesse a distância. Esses demônios voltavam com regularidade para assombrá-lo, de leve, a princípio, mas depois enchiam sua cabeça com lembranças sombrias. Talvez eu pudesse contar para ela, pensou ele. Tentar explicar o que sinto. Falar poderia ser uma válvula de escape. Ela não precisaria responder.

Mas mesmo quando as palavras começavam a fazer sentido em sua mente, ele sabia que não seria capaz de expressá-las. Ela criara um futuro, encontrara certa estabilidade. Ele não tinha o direito de dizer ou fazer nada que pudesse interferir nisso.

Na noite anterior, ele observara as constelações que tanto o intrigavam no passado. Estava xingando a conjunção de planetas que tinham feito seus caminhos se separarem no momento em que o encontro poderia tê-los redimido. Eu poderia ter feito ela feliz, pensou ele. Como o tal marido desconhecido poderia dizer o mesmo? Ou talvez fosse o próprio egoísmo dele que quisesse compensar e diminuir o sentimento de culpa ao se considerar o salvador dela.

Foi essa percepção incômoda que o forçou a tomar a decisão de trocar de turno com Emmett, o que o manteve, nos dias seguintes, bem afastado dela.

Não era mais o passado da mulher que o incomodava. Era que ela tivesse conseguido escapar daquilo.

— O supervisor ainda estava no buraco dele às dez para as onze da manhã. Devia ter escutado o comandante dizendo: "Você não tem mais qualificação para ser supervisor do que qualquer uma daquelas mulheres lá embaixo." E sabe onde ele estava, não é? O mestre de armas acredita que ele estava na enfermaria com o americano. Fazia pesquisas sobre as… propriedades curativas do álcool.

As pessoas caíram na gargalhada. Ele contemplou o retrato do Rei, que ocupava um lugar importante na parede, depois ocupou seu lugar ao lado de Jones, se preparando para sair do alojamento dos oficiais. Nicol

recebera um telegrama quatro dias depois de mandar o seu. Dizia apenas: "Obrigada!" O ponto de exclamação, com tudo o que implicava, lhe causara arrepios.

* * *

A cachorrinha começou a latir de forma inesperada quando Margaret abriu a porta. Em pânico, tapou com a mão o focinho de Maude Gonne e se apressou para a cama, murmurando:

— Quieta! Quieta, Maudie! Fique quieta agora!

A cadela latiu mais duas vezes, e Margaret quase bateu nela, coisa que nunca fizera.

— Cale a boca! — resmungou, com os olhos fixos na porta. — Vamos, fique quietinha — murmurou, e a cachorra deu várias voltas ao redor do próprio corpo em cima do beliche da sua dona.

Sentindo-se culpada, Margaret olhou para o relógio, se perguntando quando poderia levá-la para passear de novo. Maude Gonne tentara fugir várias vezes. Como Joe Junior, pensou ela, o confinamento começava a pesar.

— Fique calma, por favor — pediu. — Falta pouco, prometo.

Só então percebeu que não estava sozinha na cabine.

Avice estava deitada no beliche, imóvel, virada para a parede, com os joelhos na barriga.

Margaret observou a colega enquanto a cachorra, sem muito entusiasmo, pulava para o chão e arranhava a porta. Ela fez as contas e percebeu que era o quarto dia que Avice estava prostrada assim. Nas poucas ocasiões em que tinha se levantado para comer, ela beliscara alguma coisa no prato, depois se desculpara e saíra da mesa. Estava enjoada, respondia ela, quando perguntavam qual era o problema. Embora o mar não estivesse agitado.

Margaret se debruçou sobre a menina prostrada, como se seu rosto pudesse dar alguma dica do que estava acontecendo. Certa vez, fizera isso achando que Avice estava dormindo e sentira um misto de surpresa e constrangimento ao ver seus olhos bem abertos. Ela não sabia se devia falar com Frances: talvez Avice estivesse com algum problema de saúde, mas considerando que o relacionamento das duas não era dos melhores, achava que não era justo colocá-las em uma situação embaraçosa.

Além disso, Frances quase nunca estava na cabine. Por razões que ninguém conseguia explicar, ela passara a ajudar na enfermaria depois que o Dr. Duxbury aceitou, com muita satisfação, a responsabilidade de organizar a final do concurso de Rainha do *Victoria*. Ela desaparecia durante várias horas todos os dias, e não dizia a ninguém por onde andava. Margaret achava que devia ficar contente por ela estar tão mais feliz, mas sentia muito sua falta. Sozinha, ela tinha muito mais tempo para refletir, e, como seu pai costumava dizer, isso nunca era bom.

— Avice? — sussurrou ela. — Está acordada?

Ela não respondeu de imediato.

— Estou — disse, afinal.

Constrangida, Margaret parou no meio do pequeno quarto, esquecendo-se, por um momento, do seu corpo volumoso, enquanto tentava descobrir o que fazer para melhorar a situação.

— Quer… que eu lhe traga alguma coisa?

— Não.

O silêncio dominou o ambiente. Minha mãe saberia o que fazer, pensou. Teria pegado Avice nos braços com aquele seu jeito maternal e falado: "Vamos, conte o que está acontecendo." Diante de toda aquela segurança, Avice teria confessado suas angústias, seus problemas de saúde, as saudades que sentia de casa, ou o que quer que fosse que a estava perturbando.

Só que sua mãe não estava lá. E Margaret tinha tanta condição de pegar Avice nos braços quanto de remar para levar aquele maldito navio até a Inglaterra.

— Posso pegar uma xícara de chá — sugeriu ela.

Avice não disse nada.

* * *

Margaret se deitou na cama e ficou quase uma hora lendo, sem coragem de deixar Avice sozinha nem Maude Gonne, que ela achava que não ficaria quieta.

Lá fora, o discreto aumento no balanço do navio indicava que estavam entrando em águas mais frias e agitadas. Depois de semanas a bordo, elas estavam acostumadas com a oscilação do *Victoria* e com o constante zumbido dos motores, portanto conseguiam ignorar as ordens insistentes transmitidas pelos alto-falantes a cada quinze minutos.

Margaret tinha começado a escrever uma carta para o pai, mas logo descobrira que não tinha nenhuma novidade para contar sobre a vida a bordo. Ela não conseguia pensar em colocar no papel o que realmente acontecera e, fora isso, só poderia falar sobre sua espera. Como se estivesse em uma fila, ela esperava sua vida nova começar.

Decidira, então, escrever para Daniel: fez diversas perguntas sobre a égua, e um pedido urgente para que ele retirasse a pele do maior número possível de coelhos para visitá-la na Inglaterra. Daniel escrevera apenas uma vez, uma carta que ela recebera em Bombaim, com poucas linhas, em que ele não contava muito além da situação das vacas, do tempo, e do enredo de um filme a que assistira na cidade. De todo modo, seu coração se acalmara. Ela havia sido perdoada, era o que aquelas poucas linhas lhe diziam. Se seu pai o tivesse ameaçado com o cinto para que escrevesse, ele teria enfiado uma folha em branco no envelope, sem obedecê-lo. Alguém

bateu com força na porta e ela pulou em cima da cachorrinha para abafar seus latidos. Agarrando o animal, fingiu ter um acesso de tosse, numa tentativa de dissimular o som.

— Espere aí — gritou, colocando delicadamente, mas com firmeza, sua mão enorme no focinho de Maude Gonne. — Estou indo.

— A Sra. A. Radley está aí?

Margaret se virou para o beliche de Avice, que piscou várias vezes e se sentou. Suas roupas estavam amarrotadas, o rosto pálido e impassível. Ela deslizou devagar para o chão, levando a mão ao cabelo.

— Avice Radley — disse, abrindo uma fresta da porta.

Havia um jovem marinheiro à sua frente.

— A senhora recebeu um telegrama. Vá à sala de rádio hoje à tarde.

Margaret soltou a cachorrinha às suas costas e deu um passo à frente para segurar o braço de Avice.

— Ai, meu Deus — disse, sem querer.

O marinheiro observou as duas com olhos arregalados. Depois colocou um pedaço de papel na mão de Avice.

— Não fique assim, senhora… É uma boa notícia.

— Qual? — perguntou Margaret.

Ele a ignorou e esperou que Avice baixasse os olhos antes de voltar a falar, com um tom de voz animado:

— É da sua família. Seus parentes estarão em Plymouth para recebê-la quando chegar de navio.

* * *

Avice tinha chorado por quase vinte minutos, o que no início parecera um exagero, mas depois se tornara algo alarmante. Margaret deixou de lado as rixas do passado, subiu no beliche de Avice e se sentou ao seu lado,

tentando não pensar em como a cama estalava ameaçadoramente com seu peso.

— Está tudo bem, Avice — repetia, sem parar. — Ele está bem. Ian está bem. Esse maldito telegrama foi só um susto.

O comandante não estava muito contente, informara o marinheiro, rindo. Disse que vai passar a usar a sala de rádio para transmitir as listas de compras. Mas tinha autorizado o recebimento da mensagem.

Margaret resmungou e disse:

— Não deviam ter mandado alguém passar aqui sem mais nem menos. Com certeza sabiam que você ficaria assustada. Ainda mais no seu estado, não é?

Ela tentou arrancar um sorriso da garota, mas Avice não respondeu. Os soluços acabaram diminuindo, até se tornarem só um eco. Por fim, quando sentiu que o pior havia passado, Margaret desceu do beliche.

— Agora descanse um pouco — disse ela, sabendo que seria uma recomendação inútil. — Acalme-se um pouco. — Ela se deitou no seu beliche e começou a falar sobre os planos para os poucos dias que restavam: as melhores palestras para ver, os preparativos de Avice para a final do Rainha do *Victoria*, qualquer coisa que ajudasse a afastar a tristeza da colega. — Você precisa usar de novo aqueles sapatos de cetim verde — disse, entusiasmada. — Nem imagina quantas mulheres dariam tudo por eles, Avice. Aquela garota da cabine 11F disse que viu alguns parecidos na *Australian Women's Weekly*.

* * *

Os olhos de Avice estavam vermelhos e inchados. Você não entende, pensou ela, com o olhar fixo na parede branca e sem prestar atenção na interminável sequência de palavras que chegava aos seus ouvidos. Por um

instante, achei que tudo fosse ficar bem, que haveria um jeito de escapar disso.

Ela se deitou em completo silêncio, como se de algum modo pudesse se petrificar.

Apenas por um momento, pensei que eles tivessem vindo me dizer que ele estava morto.

* * *

— Então, lá estava eu, com água suja até as orelhas, panelas boiando nas galerias da cozinha, e o navio inclinado quarenta e cinco graus a bombordo. Nesse momento, o velho chega andando com dificuldade, me olha de cima a baixo, usa o quepe para esvaziar vários litros de água acumulada no fundo da embarcação e diz: "Highfield, espero que não esteja usando meias de cores diferentes uma da outra. Não vou permitir que alguém se vista fora do padrão no meu navio."

O comandante esticou a perna.

— A melhor parte é que ele tinha razão. Só Deus sabe como conseguiu enxergar embaixo de um metro de água, mas tinha razão.

Frances se empertigou e sorriu.

— Tive enfermeiras-chefes assim — disse ela. — Acho que, inclusive, elas conseguiam dizer quantos comprimidos havia em cada frasco.

Começou a guardar os instrumentos de volta na maleta.

— Ah — disse Highfield, pigarreando. — Bem, então. Quarenta e um torpedos tirados das caixas, sem revestimento, duas caixas vazias, trinta e duas bombas, a maioria desmontada, quatro caixas de munição para carregadores de onze centímetros, uma caixa de munição para canhões duplos, nove caixas de armamento variado, carregadores para armas de pequeno porte e canhões antiaéreos. Ah, e vinte e duas cargas para diversas pistolas, que estão trancadas nos meus depósitos pessoais.

— Alguma coisa me diz que o senhor ainda não está totalmente preparado para a aposentadoria — comentou Frances.

Lá fora, por trás do ombro esquerdo do comandante, o sol começava a se pôr. Afundava em direção ao horizonte em um ritmo mais lento do que nos dias anteriores. O mar se estendia ao redor, e seu tom acinzentado era a única indicação de uma temperatura mais amena. Passaram, com mais frequência, a serem seguidos por gaivotas que mergulhavam no rastro deixado pelo navio à procura de sobras ou lixo que o cozinheiro jogava ao mar, ou de pedaços de biscoitos que as mulheres arremessavam apenas para aproveitar o momento em que as aves os apanhavam ainda no ar.

Highfield se inclinou à frente: a pele sobre a cicatriz na sua perna parecia cera de vela derretida.

— Como está…?

— Bem — respondeu ela. — O senhor já deve sentir a melhora.

— Já me sinto melhor, sim — confirmou ele. Depois, encontrando o olhar dela, acrescentou: — Ainda está dolorido, mas melhorou muito.

— Sua temperatura corporal está normal.

— Achei que eu estava com alguma febre tropical.

— Pode ser também.

Ela sabia que ele se sentia melhor. Estava visível na sua conduta. Ele não precisava mais esconder nada. Havia um brilho diferente em seus olhos, e ele sorria facilmente. Quando se levantava, era mais por se sentir orgulhoso do que pelo desespero de provar que ainda conseguia ficar de pé.

Ele tinha começado a contar outra história: a de uma maleta de torpedo que havia sumido. Frances acabara de fazer o curativo e se sentou diante dele para ouvir. O comandante já tinha contado essa mesma história alguns dias antes, mas ela não se importava. Sentia que ele não era o tipo de pessoa que se comunicava com facilidade. Um homem

solitário, ela concluíra. Muitas vezes ela constatara que quem ocupava cargos altos era mais solitário.

Além disso, diante da frieza com que ainda era tratada pela maioria das mulheres, da estranha melancolia de Avice e da ausência de Nicol, ela precisava admitir que gostava da companhia dele.

— …e o homem corado estava usando o material apenas para cozinhar seu peixe. Ele não encontrara um lugar melhor para fazer isso — explicou. — Quando soubemos o que tinha acontecido, demos graças a Deus por ele não ter usado uma ogiva.

Highfield deu uma risada que mais pareceu um latido, e deixou até ele mesmo surpreso. Frances sorriu de novo, se esforçando para não demonstrar que já ouvira a mesma coisa. Depois de cada história, ele olhava rapidamente para ela, e isso bastava para que Frances percebesse sua falta de jeito com as mulheres. Ele não devia querer incomodá-la. Ela não o deixaria pensar que esse era o caso.

— Sra. Mackenzie… posso lhe oferecer um drinque? Em geral, tomo um gole de alguma coisa a esta hora do dia.

— Obrigada, mas não bebo.

— Garota sensata.

Ela o observou contornar a escrivaninha. Era um móvel bonito, em madeira cor de noz e com detalhes em couro verde-escuro. Com tapetes, quadros e cadeiras estofadas confortáveis, a sala particular do comandante ficaria muito bem em qualquer casa de alto padrão. Ela pensou nas precárias condições dos homens nos conveses inferiores, que tinham apenas redes, armários de vestiário e mesas desbotadas. Em nenhum outro lugar, a não ser na Marinha Britânica, ela vira uma diferença tão gritante nas condições de vida dos homens, e isso a levou a pensar sobre o país para onde estava indo.

— Como o senhor conseguiu isso? — perguntou ela, enquanto ele se servia de uma bebida.

— O quê?

— O ferimento na perna. Nunca me contou.

Ele estava de costas para Frances e ficou imóvel por tempo o bastante para entender que a pergunta não havia sido tão inconsequente quanto fora a intenção.

— Não precisa me contar — apressou-se a dizer. — Desculpe, não quis ser intrometida.

Foi como se ele não a tivesse escutado. Tampou a garrafa e voltou a se sentar. Tomou um grande gole do líquido âmbar e, em seguida, começou a falar. O *Victoria*, disse, não era seu navio.

— Comandei o irmão gêmeo deste aqui, o *Indomitable*. Desde 1939. Depois, pouco antes do Dia da Vitória, fomos atacados. Tínhamos seis Albacore, quatro Swordfish e só Deus sabe o que mais lá em cima tentava nos dar cobertura, homens em todos os canhões, mas nada os atingia. Eu sabia desde o início que estávamos perdidos. Meu sobrinho era piloto. Robert Hart. Vinte e seis anos. Filho de Molly, minha irmã mais nova… Era um… Éramos muito unidos. Ele era um bom menino.

Os dois foram brevemente interrompidos por batidas na porta. Highfield deixou clara sua irritação. Ele se levantou e caminhou com passos pesados. Abriu a porta, deu uma olhada nos papéis que lhe foram entregues e assentiu para o jovem telegrafista.

— Muito bem — murmurou.

Frances, ainda concentrada nas palavras anteriores do comandante, mal percebeu a interrupção.

Highfield se sentou de novo e largou os papéis ao seu lado na escrivaninha. Seguiu-se um longo silêncio.

— Ele… foi abatido? — perguntou ela.

— Não — respondeu o comandante após tomar mais um gole do seu drinque. — Não. Acho que ele teria preferido isso. Uma das bombas caiu no porão número dois e provocou a explosão de vários conveses, do

alojamento dos oficiais à sala central de máquinas. Perdi dezesseis homens na primeira explosão.

Frances conseguia imaginar a cena a bordo. Ela quase sentia o cheiro de fumaça e combustível, ouvia os gritos dos homens que estavam presos nas chamas.

— Inclusive seu sobrinho.

— Não… não, este é o problema. Demorei muito para resgatá-los, entende? O deslocamento de ar me jogou longe e fiquei um pouco atordoado. Não percebi que a explosão tinha sido tão perto dos depósitos de munição. O fogo rachou vários dutos internos e se propagou até o leme, o sistema de pilotagem e o gabinete do almirante, depois voltou a aparecer sob o transportador de munição. Quinze minutos depois da primeira bomba, uma nova explosão destruiu metade do interior do navio. — Ele balançou a cabeça. — O barulho foi ensurdecedor… ensurdecedor. Tive a impressão de que o céu havia se partido. Eu devia ter mandado mais homens descer para verificar se as escotilhas estavam fechadas, para impedir que o fogo se alastrasse.

— O senhor poderia ter perdido mais homens ainda.

— Cinquenta e oito ao todo. Meu sobrinho estava na plataforma de controle. — Hesitou. — Não consegui chegar até ele.

Frances estava imóvel na cadeira.

— Eles me obrigaram a abandonar o navio. — Highfield falava depressa e com a voz rouca, como se as palavras tivessem esperado tempo demais para serem ditas. — Estava afundando e meus homens… os que ainda conseguiam se manter de pé… estavam nos botes. O mar estava sinistramente calmo, e eu conseguia ver todos os barcos flutuando abaixo de mim, quase imóveis, como lótus em um tanque. Os homens içavam os feridos da água e os barcos ficavam cobertos de sangue e combustível. Fazia muito calor. Os que permaneciam a bordo molhavam os próprios corpos com mangueiras, apenas para tentar continuar no navio. E

enquanto procurávamos recuperar os feridos, enquanto o navio se desfazia em pedaços e ardia em chamas, os malditos japoneses continuavam nos rondando. Não atiravam mais, apenas rodeavam acima de nós, como abutres. Pareciam ter prazer em nos ver sofrer.

Highfield tomou um gole da sua bebida.

— Eu ainda estava tentando encontrá-lo quando me mandaram abandonar o navio. — Ele baixou a cabeça. — Dois destróieres chegaram para nos ajudar. Finalmente, vi que os japoneses se afastavam. Fui obrigado a desembarcar. Todos os meus homens me observaram deixar o navio afundar, mesmo sabendo que podia ter homens vivos lá dentro, homens feridos. Talvez até Hart. — Ele fez uma pausa. — Nenhum me dirigiu a palavra. Eles só… me encaravam.

Frances fechou os olhos. Ela ouvira histórias semelhantes, sabia que deixavam cicatrizes. Não havia nada que ela pudesse dizer para reconfortá-lo.

Eles ouviram o alto-falante chamar as mulheres para visitar uma exposição de trabalhos em feltro na proa. Frances ficou surpresa ao reparar que em algum momento anoitecera e do lado de fora a escuridão era total.

— Não é a melhor maneira de encerrar uma carreira, não acha?

Ela percebeu que a voz dele estava entrecortada.

— Comandante — disse ela —, as únicas pessoas que têm todas as respostas são as que nunca se defrontaram com as perguntas.

Do lado de fora dos quartos, as luzes do convés se acendiam aos poucos, lançando uma fria luminosidade néon pela janela. Eles ouviram os ecos de uma conversa barulhenta enquanto vários homens saíam da praça-d'armas e o alto-falante repetia sem parar a mensagem: "Preparem-se para receber barcaça de lixo a bombordo."

O comandante Highfield olhou para os próprios pés, depois para Frances, digerindo a verdade do que ela dissera. Tomou um grande gole da sua bebida sem desviar os olhos dela.

— Sra. Mackenzie — disse ele, colocando os óculos na mesa —, me fale sobre o seu marido.

* * *

Nicol ficara do lado de fora da sala de projeção por quase três quartos de hora. Ainda que tivesse sido autorizado a entrar, não queria ver *Os melhores anos de nossas vidas*, mesmo com o final feliz dos soldados voltando para casa. Sua atenção estava voltada para o final do corredor.

— Não consigo acreditar nisso — exclamou Jones, o galês, se secando no alojamento. — Ouvi dizer que ela desembarcaria. Depois o comandante vem com essa história de que houve um mal-entendido. Não foi isso, posso garantir. Você a viu, não foi, Duckworth? Nós dois a reconhecemos. Não estou entendendo.

Ele esfregou vigorosamente as mãos embaixo dos braços.

— Eu sei o motivo — intrometeu-se outro fuzileiro. — Ela está lá dentro tomando um drinque com o comandante.

— O quê?

— Na sala dele. O meteorologista acabou de levar um relatório com a previsão do tempo e ela está lá, aninhada no sofá com ele, bebendo.

— Que velho dissimulado — disse Jones.

— Ela não é boba nem nada.

— Highfield? Ele não conseguiria arranjar uma vagabunda em um bordel mesmo com uma nota de cinco libras atrás da orelha.

— É uma regra para nós e outra para eles, com certeza — afirmou Duckworth com amargura. — Acham mesmo que nos deixariam levar uma puta para o alojamento?

— Vocês devem estar enganados. — Nicol reagira antes de pensar no que estava dizendo. Suas palavras deixaram o clima pesado e causaram

um breve silêncio. — Ela não está na sala do comandante. — Ele ergueu o tom de voz. — Quer dizer, não tem motivo para estar.

— Taylor sabe o que viu. E ainda tem mais: não é a primeira vez que ela vai lá. Ele acha que é a terceira vez esta semana que a viu com Highfield.

— Terceira vez, é? Ah, Nicol, meu camarada, você sabe tão bem quanto eu qual é o motivo. — A voz estridente de Jones se transformara em uma gargalhada. — O que acham disso, pessoal? Sessenta anos e finalmente nosso comandante descobriu os prazeres da carne!

Por fim, ele ouviu vozes. Enquanto se apoiava na parede, a porta do escritório do comandante se abriu. Ele segurou a respiração quando percebeu a fina silhueta sair com passos leves e se virar para o comandante. Não foi preciso se esforçar muito para confirmar quem era: sua imagem, em todos os detalhes, estava impressa de modo indelével na sua alma, como se entalhada em madeira.

— Obrigado — disse Highfield. — Não sei mais o que dizer. Em geral, não costumo…

Ela balançou a cabeça, como se para dizer que o que fizera por ele não era nada. Em seguida, ajeitou o cabelo. Nicol recuou para as sombras. Não costumo… o quê? Ele prendeu a respiração e não pensou em nada. Não se sentira assim quando sua esposa contou que o havia traído. Agora era pior.

Eles murmuraram alguma coisa que ele não conseguiu entender, mas logo a voz de Frances ficou alta de novo:

— Ah, comandante, esqueci de dizer… Dezesseis.

Nicol reparou que Highfield olhava para ela como se achasse graça.

Ela começou a se afastar na direção do hangar principal.

— Restam dezesseis injeções de penicilina no frasco grande. Sete no menor. E dez curativos fechados no saco branco. Pelas minhas contas, pelo menos.

Ele ouvia o riso do comandante se propagar por todo o corredor.

20

Para entender totalmente o tédio de semanas no mar, é preciso passar por essa experiência. Para muitos, as frustrações decorrentes desse tipo de vivência eram, a longo prazo, infinitamente mais prejudiciais à mente do que os riscos potenciais de um ataque inimigo… quando não estávamos combatendo o inimigo, combatíamos entre nós mesmos.

L. TROMAN, WINE, WOMEN AND WAR

DOIS DIAS ATÉ PLYMOUTH

Na ausência de cavalos e pista, ou de pilotos amadores que com certeza acabariam se metendo em alguma enrascada, não devia ser nenhuma surpresa que as apostas recaíssem sobre as cabeças impecavelmente penteadas das candidatas a Rainha do *Victoria*. Era possível que as Sras. Ivy Tuttle e Jeanette Latham ficassem um pouco desmoralizadas se descobrissem que, em conjunto, tinham apostas de um para quarenta ou que, ao saber que as suas eram de cinco para dois, o passo bamboleante de Irene Carter ficasse ainda mais marcado. No entanto, fazia vários dias que estava claro para todos que a verdadeira favorita era Avice Radley, com grande parte da tripulação do navio apostando um shilling ou mais nas suas tranças louras.

— Foster diz que estão fazendo grandes apostas nela — gritou Plummer, o fornalheiro júnior.

— Bem, fazem grandes apostas em muitas coisas — resmungou o marinheiro que saía para o plantão.

— Se ela conquistar o primeiro lugar, ele sabe que vai ter de pagar metade do dinheiro que ganhou com os cavalos em Bombaim.

Dentro de algumas horas, o navio entraria nas águas frias e agitadas da baía de Biscaia. Enquanto isso, mais de trinta metros abaixo do convés de voo, no compartimento do motor, a temperatura atingia insuportáveis quarenta graus ou mais. Tims, sem camisa, girava as rodas polidas que mandavam vapor para as turbinas, enquanto Plummer, que acabara de lubrificar o motor principal, tocava para conferir se não havia superaquecimento, e de vez em quando soltava um palavrão quando sua pele encostava no metal escaldante.

Entre os dois, o mostrador telegráfico repassava as ordens superiores para colocar os motores para "fazer fumaça" ou na "velocidade máxima", no esforço de atravessar o mar revolto o mais depressa possível. Ao redor deles, o velho e cansado navio estalava e parecia gemer em protesto, mais alto ainda do que o incessante rugido do motor. Com esforço, o vapor escapava por válvulas em pequenos jorros. Os panos que tentavam sufocá-los ficavam encharcados de água fervente. Nessas emissões de vapor, o *Victoria* insistia em deixar clara a sua idade, enquanto seus múltiplos mostradores e medidores o observavam com a descarada despreocupação de uma velha teimosa.

Plummer acabou de apertar um parafuso, prendeu a chave de fenda no suporte na parede e se virou para Tims.

— Você não apostou em nenhuma delas, então?

— O quê? — perguntou Tims, com o semblante fechado.

Ele estava sempre de cara amarrada e de mau humor, mas Plummer, acostumado com isso, explicou:

— No concurso desta noite. — O ruído do motor era tão alto que ele precisou gesticular para dar mais sentido às palavras. — Tem muito dinheiro em jogo.

— É tudo besteira — retrucou Tims, com desdém.

— Gosto de ver as mulheres alinhadas vestindo aqueles maiôs pequenos, sabe? — Ele desenhou curvas no ar e fez uma careta indecente, que deixou suas feições adolescentes engraçadas. — Isso nos deixa no clima para encontrarmos nossas esposas.

Tims passou a impressão de ficar ainda mais mal-humorado. Secou a testa reluzente com um pano imundo, depois se abaixou para pegar uma chave inglesa.

As águas cada vez mais agitadas faziam as ferramentas deslizar de forma barulhenta pelo chão, o que representava um perigo para as canelas e os dedos dos pés.

— Não sei por que está tão animado — resmungou ele. — Você está de serviço a noite inteira.

— Apostei duas libras naquela Radley — disse Plummer. — Duas libras! Apostei enquanto ela ainda estava três por um. Então, se ela ganhar, fico cheio da grana. Se não, vou apenas beber. Prometi à minha velha mãe que pagaria uma viagem a Scarborough para a família inteira. Mas sou otimista por natureza, sabe? Nunca acho que vou perder.

Ele estava distraído, imaginando alguma cena nos conveses acima.

— Aquela garota estava fantástica de maiô no concurso de *Miss Pernas Mais Bonitas*. Que belo par de perninhas finas! Você acha que dão alguma coisa especial para elas na Austrália? Ouvi dizer que metade das mulheres de lá são muito magras.

Tims, que não parecia interessado no assunto, estava com os olhos fixos no seu relógio de pulso.

Plummer prosseguiu:

— Todos os oficiais podem assistir, você sabe. Que injustiça, não? Mais duas noites a bordo e os oficiais têm direito a ver as meninas de maiô, enquanto nós continuamos enfurnados aqui embaixo, neste maldito motor. Sabia que os fuzileiros estão trocando de turno às nove da noite para que até eles consigam dar uma olhadinha? Uma regra para eles, outra

para nós. Nada justo, não é? Agora que a guerra acabou, deviam conferir todas as injustiças da Marinha.

Plummer deu uma olhada no mostrador, soltou um palavrão, depois olhou para Tims, que estava virado para a parede.

— Ei, Tims, está tudo bem? Está preocupado com alguma coisa, não é?

— Fique no meu lugar por meia hora — pediu Tims, já seguindo para a escotilha de saída. — Preciso fazer uma coisa.

* * *

Se tivesse conseguido assistir ao início da etapa final do concurso Rainha do *Victoria*, o jovem Plummer talvez ficasse menos confiante com a sua viagem para Scarborough. Porque Avice Radley, embora fosse de longe a favorita, parecia curiosamente apagada. Ou, em termos hípicos, de acordo com a comparação feita por um dos marinheiros, não estava muito diferente de um asno de três patas.

Empoleirada no estrado improvisado, ao lado das concorrentes e diante das mesas onde havia sido servido o último jantar formal das mulheres, ela estava pálida e parecia preocupada, apesar do brilho do seu vestido vermelho de seda e do reflexo do cabelo louro como trigo. Enquanto as outras candidatas riam, agarradas umas às outras na tentativa de se equilibrar em cima do salto alto, e o navio parecia afundar sob seus pés, ela estava isolada, com um sorriso cada vez mais fraco e o olhar sombrio e distante.

Durante duas vezes, o Dr. Duxbury, anfitrião da cerimônia daquela noite, tinha segurado sua mão e tentado convencê-la a falar sobre seus planos para a nova vida e sobre os melhores momentos da viagem. Ela passara a impressão de não reparar nele, nem mesmo quando ele cantou *Waltzing Matilda* pela terceira vez.

Talvez fossem os enjoos matinais, observara uma das mulheres. Todas as futuras mães ficavam com uma aparência terrível nos primeiros meses. Era apenas questão de tempo. Outras, menos generosas, sugeriram que, sem vestidos deslumbrantes e maquiagem, Avice Radley não era a beldade que todos imaginavam. Além disso, quando a comparavam à sublime Irene Carter, deslumbrante com seu traje pêssego e azul, e parecendo indiferente às águas turbulentas, era difícil discordar.

O Dr. Duxbury parou de cantar e recebeu alguns escassos aplausos educados. Não fazia sentido aplaudir tantas vezes a mesma canção e, de qualquer jeito, era possível que o cirurgião estivesse bêbado demais para conseguir reparar na plateia.

Por fim, ele notou que o capitão-tenente acenava freneticamente na outra extremidade do estrado e fazia gestos teatrais para o comandante, erguendo as palmas como se quisesse sugerir que ninguém lhe havia falado nada.

— Senhoras — começou Highfield, levantando-se depressa, talvez para impedir que Duxbury recomeçasse a cantar. Esperou o hangar ficar aos poucos em silêncio. — Senhoras… Como sabem, esta é a última festividade noturna no *Victoria*. Como amanhã à noite atracaremos em Plymouth, todas as senhoras passarão a tarde organizando seus pertences e confirmando com as oficiais de serviço que cada uma terá alguém à sua espera e um lugar para ir. Amanhã de manhã, vou discutir com mais detalhes os últimos acertos no convés de voo, mas agora eu gostaria de lhes dizer algumas palavras.

As mulheres, muitas animadas e nervosas com a expectativa, estavam com os olhos fixos no comandante, cochichando e se cutucando sem parar.

Ao redor, com as mãos para trás e as costas apoiadas nas paredes, os homens observavam. Marujos, oficiais, fuzileiros, mecânicos: todos de uniformes de gala em respeito à ocasião. Highfield se deu conta de que

para alguns seria a última oportunidade de usar o traje. Olhou para o próprio uniforme, ciente de que em pouco tempo aconteceria o mesmo com ele.

— Não posso… não posso fingir que esta foi a carga mais fácil que já transportei — afirmou. — Não posso fingir que fiquei entusiasmado com a ideia… por mais que eu saiba que alguns homens ficaram. O que posso dizer é que, como um "milico", como alguns de nós, oficiais da Marinha, somos chamados, considero que esta travessia foi a mais… instrutiva que fizemos. Bem, não quero entediá-las com um longo discurso sobre as dificuldades que enfrentarão no destino que escolheram. Tenho certeza de que já escutaram muita coisa sobre isso. — Ele balançou a cabeça na direção do oficial encarregado do bem-estar e ouviu uma risada educada percorrer o local. — Mas tenho que dizer que as senhoras, como todos nós, provavelmente acharão os próximos doze meses os mais desafiadores… e espero que gratificantes… da vida. Por isso, o que eu gostaria de dizer é que as senhoras não estão sozinhas.

Ele percorreu com o olhar a plateia silenciosa e atenta. Os botões dourados do seu uniforme brilhavam sob as luzes fortes do convés do hangar.

— Aqueles entre nós que sempre se dedicaram às Forças Armadas terão que encontrar novos meios de vida. Aqueles entre nós que foram profundamente modificados pela experiência da guerra terão que encontrar novas maneiras de conviver com as pessoas próximas. Todos os que sofreram terão que descobrir formas de perdoar. Estamos voltando para um país que talvez não nos pareça mais tão familiar quanto antes. É possível que nós mesmos nos consideremos estranhos em nossa terra. Por isso, senhoras, repito: terão que enfrentar um grande desafio. Mas também quero dizer que foi um imenso prazer e um privilégio acompanhá-las durante esta viagem. Temos orgulho em dizer que agora todas fazem parte do nosso grupo. E espero que, quando se lembrarem com alegria dos seus

primeiros anos na Inglaterra, pensem nesta travessia não só como a viagem rumo a nova vida, mas como o início dela.

Poucas pessoas teriam percebido que, durante parte do seu discurso, ele parecia falar para uma mulher em particular, que, quando ele disse "as senhoras não estão sozinhas", seu olhar se fixou um pouco mais nela do que em qualquer outra. Mas isso era irrelevante. Houve um breve silêncio, e logo todas começaram a aplaudir, algumas, a gritar, até que, pouco a pouco, os aplausos e as manifestações de entusiasmo tomaram conta do local.

O comandante Highfield se sentou depois de assentir em sinal de agradecimento a todas as esposas, sem distinguir seus rostos. As manifestações não tinham vindo apenas das mulheres, ele percebeu, tentando não sorrir tanto quanto gostaria. Tinham vindo dos homens também.

— O que achou? — perguntou ele à garota ao seu lado, com o peito ainda estufado de orgulho.

— Excelente, comandante.

— Em geral, não sou muito bom com discursos — confessou —, mas neste caso acho que foi apropriado.

— Acho que ninguém aqui discordaria, senhor. Suas palavras foram… belamente escolhidas.

— As outras garotas já pararam de ficar encarando você? — perguntou ele, sem olhar para ela, para passar a impressão para as outras mesas de que apenas agradecia pelo prato que o intendente acabava de servir.

— Não — respondeu Frances, pegando uma garfada de peixe. — Mas isto é normal, comandante. — Ela não precisou acrescentar que já estava acostumada.

Highfield observou Dobson, sentado dois lugares à frente, que evidentemente ainda não estava acostumado. Depois de observar o mar por quase quarenta anos sem proteger os olhos, a visão de Highfield não

era mais tão boa quanto antes. Entretanto, até ele conseguia entender as palavras que saíam da boca desdenhosa do seu imediato e sua expressão de reprovação.

— Ele está ridicularizando o navio, esta é a verdade — murmurou, furioso, para seu guardanapo adamascado. — É como se quisesse nos desmoralizar.

O capitão-tenente ao seu lado reparou que o comandante os observava, e ficou com o rosto corado.

Highfield sentiu o navio balançar sob seus pés quando passou por outra onda.

— Um cálice de licor, enfermeira Mackenzie? Tem certeza de que não gostaria de algo mais forte?

Ele esperou o navio se estabilizar para erguer seu copo e brindar.

* * *

Seria só por vinte minutos. O motor estava funcionando muito melhor, ou pelo menos tão bem quanto possível. Eram duas libras! E Davy Plummer ficaria furioso se precisasse permanecer sozinho lá embaixo, na casa de máquinas, enquanto todos os outros, do simples marujo até os telegrafistas, assistiam ao desfile das candidatas de maiô.

Além disso, ele sairia da Marinha assim que voltassem para Blighty. O que fariam com ele se o encontrassem fora do seu posto uma única vez? Obrigariam a voltar nadando para casa?

Davy Plummer avaliou os medidores de temperatura que precisavam ser conferidos, passou pano úmido nos canos mais problemáticos, amassou o cigarro com o pé e, após dar uma rápida olhada para trás, subiu de dois em dois os degraus que levavam ao corredor e à escotilha de saída.

* * *

A votação estava encerrada e Avice Radley tinha perdido. Os membros do júri, composto por Dr. Duxbury, duas oficiais e o capelão, concordaram que queriam dar o prêmio para a Sra. Radley (o Dr. Duxbury ficara particularmente impressionado com sua apresentação de *Shenandoah* na semana anterior), mas sentiram que, diante do seu desempenho desanimado na noite da final, da sua relutância em sorrir e da resposta surpreendente à pergunta "O que você mais tem vontade de fazer quando finalmente chegar à Inglaterra?" (Irene Carter: "Conhecer minha sogra"; Ivy Tuttle: "Levantar fundos para os órfãos da guerra"; Avice Radley: "Não sei") e do seu repentino desaparecimento depois disso, só restava uma escolha.

Irene Carter exibiu sua faixa costurada a mão com a emoção e as lágrimas de alegria de alguém que acabou de ter um bebê. Afirmou que aquela havia sido a melhor viagem da sua vida. Que, sinceramente, tinha a sensação de ter feito pelo menos seiscentas novas amigas. E esperava que todas encontrassem na Inglaterra a felicidade que com certeza mereciam. Nem sabia como começar a agradecer à tripulação pela sua generosidade e eficiência. Ela tinha certeza de que todos ali presentes concordariam que as palavras do comandante haviam sido uma verdadeira inspiração. Só quando ela começou a agradecer aos seus antigos vizinhos em Sydney, citando nome por nome, é que o comandante Highfield interveio e anunciou que, se os homens afastassem as mesas para o lado, a Banda dos Fuzileiros Navais começaria a tocar para quem quisesse dançar.

— Dançar! — cantarolou o Dr. Duxbury, e várias mulheres se afastaram rapidamente dele.

Davy Plummer, de pé na parte de trás do estrado onde estava a banda, fez uma expressão de nojo ao olhar para a folha de apostas escrita à mão que recebera de Foster menos de dois dias antes, então a amassou e enfiou no fundo do bolso do macacão. Malditas mulheres. Apesar do grande número de apostas na sua vitória, aquela garota não tinha como ficar com

uma aparência pior nem se tivesse enfiado um saco de papel na cabeça. Ele estava prestes a voltar para a casa de máquinas quando reparou em duas garotas paradas em um canto. Elas cochichavam alguma coisa, tapando a boca com a mão.

— Nunca viram um trabalhador antes? — perguntou ele, puxando a lateral do macacão.

— Estávamos nos perguntando se você pretendia dançar — disse a menor e mais loura. — E também se conseguiria fazer isso sem manchar nossa roupa de óleo.

— As senhoras não têm ideia do que um mecânico é capaz de fazer com as mãos.

Davy Plummer deu um passo à frente, já tendo esquecido a aposta perdida.

Porque, afinal de contas, ele era otimista por natureza.

* * *

A cerimônia de coroação da Rainha do *Victoria* seria quinze para as dez da noite. Isso dava a Frances quase quinze minutos para atravessar o corredor e pegar as fotos do Hospital Geral da Austrália, que o comandante Highfield pedira para ver. O álbum de fotografias estava no seu baú no porão, mas ela guardava suas preferidas (a primeira tenda de atendimento, o baile no Porto Moresby, Alfred) dentro de um livro ao lado da sua cama. Frances correu com passos leves pelo corredor que ligava o hangar aos quartos, se apoiando às vezes na parede para manter o equilíbrio.

De repente, parou.

Ele estava do lado de fora da porta da cabine, tirando um cigarro do maço. Levou-o à boca e a olhou de soslaio, de um jeito que indicava que não se surpreendera com sua presença.

Ela não o via desde que ele chegara à torre de tiro com Tims. Havia se esforçado para afastar a ideia de que ele a evitava desde então, e por diversas vezes pensara em perguntar ao outro fuzileiro por que ele passara a fazer os plantões noturnos.

Ela visualizara seu rosto tantas vezes e imaginara várias conversas, portanto, vê-lo em carne e osso foi irresistível. Por mais que seus pés a conduzissem na direção dele, ela sentiu sua timidez natural retornar e instintivamente passou de leve a mão na saia.

Parou diante da porta, sem saber se devia entrar ou não. Ele estava usando o uniforme de gala e ela foi tomada pela lembrança da noite em que haviam dançado juntos, do momento em que ele, ao segurá-la, a fizera roçar naquele mesmo tecido escuro.

— Quer um? — perguntou ele, estendendo o maço de cigarros para ela.

Frances pegou um. Ele aproximou a chama para que ela não precisasse se inclinar na direção dele para acender. Quando baixou a cabeça, ela descobriu que não conseguia desviar os olhos das mãos dele.

— Vi você na mesa do comandante — disse ele.

— Não percebi.

Mas ela olhara para ele. Diversas vezes.

— Eu nem devia estar lá. — A voz dele parecia estranha.

Ela deu uma tragada no cigarro, tendo certeza de que se sentiria constrangida qualquer que fosse a atitude que tomasse.

— Não é comum convidar uma mulher para se juntar a ele à mesa.

Ela sentiu a temperatura do seu sangue diminuir vários graus.

— Não conheço os hábitos dele — respondeu, cuidadosamente.

— Acho que isso nunca aconteceu nesta viagem.

— Quer dizer alguma coisa com isso?

Ele pareceu perplexo. Frances deixou o constrangimento de lado.

— É óbvio que quer saber por que eu, entre tantas passageiras, fui convidada para me sentar à mesa do comandante.

Ele cerrou o maxilar. Por um instante, ela conseguiu imaginar como teria sido a aparência dele quando criança.

— Eu só estava… curioso. Passei para visitá-la uma tarde, mas então a vi… sair da sala do coman…

— Ah. Agora entendo. Não foi uma pergunta. Foi uma insinuação.

— Eu não quis…

— Então veio questionar minha conduta?

— Não, eu…

— Ah, então o que pretende fazer, fuzileiro? Relatar o comandante? Ou só a puta?

Esta última palavra deixou os dois em silêncio. Ela mordeu o lábio. Ele continuou ao seu lado, os ombros ainda eretos como se estivesse de serviço.

— Por que está falando comigo desse jeito? — perguntou ele com uma voz calma.

— Porque estou cansada, fuzileiro. Cansada de ter cada um dos meus atos julgado por pessoas ignorantes que sempre encontrarão alguma coisa para reclamar de mim.

— Não julguei você.

— Como não? — gritou ela, furiosa. — Não quero perder meu tempo me explicando. Não vou me preocupar em tentar melhorar a opinião dos outros sobre mim se eles não se preocupam em ver…

— Frances…

— Você é tão cruel quanto os outros. Achei que fosse diferente. Achei que me entendesse um pouco, que compreendesse o que compõe minha personalidade. Deus sabe o motivo! Deus sabe por que te considerei capaz de ter sentimentos que não lhe são dignos…

— Frances…

— O que foi?

— Desculpe o que falei. Eu a vi… e… sinto muito. É verdade. Aconteceram coisas que me fizeram… — Ele interrompeu a frase. — Escute, vim vê-la porque precisava que você soubesse de uma coisa. Fiz coisas na guerra… das quais não me orgulho. Nem sempre tive um comportamento que as pessoas… as que desconhecem todas as circunstâncias… considerariam admirável. Nenhum de nós, nem mesmo seu marido, pode dizer que sempre teve uma boa conduta.

Ela ficou encarando-o.

— Era só isso que eu queria dizer — completou ele.

Ela sentiu a cabeça doer. Apoiou a mão na parede, com a impressão de que o chão oscilava sob seus pés.

— É melhor sair daqui agora — sugeriu ela, baixinho. Não conseguia mais olhar para ele. Mas sentia seus olhos fixos nela. — Boa noite, fuzileiro — concluiu com firmeza.

Ela esperou até ouvir seus passos seguindo na direção da área do hangar. O balanço do navio não alterava seu ritmo regular, e quando ouviu a escotilha ser fechada, teve certeza de que ele tinha mesmo ido embora.

Então fechou os olhos com força.

* * *

Na sala central de máquinas, em algum lugar embaixo do convés do hangar, o segundo injetor de óleo combustível — uma bomba alimentadora de alta pressão que transfere o combustível para a caldeira — sucumbiu ao que talvez tenha sido a idade, o estresse ou até a intolerância de um navio que sabia que estava prestes a ser desmantelado. Em seguida, rachou. Era uma fenda minúscula, talvez com menos de dois centímetros de comprimento, mas o óleo pressurizado conseguia escapar

em pequenas bolhas escuras e viscosas, feito saliva no canto da boca de um bêbado. Depois pulverizava.

É impossível localizar os danos no motor de um navio, o ponto exato em que pequenas áreas de metal, enfraquecidas por fissuras ou pelo desgaste das juntas, atingem temperaturas internas elevadíssimas. Se não forem detectadas pelos inúmeros medidores espalhados pela casa de máquinas, ou pelo traiçoeiro ato de senti-las através de panos, só é possível descobri-las por acaso, ou seja, quando o óleo vaza dos canos rompidos.

Sem ser visto nem ouvido pelos humanos que confiavam nele, o motor central do *Victoria* seguia energicamente em frente, imperceptível, vermelho demais, quente demais. O óleo combustível se manteve por um breve instante no ar na forma de gotinhas quase invisíveis. Em seguida, o duto de exaustão, a centímetros do cano de combustível rachado, faiscou, como a malícia em um olhar diabólico, entrou em combustão e, com um repentino *booom!*, aproveitou a oportunidade.

* * *

Idiota. Maldito idiota. Nicol diminuiu o passo diante do depósito de roupas impermeáveis. Só mais uma noite e ela iria embora para sempre, uma noite que ele poderia ter aproveitado para dizer quanto ela significava para ele. Mas, em vez disso, agira como um perfeito idiota. Um adolescente enciumado. Ao fazer isso, havia provado a si mesmo que não era melhor do que os outros moralistas cretinos naquele velho navio cheio de vazamentos. Poderia ter falado mil coisas para ela, sorrido, demonstrado um pouco de compreensão. Ela saberia, então. Mesmo que não adiantasse nada, ela ficaria sabendo. Tão cruel quanto os outros, dissera ela. Pior do que tudo que ele já pensava de si mesmo.

— Que droga! — exclamou, dando um soco na parede.

— Aconteceu alguma coisa, fuzileiro?

Tims bloqueava a passagem no corredor, com o macacão encharcado de óleo e graxa. Algo ainda mais inflamável iluminava sua expressão.

— Qual é o problema? — perguntou ele, suavemente. — Não tem mais ninguém para disciplinar?

Nicol deu uma olhada nos nós dos dedos ensanguentados.

— Volte para o trabalho, Tims. — A bile subiu pela sua garganta.

— Volte para o trabalho? Quem você acha que é? O comandante?

Nicol olhou para além do colega. O corredor estava vazio. Não havia ninguém no convés G. Quem não estava de serviço se divertia e dançava no hangar. Ele se perguntou quanto tempo fazia que Tims estava ali.

— Sua amiguinha só traz problemas, não é? Ela não desistiu do que fazia, como você achou?

Nicol respirou fundo. Acendeu um cigarro, apagou o fósforo com o indicador e o polegar e o enfiou no bolso.

— Não consegue parar de pensar nela?

— Você pode se achar importante neste navio, Tims, mas daqui a dois dias será apenas mais um marinheiro desempregado, como todos os outros. Um nada. — Nicol tentou manter a voz calma, mas ainda ouvia a vibração da sua raiva mal contida.

Tims se apoiou nos calcanhares, se empertigou e então cruzou os braços musculosos.

— Talvez você não faça o tipo dela — disse ele, erguendo o queixo, como se tivesse pensado em algo. — Ah, desculpe, esqueci. Todo mundo faz o tipo dela, contanto que tenha duas bo…

Tims parecia esperar o primeiro soco, pois desviou. O segundo, no entanto, foi bloqueado por um violento *uppercut* do fornalheiro. Ele pegou Nicol desprevenido, acertou-o sob o queixo e jogou-o de costas na parede.

— Acha que sua putinha ainda vai te achar atraente agora, fuzileiro?

As palavras o atingiram como um golpe, mais forte do que o ruído dos motores, o eco distante da banda e o tinir desconsolado das amarras que se

chocavam com a lateral do navio. E mais forte do que o sangue pulsando em seus ouvidos.

— Talvez só não tenha achado que você é homem suficiente para ela, com seu uniforme passadinho e sempre acatando ordens.

Ele sentiu a respiração de Tims na sua pele e o cheiro de óleo impregnado no colega.

— Ela contou como gosta de fazer aquilo, ou não? E disse que gostou de sentir minhas mãos nos seus peitinhos, que gostou de…

Rugindo, Nicol partiu para cima de Tims e os dois foram para o chão. Ele o esmurrou às cegas, sem saber onde os punhos o atingiam. Depois sentiu o fornalheiro agarrá-lo e viu um punho enorme se aproximar e acertá-lo. Mas não conseguia parar, mesmo estando em perigo. Quase não sentia a saraivada de golpes que recebia. Surgiu uma névoa de sangue, e toda a raiva das últimas seis semanas, dos últimos seis anos, forçava caminho por meio dos seus punhos e da sua força, enquanto ele xingava entre os dentes. Algo similar… talvez sua humilhação na frente de uma mulher, talvez as injustiças ao longo de vinte anos de serviço… parecia fornecer combustível para Tims, e, por isso, no meio da confusão de sangue, socos e chutes, nenhum dos dois ouviu a sirene, apesar da proximidade do alto-falante, logo acima de suas cabeças.

— Fogo! Fogo! Fogo! — avisavam com urgência. — Sigam para os postos de emergência! Reúnam-se na base 2. Todos os fuzileiros para o convés dos barcos.

* * *

As candidatas a Rainha do *Victoria* estavam sendo retiradas do estrado. Seus sorrisos ensaiados desapareceram, e Irene Carter enfiou a faixa de vencedora como se fosse um colete salva-vidas. Margaret olhou rapidamente para elas e, empurrada pela multidão, percebeu que seguia

na direção da porta. Atrás delas, as mesas estavam abandonadas, tortas de maçã e salada de frutas nos pratos, copos já metade vazios. Ao seu redor, as mulheres não paravam de falar, nervosas e agitadas, e o tom das vozes aumentava e demonstrava medo a cada nova informação transmitida. Ela protegeu a barriga com a mão e tentou andar até a saída lateral a estibordo. Era como lutar contra uma correnteza particularmente forte.

Uma voz gritou de algum lugar à frente:

— Mais depressa, senhoras, por favor. As com sobrenome de N a Z devem se reunir no posto de evacuação B, todas as outras no posto de evacuação A. Continuem andando.

Margaret encontrara um caminho na lateral do grupo quando a oficial de serviço a segurou pelo braço.

— Por aqui, senhora.

Ela abriu os braços e indicou a saída à frente, obstruída por uma barreira de mulheres.

— Preciso dar uma passada lá embaixo — disse Margaret, xingando baixinho quando alguém lhe deu uma cotovelada nas costas.

— Ninguém está autorizado a descer. Sigam apenas para os postos de evacuação.

Margaret sentiu a aglomeração de pessoas forçando-a a avançar. Centenas de odores de perfume e de hidratantes invadiram suas narinas.

— Olhe, é muito importante. Preciso buscar uma coisa.

A mulher a olhou como se ela fosse idiota.

— Há um incêndio a bordo. É terminantemente proibido descer. Ordens do comandante.

A voz de Margaret ficou mais alta, numa mistura de angústia e frustração:

— A senhora não entende! Tenho que ir lá! Preciso ter certeza de que… Devo salvar minha… minha…

Talvez a oficial estivesse mais ansiosa do que queria aparentar e parecia brava. Ela soprou o apito numa tentativa de orientar alguém a seguir pela direita, depois o tirou dos lábios franzidos e gritou:

— Não acha que todas têm alguma coisa que gostariam de salvar? Consegue imaginar o caos que teríamos se deixássemos todas as mulheres revirarem as cabines em busca de álbuns de fotos ou joias? É um incêndio. Pelo que sabemos, pode inclusive ter começado nas cabines das mulheres. Agora, por favor, siga em frente ou vou chamar alguém para levá-la à força.

Dois fuzileiros já estavam trancando a escotilha de saída. Margaret olhou ao redor tentando encontrar outro caminho para descer, mas, com dor no coração, acabou seguindo a multidão.

* * *

— Avice — gritava Frances no vão da porta da cabine silenciosa, enquanto observava a silhueta imóvel no beliche à sua frente. — Avice? Está me ouvindo?

Nenhuma resposta. Por um instante, Frances achou que Avice não respondia porque, como a maioria das mulheres, se recusava a falar com ela. Em circunstâncias normais, não teria insistido. Mas alguma coisa, talvez a palidez do seu rosto e o olhar confuso, fez com que ela perguntasse de novo.

— Saia daqui! — exclamou Avice. O tom da sua voz, porém, não correspondia à agressividade das palavras.

Então a sirene começou a tocar. Do lado de fora, no corredor, o alarme de incêndio soou, estridente e demorado, seguido pelo ruído de passos apressados.

"Equipe de bombeiro aproximando-se do motor central. Incêndio localizado no motor central. Todos os passageiros devem se dirigir aos

postos de evacuação."

Frances olhou para trás e se esqueceu de todo o resto.

— Avice, é o alarme tocando. Temos que ir. — A princípio, ela achou que talvez Avice não tivesse entendido o que a sirene significava. — Avice — repetiu, irritada —, isso quer dizer que há um incêndio a bordo. Precisamos sair daqui.

— Não.

— O quê?

— Eu não vou.

— Não pode ficar aqui. Desta vez não acredito que seja um treinamento.

O som do alarme provocou uma descarga de adrenalina em Frances. Ela percebeu que estava esperando o som de uma explosão. A guerra acabou, disse a si mesma, e se forçou a respirar fundo. Acabou. Mas como explicar o pânico do lado de fora? O que seria? Uma mina perdida? Não houvera nenhuma detonação, nenhuma vibração dissonante no ar que indicasse uma colisão direta.

— Avice, precisamos…

— Não.

Frances parou no meio da cabine, sem conseguir compreender o comportamento da colega. Avice nunca tinha participado de uma batalha: seu corpo não tremia de medo com o simples som de uma sirene. Mas ela precisava entender.

— Acompanhada de Margaret você vai, pelo amor de Deus?

Talvez ela estivesse se recusando porque era Frances pedindo que saísse.

Avice ergueu a cabeça. Parecia que não tinha escutado nada.

— Está tudo bem com você — disse ela, secamente. — Tem o seu marido, apesar de tudo. Quando desembarcar, estará livre, será respeitada. Para mim, não restará nada além de vergonha e humilhação.

Um apelo distante transmitido pelos alto-falantes se uniu ao alarme: "Fogo! Fogo! Fogo!" Frances tinha dificuldade em organizar os pensamentos.

— Avice, eu…

— Olhe!

Avice estava segurando uma carta. Parecia não ouvir as vozes ansiosas e os passos precipitados do lado de fora.

— Olhe só para isto!

No início, o medo impediu que Frances entendesse o sentido das palavras no papel diante dela. O medo havia deixado sua boca seca e confundido seus pensamentos. Cada célula do seu corpo a mandava sair dali, buscar segurança. Sob o olhar de Avice, deu mais uma olhada na carta, sem prestar muita atenção. Dessa vez, porém, reparou no "sinto muito" e compreendeu que a garota devia estar diante de alguma catástrofe pessoal.

— Resolva isto mais tarde — disse, apontando para a porta. — Vamos, Avice, vamos para o posto de evacuação. Pense no bebê.

— Bebê? No bebê? — Avice olhou para Frances como se ela fosse idiota, e afundou de novo no beliche, resignada. — Ah, vá logo embora.

Enfiou o rosto no travesseiro e deixou Frances atônita, no vão da porta.

* * *

Nicol levou vários segundos para perceber que os braços que o erguiam não eram de Tims. Ele tinha disparado socos em todas as direções, seus punhos haviam golpeado o ar e a cada impacto sua cabeça era jogada para a frente e para trás, mas tinha apenas uma vaga consciência de que a última vez que seus golpes atingiram alguém, os gritos não foram do fornalheiro.

Ele cambaleou e sentiu os olhos arderem enquanto tentavam focar. Aos poucos percebeu que, a uma pequena distância, havia dois marinheiros debruçados sobre Tims.

Emmett ajeitava o casaco com uma das mãos e com a outra esfregava a testa.

— Que diabo você aprontou, Nicol? Precisa ir lá para cima, para os postos de evacuação. Tem que colocar as mulheres nos botes. Meu Deus, homem! Olhe só para o seu estado!

Só então ele notou o alarme, e ficou surpreso de não ter reparado antes. Talvez o zumbido em seus ouvidos tivesse abafado o barulho.

— Incêndio no motor central, Tims — gritava o jovem fornalheiro. — Droga, estamos com problemas.

A briga estava esquecida.

— O que aconteceu?

Apoiado em Nicol, Tims se levantou. Havia um longo corte em seu rosto. Nicol, que mal conseguia se manter em pé, perguntou a si mesmo se tinha feito aquele estrago.

— Não sei.

— O que foi que você fez? — perguntou Tims, agarrando os ombros do rapaz com sua enorme mão ensanguentada.

— Eu… eu não sei. Tirei cinco minutos para subir e dar uma olhada nas candidatas. Quando voltei, o corredor estava tomado pela fumaça.

— Você fechou? Fechou direito a escotilha?

— Não sei… Tinha fumaça demais. Nem sequer consegui chegar ao depósito de bombas.

— Merda! — Tims olhou para Nicol. — Vou até lá.

— Tem mais alguém no motor central?

Tims balançou a cabeça e estremeceu.

— Não. O encarregado tinha saído. Só estava aquele garoto imbecil.

O primeiro fio de fumaça entrou nas narinas dos homens e trouxe junto um breve e pesado silêncio.

— É culpa do comandante — exclamou Tims. — Esse Highfield é azarado. Vai nos levar com ele.

21

A das AMARRAS dos navios que tanto amamos,
B da BELEZA das esposas, louras ou morenas,
C da CORAGEM que nunca lhes faltou,
D da DISTÂNCIA que percorríamos em milhas náuticas,
E do ESFORÇO para dar nosso melhor,
F da FORÇA sempre colocada à prova…

IDA FAULKNER, ESPOSA DE GUERRA, CITADO POR JOANNA LUMLEY EM FORCES SWEETHEARTS, WARTIME ROMANCE FROM THE FIRST WORLD WAR TO THE GULF

O fornalheiro bombeiro emergiu da fumaça preta com o mesmo passo hesitante de um cego. Segurava com uma das mãos a mangueira e com a outra, estendida, esperava a ajuda que o levaria para um lugar seguro. Sua máscara de fumaça estava preta, e as mãos que se apressaram a retirá-la da sua cabeça perceberam, com os dedos queimando, como estava quente.

Green tossiu e esfregou os olhos cobertos de fuligem. Em seguida, endireitou o corpo e se virou para o comandante.

— Fomos obrigados a recuar, comandante. Fechamos todas as escotilhas que pudemos, mas o fogo já se alastrou para a casa de máquinas a estibordo. O sistema de irrigação não funcionou. — Tossiu e cuspiu um

catarro preto no chão, depois ergueu os olhos, que estavam brancos, contrastando com o rosto escurecido pela fuligem. — Acho que não chegou ao tanque de alimentação principal, caso contrário teria acontecido uma explosão na sala de controle de máquinas.

— E se tentássemos espuma química?

— Tarde demais para isso, comandante. Não é mais apenas um incêndio em combustível.

Ao seu redor, a equipe de fuzileiros, fornalheiros e bombeiros navais estava a postos, com mangueiras e extintores nas mãos, à espera de instruções para combater o fogo.

No *Indomitable*, Highfield era conhecido por saber a localização de cada sala, cada cabine, cada porão da sua cidade flutuante, sem nunca ter que consultar um mapa. Em seguida, ele imaginou como o fogo poderia se propagar no *Victoria*, seu irmão gêmeo.

— Sabemos qual direção as chamas estão seguindo?

— Só podemos torcer que se propaguem para estibordo. Assim, talvez perderemos o motor de estibordo, mas o fogo vai se extinguir no espaço aberto. Acima disso fica o tanque de óleo lubrificante e o turbogerador.

— Então o pior que poderia acontecer seria ficarmos imobilizados.

Ao redor, a sirene de incêndio continuava soando no corredor lotado. Ao longe, Highfield ouvia as mulheres sendo reunidas no posto de evacuação.

— Comandante?

— O que foi?

— Não tenho como garantir que o fogo vá seguir naquela direção.

Combatido a tempo, um incêndio na casa de máquinas poderia ter sido apagado com extintores e, na pior das hipóteses, com uma mangueira. Mesmo descoberto tardiamente, o fogo poderia ser contido formando barreiras de mangueiras, jogando água nas paredes externas para manter baixa a temperatura da sala. Esse incêndio, no entanto, e só Deus sabe

como, já tinha avançado demais. Onde estavam os homens?, ele tinha vontade de gritar. Onde estavam os extintores? Os malditos borrifadores? Era tarde demais para pensar em qualquer uma dessas coisas.

— Acha que o fogo pode chegar à sala de controle de máquinas?

O homem assentiu.

— Se isso acontecer, também vai chegar às salas de ogivas e bombas.

— Isso mesmo, comandante.

Aquele avião. Aquele rosto. Highfield se esforçou para afastar a imagem.

— Tire as mulheres do navio.

— O quê?

— Desçam os botes salva-vidas.

Dobson olhou para o mar agitado.

— Comandante, eu…

— Não vou correr nenhum risco. Desçam os botes salva-vidas. Isso é uma ordem! Green, reúna seus homens e equipamentos. Dobson, preciso de pelo menos dez homens. Vamos evacuar as salas de bombas e manter o pessoal o mais longe possível. Depois inundaremos tudo. Tennant, quero que você e outros dois homens verifiquem se é possível chegar à passagem abaixo da sala da bomba principal. Abram as escotilhas do depósito de óleo lubrificante e inundem o local. Inundem o máximo de compartimentos ao redor das duas salas de máquinas.

— Mas fica acima do nível da água, comandante.

— Olhe essas ondas, meu chapa. Pelo menos uma vez faremos esse maldito mar trabalhar a nosso favor.

* * *

No convés dos barcos, Nicol tentava convencer uma garota aos prantos e com os braços ao redor do colete salva-vidas a entrar no bote.

— Não consigo — gritava ela, apontando para o mar escuro e agitado abaixo. — Olhe! Não dá!

Em torno deles, os fuzileiros se esforçavam para manter a ordem e a calma, apesar das sirenes e das instruções transmitidas de outras partes do navio. De tempos em tempos, uma mulher gritava que estava vendo fumaça ou pelo menos sentindo o cheiro, e o medo dela contagiava as outras. Apesar disso, a garota aos prantos não era a única que se recusava a entrar nos botes salva-vidas que, comparados com a estabilidade do *Victoria*, pareciam rolhas de cortiça balançando precariamente nas águas agitadas.

— Você precisa entrar — gritou ele. Seu tom de voz ficava cada vez mais firme.

— E as minhas coisas? O que vai acontecer com elas?

— Estarão a salvo. O fogo logo vai ser apagado e vocês vão embarcar de volta. Venha agora. A fila está aumentando.

Resignada, e ainda chorando, a jovem esposa permitiu que a levassem para dentro do barco e a fila avançou um pouco. Atrás dele, centenas de mulheres esperavam. Elas haviam sido instruídas a abandonar o convés do hangar e seguir para os botes salva-vidas. A maioria ainda usava vestido de festa. O vento que soprava forte deixava seus braços arrepiados. Elas se agarravam umas às outras e tremiam. Algumas choravam, outras exibiam sorrisos enormes e nervosos, como se quisessem se convencer de que tudo aquilo não passava de uma animada aventura. Uma em cada três se recusava terminantemente a embarcar e precisava receber ordens ou ser levada à força. Nicol não as culpava: ele também não queria entrar em um bote salva-vidas.

Sob a fraca iluminação dos holofotes, notou que alguns homens também se lembravam do *Indomitable*. Eles trocavam olhares enquanto tentavam não revelar demais em suas expressões, e se mantinham

concentrados em fazer as esposas enfrentarem com relativa segurança o mar abaixo.

A próxima mão feminina agarrou a dele. Era Margaret, com o rosto redondo pálido.

— Não posso abandonar Maudie — disse ela.

Ele levou alguns segundos para entender o que ela estava falando.

— Frances está lá embaixo e vai trazê-la. Vamos, não há tempo a perder.

— Como sabe?

— Margaret, você precisa embarcar.

Ele via os rostos ansiosos das mulheres balançando no bote suspenso.

— Vamos, suba agora. Não faça as outras esperarem.

Ela agarrava a mão de Nicol com uma força surpreendente.

— O senhor precisa falar para ela trazer Maudie.

Nicol semicerrou os olhos e observou a fumaça e a movimentação nos conveses inferiores. Não era pela cachorrinha que ele temia.

— Nicol, você entra naquele ali — ordenou o capitão fuzileiro, que apareceu atrás dele e apontou para o barco prestes a descer. — Confira se todas estão com coletes salva-vidas.

— Senhor, prefiro esperar no convés, se for…

— Quero você naquele barco.

— Senhor, se não fizer diferença, eu vou…

— Nicol, vá para o barco. É uma ordem.

O capitão fuzileiro indicou a pequena embarcação com a cabeça, enquanto o barco de Margaret desaparecia pela lateral do navio. Depois, voltou a olhar para Nicol.

— O que diabo aconteceu com seu rosto?

Alguns minutos mais tarde, o barco de Nicol atingiu as ondas com um baque abafado e espirrou muita água, o que fez muitas mulheres gritarem. Atrapalhado e com dificuldade para colocar o colete salva-vidas em uma

garota particularmente histérica, Nicol deu uma olhada em todos os barcos que já estavam na água até que viu Emmett. O jovem fuzileiro fazia um sinal para indicar que havia um único remo.

— Não tem corda — gritou. — E falta metade dos remos. Esse maldito navio é um ferro-velho flutuante.

— Ele seria substituído em pouco tempo. Denholm nos informou isso logo depois do nosso último exercício de evacuação — gritou outra voz.

Nicol procurou e encontrou seus dois remos. Ele teve sorte. Estavam seguros. Poderiam flutuar a noite inteira, se fosse preciso. Ao redor, o mar estava escuro e agitado. As ondas não estavam tão altas a ponto de causar um medo excessivo, mas tinham tamanho suficiente para manter as mulheres agarradas às bordas das pequenas embarcações. Acima, apesar do zumbido nos ouvidos, ele escutava as instruções transmitidas com cada vez mais urgência pelos alto-falantes, agora em conjunto com a sirene. Observou o navio danificado: uma pequena porém perceptível nuvem de fumaça escapava pelo vão abaixo da cabine das mulheres.

Saia logo, pediu ele em silêncio. Vá para um lugar onde eu possa ver você.

— Não consigo me aproximar de você — gritou Emmett. — Como vamos fazer para manter os barcos juntos?

— Saia. Saia daí agora — pediu ele de novo, dessa vez em voz alta.

— Olhe — disse uma mulher atrás dele —, sei o que podemos fazer. Venham, meninas…

* * *

— Não vou sair daqui.

Frances conseguira controlar Avice, sem se importar mais com o que a garota achava dela, nem com sua reação à aproximação física das duas. Ela estava ouvindo o barulho dos botes salva-vidas se chocando em ondas e

os gritos das mulheres que saíam do navio, e foi tomada pelo medo cego de que talvez não conseguissem escapar.

Tentou não deixar seu temor transparecer para Avice que, ela suspeitava, não tinha condições de pensar racionalmente. Frances odiava aquela garota idiota, burra demais até para reconhecer que a vida das duas corria perigo.

— Sei que é difícil, mas você precisa sair agora.

Ela mantivera um tom de voz suave durante os dez últimos minutos. Calmo, tranquilizador, neutro, do jeito que costumava falar com os feridos mais graves.

— Não me resta mais nada — murmurou Avice com a voz áspera como lixa. — Está me ouvindo? Está tudo acabado. Estou arruinada.

— Tenho certeza de que as coisas podem ser resolvidas…

— Resolvidas? Como? Devo me descasar? Remar de volta para a Austrália?

— Avice, esta não é a hora…

Ela já sentia cheiro de fumaça. Um calafrio percorreu seu corpo da cabeça aos pés.

— Ah, como você conseguiria entender? Logo você, que tem a moral de um gato de rua.

— Precisamos sair daqui.

— Não me importo. Minha vida acabou. Posso muito bem ficar aqui…

Avice começou a chorar. No convés acima delas, alguma coisa se espatifou. O estremecimento que isso provocou na pequena cabine pareceu ter tirado Avice do seu estupor.

O rosto de um homem apareceu na fresta da porta.

— Vocês não deviam estar aqui. Larguem suas coisas e venham — gritou ele. Parecia disposto a entrar na cabine, mas um grito na outra extremidade do corredor o distraiu. — Agora! — insistiu e se afastou.

Apavorada, Frances olhou para a porta ainda a tempo de ver as patas traseiras da cachorrinha desaparecendo por ali. Considerou correr atrás, mas a expressão de medo de Avice a fez compreender quais eram as prioridades.

Houve outro estrondo e um homem na extremidade do convés do hangar gritou:

— Fechem as escotilhas! Fechem as escotilhas agora!

— Ai, meu Deus!

Frances tinha uma força impressionante. Ela segurou Avice por um braço, puxou seu vestido e a arrastou para fora da cabine, sabendo que pelo menos ela se deixaria levar. O corredor estava tomado pela fumaça. Frances tentou se abaixar e tapou a boca e o nariz com a mão.

— Para a torre de tiro — gritou, apontando a direção.

Aos tropeções, quase sem enxergar, com os pulmões ardendo e doendo, as duas correram para lá.

Com dificuldade, abriram a porta da escotilha e caíram na área externa, ofegantes e enjoadas. Frances conseguiu chegar à amurada e se debruçou ali, tão aliviada por respirar um ar mais puro que demorou um minuto para entender o que acontecia abaixo dela: um emaranhado de barcos unidos por cordas marrons. Ela ergueu os olhos para o pórtico vazio do navio e verificou que todos os botes já estavam na água. O som de vozes próximas indicava que ainda havia homens no convés. Mas ela não conseguia pensar num jeito de chegar até eles.

Alguém as viu e gritou. Braços se agitaram lá embaixo nos botes salva-vidas.

— Saiam daí! Saiam logo!

Frances olhou para a água, depois para a garota ao seu lado, que ainda usava seu melhor vestido. A enfermeira era ótima nadadora, portanto conseguiria mergulhar e voltar à superfície no meio dos barcos. Ela não devia nada a Avice. Devia menos do que nada.

— Não temos como subir para o convés de voo. Há muita fumaça no corredor — avisou ela. — Vamos ter que pular.

— Não consigo — disse Avice.

— Não é tão alto assim. Olhe… Vou segurar você.

— Não sei nadar.

Frances ouviu alguma coisa estalar na lateral do navio, indício de uma situação catastrófica que ela não queria enfrentar. Agarrou Avice e elas se debateram, enquanto Frances tentava desesperadamente arrastá-la para a amurada.

— Me largue! — gritou Avice. — Não toque em mim!

Ela estava descontrolada, arranhando e socando os braços e os ombros da colega. A fumaça entrava pela fresta sob a escotilha. De algum lugar bem mais abaixo, Frances ouvia vozes femininas chamando por elas. Sentiu um cheiro acre e seu coração foi tomado pelo medo. Segurou Avice pelo vestido e a arrastou até a torre de tiro. O solado de borracha do seu sapato derrapou no chão de metal, ela escorregou e, no mesmo instante, pensou: e se ninguém me resgatar? Então ouviu um grito e, agarradas uma à outra, braços e pernas balançando no ar, pularam na água escura.

* * *

Com uma chave inglesa na mão, o comandante tentava, com dificuldade, soltar a bomba do suporte que a prendia na parede.

— Saiam! — gritou ele para os três marinheiros fortes que carregavam a penúltima bomba do depósito. — Peguem a mangueira! Inundem o compartimento! Façam isto agora!

Ele retirara a máscara para que o escutassem melhor, e sua voz saiu rouca quando tentou falar e respirar.

— Comandante! — berrou Green, por trás da máscara. — Temos que sair agora.

— Não está soltando. Precisamos colocar a bomba em um lugar seguro.

— O senhor não vai conseguir soltar todas. Não dá tempo. Podemos inundar agora.

Mais tarde, Green achou que talvez Highfield não o tivesse escutado. Ele não queria abandonar o comandante, mas sabia que havia muito pouco a fazer diante da preocupação de alguém que quer manter os outros homens a salvo. Por isso se resignou.

— Comecem a jogar água — gritou Highfield. — Agora!

Ele se virou ao ouvir alguma coisa cair no chão. Quase sem enxergar, Green jogou sua máscara de fumaça para o comandante, na esperança de que ele a pegasse e que, de algum modo, conseguisse vê-la, apesar da fumaça. Com o coração apertado e apreensivo, saiu dali, empurrando seus homens.

* * *

Frances reapareceu na superfície da água, com a boca bem aberta e o cabelo grudado no rosto. Ouviu vozes e sentiu mãos tentando puxá-la da água tão fria que quase a impedia de respirar. A princípio, o mar gelado não quis soltá-la. Tinha a impressão de que a água congelante agarrava sua roupa. Depois, exausta e ofegante, percebeu que estava no chão do bote, com ânsia de vômito e se contorcendo feito um peixe fora do mar. Vozes tentavam tranquilizá-la, e em seguida um cobertor envolveu seus ombros.

— Avice — murmurou ela.

Quando a ardência do sal em seus olhos diminuiu, ela viu a colega ser içada como um fardo para dentro da embarcação. Seu vestido reluzia com as manchas de óleo e ela mantinha os olhos bem fechados, como se temesse ver o futuro.

Frances queria perguntar se ela estava bem. Mas um braço a envolveu e a puxou para perto. Não a largou em seguida, como ela esperava. Ao

contrário, a apertou com mais força, de forma que Frances sentiu a proximidade de um corpo sólido, a intensidade da sua proteção, e de repente ficou sem palavras. *Frances*, sussurrou uma voz em seu ouvido. Aliviada, fechou os olhos.

* * *

O comandante Highfield foi colocado no convés de voo, para onde os dois marinheiros o haviam levado. Os homens o rodearam, alguns com as mãos enfiadas nos bolsos, outros limpando suor ou fuligem do rosto e cuspindo ruidosamente para trás. Mais adiante, sob o céu escuro, havia gritos de confirmação de que o incêndio estava extinto em diferentes partes do navio.

— O fogo foi apagado, comandante — disseram. — Está sob controle. Conseguimos. — Apenas sussurraram as palavras, como se não tivessem certeza de que ele conseguia ouvir.

Conversariam mais depois, comentariam que não era justo que um homem na sua posição, com a sua idade, lutasse contra o fogo de forma tão imprudente. Ele seria censurado por não ter delegado ordens direito, por não ter pedido que outro oficial ficasse na retaguarda para observar melhor o quadro geral. No entanto, vários homens aprovariam suas atitudes. Pensariam em Hart e nos companheiros perdidos, e se perguntariam se não teriam feito o mesmo.

Essas considerações, porém, só seriam feitas horas, dias depois. Naquele momento, Highfield estava deitado no convés, indiferente às palavras e ao consolo. Houve um silêncio prolongado, enquanto os homens observavam o corpo imóvel do comandante, ainda com o uniforme de gala, agora encharcado e manchado pela fumaça, com os olhos fixos em alguma catástrofe distante.

Os homens ficaram encarando Highfield e depois, disfarçadamente, se entreolharam. Um deles se perguntou se valia a pena chamar o médico a bordo, que estava organizando um concerto improvisado com os passageiros dos botes salva-vidas. Então o comandante ergueu o corpo, apoiando-se em um cotovelo. Seus olhos estavam injetados. Tossiu uma, duas vezes, e cuspiu um catarro escuro no chão do convés. Mexeu o pescoço, como se sentisse dor.

— Bem, o que estão esperando? — perguntou com uma voz rouca e os olhos enfurecidos. — Verifiquem todos os compartimentos. Depois mandem essas malditas mulheres saírem desses malditos botes e voltarem para este maldito navio.

* * *

Foram necessárias duas horas até o navio ser considerado seguro. Barcos de pesca espanhóis passaram por ali pouco antes do amanhecer e confirmaram que as passageiras ainda à espera na água não precisavam ser resgatadas com urgência. Eles teriam assunto por anos a fio se quisessem contar a história dos botes salva-vidas repletos de mulheres com vistosos e coloridos vestidos de festa que, com braços e pernas em posições caóticas, cantavam *The Wild Rover No More*. Os botes estavam unidos, como uma teia de aranha gigante, pelas meias-calças marrons esticadas das mulheres, amarradas umas às outras.

Havia dois fuzileiros em cada embarcação. A água batia na lateral dos botes, fazendo flutuar as meias descartadas ou rasgadas, que pareciam algas marrons na superfície. As mulheres cochicharam, com alívio e exaustão, quando souberam que não precisariam ficar muito mais tempo nos barcos pequenos. Que elas, e também seus pertences, estavam a salvo.

Ele não tirava os olhos dela. Com o corpo adormecido de Avice ainda enroscado no cobertor e descansando todo flácido em cima do seu,

Frances retribuiu o olhar dele por cima dos corpos curvados das outras passageiras, em silêncio e sem piscar, como se os olhos dos dois estivessem conectados por um fio invisível.

* * *

O comandante estava vivo. O fogo, extinto.

Todos deviam voltar a bordo.

22

Lembre-se de que o Exército não a levará a destino algum sem antes verificar que "aquele homem" está à sua espera. Em resumo, considere-se uma encomenda postal registrada.

INFORMAÇÃO CONTIDA EM UM FOLHETO DISTRIBUÍDO PARA AS ESPOSAS DE GUERRA QUE VIAJAVAM A BORDO DO ARGENTINA, *MUSEU IMPERIAL DA GUERRA*

VINTE E QUATRO HORAS ATÉ PLYMOUTH

Foi preciso esperar várias horas até a temperatura baixar o suficiente para uma verificação geral, mas quando a equipe de trabalho desceu, ficou evidente que seria impossível consertar a sala do motor central. O calor derretera o encanamento e fundira os rebites no chão. Paredes e escotilhas ficaram deformadas e metade dos alojamentos dos marinheiros no andar de cima estava destruída. Os conveses tinham empenado tanto com o calor que diversos pórticos acabaram vindo abaixo. Muitos marinheiros haviam doado cobertas e travesseiros para que os que tinham perdido colchões e outros pertences pudessem dormir com relativo conforto no hangar dianteiro. Ninguém reclamou. Quem acabou perdendo fotos e cartas se consolava ao pensar que dentro de vinte e quatro horas poderia ver em carne e osso as pessoas daquelas preciosas lembranças. Os que ainda se recordavam da tragédia do *Indomitable* ficaram aliviados por nenhuma vida ter sido perdida. Ainda que a guerra não lhes tivesse ensinado mais nada, essa lição tinha sido aprendida.

— Acha que conseguimos nos arrastar até o porto?

Highfield estava sentado no passadiço e observava as nuvens cinzentas que se dissipavam e deixavam à mostra partes de um céu azul-claro que parecia pedir desculpas pelo que acontecera na noite anterior.

— Estamos a menos de um dia de distância. Temos um motor que ainda funciona. Não vejo por que não chegaríamos.

— Parece que nosso velho *Victoria* sofreu um bocado. — A voz de McManus estava baixa. — E alguma coisa me diz que vocês ficaram limitados demais com relação a conforto.

Highfield afastou as lembranças de suportes de armamento e da sua garganta em carne viva. Tomou mais um gole do suco de limão com mel que seu imediato tinha preparado.

— Está tudo bem, almirante. Não há nada com o que se preocupar. O pessoal… cuidou de mim.

— Que bom. Vou dar uma olhada no seu relatório. Fico feliz que tenha conseguido manter a situação sob controle e sem assustar demais as passageiras.

Pelo receptor, a risada do homem parecia metálica.

Highfield saiu do passadiço e parou no convés de voo. Vindo lá de trás, uma fileira de homens percorria lentamente toda sua extensão e esfregava o chão para apagar as manchas da fumaça que chegara até aquela altura. Os baldes respingavam água com espuma acinzentada à medida que eles avançavam. Era preciso evitar as áreas empenadas pelo calor, onde não era seguro andar. Vários fuzileiros tinham construído barreiras para proteger o local ao redor. Os danos eram visíveis, mas estava tudo organizado. Quando chegassem a Plymouth, o navio de Highfield estaria sob controle.

Ele não perdera nem um homem sequer.

Ninguém estava perto o suficiente para ouvir o longo suspiro de alívio de Highfield quando ele voltou para o passadiço. O que não significa, no entanto, que isso não tenha acontecido.

* * *

Desde o café da manhã, pelo menos uma centena de mulheres esperava pacientemente na fila perto da escotilha principal que fosse autorizado o retorno às cabines. Em voz baixa, tinham comentado sobre o estado em que encontrariam seus pertences e sobre o medo de que as roupas para o desembarque, que haviam sido escolhidas com tanto cuidado, tivessem sido danificadas pela água e pela fumaça. Embora não houvesse nenhum dano aparente naquele convés, bastava passar o dedo em uma parede ou em um beliche para confirmar que estava tudo coberto por uma fina camada de fuligem. Enquanto esperavam e conversavam, atentas a cada instrução do alto-falante para não perder o aviso de que a entrada delas estava liberada, mais mulheres iam para a fila.

Margaret, por estar no final da gravidez e com dificuldade de se locomover, entrou assim que a escotilha foi aberta, e já se encontrava dentro da cabine quando as outras mulheres ainda estavam ao pé da escada.

— Maudie! Maudie!

A porta tinha ficado aberta. Ela se ajoelhou e olhou embaixo dos dois beliches.

— Maudie! — gritou mais uma vez.

— Já deu uma olhada no refeitório? Ainda tem muita gente lá em cima — comentou uma oficial que enfiara rapidamente a cabeça pela fresta da porta.

Margaret se virou, perplexa, até se dar conta de que a mulher tinha imaginado que ela estava procurando outra passageira.

— Maudie!

Margaret procurou embaixo de todas as cobertas, levantou os colchonetes e, desesperada, chegou a rasgar os lençóis. Nada. A cachorrinha não estava embaixo de nenhuma cama, de nenhum

colchonete. Também não estava dentro do chapéu de Margaret, que costumava ser seu lugar preferido.

Margaret começava a pensar no trabalho que teria pela frente na busca por Maudie quando ouviu um grito. Ficou imóvel por um instante, mas quando outra pessoa gritou "O que aconteceu?", saiu correndo porta afora e, com passos pesados, seguiu pelo corredor em direção aos banheiros.

Mais tarde, ela se deu conta de que talvez já soubesse o que era mesmo antes de chegar lá. Aquele era o único lugar que Maudie conhecia no navio, o único outro lugar em que poderia pensar em encontrar Margaret. Ela parou na soleira da porta, olhando fixo para as garotas reunidas perto das pias. Acompanhou os olhares das outras até onde havia uma cachorrinha estendida atrás da porta. Viu também várias marcas escuras das patinhas na parede ladrilhada, por onde ela devia ter tentado escapar.

Margaret chegou mais perto, se ajoelhou no chão úmido e suspirou fundo. As pernas do animal estavam rígidas e o corpo, frio.

— Ah, não. Ah, não.

O rosto de Margaret se contorceu como o de uma criança. Ela pegou o pequeno corpo da cachorrinha nos braços.

— Ah, Maudie, me desculpe. Eu sinto muito mesmo.

Ficou ali por alguns minutos, beijando o pelo molhado, tentando devolver vida ao corpinho do animal, mesmo sabendo que não havia esperança.

Na verdade, ela não chorou na hora, conforme relataram as mulheres que assistiram à cena. Apenas continuou ajoelhada, abraçada a Maudie, parecendo sentir uma dor profunda.

Por fim, quando os olhares ansiosos ao seu redor deram lugar a murmúrios, ela tirou o cardigã e o enrolou no cãozinho morto. Depois, com um gemido e a mão apoiada na parede manchada, se levantou. Aconchegou Maudie no colo, como se segurasse um bebê.

— Quer… quer que eu chame alguém? — perguntou uma das mulheres, segurando Margaret pelo braço.

Ela não pareceu ouvir.

* * *

Chorando muito, Margaret fez o caminho de volta pelo corredor, agarrada ao seu embrulho. As mulheres que não estavam ocupadas com os próprios pertences danificados pela fumaça tentavam espiar, curiosas para descobrir a identidade daquele bebê.

Um murmúrio inquietante havia tomado conta do navio. As passageiras que voltavam para as cabines não pareciam aliviadas ao conversar, ainda que o pior estrago que suas coisas sofreram fosse apenas uma camada de fuligem. A noite tinha mostrado a elas como era precária a vida no mar, e isso as deixara abaladas. A viagem não era mais uma aventura. Não havia uma sequer que não demonstrasse enorme vontade de chegar logo ao destino. Ainda que não soubessem o que lhes reservava.

* * *

A oficial segurou o braço de Frances para ajudá-la a subir na cama, surpresa de ver como um esforço tão pequeno a deixara cansada. Depois colocou uma coberta em cima dela e arrumou melhor a que já envolvia seus ombros. O fuzileiro afastou o braço e, com relutância, soltou a mão da garota. Quando eles se entreolharam, ela sentiu sua exaustão passar por um instante.

— Estou bem — disse ela à oficial. — Obrigada, mas estou mesmo bem. Eu ficaria ainda mais confortável no meu beliche.

— O Dr. Duxbury avisou que todas as pessoas que caíram na água precisam passar algumas horas em observação. Você pode estar com hipotermia.

— Garanto que não.

— Ordens são ordens. Talvez a liberem na hora do chá.

A oficial se dirigiu então à cama de Avice e prendeu as cobertas debaixo do colchão, um gesto maternal que fez Frances se lembrar no mesmo instante do hospital de Morotai. As duas haviam sido acomodadas em uma sala anexa à enfermaria, onde ficavam estocados os produtos de limpeza, supôs Frances, levando em conta o cheiro forte de alvejante e as inúmeras caixas ao redor. Havia listas coladas nas paredes com a relação de diferentes produtos, e também armários trancados com chave onde guardavam itens que pudessem ser inflamáveis. Frances estremeceu.

— Desculpem pelo quarto — disse a oficial. — Deixamos na enfermaria os homens que inalaram fumaça, e não podíamos misturar vocês com eles. Este foi o único lugar que conseguimos para as duas. Mas será por poucas horas, está bem?

O fuzileiro, a centímetros da cama de Frances, não desviava os olhos dela, que percebia a intensidade do seu olhar e aproveitava o momento. Ainda sentia o braço dele a envolvendo quando Nicol a ajudou a subir de volta a bordo. Seu rosto estava tão próximo que, se ela houvesse inclinado um pouco mais a cabeça, teria conseguido sentir a pele dele roçar na sua.

— Está confortável agora, Sra. Radley?

— Estou ótima — respondeu Avice com o rosto enfiado no travesseiro.

— Que bom. Preciso ver se os homens aqui ao lado estão bem, mas voltarei assim que puder. Trouxe roupas limpas para a senhora trocar quando estiver mais disposta. Vou deixar bem aqui — disse a oficial, guardando em um pequeno armário a pilha de roupa cuidadosamente dobrada. — Agora tenho certeza de que essas duas senhoras não vão recusar uma xícara de chá. Fuzileiro, pode fazer as honras da casa? Está um verdadeiro caos lá embaixo e não quero brigar para conseguir entrar na cozinha.

— Será um prazer.

Frances sentiu o breve aperto da mão dele e, por um segundo, se esqueceu do quarto, de Avice, do incêndio. Tinha a sensação de estar novamente no bote salva-vidas, os olhos fixos nos dele e, sem pronunciar uma palavra sequer, dizia tudo o que sempre quisera dizer, tudo o que nunca achara que teria vontade de falar.

— Vou dar uma olhada nos seus cortes mais tarde — murmurou ela.

Frances precisou se controlar para não tocar no rosto dele, mas imaginou a sensação de passar os dedos em sua pele, a delicadeza com que trataria dos seus ferimentos.

Ele olhou para trás enquanto andava até a porta. Sorriu quando reparou que ela ainda o observava, ajeitando inconscientemente o cabelo com a mão.

— Imagino que você não pretenda ficar ao meu lado o tempo todo, não é? — A voz de Avice quebrou o silêncio assim que ele fechou a porta.

Com relutância, Frances se forçou a dar atenção às palavras da garota.

— Eu não me importo do lado de quem vou ficar — respondeu, friamente.

Era como se as horas que passaram juntas no bote salva-vidas nunca tivessem existido, como se Avice, incomodada por ter sido salva por Frances, estivesse determinada a restabelecer a distância entre elas.

— Estou com dor no estômago. Este corpete é muito apertado. Pode me ajudar a tirar?

Avice deslizou devagar para fora da cama. Seu cabelo estava separado em mechas pálidas grudadas pelo sal. Sem nenhum cuidado especial, Frances a ajudou a tirar o vestido de festa arruinado, a cinta apertada e o sutiã. Foi no momento em que ajudava Avice a voltar para a cama que ela reparou na mancha que se espalhava aos poucos pelas costas do robe de seda cor de pêssego. Então se inclinou para examinar melhor a roupa suja e confirmou suas suspeitas. Esperou Avice se deitar e se aproximou, tensa.

— Preciso contar uma coisa. Você está sangrando.

Naquele pequeno cômodo com caixas empilhadas até o teto, as duas observaram o robe em silêncio. Avice o retirou e ficou olhando a mancha vermelha que estava sujando também o lençol. Viu no rosto de Frances o que aquilo significava, mas não houve mudança perceptível no seu comportamento. Sem fazer nenhum comentário, Avice aceitou a toalha limpa que a colega lhe ofereceu.

— Sinto muito — disse Frances, não muito à vontade. — Pode… Pode ter sido o choque com a água.

Estava preparada para ouvir Avice gritar com ela, sem perder a oportunidade de acrescentar o bebê perdido à lista dos supostos pecados de Frances. Mas a mulher não disse nada, e apenas ouviu a enfermeira que, com voz tranquila, recomendou que continuasse deitada, colocasse a toalha naquele lugar e tomasse um ou dois analgésicos.

Por fim, Avice falou:

— Na verdade, foi melhor assim. Coitadinho do pequeno bastardo.

Houve um breve e constrangedor silêncio, como se até ela estivesse surpresa com sua escolha de palavras.

Os olhos de Frances se arregalaram.

Avice balançou a cabeça. De repente, a ergueu e, se inclinando para a frente como se estivesse engasgada, começou a chorar. Seus soluços angustiantes preencheram o quarto improvisado e pouco depois ela voltou a se deitar no leito estreito, com o rosto coberto pelo lençol. Os soluços abafados sacudiam seu corpo como se fossem provocados por abalos sísmicos.

Frances largou o vestido que segurava, subiu em silêncio na cama de Avice e se sentou ao seu lado, atônita. Ficou assim por algum tempo, até que, sem conseguir suportar mais aquele choro, passou os braços ao redor do corpo da colega num gesto de carinho. Avice não a afastou, mas também não se encostou nela. Era como se estivesse tão concentrada em sua infelicidade que nem sequer reparasse na presença de Frances ali.

— Vai ficar tudo bem — disse a enfermeira, sem saber se conseguiria justificar suas palavras. — Vai ficar tudo bem.

Os soluços finalmente diminuíram. Frances pegou mais analgésicos na farmácia e também um sedativo, caso fosse necessário. Quando voltou, Avice estava com as costas na parede e um travesseiro debaixo do corpo. Enxugou os olhos, depois fez sinal para Frances trazer seu vestido, do qual tirou um pedaço de papel amassado e úmido.

— Aqui está, pode ler com calma agora.

— Você não é bem-vinda, não venha?

— Ah, não. Ele me quer, sim…

Avice estendeu a carta e, tendo certeza de que haviam ultrapassado alguma barreira, Frances a pegou e leu com atenção os trechos que não tinham sido apagados pelas águas do Atlântico.

Eu devia ter contado isso muito tempo atrás. Mas amo você, querida, e não podia suportar ver sua expressão triste quando eu falasse. Também não conseguia lidar com a menor possibilidade que fosse de perdê-la… Por favor, não me entenda mal. Não estou pedindo que não venha. O que você precisa saber é que meu relacionamento com minha esposa é mais fraternal do que qualquer coisa. Você, meu amor, é muito mais para mim do que ela poderia ser…

Quero que saiba que todas as palavras que disse na Austrália foram sinceras. Mas você precisa entender… as crianças ainda são muito pequenas e não sou de fugir das responsabilidades. Talvez quando elas crescerem um pouco possamos voltar a pensar sobre o assunto, não acha?

Sei que estou pedindo muito, mas reflita sobre isso nos dias que ainda passará a bordo. Tenho algum dinheiro guardado, e poderia arranjar um lugarzinho simpático para você em Londres. Poderíamos ficar juntos duas noites por semana, o que, se parar para pensar, é mais tempo do que a maioria das esposas de marinheiros passa com os maridos…

Avice, você sempre disse que o que importava era estarmos juntos. Prove para mim, querida, que isso era verdade…

Enquanto absorvia as últimas palavras, Frances não sabia se devia encarar Avice de frente. Não queria que a garota pensasse que ela ficava feliz com a desgraça alheia.

— O que vai fazer? — perguntou, cautelosa.

— Voltar para casa, acho. Isso não era possível enquanto eu estava… Mas agora posso agir como se nada tivesse acontecido. E nada aconteceu. De qualquer jeito, meus pais não queriam que eu fosse para a Inglaterra. — Sua voz estava fraca e fria.

— Você vai ficar bem, sabe disso.

O modo que ela reagiu ao seu comentário mostrou uma característica da antiga Avice: pela sua expressão arrogante, Frances teve certeza de que o que ela dissera e quem ela era não tinham importância. Avice largou a carta na colcha e olhou para Frances sem demonstrar constrangimento.

— Como faz para continuar vivendo com todo esse peso sobre os ombros? Com toda essa desgraça?

Frances percebeu que, pela primeira vez, as palavras de Avice não eram tão grosseiras quanto soavam. Por trás do rosto pálido havia uma curiosidade genuína em seu olhar. Ela estava escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Acho que descobri… que todos nós carregamos algum peso. Algum fardo de vergonha.

Frances enfiou a mão embaixo do corpo de Avice, puxou a toalha e verificou a extensão da mancha. Escondeu-a discretamente e lhe entregou outra.

Avice mudou de posição na cama.

— E seu fardo foi aliviado. Porque você encontrou alguém disposto a aceitar você. Apesar do seu… do seu passado.

— Não tenho vergonha de quem sou, Avice.

Frances reuniu as roupas sujas para que a oficial levasse para a lavanderia. Depois se sentou na cama.

— Você também precisa saber que fiz uma única coisa na vida da qual me envergonho. E não foi o que você está pensando.

* * *

O serviço de enfermagem do Exército Australiano tinha montado um posto de recrutamento em Wayville, perto do acampamento hospitalar. Já fazia algum tempo que ela estagiava como enfermeira no Hospital Showground de Sydney, e trabalhara para uma família importante em Brisbaine para pagar por seu treinamento. Naquele momento, solteira, sem filhos, com saúde e ótima recomendação da sua enfermeira-chefe, o recém-criado Hospital Geral da Austrália tinha interesse em contratá-la. Ela precisara mentir a idade, mas o olhar de compreensão do chefe da unidade quando ela levou algum tempo para calcular sua nova data de nascimento não deixara dúvida de que ela não era a primeira. Afinal de contas, estavam em guerra.

Frances contou que, para ela, trabalhar no hospital tinha sido como voltar para casa. Suas colegas eram impassíveis, competentes, bem-humoradas, piedosas e, acima de tudo, profissionais. Foram as primeiras pessoas que a aceitaram como ela era, que admiravam seu esforço e sua dedicação. Vinham das mais diversas regiões da Austrália e não se interessavam pelo passado dela. A maioria tinha um motivo para não ter marido nem filhos, mas quase nunca se alongavam no assunto. Além disso, as necessidades do trabalho exigiam que elas vivessem um dia por vez, sem pensar no futuro.

Ela nunca tentara entrar em contato com a mãe. Achava que talvez isso indicasse um traço cruel da sua personalidade, mas nem essa difícil percepção de si mesma a fizera mudar de ideia.

Durante muitos anos, elas serviram juntas em Northfield, em Porto Moresby e, por fim, em Morotai, onde Frances conheceu Chalkie. Durante esse período compreendeu que o que acontecera com ela não tinha sido a pior coisa do mundo, não se considerasse as atrocidades infligidas em nome da guerra. Ela havia segurado nos braços homens à beira da morte, tratado de ferimentos que a deixavam com vontade de vomitar, limpado privadas fedidas, lavado lençóis imundos e ajudado a

montar tendas esfarrapadas pelo excesso de uso e mofo. Apesar de tudo, achava que nunca tinha sido tão feliz.

Os homens se apaixonavam por ela. Isso não era novidade no hospital, onde vários deles não viam nenhuma garota havia muito tempo. Bastavam algumas palavras gentis e um sorriso para que eles lhes atribuíssem todas as qualidades que elas realmente tinham ou não. Frances achara que Chalkie fosse um desses. Que no seu delírio ele só visse o sorriso dela. Ele a pedia em casamento pelo menos uma vez por dia e ela, como fazia com os outros, lhe dava um pouco de atenção. Mas nunca se casaria.

Até o dia em que o artilheiro chegou.

— Foi o homem por quem você se apaixonou?

— Não. Foi o que me reconheceu. — Ela engoliu em seco. — Ele veio da unidade que tinha base montada perto do hotel onde morei anos antes. E eu sabia que chegaria o momento em que precisaria sair da Austrália, que esse seria o único jeito de escapar de… — Fez uma pausa. — Então decidi dizer sim.

— E ele sabia? O seu marido?

Até então as mãos de Frances estavam apoiadas nos joelhos. Mas, naquele momento, ela cruzou os dedos, descruzou-os e cruzou-os de novo.

— Nas primeiras semanas depois que o conheci, ele passava quase o tempo todo delirando. Reconhecia meu rosto. Havia dias em que achava que já estávamos casados. De vez em quando me chamava de Violet. Alguém me disse que esse era o nome da sua falecida irmã. Às vezes, tarde da noite, me pedia para segurar sua mão e cantar para ele. Quando a dor era forte demais, eu fazia isso, apesar de ter uma voz péssima. — Seus lábios esboçaram um sorriso discreto. — Nunca conheci um homem tão gentil. Na noite em que falei que aceitava seu pedido de casamento, ele chorou de felicidade.

Com dor, Avice fechou os olhos, e Frances esperou que a cólica da colega passasse. Depois continuou, e sua voz clara ecoou no quarto cada

vez mais escuro.

— O capitão Baillie, chefe da unidade dele, sabia que Chalkie não tinha família. Sabia também que eu não teria muito a ganhar com o casamento, mas tinha certeza de que isso deixaria o paciente feliz. Então concordou, e suponho que poucos teriam feito isso. Não era uma coisa muito nobre da minha parte, imagino, mas eu gostava dele de verdade.

— E você sabia que assim conseguiria ir embora.

— Sim. — Mais uma vez ela deu um sorriso discreto. — Que ironia, não é mesmo? Uma mulher com meu passado se casa com o único homem que nunca encostou nela.

— Pelo menos você manteve sua reputação intacta.

— Não. Isso não aconteceu. — Frances passou a mão na saia imunda, endurecida pelo sal, a mesma que estava usando no bote salva-vidas. — Alguns dias antes de Chalkie e eu nos casarmos, eu estava sentada do lado de fora da tenda das enfermeiras, lavando ataduras, quando o artilheiro apareceu e… — ela engoliu em seco — …tentou enfiar a mão embaixo da minha saia. Gritei e dei um tapa forte no rosto dele. Era o único jeito de mantê-lo afastado. As outras enfermeiras saíram correndo dali e ele gritou para elas que eu só servia para aquilo. Que ele tinha me conhecido em Aynsville. Foi o ponto decisivo, entende? Era uma cidade muito pequena, e eu havia contado de onde viera. Elas sabiam que devia ser verdade. — Fez uma pausa. — Acho que teriam encarado melhor se ele tivesse dito que eu havia matado alguém.

— Alguém contou para Chalkie?

— Não. Mas acho que foi para evitar que ele sofresse. Bem, alguns preferiram ignorar a história. Acho que quando alguém vê a morte tão de perto, a reputação dos outros deixa de ser importante. Todos sabiam que Chalkie gostava de mim e que estava muito debilitado. Os homens são leais uns aos outros… e essa lealdade às vezes é demonstrada de um jeito bem estranho.

— As enfermeiras reagiram como eu ao julgar você?

— A maioria, sim. Mas acho que a enfermeira-chefe teve uma visão diferente das coisas. Fazia muito tempo que trabalhávamos juntas. Ela me conhecia… me conhecia como uma pessoa diferente. Só me aconselhou a aproveitar ao máximo o que Chalkie me dera. Não é todo mundo que consegue uma segunda chance na vida.

Avice se deitou e ficou encarando o teto.

— Acho que ela tinha razão. Ninguém precisa saber. Ninguém precisa saber… de nada.

Frances ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

— Mesmo depois de tudo o que aconteceu?

Avice deu de ombros.

— A Inglaterra é um país grande. Tem uma população enorme. E Chalkie vai tomar conta de você.

Como Frances não respondeu, Avice perguntou:

— Ninguém contou para ele, no fim das contas? Nem depois de tudo aquilo?

— Não — respondeu Frances. — Ninguém contou para ele.

* * *

Do lado de fora, de onde ouvira toda a conversa, ainda segurando duas canecas de metal cheias de chá já frio, Nicol afastou suavemente a cabeça da porta e fechou os olhos.

23

Surgiram histórias de amor e vários casamentos foram realizados. Como estávamos em território holandês, era preciso assinar muita papelada… Em geral, o dentista fazia as alianças com sua broca, e o material dos vestidos para a cerimônia variava do tule branco dos mosquiteiros aos uniformes do Corpo de Enfermeiras do Exército Australiano… De acordo com o regulamento do Exército, a noiva voltava para a Austrália pouco depois.

A SPECIAL KIND OF SERVICE, *JOAN CROUCH*

MOROTAI, ILHA HALMAHERA, 1946

— Sei que é irregular — disse Audrey Marshall —, mas você os viu. Sabe pelo que ela passou.

— Acho difícil acreditar.

— Ela era uma criança, Charles. Quinze anos, pelo que me disse.

— Ele gosta muito dela, posso garantir isso.

— Então, que mal pode causar?

A enfermeira-chefe abriu uma gaveta e tirou lá de dentro uma garrafa com um líquido marrom-claro. Ergueu-a e ele assentiu, mas recusou o acréscimo de água clorada que estava em uma jarra em cima da escrivaninha. Eles pretendiam conversar mais cedo, mas acontecera um acidente na estrada que levava à unidade americana de radar: um jipe tinha batido em um caminhão holandês de suprimentos e capotado, matando uma pessoa e ferindo duas. O capitão Baillie passara mais de uma hora com as autoridades holandesas, preenchendo formulários e

discutindo o incidente com o chefe da unidade local. Um dos homens tinha feito parte da sua tropa, e estava abalado e exausto.

Tomou um gole, decidido a não lidar com esse novo problema antes de todos os que ele já tinha.

— Pode causar todo tipo de mal. O rapaz não está com a cabeça boa.

— Ele sabe que a ama e que isso o faria feliz. Além disso, o que mais ela pode fazer? Não tem como continuar sendo enfermeira, agora que todos sabem. Não pode ficar na Austrália.

— Ah, não exagere. O país é grande.

— Alguém descobriu que ela estava aqui, não foi?

— Não sei…

A enfermeira-chefe se debruçou na mesa.

— Ela é uma boa enfermeira, Charles. Uma boa moça. Pense no que ela fez pelos seus homens. Pense em Petersen e em Mills. Pense em O'Halloran, com aqueles ferimentos terríveis.

— Eu sei.

— Então, qual é o problema? O rapaz não tem dinheiro, não é? E você disse que ele também não tem família. — Ela baixou um pouco o tom de voz: — Sabe tão bem quanto eu que o estado dele é grave.

— E você sabe que sempre tentei impedir esse tipo de coisa. Para começar, tem toda aquela maldita papelada.

— Você mesmo me falou que tem um bom relacionamento com os holandeses. Eles vão assinar o que você entregar.

— Tem certeza de que esta é uma ideia sensata?

— Proporcionaria a ele um pouco de felicidade e daria a ela uma oportunidade. Conseguiria ir para a Inglaterra e seria uma excelente enfermeira lá. Que mal pode haver nisso?

Charles Baillie suspirou fundo. Colocou os óculos na escrivaninha e se virou para a mulher à sua frente.

— É difícil recusar um pedido seu, Audrey.

Ela sorriu com a satisfação de alguém que sabe que a batalha está ganha.

— Farei o que é preciso.

O capelão era um homem pragmático. Cansado de ver tanta dor e sofrimento, tinha sido fácil convencê-lo a ajudar. A jovem enfermeira, por quem tinha uma admiração especial, era uma ilustração perfeita dos poderes redentores do casamento, disse ele a si mesmo. E se isso permitiria ao pobre coitado esquecer um pouco os horrores vividos nas últimas semanas, ele tinha certeza de que Deus compreenderia seu gesto. Quando a enfermeira-chefe agradeceu, ele respondeu que acreditava que o Todo-Poderoso era mais pragmático do que qualquer um deles imaginava.

Dando os parabéns pela solução encontrada, e talvez com pouquíssima curiosidade sobre como os interessados reagiriam ao plano, os três continuaram na sala da enfermeira-chefe durante tempo suficiente para comemorar seu bom senso com mais um drinque. Por razões médicas, claro, justificou Audrey Marshall com um sorriso forçado e fazendo menção à palidez do capitão Baillie. Ela não suportava ver um homem pálido: sempre queria verificar se havia algum problema no sangue.

— O único problema com meu sangue é que não tem uísque suficiente nele — murmurou.

Eles brindaram à saúde da enfermeira Luke, ao seu futuro marido, ao fim da guerra e, por fim, a Churchill. Pouco depois das dez horas foram para a tenda da enfermaria, um pouco mais tensos, um pouco menos à vontade, para realizar a tarefa com a qual se comprometeram.

— Ela está na enfermaria B — disse a enfermeira que lia uma carta na mesa do plantão.

— Com o cabo Mackenzie — acrescentou a enfermeira-chefe, virando-se de forma triunfante para o capitão Baillie. Funcionaria bem para todos. — Não falei?

Eles seguiram pelo corredor de areia entre as camas, com cuidado para não acordar os homens dormindo, e em seguida afastaram a cortina para entrar na enfermaria seguinte. Com um palavrão, o capitão Baillie deu um tapa no mosquito que pousou na sua nuca. Por fim, pararam.

A enfermeira Luke ergueu a cabeça quando os ouviu entrar. Virou-se para eles com olhos arregalados, indecifráveis. Estava inclinada sobre o leito de Alfred "Chalkie" Mackenzie, quase todo ainda coberto por mosquiteiro. Ela puxava um lençol branco da Marinha até o rosto do enfermo.

* * *

Quando o fuzileiro voltou com duas novas canecas de chá ainda quente, Avice estava dormindo. Ele bateu duas vezes, entrou e atravessou com cuidado o pequeno cômodo. Colocou as canecas na mesa entre as camas. Tinha um pouco de esperança de encontrar a oficial ali com elas.

Frances, ao lado de Avice, se sobressaltou. Ficou claro que ela não imaginava vê-lo. Suas bochechas coraram um pouco. Ele achou que ela estivesse exausta. Poucas horas antes, talvez tivesse cedido à vontade de tocá-la. Mas naquele momento, depois de ouvir suas palavras, sabia que não devia. Então voltou para a porta e parou, as pernas um pouco separadas e os ombros eretos, como se pretendesse reafirmar algo para si mesmo.

— Eu… eu não estava esperando por você — murmurou ela. — Achei que tivesse sido convocado para fazer outra coisa.

— Desculpe, demorei demais.

— O Dr. Duxbury já me deu alta. Estou só juntando minhas coisas para voltar. Avice deve passar a noite aqui. Ainda devo vir aqui para conferir se está tudo bem com ela. Todo mundo está sobrecarregado.

— Ela está bem?

— Vai melhorar — respondeu Frances. — Eu ia procurar Maggie. Como ela está?

— Não muito bem. A cachorrinha…

— Ah… — Ela pareceu desapontada. — Ah, não. E ela está sozinha?

— Tenho certeza de que vai ficar feliz com sua companhia.

Ela ainda não tinha trocado de roupa e ele estava morrendo de vontade de limpar a mancha escura em seu rosto. Cerrou o punho às costas.

Ela deu um passo à frente e olhou de novo para Avice, que continuava dormindo.

— Pensei sobre o que você falou — murmurou ela, com a voz baixa e conspiratória. — Que a guerra nos obrigou a fazer coisas das quais não nos orgulhamos. Antes de você dizer isso, sempre achei que eu fosse a única…

Ele não estava esperando essa confidência. Recuou um passo, sem saber o que dizer e quase implorando para ela não continuar. Ao mesmo tempo, estava desesperado por ouvir suas palavras.

— Sei que nem sempre conseguimos falar… com sinceridade. Isso é… complicado, e a verdade pode nem sempre ser… — Ela interrompeu o que dizia e seus olhos brilharam quando olhou para ele. — Mas quero agradecer por isso. Você me… Serei sempre grata pelo que me disse. E pela oportunidade de termos nos conhecido. — As últimas palavras foram pronunciadas com pressa, como se as tivesse forçado a sair enquanto ainda tinha coragem para isso.

De repente ele se sentiu pequeno, desamparado.

— Sim. Bem… — disse ele, afinal, quando conseguiu formular as palavras. — É sempre um prazer fazer uma nova amizade. — Sentiu-se mesquinho no instante em que abriu a boca, então acrescentou: — Senhora.

Houve uma breve pausa.

— Senhora? — repetiu ela.

O sorriso tímido de Frances desaparecera. A diferença era tão sutil que o fuzileiro achou que só ele mesmo seria capaz de perceber. Não tenho escolha, ele queria gritar para ela. É por você que estou fazendo isso.

Ela o encarou. O que viu em seu rosto a fez baixar a cabeça e desviar o olhar.

— Desculpe — disse ele. — Preciso ir agora. Tenho coisas a fazer. Mas… você vai gostar da Inglaterra.

— Obrigada. Aprendi muita coisa nas palestras.

Para ele, a frieza das suas palavras foi como uma bofetada.

— Bem… espero que se lembre sempre de mim… — disse Nicol, com as mãos tensionadas junto ao corpo — …como um amigo. — Essa palavra nunca tinha soado tão inadequada.

Ela piscou um pouco depressa demais e, envergonhado, ele desviou o olhar.

— É muita gentileza sua, mas não acredito que isso aconteça, fuzileiro — retrucou ela. Respirou fundo, se virou e voltou a dobrar as roupas espalhadas em cima da cama. Sua voz, quando ela disparou a resposta, soou brusca, cheia de mágoa. — Afinal de contas, nem sei seu nome.

* * *

Margaret estava perto da proa no convés de voo, junto das amarras. Um cardigã envolvia sua grande cintura e um lenço de cabeça tentava, sem sucesso, impedir que o cabelo chicoteasse seu rosto. Estava de costas para o passadiço e mantinha a cabeça curvada sobre o pequeno embrulho em seus braços.

O céu estava cinzento, coberto de nuvens carregadas de chuva que ameaçava desabar a qualquer instante. Enormes albatrozes seguiam o rastro do barco como se estivessem presos por fios invisíveis. De tempos em tempos, Margaret baixava os olhos para o pequeno embrulho e mais

lágrimas caíam na lã do agasalho, escurecendo-o com manchas minúsculas e irregulares. Ela as secava suavemente com o polegar e murmurava outro pedido de desculpas para o pequeno corpo rígido.

O vento e o lenço na cabeça a impediram de ouvir Frances chegar por trás. Quando a viu, não sabia dizer quanto tempo fazia que a amiga estava ao seu lado.

— Vou sepultá-la no mar. Só estou tentando juntar coragem, você entende?

— Sinto muito, Maggie.

Frances estava com o olhar vazio. Hesitante, ergueu a mão para tocar a amiga.

Margaret secou os olhos com a palma da mão. Balançou a cabeça e suspirou de desespero diante da sua incapacidade de se controlar.

Parecia não haver uma distinção definida entre o céu e o mar. As águas sombrias e pouco acolhedoras ficavam mais claras conforme se aproximava do horizonte, mas logo escureciam para depois se fundir com as nuvens carregadas. Era como se o navio seguisse em direção ao nada, como se a própria navegação só pudesse ser um ato de fé cega.

Algum tempo depois, muito antes de se sentir preparada, Margaret deu um passo à frente. Hesitou por um instante, segurando o pequeno corpo bem próximo ao seu, muito mais do que ela ousaria fazer se o animal ainda tivesse vida.

Então se inclinou, deixou escapar um leve som gutural e jogou o pequeno embrulho no mar. Não fez nenhum barulho.

Margaret se agarrou à amurada com os dedos tensos, ainda impressionada com a distância que estava das ondas, e contendo a vontade de parar o navio, de recuperar o que havia perdido. De repente, o mar deu a impressão de ser imenso demais, uma traição fria em vez de um fim tranquilo. Ela sentiu os braços insuportavelmente vazios.

Ao seu lado, sem dizer nada, Frances apontou para a água.

Dava para ver o cardigã bege, era uma pequena mancha pálida flutuando na superfície muito abaixo delas. Em seguida, afundou no rastro de espuma. Não o viram mais. Ainda em silêncio, deixaram a brisa moldar as roupas nas suas costas, enquanto contemplavam a espuma formada pelo *Victoria*, que se repartia na água e então desaparecia.

— Será que enlouquecemos, Frances? — perguntou ela, por fim.

— O quê?

— Que diabo de decisão foi essa que tomamos?

— Não tenho certeza do que…

— Abandonamos tudo, todas as pessoas que amamos, nossa casa, nossa segurança. E para quê? Para sermos agredidas e depois rotuladas de vagabundas, como Jean? Para que a Marinha interrogue sobre nosso passado, como se fôssemos criminosas? Para passar por tudo isso e no fim alguém dizer que não somos bem-vindas? Porque não há garantia, certo? Nada prova que esses homens e suas famílias vão nos aceitar, não é mesmo?

Sua voz era mais alta que o vento.

— E o que é que eu sei sobre a Inglaterra? O que realmente sei sobre Joe e sua família? Sobre bebês? Eu nem sequer conseguia tomar conta da minha cachorrinha… — Baixou a cabeça.

Elas não repararam no convés inundado sob seus pés nem nos olhares dos marinheiros que pintavam a outra extremidade do local.

— Você sabe… Preciso dizer… Acho que cometi um erro terrível. Fui atraída pela ideia de não precisar mais cozinhar e limpar para meu pai e os meninos. E agora que estou aqui, tudo o que quero é minha família. Quero minha família de volta, Frances. Quero minha mãe. — Ela chorava copiosamente. — Quero minha cachorrinha.

As lágrimas a impediam de enxergar, mas ela sentiu os braços magros e fortes de Frances envolverem seus ombros.

— Não, Maggie, não. Vou ficar bem. Você tem um marido que te ama. Que te ama de verdade. Vai dar tudo certo.

Margaret queria ser convencida.

— Como pode dizer isso depois de tudo o que aconteceu aqui?

— Joe é único, Maggie. Até eu sei disso. E você tem uma vida maravilhosa pela frente, porque é impossível que a família dele não te ame. E você vai ter um bebê lindo que vai amar como jamais imaginou amar alguém. Ah, se pelo menos você soubesse quanto eu…

O rosto de Frances se contorceu e soluços vulcânicos explodiram do seu peito, com uma incontrolável torrente de lágrimas, e o abraço que ela deu em Margaret para reconfortá-la se tornou uma tentativa de reconfortar a si mesma. Ela tentou se desculpar, se recompor, balançou a mão em um silencioso pedido de desculpas, mas não conseguia parar.

Margaret, em grande demonstração de amizade, a abraçou.

— Acalme-se — murmurou com a voz fraca. — Ei, fique tranquila, Frances, você não é assim…

Acariciou seu cabelo, ainda preso para trás, como na noite anterior. Deve ser o choque, pensou, lembrando-se da cena das duas mulheres caindo no mar agitado. Sentia-se culpada por não ter conferido se Frances estava bem. Abraçou a amiga, num pedido de desculpas silencioso, esperando a tormenta passar.

— Você tem razão. Ficaremos bem — murmurou, passando a mão no cabelo de Frances. — Podemos até nos tornar vizinhas, não acha? E trate de escrever para mim, Frances. Não conheço mais ninguém aqui, e com certeza não poderei contar com Avice. Você é tudo o que tenho…

— Não sou o que você pensa. — Frances estava chorando tanto que começou a chamar atenção. Um pequeno grupo de marinheiros fumando na outra extremidade do convés de voo as observava. — Não sei nem por onde começar a contar…

— Ah, por favor, já está na hora de deixar tudo isso para trás. — Ela secou os olhos. — Olhe, pelo que sei, você é uma ótima garota. Sei o que é preciso e até um pouco do que não precisava. E quer saber? Continuo achando que você é uma ótima garota. E acho bom você continuar mantendo contato comigo!

— Você é… muito… gentil.

— Você queria mesmo dizer "roliça", não é?

Mesmo sem querer, Frances sorriu.

— Ei, vocês duas! Saiam daí!

Elas se viraram e notaram que um oficial acenava para que se aproximassem. Margaret se voltou para a colega.

— Vamos, Frances, diga que não vai sumir. Não você.

— Ah, Maggie… estou tão…

— Não — interrompeu ela. — Este é nosso recomeço. Tudo novo. Como você disse, vai ficar tudo bem. Vamos fazer com que fique tudo bem.

Abraçou Frances quando as duas começaram a andar pelo enorme convés.

— Porque não podemos ter passado por tudo isso em vão, não é mesmo? Vamos fazer com que tudo dê certo.

* * *

Quando elas desceram para a cabine após o jantar, os homens continuaram escovando, polindo, pintando, e também se queixando. Dava para ouvir a conversa deles nos corredores, apesar das vozes animadas das mulheres organizando suas coisas. Não há sentido nisto, eles reclamavam. Logo mais o navio ia virar sucata, de todo modo. Não entendiam por que o maldito Highfield não podia lhes dar uma maldita folga. Ele não sabia que a guerra tinha acabado? Apesar de tudo, Frances estava tranquila: ela

não o vira desde o incêndio, e as palavras dos marinheiros diziam tudo que ela precisava saber sobre como ele estava.

Depois de atravessarem a escotilha e entrarem na área das cabines, Frances teve uma pequena esperança de encontrar o fuzileiro na frente da porta delas. Embora não houvesse serviço naquela noite, talvez ele estivesse lá, com os pés plantados no chão, na posição habitual, e seus olhos então encontrariam os dela em uma silenciosa cumplicidade.

Mas o corredor estava vazio, como o de cima. Apenas as mulheres, muito agitadas, corriam de um lado para outro, trocavam produtos de maquiagem entre si e pediam opinião para as outras sobre qual roupa usar no desembarque. Talvez fosse melhor assim. Ela sentia os nervos à flor da pele, como se a histeria e a apreensão antecipada que dominavam o navio a tivessem contaminado também.

— Boa noite, Sra. Mackenzie. — Era Vincent Duxbury, vestindo um terno de linho cor de creme. — Pelo visto, temos chance de encontrá-la logo mais na enfermaria. Fico feliz de vê-la voltando ao trabalho.

Ele inclinou o chapéu para cumprimentar as duas e saiu andando alegremente, assobiando o que parecia ser *Frankie e Johnny*.

Sra. Mackenzie. Enfermeira Mackenzie. E não havia motivo para querer que as coisas fossem diferentes, ela disse a si mesma, enquanto ajudava Margaret a entrar na pequena cabine. Nunca houvera. Ela, mais do que ninguém, sabia disso.

* * *

Frances deixara Margaret no quarto pouco depois das nove e meia da noite. A tristeza e o cansaço decorrente da gravidez conspiravam para levar a amiga a uma doce narcolepsia. Quase todas as noites, e ultimamente durante cerca de duas ou três vezes, Margaret precisava descer do beliche para ir, sonolenta e com o passo pesado, ao banheiro feminino no fundo

do corredor. No caminho, cumprimentava com a cabeça os fuzileiros ainda em serviço. Naquela noite ela não acordara, e Frances, que precisava voltar à enfermaria para ver Avice, ficou contente com isso.

Ela percorreu os corredores silenciosos, e seus sapatos macios quase não fizeram barulho quando passou pelas portas fechadas. Nas outras cabines, o ar estava impregnado com o perfume dos cremes faciais aplicados sem moderação. As paredes pareciam reluzir com o brilho dos vestidos impecavelmente lavados, nelas pendurados. O sono das passageiras era interrompido não só pelo incômodo dos bobes e grampos na cabeça, mas também por sonhos agitados. Não na nossa pequena cabine, pensou Frances. Margaret até tinha tentado prender o cabelo, mas logo desistira, resmungando. Ela pensou que se ele não a quisesse naquele momento, daquele jeito, era pouco provável que um penteado à la Shirley Temple fizesse diferença.

Com o cabelo ao natural, Frances continuou andando, com pensamentos tão sombrios quanto as águas do mar. Como um marinheiro que tenta impedir uma inundação, ela se esforçava para fechar as escotilhas da mente para os pensamentos que a atormentavam. Subiu saltitando os degraus que levavam à enfermaria e acenou com a cabeça para um marujo solitário que passava apressado com um embrulho embaixo do braço.

Ela ouviu o canto antes de chegar à sala da enfermaria. Prestou atenção para descobrir de onde vinha. Pelo som rouco das vozes e pelas palavras que conseguiu distinguir, deduziu que o Dr. Duxbury estava fazendo os homens cantarem trechos de musicais. A fraca qualidade da interpretação fez Frances supor que o estoque de bebida alcoólica da enfermaria estivesse bem menor do que nos dias anteriores. Em outra ocasião, ela talvez o denunciasse, ou pelo menos entrasse na sala para resolver a questão por conta própria. Naquele momento, nada mais importava. Restavam apenas poucas horas a bordo. Restavam poucas horas para o

próprio navio. Quem era ela para julgar se os homens deviam ou não cantar?

A cantoria acabou seguindo para o lado melancólico. Frances entrou discretamente e, apesar da iluminação fraca, viu o leito onde estava a garota pálida e imóvel.

O pior, para Avice, já passara. Estava dormindo, enfraquecida e frágil, com a colcha e o cobertor áspero da Marinha puxados até o pescoço. No seu sono ela franzia a testa, como se já previsse o que a esperava nas semanas seguintes.

Frances manteve as luzes apagadas, mas em vez de subir na cama livre, se sentou na pequena cadeira ao lado. Ficou ali por algum tempo, observando as caixas de papelão ao redor e ouvindo a cantoria que havia recomeçado, pontuada por tosses isoladas ou por interrupções do Dr. Duxbury, que oferecia versões alternativas. Por trás dos sons da sala ao lado, ouviu o ruído do único motor em funcionamento, mais fraco e menos dinâmico do que antes, e imaginou os fornalheiros xingando por estarem derretendo de calor com o esforço de levar o navio até o porto. Pensou no navegador, no operador de rádio, no marinheiro de serviço e em todos os outros ainda acordados de uma ponta à outra daquele imenso navio. Imaginou todos retornando para suas famílias, as mudanças que precisariam enfrentar. Pensou no comandante Highfield, acomodado em sua câmara luxuosa, sabendo que talvez aquela fosse sua última noite no mar. Todos nós precisamos encontrar novas formas de viver, dissera ele. Novas formas de perdoar.

Preciso experimentar novamente a sensação que tive na primeira vez que subi a bordo, disse a si mesma. A sensação de alívio e expectativa. Preciso esquecer tudo o que aconteceu e fazer de conta que esse homem nunca existiu. Por outro lado, agradeceria a Chalkie todos os dias da sua vida pelo que ele lhe proporcionara.

Era o mínimo que podia fazer naquelas circunstâncias.

Ouviu um barulho, e se deu conta de que devia ter cochilado. Uma tosse tão discreta, tão distante na extremidade da sua consciência que mesmo mais tarde ela não conseguia entender como havia conseguido acordar com aquilo. Abriu só um olho, observou a silhueta de Avice na penumbra, com uma leve esperança de vê-la se sentar na cama e pedir um copo d'água. Mas Avice não se mexeu.

Frances se empertigou e ouviu com atenção.

Mais uma tosse. O tipo de tosse que tem o intuito de chamar atenção. Ela deslizou da cadeira e atravessou o quarto.

— Frances — murmurou uma voz tão baixa que só ela conseguiria ouvir. Depois de novo: — Frances.

Imaginou se ainda estaria dormindo. Na sala ao lado, o Dr. Duxbury cantava *Danny Boy*. De repente, ele começou a chorar histericamente e foi consolado pelos homens ao seu lado.

— Você não devia estar aqui — murmurou ela, dando um passo à frente.

Não abriu a porta. As instruções eram muito rígidas para todos: naquela noite homens e mulheres não se misturariam, advertira o imediato do navio, como se o fato de ser a última noite a bordo pudesse induzir a loucuras de cunho sexual.

Por um momento, ele permaneceu calado. Depois disse:

— Eu queria ter certeza de que você estava bem.

Ela balançou a cabeça para mostrar sua incompreensão e suspirou lentamente.

— Estou… bem.

— O que eu disse… Não tive a intenção…

— Por favor, não se preocupe. — Ela não queria ter essa conversa de novo.

— Queria dizer que… estou muito feliz. Feliz por ter conhecido você. E gostaria… gostaria…

Houve um longo silêncio. O coração dela estava disparado.

A cantoria na sala ao lado tinha parado. Em algum lugar, no Canal, tocou uma sirene de neblina. Ela continuou ali onde estava, no escuro, esperando que ele voltasse a falar, mas logo se deu conta de que a conversa acabara. Ele já tinha dito tudo.

Quase inconsciente de seus gestos, Frances se aproximou da porta, depois encostou a bochecha e ficou assim, em silêncio, até ouvir o que esperava. Então deu um passo para trás e abriu a porta.

Na penumbra do corredor, se deparou com os olhos sombrios e indecifráveis dele. Ficou encarando o fuzileiro, sabendo que era a última vez que veria aquele homem, e tentava aceitar um destino que, pela primeira vez, ela sentia vontade de destruir. Não lhe cabia o direito de desejá-lo. Precisava se convencer disso, ainda que cada célula do seu corpo gritasse o contrário.

— Bem… — Seu sorriso radiante e indeciso teria partido o coração dele. — Obrigada. Obrigada por cuidar de mim. De nós, quer dizer.

Frances se permitiu olhar para ele mais uma vez e depois, sem saber bem o porquê, estendeu a mão fina. Após um momento de hesitação, ele também estendeu a mão. Os dois trocaram um cumprimento formal, sem desviar os olhos um do outro.

— Hora de ir para a cama, rapazes. Precisam estar em forma de manhã!

Eles se entreolharam. A voz de Vincent Duxbury ficou mais alta quando a porta da enfermaria se abriu, lançando um retângulo de luz.

— Para casa, rapazes! Vocês vão para casa amanhã! *Home, home on the range…*

Ela o puxou para dentro do quartinho e, sem fazer barulho, fechou a porta. Ficaram a poucos centímetros um do outro, ouvindo os homens saírem da enfermaria para o corredor. Houve muitos cumprimentos e um breve e doloroso acesso de tosse.

— Preciso confessar — disse o Dr. Duxbury — que vocês são os caras mais fantásticos que tive o privilégio… *My merry band of brothers*…

A cantoria dele pairou pelo corredor e em seguida foi acompanhada pelas vozes desafinadas dos outros.

* * *

Frances estava tão perto que ele sentia a respiração dela em seu pescoço. O corpo dela estava tenso, e ela ouvia com atenção, a mão involuntariamente ainda sobre a dele. Sua pele fria estava arrepiada.

— *My merry band… la la la la.*

Se ela não tivesse escolhido aquele instante para olhar para ele, talvez nada tivesse acontecido. Mas ela ergueu a cabeça com os lábios entreabertos como se quisesse fazer uma pergunta. Depois, percorreu com a ponta dos dedos o corte na testa do fuzileiro. Em vez de recuar, como pretendera, ele ergueu a mão, tocou de leve na dela e, em seguida, com mais firmeza, entrelaçou os dedos nos dela.

Do lado de fora, os homens cantavam cada vez mais alto. Pouco depois, o canto se transformou em conversa. Alguém caiu no chão e ao longe houve um "Ei, você!" abafado, seguido por passos firmes e autoritários.

Nicol mal escutava. Estava concentrado na respiração suave de Frances, em sentir seus dedos trêmulos. Com a pele em chamas, baixou a mão dela, roçou-a em seu rosto, sem sentir dor nem quando ela tocou a área ferida e inchada. Depois, a pressionou nos lábios.

Ela hesitou. Por fim, com um pequeno suspiro que podia ser de desespero, puxou sua mão de volta e aproximou os lábios dos dele. Apertou as mãos dele com força, como se quisesse mantê-las assim para sempre.

Foi delicioso. Quase no limite da indecência. Nicol queria absorvê-la, preenchê-la, fundir-se nela, transformá-la em uma parte de si mesmo. Eu sabia!, disse ele para si mesmo, cheio de alegria. Eu a conheço!

Estranhamente, enquanto percebia a intensidade desesperada do seu desejo, ele sentiu que havia certo perigo, algo condenatório, sem saber direito se com relação a ela ou a si mesmo. Então abriu os olhos e a encarou. A dor e o desejo com os quais se deparou pareciam imensuráveis, algo tão chocante que lhe deixou com a sensação de não conseguir respirar. E quando Nicol aproximou de novo o rosto, foi ela quem recuou e levou a mão aos lábios, ainda sem desviar o olhar.

— Desculpe — sussurrou ela. — Desculpe, de verdade.

Olhou rapidamente para Avice, que continuava dormindo na cama, depois, com delicadeza, levou a mão ao rosto de Nicol, como se para gravar em alguma parte secreta de si mesma aquela visão e a sensação de tocá-lo.

Em seguida, saiu dali. Do lado de fora, os homens levaram um susto com a aparição de uma mulher no meio da noite. A porta do depósito se fechou devagar, mas com firmeza, entre eles. O ruído metálico ressoou como o portão de uma prisão.

* * *

A cerimônia aconteceu perto das onze e meia da noite de terça-feira. Em outras circunstâncias, teria sido uma noite linda para um casamento: a lua baixa e enorme no céu tropical banhava o acampamento com uma estranha luminosidade azul. A brisa suave quase não balançava as folhas das palmeiras, mas oferecia um discreto alívio para o calor.

Havia apenas mais três pessoas além da noiva e do noivo: o capelão, a enfermeira-chefe e o capitão Baillie. A noiva, com a voz quase inaudível, ficou o tempo inteiro sentada ao lado do noivo. O capelão fez o sinal da cruz várias vezes após a cerimônia e rezou para que tivesse agido corretamente. Com um *Shiiiu!*, a enfermeira-chefe calou as dúvidas que

afligiam o capitão e o lembrou de que, considerando a situação do mundo ao redor, aquele ato insignificante não devia pesar na sua consciência.

A noiva se sentou na cama, com a cabeça baixa, e segurou a mão do homem ao seu lado, como se pedisse desculpas. No final das preces, enfiou o rosto pálido nas mãos e permaneceu assim por algum tempo, até que voltou a erguer a cabeça, um pouco ofegante, como um nadador que retorna à superfície.

— Terminamos? — perguntou a enfermeira-chefe, que parecia a pessoa mais tranquila do grupo.

O capelão assentiu, com a testa ainda franzida e os olhos baixos.

— Enfermeira?

Frances abriu os olhos. Ela parecia não conseguir, ou não querer, olhar para as pessoas à sua volta.

— Sim — disse Audrey Marshall, conferindo o relógio ao mesmo tempo em que estendia o braço para pegar suas anotações. — Horário da morte, onze e quarenta e quatro.

24

Quando o porta-aviões Victorious *chegou a Plymouth na noite de ontem… algumas jovens estavam tão ansiosas para ver o que fosse possível da Inglaterra que se aglomeraram em um pilar que acabou cedendo com a pressão. Vinte delas caíram no convés abaixo, de uma altura de dois metros e meio. Nenhuma se machucou. No entanto, uma não pôde compartilhar a alegria geral. Após uma viagem de vinte e um mil quilômetros, foi informada de que o marido, que devia estar à sua espera, passou a ser considerado desaparecido após um acidente de avião.*

DAILY MIRROR, *QUARTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1946*

OITO HORAS ATÉ PLYMOUTH

Um uniforme da Marinha, sem o suporte de uma estrutura humana, é uma coisa curiosa. Com seu tecido grosso e escuro e os botões de bronze trabalhados, sugere categorias bem distintas de seres, de desfiles, do esforço — passar, consertar, limpar — envolvidas na sua conservação. Sugere a patente, as rotinas e os hábitos de quem veste. Conforme as insígnias e os galões, o uniforme também pode fazer referência a conflitos. E conta uma história de batalhas ganhas ou perdidas, de sacrifícios feitos. De bravura e de medo.

Porém, um uniforme nada revela sobre uma vida. Highfield contemplou o seu, passado com capricho pelo intendente, e que estava pendurado e com as dragonas protegidas por papel de seda, pronto para ser usado pela última vez quando o *Victoria* atracasse no dia seguinte. O que esse uniforme conta sobre mim?, pensou ele, passando a mão pela manga.

Identifica um homem que só sabia quem era quando participava de uma guerra? Ou de um homem que percebe agora que as coisas das quais sempre quis manter distância, como intimidade e relações sociais, foram as que mais lhe fizeram falta?

Highfield se virou para o mapa dobrado em cima da mesa ao lado de um compasso. Mais adiante estava seu baú, empacotado pela metade. Ele sabia onde o intendente o teria colocado. Não precisou enfiar a mão muito embaixo das roupas impecavelmente dobradas para encontrar o porta-retratos que durante os últimos seis meses ficara virado para baixo dentro da gaveta. Pegou-o e tirou o papel de seda com o qual Rennick o envolvera por precaução. No porta-retratos de moldura prata havia a fotografia de um rapaz, com o braço sobre os ombros de uma mulher sorridente que tentava, com uma das mãos, afastar as mechas castanhas que o vento insistia em soprar para seu rosto.

Ele havia garantido à irmã que se tornaria um homem. A Marinha transformava meninos em homens. Ele saberia se cuidar.

Ficou encarando a imagem do rapaz sorridente com um braço sobre os ombros da esposa. Depois afastou um pouco o mapa e colocou o porta-retratos em pé em cima da mesa. Seria a última coisa que ele levaria daquele navio.

Estavam a poucas horas de Plymouth. Quando as mulheres acordassem, o navio estaria se preparando para desembarcá-las rumo às suas novas vidas. No dia seguinte, desde cedo, o navio enfrentaria um turbilhão de atividades: intermináveis verificações e conferências, mulheres e homens enfileirados à espera das bagagens, todos os procedimentos regulamentares e obrigatórios envolvidos na tarefa de levar para o porto um navio de prestígio. Ele já tinha passado por tudo isso, a animação, a espera nervosa dos homens prestes a desembarcar. Só que dessa vez a guerra havia acabado. Eles sabiam que a folga estava garantida, que o retorno era definitivo.

Correriam para fora do navio diretamente para os abraços lacrimosos, os olhos semicerrados em gratidão, a animação incontida dos filhos. Sairiam dali a pé ou em carros barulhentos para casas que se pareceriam ou não com as que eles ainda guardavam na memória. Se tivessem sorte, haveria, por fim, a sensação de um vazio preenchido.

Nem todos teriam tanta sorte. Ele vira alguns parentes seguirem para o porto mesmo depois de receberem o temido telegrama, incapazes ou sem querer aceitar que seu John, seu Robert ou seu Michael jamais voltaria para casa. Era possível identificá-los, mesmo no meio da multidão, pelo olhar fixo na passarela de desembarque, as mãos agarrando bolsas ou jornais, na esperança de comprovar que se tratava de um erro.

Por outro lado, havia a bordo pessoas como Highfield. Aquelas que não tinham o retorno marcado por sorrisos ou agradecimentos clamorosos e que seguiam discretamente em meio a empurrões e famílias reunidas, e talvez fossem recebidos a quilômetros de distância pela alegria muda de parentes que os toleravam por piedade, por terem o mesmo sangue. Por obrigação.

Highfield olhou de novo para o uniforme que usaria pela última vez no dia seguinte. Depois puxou uma cadeira, se sentou e começou a escrever.

Querida Iris,

Tenho notícias para lhe dar. Não vou voltar para Tiverton. Por favor, mande minhas desculpas ao lorde Hamworth e diga que estou disposto a indenizá-lo por qualquer perda financeira que minha decisão possa acarretar.

Decidi, após muita reflexão, que a vida em terra provavelmente não foi feita para mim…

Nicol não conseguia pensar em outro lugar para ir. Já era quinze para uma da manhã e o alojamento continuava repleto de homens barulhentos, animados com a espera e as doses extras de bebida. Eles arrancavam as fotos das paredes e as jogavam nas mochilas abarrotadas, trocavam informações sobre os lugares aonde iriam, sobre o que gostariam de fazer primeiro. Se as esposas arranjassem alguém que pudesse tomar conta das

crianças… Ele não tinha vontade de se sentar entre os colegas, não se sentia em condições de participar das brincadeiras bem-humoradas. Precisava ficar sozinho para refletir sobre o que lhe acontecera.

Ainda sentia o sabor dos lábios de Frances. Seu corpo estava tenso, tomado por uma dolorosa sensação de urgência. Será que ela o odiava? Será que não o considerava melhor do que Tims ou qualquer outro? Por que ele reagira daquele modo, quando ela havia passado semanas, anos até, desprezando os homens que a viam apenas como um corpo?

Ele tinha subido para o convés de voo, mas não esperava ter companhia.

O comandante estava de pé na proa, diante do passadiço. Estava com camisa sem manga e com a cabeça descoberta, ao vento. Quando chegou ao convés, Nicol parou na escotilha e pensou em dar meia-volta, mas Highfield já percebera sua presença e o fuzileiro sentiu que não poderia ignorá-lo.

— Acabou seu turno?

Nicol deu um passo à frente para ficar ao lado do comandante. Fazia frio no convés, era a primeira vez que ele realmente sentia frio desde que tinham saído da Austrália.

— Sim, comandante. Não vamos ficar de serviço nas cabines das passageiras esta noite.

— Era você quem vigiava a da enfermeira Mackenzie, não era?

Nicol o olhou com frieza. Mas o comandante parecia tranquilo e perdido em pensamentos.

— Isso mesmo, comandante.

Ele não conseguia acreditar que ela tivesse ficado magoada. Suas mãos frias o puxaram para perto, em vez de afastarem. A cabeça de Nicol parecia girar com aquela incerteza. Como pude agir assim depois do que Fay me fez passar?

As mãos do comandante estavam enfiadas no fundo dos bolsos.

— Estão todas bem agora, não é? Ouvi dizer que duas estavam na enfermaria.

— Estão bem, comandante.

— Ótimo. Ótimo. Onde está Duxbury?

— Ele… hum… acredito que esteja tirando um cochilo.

O comandante o olhou de soslaio, pareceu notar algo na expressão de Nicol e deixou escapar um suspiro fraco mas evidente.

— Você é casado, Nicol? Não consigo lembrar se Dobson me falou alguma coisa sobre isso.

Antes de responder, Nicol observou o ponto onde o oceano escuro encontrava o céu. Um punhado de estrelas apareceu quando as nuvens se afastaram e também a lua, que iluminou por um breve instante a infinita paisagem em movimento.

— Não, comandante — respondeu. — Não mais.

Ele reparou no olhar curioso de Highfield.

— Não fique entusiasmado demais com a liberdade, Nicol. A falta de responsabilidade, de vínculos… pode ser uma faca de dois gumes.

— Estou começando a entender isso, comandante.

Eles permaneceram ali por algum tempo em um silêncio sociável. Os pensamentos de Nicol estavam tão agitados quanto o mar, e ele ficava arrepiado quando pensava na garota na sua cabine. O que eu devia ter feito?, perguntou a si mesmo. O que devo fazer?

Highfield se aproximou um pouco mais de Nicol. Tirou uma caixa de charutos do bolso e ofereceu um ao fuzileiro.

— Pegue um. Para comemorar. Minha última noite como comandante. Minha última noite depois de quarenta e três anos na Marinha.

Nicol aceitou o charuto e o comandante o acendeu, com a mão em concha para proteger a chama da brisa do mar.

— O senhor vai sentir falta. Daqui.

— Não vou, não.

Perplexo, Nicol se virou para ele.

— Logo mais vou voltar ao mar — explicou Highfield. — Vou tentar a Marinha Mercante, esse tipo de coisa. Ouvi dizer que há uma grande demanda por tripulantes. Não sei, Nicol. Essas garotas me fizeram refletir. Se elas conseguem mudar de vida…

Ele deu de ombros.

— O senhor não acha… que merece passar um tempo em terra?

O comandante suspirou.

— Não tenho certeza, Nicol, se conseguiria me adaptar à vida em terra. Não por muito tempo.

Em algum lugar sob seus pés, as placas metálicas do convés de voo do *Victoria* rangeram, sinalizando um movimento tectônico distante. Os dois homens contemplaram a superfície repintada, as áreas ao ar livre onde o interior do navio ficava exposto ao céu noturno. Pensaram no motor, cujo esforço ficava evidente com a vibração sentida e nos rastros irregulares de espuma, quando na verdade deviam formar uma linha extensa e contínua na água. O navio sabia. Os dois percebiam.

O comandante Highfield deu uma tragada no charuto. Apesar da camisa fina, não parecia sentir frio.

— Sabia que ela serviu no Pacífico?

— Nossa embarcação? O *Victoria*?

— Não. A enfermeira Mackenzie, de quem você vigia a cabine, não é?

— Sim, comandante.

O que ela estava fazendo naquele momento? Será que estava pensando nele? Sem se dar conta, levou a mão ao rosto, onde ainda sentia o toque dos dedos dela. Ele mal ouvia o que o comandante dizia.

— Mulher corajosa. Como todas elas, aliás. Pense nisso. Amanhã, a esta hora, elas já saberão qual futuro lhes espera…

Com aquele homem, o homem que Nicol queria odiar, queria desprezar pelo simples fato de ter direitos sobre ela. Por outro lado, o jeito que ela o descrevera, como poderia odiar um soldado tão bom e atencioso? Como poderia desprezar o homem que conseguira, do leito de um hospital, ser um marido melhor do que ele jamais havia sido…?

Nicol se sentiu febril, apesar do ar fresco da noite. Pensou que seria melhor se afastar, ficar sozinho em outro lugar. Em qualquer lugar.

— Comandante, eu…

— Pobre moça. É a segunda a bordo, sabe.

Sua pele queimava. Sentiu uma vontade súbita de mergulhar na água fria do mar.

— Segunda o quê, comandante?

— Viúva. Recebi um telegrama ontem destinado a uma das garotas do convés B. O avião do marido caiu em Suffolk. Voo de treinamento, acredita?

— O marido da Sra. Mackenzie morreu?

Nicol ficou paralisado. Sentiu uma pontada de culpa, como se tivesse desejado que isso acontecesse.

— Mackenzie? Não, não, ele… ele morreu já faz algum tempo. Quando ela ainda estava no Pacífico. É uma decisão estranha, na verdade, deixar a Austrália sem ter ninguém à sua espera. De todo modo, a guerra é assim.

Ele inspirou diversas vezes, como se conseguisse detectar o cheiro da proximidade de terra firme.

Viúva?

— Olhe só a hora. Não vale mais a pena dormir agora. Vamos, Nicol, venha tomar um drinque comigo.

Viúva? A palavra ressoou de forma agradável na sua cabeça. Ele queria gritar: "Ela é viúva!" Por que não lhe contara? Por que não contara a ninguém?

— Então, Nicol, o que quer beber? Uísque?

— Comandante?

Ele olhou na direção da escotilha, subitamente desesperado para voltar à cabine de Frances, para contar que sabia. Por que não contei a verdade para ela?, pensou ele. Ela poderia ter se aberto comigo. De repente, Nicol compreendeu que talvez ela imaginasse que sua condição de casada lhe oferecia uma segurança que jamais tivera.

— Sua dedicação ao trabalho é admirável, Nicol, mas desta vez estou dando uma ordem. Relaxe um pouco.

Nicol parecia atraído pela escotilha.

— Comandante, eu realmente…

— Vamos, fuzileiro, me dê esse prazer. — Highfield esperou até ter certeza de que Nicol o acompanhava à sua cabine. Então olhou para ele com uma conspiração rara e ardilosa no sorriso. — Além disso, como aquele cachorrinho vai conseguir descansar se ouve sempre você andar para lá e para cá do lado de fora da porta?

Quando Nicol se virou, o comandante apontou o indicador para ele em sinal de repreensão.

— Sei o que acontece aqui dentro, Nicol. Posso estar quase me aposentando, mas garanto que quase nada do que acontece neste navio passa despercebido por mim.

* * *

Está tarde demais para acordá-la quando ele sai da câmara do comandante. Isso não lhe preocupa: sabe que tem tempo. Com o estômago cheio de uísque e aquela palavra ainda ressoando na cabeça, ele tem todo o tempo do mundo. Semicerra os olhos para evitar a claridade excessiva do azul do céu enquanto atravessa o convés de voo e percorre sem pressa o convés do hangar. Ele para ao chegar à área feminina e aproveita o silêncio da

madrugada e o som das gaivotas barulhentas na baía de Plymouth, o som do seu lar.

Nicol encara a porta, aquele retângulo de metal que ama como jamais amou outra coisa. Em seguida, após um momento de hesitação, ele se vira, apoia as mãos às costas e permanece do lado de fora, com os pés bem firmes no piso manchado pela fumaça, piscando devagar, ainda um pouco confuso com o excesso de bebida e charuto.

É o único fuzileiro que, na manhã seguinte, vai vestir um uniforme sujo e amassado. É o único fuzileiro que desobedecerá às ordens ao se aproximar das passageiras, o que é proibido.

É o único fuzileiro em serviço em todo o convés do hangar, e ele exibe uma expressão de orgulho, misturada com um sentimento indescritível de alívio.

25

Seiscentas e cinquenta e cinco esposas australianas de marinheiros britânicos desembarcaram na Inglaterra na noite de ontem, quando o porta-aviões Victorious *ancorou em Plymouth. Trouxeram consigo as seguintes histórias:*

AVENTURA — A Sra. Irene Skinner, de 23 anos, descendente do reverendo Samuel Marsden, estabelecido na Austrália desde 1794, disse: "Temos a intenção de nos acomodar na ilha de Terra Nova, na Inglaterra, na Austrália ou, para falar a verdade, em qualquer lugar onde possamos encontrar aventura e nos sintamos bem."

ROMANCE — A Sra. Gwen Clinton, de 24 anos, cujo marido mora em Wembley, falou sobre seu casamento: "Nos hospedamos no mesmo lugar em Sydney. Fiquei encantada por ele, e o amor se encarregou do resto."

PESSIMISMO — A Sra. Norma Clifford, de 23 anos, esposa de um engenheiro naval: "Me disseram que era difícil comprar sapatos na Inglaterra." Ela trouxe 19 pares.

DAILY MAIL, *7 DE AGOSTO DE 1946*

PLYMOUTH

— Não vou desembarcar. Eu… mudei de ideia.

— Que história é essa, Miriam? Não seja boba.

— Já disse que mudei de ideia. Olhei de novo as fotos e confirmei que a aparência dele não me agrada.

Sentada na borda do beliche, Margaret escutava a conversa acalorada que vinha da cabine ao lado. Fazia quase meia hora que as mulheres discutiam aos gritos. A infeliz Miriam parecia ter se trancado à chave e nenhuma das suas companheiras de cabine, que estavam esperando na fila do banheiro, conseguia entrar para se vestir.

Como algumas oficiais haviam previsto, o caos se instalara. Ao redor das desafortunadas passageiras da cabine 3F, mulheres corriam de um lado para outro nos corredores, reclamando aos gritos sobre pertences extraviados ou amigas desaparecidas. Os alto-falantes transmitiam infindáveis instruções aos homens que se preparavam para o desembarque, ao mesmo tempo em que os marinheiros discutiam entre si enquanto terminavam as tarefas de última hora. As oficiais já estavam reunidas na passarela de desembarque, preparadas para a última missão: verificar que todas as esposas estavam prontas para desembarcar, que haviam recolhido suas bagagens e que seriam entregues em segurança aos seus responsáveis.

— Senhoras, segundo turno, última chamada para o refeitório, última chamada para o refeitório. — O alto-falante fez o anúncio e depois desligou.

Protegida de toda aquela agitação e sem Avice e Frances, a cabine estava em silêncio. Margaret olhou para sua roupa. Ela só estava entrando em um vestido, mas as costuras já começavam a esgaçar. Tentou limpar uma pequena mancha de óleo, sabendo que isso não melhoraria sua aparência.

— Pode pelo menos me passar a combinação, Miriam? Não podemos ficar aqui fora a manhã inteira.

— Não vou abrir a porta — gritou Miriam com a voz histérica.

— É um pouco tarde para isso. O que está planejando fazer? Criar asas e voar de volta para casa?

A pequena mala, cuidadosamente arrumada, estava aos pés do beliche. Margaret alisou o cobertor onde Maudie costumava se deitar e suspirou fundo. Era a primeira manhã em que ela não conseguia comer nada, nem ao menos uma torrada pura. O nervosismo a deixava enjoada.

— Não me importo! Não vou sair daqui.

— Ah, pelo amor de Deus! Olhem, chamem aquele fuzileiro. Ele vai nos ajudar. Ei! Você!

Imóvel no beliche, Margaret ouviu passos do outro lado da porta. Intrigada, a abriu e logo deu um passo atrás quando o fuzileiro caiu com todo o seu peso dentro da cabine.

— Oi — disse Margaret, enquanto ele tentava se levantar.

— Desculpe.

Uma mulher chegou correndo à porta de Margaret com uma toalha enrolada na cabeça. Ela se dirigiu a Nicol:

— Miriam Arbiter se trancou na nossa cabine. Não conseguimos pegar nossas roupas.

O fuzileiro coçou a cabeça. Para Margaret estava óbvio que ele tinha acabado de acordar. Ela torceu o nariz, surpresa, quando percebeu que ele cheirava a álcool, e se inclinou um pouco para ter certeza de que ele era quem ela imaginava.

— Temos que estar prontas para desembarcar em menos de uma hora e não podemos pegar nossas coisas. O senhor precisa buscar alguém para nos ajudar.

De repente, ele pareceu entender onde estava.

— Preciso falar com Frances — disse, se levantando com dificuldade.

— Ela não está aqui.

— O quê? — perguntou ele, assustado.

— Ela não está aqui.

— Como consegui perdê-la?

— Olhe, fuzileiro, pode nos ajudar a resolver este problema, por favor? Preciso dar um jeito no meu cabelo, caso contrário não vai secar a tempo.

A garota parada no vão da porta apontou para o relógio de pulso.

— Ela voltou ontem à noite, mas foi embora de novo.

— Onde ela está? — Nicol agarrou o pulso de Margaret. A ansiedade estava evidente em sua expressão, como se só naquele instante ele percebesse como estava próximo o momento de elas se dispersarem. — Precisa me falar, Maggie.

— Não sei. — Em seguida, ela compreendeu algo de que já suspeitava havia semanas. — Achei que ela podia estar com você.

* * *

No banheiro da enfermaria, Avice passava mais uma camada de batom. Com duas camadas de rímel, seus cílios ressaltavam os grandes olhos azuis. Sua pele, em geral branca como papel, estava com uma cor muito mais saudável. Era sempre importante estar com a melhor aparência possível, principalmente em ocasiões especiais, e essa era a maravilha dos cosméticos. Com um pouco de pó compacto, ruge e um belo batom, ninguém saberia que coisas terríveis a atormentavam. Seria impossível saber que ela continuava um pouco trêmula, mesmo que ainda estivesse com olheiras. Sob a lingerie vermelha-escura e um espartilho de boa qualidade, ninguém diria que sua cintura tinha aumentado, ainda que apenas dois ou três centímetros, nem que o que restava dos seus sonhos continuava indo embora com o sangue que empapava chumaços de algodão. Ninguém precisaria saber que ela se sentia como se tivesse sido literalmente virada do avesso.

É isso, pensou ela, se olhando no espelho. Eu pareço… pareço…

Ele não estaria lá para recebê-la. Ela sabia disso com tanta certeza quanto acreditava que agora finalmente o conhecia. Ele esperaria até ter notícias dela, não se manifestaria até estar seguro de qual seria sua reação. Se ela dissesse sim, ele faria as mais belas declarações de amor eterno. Era provável que passasse anos repetindo que a amava, que a adorava e que ninguém (ela não conseguia dizer "sua esposa") era tão importante para ele. Se ela dissesse que não o queria, suspeitava que ele ficaria triste por alguns dias, mas logo se consolaria dizendo a si mesmo que era um felizardo por ter conseguido escapar. Ela imaginava que naquele momento ele devia estar na mesa da cozinha, com os pensamentos fixos

na chegada do navio, de mau humor e mantendo distância da tal inglesa que não entendia nada. Uma mulher que, se conhecesse Ian tão bem quanto ela, preferiria não fazer muitas perguntas sobre as razões do seu mau humor.

A oficial, para quem talvez tenha sido criada a expressão "rápida no gatilho", enfiou a cabeça pela fresta da porta.

— Está bem, Sra. Radley? Já pedi para levarem sua mala até o convés para que não precise carregar nada. — Deu um sorriso simpático. — Não acha que parece cem por cento melhor do que ontem? Está tudo bem? — Fez um sinal com a cabeça na direção da barriga de Avice e baixou discretamente o tom de voz, embora não houvesse mais ninguém por perto. — Quer que eu pegue mais alguma roupa íntima sua na lavanderia?

— Não, obrigada — respondeu Avice. Depois de tudo pelo que tinha passado, ela não sentia a menor vontade de discutir sua roupa de baixo com uma desconhecida. — Estarei pronta em dois minutos. Obrigada.

A oficial se retirou.

Avice colocou o batom de volta no seu nécessaire de maquiagem e passou uma última camada de pó no rosto. Parou um instante, virou-se para um lado e para outro, conferindo seu reflexo, um gesto muito praticado. Depois, por apenas um segundo, sua expressão de contentamento sumiu e ela viu o que havia por trás das bochechas cuidadosamente rosadas e dos olhos disfarçados com maquiagem. Eu pareço, pensou ela, mais madura…

* * *

Highfield estava na passarela superior, acima do passadiço, ao lado de Dobson, do primeiro-tenente e do operador de rádio. Pelo interfone, dava ordens ao timoneiro, em um convés abaixo, enquanto o velho e majestoso navio de guerra entrava devagar nas águas mais estreitas, e a costa inglesa,

no início apenas um indício nebuloso, se transformava em sólida realidade. Embaixo, alinhados com perfeição na amurada do convés de voo, estavam os marinheiros, em uniformes de gala, enquanto oficiais de patentes mais altas executavam o "Procedimento Alfa" ou "Prod A", como a cerimônia de despedida era conhecida entre eles. Estavam quase em silêncio absoluto, com os pés afastados e as mãos para trás, e suas roupas imaculadas pareciam de algum modo dissimular o cansaço e o mau estado do navio em que viajavam. Para o comandante, a aproximação do porto era tradicionalmente um dos momentos mais importantes da viagem: era impossível não se encher de orgulho ao chegar em um imponente navio de guerra, com seus homens nos conveses abaixo e já escutando as manifestações de boas-vindas da multidão no cais. Highfield sabia que não havia um só homem entre eles que não esqueceria por um instante sequer os infortúnios dos últimos meses para se concentrar no prazer de uma cerimônia como aquela.

Não era bem o caso do *Victoria*. Com o motor engasgando e o leme ameaçando emperrar toda hora, o pobre navio se arrastava a duras penas até o cais, ajudado por mecânicos e rebocadores, alheio à beleza das falésias de Devon e Cornualha que se erguiam de um lado e de outro. Bem cedo naquela manhã, depois de inspecionar a casa de máquinas a estibordo, o engenheiro-chefe tinha comentado que era muito bom que finalmente estivessem voltando para casa. Ele não tinha certeza se conseguiria fazer o navio partir em uma nova viagem. "O *Victoria* sabe que cumpriu seu papel", observara com a voz confiante, enxugando as mãos no macacão. "E não aguenta mais. Devo dizer, comandante, que sei como ele se sente."

— Atenção a bombordo. Alterar curso para zero seis zero.

Ele se virou para o operador de rádio e mais uma vez ouviu a mesma instrução.

A luz estava particularmente brilhante, o tipo de iluminação que prenuncia um belo dia de céu claro. A baía de Plymouth estava linda, uma despedida digna para o velho navio e uma boa recepção para as esposas, pensou Highfield. Algumas nuvens brancas deslizavam pelo céu límpido, e o mar cintilante salpicado de espuma refletia de algum modo um pouco da glória daqueles homens. Depois de Bombaim e Suez, depois do interminável azul barrento do oceano, tudo parecia ter um tom extraordinário de verde.

O cais tinha começado a se encher logo ao amanhecer. Primeiro chegaram alguns homens ansiosos com a gola erguida para se proteger do frio, fumando ou sumindo por alguns instantes para uma nova rodada de chá e torradas. Depois apareceram grupos maiores, famílias que se reuniam ao longo do cais, e de vez em quando apontavam para o navio se aproximando. Ou acenavam para as mulheres já no convés. O operador de rádio havia conversado com o responsável pelo porto e com membros da Cruz Vermelha Britânica. Ficou sabendo que alguns dos maridos tinham sido obrigados a dormir diante da porta de casa por falta de quartos disponíveis em toda Plymouth.

"Tripulação aos postos de manobra, tripulação aos postos de manobra, todos fora da plataforma, desocupem o convés superior, fechem todas as portas e escotilhas." Então o alto-falante se calou. Era a última instrução antes de chegarem ao porto.

Com as mãos apoiadas na amurada à sua frente, o comandante observava a manobra. Estavam voltando para casa. O que quer que isso significasse.

* * *

Nicol tinha inspecionado a enfermaria, o refeitório do convés e até o banheiro das mulheres, o que provocara gritaria e tumulto. No momento,

estava quase correndo pelo convés do hangar em direção ao refeitório, onde a maior parte das mulheres havia se reunido, sem se importar com os olhares curiosos das últimas a voltarem do café da manhã. Elas andavam de braços dados, com o cabelo bem penteado e as roupas impecavelmente passadas. Seus ombros curvados indicavam nervosismo. Ele passara duas vezes por outros fuzileiros a caminho do convés de voo. Ao vê-lo apressado e conhecendo sua fama, eles tinham imaginado que ele recebera alguma missão oficial urgente. Só mais tarde, quando repararam em seu uniforme amarrotado e na barba por fazer, se deram conta de que Nicol estava bem pouco apresentável. É incrível como alguns homens têm a tendência de descuidar da aparência quando sabem que estão a caminho de casa, pensaram.

Ele parou de repente diante da porta principal e examinou o lugar. Ali ainda havia cerca de trinta mulheres: tão perto do desembarque, a maioria acabava de arrumar as malas, algumas esperavam no convés dos barcos ou em torres de tiro, as saias infladas pela forte brisa do mar. Observou-as por um instante, esperando que uma ou outra se virasse ou erguesse a cabeça, para ter certeza de que nenhuma delas era quem ele procurava. Xingou a si mesmo por ter bebido tanto.

Por onde começar a busca? Havia gente em tudo quanto era lugar. Em meia hora, como conseguiria encontrar alguém naquele labirinto de cabines e compartimentos, no meio de seiscentas outras mulheres?

* * *

— Sra. Annette Trevor.

No alto da passarela, a oficial esperava a Sra. Trevor abrir caminho até a frente do grupo. Um murmúrio percorreu a multidão e logo surgiu uma garota loura com um longo cabelo cacheado, o chapéu torto na cabeça e uma mala na mão.

— Sou eu! — gritou ela. — Estou descendo!

— Sua bagagem foi liberada pela alfândega. Seus baús estarão à disposição no cais e a senhora precisará comprovar a identidade para recuperá-los. Pode desembarcar. — A oficial transferiu a prancheta para a mão esquerda. — Boa sorte — cumprimentou-a.

A Sra. Trevor, já com os olhos fixos no outro lado da passarela, retribuiu distraidamente o aperto de mão e, em seguida, com a mala apoiada no quadril, começou a descer, se equilibrando nos sapatos de salto alto.

O barulho era ensurdecedor. A bordo, ouviam-se as vozes animadas das mulheres que viravam a cabeça para um lado e para outro, em busca de algum parente em meio a tantos rostos desconhecidos. No final da passarela de desembarque, vários fuzileiros formavam uma barreira diante da multidão, para conter quem tentava se aproximar demais.

No cais, uma banda tocava *Colonel Bogey*, e um megafone tentava inutilmente fazer as pessoas se afastarem um pouco. Grupos se acotovelavam, gritavam palavras de boas-vindas e acenavam, na esperança de atrair a atenção ao gritar mensagens que eram levadas pelo vento e se perdiam na cacofonia generalizada.

Margaret esperava na fila com o coração acelerado, torcendo para que não demorasse muito até que finalmente pudesse se sentar. A mulher à sua frente não parava de saltitar para conseguir ver por cima das cabeças das outras. E já esbarrara duas vezes em Maggie. De modo geral, isso bastaria para Margaret murmurar algumas palavras maldosas no ouvido dela, mas naquele momento sua boca estava seca e o nervosismo a paralisava.

Tudo parecia tão repentino, tão precipitado. Ela não tivera tempo para se despedir de ninguém, nem de Tims, nem do cozinheiro do refeitório do convés de voo, nem das duas companheiras de cabine, que pareciam ter

evaporado. Está tudo acabado?, indagou ela. Os últimos vínculos com meu país sumiram assim, sem mais nem menos, na brisa do mar?

Quando a primeira passageira chegou ao final da passarela de desembarque, ouviu-se um clamor, e flashes das máquinas fotográficas iluminaram o ar. A banda começou a tocar *Waltzing Matilda*.

— Estou tão nervosa que acho que vou fazer xixi na calça — disse a garota ao seu lado.

— Por favor, que ele esteja à minha espera, que ele esteja à minha espera — murmurava outra para si mesma.

— Sra. Carrie Wilson. — Os nomes passaram a ser chamados mais depressa. — Sua bagagem foi liberada pela alfândega…

— O que foi que eu fiz? — perguntou Margaret, observando aquele país estranho e desconhecido.

Onde estava Frances? Avice? Durante várias semanas, aquele momento não passara de um sonho distante, um objetivo quase impossível de ser atingido, mas no qual ela nunca havia deixado de pensar. Agora que o sonho se concretizava, ela estava confusa, despreparada. Percebeu que jamais se sentira tão sozinha na vida.

Então, de repente, lá estava seu nome. Repetido duas vezes antes de ela ouvir: Sra. Margaret O'Brien… Sra. O'Brien?

— Vamos, é você! — exclamou uma das garotas ao lado, empurrando-a. — Mexa-se. É hora de desembarcar.

* * *

O comandante tinha começado a indicar o passadiço para o prefeito da cidade quando um oficial apareceu na porta.

— Uma das passageiras quer vê-lo, comandante.

O prefeito, um homem atarracado e de ombros curvados, tinha mostrado uma vontade incontrolável de tocar em tudo.

— Elas vêm para se despedir de vez, não é? — perguntou.

— Peça para ela entrar.

Antes mesmo de vê-la, Highfield imaginou quem seria. Ela parou na soleira da porta e corou ao notar quem o acompanhava.

— Ah, desculpe — disse ela, gaguejando. — Não tive a intenção de interrompê-lo.

A atenção do prefeito estava concentrada nos mostradores e ponteiros à sua frente, dos quais seus dedos insistiam em se aproximar.

— Imediato, dê atenção ao prefeito por um instante, por favor.

Ignorando o olhar fixo de Dobson, seguiu para a porta. Ela estava usando uma blusa azul-clara de manga curta e calça cáqui. Tinha o cabelo preso na nuca. Parecia exausta e extremamente triste.

— Só queria me despedir e confirmar que o senhor não precisa mais de mim para nada. Enfim, só queria ter certeza de que está tudo bem.

— Tudo ótimo — respondeu ele, baixando os olhos para a própria perna. — Acho que podemos dizer que está liberada agora, enfermeira Mackenzie.

Ela olhou para o cais lotado de gente logo abaixo.

— Vai ficar bem? — perguntou ele.

— Vou, sim, comandante.

— Não tenho dúvida quanto a isso.

Ele sabia que gostaria de dizer mais coisas para aquela mulher calada e enigmática. Queria conversar mais uma vez com ela, ouvir mais histórias sobre seu tempo de serviço, fazê-la explicar as circunstâncias do seu casamento. Ele tinha amigos em cargos altos e queria garantir que ela arranjaria um bom trabalho. De que sua aptidão não seria desperdiçada. Afinal de contas, não havia garantia de que todas aquelas mulheres seriam bem aceitas.

Na frente dos seus homens, no entanto, ele não tinha condições de dizer nada. Pelo menos, nada que pudesse parecer apropriado. Ela deu um

passo à frente e os dois trocaram um aperto de mão. O comandante tinha reparado nos olhares curiosos dos outros homens.

— Obrigado… por tudo — disse ele, baixinho.

— O prazer foi meu, comandante. Fico feliz de ter conseguido ajudar.

— Se algum dia… de algum modo, eu puder ajudá-la, ficarei muito feliz se me permitir…

Ela sorriu para ele e, por um instante, a tristeza desapareceu dos seus olhos. Em seguida, ela foi embora balançando a cabeça, o que deu ao comandante a certeza de que ela não recorreria a ele.

* * *

Margaret parou diante do marido. O fato imutável de que ele estava ali a deixou atônita e sem palavras por um instante. Assim como a beleza simples dele em trajes civis. Assim como seu cabelo ruivo. E as pontas achatadas dos seus dedos compridos. O modo que ele admirava sua barriga. Ela afastou uma mecha de cabelo e se arrependeu de não ter feito um penteado bonito. Tentou falar, mas percebeu que não sabia o que dizer.

Joe a observou durante o que lhe pareceu uma eternidade. Ela estava chocada por considerá-lo quase um desconhecido naquele lugar desconhecido. Como se aquele novo ambiente o tivesse transformado em um estranho. A inibição fez com que ela baixasse os olhos. Em pânico e envergonhada sem saber o motivo, ficou paralisada. Até que ele deu um passo à frente com um grande sorriso e disse:

— Caramba, mulher, você parece uma baleia!

Ele a abraçou, repetindo diversas vezes seu nome e apertando-a com tanta força que o bebê chutou em protesto, o que fez Joe dar um pulo para trás, surpreso.

— Dá para acreditar nisso, mãe? Ela dissera que ele chuta como uma mula, e não estava errada. Que tal? — Ele tocou a barriga da esposa, depois segurou sua mão. Observou seu rosto. — Meu Deus, Maggie, é tão bom ver você.

Ele a abraçou de novo, e depois a soltou, mesmo relutante. Instintivamente, Margaret agarrou a mão do marido como se fosse sua tábua de salvação naquele novo país. Então viu a mulher ao seu lado, dois passos atrás, com um lenço na cabeça e a mala de mão debaixo do peito, dando a impressão de não querer interferir. Enquanto Margaret tentava, constrangida, ajeitar o vestido apertado demais, a mulher se aproximou com um grande sorriso.

— Margaret, querida. Estou muito feliz em conhecê-la. Olhe só para você… deve estar exausta.

Houve um breve silêncio e depois, enquanto Margaret tentava encontrar palavras para responder, a Sra. O'Brien deu um passo à frente e a abraçou.

— Como você é corajosa — disse ela, encostada no seu cabelo. — Toda essa distância… longe da família… Bem, não se preocupe. A partir de agora vamos tomar conta de você. Está me ouvindo? Vamos formar uma família feliz.

Ela sentiu as mãos da sogra acariciando suas costas e aspirou um suave perfume maternal de lavanda, água de rosas e fornada de pão. Margaret não soube dizer quem ficou mais surpreso, ela ou Joe, quando desatou a chorar.

* * *

O capitão fuzileiro o segurou com força no momento em que ele tentava abrir a porta da enfermaria. Nicol se livrou da mão que agarrava seu ombro.

— Caramba, fuzileiro, por onde andou?

Ele estava furioso.

— Eu… eu estava procurando uma pessoa, senhor.

Nicol havia revistado quase todo o navio: o único lugar que faltava era o convés de voo.

— Olhe só o seu estado! Que diabo aconteceu com você, meu chapa? E o Prod A? Todos os homens estão no convés de voo, mas há um maldito buraco onde você devia estar.

— Desculpe, senhor…

— Desculpe? *Desculpe?* O que você acha que aconteceria se todo mundo fizesse o mesmo que você e decidisse não aparecer, hein, caramba? Olhe só para você! Está com um cheiro insuportável de bebida!

Mais uma vez, ele ouviu gritos de alegria vindo do lado de fora. Do lado de fora. Ele precisava ir para os conveses. Lá poderia verificar com uma das oficiais se Frances havia desembarcado. Era possível que, naquele exato momento, ela se preparasse para deixar o navio.

— Estou decepcionado com você, Nicol. Você, que de todas as pessoas…

— Desculpe, senhor, mas preciso ir.

O capitão fuzileiro ficou boquiaberto. Seus olhos se arregalaram.

— Ir? Você precisa ir?

— É um assunto urgente, senhor.

Ele inclinou o corpo para passar por baixo do braço do seu superior, cujos gritos enfurecidos ainda ressoavam em seus ouvidos enquanto subia a escada de três em três degraus.

* * *

Avice os viu primeiro, antes que reparassem nela. Estava embaixo da torre de tiro, com o chapéu bem preso na cabeça para que não voasse, e

observava o pequeno grupo no cais abaixo. Sua mãe usava um chapéu enfeitado com uma enorme pena azul-turquesa, o que parecia uma ostentação no meio das roupas sóbrias de tweed em tons de marrom ou cinza. Seu pai, com o chapéu enterrado até as sobrancelhas, como gostava, olhava ao redor a todo instante. Ela sabia quem ele estava procurando. Na mistura de uniformes da Marinha, ele devia estar se perguntando como alguém conseguiria encontrá-lo. Ela mal reparava no que a cercava, no que havia adiante do cais. De que adiantava, se ela já sabia que não ficaria no país?

— Radley. Sra. Avice Radley.

Avice respirou fundo, passou a mão na frente do casaco e andou devagar até o final da passarela de desembarque. Mantinha as costas tão eretas quanto as de uma modelo e o queixo empinado como se tentasse disfarçar seu andar desajeitado.

— Lá está ela! Lá está ela! — A voz estridente da mãe refletia sua animação. — Avice, querida! Olhe para cá! Olhe! Estamos aqui!

Na frente dela, onde a passarela encontrava o cais, uma das esposas, que Avice reconheceu das palestras sobre costura, bloqueou a passagem nos últimos degraus e se jogou nos braços de um soldado. Largou a bolsa e o chapéu que estava segurando na mão esquerda e o abraçou por um tempo interminável, as mãos acariciando seu cabelo, o rosto dele colado no dela. Uma vez ou outra, eles se desgrudavam, roçavam os narizes e murmuravam o nome um do outro. Como não conseguia ultrapassá-los, Avice foi obrigada a continuar ali, presa na passarela, tentando desviar os olhos do casal que reacendia a paixão.

— Avice! — Sua mãe pulava freneticamente atrás do casal. — Lá está ela, Wilf! Olhe nossa menina!

Por fim, o soldado percebeu que estava impedindo a passagem das outras mulheres, então se desculpou rapidamente e puxou a esposa para o lado.

— Sabe como é — disse ele com um sorriso.

— Ah, sim — respondeu Avice. — Sei como é.

Sua mãe subiu correndo os últimos degraus para encontrá-la. Chorava de tanta felicidade.

— Ah, querida, é tão bom ver você de novo! O que acha disso? Foi uma surpresa e tanto, não?

O pai se aproximou para abraçá-la.

— Sua mãe não parou de choramingar desde que você foi embora. Ela não suportava imaginar que vocês não estivessem bem e em lados opostos do planeta. É uma bela prova de amor, não acha, princesa?

Havia tanto amor e orgulho no rosto dos dois, que Avice percebeu, horrorizada, que se eles continuassem assim, ela não aguentaria.

Deanna deu um passo à frente. Estava usando um conjunto novo cor de cereja.

— Qual delas era a prostituta? Mamãe quase teve um ataque quando recebeu a carta da Sra. Carter.

— Onde está Ian? — Sua mãe observava os rostos dos homens de uniforme da Marinha. — Acha que ele veio com a família?

— Espero que você não tenha perdido meus sapatos — sussurrou Deanna. — Quero que me devolva antes de ir embora daqui.

— Ele não vem — respondeu Avice.

— Não é possível que ele já tenha partido para uma nova missão. Achei que todos os homens seriam autorizados a vir recebê-las! — argumentou a mãe, levando a mão enluvada à boca. — Bem, graças a Deus nós viemos, Wilf. Não acha?

— Pelo menos a família de Ian vem recebê-la? Não tivemos notícias deles. — O pai a segurou pelo braço. — Trouxe um rádio para eles. Da melhor qualidade.

Avice parou e tentou manter a expressão mais digna possível.

— Ele não vem, papai. Houve… houve uma mudança nos planos.

Houve um breve silêncio. Seu pai se virou para ela. Avice achou que tinha escutado a irmã dar um leve sorriso de satisfação.

— O que quer dizer? Está querendo dizer que gastei quatrocentos dólares em passagens de avião e não vai ter nenhuma celebração? Você tem ideia de quanto custou esta viagem e…

— Wilf! — A mãe repreendeu o marido e se virou para a filha. — Avice, querida…

— Não quero falar sobre isso agora, neste cais cheio de gente.

Seus pais se entreolharam. Deanna não conseguia disfarçar a alegria com aquela novidade inesperada. Parecia impressionada com a dimensão da catástrofe pessoal de Avice.

Enquanto as quatro ainda estavam no cais, no meio da multidão alvoroçada, um alto-falante distante pediu que alguém fosse, por favor, à sala do capitão do porto buscar uma criancinha perdida. Ela estava usando um casaco vermelho e dizia se chamar Molly. Não tinham maiores informações.

Avice se virou para olhar o navio. Com passos imprudentes por causa dos sapatos de salto alto, uma das esposas descia a passarela correndo. Quando chegou ao cais, se jogou nos braços de um oficial que a ergueu do chão e a rodopiou várias vezes. Pelo uniforme, Avice reconheceu que ele era um oficial. Ela sempre tivera facilidade em reconhecer uniformes. Não digam mais nada, pediu ela em silêncio, mordendo o lábio. Nenhuma palavra a mais ou vou gritar tão alto que vai parar Plymouth inteira.

Sua mãe ajeitou o chapéu, levantou um pouco a estola de pele para proteger melhor os ombros e depois enganchou o braço no de Avice. Talvez por compreendê-la, talvez por ter notado alguma coisa na expressão da filha, preferiu não olhá-la de frente. Quando falou, sua voz soou fraca e claramente embargada:

— Bem, minha querida, no hotel, quando você estiver preparada, teremos uma conversinha. — Ela começou a andar. — É um hotel ótimo, sabe. Os quartos têm um tamanho excelente. Temos uma sala de estar só nossa junto aos quartos, e uma vista espetacular de toda a Cornualha…

* * *

Frances desceu lentamente a passarela, com a mala na mão direita e a outra apoiada de leve no corrimão. Ela se sentia invisível no meio de todas aquelas pessoas felizes, abraçadas umas às outras. Conforme chegava mais perto do cais, reconhecia o rosto de mulheres com as quais havia convivido durante as últimas seis semanas. Algumas exibiam sorrisos radiantes, outras choravam de emoção, todas apaixonadamente abraçadas pelos maridos. Por um breve instante, ela se permitiu imaginar como seria estar no lugar de uma daquelas mulheres para quem havia um abraço no fim da passarela de desembarque, para quem não havia apenas uma, mas muitas pessoas para lhe oferecer uma acolhida calorosa.

Ela continuou descendo. Um recomeço, disse a si mesma. Era esse o objetivo da viagem. Conseguir um recomeço.

— Frances!

Ela se virou e viu Margaret acenando freneticamente, o que levantava seu vestido e deixava à mostra os joelhos roliços. Joe estava ao seu lado, com o braço ao redor dos seus ombros. Uma mulher mais velha segurava sua mão. Tinha uma expressão bondosa, parecida com a de Margaret, que estava radiante, apesar dos vestígios de lágrimas no rosto.

Frances andou na direção da amiga. Seus passos estavam surpreendentemente instáveis em terra firma e ela precisou se esforçar para não cambalear. As duas largaram as malas e se abraçaram.

— Você não pretendia ir embora sem meu endereço, não é?

Frances balançou a cabeça e olhou de relance para as duas pessoas que recebiam Margaret com satisfação como uma integrante da família. No navio, ela e Margaret estavam nas mesmas condições, mas agora, sozinha no meio de inúmeras famílias, se sentia diminuída.

Margaret pegou uma caneta com o marido e aceitou o pedaço de papel oferecido pela sogra. Encostou a caneta no papel, hesitou, em seguida riu e perguntou:

— Qual é meu endereço, afinal?

Joe também riu, depois rabiscou algo no papel que Margaret colocou na mão de Frances.

— Assim que se acomodar, me escreva e mande seu endereço, está me ouvindo? Esta é minha querida amiga Frances — explicou aos dois. — Ela ajudou a cuidar de mim. É enfermeira.

— Prazer em conhecê-la, Frances — disse Joe, estendendo sua mão enorme. — Venha nos visitar. Quando quiser.

Frances tentou lhe dar um aperto de mão igualmente cordial. A sogra de Margaret balançou a cabeça e sorriu antes de consultar o relógio de pulso.

— Joseph, o trem — murmurou ela.

Frances sabia que era hora de partir.

— Cuide-se — recomendou Margaret, apertando o braço da outra.

— Ficarei à espera de notícias — disse Frances, apontando para a barriga da amiga.

— Vai dar tudo certo — garantiu Margaret com confiança.

Frances observou os três se dirigirem para os portões do cais, de braços dados e ainda conversando, até que as pessoas aglomeradas ao redor taparam sua visão.

Ela respirou fundo, tentando se livrar do grande nó que sentia na garganta.

— Vai ficar tudo bem — disse para si mesma. — Um recomeço.

Nesse momento, ela se voltou para o navio. Havia homens se movimentando de um lado para outro, mulheres ainda acenando. Ela não reconhecia nada, ninguém. Ainda não estou preparada, pensou. Não quero ir. Então parou. Era apenas uma garota magra sendo empurrada pela multidão, com lágrimas escorreram pelo rosto.

* * *

Nicol abriu caminho pelas mulheres na fila. Várias reclamaram alto.

— Frances Mackenzie — gritou ele para a oficial. — Onde ela está?

A mulher se irritou.

— Quer me dar licença? Minha função é conferir o desembarque destas senhoras.

Ele a segurou pelo punho e, com a voz rouca de urgência, insistiu:

— Onde ela está?

Os dois se entreolharam. Então os olhos da mulher se semicerraram e ela percorreu várias páginas com a ponta da caneta.

— Mackenzie, você disse. Mackie… Mackenzie, B… Mackenzie, F. É ela?

Ele agarrou a prancheta.

— Ela já foi — respondeu a oficial, pegando a prancheta de volta. — Já desembarcou. Agora queira me dar licença.

Nicol correu para a lateral do navio, se debruçou na amurada para tentar ver no meio da multidão a silhueta inconfundível dela, forte e magra, com o cabelo ruivo desbotado pelo sol. No cais, milhares de pessoas ainda se acotovelavam, acenavam umas para as outras, sumiam e reapareciam.

Desesperado, sentindo um nó na garganta, ele começou a gritar:

— Frances! Frances!

Mas já estava consciente do tamanho da sua perda, da sua derrota. Sua voz, entrecortada por causa da emoção, pairou por um instante sobre a multidão, depois foi levada pelo vento na direção do mar.

* * *

O comandante Highfield foi quase o último homem a sair do navio. Ele havia realizado a cerimônia de despedida, ladeado por seus homens, mas parou na passarela, olhou ao longe, como se relutasse em desembarcar.

Depois de perceber que ele não tinha pressa de sair, alguns oficiais graduados se alinharam diante dele para lhe desejar felicidades para o futuro. Dobson se despediu da forma mais rápida possível e falou de modo ostensivo sobre sua próxima missão. Duxbury foi embora de braços dados com uma das passageiras. Rennick, que permaneceu a bordo até o último momento, se recusou a encarar Highfield nos olhos. Mas apertou calorosamente sua mão e recomendou, com a voz trêmula, que "se cuidasse um pouco".

O comandante apoiou a mão em seu ombro e o apertou.

Então ele ficou sozinho no alto da passarela de desembarque.

As poucas pessoas que observavam do cais, as poucas que se importavam em lhe dar alguma atenção, apesar dos compromissos bem mais urgentes que as esperavam, comentaram mais tarde que era estranho ver um comandante completamente sozinho em uma ocasião como aquela, com tanta gente aglomerada no cais. E que, por mais estranho que pudesse parecer, raras vezes tinham visto um homem daquela idade parecer tão perdido.

26

Foi a última vez que a vi. Havia tanta gente gritando, se acotovelando e se empurrando para encontrar quem procurava, que era impossível ver alguma coisa. Ergui os olhos e alguém me puxou pelo braço, então um casal correu na direção um do outro e os dois se abraçaram bem na minha frente e se beijaram sem parar, por isso acho que não me escutaram quando pedi que saíssem do caminho. Eu não conseguia enxergar. Não conseguia enxergar nada.

Acho que foi nesse momento que percebi que era uma causa perdida. Que tudo estava perdido. Porque eu poderia ter continuado ali por um dia, por uma noite, ou até mesmo para sempre, mas, às vezes, o que se precisa fazer é colocar um pé na frente do outro e seguir adiante.

Então foi isso que eu fiz.

E não a vi mais.

Parte três

27

É muito triste ter deixado para trás tantos colegas queridos e não ter recebido notícias deles até hoje… A gente conhece muitas pessoas durante a guerra, tempo de grandes amizades. A maior parte dos que se lembram dessa época admite ter cometido o mesmo erro de não ter permanecido em contato.

L. TROMAN, WINE, WOMEN AND WAR

2002

Com um imaculado sorriso padrão, a aeromoça percorreu o corredor para verificar se todos os cintos de segurança estavam afivelados para o pouso. Ela não reparou na senhora que secava os olhos muitas vezes mais do que teria sido necessário. Ao lado dela, a neta apertou seu cinto e guardou de volta a revista de bordo atrás do banco da frente.

— É a história mais triste que já ouvi.

A senhora balançou a cabeça.

— Não é tão triste assim, minha querida. Não quando comparada a outras.

— Acho que isso explica a reação que a senhora teve ao ver aquele navio. Meu Deus, quais eram as chances de isso acontecer, depois de tantos anos?

A avó deu de ombros, num gesto delicado.

— Muito pequenas, suponho. Mas acho que eu não devia ter me surpreendido. Vários navios que deixam a Marinha são reciclados, como

aconteceu com aquele.

Ela recuperara sua antiga compostura. Jennifer notou sua calma voltar aos poucos, a carapaça transparente endurecendo conforme aumentava a distância entre elas e a Índia. Ela havia até conseguido repreender Jennifer várias vezes por ter colocado o passaporte no lugar errado e por beber cerveja antes do almoço. A menina se divertira com tudo aquilo e também ficara tranquila. Porque quando pegaram o avião, fazia quase dezesseis horas que sua avó estava sem dizer nada. De algum modo, ela parecia menor, mais frágil, apesar do conforto revigorante do hotel de luxo e da sala de primeira classe onde os funcionários da companhia aérea tinham permitido que elas esperassem. Quando segurou a mão da avó e acariciou sua pele fina como papel, Jennifer se sentiu ainda mais culpada. Você não devia tê-la trazido, dizia sua consciência. Ela é velha demais. Você a arrastou pelos continentes e a fez esperar dentro de um veículo escaldante, como um cachorro.

Sanjay tinha sussurrado que Jennifer devia chamar um médico. A avó reclamara como se ele tivesse sugerido algo indecente.

E então, pouco depois da decolagem, ela começou a falar.

Jennifer havia ignorado a aeromoça oferecendo drinques e amendoins. Sua avó se acomodou melhor na poltrona e conversou como se as duas tivessem passado as últimas horas em um longo bate-papo, em vez de em um silêncio terrível.

— Eu não tinha pensado nele como nada além de um jeito de viajar, entende? — comentou ela, de repente. — Uma forma de ir do ponto A ao ponto B, de saltar pelos oceanos.

Jennifer se mexeu na poltrona, desconfortável, sem saber direito o que responder. Também não sabia se a avó esperava uma resposta. Deixou seus pensamentos vagarem por um instante e imaginou que talvez devesse ter ligado para os pais. Eles a culpariam, claro. Não tinham concordado com a ida da avó. Ela é que insistira para que fossem juntas. Queria se exibir,

supunha ela. Ampliar seus horizontes. Mostrar como as coisas haviam mudado.

Depois de se virar para a janela, parecendo falar com o céu, a avó tinha baixado o tom de voz:

— E lá estava eu, sentindo coisas que nunca tinha esperado sentir. E tão exposta no meio de tanta gente, sabendo que era apenas questão de tempo…

A avó, virada o tempo todo para a janela, manteve o olhar fixo na paisagem celeste e no tapete de nuvens brancas que flutuavam serenamente no espaço.

— Questão de tempo…?

— Até descobrirem.

— O quê?

Ela ficou quieta de repente.

— Descobrirem o quê, vó? — insistiu Jennifer

A avó arregalou os olhos quando olhou para a neta, como se estivesse surpresa de encontrá-la ao seu lado. Franziu um pouco a testa. Ergueu as mãos alguns centímetros acima dos braços da poltrona, como se quisesse confirmar que ainda conseguia fazer isso.

Quando voltou a falar, sua voz tinha um tom cordial e sem emoção; era uma voz neutra, matinal:

— Jennifer querida, pode fazer a gentileza de pegar um copo de água para mim? Estou morrendo de sede.

A garota esperou um instante, depois se levantou e logo encontrou uma aeromoça prestativa que lhe entregou uma garrafa de água mineral. Jennifer serviu um copo, que a avó bebeu quase em um gole só. Seu cabelo tinha ficado emaranhado durante a viagem e estava arrepiado, formando um halo ao redor da cabeça. Sua fragilidade deixou Jennifer com vontade de chorar.

— O que foi que descobriram?

— Nada.

— Pode me contar, vó — sussurrou ela, se inclinando para a frente. — O que aconteceu que deixou a senhora tão transtornada lá? Conte tudo. Nada do que disser vai me chocar.

A avó sorriu. Depois encarou a neta com tanta intensidade que quase a deixou nervosa.

— Você e suas atitudes modernas, Jenny. Seu casinho com Sanjay, suas frases terapêuticas e seu "conte tudo"… Eu me pergunto até que ponto suas ideias são realmente modernas.

Ela não sabia o que responder. Havia algo quase agressivo no tom de voz da avó. Então as duas se acomodaram, assistiram ao filme de bordo e dormiram.

* * *

Depois, finalmente, quando acordou, sua avó contou a história do fuzileiro naval.

* * *

Como elas já sabiam, ele estava esperando perto do portão de chegada. Elas o teriam reconhecido em qualquer lugar, mesmo no meio de tanta gente: o porte ereto, o terno impecavelmente passado. Apesar da idade e da visão já não muito boa, ele as viu primeiro e logo acenou com a mão.

Jennifer ficou para trás enquanto a avó acelerava o passo e, largando as malas no chão, correu para abraçá-lo. Permaneceram assim por algum tempo, os braços do avô envolvendo com firmeza o corpo da esposa, como se tivesse medo de que ela se afastasse de novo.

— Senti saudade — murmurou ele com os lábios no cabelo grisalho dela. — Ah, minha querida, senti saudade — repetiu.

Diante da declaração, Jennifer, um pouco afastada, olhou ao redor e perguntou a si mesma se alguém teria reparado. De certa forma, ela se sentia uma intrusa. Havia algo bastante inquietante na paixão de duas pessoas octogenárias.

— Na próxima vez, você vai junto — disse a avó.

— Você sabe que não gosto de ir muito longe — retrucou ele. — Sou bem feliz em casa.

— Então ficarei com você.

No carro, com a bagagem acomodada atrás deles e a avó parecendo ter rejuvenescido, Jennifer começou a contar para o avô a história do porta-aviões. Quando ele desligou o motor, ela tinha acabado de relatar o momento em que haviam descoberto o nome do navio desmontado. No instante em que ela tentou explicar o choque da avó — de um modo que não prejudicasse a imagem dela —, reparou que ele a olhava com uma intensidade inesperada. A menina parou de falar e o avô se virou para a esposa.

— O mesmo navio? — perguntou. — Era mesmo o *Victoria*?

A senhora concordou com a cabeça.

— Achei que nunca fosse vê-lo. Foi... Fiquei muito abalada, pode acreditar.

Os olhos do avô não se desviaram do rosto da esposa.

— Ah, Frances — disse ele. — Quando penso que nós quase...

— Espere um pouco — interrompeu Jennifer. — Está dizendo que *você* era o fuzileiro?

O casal se entreolhou.

— Você? — Ela se virou para a avó. — Era o vovô? A senhora nunca me contou! Nunca me disse que o fuzileiro era o vovô.

Frances Nicol sorriu.

— Você nunca perguntou.

* * *

Quando saíram do engarrafamento de Heathrow, ele contou para Jennifer que tinha corrido o equivalente a não menos de dois quilômetros de um lado para outro do navio antes de perceber que ela já havia desembarcado. Ele não tinha parado de gritar o nome dela. Frances! Frances! Frances! Depois, fizera o mesmo em terra firme, abrindo caminho pelo meio das famílias reunidas no cais. Com o uniforme amarrotado e sujo, suando em bicas, tinha corrido em círculos e empurrado as pessoas que atrapalhavam sua passagem. A emoção ao redor era tão forte que ninguém prestava qualquer atenção nele.

Gritara até ficar rouco. Correra até o peito doer. Depois, já desesperado, ofegante, com as mãos apoiadas nos joelhos e a multidão no cais se dispersando, ele a viu, por acaso. Sua silhueta alta e magra, com um pacote e a mala nas mãos, de costas para o mar, observando o país que a adotaria.

* * *

— O que aconteceu com as outras?

Frances alisou a saia.

— Margaret e Joe voltaram para a Austrália depois que a mãe dele morreu. Tiveram quatro filhos. Ela ainda me escreve no Natal.

— Nenhum arrependimento, então?

Frances balançou a cabeça.

— Acho que eles foram muito felizes. Ah, não me entenda mal, Jenny querida. Todo casamento tem altos e baixos. Mas sempre tive a impressão de que Margaret havia encontrado um homem bom em Joe.

— E Avice? — Ela enfatizou o A, como se ainda achasse graça na natureza anacrônica daquele nome.

— Na verdade, não sei.

Tinha começado a chover, e Frances prestou atenção nos pingos que escorriam em diagonal pelo vidro.

— Ela me escreveu uma vez — prosseguiu a avó — para dizer que tinha voltado para a Austrália e para me agradecer por tudo que eu havia feito. Uma carta muito formal, mas acho que isso não foi uma surpresa.

— O que será que aconteceu com ele? — perguntou Jennifer. — Aposto que no fim das contas se divorciou daquela mulher.

— Quer saber? Não se divorciou. Encontramos uma vez com ele, não foi? — Sua avó cutucou o marido. — Em um coquetel, há uns vinte anos. Fomos apresentados ao casal e me lembrei de onde eu conhecia aquele nome.

Jennifer se inclinou para a frente, interessada.

— Você comentou alguma coisa?

— Não. Bem, não diretamente. Mas durante a conversa fiz questão de mencionar o nome do navio em que eu chegara, e olhei de relance para ele. Queria ver sua reação. Ele ficou bastante pálido.

— E foi embora bem cedo, se lembro bem — acrescentou o avô.

— Foi isso mesmo.

Os dois deram um sorriso radiante.

Jennifer se recostou no banco estofado, com vontade de acender um cigarro. Pegou o celular no bolso de trás para ver se Jay tinha mandado outra mensagem, mas a caixa de entrada estava vazia. Ela mandaria uma mensagem para ele assim que chegasse em casa. Ele voltaria em duas semanas e ela gostaria de vê-lo outra vez, mas não queria que ele imaginasse coisas. Tinha potencial, pensou ela, para se tornar muito grudento.

— Sabe, não entendo por que vocês simplesmente não ficaram juntos no navio, se gostavam tanto um do outro — perguntou ela, deixando o telefone de lado.

Jennifer estava um pouco irritada com a maneira que os dois se olhavam, como se o que eles haviam compartilhado fosse algo que ela nunca conseguiria entender.

Seu tom de voz ficou mais agressivo:

— O que me intriga é que as pessoas da sua geração várias vezes dificultam muito mais as coisas para elas mesmas do que seria preciso.

Nenhum dos dois disse nada. Depois, do banco de trás, ela viu a mão do avô deslizar até a da esposa e apertá-la.

— Talvez você tenha razão — disse ele.

* * *

Depois de ele ter contado a verdade sobre seu casamento, sobre o que aquilo significava para os dois, ela ficara em silêncio. Sentara-se no gramado, com o rosto impassível, como se tivesse apenas condições de ouvir o que ele dizia.

— Frances? — Ele se sentara ao lado dela. — Você se lembra do que me disse na noite em que os aviões foram jogados no mar? Acabou, Frances. É hora de seguir em frente.

Ela tinha se virado lentamente para ele, com uma expressão quase aflita, como se não conseguisse acreditar no que ele estava dizendo.

— Esta é a beleza disso tudo, Frances. Temos direito à felicidade agora. Ou melhor, conquistamos esse direito.

Sob a aparente determinação, havia um discreto indício de pânico na voz dele, como se, de algum modo, ela ainda pudesse recusar o direito de ser feliz. Como se ele também pudesse ser uma das coisas das quais ela precisava se privar para sofrer as consequências dos seus erros.

— Nós conquistamos esse direito, Frances. Está me escutando? Nós dois.

Ela mantivera os olhos fixos nos próprios pés, e por um instante ele pensara que ela continuava fechada para ele. Inalcançável. Depois ele tinha reparado que ela estava chorando, como se seu peito lutasse para conter uma imensa e incontrolável emoção.

Ela havia deixado escapar um leve ruído, e ele percebeu que ela sorria e chorava ao mesmo tempo, enquanto, desajeitadamente, deslizava a mão no gramado à procura da dele.

Eles tinham permanecido assim por bastante tempo, com as mãos entrelaçadas, apoiadas na grama áspera. Famílias inteiras tinham passado por eles conversando com animação a caminho de casa, olhando de propósito uma vez ou outra para eles, mas sem curiosidade. Um fuzileiro naval e sua amada, reunidos depois de uma vida inteira separados.

— Você se chama Nicol — dissera ela, acompanhando com os dedos os ferimentos ainda visíveis em seu rosto. — O comandante me contou. Nicol. Seu nome é Nicol.

Ela demonstrou sua alegria ao dizer o nome dele. Era como se tivesse descoberto um tesouro.

— Não — retrucou ele com firmeza. Depois, quando continuou, sua voz soou estranha, pouco familiar até mesmo para ele, porque fazia anos ninguém dizia aquela palavra. — Eu me chamo Henry.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi um grande empreendimento em termos de pesquisa, e não teria sido possível sem a ajuda e o tempo generosos que um grande número de pessoas me concedeu. Meus primeiros agradecimentos têm que ir para o tenente Simon Jones, pelo bom humor e pela infinita paciência ao me ajudar com os detalhes mais sutis da vida a bordo de um porta-aviões, e também pelas sugestões particularmente imaginativas sobre como eu poderia dar vida ao meu navio. Obrigada, Si. Qualquer erro é de minha inteira responsabilidade.

Um agradecimento mais amplo para a Marinha Real Britânica, em especial, ao comandante Ian McQueen, ao tenente Andrew G. Linsley, e a todos do HMS *Invincible* por me permitir passar algum tempo a bordo.

Sou muito grata a Neil McCart, da Fan Publications, por me autorizar a reproduzir trechos do seu excelente e informativo livro HMS *Victorious*. E também a Liam Halligan, do Channel 4 News, por me alertar sobre o magnífico filme de Lindsay Taylor, *Death at Gadani: The Wrecking of* Canberra.

O acesso a diários de bordo não publicados daquele período foi fantástico e me ajudou a dar cor a uma época para a qual nasci tarde demais para ter vivido. Assim, agradeço a Margaret Stamper, por ter me autorizado a ler o maravilhoso diário em que seu marido relata a vida no mar, e a reproduzir uma pequena parte; e a Peter R. Lowery por me permitir fazer o mesmo com o diário do seu pai, o arquiteto naval Richard Lowery. Agradeço também a Christopher Hunt e ao pessoal da sala de leitura do Museu Imperial da Guerra, assim como ao da Biblioteca dos Jornais Britânicos, em Colindale.

Uma miscelânea de agradecimentos, sem nenhuma ordem específica, aos meus pais, para Sandy (Brian Sanders) por seus conhecimentos marítimos e sua enorme biblioteca com obras sobre navios de guerra, para Ann Miller, da Arts Decoratifs, Cathy Runciman, Ruth Runciman, Julia Carmichael e para o pessoal da Harts em Saffron Walden. Obrigada a Carolyn Mays, Alex Bonham, Emma Longhurst, Hazel Orme e a todos os outros da Hodder and Stoughton por seu trabalho árduo e apoio contínuo. Obrigada também a Sheila Crowley e Linda Shaughnessy, da AP Watt.

E, como sempre, obrigada a Charles pelo amor, orientação editorial, apoio técnico, por ter cuidado das crianças e se esforçado em demonstrar interesse toda vez que eu contava uma descoberta fascinante sobre porta-aviões.

Mas os maiores agradecimentos e todo o meu amor vão para minha avó, Betty McKee, que, quase sessenta anos atrás, fez essa mesma travessia com fé e coragem inimagináveis, e cujas lembranças ainda vívidas me deram base para esta história. Acredito que meu avô teria ficado orgulhoso.

SOBRE A AUTORA



© Stine Heilmann

Jojo Moyes nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Trabalhou como jornalista por dez anos, nove deles no jornal *The Independent*, de onde saiu em 2002 para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de mais de dez livros, entre eles *A última carta de amor*, *Como eu era antes de você*, *A garota que você deixou para trás*, *Um mais um*, *Baía da Esperança* e *Depois de você*, publicados pela Intrínseca. *Como eu era antes de você*, seu romance de maior sucesso, vendeu quase oito milhões de exemplares em todo o mundo, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema, estrelado por Sam Claflin (*Jogos Vorazes*) e Emilia Clarke (*Game of Thrones*). Uma das poucas escritoras no mundo a ter emplacado três livros ao mesmo tempo na lista de mais vendidos do *The New York Times*, Jojo mora em Essex com o marido e os três filhos.

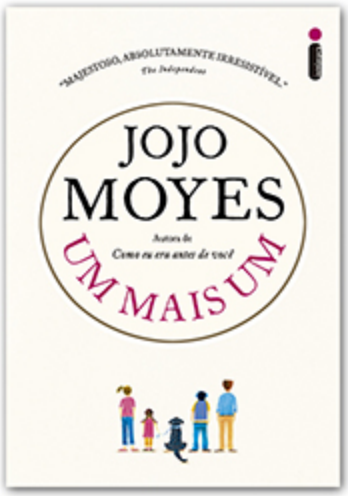
CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



A última carta de amor



A garota que você deixou para trás



Um mais um



Baía da Esperança

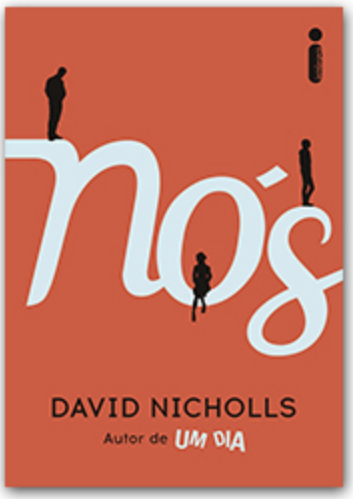


Como eu era antes de você



Depois de você

LEIA TAMBÉM



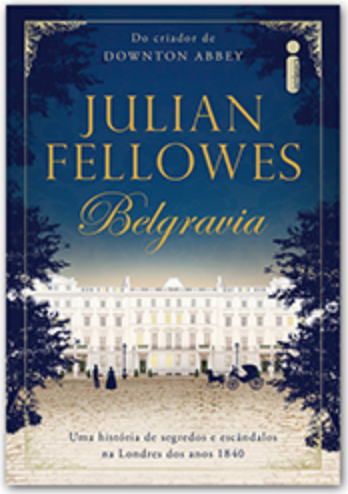
Nós
David Nicholls



Pequenas grandes mentiras
Liane Moriarty



Miniaturista
Jessie Burton



Belgravia
Julian Fellowes